A jogada da anta

Uma história da Amazônia, de futebol e de redes

Leonardo Poggi

Miki Fossati

Laura Molina

Tradução do italiano feita com Claude (Anthropic) e Kimi (Moonshot AI)

Título original: *La mossa del tapiro*

Primeira edição italiana: novembro de 2014

ISBN da edição italiana: 978-88-909172-6-4

Foto da capa: Paul B. Jones (Ottawa, Canadá), https://www.flickr.com/photos/paulbjones/

Copyright © 2014, Leonardo Poggi, Varazze; Miki Fossati, Whitstable; Laura Maria Bosi, Calco

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação dos autores ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com fatos ou lugares reais, ou com pessoas vivas ou mortas, é mera coincidência.

para todos os não contatados

zero

Esta história não acaba bem, eu sei. Que natureza que nada, que harmonia do homem e do cosmo que nada, que recuperar os ritmos primordiais que nada, eu morro nesta floresta de merda, morro aqui e ninguém nunca vai saber onde é que eu fui parar, que natureza que nada, morro aqui de fome e de sede, quanto tempo demora para morrer, a gente morre de sede primeiro, todo mundo sabe, mas ainda tenho dois dedos de água, mas as aranhas, eu não tinha pensado nas aranhas quando pensava na natureza, quem dera tivesse sido uma onça — meu deus será que tem onça aqui — melhor uma onça mas não as aranhas não quero morrer comido pelas aranhas, então melhor uma cobra, dessas que minha avó me contava que nem dá tempo de dizer o nome inteiro de jesuscristo e você já morreu, melhor isso do que as aranhas.

Olhou em volta, no mato alto, para ver se por acaso a cobra já não estava à espreita. Os pensamentos iam ficando desconexos, a fome, o cansaço, a sede. Pegou a cabeça entre as mãos, os cotovelos nos joelhos, talvez fosse melhor se deixar morrer ali, o que mais é que ele podia fazer.

Capítulo 1

1.0

Tudo depende.

— É uma questão de… antes de julgar é preciso levar em conta o erro de… — disse Antônio.

— Perspectiva — sugeriu Eduardo, o auxiliar técnico.

— Isso. E da nossa perspectiva a nossa barreira parece mal posicionada mesmo. Mas o que conta é a perspectiva do goleiro.

— Você acha? Eu acho que a barreira está mal posicionada de verdade.

Mas Antônio já não o escutava mais. O chute rasteiro do centroavante passara ao lado da barreira sem sequer lhe dar atenção e parecia destinado ao canto inferior à esquerda do goleiro. Mas o goleiro, cujo ponto forte não era o posicionamento da barreira, era em compensação um voador ágil e se esticara no tempo certo. Naquele instante, que Antônio fixara fotografando-o com o pensamento, da perspectiva dele parecia que ia conseguir desviar a bola com a ponta dos dedos. Da perspectiva do centroavante, que saltitava impaciente segurando a vontade de comemorar, provavelmente parecia que a bola ia entrar. E da perspectiva das arquibancadas talvez parecesse que o chute ia terminar direto na trave, ou para fora.

Tudo depende.

Depois, a certa altura, a bola acaba fora, ou na trave, ou nos dedos do goleiro, ou na rede, e não depende mais.

1.1 Rádio

— Opa, Antônio! — cumprimentou-o João, o zelador da rádio. — Como é que foi o jogo?

— Depende — respondeu Antônio Carlos Rocha de Almeida, conhecido por todo mundo simplesmente como Antônio, sem sequer perceber o quanto essa resposta previsibilíssima abria na hora um sorriso na cara de João. — Se você está me perguntando do resultado, você trabalha numa rádio, então sabe o resultado melhor do que eu. Ou seja, você não está me perguntando do resultado, e aí eu te digo que o jogo foi bem: os esquemas deram fruto, você tinha que ver a cara dos meninos quando viram que o polvo agressivo funcionava vez após vez. Por outro lado os esquemas defensivos ainda precisam de muito trabalho. Depende de que lado você olha, enfim.

Como sempre, o primeiro ato de Antônio ao entrar na rádio, com os habituais vinte e cinco minutos de antecedência sobre o início do programa, era ligar o computador. Como sempre, o computador estava desligado. E era lento. Do momento em que você apertava o botão até o momento em que dava para começar a usar passava uma eternidade. Como sempre, Antônio gastava essa eternidade pensando: o computador desligado é a metáfora perfeita para a curiosidade de vocês em relação ao mundo. Era um pensamento curto, que Antônio já tinha articulado centenas de vezes. E no entanto, no tempo longuíssimo entre ligar e o computador ficar utilizável, Antônio não pensava em outra coisa. Não obsessivamente, como o 'Deus ajuda quem cedo madruga' de O Iluminado. E tampouco com perífrases diferentes a cada vez. Não, ele apertava o botão, fixava a tela e pensava uma única vez, lentíssima: o computador desligado é a metáfora perfeita para a curiosidade de vocês em relação ao mundo.

A única coisa que mudava era a música que acompanhava essa espera, música que Antônio percebia distraidamente, com o canto do ouvido, e que a cada vez era diferente porque Isabel, a apresentadora do programa anterior ao dele, tinha apostado consigo mesma nunca tocar duas vezes a mesma faixa. Nunca.

— E se você gosta? Por que não escuta de novo? — tinha perguntado Antônio uma vez.

— Eu recupero com a memória e escuto com os ouvidos da mente — respondeu ela.

Depois o computador ligava e Antônio podia iniciar a conexão com a internet. Ali também havia o que esperar, mas o coaxar do modem tornava a espera mais agradável: era o rangido do mundo vindo ao encontro dele, com todas as suas informações. Antônio começava a costumeira volta ao mundo: La Nación, Público, CNN, BBC, El Mundo, Repubblica, Le Monde. Tinha facilidade para línguas: inglês e espanhol tinha estudado na escola, e se você falava inglês, espanhol e português, ler francês e italiano também era viável; mas lamentava nunca ter estudado alguma língua exótica como o árabe ou o chinês, porque entendia que assim, por mais ampla que fosse, sua visão do mundo era mesmo assim limitada. O computador carregava as páginas devagar, mas Antônio não se importava: à medida que as notícias apareciam na tela ele começava a ler e a tomar notas no seu caderninho.

Também naquele dia, como sempre, depois de vinte minutos Isabel pousou uma mão no ombro dele, disse "É com você" e o deixou sozinho diante do microfone, enquanto tocava mais uma canção que Isabel tinha posto pela primeira e última vez na vida.

Vendo-a ir embora, Antônio pensou que essa história de tocar toda vez uma canção diferente devia ser sintoma de grande curiosidade intelectual (de onde é que ela tira as ideias, no entanto: o compu-

tador está sempre desligado). E, de certo modo, também o mudar sempre era um esquema fixo, e Antônio gostava de esquemas.

Sentou-se na poltroninha verde-oliva, ajustou o microfone, deu uma última olhada nas notas, esperou que as notas de ‘Smooth’, de Santana e Rob Thomas, se apagassem, e então emendou com o seu noticiário globa-local.

— Boa tarde a todos. Começamos a nossa revista de imprensa de hoje, três de novembro de 1999, com uma notícia que vai interessar aos amigos do bar Rainha da Inglaterra, na Avenida General Gurjão: faltam poucos dias para o referendo com o qual os australianos vão escolher se continuam ou não sob o reinado de Elizabeth II. Assim de cara, a mim parece uma loucura, o que vocês acham? Óbvio que vão pôr a rainha para fora aos pontapés, o que é que a rainha da Inglaterra tem a ver com a Austrália? Mas depois eu penso que o mundo precisa de regras e de certezas, e que às vezes até a mais absurda das regras te dá mais conforto do que a ausência de certezas, e aí eu penso que talvez, quem sabe, os australianos escolham ficar com a rainha. Vocês, o que acham?

A voz dele era quente e envolvente, sempre tinha sido assim desde quando era menino, e depois das primeiras vergonhas de adolescente sempre tinha se orgulhado muito dessa voz. Nesses três anos de trabalho na rádio, além do mais, tinha aperfeiçoado o timbre e o estilo, e a essa altura aquelas vibrações nos tons graves despertavam de imediato em todos os ouvintes uma sensação de prazer.

— Já os moradores da Rua Noruega vão ficar felizes de saber que nestes dias, em Oslo, capital da Noruega, houve o encontro entre líderes israelenses e palestinos, com o presidente dos Estados Unidos, Clinton, fazendo as vezes de mestre de cerimônias. Clinton depois encontrou também o novo primeiro-ministro russo, um tal de Vladimir Putin. O que vocês acham, vai ser desta vez? Paz e amor para todos? Não sei, eu olho a foto de Barak e Arafat apertando as mãos e a única coisa que consigo pensar é que essa mesma foto dois desses três senhores já tiraram há alguns anos e não mudou nada. Mas o povo da Rua Noruega é povo que pensa positivo, eu sei, e por isso vamos continuar esperando.

Fez uma pausa e sorriu. Nunca tinha certeza absoluta do seu senso de humor, mas essa tinha lhe parecido uma boa tirada, muito bem, Antônio. Um clique do mouse, uma página que carregava sempre muito devagar e…

— E agora, infelizmente, uma notícia que atinge de perto os moradores do bairro do aeroporto e todos nós: foram suspensas as buscas por eventuais sobreviventes do voo EgyptAir 990, envolvido ontem num acidente desastroso ao largo de Nantucket, Massachusetts. As tragédias aéreas atingem sempre com dureza o nosso imaginário e a ideia que fazemos de nós mesmos como dominadores da natureza por meio da ciência. E atingem de modo ainda mais duro uma cidade como a nossa, quase totalmente isolada por terra e que tanto precisa dos aviões para se ligar ao resto do país. Os nossos pensamentos vão para os parentes das vítimas.

O silêncio que se seguiu foi, por uma vez, a conclusão natural do que ele tinha acabado de dizer, e não o intervalo bizarro que, em geral, sinalizava que Antônio estava continuando algum solilóquio dentro da própria cabeça.

— De qualquer modo — retomou Antônio. O timbre da voz tinha descido uma oitava, deixando-a ainda mais atraente. — A vida é feita de altos e baixos. Às vezes os baixos são baixíssimos e às vezes quem ajuda a gente a voltar para cima é a música boa. E quando a música é boa, dá para escutar até duas vezes seguidas, querida Isabel, que talvez assim fixe melhor na memória. Dedicada a você, e a todos os moradores da vizinha cidade de Santana: ‘Smooth’.

As notas de ‘Smooth’ se apagaram e Antônio deu início às ligações. Ou melhor: à ligação. Sim, porque na vida dele alguns esquemas eram menos queridos do que outros: alguns pareciam ter um sentido universal, de outros você se perguntava “Mas por quê?”. E a primeira ligação do programa, sempre, era a de Teresa.

— Antônio, que palavras lindas. Tão tristes mas tão comoventes. E que escolha de música perfeita, deixa eu falar.

— Na verdade essa faixa quem escolheu foi a Isab…

— Foi uma escolha certeira, olha, eu estava quase chorando. De todo jeito eu não liguei pela tristeza, liguei pela alegria. Olha, você sabe que eu não sei de nada e as coisas do mundo quem ensina para a gente é você com essa sua voz bonita, mas mesmo assim eu queria dizer que a Noruega e a Palestina finalmente fazerem as pazes é uma notícia lindíssima, que dá tanto conforto e esperança, obrigada por ter contado para a gente. Já a questão da rainha da Austrália eu não entendi bem, não entendi como é que um povo faz para dizer para um rei “não queremos mais você”, mas mesmo assim me parece uma coisa bonita. Tchau, Antônio, tenha uma boa noite.

Que nada, pensou Antônio.

— Obrigado, Teresa, boa noite para você também.

1.2 Escola

Em Macapá tem um bar para cada coisa. Tem um bar para quando se está com sede, tem um bar para quando se está sozinho, tem um bar para quando se quer sair na mão. Tem bares que se esforçam para ser elegantes e bares de má fama. E depois tinha o bar embaixo da casa de Antônio, com uma televisão no canto que transmitia sempre algum evento esportivo, fosse ao vivo ou gravado.

Antônio o frequentava não porque gostasse de beber, nem porque simpatizasse especialmente com Louis, o barman, um homenzarrão suado que tinha o hábito enfadonho de abandonar os seus cigarros de menta fumados pela metade na quina lascada do balcão, deixando-os se consumir em espirais de fumaça azulada. E tampouco o entusiasmavam as caipirinhas que Louis preparava caprichando no gelo e no açúcar para economizar na cachaça e no limão. Ia lá com frequência simplesmente porque gostava de assistir aos jogos em companhia, aproveitando para expor as suas teorias aos fregueses.

Naquela noite uma televisão local estava reprisando uma partida de vôlei. E que partida! A final da Liga Mundial entre Itália e Cuba de alguns meses antes. Antônio sentou-se no balcão e pediu uma cerveja, que pelo menos não era aguada.

— Pronto. Vocês estão vendo o movimento que aquele jogador acabou de fazer, cruzando com aquele outro? — disse Antônio ao desconhecido à sua direita, mas mais do que tudo a si mesmo. — Acham que é casual? Nada é casual no vôlei. Vocês vão me perguntar: mas como é que num milissegundo eles decidiram tudo? E eu respondo que eles não decidiram porcaria nenhuma, do mesmo jeito que a gente não decide se jogar no chão quando ouve tiros de pistola. Bum! No chão. É instinto.

O vôlei sempre tinha sido um grande amor de Antônio, a seleção italiana em particular. Mais alto que a média e bem-dotado fisicamente, tinha passado a juventude alternando a rede do meio da quadra com a rede do gol. Mas o vôlei é um esporte cruel: você precisa ser realmente alto, muito mais alto do que Antônio, e para jogar precisa ter muitos amigos, precisa fazer tempo bom e é preciso achar uma quadra livre. Com a bola de futebol é mais fácil, um sujeito como Antônio saía na frente e bastava um amigo para começar uma partida, mesmo debaixo de chuva.

— Mas se proteger dos tiros é uma coisa, jogar um segundo tempo milimétrico na zona três é outra, como é que aquilo pode ser instinto, vocês vão me perguntar — disse ainda Antônio ao homem à sua direita, sem perceber que o de antes tinha se levantado de fininho e ido embora, e que o desconhecido a quem estava explicando o vôlei era outro. — E eu respondo que aquilo vira instinto. Você tenta, tenta, tenta de novo todos os esquemas possíveis e até os impossíveis até que virem instinto, até que o seu corpo os saiba como sabe que o esquema prevê inspirar e depois expirar, e depois de novo inspirar e expirar seguindo o ritmo, mas se de repente, inesperado, chega um corpo estranho: atchim! Isso é o vôlei: um espirro instintivo no momento certo.

O desconhecido (o mesmo de antes? Mais um outro? E quem podia dizer, para saber seria preciso olhar para eles com um mínimo de atenção) lançou-lhe um olhar perplexo, balançou a cabeça e continuou a bebericar a sua cachaça.

— E eu digo isto a vocês — no dia seguinte, na escola, Antônio falava aos seus alunos enquanto eles jogavam tentando aplicar os seus esquemas, e o fluxo de pensamentos da noite anterior ainda não tinha se interrompido —, mesmo que pareça surpreendente, o Brasil é uma nação em crescimento. E nada vai mostrar mais claramente o nosso crescimento do que o domínio no vôlei — Alvaro! Já te falei mil vezes que a zona um se defende com o pé direito à frente! — Todo mundo por aí

pensando que a gente só sabe dançar samba e jogar bola, e nos elogiam pelo futebol espetáculo e pela fantasia. Só que agora que finalmente entendemos como o mundo funciona, quais são os esquemas que regulam a essência dele, vamos triunfar no mais esquemático dos esportes — Firme com os braços no bloqueio, Enrique! — Chega de tanto quarto lugar. A inventividade nos levou durante anos às semifinais, mas chega um momento em que a inventividade não basta mais, são precisos os esquemas. E eu vejo que a gente entendeu. Que vocês entenderam. Vejo quando assisto a um jogo na TV. Quando vou ao ginásio ver o Macapá. Quando olho para vocês — Isso, George, assim, perfeito — Os únicos que ainda não entenderam são os da federação, que ai de mim deixaram escapar o Bebeto, que desgraça! Mas quando entenderem, quando escolherem um técnico que respira esquemas, um como o Bernardinho por exemplo, bom, aí para as outras nações do mundo vai ser uma luta dura pelo segundo lugar.

— E o futebol? Vocês vão me perguntar — mudou de assunto na hora Antônio, entrando na quadra com a bola de futebol enquanto os seus alunos ainda continuavam a jogar vôlei. A essa altura ninguém mais se espantava com ele, nem os meninos do primeiro ano no primeiro dia de aula, já devidamente informados da existência de um professor de educação física maluco que se punha a explicar os esquemas do polo aquático enquanto os seus alunos jogavam futebol, impunha partidas de vôlei com a bola de rúgbi e por aí vai. — O futebol é a mesma coisa, mas é ainda mais. É a mais precisa…

— Metáfora, professor? — interrompeu-o George, o seu melhor aluno.

— Isso, exato, a mais precisa metáfora de como a vida deveria ser: lutar juntos por um resultado, cada um com a contribuição que as suas capacidades permitem, se sacrificar pelos outros mas saber ser individualista, saber sofrer além dos limites que o seu corpo parece impor, se alegrar juntos com as vitórias e aprender, sempre juntos, a não se desesperar com as derrotas. Mas, prestem bem atenção, eu disse: deveria. Na vida, eu sei, não gosto mas sei, tem muito espaço para o egoísmo. Mas no futebol não mais, felizmente. E se a gente não entender isso, aliás, se vocês não entenderem isso, podem esquecer a Copa do Mundo até 2100.

— Mas então, professor, a gente joga o quê? Vôlei ou futebol? — perguntou George, atrevido.

Mas Antônio estava olhando para fora, perdido nos seus pensamentos, e nem sequer ouviu a pergunta. Via os esquemas do vôlei se encaixando nos campos de futebol, ouvia as palavras de Julio Velasco, o histórico técnico dos primeiros triunfos italianos, ressoando dentro da sua cabeça: “Os álibis, os nossos jogadores são ótimos em criar álibis para si mesmos”, imaginava um time onde o sofrimento do rúgbi, ou do polo aquático, fosse o motor de cada jogador, onde a precisão cortante dos esquemas pudesse se misturar à inventividade do seu povo, onde…

— Professor? — George agitava uma mão diante dos olhos de Antônio com uma expressão vagamente preocupada, trazendo-o de repente de volta à terra.

— Sim? — respondeu Antônio um pouco constrangido.

— A gente joga vôlei ou futebol?

— Depende.

1.3 Estádio

Depois de sair da escola e de almoçar como toda quinta-feira na casa da mãe, que nunca deixava de lhe fornecer também um pacotinho de doces “para o lanche”, Antônio percorria de bicicleta a avenida que separa os dois estacionamentos do estádio Zerão, rumo à sessão de treino da tarde.

Pintadas no chão, uma linha amarela e uma verde marcam o meio da pista e sobretudo, como todo mundo em Macapá sabe, assinalam a presença daquela linha potente e imaginária que é o equador. Um equador que não para diante de nada: sobrevoa sem medo o rio Amazonas, corre veloz rumo ao continente, atravessa o monumento horrível erguido em seu nome diante da entrada do estádio, salta com agilidade o velho muro de contorno cujo azul original já foi descascado pela chuva, pelo calor e pelas dezenas de mãos que deixaram ali todo tipo de inscrição, divide em duas as arquibancadas construídas em 1990 e desde então sempre pouco frequentadas e, o mais importante, agradece a quem projetou o estádio fazendo com que a linha do meio de campo passasse exatamente entre os dois hemisférios, fazendo do Zerão um lugar único no mundo.

Antônio sempre tinha preferido o hemisfério sul, sempre tinha se sentido mais do sul, talvez pelo “Sul” de “América do Sul”, a parte sul do estádio sempre tinha sido a sua predileta, apesar de ser a mais ensolarada: era ao sul que tinham posto o banco do time da casa, e toda vez que jogava daquele lado sentia que o seu time não estava só defendendo uma área ou um gol, era o hemisfério sul inteiro que a cada vez estava em jogo, que era ameaçado pelos lançamentos adversários e posto em perigo pelas faltas do norte. E mesmo enquanto pedalava calmo e perdido nos seus pensamentos, por instinto percorria a rua estragada por mil buracos indo na contramão pela faixa da esquerda, ao sul, justamente.

A rua que levava ao estádio Zerão era a câmara de descompressão da sua vida: entrava nela desviando de lagartixas e de tufos de mato, passando entre os muros desbotados amarelos e alaranjados do bairro pobre que cerca o estádio, e a percorria ainda imerso nos seus problemas na escola, nas suas contas sempre caras demais, nas mulheres esquivas que sempre se cansavam cedo demais dele e dos seus longos discursos, num mundo em que o dinheiro valia demais e as relações humanas não valiam mais nada.

Mas depois a visão do muro azul do estádio o serenava; naquelas poucas centenas de metros que o separavam do portão de ferro o seu cotidiano se purificava de todo pensamento negativo e os valores ideais do futebol encontravam caminho dentro dele. O momento em que descia suado da bicicleta com as chaves já na mão era o momento em que a sua existência lhe parecia mais completa: eis Antônio, nada mais nada menos que o técnico do Macapá Futebol Clube, na cabeça dele o time de futebol mais importante do planeta.

Até o ruído sinistro das velhas dobradiças enferrujadas era motivo de felicidade, era o estádio que o acolhia com a sua voz rouca e lhe dizia “Oi”. Do outro lado do muro o mundo mudava, mudavam as cores e mudavam também os cheiros. O cheiro tão típico de vestiário e de hormônios masculinos em folga se misturava ao do couro das dezenas de bolas e ao da grama, tão rara no bairro, que se destacava penetrante sobre todo o resto. Antônio adorava chegar cedo ao treino, adorava dar uma volta pelos vestiários onde muitas vezes catava os objetos esquecidos pelos meninos dos outros times, adorava levar devagar as bolas para o campo — naturalmente para a parte sul — e contemplar do portão de entrada as arquibancadas, um único bloco trapezoidal construído a oeste do campo.

“As arquibancadas vazias têm uma energia própria” era talvez a frase que Eduardo, o seu auxiliar técnico, tinha ouvido ser pronunciada com mais frequência. Antes de cada treino uma cena se repe-

tia sempre igual a si mesma: Eduardo entrava no vestiário, onde encontrava Antônio ocupado com alguma tarefa, e perguntava:

— Você já está aqui?

— Eu gosto de chegar cedo — respondia invariavelmente Antônio. — As arquibancadas vazias têm uma energia própria.

— E que energia? — retrucava Eduardo quando estava com a veia polêmica, forte dos seus estudos na faculdade de física abandonada anos antes. — Potencial? Cinética?

Pergunta à qual Antônio reagia muitas vezes com um dar de ombros e às vezes com mais uma "ladainha", era assim que Eduardo chamava os longos monólogos de Antônio:

— Você não pode se ancorar num conceito de energia tão estreito como aquele que ensinam nos bancos da escola. Quando você se apaixona por uma moça bonita, o que é que você sente por dentro? Aquilo não é energia? E quando tudo anda no rumo certo e o nosso time joga bem, eu sei que não acontece tantas vezes, mas às vezes sim, o que é que empurra eles? Você viu os olhos deles? Quer negar que aquilo seja energia? Tudo é energia! Tudo! E eu te garanto que as arquibancadas deste estádio perdido no alto da nação mais absurda do mundo, estas arquibancadas têm uma energia própria mesmo quando estão vazias. E se você parasse de ter essa atitude científica sobre todos os assuntos, tenho certeza de que você também conseguiria perceber!

A essa altura o dar de ombros de Eduardo era quase obrigatório, seguido quase sempre por um sorriso, por um tapinha no ombro e por um:

— Como é que eu posso te ajudar, Antônio?

1.4 Macapá

As tardes de Macapá podem ser de dois tipos: preguiçosas ou muito preguiçosas.

Não há silêncio: há sempre gritos de pássaros e as crianças brincam e fazem algazarra sem ser incomodadas mesmo às duas da tarde. E há sempre, longe ou perto, a voz de um rádio ou de um radinho tocando música, sempre. No ônibus, no boteco, no aeroporto, no mercado, na rua pelas janelas abertas, a música está em toda parte. Os mais ricos e mais afortunados, que infelizmente muitas vezes são também os maiores canalhas, se fecham dentro dos seus carrões, põem a música e o ar-condicionado no máximo e começam a circular devagar pela cidade, para vigiar os seus territórios ou simplesmente para fugir de si mesmos.

Macapá fica no estado do Amapá, e Amapá, na língua dos tupis, o antigo povo indígena hoje extinto que morava ao longo do litoral, significa "lugar da chuva". Se você aparecer por lá de agosto a dezembro, durante o que os moradores chamam de estação da poeira, talvez você se pergunte por quê. Faz calor, muito calor, e as tardes são preguiçosas. Não chove muito, e quando vem um borrifo de chuva a gente fica contente porque o calor afrouxa por alguns momentos o seu aperto. Mas fique em Macapá até o fim do ano e vai entender de onde vem esse nome: na estação da lama chove muito, muitíssimo. Quando chove as tardes ficam muito preguiçosas. São tardes longas, intervaladas por cafés ou guaranás, acompanhadas pelo bater da chuva nos telhados de zinco das casas e pelo cheiro do rio, inconfundível. Os carros com ar-condicionado são obrigados a ficar estacionados porque muitas vezes as ruas ficam intransitáveis e ao deserto do sol ofuscante se substitui um deserto de lama. Um deserto imperfeito, no entanto, porque mesmo com a chuva, a menos que se trate de um verdadeiro temporal, as crianças podem jogar futebol.

Jogam debaixo de chuva as crianças do Bairro Central, e jogam até de tênis e até, às vezes, na grama. Jogam debaixo de chuva também as crianças do Bairro do Laguinho, onde num tempo não muito distante o famigerado Pretinho, filho de escravos, andava armado do meio-dia às seis e se te encontrasse na rua te jogava num poço. Jogam todos debaixo de chuva no Bairro do Trem, onde fica a sede do Ypiranga Clube, e jogam grandes e pequenos, apesar da água e da lama, nas passarelas das palafitas das baixadas, a zona mais pobre da cidade, onde além do futebol e do samba pouca coisa mais pode dar alegria (mas o futebol de alegria, felizmente, dá muita). Ninguém, em compensação, joga na rua no bairro do Beirol: são todos sérios demais, as ruas estão em ordem e não alagam, não há lugar para o futebol.

O único que anda por aí entre o meio-dia e as seis, com qualquer tempo e há sessenta anos, é Mendonça, que no bairro do Pacoba todo mundo conhece e de algum modo respeita. Pacoba significa "banana", e é justamente em troca de uma banana que Mendonça pode te contar a história do primeiro avião que chegou a Macapá. Diz que se lembra pessoalmente, mas naturalmente não é verdade, é só uma tradição oral pós-moderna que algum parente lhe transmitiu, talvez o pai.

— Era dezoito de março de 1922, véspera da assunção de São José — conta com a sua voz estentórea Mendonça —, e um hidroavião com destino a Buenos Aires fez um pouso forçado. Venham, me sigam…

E entra pela Avenida Pará, que apesar do nome é pouco mais que uma viela lamacenta, e sobe até o alto. Aponta o dedo para o leste, o rio mal se vê no horizonte.

— Ali, bem ali.

Os olhos dele olham para longe, um gesto estudado; finge estar procurando uma história de que se lembra muito bem e que já deve ter contado cem mil vezes.

— Eram sete da manhã e os pescadores estavam voltando normalmente para os seus atracadouros. De repente o silêncio da manhã se rompe, e se rompe do alto. Os meus olhos se levantam para o céu e eu ouço um dos pescadores gritando “Avião!”. Eu já tinha ouvido falar — como Mendonça mente bem —, mas nunca tinha visto um.

O velho retoma:

— Uma velha mulata começa a gritar “O fim do mundo! É o fim do mundo!”, todo mundo se ajoelha e começa a pedir perdão pelos seus pecados.

Sorri; talvez a ideia da cidade inteira ajoelhada diante do grande pássaro de metal ainda o divirta.

— O velho Marcelo, que todo mundo achava paralítico, sai correndo em círculos gritando ave-marias; o comandante da Guarda Nacional cai no choro e confessa à mulher que a traiu; a mulher o perdoa publicamente para júbilo dos presentes; os sinos de São José dobram a finados. Quem lidera o grupo dos corajosos nas canoas é Cirilo José Simões, vai chegar primeiro ao avião e vai encontrar os dois pilotos alemães preocupados com a chegada de toda aquela gente, o aparelho não teria aguentado o peso.

Sempre, neste ponto da história, Mendonça faz uma pausa, descasca a banana e a come devagar, agradecendo sem parar pelo presente. As bananas pacoba são as mais doces, mas nem todo mundo sabe reconhecê-las.

— O avião é levado para perto da fortaleza e na tarde do dia seguinte é organizada uma verdadeira procissão para visitá-lo. Estão lá todas as famílias mais importantes, as autoridades e todas as classes sociais. As freiras do Colégio Santa Maria levam os seus alunos para ver aquele prodígio de aço e os meninos não fazem outra coisa senão perguntar. Alexandre Vaz Tavares, o prefeito da época, decreta dois dias de festa, e é por isso que a gente ainda se lembra disso.

E se alguém por acaso lhe perguntasse que fim levou o avião, ele cortaria a conversa, incomodado:

— Dez dias. Dez dias ele ficou aqui, depois chegou o combustível e ele foi embora no meio de uma tempestade.

Vocês não vão saber mais nada de Mendonça.

1.5 Isabel

Chovia. Em novembro, na estação da poeira, quase nunca chove e no entanto chovia.

Em dias como aquele o bar poderia tranquilamente ter ficado fechado pelo menos até o meio-dia, porque ninguém tinha vontade de beber nada quando chovia daquele jeito. Não era dessa opinião Ana Maria, a dona, para quem ter um bar era uma espécie de missão divina:

— O que é que Jesus Cristo dizia? Dar de beber a quem tem sede! Não dizia para ficar em casa esperando o sol, dizia? Dar de beber a quem tem sede!

A chuva daquela manhã era quente, cinzenta e batente, trazia consigo o cheiro do rio e abafava os ruídos da rua, de algum raro automóvel, de algum raro transeunte que passava correndo segurando as suas maldições contra o tempo: “Não devia chover tanto assim em novembro”.

Maria Isabel Barbosa, colega de Antônio na rádio, estava de pé atrás da porta do bar, olhava a rua, falava sozinha e o seu hálito se condensava num círculo perfeito no vidro. Os olhos dela, de um azul tão claro que pareciam quase brancos, olhavam com curiosidade a poeira da cidade que se transformava em lama, a lama que virava torrente e escorria rumo ao rio, o rio Amazonas, que na cidade todo mundo chamava mais simplesmente de “o rio”.

Quieta, Isabel, fique imóvel.

Apesar da regata levíssima cor de turquesa que lhe servia de vestido, Isabel sentia muito calor. Gotas de suor se formavam na base do pescoço e rolavam preguiçosamente para baixo pelas suas costas morenas, para depois ficarem presas no longo rabo de cavalo cor de corvo dos seus cabelos.

Fique imóvel, não respire.

Estava descalça, tinha deixado os chinelos atrás do caixa. Afastou de leve os pés nus procurando ladrilhos um pouco mais frescos, inspirou fundo e fechou os olhos.

Imóvel.

O tamborilar das gotas logo se transformou na cabeça dela num ritmo de samba que ia ficando cada vez mais preciso, até que o seu corpo começou a se mover sozinho, sem que ela tivesse consciência disso. Quando o ritmo entra dentro de você há um calor que se irradia da parte baixa da coluna vertebral e nada pode te impedir de se mexer, as pernas viram o ritmo, os quadris viram o ritmo e depois também a parte de cima do corpo não se segura mais e começa a se mexer. A coluna vertebral vira um motor, uma usina de energia, e quanto mais o calor bombeia vigoroso e se distribui pelo corpo, mais a dança simplesmente “acontece”, não é mais um ato consciente.

Quanto falta para o carnaval? Ainda quatro meses! Muito! Muito!

Dançava Isabel seguindo o ritmo da chuva, e dançando esquecia a lama e o cheiro de fruta morta, a pobreza e a tristeza de tantos bairros, esquecia Macapá com as suas casas vezes demais cheias demais e o Brasil inteiro, esquecia tudo. Dançava em volta das quatro mesinhas de ferro meio enferrujado, roçando o freezer de sorvete quebrado havia três semanas que ainda ninguém tinha vindo consertar. Apesar do físico não exatamente longilíneo, volteava com surpreendente leveza ao longo do balcão de aço escorado por dezenas de amassados grandes e pequenos, cumpria um longo arco para voltar de novo à frente da porta. Dançar era um jeito de viajar, porque viajar sempre tinha sido o so-

nho dela, e os sacrifícios que tinha feito para estudar, para terminar a faculdade, sempre tinham sido feitos com uma palavra só na cabeça: viajar. E no entanto nunca tinha sequer saído de Macapá. Ainda não, pensou.

Ainda de olhos fechados, a sua respiração ofegante ia embaçando uma faixa de vidro cada vez mais larga. O suor lhe escorria pelo corpo todo, sentia que a regata tinha grudado na pele e sentia o corpo percorrido por ondas de prazer. O fogo no ventre ainda não tinha se apagado e a tentação de voltar a dançar era fortíssima. Não estava nem aí para o calor, como ninguém em Macapá e talvez no Brasil inteiro, o que lhe importava era se sentir viva.

A gente tinha dito imóvel, Isabel, a gente tinha dito imóvel.

O quadril já tinha voltado a se mexer quando o ritmo da chuva foi coberto por um ruído batente mais regular, como se alguém estivesse atirando bolinhas de borracha contra a porta, não, como se alguém estivesse batendo!

Isabel abriu os olhos; do outro lado da porta um homem idoso estava olhando para dentro, usando as mãos como antolhos.

— Seu Oliveira, entre! — exclamou Isabel abrindo a porta de repente e pegando o senhor Oliveira tão de surpresa que ele quase foi ao chão de comprido nos ladrilhos brancos.

— Desculpa, Isabel, de fora eu via que tinha movimento, achei que você estivesse limpando o chão.

— Limpando o chão? — Isabel sorriu. — Não exatamente.

— É que eu estou molhado e não queria sujar…

— Não se preocupe, seu Oliveira, o que é que eu posso oferecer para o senhor?

— Oferecer? Não, olha que hoje eu tenho dinheiro, não tenho muito mas alguma coisa…

O senhor Oliveira se interrompeu de repente olhando o corpo da moça, que a regata encharcada de suor já não podia esconder, enquanto ela contornava o balcão para ir pegar o licor de coco, o preferido dele. Belos quadris fartos, belas nádegas balançando, bela mocetona do tio Oliveira.

— Não fique pensando nisso — disse Isabel com a voz divertida, fingindo que nada. — O senhor sabe o que a Dona Ana Maria diz sempre, não sabe? Dar de beber a quem tem sede! O senhor está com sede?

— Bom… estou — respondeu Oliveira um pouco constrangido por não ter conseguido segurar o olhar.

— Então é por minha conta! — concluiu Isabel com um sorriso.

E enquanto o senhor Oliveira se arrastava para a mesinha mais perto da vitrine não conseguiu impedir que os olhos voltassem para a moça, que já estava enchendo até a borda um copo do líquido branco e, sempre com um belo sorriso estampado no rosto, o levava depressa até a mesa.

Nada, pensou um senhor Oliveira de boca aberta, aquela regata não esconde nada mesmo.

1.6 Minimatch

Antônio era um técnico de futebol sui generis.

Quando tinha vinte e um anos, o avô dele tinha ido visitar um amigo no Rio de Janeiro e resolvera levar junto também o neto. Era a primeira vez que Antônio deixava Macapá, e a ocasião era das importantes: era o campeonato mundial de vôlei, o Brasil jogava em casa e era favoritíssimo, e o amigo do avô tinha arranjado sabe-se lá como três ingressos para a semifinal contra a Itália de Julio Velasco, um técnico de quem Antônio só tinha ouvido falar mas que a partir daquele dia viraria o seu ídolo.

Era vinte e sete de outubro de 1990, Antônio nunca mais vai esquecer. A capacidade oficial do Maracanãzinho era de dezessete mil espectadores, mas ninguém duvidou de que os presentes fossem pelo menos vinte e dois mil. A partida ia começar às quatro da tarde, mas já à uma as arquibancadas escaldantes estavam lotadas e a Torcida tinha começado a esquentar o ambiente com a sua música e os seus bailados.

O Brasil era maravilhoso: tinha aquele gênio do Maurício Lima, tinha o Tande, o Marcelo Negrão e o Giovane Gávio, não podia perder.

Em vez disso aqueles seis rapazes de ar quase humilde vestidos de azul, comandados por aquele homenzinho argentino, tinham mostrado ao mundo aonde se pode chegar aplicando os esquemas à risca, sem parar de confiar na eficácia deles nem mesmo quando se perde feio o primeiro set, nem mesmo quando tem vinte e duas mil pessoas torcendo contra.

De toda aquela experiência o que tinha ficado gravado em Antônio era o silêncio que baixou no ginásio depois da última cortada de Lucchetta, sobretudo o silêncio dentro da sua cabeça, como se o seu cérebro tivesse sido resetado por aquela derrota chocante e precisasse de alguns minutos de inatividade para conseguir aceitar o impossível.

Velasco. O responsável pelo impossível tinha sido Velasco.

Quando adolescente, Antônio tinha chegado perto da carreira de profissional no futebol: era um meia com bons pés e pernas longas. Só que ir jogar num time de primeira divisão teria significado deixar a família, deixar Macapá e talvez se jogar numa vida que ele não queria de verdade. Tinha deixado para lá, continuando no entanto a jogar até os vinte e cinco anos, quando foi obrigado a parar por causa de uma pancada feia (talvez não tão feia assim, na verdade) recebida durante a semifinal do campeonato amapaense, campeonato que depois o seu time, o Macapá Futebol Clube, acabou perdendo na final, e alguns insinuaram que foi justamente por culpa da ausência dele.

No ano seguinte já estava treinando: fazia tempo que frequentava com assiduidade o Glicério Marques, o outro estádio da cidade, sentando muitas vezes na primeira fila e não poupando os seus comentários, inclusive bem escandalosos, sobre tudo e sobre todos durante a partida inteira. Em pouco tempo tinha sido notado por um dirigente do Real Amapá, um dos times rivais do Macapá FC, que o contratou para treinar os juniores.

Antônio tinha assumido essa incumbência com grande senso de responsabilidade. Depois de ter passado a sua carreira futebolística sempre em desacordo com os métodos e os argumentos de todos os técnicos que encontrou, incluídos os técnicos da Seleção, cujas entrevistas na TV muitas vezes lhe davam azia, tinha sentido que aquela era a sua grande ocasião de revolucionar as metodologias de treino do mundo inteiro, de dar ao futebol o lugar que ele merece no olimpo intelectual.

Tinha estudado muito, Antônio, e tinha se informado não só sobre futebol mas também sobre um amplo leque de esportes: vôlei, polo aquático, basquete, handebol. Tinha percebido que as dinâmicas de treino podiam ser até muito diferentes, que nem sempre a inovação correspondia à obtenção de resultados. Nele tinha começado a se formar a ideia de que a tarefa de um técnico era tornar os próprios jogadores conscientes de que o técnico é inútil. Era preciso treiná-los para enfrentar sozinhos todas as situações de jogo, muitas das quais exigiam pura inventividade porque não eram replicáveis no treino.

O modelo dele tinha virado, naturalmente, Julio Velasco.

A partir do ano seguinte, 1996, todas essas reflexões o tinham levado a criar um método que ele considerou completamente novo: aquele que ele mesmo batizou de método dos “minimatch”.

O time era dividido em grupos e cada grupo tinha de jogar uma minipartida contra outro grupo numa parte limitada do campo. As possibilidades eram infinitas: jogar dois contra quatro num retângulo comprido e estreito que ia de gol a gol, jogar seis contra seis num campinho quadrado de cinco metros de lado, dois contra dois num campo em forma de L que pegava a faixa lateral e uma única área, oito contra sete só dentro da área e dezenas e dezenas de outras combinações. Os resultados de cada partida contribuíam para criar uma classificação de jogadores a ser usada nas convocações para os jogos do campeonato.

O começo do ano para os meninos do Real Amapá tinha sido desastroso. Treinados daquele jeito, tinham perdido logo o hábito de jogar em todo o campo e aquela pouca visão de jogo que tinham tido parecia de repente ter sumido: as críticas tinham começado a chover em cima de Antônio de todos os lados.

Ainda assim, pelo menos um lado positivo esse método tinha mostrado de imediato: os meninos iam aos treinos de boa vontade porque de fato jogavam o tempo todo, poupando-se de todas aquelas fases chatas de técnica que nunca agradam a ninguém.

Antônio depois, raciocinando sempre sobre seções de forma arbitrária do campo, tinha começado a dar nome a muitas situações de jogo:

— Isto é um L denso — dizia aos pais dos seus jogadores, que se revezavam ajudando-o no papel de massagista, médico esportivo, roupeiro e o que mais fosse preciso.

“O triângulo achatado”, “o diagonalão”, “o pistão invertido”, “o círculo falso”, “o trapézio rasgado” e muitíssimas outras definições que os pais dos meninos, perplexos, muitas vezes fingiam não ouvir.

Mas Antônio não se abatia, e logo esse jargão tinha começado a entrar também nas conversas com os jogadores:

— André, a gente começa com uma xícara emborcada e vê se dá para desenvolver o diagonalão. Atenção porque eles fazem muito o casaquinho curto e não deixam a gente fazer o fliperama rarefeito, principalmente pela esquerda.

Não eram assuntos capazes de atrair a simpatia da diretoria.

Depois de alguns meses difíceis, porém, um vento diferente tinha começado a soprar na base do Real Amapá, graças também ao fato de que com o método dos minimatch os meninos logo tinham ficado habituados à partida, tinham jogado muito e aprendido muito, muito mais do que os seus pares dos outros times.

O Real Amapá não tinha ganhado o campeonato de juniores naquele ano, o começo tinha sido desastroso demais, mas Antônio tinha sido notado também pelos outros times: o jogo dele talvez não fosse o mais espetacular nem o mais criativo, mas era com certeza o mais eficaz.

Os meninos, graças também ao frescor dos seus quinze anos, tinham se habituado a reconhecer sozinhos as várias situações de jogo e tinham ficado habilíssimos em conduzir os adversários a situações treinadas e retreinadas nas quais se sentiam em casa. E quanto mais amplo era o espectro de minimatch que Antônio consolidava, mais essas armadilhas se fechavam durante a partida e mais retumbante ficava a vitória.

— Vocês são estranhos mas ganham — era o mais belo elogio que Antônio podia ouvir.

1.7 Teresa

Teresa era desorganizada demais para ser uma pessoa de hábitos. Havia por exemplo uma lojinha em que gostava de fazer as compras, mas depois no caminho de volta percebia que não tinha comprado os ovos, ou a farinha de mandioca, ou o café, e aí ia completar as compras na primeira loja em que esbarrasse. Mudava com frequência de caminho para ir ao trabalho, não por ser um capricho seu mas porque sempre havia alguma coisa que atraía a sua atenção ou alguém para cumprimentar, e isso a levava a desviar, às vezes até bastante.

Havia algum tempo, porém, a sua rotina diária tinha encontrado um ponto fixo: o programa de rádio de Antônio. Não sabia por que gostava tanto nem, na verdade, tinha se perguntado alguma vez: gostava e pronto. Fizesse o que estivesse fazendo, às seis ligava o rádio e pegava o telefone na mão, pronta para ligar. E sim, porque se cada pessoa que Deus mandou à terra tem um dom, o dom de Teresa era o de sempre conseguir a linha. Alguma amiga maldosa insinuava que era porque naquela rádio ninguém telefonava a não ser ela, mas Teresa sabia que não era assim: a dela era mesmo uma habilidade, que conhecia e explorava havia anos. Uma vez, quando aquela víbora da Luiza a tinha irritado mais do que o normal, tinha voltado para casa e, para se pôr à prova, tinha telefonado nada menos que para o “Hola, Christina!”, o popularíssimo programa da tarde. A satisfação tinha sido tanta que em vez de cumprimentar Christina, Teresa se saiu com um peido com a boca. E vá depois explicar que o peido com a boca não era para Christina e sim para a sua amiga Luiza. Amiga, aliás. Bah, amigos assim é melhor perder do que achar. Seja como for, Christina e a sua equipe não tinham parecido muito interessados na histórica rivalidade entre Teresa e Luiza, e o peidão com a boca tinha provocado um belo bafafá, mas apesar disso Teresa o considerava um ponto luminoso da sua carreira de telefonista.

Em casa, ao lado da cama, havia uma cadeirinha de plástico vermelha, bem arranhada mas avivada por uma almofada de falso brocado verde e marrom. Na cadeira dormiam ao lado dela um caderno com a fotografia de um porquinho engraçado de botas na capa e Gionì, o boneco, também ele um porquinho, que tinha pertencido à mãe dela e sabe-se lá se antes ainda à avó. O fato de na capa estar retratado um porquinho não tinha nada a ver com Gionì: Teresa mantinha sempre um caderno ao lado da rede para escrever os números de telefone dos programas para os quais ligar e algumas anotações para se lembrar do que queria dizer. Aquele com o porquinho na capa alguém tinha deixado no salão de beleza onde havia vinte anos ela lavava cabelos, e ninguém nunca o reclamou. O quarto dela tinha sido até poucos meses antes a oficina de um mecânico: uma porta de aço, uma janela com grades e muito óleo no chão. O óleo já tinha sido quase todo limpo, a porta de aço tinha sido pintada pelos amigos com um grande sol nascente por dentro e uma praia com uma gaivota, tão gorda que parecia mais um pinguim, por fora. As grades, em compensação, tinham ficado, nunca se sabe. Além da velha mesa bamba embaixo da janela e do igualmente velho fogão a gás, o quarto não continha muita coisa mais, se excluídas as duas coisas mais preciosas: uma velha televisão cuja antena ela tinha tido de fixar trabalhosamente do lado de fora da porta de aço e um grande rádio com tocafitas integrado e programável com o qual Teresa gravava todos os programas de rádio dos quais participava como telefonista. Acumulava as fitas numa grande caixa de papelão no canto; de vez em quando ouvia de novo, mas na verdade bastava olhar para elas para se perder nas lembranças. Esta era a fita daquela vez em que tinha ligado para Antônio para falar da Venezuela, e esta em compensação era a da intervenção sobre o Oscar.

Olhou o relógio, notou que o programa de Antônio estava para começar, sorriu e foi ligar o rádio. Quem sabe do que iam falar hoje. Era o entardecer, uma hora do dia que lhe metia um certo receio, e também por isso gostava da voz quente de Antônio, que chegava para enxotar a tristeza e aquela espécie de medo tão naturais naquele momento do dia.

Medo que de repente se materializou quando ouviu um ruído de passos correndo pela rua ali fora da porta de aço. O dedo dela congelou a poucos milímetros do interruptor da luz, uma solitária lâmpada pendurada no teto só graças aos fios elétricos, e o instinto a empurrou, contra a vontade, a desligar o rádio. Logo gritos vindos dos dois lados da rua começaram a convergir para a casa dela e o homem que tinha parado ali fora da porta de aço se viu encurralado. Teresa se deslocou caminhando em silêncio para o canto mais distante do quarto e se fez pequenininha, agachando-se no chão. As brigas não eram raras na sua zona, mas na maior parte dos casos tudo terminava com muitos xingamentos e uns socos ou empurrões. Também as facas não eram raras, mas aquela não era uma zona rica nem em que aparecessem estrangeiros, de modo que em geral as lâminas continuavam sendo mais um status social do que uma arma propriamente dita.

A luta durou pouco. Muitos gritos e xingamentos, dois ou três golpes muito fortes na porta de aço e depois os passos que se dissolviam na noitinha que rapidamente virava noite. E uma voz abafada:

— Socorro! — Que alguém me ajude! — que não parava. — Me ajudem pelo Senhor Jesus Cristo! — e que ficava cada vez mais fraca. — Me ajudem, me ajudem…

Teresa não era uma mulher especialmente corajosa, mas era gentil e também muito curiosa. Não poder ver, não poder saber o que estava acontecendo a poucos metros dela atrás daquela porta de aço fechada era simplesmente inaceitável. Esperou o que lhe pareceu um tempo infinito, até que lhe pareceu ouvir apenas uma respiração fraca. Parecia ouvir a voz da sua mãe, coitada: fique longe de encrenca, Teresa, fique longe de briga. Tinha razão, naturalmente, mas daquela vez era diferente, daquela vez acontecia bem na frente da casa dela. Abotoou direitinho o casaquinho e levantou um pouco a porta de aço, esperando tudo de pior possível. Um homem muito grande estava estendido no calçamento, sangrava muito e emitia estertores a cada respiração.

Teresa tinha pegado uma toalha na mão — não tinha em casa nem ataduras nem remédios e aquela toalha tinha sido a única coisa que lhe parecera vagamente útil — e com ela começou a estancar com cautela o ferimento do homem.

— Telefone… — sussurrou o homem no chão.

Teresa se virou para o interior da casa e fixou o telefone, perto mas não o bastante para pegá-lo sem parar de estancar o ferimento.

— Me desculpe, seu… senhor. Eu estava pensando que talvez pudesse telefonar para o hospital, mas se eu soltar a mão, o que é que o senhor acha… — começou desajeitadamente a explicar ao ferido, que porém a interrompeu, a voz pouco mais que um sopro:

— No bolso! No bolso! O MEU telefone!

Um telefone celular. Teresa achava que em Macapá dava para contá-los nos dedos de uma mão; o único que tinha visto de perto era o da dona do salão onde trabalhava — de quem suspeitava que tivesse outras atividades além da de esteticista, para poder se dar caprichos tão caros — e que tinha estado no centro de uma longuíssima e penosíssima negociação com a TIM Brasil, que levou quase um ano para entregá-lo.

— O número… procura Inácio.

— Eu não sei usar, eu não sei usar… — balbuciou Teresa remexendo nos bolsos do homem e sujando as mãos e a saia com o sangue dele.

Pelo contrário, descobriu, era muito simples. Apertando algumas teclas ao acaso, mesmo com uma mão trêmula como a dela, aparecia a instrução de como desbloquear o teclado; apertando o botão verde em que estava pintado um fone chegava-se a uma lista; apertando a seta para baixo a lista corria; o terceiro nome era mesmo ‘INÁCIO’, escrito todo em maiúsculas: tentou apertar de novo o botão do fone verde e de fato o telefone ganhou vida.

— Gustavo, o que é que foi? Você sabe que eu não quero que me ligue a esta hora… — respondeu uma voz profunda e rouca do outro lado.

— Alô? Alô? — Teresa não sabia bem o que dizer. — É que o senhor Gustavo apanhou, talvez tenham esfaqueado ele…

— E a senhora, quem é?

— É… — Teresa hesitou um instante. — Aconteceu na frente da minha casa, na Avenida Piauí, ele está no chão, não está bem, venham depressa!

A caminhonete preta sem placa chegou depois dos cinco minutos mais longos da vida de Teresa. Na caçamba quatro figuras de rosto coberto levavam entre as pernas uma espingarda; pelos ombrinhos delas dava para intuir que eram pouco mais que crianças. Um homem grande e careca que estava ao volante desceu correndo e batendo a porta. Deu uma olhada experiente no corpo de Gustavo, ergueu-o sem nenhum esforço aparente e o atirou na caçamba sem muita cerimônia. Depois se virou para olhar bem nos olhos de Teresa, que durante todo aquele tempo tinha ficado petrificada.

— A senhora. Como é que a senhora se chama?

— Teresa… — respondeu ela com a voz que quase não lhe saía da boca.

O homenzarrão subiu correndo de volta na caminhonete e arrancou cantando pneu. Foi nesse instante que Teresa, a toalha ensanguentada ainda na mão e tremendo feito vara verde, pensou: que demais! Com um telefone desses ninguém mais me segurava.

1.8 Inácio

Inácio Alfonso Império de Oliveira, conhecido por todos como Senhor Inácio, como muitos dos seus conterrâneos quase nunca tinha saído de Macapá. Como todos, atribuía o fato ao isolamento rodoviário quase total da cidade: os barcos fedem, no avião eu não confio. Mas a realidade é que o isolamento lhe convinha, porque com o mundo lá fora ele se importava bem pouco: sim, posso ir de carro até Calçoene, mas quantas vezes você quer ver aquelas duas pedras enfileiradas? Sim, com um jipe eu poderia ir até a Guiana, mas e eu lá quero saber da Guiana?

O Senhor Inácio não acreditava em azar, acreditava que a sua vida era atentamente observada e vigiada por alguém lá em cima e, como acontece muito no Brasil, via o seu deus constantemente misturado à miríade de ritos e sinais que compunham o seu cotidiano. Quando as coisas iam bem, os seus negócios escusos se mostravam mais rendosos do que o normal, os capangas dos seus rivais se mantinham longe dos seus homens, era certamente mérito da Nossa Senhora cuja imagem ele não parava de venerar, ou de Jesus, ou mais frequentemente de algum santo. Quando alguma coisa dava errado, como no ano em que chegou aquele policial novo meio índio que começou a meter o nariz nos seus assuntos, a culpa era sempre dele: não tinha ido à igreja o bastante, a imagem de Nossa Senhora tinha sido substituída vezes demais por imagens muito mais voluptuosas ou, mais simplesmente, tinha ignorado as mensagens que o Senhor lhe mandava sem parar. Naquela vez do policial tinha chovido ininterruptamente por mais de um mês sem parar nem um minuto: era um sinal, ele devia ter entendido, teria sido necessário ir fazer penitência. Mas não tinha feito, e no fim tinha precisado mandar matar aquele policial.

Este acidente com Gustavo era um sinal, disso tinha certeza. Deus lhe falava continuamente através desse tipo de sinal, lhe fazia entender se estava no bom caminho e lhe fazia entender se estava errando. Deus, porém, não era especialmente claro, quando ele estava errando, sobre o que é que havia de errado nas suas ações. Controlava meia cidade com (a violência) uma severa mas justa autoridade, tinha uma família respeitada com quatro filhos (gordos) bem plantados como ele, ajeitava as suas questões fiscais num time de futebol local onde o seu dinheiro entrava (muito sujo) de várias fontes e magicamente se limpava. Deus às vezes poderia ser mais claro com ele: onde é que eu estou errando?

Gustavo, ao contrário do seu chefe, se interessava pelo mundo lá fora, teria gostado de viajar. Era também por essa esquisitice que o seu jovem braço direito fascinava Inácio. Às vezes chegava a suspeitar que pudesse ser filho dele: aquele moleque que anos antes tinha pedido com tanto atrevimento para trabalhar para ele tinha nos olhos alguma coisa que lhe lembrava ele mesmo naquela idade. Não era muito atento ao destino das suas amantes depois de ter deixado a cama delas, portanto não estava de modo algum excluído. Fosse como fosse, Gustavo tinha dado várias vezes prova do seu valor e da sua fidelidade, tanto que era o único em cujas mãos o Senhor Inácio confiaria a própria vida. Quem lhe tinha feito mal era um homem morto, disso ninguém devia duvidar. E quem o tinha salvado devia ser recompensado.

O que é que Gustavo estava fazendo tão fora da sua zona ainda não se sabia ao certo, no hospital o mantinham sob sedativo, mas o Senhor Inácio não tinha dúvida de que ele estava indo atrás de mulher. Aliás, os seus agressores, aqueles que vão acabar mal, poderiam perfeitamente ter sido os parentes da moça, pai e irmãos. Decerto ele não estava indo visitar esta aqui, pensou Inácio dando uma risadinha, enquanto media o penteado armado e as formas nada graciosas da mulher que estava à sua frente.

— A senhora é Teresa Alves Miguenhes?

— Sim, senhor.

Inácio lia de uma folha amassada e escrita à mão; Teresa tinha ficado de pé esperando um aceno para poder se sentar na cadeira em frente à escrivaninha, aceno que não veio.

— A senhora mora na Avenida Piauí e trabalha no salão da Madame Samuela?

— Sim, senhor. Desculpe, mas o senhor é uma espécie de policial?

Policial ou fora da lei, na cabeça de Teresa, eram quase a mesma coisa, só que aquele lugar não parecia uma delegacia. Talvez fosse um detetive particular? Como nos filmes?

— Policial? Não, não. Sou um cidadão honesto que quer recompensar uma gentil senhora por um gesto corajoso. A senhora salvou a vida de Gustavo, sabia? Sem a senhora ele teria morrido. Devo um favor à senhora, e a senhora pode me pedir o que quiser.

— Como assim, o que eu quiser?

Fora da lei, tinha decidido: um que se comporta assim só pode ser fora da lei.

— Gustavo é como um filho para mim e eu sou um homem muito generoso, me peça o que a senhora quiser.

Teresa ficou perplexa. O pensamento correu para a conversa que tinha tido naquela manhã com Luiza, que a tinha chamado de louca inconsequente por ter corrido um perigo enorme e sem tirar nada em troca. Depois lembrou-se com um arrepio do acidente da noite anterior, daquele homem ferido e sangrando e de como o tinha ajudado.

— Um telefone — disse quase para si mesma.

— A senhora quer dar um telefonema? — perguntou Inácio, entendendo mal as palavras dela.

— Não, não. O senhor disse que pode me dar o que eu quiser. Eu queria um telefone, como o do senhor Gustavo.

— Um telefone como o do senhor Gustavo. Entendo. — Inácio abriu uma gaveta e fez sinal para ela se aproximar. — Escolha o que preferir. Há mais alguma coisa que eu possa fazer pela senhora?

Teresa espiou dentro da gaveta e viu que continha pelo menos uns dez celulares, de todas as formas e cores. O rosto dela se iluminou quando viu um preto, em forma de banana, tão parecido com aquele usado naquele belo filme de ficção científica que tinha visto poucos meses antes. Pediu confirmação com os olhos de que podia pegá-lo e depois respondeu:

— Não, estou bem assim. A gente tem de saber se contentar.

1.9 Arguição

As aulas de Antônio nunca eram aulas normais de educação física.

— Hoje tem arguição.

Antônio enfiou as luvas e se plantou no meio do gol. O primeiro a se apresentar na marca do pênalti foi João.

— Onde é que fica Murrayfield?

— Ahn… na Escócia?

— Certo.

João bateu o seu costumeiro pênalti mole, que Antônio defendeu sem problemas. Era também por isso, talvez, que inconscientemente sempre lhe fazia perguntas fáceis.

— Lucas: me diz o nome de um esporte em que se joga sem árbitro.

— Frisbee!

— Quase. O esporte, porém, se chama Ultimate. Sinto muito, nada de pênalti.

George levantou a mão:

— Professor!

— Sim?

— Na verdade tem algumas federações que chamam de Ultimate Frisbee e umas duas que chamam de Frisbee. Já que o senhor não especificou o país, na minha opinião a resposta do Lucas estava certa.

Antônio teve de concordar, e assim Lucas pôde bater o seu pênalti, deslocando-o e conquistando o seu sinal de “mais” no diário.

— Me diz um esporte em que não se pode tocar na bola com as mãos, Raul.

Raul, um moreninho comprido comprido e magro feito um graveto, era outro com chute defensável.

— O futebol.

Atrás de Raul a maior parte dos colegas de turma começou a rir baixinho. George pegou a cabeça entre as mãos. Alexandre murmurou “Burro” alto o bastante para todo mundo ouvir.

— O futebol, Raul? Sério? O goleiro não faz parte do futebol?

— Desculpe, professor, eu não tinha pensado nisso… — respondeu mortificado Raul. Nada de pênalti para ele.

Alexandre era o menino com o chute mais forte da turma inteira. De arguição em arguição tinha chutado cada vez mais forte para ver qual era o limite posto pelo professor. Quando entendeu que não havia limites e valia tudo, como na primeira divisão, começou a bater umas bombas de fazer tremer os pulsos. Por isso Antônio muitas vezes lhe fazia perguntas abstrusas sobre os regulamentos do curling, sobre o nome dos estádios da Austrália ou outras do gênero. Mas naquele dia Antônio se sentia em forma, a ideia de defender um belo pênalti não lhe desagradava e de todo modo valia a pena tentar dar uma lição em Alexandre.

— Me diz você, Alexandre, um esporte em que durante o jogo não se pode tocar na bola com as mãos.

— O tênis! — exclamou seguro Alexandre, e já pegava impulso.

— E como é que eles jogam a bolinha para o alto para sacar? Com os pés? Com a boca?

Todo mundo ria baixinho.

— Mas professor, o senhor marcou as palavras durante o jogo, eu pensei…

— O saque faz parte do jogo, Alexandre. Sinto muito, hoje nada de pênalti para você.

George resmungou:

— Burro.

Raul soltou uma risada mais alta. Alexandre se virou e lhe lançou um olhar de fogo que o fez baixar a cabeça na hora, mas Raul não estava nem aí: o professor e George tinham posto Alexandre no lugar dele.

George era o aluno mais preparado de Antônio. O chute dele em geral não era temível, não por não ter força para dar uma bela paulada mas porque nele a gozação sempre prevalecia. O chute de cavadinha, o de letra, de calcanhar: uma vez tinha se deitado no chão e batido o pênalti de cabeça. Seja como for, George merecia perguntas estimulantes. Mas agora Antônio tinha notado o sorrisinho dele e não conseguia resistir à curiosidade de saber.

— Então, George, você quer nos dizer qual é um esporte em que ninguém pode nunca tocar na bola com as mãos?

— O hóquei.

E sem esperar a aprovação de Antônio bateu um míssil rasteiro à esquerda dele, que Antônio só viu quando a bola já estava na rede.

Quando todos tiveram a sua chance, Antônio reuniu os alunos em semicírculo diante dele, para a “moral da história”.

— Hoje o George nos deu uma bela lição sobre a importância de pensar fora dos esquemas.

— Mas professor — interrompeu-o Alvaro —, o senhor sempre diz para a gente que os esquemas são importantíssimos.

— Claro. Mas os esquemas são os alicerces do jogo de vocês, sobre os quais se sustenta todo o resto. Depois, justamente, tem todo o resto. Vocês acham que Picasso sempre desenhou assim? Picasso, primeiro, aprendeu a técnica clássica à perfeição, e só depois se permitiu subvertê-la. A mesma coisa vocês têm de fazer: respirar esquemas até dominá-los por completo, e aí no momento certo — zás! — subvertê-los e deixar boquiabertos os adversários que esperavam a Mona Lisa e se veem no meio de Guernica.

George teria gostado de perguntar por que cargas d'água os adversários deveriam esperar a Mona Lisa, já que ela não foi pintada por Picasso, mas por uma vez achou que não era o caso de bancar o sabichão e se conteve.

— E sobretudo — concluiu Antônio —, o que eu espero de vocês é que saibam entender quando é o caso de seguir um esquema e quando, em vez disso, é a hora de pensar fora dos esquemas. Quando vocês jogam, quando são arguidos, quando um dia vocês virarem esportistas famosos. Lembrem-se de Guernica. Lembrem-se de que são vocês que escolhem se põem duas vezes a mesma música ou se, em vez disso, nunca a repetem.

Pronto, o que é que as músicas têm a ver com isso eu não entendi mesmo, pensou George.

1.10 Bug do milênio

Uma vez por semana Antônio usava a sua hora de transmissão na rádio para dar aulas de internet aos seus ouvintes. Nunca tinha estudado informática, não tinha computador em casa (mas pensava em comprar um logo) e antes de começar a trabalhar na rádio nunca tinha usado um na vida. Mas tinha a curiosidade a seu favor, e aquela meia hora de uso antes do programa, repetida ao longo do tempo, lhe bastava e sobrava para ser "o especialista em computador da rádio" (onde por especialista se entendia o único que o ligava) e o mais fuçador dos seus conhecidos, com a óbvia exclusão de Vitor. Vitor era um fuçador de verdade, o ajudava quando havia algum problema e sobretudo lhe passava as dicas sobre os sites e os programas mais interessantes, aqueles que iriam ficar populares nos meses seguintes, permitindo assim que Antônio passasse não só por divulgador mas também por alguém que enxergava longe (dentro do círculo restrito dos que ouviam o seu programa, bem entendido).

— Hoje é um programão, eu aviso. Deixem prontos os blocos de anotações porque eu garanto que vocês não vão querer esquecer o que eu vou explicar. Começamos com uma novidade impressionante: um programa que permite baixar qualquer música que vocês queiram, a qualquer momento, de graça. Chama-se Napster e funciona assim: vocês instalam no computador de vocês e dizem em que pasta guardam a sua música. Todos os outros usuários fazem a mesma coisa e o Napster permite que vocês procurem nas pastas deles, nas pastas dos pcs do mundo inteiro! Quando vocês acham a música que interessa, um clique e em cerca de vinte minutos ela está no computador de vocês. Eu entendo que soe inacreditável, mas para provar a vocês que é verdade vamos fazer um teste. O primeiro ouvinte que telefonar vai escolher uma faixa a seu gosto, eu vou procurá-la e vamos ver se até o fim do programa a gente consegue escutá-la juntos.

— Alô?

— Antônio?

— Oi, Teresa.

— Antônio, eu estou com um telefone novo lindíssimo, você tinha que ver. Estou te ligando com ele, dá para ouvir? Você sente a diferença?

Teresa nunca tinha usado o computador, mal tinha visto um de longe, tinha lhe contado candidamente, e não parecia disposta a começar. Mas, como já tinha explicado várias vezes ao vivo para constrangimento de Antônio, Antônio tinha uma voz tão bonita que mesmo ouvir falar desses assuntos chatíssimos era assim mesmo agradável.

— Então, que faixa você quer que eu procure?

— Éééé, não sei. Eu gosto muito do Caetano Veloso, mas talvez no resto do mundo não conheçam. Você vai poder procurar mesmo nos computadores do mundo inteiro?

— Vou, Teresa, pelo jeito vou.

— Na Jamaica também?

— Também.

— Meu Deus, que emoção. Então… eu diria uma bela música alegre. ‘Could you be loved’ pode servir? Eu não entendi como você vai fazer para se ligar ao computador do senhor Bob Marley, já que ele morreu faz tempo. Talvez os familiares dele? De todo modo manda um abraço meu para eles, e um abraço para você, Antônio querido.

— Ótimo. Vamos pôr para baixar ‘Could you be loved’ e enquanto isso passamos para a segunda notícia, que infelizmente não é igualmente bonita, aliás é muito preocupante. Eu já falei algumas vezes com vocês do bug do milênio: um problema nos programas dos computadores que, ao que parece, quando começar o ano novo vão confundir 2000 com 1900. E daí, vocês vão perguntar? Quando o meu vizinho, o senhor Bastos, volta bêbado para casa e confunde a sexta com o sábado, para mim não muda nada. Só que eu li vários artigos em que os especialistas concordavam que muitas estruturas que se baseiam na informática poderiam dar mensagens de erro e chegar a travar. E se travar o meu computador, paciência. Mas e se travar o computador de um banco e ele transferir o dinheiro da conta de vocês para a minha? Ou se travar aquele a bordo de um avião, o que acontece? Num artigo que eu li hoje um especialista se diz muito preocupado com o que pode acontecer em países como a Índia e o Paquistão, que possuem um arsenal atômico, e diz que ele vai comemorar mais o ano-novo do Paquistão do que o do Rio de Janeiro, porque é do primeiro que vai depender a gente ainda estar vivo para comemorar o segundo. Eu digo: mas que espécie de mundo foi essa que a gente construiu, se a gente tem de ter medo de que um erro num computador possa causar um bombardeio nuclear? De todo modo, os especialistas estão à procura de uma solução, dizem eles.

Antônio se interrompeu para lançar o intervalo musical. Para ficar no tema pôs ‘Two Suns In The Sunset’, do Pink Floyd, e ‘Russians’, do Sting.

— Por falar em procura, voltemos a falar de coisas bonitas e de como a humanidade sabe ser inventiva quando quer. Vocês sabem quando me param na rua e me perguntam onde é que eu acho todas essas informações? — tinha acontecido só duas vezes desde que trabalhava na rádio, mas “duas” justificavam o uso do plural. — Bom, obviamente eu uso um chamado motor de busca. Até poucos dias atrás eu usava, como todo mundo, o Altavista ou o Yahoo, mas agora descobri um novo. Tem um nome estranhíssimo: Gúgou, escrito G O O G L E, e eu posso garantir a vocês que é uma bomba. Vocês escrevem uma palavra e de dez resultados que ele fornece podem ter certeza de que pelo menos sete ou oito têm a ver com a busca de vocês. E é rápido também. Depois, claro, a evolução da internet é tão veloz que provavelmente no ano que vem vai ter um ainda melhor, mas até ele chegar anotem esse nome e comecem a usar, vocês não vão se arrepender.

Conferiu o computador e com um sorriso viu que o seu experimento tinha dado certo.

— E por hoje é tudo. Até o próximo programa. Mas antes de eu ir embora: tinha um experimento em curso, vamos ver que frutos ele deu.

Antônio desligou o microfone, lançou ‘Could you be loved’, se despediu de Paco, o operador de som, se despediu de João e foi embora satisfeito.

1.11 Macapá Futebol Clube

Os dois anos de sucesso que com as categorias de base do Real Amapá tinham se seguido ao péssimo começo abriram a Antônio as portas do retorno ao Macapá Futebol Clube, na condição de técnico do time principal. Mas no time principal as coisas logo ficaram difíceis. O carisma que a duras penas Antônio tinha conseguido construir com os meninos de quinze anos evaporou num instante com os adultos, sobretudo tratando-se dos seus ex-companheiros de time. O método dos minimatch era visto pessimamente em todos os níveis, o jargão de Antônio não pegava com ninguém, nem mesmo com Eduardo. Eduardo era um homem pragmático e amante dos números, que lia nas estatísticas tendências que Antônio não podia e não queria entender.

A primeira temporada terminou sem glória nem vergonha. Os jogadores se autogeriam em campo sem ouvir os conselhos de Antônio e se submetiam aos minimatch contra a vontade, mas sem nunca chegar a uma rebelião propriamente dita. No fundo se jogava para se divertir, dinheiro não circulava, e se ganhavam alguns jogos apesar daquele técnico, isso queria dizer que algum valor os jogadores tinham.

— O método funciona — dizia um Antônio desanimado a Eduardo. — Vocês não querem ver o que para mim é óbvio: funciona. O que é que as estatísticas te dizem? Te dizem que a gente está melhorando, não é?

— As estatísticas me dizem que os meninos jogam melhor apesar do método de treino.

— Como é que você pode dizer isso? Eu tenho de treinar os jogadores para passarem sem mim, eu sempre disse que esse é o meu objetivo, não disse? E eles estão aprendendo bem, é só isso.

A relação de confiança entre os dois treinadores não decolava, a que havia entre os jogadores e Antônio era inexistente, Eduardo sentia todo o peso do time nos próprios ombros: o time no fim do ano ficou em quinto, um meio desastre.

Mas isso tinha acontecido no primeiro ano. Apesar dos atritos e da ferrugem, a diretoria decidiu manter Antônio por mais um ano e as coisas devagar foram se ajeitando. Ninguém nunca admitiu publicamente que o método de Antônio tivesse trazido algum benefício, mas o time no ano seguinte de fato foi melhor do que o normal, terminando em primeiro no primeiro grupo de eliminatórias e em segundo no segundo, até que, continuando a ganhar todos os confrontos de eliminação direta, chegou à semifinal. Devagar Eduardo tinha chegado a apreciar alguns lados do caráter de Antônio e também em parte o seu preparo, sobretudo o seu impulso contínuo de se interessar, se informar, estudar.

Para Antônio, contar a Eduardo o que tinha preparado para o treino nunca era fácil. Preparava uma lista de situações em que a seu ver o time podia pôr em dificuldade os adversários ou nas quais os adversários iriam tentar pôr em dificuldade o Macapá, e depois a propunha a Eduardo para uma verificação preliminar.

— Hoje a gente tem de fazer o trilho partido, com certeza um pouco de polvo, umas barquinhas pela direita e com certeza a gente tem de treinar a fortaleza caso aconteça de a gente abrir vantagem cedo, quem sabe também com um pouco de arqueiro enlouquecido.

— O trilho partido? — Eduardo não estava perfeitamente à vontade com o jargão de Antônio, um pouco porque nomes novos nasciam toda semana e um pouco porque nunca tinha se empenhado de verdade em estudar todas as definições.

— É, o trilho partido, o lançamento longo do goleiro com todos os meias e atacantes disparando para a frente.

Antônio, talvez concentrado em como organizar a separação dos vários minicampos de jogo, não percebeu a expressão perplexa no rosto de Eduardo.

— O lançamento longo? Você está brincando, né? — o tom de Eduardo tinha ficado muito sério, mas Antônio pareceu não se dar conta.

— Estou, quer dizer, não estou. E depois, agora que eu penso, também um pouco de piranha.

— Espera, Antônio. Domingo tem a semifinal, certo? Eu não sei que problema você tem com semifinais, mas o Macapá faz seis anos que não chega a uma semifinal. E você quer desperdiçar o nosso tempo fazendo lançamento longo?

— Eduardo, você não entende porque não quer entender. Mas não é um problema só seu, é um problema de todos, dos políticos também. Vocês se recusam a ter coragem, a tentar ir além daquilo a que estão acostumados, estão todos entrincheirados nas suas posições, vocês não querem de verdade obter resultados. Sobreviver, é isso que vocês querem fazer, só sobreviver. E com isso vocês negam a própria natureza do ser humano, o seu impulso natural para a evolução: nós fomos programados para evoluir, para procurar sempre coisas novas, para melhorar. Vocês não vivem neste tempo, vocês vivem no passado.

— Mas vocês quem, desculpa? Quem é que vive no passado?

— Eu disse por dizer. Este ano o Ypiranga tomou três gols em lançamento longo, por que é que a gente não deveria treinar isso? Por que é que a gente não deveria tentar explorar aquela que é uma fraqueza evidente dos adversários? O que teria acontecido se, sei lá, durante a segunda guerra mundial os americanos tivessem se recusado a explorar as fraquezas dos adversários? Você ia gostar que existisse um governo nazista mundial?

— Que fraquezas? Os nazistas? Mas o que é que você está falando?

— E de qualquer modo o problema é que vocês não são capazes de reconhecer e dar valor ao mérito, vocês se sentem sempre no direito de criticar inclusive com base em argumentos discutíveis ou com base num preparo objetivamente inferior…

Eduardo, na palavra “objetivamente”, parou de ouvir Antônio, deu uma olhada nas suas anotações, olhou o relógio, tentou se manter ocupado arrumando uma coisa aqui e outra ali e por fim, quando não ouviu mais a voz de Antônio ressoando entre as vigas de concreto armado, disse:

— Você fala com eles, hoje. Você fala com os meninos.

— É doze de novembro. Vocês acreditam? Já é doze de novembro. O começo do campeonato de 1999? Parece que foi ontem. Não parece assim para vocês também? A gente passou por momentos de grande energia, passou por momentos mais ou menos, jogou bem e jogou menos bem, mas estamos aqui.

Dante e Diego olhavam para ele, cada um com o ombro apoiado num batente da porta de entrada do vestiário. Estavam fumando, como sempre antes de um treino ou de um jogo, e trocavam olhares rápidos de cumplicidade para comunicar um ao outro o tédio de ter de ouvir mais um discurso de Antônio, que conheciam bem por terem sido companheiros de time dele durante anos. Dani e Ricardo

amarravam devagar as chuteiras, assentindo em silêncio. Maurício, com a sua inconfundível cabeleira loura, fingiu procurar alguma coisa na bolsa, pegou na mão o desodorante em spray e o recolocou num dos bolsos, conferiu se a tampa do sabonete líquido novo estava bem fechada e verificou com cuidado todos os zíperes.

— A gente chegou à semifinal. Domingo a gente joga a temporada, como jogou domingo passado e como jogou dois domingos atrás. Só que depois de amanhã a gente joga contra o Ypiranga.

— Aqueles babacas do Ypiranga! — interveio Danilo José, capitão do time, provocando uma explosão de risadas que Antônio acolheu com impaciência.

— Respeito, meninos, respeito. A gente não pode entrar em campo contra um time forte como o Ypiranga sem ter respeito por eles. O esporte é antes de tudo uma escola de vida, a gente não pode achar que é sempre o melhor em tudo o que faz.

— Mas professor — era ainda a voz de Danilo José —, a gente é o melhor!

— Vamos ver, Danilo, vamos ver.

Enquanto falava, Antônio traçava com gizes coloridos no grande quadro de ardósia no qual tinham sido pré-impressos quatro campos de futebol, com as linhas que delimitavam os campos para os minimatch.

Quando chegou a vez de traçar o esquema do “trilho partido” um murmúrio serpenteou entre os jogadores. Foi de novo Danilo José que se fez porta-voz do seu time:

— Professor! Esse esquema a gente não conhece, como é que chama? O livro fervido? O papel higiênico interrompido?

Outras risadas encheram o vestiário.

— Não importa. A esta altura o nome não importa. Importa que vocês treinem esta situação de jogo. O Ypiranga este ano tomou três gols nesta situação e eu quero que vocês treinem. É preciso ter respeito pelos adversários e conhecer as fraquezas deles, essas duas coisas não estão em contradição. Só aprendendo a raciocinar sobre as fraquezas alheias é que a gente pode reconhecer e melhorar as nossas.

— Que situação, professor?

— Lançamento longo do goleiro e pressão na zona de ataque.

Os meninos se olharam um pouco resignados e um pouco divertidos, alguns nem tão seguros de ter entendido direito. O silêncio no vestiário foi ficando espesso até que quase ninguém mais ousou respirar. A tensão foi rompida por Danilo José, que se levantou de repente e saiu do vestiário murmurando:

— Vou falar com o Eduardo.

Foi seguido de perto pelos seus cabos Henrique e Lucas e depois, devagarinho, por todos os outros.

Só Thiago, um dos mais novos, ficou sentado à espera de instruções. Usava aparelho nos dentes e uma faixa na cabeça que o fazia parecer um tenista dos anos oitenta, e exibia um sorriso que fazia

Antônio suspeitar que ele não tivesse captado a situação por inteiro. Poucos instantes depois irrompeu no vestiário Amauri com o seu macacão de mecânico:

— Desculpa, desculpa, a minha moto quebrou, desculpa…

A frase ficou pendurada no meio quando ele se deu conta de que o vestiário estava vazio e percebeu que tinha visto os meninos todos já lá fora no campo.

— O que é que aconteceu? — perguntou timidamente.

— Nada — respondeu Antônio. — Nada. Se troca depressa que a gente tem o que fazer — concluiu saindo pela porta.

1.12 Semifinal

Na manhã de catorze de novembro de 1999 as portas da igreja de São José assistiram a um vaivém insólito. Não que a igreja costumasse ficar deserta aos domingos, muito pelo contrário, mas naquele dia muita gente que naquela paróquia nunca tinha posto os pés apareceu na porta, curiosa.

O time de futebol inteiro do Macapá Futebol Clube estava perfilado diante do altar, de joelhos, com o padre passando para dar a bênção a todos sob os olhos atentos do senhor Inácio Império, o presidente, e do auxiliar técnico Eduardo.

— Cadê ele? — perguntou Inácio muito irritado.

— Não sei — respondeu Eduardo. — Liguei para ele e ele me disse que vinha, mas honestamente não parecia muito convencido, o senhor sabe como é o Antônio.

— Não, não sei.

— Bom, é um sujeito difícil de convencer.

— Seja como for, é melhor que ele apareça, a gente não quer que uma desgraça caia em cima da gente, não é mesmo?

— Não, não, claro que não… — murmurou Eduardo, por sua vez sem muita convicção.

A desgraça temida pelo Senhor Inácio tinha se anunciado pouco depois da alvorada em forma de uma impressionante tromba-d'água que se levantou a algumas centenas de metros do pequeno porto de Macapá e ficou ali ameaçadora por quase uma hora, enquanto uma onda de pânico se espalhava feito mancha de óleo pela cidade. "É mau agouro!" foi o comentário mais difundido, mas também "Vamos morrer todos" ou, com certo exagero, "É o fim do mundo".

As trombas-d'água não são tão raras em Macapá; nos anos de azar dá para ver duas ou três. O que tornava particular aquela tromba-d'água era a sua persistência: em geral, depois de poucos minutos a tromba se dissolvia e se afastava rumo ao oceano. Mas a tromba daquele dia de novembro não queria ir embora: ficava ali girando, levantando redemoinhos assustadores, ora se aproximando da costa, ora recuando de leve como se quisesse zombar dos apavorados cidadãos.

— Que desgraça se ela cair em cima das nossas casas!

— Já é uma desgraça assim mesmo, mesmo se não atingir as casas: aquilo é o azar que olha para a gente com os olhos de deus!

E por aí vai.

Antônio tinha passado uma noite difícil. Depois de uma longa noitada passada pensando e repensando esquemas de jogo, tinha desabado de sono ainda vestido no sofá desconfortável da sala. A alvorada o surpreendeu encolhido numa posição antinatural, as suas anotações ainda apertadas na mão, e o despertar veio acompanhado de dores nas costas e de uma sensação de incômodo na cabeça que nem um café nem um banho conseguiram enxotar. Tinha ficado sabendo da tromba-d'água pelo rádio que tinha ligado para ter alguma companhia enquanto arrumava os papéis da noite anterior, mas, talvez por já estar absorto no pensamento da semifinal, a notícia não deixou nele nenhum traço, pelo menos até o telefonema de Eduardo.

— Alô, Antônio?

— Eduardo! O que é que houve?

— Você não soube da notícia? — a voz de Eduardo estava estranhamente agitada.

— Notícia? Que notícia?

— A tromba-d'água, tem uma tromba-d'água logo depois do porto, está lá faz quase uma hora e não quer ir embora!

— Mas tem com que se preocupar? O que é que as autoridades dizem? Não é como sempre, que depois de um tempo ela se afasta para o nordeste?

— Está lá faz quase uma hora, você entende? Não é uma tromba-d'água normal!

— E o que é que é, então?

— Aqui todo mundo diz que é o fim do mundo, um sinal de desgraça.

— E você acredita nisso? Eduardo, o homem de ciência, de repente se descobre supersticioso?

— Não sou eu que sou supersticioso, é a tromba-d'água que não quer ir embora! De todo jeito o Senhor Inácio convocou todo mundo na sede.

— Na sede? Mas eu levo meia hora para chegar lá, para que ele convocou a gente?

— Pela desgraça. Quer dizer, para combater a desgraça.

— E como é que ele pretende combatê-la, desculpa?

— Escuta, Antônio, o Senhor Inácio me mandou te dizer para vir, depois as perguntas você faz para ele, tá bom?

Reconstruindo o episódio depois, ninguém conseguiria lembrar com precisão quem foi que pronunciou a frase "vamos nos benzer"; certo é que os olhos de Inácio se iluminaram e não houve nenhuma necessidade de repetir duas vezes. No fundo do coração Eduardo sabia muito bem que tinha sido ele e sabia muito bem que tinha feito aquilo para desatar uma situação que ia ficando cada vez mais tensa: o presidente desesperado com o presságio infausto, os jogadores incertos se levavam a sério ou não, o tempo que passava sem que a tensão conseguisse se soltar, Antônio que não dava sinal de vida.

Da sede do Macapá na Avenida FAB até a igreja de São José eram poucas centenas de metros, mas com certeza aquela comitiva estranha não podia passar despercebida. Um domingo estranho aquele catorze de novembro para os moradores do bairro de Santa Rita: uma funesta tromba-d'água seguida por um cortejo de homens adultos de calção verde e camisa verde e laranja, de cara fechada quando não em lágrimas, rumo a uma igrejinha do centro.

Antônio estava indeciso sobre o que fazer. Não queria faltar à convocação do seu presidente, mas tinha certeza de que o motivo era fútil, e além disso de bicicleta a sede do Macapá ficava a meia hora da casa dele e ir até lá certamente o faria perder toda a preparação do jogo. Por fim havia um sinal

de alarme tocando nos recessos da sua mente, composto pelas letras de fogo da palavra “SEMIFINAL”.

Antônio era um técnico de campeonato longo, bom em estudar os adversários e em usar todo o tempo comprido de uma temporada para fazer ajustes e melhorias. Mas a eliminação direta, essa não. Durante os jogos de eliminação direta todas as suas inseguranças se materializavam e viravam reais, e quanto mais se aproximava a final mais as pernas lhe tremiam.

Oitavas de final: primeiras dúvidas; quartas de final: introspecção crítica; semifinal: paralisia. Toda vez o seu cérebro passava por aquele momento de pane experimentado durante a semifinal do campeonato mundial de vôlei, aquela que o Brasil não podia perder, e no entanto.

Também no último ano como jogador de futebol o seu último jogo tinha sido uma semifinal: teria feito qualquer coisa para fugir de si mesmo, inclusive fingir, como aconteceu, que o leve incômodo no tornozelo fosse alguma coisa muito mais grave.

Decididamente Antônio tinha algum problema com semifinais.

E se as quartas de final do campeonato de 1999 tinham sido um desafio fácil demais para pôr em crise as suas convicções, a semifinal de catorze de novembro seria, em compensação, contra o Ypiranga, um time forte e motivado.

Nunca se soube se a culpa devia ser atribuída às hóstias, que o padre tinha recuperado às pressas numa gaveta da sacristia e que não estavam exatamente fresquíssimas, ou ao vinho já virado vinagre. O fato é que os meninos do Macapá saíram da bênção literalmente transformados: quem segurava a barriga, quem sentia tontura, quem se via com a vista embaçada. Alguém teria sentido nisso mais o cheiro de um complô do que a força de um castigo divino.

E depois havia a raiva surda do Senhor Inácio, que contagiava todo mundo; até o racional Eduardo tinha começado a se perguntar se a ausência de Antônio não era mais um sinal de um destino que fazia muito tempo não parava de se atravessar no caminho.

— Por que é que o Senhor — uivava Inácio — tem de implicar com a gente? Os do Ypiranga vêm de uma favela onde estão todos morrendo de fome? E isso basta para fazer deles os prediletos dele? Não é que os meninos de Santa Rita naveguem em ouro, hein! Não tem jeitos mais leais de organizar este confronto? O Senhor Deus nosso às vezes eu não entendo mesmo!

O que o destino decide dificilmente o homem vai poder mudar. Os primeiros jogadores do Macapá chegaram ao estádio quando o Ypiranga inteiro já estava na metade do aquecimento; nos olhos e nos intestinos deles um mal-estar repentino, impossível de combater. Danilo José, o capitão, o homem do chute “horrendamente preciso” como os companheiros muitas vezes o definiam de brincadeira, estava na lona. Disse-se depois que ele tinha conseguido chegar em casa e entrar no banheiro em cima da hora, e que lá ficou dobrado de dor durante o jogo inteiro.

Inácio estava a ponto de demitir na hora Antônio, que tinha acabado de chegar; só a intervenção de Eduardo adiou o que parecia até uma reparação branda para uma desfeita imperdoável. O próprio Antônio, cujos nervos tinham ficado cada vez mais frágeis à medida que se aproximava o apito inicial, não conseguiria pensar senão numa palavra durante o jogo inteiro: semifinal, semifinal, semifinal.

O jogo? A semifinal do campeonato amapaense do ano de 1999, disputada na tórrida tarde de catorze de novembro, viu o fortíssimo e motivadíssimo time do Ypiranga atropelar aqueles que pareciam os fantasmas do Macapá FC. Um seco 4 a 0 que não deixava espaço para nenhuma réplica.

“É o futebol bailado que finalmente triunfa contra quem vê nos esquemas, e não na alma, a essência do esporte mais bonito do mundo”, escreveria a Gazeta Esportiva (subtítulo ‘Jornal de verdade’) na manhã seguinte.

— É uma maldição — comentariam outros.

1.13 Fim das transmissões

Assim que subiu as escadas Antônio percebeu que alguma coisa não ia bem: a porta estava aberta e já do patamar dava para ver a bagunça, papéis espalhados, cabos enrolados, o porta-lápis de Isabel virado no chão. Sentado na cadeirinha da mesa de som arrastada para o meio da sala, Paco segurava a cabeça entre as mãos; parecia nem ter ouvido ele entrar.

— Paco, mas o que… que diabo aconteceu?

— Ladrões — respondeu-lhe sem olhar para ele. — Devem ter entrado pela janelinha do banheiro, talvez tenham apoiado uma escada no telhado da garagem de baixo, sei lá. E que se dane como é que eles entraram, de todo jeito. Levaram tudo.

Paco levantou os olhos, brilhantes de raiva e desalento:

— Tudo, tudo o que tem um mínimo de valor: mesa de som, computador, microfones, fones, amplificadores, tudo. Até aquela caixa de CDs velhos que estava no depósito havia anos.

Antônio estava petrificado. Correu o olhar pelas salas que tinham sido literalmente despidas: sobravam cadeiras e escrivaninhas e armários escancarados, os pôsteres na parede e aqueles dois cabos que os ladrões tinham deixado no chão.

João chegou da outra sala de olhos baixos, segurando numa mão um filtro de linha e na outra um saquinho de doces, vazio:

— Que desastre, Antônio, que desastre. Sabe-se lá quando é que a gente vai conseguir se reerguer.

— Se, se a gente conseguir, não está nem um pouco dito. Aliás, digamos logo que não vai acontecer, a rádio acabou, chega, não vamos ficar nos iludindo, porra.

— Vai, Paco, não fala assim… um jeito a gente arranja, a gente procura um patrocinador…

Paco nem lhe respondeu, esboçou só um gesto de irritação antes de balançar a cabeça e voltar a segurá-la entre as mãos. A mesa de som, aquela caixona velha que ele carinhosamente mantinha inteira com fita isolante e cabos de sobra, era para ele como um filho, uma namorada, um cachorro. Era um operador de som de talento e de vez em quando falava em ir fazer carreira nos EUA ou na Europa, mas depois sempre acabava ficando ali, mimando a sua rádio como uma boneca de pano.

Antônio estava tentando, sem muita esperança, achar alguma coisa para dizer e consolá-lo quando entrou Isabel, que às quartas ia ao ar depois dele. Aliás, não entrou de jeito nenhum: ficou travada na soleira, os olhos arregalados.

— La… ladrões…? — murmurou deixando a bolsa cair no chão.

João, que vagava com o plugue na mão claramente sem saber o que fazer de si mesmo, respondeu-lhe abrindo os braços, desconsolado.

— Mas vocês podiam ter me avisado, telefonado para a polícia, sei lá, feito alguma coisa!

— Eu cheguei faz uma hora e encontrei isto, Isabel: nem deu tempo de entender o que tinha acontecido e chegou o Paco… — baixou a voz, apontou com a cabeça para o operador de som. — Se você

soubesse, Isabelita, você tinha que ver como ele surtou quando se deu conta, nunca vi uma coisa dessas. Tive medo de que ele se jogasse pela janela, que telefonema que nada.

Bem naquele momento o telefone, com o seu toque ressoando no ambiente esvaziado, os fez dar um pulo.

— Alô?

— Teresa?

— Antônio! O que é que está acontecendo? Faz vinte minutos que eu liguei o rádio mas a estação de vocês não pega. Logo eu fiquei assustada porque achei que o meu rádio tivesse quebrado, mas depois eu conferi numa outra estação, jesus santíssimo que programa que os outros fazem, não tem comparação, sabia? Vocês são a melhor rádio de Macapá, eu falo sempre isso para a Luiza, que, ao contrário, insiste com aquele outro programa daquele cara que finge ser um ator americano, eu não sei como é que ela consegue ouvir.

— Teresa, desculpa mas não…

— Ah, perdi o fio. Eu dizia: o que é que está acontecendo? Como é que vocês não estão no ar?

— Teresa, eu temo que você vai ter de se acostumar a ouvir o programa da Luiza.

— Em que sentido? O que é que você quer dizer?

— Quero dizer que a rádio não existe mais. Roubaram tudo.

Isabel declarou que precisava de um cigarro, e Antônio — que fumava talvez uma ou duas vezes por ano — estava tão chocado que resolveu lhe fazer companhia. Sentaram-se na calçada e Isabel não fazia outra coisa senão balançar a cabeça, estava com lágrimas nos olhos e nem ela mesma sabia se estava mais furiosa ou mais arrasada:

— Que pena, que pena… a gente ia tão bem… a gente ia direitinho mesmo, né, Antônio? A gente estava começando a ter um público como se deve e agora, agora isto.

— Não fica assim, você parece o Paco, vai, você não é tão pessimista. Alguma coisa a gente faz, a gente acha um patrocinador, você vai ver.

— Claro, um patrocinador. Como se fossem mosquitos, que a gente tem de espantar de tantos que tem. Mas mesmo admitindo que a gente tenha essa sorte, entre procurar, achar e pôr tudo para funcionar de novo vão passar meses. E daqui a cinco ou seis meses quem é que no público vai se lembrar da gente?

— Bom, mas…

— Mas nada. Se tinha uma coisa boa nesta merda de cidade, uma coisa de que eu gostava de verdade, uma, era esta nossa radiozinha boba. Talvez, do seu jeito pequeno, ela fizesse companhia para alguém, talvez por alguns momentos aliviasse os problemas de alguém, talvez tivesse uma alminha própria importante para esta cidade. Agora sei lá, não sobrou nada.

Antônio não sabia o que dizer; Isabel não estava errada, mas o fazia sofrer vê-la tão amargurada. De repente, sem se dar conta de nada, ouviu-se dizendo:

— Bom, ficar aqui reclamando não adianta grande coisa. Vamos beber alguma coisa, jantar em algum lugar: pelo menos, se a gente tem de chorar as mágoas, que seja diante de uma cervejinha.

Ainda espantado por ter pronunciado aquelas palavras — em geral não era tão direto com as moças, muito pelo contrário —, ficou mais espantado ainda quando, de modo totalmente inesperado, Isabel se levantou tirando a poeira do short e dizendo:

— Ah, tá bom. Tinham me convidado para um lugar e eu disse que não porque estava convencida de que ia ao ar: para isso agora já é tarde, mas eu não estou a fim de passar a noite sozinha remoendo. Vamos. Você já tinha algum lugar em mente?

Antônio teve um momento de apagão total: comia fora quase todas as noites e no entanto não lhe vinha à cabeça um único lugar. Enquanto Isabel o olhava interrogativa, remexendo aflito na memória conseguiu por fim tirar de lá o restaurante da Armandinha: tudo menos um lugar elegante, mas pelo menos se comia bem, e de todo modo era mesmo o único em que conseguia pensar.

Foi assim que saíram andando, enquanto um sol torpe cor de mamão descia sobre a poeira da calçada, sobre os cabelos cacheados de Isabel, sobre o pobre Paco que, sozinho nas salas vazias, soluçava perdidamente acariciando o único cabo que tinha sobrado, sobre a ideia daquele convite para jantar que Antônio já começava a duvidar que fosse tão boa.

Caminharam bastante — eu me lembrava dele mais perto, o restaurante — enquanto Antônio aproveitava para detalhar a Isabel uma teoria sua, elaborada naquele exato momento, sobre como os programas de rádio poderiam ter paralelos com certas atividades esportivas, notadamente o futebol, e como o esquema da barquinha a remo, para citar um, poderia ser, transpondo-o naturalmente, aplicado à condução do noticiário das seis.

Isabel caminhava absorta; Antônio estava muito satisfeito de que ela o ouvisse com tão concentrado interesse, uma moça inteligente, não como aquela velha capivara do Eduardo, que ostentava aquele ar de superioridade só porque não entendia.

Um contato casual de quadris fez surgir nele um pensamento fugidio a respeito de um possível depois do jantar. Você quer entrar um pouquinho? Ah, quero, quem sabe a gente bebe mais alguma coisinha juntos, só um instante. Desculpa a bagunça, a cama ainda está desarrumada… Imagina, você vai levá-la até em casa e vocês vão se despedir falando da rádio como bons amigos e vai acabar assim, inútil ficar pensando nisso. Aliás, talvez ele tivesse esquecido de explicar direito a ela a diferença entre ter um esquema e estar preso a ele; era melhor esclarecer — quem sabe dando o exemplo do hóquei —, senão o raciocínio podia não ficar completo para ela.

Tão taciturna quanto tinha sido pelo caminho, Isabel ficou tagarela quando, finalmente chegados, se sentaram à mesa. Não pareceu dar a mínima aos espaços apertados do restaurante, às paredes amareladas decoradas com imagens de orixás, respingos de molho e fotos de atores recortadas dos jornais, que Antônio — depois de todas as vezes que tinha estado ali — pela primeira vez, em compensação, notou, ficando vagamente constrangido. Que espécie de lugar para levar uma moça para jantar, você é um cretino, pensou enquanto passava sem se fazer notar o guardanapo de papel na fórmica da mesa para tirar uma auréola de uma gordura indefinida, enquanto torcia para que ela não notasse a duvidosa limpidez dos copos, enquanto esperava que ela não ouvisse os palavrões escandalosos dos comensais da mesa ao lado, três homens e três garrafas de cachaça.

A comida estava como sempre ótima, embora parecesse que nem à comida Isabel estava prestando atenção; falava sem parar como se estivesse no ar: a política, a rádio, as amigas, o diário que escre-

via toda noite — pronto, aí talvez ele tenha se distraído um pouco —, as viagens, sobretudo as viagens.

— Porque veja, Antônio, eu nunca viajei mas é desde sempre, desde sempre o meu sonho. Aprender as línguas para ver o mundo, para poder conhecer gente diferente. E depois ter diante dos seus olhos certas maravilhas da natureza, da arquitetura, coisas que você só viu nos livros; pronto, por isso eu não sei o que eu daria.

Bebeu mais um gole de caipirinha e antes que Antônio pudesse intervir recomeçou, excitada:

— Sabe, talvez o que aconteceu tenha a sua razão, no fim das contas. Eu pensei nisso o caminho inteiro, enquanto a gente vinha para cá, o tempo todo eu pensei só nisso: talvez essa coisa da rádio seja um sinal de que alguma coisa — ah, não vá pensar em coisas místicas, você sabe que eu não sou desse tipo —, mas eu digo, alguma coisa que me faz perceber que é hora de mudar, de fazer coisas diferentes, sei lá.

— Bom, é muito bonito o que você diz… me vem à cabeça o que dizia um amigo meu que tem um veleiro: “Quando o vento muda você também tem de mudar de rumo, senão acaba nas pedras”. Pronto, isso sempre ficou gravado em mim porque…

— Exato! É isso mesmo, uma frase que exprime perfeitamente o que eu quero dizer. Veja, eu não tenho um tostão furado e nem tenho mais a rádio, mas talvez justamente por isso, olha, brotou alguma coisa dentro de mim, um entusiasmo, uma confiança no futuro, sei lá. Estou convencida de que chegou o momento de uma virada, de uma vida nova, entende?

A Antônio, tocado por aquela explosão de sentimentos, por aquela vivacidade, pelas bochechas dela acesas pela comida temperada, ocorreu a ideia de que talvez um pensamentinho sobre o depois do jantar até se pudesse ter, a essa altura. As cervejas tinham sido mais de uma e eles já estavam na segunda caipirinha, ela era todo um fervor e estava afogueada, olhava para ele com olhos de chama.

— Entende, Antônio?

— Mas claro, Isabelita, entendo muito bem, e sabe, eu estava pensando, eu moro bem aqui atrás: a gente podia ir para lá, ficar à vontade, tomar mais uma cervejinha… Tem esquemas novos sobre os quais a gente pode conversar e…

Isabel o parou pousando uma mão sobre a dele:

— Antônio. Escuta, Antônio: melhor não.

— Quer dizer, eu só queria…

Isabel soltou a mão dele; sorria, mas os olhos estavam claros e decididos:

— Melhor não, eu já te disse. A gente se conhece faz muito tempo, eu gosto de você e até tenho carinho por você, mas pronto, você não faz parte nem um pouco dos meus planos. Você é um bom rapaz, eu te considero um bom amigo, mas enfim, acaba aí. Não vamos complicar as coisas.

Antônio sentiu como se tivessem jogado nele um balde de água do rio; sentiu distintamente os fios frios ao longo das costas. Sempre tinha tido um fraco por aquela moça e, sem nunca pensar nisso de um modo totalmente consciente, tinha acreditado que ela também sentia interesse por ele. De algum modo sempre tinha vagamente pensado que um dia, no futuro, ia haver sem dúvida alguma coisa,

alguma coisinha, entre os dois. Talvez tivesse só errado o momento; tentou, meio se afogando, deixar um caminho aberto para si:

— Não, me desculpa, claro, não é a noite adequada, a rádio e tudo, foi um dia meio assim. Quem sabe a gente sai junto daqui a alguns dias, vai ao cinema, conversa com calma sobre tudo, sobre a gente…

Desta vez Isabel começou a rir de verdade:

— Ahahaha, Antoninho, vai, mas o que é que você foi pensar… nunca me passou pela cabeça nenhum outro "a gente" que não fosse de amizade: olha, eu sinto muito mesmo se de algum modo, sei lá, eu te fiz acreditar — mas não me parece, eu juro —, se eu te fiz pensar em outra coisa. Eu sinto muito sinceramente, te desejo toda a sorte do mundo mas eu de verdade não sirvo para você, eu quero ir embora daqui, tenho outros projetos… Me desculpa, não sou mesmo a pessoa certa.

Não restava mais nada a dizer, e Antônio não disse nada quando ela se levantou para ir embora, roçando-lhe o ombro com um carinho.

Do resto da noite teve sempre uma lembrança confusa: uma noite úmida e quente, uma mesinha de fórmica azul, ele e os seus três comensais e as garrafas de pinga deles, que nesse meio-tempo já eram quatro.

1.14 Fim de partida

Na estação da poeira não escapa nem ao observador mais distraído outro passatempo (além do futebol) muito popular entre as crianças da cidade. Basta passear pela beira do rio para ver despontar das pequenas praias lá embaixo dezenas e dezenas de pipas coloridíssimas, a maior parte delas construída em casa com canudinhos e sacos de plástico coloridos. A Rua Beira Rio, a orla, durante alguns meses atordoada pelas chuvas fustigantes e submersa, às vezes literalmente, pelo marrom do rio, pode se transformar por algumas horas num dos lugares mais alegres e coloridos do planeta.

O vento dominante é o leste, um vento quente e de rajadas, amigo dos pescadores mas inimigo das pipas: percorrendo a orla não dá para deixar de observar como os fios de luz estão abarrotados de velhas pipas rasgadas, presas ali sabe-se lá desde quando. Em alguns pontos parecem instalações artísticas: quase não se reconhece mais a torre ou o poste de luz, de tantos destroços que se amassaram em cima, de tanto que a cor tenta combater o marrom presente em toda parte.

Um dos lugares em que os fios de luz fizeram mais vítimas é um trecho curto de orla perto do limite norte do Perpétuo Socorro, onde as mulheres antigamente iam lavar roupa no rio e tomar banho debaixo das palmeiras da orla, longe de olhos que, se ficassem indiscretos, se veriam diante do cano de uma espingarda de caça empunhada em revezamento por uma delas para salvaguardar a virtude do grupo. Ali a praia estreita que corre ao lado da rua se alarga de repente, e é ali que meninas e mocinhas do bairro marcam encontro para soltar, alguns diriam “enroscar”, as suas pipas.

Atrás dessa praia, um pouco afastado da rua e afogado de modo incongruente no meio dos jacarandás, se avistava um edifício baixo de tijolos empoeirados com grandes vidraças não muito limpas para o rio, cujo segundo e último andar abrigava o escritório do Senhor Inácio.

O compromisso era dezessete de novembro às onze da manhã, mas Antônio saiu de casa com muita antecedência: era um belo dia e de bicicleta ele subiria a orla rumo ao norte esperando derreter ao sol os seus pensamentos funestos. As pipas de cada bairro são sistematicamente das cores do próprio bairro: amarelo e verde para o bairro de Santa Inés, onde Antônio morava; azul e preto para o Trem, as mesmas cores do Ypiranga e da Inter, time do coração do padre Vitório Galliani, seu fundador; vermelho, amarelo e verde, as cores da bandeira oficial de Macapá, para o Bairro Central; vermelho e amarelo para o Perpétuo Socorro. Quando já se avistavam as primeiras pipas vermelhas e verdes da Cidade Nova, Antônio parou a bicicleta e desceu procurando um lugar razoavelmente seguro para deixá-la.

Deu-se conta de que não sabia nada do Senhor Inácio, nem qual era o seu verdadeiro trabalho nem como era a vida dele fora do futebol. Para ele, e para todos, ele sempre tinha sido só o Senhor Inácio, o Presidente. Também a convocação no escritório pessoal dele e não na sede do clube não o deixava tranquilo. Nunca tinha acontecido de uma reunião com a diretoria se realizar fora das paredes da sede, e o próprio Antônio nunca tinha feito ideia de que ali à beira do rio o Senhor Inácio tivesse um outro escritório.

Uma hora de antecedência, e as pipas no ar eram muitíssimas: Antônio olhava para elas fascinado, a sua infância passada a chutar bola não lhe tinha permitido se alegrar o bastante com essa maravilha. Havia meninos e meninas de todas as idades, alguns deles realmente exímios em conduzi-las no ar. Em compensação havia pouquíssimos adultos; olhando bem, talvez só ele. Sentado num muretinho no cheiro quente do rio, observava um lagartão verde que perseguia moscas, procurando qualquer apoio para não pensar na semifinal perdida de maneira tão desonrosa no dia anterior. Ao longe a silhueta de um rapaz se aproximou com passo desengonçado. Tinha barba e cabelo compridos e o seu

modo de caminhar era muito ritmado, como se estivesse dançando. Antônio o reconheceu: era Douglas, não o via havia meses.

— Douglas? É você?

— Antônio? Oi! Sou eu, sim! Que prazer te ver!

Abraçaram-se, olharam-se demoradamente, riram.

— O que é que aconteceu com você? Você está magro, está bronzeado, está… — Antônio hesitou um momento avaliando se podia soar ofensivo ou não — …está bonito!

— Você quer dizer em relação ao rapaz gordinho e branquelo que você conhecia?

— Bom, é, talvez não exatamente gordinho, mas olha para você! Você não é mais você mesmo!

— Nada, Antônio, o que é que eu posso te dizer: eu estive rio acima, na floresta, por algumas semanas, uma viagem com dois amigos… — Antônio não se lembrava de ter visto Douglas alguma vez tão contente. — A gente tem isso aqui a dois passos e nem se dá conta dessa riqueza. Quantas vezes você pensou em subir o rio? E no entanto a gente não se dá conta do que isso significa de verdade.

— Infinitas. Pensei infinitas vezes em subir o rio e explorá-lo como se deve, e depois por algum motivo nunca fiz.

A hora de antecedência que ele tinha passou depressa entre os relatos de Douglas. A palavra que ele pronunciou com mais frequência foi “bonito”; os olhos estavam luminosos e perdidos na lembrança de encontros com gente que ele definia como “mais verdadeira” e de uma natureza fascinante que de repente ficava grande e complexa demais para poder ser compreendida por inteiro. Uma hora, uma hora e cinco, uma hora e dez…

— Me desculpa, Douglas, eu tenho mesmo de ir. Você topa a gente se ver uma noite dessas para você continuar me contando? Eu quero saber tudo até os mínimos detalhes, que caminho você seguiu, quem te acompanhou: quero saber tudo.

O Senhor Inácio o estava esperando sentado atrás de uma grande escrivaninha de madeira, um charuto apagado na boca, a camisa de linho rosa grudada no corpo pelo suor apesar do vento que entrava pela grande janela aberta para o rio. Sobre a escrivaninha as páginas esportivas dos jornais locais, nas quais se destacavam grandes círculos de caneta hidrográfica vermelha em volta das matérias que falavam do jogo do dia anterior. A luz que vinha de um enorme monitor de computador — Antônio nem imaginava que existissem monitores tão grandes — se refletia na pele oleosa e esbranquiçada do presidente, que começou a falar sem preâmbulos com uma leve gagueira que Antônio nunca tinha percebido.

Antônio não conseguiria em momento algum olhar para o rosto dele, por uma espécie de repulsa repentina; tudo o que os seus olhos olharam foram as pipas coloridíssimas que volteavam ali perto, logo do lado de fora da janela.

— Antônio, eu te convoquei porque foi decidido não renovar o seu contrato.

A notícia certamente não pegou Antônio de surpresa: olhava as pipas, não movia um músculo.

— Não nego que em parte você tenha feito um bom trabalho, mas não bastou. Os meninos não estão contentes e nem o Eduardo está contente; ainda não falei com ele, mas eu sei que ele não está.

Eduardo? Antônio sabia que Eduardo não era entusiasta, talvez, mas entre os dois havia uma relação franca e se houvesse problemas ele teria falado. De todo modo estava claro que não havia nenhuma margem para discussão, e ele não disse nada.

— Eu não queria que você pensasse que é uma questão de dinheiro, absolutamente não; aliás, eu queria te garantir que o seu salário de novembro vai ser pago normalmente.

Não era uma questão de dinheiro também porque o "salário", como o Senhor Inácio o chamava, era tão mísero que nem daria para comprar de novo a bomba da bicicleta.

— Mas enfim, não dá, Antônio. O seu método de treino não é ortodoxo, não deu os frutos esperados, a gente não está contente.

Uma das pipas seguia trajetórias especialmente atraentes: parecia sempre a ponto de despencar mas sempre se recuperava, seguindo muito rápido um percurso em forma de oito para depois subir de novo. Aquela pipa tinha uma tensão interna, uma energia. Esse pensamento fez Antônio sorrir, gesto que o presidente interpretou de maneira completamente errada.

— Vejo que você está achando graça, ótimo. A gente vai dar o anúncio hoje à tarde antes do treino; se você quiser se despedir dos seus meninos pode vir: o treino quem vai conduzir é o Eduardo, que vai ficar como técnico principal até a gente achar um substituto. Ah, e eu queria que você entregasse todo o material: a bolsa, as camisas e o agasalho, obrigado.

De novo aquela trajetória em oito da pipa, de novo recuperada no último momento.

— E então, Antônio? Você não tem nada a dizer?

— Ah, Senhor Inácio, eu teria muita coisa a dizer. Eu poderia falar dos meus meninos e de como eles foram desastrosos este ano, um grupo de jogadores fraquíssimos salvo só pela minha organização de jogo. Poderia falar de uma diretoria míope cujo lance mais corajoso foi levar os jogadores à igreja para serem envenenados antes de uma semifinal. Poderia falar da tristeza que eu sentia vendo as nossas arquibancadas sempre vazias e essas mesmas arquibancadas sempre cheias quando jogava o Ypiranga. Mas eu não sou assim. Vocês querem me mandar embora? Eu entendo, a gente perdeu a semifinal e a responsabilidade eu assumo toda. Mas talvez uma coisa eu queira dizer para o senhor. Vocês não vão ganhar. Vocês não vão ganhar nunca mais. Enquanto o Futebol Clube tiver o senhor como presidente, Senhor Inácio, vocês poderiam até trazer, sei lá, o técnico do Palmeiras e um cara como o Catu ou o Rolando e mesmo assim não iam ganhar nunca mais.

— Antônio, Antônio, quanto rancor. Se você quer virar um técnico de sucesso tem de aprender a pôr de lado as questões pessoais, sabia? E além disso eu quero te dizer outra coisa, e quero dizer só para você: no ano que vem não vai ter campeonato. O dinheiro acabou, o Zerão fecha e um abraço a todos. Está vendo como você é míope? Está vendo que você só pensa no Macapá quando na verdade a gente está no meio de uma crise muito maior do que você e do que eu?

— Mas presidente, o senhor tem certeza do que está dizendo? O que quer dizer que o Zerão fecha?

— Quer dizer que, apesar de terem sido construídas nem faz dez anos, as arquibancadas estão desabando e não tem dinheiro para consertar; quer dizer que cinco times de Macapá não vão mais ter um

estádio para treinar; quer dizer que talvez a gente consiga jogar alguma copa do norte do Brasil, mas nada além disso.

— Vão consertar. O Zerão é importante demais para esta cidade, eles vão achar um jeito.

— Você gosta de continuar vivendo no mundo dos sonhos, hein?

Antônio se levantou de repente, tirou o distintivo do Macapá Futebol Clube que trazia preso na camisa e o deixou cair ruidosamente sobre a escrivaninha; com passo controlado saiu do escritório e com uma lentidão enfática desceu os degraus um a um até chegar à rua. O clarão do sol de meio-dia quase o cegou.

No céu, a pipa que ele estava acompanhando com o olhar até poucos minutos antes perdeu altura de repente e foi se enroscar nos fios de luz bem embaixo da janela do Senhor Inácio, indo fazer companhia a outras pipas da mesma cor que tinham sofrido a mesma sorte no passado.

1.15 O rio

Antônio estava de pé sobre o contraforte da Fortaleza e pensava no suicídio. De vez em quando lhe acontecia de refletir sobre isso, como possibilidade teórica totalmente desligada da realidade. Do tipo: se chegasse um doutor com o soro da imortalidade e quisesse injetá-lo em você, o que você faria? Eu pegaria uma barra de ferro e o massacraria de pancada, é isso que eu faria. Mas se eu não conseguisse, aí eu me mataria sem pensar um instante. A imortalidade, imagina.

Outras vezes tinha pensado no suicídio como solução potencial para os seus problemas. Estou atrasado com as contas de luz? Bom, se eu me suicidasse não seria mais um problema. Tenho de dar aquele telefonema que eu não estou nem um pouco a fim de dar? Idem. Só que a cada vez ficava claro para ele — já desde o começo, já desde o "se" — que não estava de verdade levando essa hipótese em consideração. E toda vez o pensamento seguinte era: qual poderia ser um motivo pelo qual eu poderia pensar nisso a sério? Depois lhe subia uma vaga sensação de vergonha por ter associado a ideia do suicídio a pensamentos tão banais, e em geral a mente dele começava a vagar, começava a refletir sobre os métodos criativos de se suicidar e cinco minutos depois já estava pensando em outra coisa completamente diferente.

Também daquela vez não estava pensando de verdade em se suicidar. Mas pensava na sua solidão e talvez em Isabel, pensava na rádio, pensava nos computadores bichados e talvez no fim do mundo, pensava na semifinal e naquela outra semifinal, pensava no muro azul do seu amado estádio. E depois o pensamento caiu no piloto do voo da EgyptAir. Em quanto você precisa estar mal para querer se suicidar, quanto precisa estar mal pra caramba para fazer de verdade e quanto precisa estar mal de um jeito inimaginável para fazer e levar junto uma centena de pessoas. Mas como é que se faz? Mas como é que, porra, alguém acaba assim? E pensa se o piloto já tivesse pensado em se suicidar no passado, sozinho no quarto dele, e uma pessoa querida tivesse conseguido dissuadi-lo. Salvá-lo. Pensa na maldita ironia. Talvez seja melhor se suicidar logo, na primeira vez em que a ideia vem.

Depois, devagarinho, também daquela vez ele começou a divagar. Voltou aos aspectos práticos do suicídio e pensou, como sempre, que se tivesse de fazer teria escolhido o rio. E foi o rio que o distraiu, com aquela sua cor fantástica, a única cor possível para um rio digno desse nome: marrom.

Voltou a ser criança com a memória, a primeira vez em que na escola os tinham posto diante de um mapa.

— Professora! O que é que são essas linhas azuis?

— Aqueles são os rios. Este desenhado aqui é o rio Amazonas.

— Os rios? Dá para ver que quem desenhou eles nunca viu um!

As risadas doidas. E a professora, paciente, explicando que a cor do rio é uma cor particular, devida às características que o tornam quase único no mundo, mas que em geral outros rios são realmente azuis, mais ou menos como o mar:

— Tem até uma música que fala de um belo rio europeu: 'Danúbio azul'; um dia eu faço vocês ouvirem.

E depois um salto para a frente, Antônio jovem adulto, pela primeira vez diante de um computador ligado à internet. Os amigos dele todos procurando Pamela Anderson e ele "foto Danúbio". E a incredulidade primeiro e as risadas depois, ao ver que era marrom também o Danúbio azul. Foto Tâ-

misa, clique: marrom. Nilo: marrom. Mississippi: marrom. Hahahah, malditos cartógrafos, e eu que acreditei em vocês todo esse tempo, em vocês e na professora. Só que depois outros cliques mostravam fotos de rios azuis; em algumas fotos até os próprios Danúbio, Nilo e os outros pareciam azuis. Talvez dependesse do enquadramento, dos pontos do rio? E então os olhos arregalados, a intuição, a busca rápida e a confirmação: existiam fotos (e quantas!) do rio Amazonas que o mostravam azul, de um azul profundíssimo. Pensando bem era óbvio, mas por tê-lo tido sempre diante dos olhos ele nunca tinha parado para refletir sobre isso uma única vez em mais de vinte e cinco anos: o rio era muito mais variado do que ele o pensava e guardava um monte de surpresas.

Naquela vez distante ele tinha desligado o pc a contragosto e tinha prometido a si mesmo que logo iria procurá-las, aquelas surpresas; mas os meses tinham passado e depois os anos, e a escola, o calor, a rádio, a chuva, o futebol… e o rio tinha continuado a fluir na direção dele sem nunca uma única vez ser retribuído.

1.16 Partidas

Isabel, de família relativamente abastada e cujos pais teriam pago de bom grado os seus estudos universitários, por orgulho pessoal tinha escolhido pagá-los sozinha, trabalhando no bar de Ana Maria. À rádio, em compensação, dedicava o seu tempo por pura paixão. Mas agora os estudos tinham acabado e nem havia mais a desculpa da rádio, talvez morta para sempre: era preciso decidir o que fazer "quando crescer". E talvez parte de crescer fosse aprender a pôr de lado o próprio orgulho.

— Pai, eu pensei bem: resolvi aceitar a generosa oferta do senhor de pagar os meus estudos na escola internacional para intérpretes em Nova York.

— Fico contente, Isabelita querida. E quando você estava pensando em partir?

— Depois de amanhã, se para o senhor estiver bem. Eu gostaria de começar já no próximo semestre.

— Vejo que você trabalhou o orgulho. Fico contente. Depois quem sabe a gente trabalha um pouco também a impulsividade, hein? Mas estou muito feliz por você.

Isabel chegou diante da porta do número 1630 da rua 60 do Brooklyn quando o sol já se tinha posto havia bastante tempo. Sete degraus levavam a uma casinha de tijolinhos claros mergulhada no amarelo dos postes da rua; a sua enorme mala de rodinhas nunca entraria sem a ajuda de alguém. A campainha estava emperrada e ela estava cansada demais até para bater nos vidros foscos. Tinha viajado por vinte e quatro horas seguidas: para chegar a Nova York a partir de Macapá era preciso adentrar o sul profundo do Brasil, primeiro em Brasília e depois em São Paulo, e só então um grande avião da US Airways finalmente a transportou até o destino.

Daquelas vinte e quatro horas conservava uma lembrança confusa: as esperas em fila absurdamente longas antes de mais nada, a palavra "Aliens" no aeroporto de Nova York, as coisas horríveis comidas no avião, a inscrição "8.000 $" impressa na passagem, o inglês que ouvia e não entendia (eu sou formada em letras, droga!), as pessoas, uma quantidade de gente toda junta que parecia lhe tirar o fôlego, o medo da primeira decolagem logo dominado pela curiosidade e pelo prazer novo de voar, de se elevar e fender as nuvens, os sorrisos dos seus vizinhos de assento na chegada a Nova York, a vista de tirar o fôlego da cidade pela janela do avião primeiro e do táxi depois, em especial das enormes torres gêmeas que dava para ver mesmo de todo canto da cidade.

Era a sua primeira, verdadeira, viagem. Durante as dez horas e meia de voo entre São Paulo e a grande maçã tinha tido enfim ocasião de escrever um verdadeiro diário de viagem, e da caneta dela tinha saído um rio cheio: um caderno inteiro comprado para a ocasião no aeroporto de Brasília foi preenchido por letrinhas apertadíssimas e desenhos incertos. Tinha decidido tão depressa e o pai tinha aceitado tão depressa (será que ele queria se livrar de mim?, pensava rindo) que não tinha havido jeito de sentir alguma emoção: só o tempo de avisar Ana Maria, a dona do bar, dar um telefonema para a rádio para comunicar a alguém e fazer as malas. A escola aceitava inscrições desde que se começasse na volta do "Mid Term", dia 19 de novembro. Lembrava com vergonha do telefonema quase cômico para a secretaria, durante o qual não entendia e não conseguia se fazer entender; que intérprete e tradutora que nada.

O frio, vestia só um casaquinho leve demais, lhe deu a coragem ou a força de bater na porta. A casa era de uma prima de terceiro grau do pai dela que tinha se mudado com a família décadas antes, tinha tido um número impreciso de filhos, tinha perdido o marido e agora usufruía da sua nem tão mísera aposentadoria alugando o andar de cima daquela casinha perdida no sul da metrópole, onde

coreanos, chineses, italianos, brasileiros, poloneses e judeus ortodoxos dividiam bastante pacificamente cada centímetro quadrado edificável e habitável.

A mulher vestida de preto que abriu a porta tinha um enorme nariz adunco que lhe ornava o rosto e que a fazia parecer uma águia ou, melhor, um corvo. Começou a falar com ela naquilo que do ponto de vista dela era português, língua que já não frequentava havia pelo menos trinta anos, e que Isabel teve o tato de fingir compreender. A senhora idosa lhe abriu caminho pela escada íngreme que levava ao apartamento de cima, de onde vinha uma música e um bom cheiro de alguma coisa que Isabel não conseguia reconhecer.

Deus dá nozes a quem não tem dentes, pensava Teresa segurando na mão o seu celular novo. Tinha passado metade dos dias anteriores estudando diligentemente o manual dele e a outra metade se gabando para Luiza. Na hora em que costumava telefonar para Antônio, porém, uma sensação de melancolia a tomava. Será que eu vou ter mesmo de me acostumar a telefonar para o programa daquele papagaio depenado?

Sopesou de novo o telefone, abriu e fechou a tampa de estalo sentindo-se a coprotagonista daquele filme, respirou fundo e discou o número.

— Alô?

— Pois é, Senhor Inácio? Aqui é a Teresa, o senhor se lembra de mim? Eu sou aquela senhora do telefone.

— Que senhora do telef…

— Aquela que ajudou o Gustavo. Por falar nisso, como é que ele está?

— Está melhor, obrigado. Está se recuperando bem, já começou a reabilitaç…

— Fico contente — interrompeu-o Teresa, que não podia ficar muito tempo sem falar, senão toda a determinação que milagrosamente tinha juntado sumiria num sopro. — Peço desculpas pelo incômodo, mas eu estava repensando no que o senhor me disse quando a gente se viu. O senhor lembra?

— Mhhh, lembro…

— Pois é, o senhor me deu de presente este telefone lindíssimo e eu vou ser eternamente grata, mas o senhor tinha dito que era pouco e que eu podia pedir o que eu quisesse. Pois é, me veio à cabeça outra coisa que eu queria.

— Vamos ouvir, vamos ouvir — encorajou-a Inácio, divertido e quase admirado com aquele descaramento.

— Pois é, o senhor conhece a Rádio Nova Amizade? Alguns dias atrás teve um roubo, levaram tudo e agora a rádio está fechada. Pois é, sabe, eu gostaria que ela reabrisse.

— Haha, a senhora mira alto, hein, Dona Teresa — riu Inácio, a quem nesse meio-tempo o encontro tinha voltado à memória. — Eu lembro que a senhora me disse que na vida a gente tem de saber se contentar.

— Eu continuo pensando assim, Senhor Inácio — disse Teresa, apelando para as últimas gotas da sua reserva de coragem e desfaçatez —, mas às vezes a gente também tem de saber ousar. Quem não arrisca não petisca.

Quase do outro lado da cidade Antônio estava deitado no seu catre olhando o teto, com uma convicção sólida que tinha se formado dentro dele. Partir. Eu tenho de partir. Os relatos de Douglas sobre o seu perambular pela Floresta Amazônica ressoavam na cabeça dele, e a amargura que sentia pelo jeito como tinha acabado a temporada de futebol e pelo roubo na rádio não fazia senão amplificá-los e torná-los mais próximos, quase ao alcance da mão. Mas havia outra coisa. No dia anterior tinha chegado à rádio para fazer um balanço da situação e decidir como continuar, e Isabel não estava lá.

— Ela partiu — tinha dito um João muito abatido.

— Partiu? E para onde? Como? — Antônio não esperava nem um pouco por aquilo.

— Ela foi para Nova York, não sei muito mais do que isso, partiu ontem.

— Para Nova York? João, não brinca comigo, não é possível…

— Antônio, eu não estou brincando com você: eu te digo que ela foi, disse que tinha chegado o momento de mudar, que tinha tomado uma decisão rápida mas certa para ir estudar. Não sei mais nada.

Tinha voltado para casa pedalando devagar, o cheiro do rio era fortíssimo no ar úmido, quase uma doce putrefação de fruta. As fachadas das casas pareciam encharcadas pela luz do sol poente, cinzentas, amareladas e cor-de-rosa como uma aquarela ordinária. Antônio ainda tinha nos ouvidos aquele silêncio que significava mais um reset completo do cérebro. Isabel tinha ido embora. Nos últimos tempos ela tinha sido uma presença constante e tinha acabado sendo parte da paisagem interior dele; a ausência dela pesava mais do que ele estava disposto a admitir consigo mesmo. Eu preciso de férias: amanhã eu ligo para a escola e tiro umas duas semanas de férias, total o ano letivo já acabou, eu nunca tirei férias, você acha que eles não vão me dar?

O teto dele se encheu de cores, de rostos, de sabores, de sons. Pegou o telefone e discou o número que Douglas lhe tinha deixado.

— Alô, Douglas?

— Antônio?

— Oi, é, sou eu. Eu decidi que vou dar uma volta pela Amazônia e queria te perguntar se você me dá alguns conselhos, me explica direito que volta você fez e como é que você foi.

— Quando a gente se vê?

— Agora mesmo, se você quiser.

Capítulo 2

2.1 Água

Monte Dourado, Pará. A cidade, se é que a gente pode chamar assim, era um simples aglomerado de casebres reunidos em torno de uma pracinha nua dominada por um modesto edifício colonial, atrás do qual já se impunha a floresta, que abrigava um microscópico correio com a porta de enrolar de madeira meio abaixada e uma sonolenta pousada com as venezianas encostadas.

Em volta do poste do pelourinho brincavam cinco ou seis crianças e cachorros, mas de resto, uma vez partido o ofegante ônibus que tinha levado Antônio até ali e sumidas pelas ruelas as duas ou três pessoas que tinham descido com ele, a cidade parecia deserta. Aquela paz era um alívio depois da viagem que tinha parecido interminável, espremido entre mulheres, bagagens, crianças que faziam algazarra e velhas que fofocavam sem parar, com o rádio no volume máximo do motorista berrando uma musiquinha atrás da outra.

Era um alívio sobretudo depois dos dias anteriores, quando o seu desejo de ir embora por um tempo, longe da vida de sempre, tinha sido frustrado pela multidão, pelo barulho, pela quantidade de gente e de turistas que lotavam as cidades ao longo do rio.

Os passeios organizados para ver os tamanduás ou para provar o jacaré, em barcos abarrotados de americanos e europeus que fotografavam cada papagaio como se fosse o último do mundo, cercados por crianças que tentavam lhes vender picolés e frutas pegajosas, não eram o que ele tinha esperado da Amazônia. As lojinhas, as mesinhas com os velhinhos que bebiam cachaça no calor da tarde, os carros, os radinhos, os urubus entediados sobre os restos das verduras do mercado, os rapazes de olhar sombrio que mediam os relógios dos turistas, as bundas redondas das moças que se arrastavam de chinelo rindo entre elas eram iguais aos da cidade dele.

Tinha devidamente visitado Santarém e Manaus, mas parecia que tinha mudado de bairro, nada mais. Não era aquela a Amazônia que tantas vezes tinha imaginado; certamente não era ali que poderia reatar os fios dos seus pensamentos e da sua vida, imerso na natureza; não era de uma viagem assim que poderia voltar para casa entusiasmado, renovado, enriquecido.

Já a caminho de um retorno decepcionante, tinha parado em Almeirim, indeciso entre largar tudo e voltar para o seu apartamento de dois cômodos no primeiro andar ou acreditar em mais um folheto que prometia fantásticas excursões à descoberta das belezas do rio: os raríssimos botos cor-de-rosa! A perigosíssima sucuri! O encontro das águas dos dois rios, que por quilômetros não se misturam!

Enquanto passeava perplexo pelas tórridas ruas da cidadezinha, um furioso aguaceiro o fez correr para se abrigar dentro de uma rodoviária. À espera de que estiasse, tinha ficado à toa bebendo o seu cafezinho, lançando um olhar distraído para as paredes cobertas de cartazes e panfletos sobrepostos que anunciavam sorvetes, espetáculos, ofertas especiais de detergentes, escolas de samba e esteticistas de muitas promessas, até que o olho lhe caiu no quadro de horários. Pelo jeito dali partiam linhas totalmente secundárias, que ligavam sem muita frequência localidades do interior cujos nomes não lhe diziam nada. Uma ideia tinha começado a abrir caminho na cabeça dele e ele se aproximou do guichê da bilheteria, onde um homenzinho de calção e chinelo estava lendo um jornal esportivo enfiando o dedo no nariz.

— Escuta uma coisa, eu vi que tem um ônibus que vai para Monte Dourado e está escrito entre parênteses “Rio Jari”: quer dizer que a cidade fica no rio, certo?

— Se está escrito assim, deve ser assim, não é?

— Eh eh eh, é, claro, claro. Mas pronto, na opinião do senhor, uma vez chegando lá tem possibilidade de encontrar um barco, de alugar, eu digo, para subir um pouco o Jari?

O homenzinho tinha tirado o dedo do nariz, tinha examinado bem, depois satisfeito tinha dado de ombros e dito com um grande sorriso:

— Bom, o rio está lá, algum barco deve ter, senão o atracadouro eles construíram para quê?

— Pois é, o senhor não está errado. Está bem, então me dá uma passagem. O ônibus sai amanhã às nove, né?

— Está escrito assim, quarta e sexta às nove, então já que amanhã é quarta deve ser assim, não é? Depois nove, nove e meia, às vezes se tem muito para carregar vira dez, onze, vai saber. Mas se o senhor vier às nove fique tranquilo, pega até o lugar da frente que corre mais ar. São trinta reais.

Tinha sido uma decisão tomada por impulso: Antônio de repente se sentiu todo empolgado, e contente como nunca desde que tinha partido. Chega de seguir os itinerários organizados, aqueles preestabelecidos para os turistas, chega de aventuras falsas numa floresta domesticada; agora eu vou por conta própria, pego um bom quartinho em Monte Dourado e acho um rapaz que me leve pelo rio para o interior, chega de folhetos, chegou o momento de quebrar os esquemas, é a minha viagem e de agora em diante quem organiza sou eu.

Atrás das quatro casas que constituíam a sonolenta Monte Dourado não teve dificuldade para achar o atracadouro, apenas um cais de tábuas que avançava três metros mal contados sobre o rio esverdeado. Puxadas para a terra ao longo da margem havia seis ou sete barquinhos de madeira do tamanho de banheiras, coisa de pescador, e amarrados ao cais apenas dois barcos a motor, não muito maiores mas providos de um esboço de poço e de uma lona de plástico esticada para sombrear o convés. Um dos dois era velhíssimo e pendia visivelmente para um lado; no outro um homem com uma grande moita de cabelos cor de ferro se atrapalhava em volta do motor.

— Ei! Escuta, é com o senhor! Este barco aqui, o senhor aluga?

O homem limpou as mãos no calção, coçou os pelos do peito nu, avaliou a camiseta de Antônio e os seus tênis Adidas e acendeu um cigarro.

— Como não, como não. Aluguel com piloto, bom preço, passeio lindíssimo. O piloto sou eu. Aonde é que o senhor queria ir?

— Ah, eu queria dar uma volta pelo rio, subir um pouco para dar uma olhada na floresta… quem sabe ficar fora uns dois dias, sei lá, se tiver onde dormir…

— Como não, dormir no barco, é tudo equipado, comodíssimo, o senhor fica que nem um lorde. Fica fora dois ou três dias, um monte de floresta, passeio lindíssimo. Ótimo preço, comida incluída, cozinheiro incluído, o cozinheiro sou eu.

— Ah, ótimo, ótimo mesmo. A gente podia partir já amanhã ou o senhor tem de terminar de arrumar o barco?

— O barco está ótimo, olha que é uma joia.

Bateu a portinhola que fechava o motor, jogou a bituca na água:

— A gente parte amanhã de manhã, o senhor enquanto isso pode dormir lá na pousada, lugar bonito, limpo, ótimo jantar. Ótimo preço. A pousada é da minha irmã Gesita.

O jantar era ótimo mesmo, uma moqueca de camarão de rio de lamber os beiços e uma cerveja quase toda gelada; em compensação a conta lhe pareceu um pouco salgada para ser chamada de ótimo preço, mesmo levando em conta o fato de que a cama era estreita e corcunda e o teto alto do quarto estava inteiramente coberto de lagartixas. Uma lagartixa ou duas não o incomodavam, mas aquelas deviam ser no mínimo cinco mil, e mesmo que Dona Gesita tivesse respondido às suas dúvidas com um amplo sorriso contente porque assim ele "não ia ter nem um mosquito no quarto", Antônio dormiu um sono um pouco inquieto.

Não lhe pareceu nem um pouco um ótimo preço tampouco aquele que Pernão — Paulo Gambone é o nome, mas pode me chamar de Pernão, todo mundo me chama de Pernão, vamos, sobe a bordo, cuidado com aquela tábua, não, o cachorro é bonzinho, o nome dele é Suplício: não morde, só peida, ahahahah! Olha que dia, olha que barco, um passeio lindíssimo — lhe extorquiu antes mesmo de deixá-lo subir naquela carroça; mas agora ele estava ali, pelo jeito aquele era o único barco disponível, e a essa altura ele estava morrendo de vontade de dar aquela volta pelo rio.

A viagem começou de um jeito realmente gratificante: depois de poucas horas de navegação chegaram à vista de uma enorme cachoeira, que interrompia de uma vez a sonolência da correnteza fervendo de espuma, voos de pássaros e arco-íris de respingos.

Pernão fez as honras da casa todo orgulhoso, empertigado como se a tivesse fabricado ele mesmo naquela manhã:

— Esta é a Cachoeira do Santo Antônio, lindíssima. Cachoeira grande, a maior do Amapá, lindíssima, não é? Lindíssima. Muito sortudo o senhor de ver. Vale a pena o passeio, só pela cachoeira, vale a pena, passeio lindíssimo.

Antônio, embora muito impressionado com a imponência daquele salto d'água em plena floresta, ficou um pouco chateado:

— Mas então agora a gente volta? Já acabou a viagem pelo rio?

— Eh, o senhor pensou, hein? — Pernão tinha se virado para olhar para ele com ar matreiro, o olho semicerrado por causa da fumaça do cigarro que lhe pendia da boca. — O passeio ainda é longo, ainda mais bonito. Muito sortudo o senhor porque eu conheço tão bem o rio. Velho trapaceiro o Jari, velho malvado, quem não conhece acaba mal, velho amarelo perigoso e trapaceiro.

Virou para voltar, gloriando-se enquanto entrava num braço lateral mais abaixo, secundário e quase escondido entre os galhos:

— Eu conheço todos os truques deste riozinho ruim, o senhor é muito sortudo de vir comigo, tem mais braços que mulher com desejo este velho amarelão, mil braços que mudam de volta entre hoje e amanhã. Só eu conheço as trapaças dele, eu sei como ele gira e regira e levo o senhor aonde o senhor quiser, rio acima. Gente da cidade que veio se perdeu, neste rio, um monte de gente. Vieram e se perderam, uns professorzões, gente que escreve os livros, perdidos no meio dos braços dele sem saber mais se estavam descendo ou subindo. Muito sortudo o senhor de vir comigo, barco lindíssimo o meu.

E Antônio de fato teria se perdido, naquele contínuo bifurcar-se entre o verde de águas que pareciam indistinguíveis umas das outras. Teve de admitir que a vanglória do seu timoneiro era no fim das

contas fundamentada quando, depois de umas duas horas, desembocaram de novo no curso principal do rio, largo e amarelo e sobrevoado por bandos de papagaios, sem mais nenhum vestígio da cachoeira, deixada bem para trás.

O resto da viagem se revelou uma questão muito mais chata do que o previsto: o barco resmungava e balançava cuspindo gás de escapamento sobre uma água opaca e amarelada, a floresta era um muro verde dos dois lados, emaranhado e incessante, cuja massa monótona e iminente era avivada apenas pela multidão de pássaros que subiam e desciam guinchando uma gama infinita de sons e, de vez em quando, pelo volteio velocíssimo de macaquinhos inquietos.

Pernão pilotava com uma mão acendendo cigarros ininterruptos com a outra; umas duas vezes por dia amarrava o barco e se dedicava a soporíferas sessões de pesca das quais Antônio não se sentia muito inspirado a participar e que enriqueciam a monótona cozinha de bordo — que de resto começava e terminava com empanadas fritas demoradamente em denso óleo de dendê — com peixes oblongos de gosto lodoso pelos quais Suplício parecia entusiasmado.

Depois de bater quatro filmes inteiros naquele paredão de galhos, folhas, cipós e orquídeas, Antônio perdeu a esperança de enquadrar por acaso uma onça em caça ou pelo menos uma briga entre antas, um acasalamento de capivaras, uma espécie de papagaio que depois se revelaria desconhecida e à qual dariam o nome dele. Dava para perceber que aquele marasma de folhagens fervilhava de vida, mas era uma vida muito esquiva e, tirando os onipresentes pássaros e macacos, aparentemente invisível. Tomava notas preguiçosamente, se encolhia debaixo da lona ao lado de Suplício para evitar o aguaceiro da tarde, ouvia Pernão contar pela enésima vez o formidável desempenho com as gêmeas mulatas Diamira e Alfonsinha que tinha dado origem àquele seu apelido tão evocativo. A floresta parecia tão ao alcance da mão e no entanto lhe parecia que não conseguia vê-la de verdade, ouvi-la, tocá-la.

Apesar dessa vaga decepção, se sentia bem. Certamente descansado: aqueles dias de navegação tranquila cuja única emoção era a luta incessante com os mosquitos tinham decantado o estresse dos últimos meses, e Antônio começava a devanear em comprar um barco e um cachorro amarelo banana e se instalar numa casinha em Monte Dourado, talvez com uma moça (Isabel, talvez?), montar uma pequena estação de rádio que transmitisse só jazz e música indígena, quem sabe escrever um romance que falasse de futebol, quando a viagem fluvial chegou de repente ao fim.

Até um instante antes estavam navegando em paz absoluta, aproveitando a brisa e o cheiro de óleo diesel, quando de uma hora para outra Pernão diminuiu e encostou na margem, onde um pequeno descampado de terra batida dava para o rio. Apoiou a tábua, desceu em terra, amarrou o barco numa arvorezinha e depois tranquilamente pegou a mochila de Antônio e a descarregou no chão.

— Desce! — anunciou festivo.

Antônio estava levemente perplexo, não tinha entendido que haveria uma parada e além do mais ali não parecia haver nada que a justificasse, mas seguiu Suplício, que tinha desembarcado abanando o rabo contente. Pernão levou a Antônio uma lata de cerveja convidando-o a se acomodar num tronco caído, esperou que o bichinho fizesse umas duas necessidadezinhas ao pé de uma iúca, subiu de volta a bordo, retirou a tábua e chamou com um assobio o cachorro, que com elegância pulou a bordo enquanto o motor já espocava se afastando da margem.

— Passeio lindíssimo, lindíssimo. O passeio pelo rio acabou, você espera e vem o meu primo te buscar com o jipe. Jipe lindíssimo, uma viagem de volta muito confortável. Ótimo preço.

Antônio estava estarrecido:

— Mas como? Mas o que é que isso quer dizer? Mas você é louco, não pode me deixar aqui! Eu paguei ida e volta! Volta agora mesmo! Você não pode me deixar aqui!!!

— Fica tranquilo, meu primo chega logo. Preço de só ida com o barco, ótimo preço, passeio lindíssimo, barco lindíssimo. Daqui a pouquinho meu primo chega, fica tranquilo. Fica tranquilo, um bom rapaz, jipe lindíssimo.

A voz de Pernão já se afastava; a trilha mal esboçada que desembocava na clareira estava deserta até onde a vista alcançava, a floresta rumorejava. Suplício latia, parecia que estava se despedindo dele.

2.2 Estrondo

O jipe solavancava e rangia, subindo e recaindo nas corcovas do terreno como um navio entre as ondas. Ou talvez fossem aqueles três dias seguidos passados de barco a fazer Antônio se sentir como se ainda estivesse na água. O cheiro que encharcava o ar era o mesmo, denso e pesado: tinha acreditado que fosse o cheiro do rio, aquele rio tão turvo e lento que se enrodilhava feito uma serpente amarelada entre paredes de folhas, mas se deu conta de que era, na verdade, o cheiro da floresta, assim como da floresta era o estrondo que o envolvia incessante desde que tinha partido de Monte Dourado.

Sempre tinha achado que Macapá fosse uma cidade barulhenta, tanto que considerava o breve momento entre o instante em que na rádio enfiava os fones e o instante em que começava a transmissão como um pequeníssimo presente que se concedia toda vez: dois, três segundos de silêncio perfeito. O único desde que abria os olhos de manhã e já o rádio da vizinha berrava esganiçado no andar de baixo, enquanto Maribel varrendo o quintal gorjeava o repertório da cantora lírica que nunca viria a ser, e das janelas ao lado das dele a televisão do velho Benito, ligada a qualquer hora do dia, zumbia um fundo contínuo e ininteligível de palavras, gemidos e tiros.

E no entanto, em comparação, era silêncio aquilo de Macapá, um silêncio de que ali dentro daquele fragor ininterrupto de sons ele quase começava a sentir saudade. Veja, a gente nunca pensa nessas coisas, imagina durante anos a floresta, olha as fotos, não consegue mesmo ver como ela é de verdade — isso é totalmente impossível —, mas chega bastante perto de todo esse verde, dessa sombra, daqueles cipós e daquelas flores pré-históricas encharcadas de umidade; e no entanto nunca pensa nos sons: não se vê nas fotos o barulho, nem se sente este cheiro, como de imenso animal suado e coberto de musgo.

Não o tinha surpreendido a lenga-lenga do começo para lhe arrancar algum dinheiro a mais, imagina: com essas coisas estava acostumado desde que tinha nascido, mesmo que continuassem a incomodá-lo um pouquinho. Quase o tinha espantado, ao contrário, que o jipe tivesse chegado pouco mais de uma hora depois de Pernão ter sumido: que uma pessoa atrasasse duas horas, mais frequentemente três, era a norma, e um atraso de apenas uma hora e um quarto uma exceção inesperada.

Tinha achado divertido, no começo, o fato de que Pepê — foi assim que ele se apresentou — tivesse uma garrafa de pinga ao lado do banco e tirasse dela generosos goles, assim como tinha achado simpático aquele seu modo fanfarrão de se comportar, o chapelão, o bigodão atrevido:

— Vamos, chefe, embora que a gente vai para a floresta!

A idade indefinível do jipe amassado, pintado às pressas de um improvável vermelho, ele tinha dado por descontada, assim como o fato de o piloto dirigir com os pés nodosos meio enfiados nos chinelos: praticamente todo mundo dirigia daquele jeito, embora Antônio nunca tivesse gostado.

Tinha ficado fascinado com aquela trilha em que Pepê arrogante tinha entrado, na verdade apenas um esboço, uma passagem sumariamente desmatada das árvores mais grossas onde o jipe tinha de se arrastar assim mesmo pelo sub-bosque, abrindo caminho entre ervas, arbustos e moitas arrancadas. Tinha pensado empolgado que finalmente estava na floresta, finalmente a vivia de verdade, pronto, estava entrando no meio do mato, mesmo que por um trecho curto; finalmente estou aqui dentro da floresta, sozinho (com Pepê, mas ele não conta), sem turistas, finalmente posso olhar e desfrutar de perto destas árvores, de toda esta natureza, dos cheiros, dos pássaros, dos sons.

Não o tinham pegado despreparado os frequentes obstáculos, o ter de descer para abrir caminho com o facão a fim de contornar um tronco caído ou um emaranhado de arbustos que obstruíam a passagem. Nem tinha ficado espantado — ele não era um turista, tinha nascido logo ali atrás — quando chegaram diante daquele brejo que com certeza antes não estava ali: como se sabe, quando chove os rios se alargam, transbordam, criam ramificações e charcos que depois, cessada a chuva, desaparecem, ou às vezes, ao contrário, ficam ali anos inteiros.

Quando Pepê desviou para contornar o brejo com uma curva larguíssima à esquerda, ele ficou tranquilo, são coisas normais na floresta.

Mas tinha começado a se preocupar um pouquinho quando, depois de horas, ainda estavam costeando a borda incerta daquela água barrenta. Quando tinham partido era de manhã, e o sol os iluminava pela frente, subindo aos poucos das brumas por cima dos guinchos de papagaios e tucanos. Depois tinham desviado para contornar aquele brejo, encontrando-se com o sol à direita, sol que devagarinho chegou ao zênite e começou a sua descida: se tivessem seguido a direção inicial, agora deveriam estar com ele nas costas, e no entanto o tinham à esquerda, havia um tempão. Antônio tinha raciocinado bastante sobre isso, não era bom nessas coisas e o seu senso de orientação sempre tinha ficado entre o horrendo e o péssimo. Mas entre duas paredes quase indistintas de verde, sem nada para fazer a não ser sacolejar naqueles horrendos bancos cheios de calombos que lhe tinham deixado o traseiro dolorido pior do que se lhe tivessem dado uma surra de pau, e com todo o tempo do mundo para olhar em volta, depois de um pouco a gente repara. Foi assim que ele criou coragem para insinuar a Pepê:

— Ahn… muito longo este desvio, é por causa do brejo, né?

— É, muito longo. É muito grande este brejo, muito longo sim, muito.

Mas não tinha olhado para ele enquanto falava: Pepê ficava a cada momento mais taciturno e a frequência dos goles de pinga crescia de modo alarmante. Beber como se fosse água é normal para um monte de gente, mas de fato água não é, e mesmo que você esteja acostumado com certeza não melhora a concentração nem os reflexos.

Mais uma hora tinha passado, entre rangidos e trancos, e o sol continuava à esquerda e continuava a baixar. Tinha havido breves e bruscas guinadas (testes, tentativas?) imediatamente abortadas diante do impenetrável bastião de folhagens, depois em frente de novo, cada vez mais cambaleantes na margem daquele lodo opaco. Pepê estava curvado sobre o volante, os olhos avermelhados e a garrafa já quase vazia, e Antônio começava a se preocupar de verdade:

— Realmente bem longo este desvio… claro, as chuvas, os braços do rio… mas enfim, no fim das contas a gente chega, né, na estrada, como é que chama, a 210, a gente só está dando uma volta um pouco longa, depois a gente chega, certo, a gente chega na estrada?

— Claro, uma volta muito longa. Muito brejo. A gente chega, sim… claro, tranquilo. Pepê conhece a estrada, já fiz um monte de vezes, já fiz. Não se preocupa, chefe, com o brejo: eu sei muito bem a estrada, tranquilo, viu, olha, eu sei.

As mãos de Pepê cada vez mais incertas, a garrafa já vazia que rolava tilintando de um lado para o outro no assoalho, o sol cada vez mais baixo, nenhum vestígio de trilha, só a borda do brejo e todo aquele ressoar de sons, de guinchos, meu deus mas onde é que eu fui me meter, este aqui está de porre e agora eu tenho certeza de que ele perdeu a estrada, e eu fui muito burro mesmo porque ninguém sabe onde eu estou, agora este cretino me dorme com a cabeça em cima do volante, ele só

queria o meu dinheiro mas não sabe a estrada, se perdeu, e quanto mais o sol desce mais o barulho aumenta, isso eu também não sabia, a floresta nunca descansa.

Por mais agitado que estivesse, Antônio não tinha mais ousado dirigir a palavra a Pepê, que agora parecia concentradíssimo nas mãos e no câmbio e na direção, concentradíssimo mas já ausente; o sol estava cada vez mais deslocado para a esquerda, cada vez mais errado, talvez fosse melhor parar, agora eu proponho isso a ele, vamos ver, ele está bêbado e com certeza tem uma faca, tudo bem, proponho assim mesmo, este brejo é totalmente sem sentido. E de repente o estalo, a pancada, talvez um tronco não visto ou um buraco, uma pirueta, o baque tremendo, o estouro. E depois tudo parado, um gotejar e o estrondo da floresta.

2.3 Floresta

Por mais que se esforçasse, Antônio não conseguia lembrar com precisão o momento em que tinha se afastado do jipe capotado: estava certamente em choque, talvez tivesse até batido a cabeça. Lembrava de ter se levantado, contundido, transtornado, depois de ter sido catapultado para fora e ter aterrissado desengonçado no meio dos arbustos. Lembrava do jipe, das rodas que ainda giravam devagar, lembrava da consciência estranhamente abafada de que Pepê só podia estar morto, esmagado ali embaixo. Mas não lembrava como tinha decidido pôr-se a caminho para chegar a pé à 210, nem lembrava com base em que tinha escolhido a direção para a qual seguir.

A mochila dele devia ter sido arremessada para fora junto com ele e ele devia tê-la encontrado e recolhido, porque a achou nas costas quando, talvez uma hora depois (meia hora, duas horas?), os seus pensamentos voltaram a ser de algum modo coerentes e ele se viu caminhando debaixo de um aguaceiro torrencial no mais denso do denso que jamais tinha imaginado, com o único pensamento de chegar àquela maldita estrada.

Lembrou-se vagamente de ter perambulado em volta do veículo procurando de modo incongruente o seu chapéu, mas só depois de já ter caminhado alguns metros de ter pensado no facão. Tinha voltado, mas entendeu logo que não havia jeito de alcançá-lo, sepultado sob a carcaça do jipe junto com Pepê e a pinga dele. Repensando com mais lucidez algumas horas depois, deu-se conta de que deveria pelo menos ter tentado: abrir caminho naquela floresta era um pesadelo, e agora que a noite caía o pensamento de ter como única defesa o seu canivetinho de campista o fazia se sentir bastante inseguro.

Por sabe-se lá que motivo, ao deixar o jipe ele tinha se convencido de que numa horinha, duas no máximo, chegaria a cruzar a estrada, mas agora começava a entender que aquilo poderia levar muito, muito mais.

Agradeceu aos céus por ter guardado duas das empanadas engorduradas que aquele desconfiável do Pernão tinha lhe empurrado como almoço e jantar durante os três dias inteiros da navegação deles. Aquelas, meia garrafa de água e as suas balas favoritas de cereja eram todos os seus víveres, e enquanto pensava vagamente que talvez tivesse de parar para passar a noite — a chuva vai passar, claro, mas com certeza eu não vou conseguir dormir, sabe-se lá quantos bichos, escuta como gritam aqueles macacos, será que as onças caçam no escuro? —, veio-lhe à cabeça a feijoada como Armandinha a fazia, e aquele caldo preto e fumegante, os pedaços de carne bem cozida, as fatias de laranja de guarnição, mas também as duas mesinhas de fórmica lascada, os copos de limpeza duvidosa, o cheiro de suor e cebola da gordíssima Armandinha, até o bigode dela lhe pareceram uma visão do paraíso. Assim que eu voltar, assim que eu achar a 210 e uma carona e depois voltar para casa, assim que eu voltar vou me empanturrar de feijoada e me embebedar de pinga que nem o pobre do Pepê, aquele pedaço de delinquente beberrão que nem sabia a estrada, paz à alma dele, quem sabe se tinha família, coitado do homem, eu tenho de chegar depressa à estrada, mandar alguém enterrar ele.

2.4 Encontro

Tinha caminhado o dia inteiro, com no corpo apenas uma empanada já ressecada, dois pacotes de balas de goma sabor cereja e dois cocos, a única fruta entre todas as que tinha visto que não lhe tinha despertado a suspeita de ser venenosa. Estava com fome, com sede e muito cansado, mas sobretudo começava a estar realmente apavorado. Tinha refeito as contas um monte de vezes, mas já era hora de admitir que, se ao partir do lugar do acidente tivesse ido na direção certa, a essa altura já teria encontrado algum sinal de civilização fazia tempo. Não queria de jeito nenhum dizer a si mesmo que estava perdido — perdido na Floresta Amazônica, deus de todos os santos, na Floresta Amazônica, alguém alguma vez se salvou depois de se perder aqui, jesus resplandecente, por que logo eu, por que eu —, mas não podia se fazer muitas ilusões a respeito.

Aquilo que estava seguindo havia horas podia ser uma trilha, uma vereda, um rastro, como podia não ser nada disso. Podia perfeitamente ser uma sucessão totalmente casual de trechos de vegetação menos fechada, caminhos de bichos, manchas de ervas por sabe-se lá que motivo mais baixas.

De resto não tinha alternativas: mesmo que tivesse decidido voltar, nunca conseguiria refazer para trás o caminho percorrido naquele dia e meio. O calor turvo e lodoso do ar úmido tinha colado a camisa nele, mas era impensável tirá-la e expor aos insetos mais centímetros de pele nua: nunca teria acreditado que no mundo pudessem existir tantos mosquitos.

Dava-se conta de que dali a pouco a noite ia cair e não conseguia suportar a ideia de outra noite como a que tinha passado, sentado na mochila com as costas apoiadas num tronco, afundado numa escuridão tão completa e absoluta como nunca tinha suspeitado que existisse, com os olhos arregalados a cada ruído e farfalhar — e havia uma infinidade de ruídos e farfalhares e sons e piados: a floresta parecia mais viva no escuro do que durante o dia.

E ficar acendendo a lanterna o tempo todo (quanto vão durar as pilhas, melhor economizar) não adiantava nada: a pequena lâmina de luz mostrava sempre apenas troncos e um emaranhado de folhagens.

Eu devia construir um abrigo, pensou, com uns galhos: não serviria para me proteger de nada, claro, mas quem sabe eu me sentiria mais tranquilo, quem sabe eu conseguiria até dormir. Eu podia fabricar um teto de ramagens e depois beber um gole de água e comer a última bala de goma. De água eu ainda tenho dois dedos no fundo da garrafa, não posso beber mais de um gole por vez (até eu achar outra que pareça potável, até eu chegar em algum lugar, até chover), mas quando o sol descer eu bebo um gole, não antes, melhor não, mesmo que a minha boca pareça de asfalto e a mochila pese mais a cada segundo.

Sentiu alguma coisa entre o pescoço e o ombro, esticou distraidamente a mão para tirar uma folha ou um graveto e os dedos encontraram alguma coisa enorme, fria e viva. Com um guincho de horror atirou longe uma aranha grande como a sua mão e, quase morto de repulsa, saiu correndo tomado pelo pânico. Fez apenas alguns metros, a mochila lhe balançava pesada nas costas e o coração batia descontrolado. Parou, deixou a mochila cair e sentou-se em cima dela, tremendo de cansaço, de medo, de nojo.

Esta história não acaba bem, eu sei. Que natureza que nada, que harmonia do homem e do cosmo que nada, que recuperar os ritmos primordiais que nada, eu morro nesta floresta de merda, morro aqui e ninguém nunca vai saber onde é que eu fui parar, que natureza que nada, morro aqui de fome e de sede, quanto tempo demora para morrer, a gente morre de sede primeiro, todo mundo sabe, mas ainda tenho dois dedos de água, mas as aranhas, eu não tinha pensado nas aranhas quando pensava

na natureza, quem dera tivesse sido uma onça — meu deus será que tem onça aqui — melhor uma onça mas não as aranhas não quero morrer comido pelas aranhas, então melhor uma cobra, dessas que minha avó me contava que nem dá tempo de dizer o nome inteiro de jesuscristo e você já morreu, melhor isso do que as aranhas.

Olhou em volta, no mato alto, para ver se por acaso a cobra já não estava à espreita. Os pensamentos iam ficando desconexos, o calor, a fome, o cansaço, a sede. Pegou a cabeça entre as mãos, os cotovelos nos joelhos, talvez fosse melhor se deixar morrer ali, o que mais é que ele podia fazer.

Uma fila de formigas grandes escorria como um riacho um pouco além dos seus pés; ficou embasbacado observando-as sem vê-las de verdade. Iam e vinham, carregando sementes e folhas, e Antônio as olhava escorrer e correr e pensava, enquanto a palpitação cessava e a respiração voltava devagarinho ao normal, pensava vagamente que talvez desse para comê-las, tinha visto num documentário — jesus que fome, que sede — quem sabe pegando elas espetadas num graveto dava para assar com o isqueiro; agora eu procuro um graveto meio comprido e fino, vamos, Antônio, sempre melhor do que ficar aqui morrendo, deixa eu procurar um graveto. Levantou a cabeça e a meio metro dele viu a bruxa.

Ficou imóvel, atônito: não a tinha ouvido chegar de jeito nenhum, não tinha ouvido um movimento, um ruído. Por um instante pensou que fosse uma alucinação, mas não, ela era verdadeira e real, uma velha imensamente enrugada e murcha, nua a não ser por duas folhas penduradas nos quadris, um emaranhado de cabelos brancos e cinzentos trançados com gravetos e bagas e ossinhos. Com um tipo de cesto cheio de ervas e cascas pendurado num braço, olhava para ele imóvel, totalmente tranquila, apenas um lampejo de divertida curiosidade nos pequenos olhos negros lustrosos como petróleo. O primeiro instinto, de fuga, era estúpido demais e era fácil se dar conta disso. Ficou onde estava, olhando a bruxa enquanto outros pensamentos (não é um espírito da floresta, não é, porque não existem, é um ser humano) abriam caminho a duras penas dentro da sua consciência; e, uma vez que de fato era uma mulher — água, comida, abrigo das aranhas —, deu-se conta de que aquela era a sua única, última chance.

A bruxa o olhava plácida, examinava cada detalhe dos seus cabelos desgrenhados, dos seus óculos escuros tortos, do suor que o encharcava, do cheiro de desespero e desnorteio que ele transpirava.

Passou um tempo, depois a velha se moveu: virou-se e seguiu decidida rumo a algum destino. Antônio ainda estava indeciso, um resíduo da intenção de se deixar morrer o segurava, mas a mulher, depois de poucos passos, se voltou e o olhou fixo nos olhos, com aqueles olhos reluzentes que riam um pouquinho dele. Depois retomou a caminhada e ele pegou a mochila e a seguiu.

Caminharam talvez uma hora, talvez mais; ele tinha perdido totalmente a noção do tempo e se limitava a pôr um passo atrás do outro seguindo aquelas bundinhas murchas que se moviam com agilidade inesperada. Ela não se virou mais, não precisava: ele era muito mais barulhento, a bruxa sabia que ele a seguia sem precisar vê-lo.

A floresta parecia indistinta e infinita, mas de modo totalmente repentino se abriu: uma clareira emergida do nada, ocas e fumaça e um bando de crianças que corriam por toda parte guinchando como passarinhos. Só deu tempo de ter uma visão de conjunto e alguma coisa o acertou em cheio no peito, uma paulada que o atirou, com mochila e tudo, de bunda no chão.

As crianças riam, eufóricas por causa daquele homem desajeitado caído depois de acertado por uma bola de cipós trançados; mas à medida que as risadas iam se apagando entrava a curiosidade: o que era aquele ser, branco e pálido e ridículo e estranho, sabe-se lá onde a pajé o tinha achado.

Aproximaram-se dele interessadas e desconfiadas; uma menininha muito pequena com a boca suja de barro e de fruta veio tocar, intimidada e atrevida, a pele do braço dele.

A bruxa guinchou duas ordens secas e as crianças lhe abriram espaço: fez-lhe um sinal e Antônio, levantando-se da terra batida, a seguiu rumo à sombra de uma oca situada no outro extremo daquele descampado redondo.

2.5 Contato

A oca de galhos e barro era muito escura e só depois de alguns momentos, acostumados os olhos à escuridão, ele viu que era muito mais ampla do que lhe tinha parecido e que sentadas lá dentro havia pelo menos vinte ou trinta pessoas, adornadas de vários modos com desenhos brancos e escuros e com penas de papagaio. Entre elas — a única a usar um longo colar do que lhe pareceram dentes — uma mulher velhíssima, tão engelhada e enrugada que fazia a idosa que o tinha encontrado parecer uma moça viçosa. Esta, enquanto isso, estava fazendo o que parecia um breve discurso de apresentação, todo grasnados e trinados, e Antônio pensou que talvez fosse oportuno dizer alguma coisa; podia até ser que alguém já tivesse passado por ali, quem sabe uns missionários, talvez fosse possível que aqueles indígenas entendessem a língua dele:

— Ahn, eu estou muito feliz de ter chegado à sua belíssima aldeia e sou grato pela gentil acolhida de vocês; além disso agradeço a esta gentil senhora que me acompanhou até aqui e… e tenho certeza de que vamos nos entender perfeitamente, e de que vai nascer uma bela amizade.

Melhor ser prudente: não pareciam hostis, mas ele tinha notado apoiadas lá no fundo um bocado de lanças e flechas, e todos os homens traziam pendurados nos quadris uns facões de pedra e osso. Pensou que tinha tido mesmo uma ótima ideia ao insistir no tema da amizade.

Percebeu porém imediatamente que as suas palavras tinham passado totalmente despercebidas: nenhum dos presentes tinha pestanejado ou dado o mínimo sinal de compreensão; limitavam-se a observá-lo com muita atenção.

Depois a anciã coaxou alguma coisa e um homem se levantou e puxou a mochila dele, uma, duas vezes. Entendeu que queriam que a tirasse, e quando a tinha tirado o homem a pegou e a depositou no chão diante daquela que ele imaginou ser uma espécie de rainha. Ela estendeu uma mãozinha adunca e começou a se atrapalhar com as fivelas com aqueles seus dedinhos de passarinho. Antônio se aproximou solícito — mostre-se prestativo e deferente, é a primeira rainha que você tem a chance de encontrar mas sabe-se que é boa norma não contrariá-las, quem sabe se é o caso de esboçar uma reverência, quem sabe se se usa — e soltou fivelas, fivelinhas e zíperes. O homem de antes, a essa altura, agarrou a mochila e simplesmente a virou de cabeça para baixo, pegando depois um objeto por vez para estendê-lo à velha, que o examinava atentamente antes de passá-lo a quem estava ao lado dela.

Cada artigo, sapato, cueca, barbeador, meia foi passado de mão em mão, tocado, sacudido, revirado, cheirado com cuidado. Antônio estava muito ansioso por causa da sua máquina fotográfica, que porém deixou todos bastante indiferentes e foi rapidamente posta de lado. Os presentes, em compensação, acharam muito engraçados os seus filmes fotográficos: quando abriram as tampinhas e extraíram os cilindrozinhos de cores vivas marcados Kodachrome e Fujifilm, comentaram longamente, dando um monte de risadas.

Agora que todo o conteúdo da mochila tinha passado pelas mãos de todos e sido devidamente verificado, Antônio começava a se sentir um pouco bobo ali de pé olhando; mas já tinha metido na cabeça que estava diante de uma soberana e temia que não fosse de bom gosto se sentar sem permissão. Bem naquele momento ela emitiu um rápido trinado imperioso e ele sentiu que puxavam com certa rudeza a barra da sua camisa. O homem, bastante jovem e musculoso (um camareiro, um dignitário, o chefe da guarda ou — quem sabe — o príncipe herdeiro?), puxava e puxava, e finalmente Antônio se deu conta de que tinha de tirá-la. Mas claro, aqui está. Mas como, a calça também? Está bem, não puxa, eu tiro, espera que eu tiro os sapatos e as meias, só um momento, pronto… não, mas

a cueca… puxa, mas o que é que você está fazendo, assim você rasga… está bem, está bem, me desculpe, Vossa Senhoria, não se irrite, já tirei tudo, contentes agora?

De fato, agora que ele estava nu como a mãe o tinha feito, a atmosfera ficou sensivelmente mais relaxada. De resto eles também estavam nus, tirando aquelas duas folhas e cascas: provavelmente um homem vestido devia lhes parecer algo meio perverso. Com toda essa revista eles também queriam se certificar de que eu não tinha algum tipo de arma, pensou; no fim das contas eles nem estão errados. De fato, agora que tinham apurado que ele era em linhas gerais inofensivo, pareciam ter se esquecido completamente dele; passavam uns aos outros panelinhas, filmes e camisetas e ninguém mais lhe dirigia um olhar.

Mas ele de pé daquele jeito, pelado que nem um verme, se sentia até demais inofensivo, digamos mesmo indefeso. Com cautela e conferindo de esguelha se a imperatriz não achava a coisa inconveniente, sentou-se num canto, abraçando os joelhos.

Enquanto os anciãos conversavam amavelmente trançando nos cabelos os cadarços e as canetas esferográficas dele, a noite ia caindo, e de fora lhe pareceu sentir um cheiro de carne assada. Sentiu o estômago roncar e a boca se encher de saliva. Eles vão me dar alguma coisinha para comer, né? A gente já é amigo, a gente esvaziou a mochila junto, a gente riu dos filmes, estamos todos aqui pelados, praticamente somos quase uma família, eles vão me dar alguma coisa para comer, você vai ver. Só que eu não sei bem o quê; o que será que esta gente come, antas, cobras, tatus? Fosse até um tamanduá com pelo e tudo eu comeria sem fazer drama, não aguento mais de fome. E eu ainda tive um instante de terror, que idiota, quando eles quiseram que eu me despisse me passou pela cabeça a imagem de gibi do panelão com o branco fervendo dentro; olha só que bobo, que coisas eu fico pensando, canibais só existem em gibi hoje em dia, ou talvez, mas talvez, no máximo em alguma perdida e desconhecida tribo no meio da Floresta Amazô… Tudo bem, melhor voltar a pensar na anta, quem sabe se é macia, quem sabe como eles cozinham.

Percebeu que a mulher ao lado dele segurava distraidamente no colo um par de calças dele enquanto piava animadamente com uma velhinha ao seu lado, a qual tinha enfiado na madeixa de cabelos brancos um dos seus barbeadores descartáveis e de vez em quando o ajeitava com faceirice. Pareciam muito exaltadas e totalmente esquecidas dele, e assim ele ousou esticar uma mão para pegar de volta as calças. Nem tinha conseguido tocá-las quando, rápido como uma cobra, um robusto ancião disparou a bloquear-lhe a mão, sacudindo-lhe debaixo do nariz trinta centímetros de lâmina de pedra lustrosa e afiada. Antônio se retraiu levantando as mãos e esclarecendo apressado:

— Claro! Mas claro que são de vocês! Mas claro que eu dei de presente! Mas com grande prazer, eu juro, todas as roupas, os sapatos, o sabonete, as canetas, é tudo de vocês, é para mim uma honra e uma alegria dar de presente para selar esta bela, bela amizade!

Retraiu-se no seu cantinho, voltando a abraçar os joelhos, rendido. Eu dou tudo de presente para vocês, olha, basta que me deem pelo menos uma pata de rato para roer.

2.6 Aldeia

Não eram patas de rato, embora ele nunca conseguisse determinar de que animal era a carne, preta e oleosa, que alguns minutos depois três ou quatro rapazes e moças levaram à oca em bandejas de folhas e galhos trançados.

Antônio, quase afogado na própria água na boca, esperou que todos se servissem, depois esperou mais, e mais: não estava nem um pouco a fim de rever de perto aquele facão. Finalmente a Dona Barbeador reparou nele e lhe fez um sinal apontando a carne; ele lançou um olhar em volta e viu que uns dois outros entre os presentes lhe indicavam que se servisse, soberana incluída.

Atirou-se agradecido sobre a bandeja: a carne era adocicada, e dura e fibrosa como barbante, mas lhe pareceu que nunca tinha comido nenhuma mais deliciosa. Nesse meio-tempo os rapazes tinham trazido vários meios cocos, alguns cheios de água — melhor não pensar de que turvo, lamacento, esverdeado curso d'água fervilhante de jacarés sapos e cobras eles a tinham tirado, mas que se dane, eu estou com tanta sede que não vou pensar nisso nem um pouco —, outros repletos de uma mistura xaroposa que os seus comensais pareciam apreciar muitíssimo. Quando lhe passaram, provou com certa desconfiança mas estranhamente gostou: perfumada e muito açucarada; não parou para se perguntar de que vegetal era a fermentação, a coisas doces não sabia resistir e sorveu vários goles longos.

Acordou obnubilado quando o sol já devia estar alto e brilhava fora da oca, deserta. Fosse o que fosse aquela beberagem, era preciso ir com cautela, estabeleceu tentando se levantar sem firmeza; não tinha absolutamente nenhuma lembrança depois da de ter bebido bastante daquilo.

Olhou em volta: as suas coisas, mochila incluída, tinham sumido todas, a não ser o caderno de anotações, que evidentemente não tinha despertado o interesse de ninguém e tinha sido deixado no chão de terra batida. Recolheu-o e, com a cabeça ainda martelando e confusa, apareceu na soleira: mulheres e moças iam e vinham das ocas e uma quantidade de crianças de todas as idades corria desvairadamente de um lado para outro numa brincadeira muito agitada. Um grupinho de anciãos, entre eles a Rainha-Mãe e a Dona Barbeador, sentados no fundo do descampado se atrapalhavam com galhos e cascas, provavelmente fabricando alguma coisa. Não viu um único homem: provavelmente estavam caçando ou pescando ou resolvendo outros afazeres de homens da floresta.

Assim que o viram, as crianças interromperam a brincadeira e se aglomeraram em volta dele curiosas; um menino escuríssimo e magrelo trazia amarradas em volta do pescoço duas meias dele, desirmanadas, e uma menininha tinha na cabeça a sua cueca azul-clara. Ninguém dava a mínima atenção à nudez dele, obviamente, mas Antônio se sentia realmente desconfortável tão exposto, e por isso tirou com jeito a cueca da cabeça da pequena, a qual soltou um grito agudíssimo e começou a berrar a plenos pulmões.

Os gritos fizeram aparecer na porta das ocas umas duas mães de ar ameaçador, e Antônio, apavoradíssimo mas decidido a não largar o osso, arrancou depressa uma página do caderninho e em poucos segundos confeccionou um barquinho de papel que estendeu à menina. A pequena olhou para ele meio perplexa, mas felizmente os gritos tinham cessado de repente e as senhoras, tranquilizadas, tinham voltado às suas ocupações.

Assim que vestiu a cueca Antônio se sentiu melhor, decididamente mais à vontade, mas percebeu que a menina revirava o barquinho entre as mãos, observando-o com atenção: pelo jeito tinha gostado muito mas não fazia ideia do que era. Ao lado da oca havia uma grande poça, e ele — imaginan-

do que se tentasse tirar o presente das mãos dela a pequenina faria a sirene recomeçar — arrancou outra página e fez outro barquinho, que pousou na superfície da água.

Bastaram poucos segundos para que a pequena multidão de crianças que o estava observando com a máxima atenção entendesse do que se tratava: riam e trinavam, visivelmente entusiasmadas com aquelas pequenas canoas brancas. Logo DuasMeias se adiantou, estendendo uma mãozinha imundíssima. Meia hora depois metade das páginas do seu caderno tinha ido embora, cada criança tinha o seu barquinho e Antônio tinha recebido em sinal de gratidão um gravetinho descascado, um punhado de bagas, uma rã cor de turquesa e dois besouros.

E tinha conquistado a incondicional aprovação de toda a população infantil da tribo.

2.7 Exploração

Deixando as crianças a inventar regatas nas poças, Antônio pensou que, já que tinha recuperado a cueca, era o caso de tentar entender onde tinha ido parar todo o resto da sua bagagem. Assim começou a passear pela clareira espiando aqui e ali na sombra das grandes ocas que cercavam quase todo o descampado de terra batida. Movia-se com certa cautela, não tinha total certeza de se o seu status era o de hóspede ou o de prisioneiro e não queria arriscar descobrir da pior maneira.

A primeira coisa que localizou foi a mochila, que, abarrotada de lenha, quase escondia a mulherzinha que a levava nas costas. Logo em seguida foi a vez da sua camiseta preferida que, amarrada nas duas pontas, tinha sido pendurada como uma pequena rede e balançava amarela ninando um bebê. Do resto das suas roupas não havia vestígio; sabe-se lá o que tinham feito com elas: almofadas, turbantes, panos de pó, sacos para os grãos, vai saber. Encontrou porém num canto, jogado de lado, o seu sabonete: trazia a marca funda de uma mordida, mas o sabor de água-de-colônia evidentemente não tinha agradado.

No fundo da clareira acabou revendo também o seu relógio: cintilava balançando no pulso moreno de uma moça que amamentava um menino nascido havia poucas horas. Pensou que provavelmente os anciãos tinham lhe dado de presente aquela joia exótica para festejar o recém-nascido; como é que se tirava aquilo dela?

Mas nada, eu não tiro nada de ninguém, com certeza não é coisa de grande valor, que fiquem com tudo, basta que não se irritem: quando daqui a alguns dias vierem me procurar e eu voltar para casa a gente vê, quem sabe pelo menos a máquina fotográfica eu gostaria de recuperar, a gente vê.

Esgotada sem grande proveito aquela primeira ronda pela aldeia — que de fato consistia em bem pouca coisa além daquelas seis ocas comuns e da clareira que elas cercavam —, Antônio não sabia bem o que fazer. Decidiu adentrar a floresta por uma trilha que lhe parecia larga e batida, pela qual o dia inteiro crianças e rapazes iam e voltavam: se as crianças iam por ali, não podia ser perigoso demais, né? Uma diferença entre Antônio e as crianças com certeza havia: ele, ao se mover pela trilha, fazia um barulho ensurdecedor; os pequenos já tinham sido habituados a se mover em silêncio. Se tem por aí um bicho feroz, deve estar tapando os ouvidos com as patas com todo o barulho que eu estou fazendo… Mas como é que eles fazem? Estes aqui são galhos secos, como é que eu faço para não pisar neles? E como é que eles fazem para não machucar os pés descalços? Quase que eu volto antes de pisar num espinho (numa cobra escondida entre as folhas, numa lacraia).

Antônio de repente ouviu uns trinados e berros que podiam perfeitamente ser vozes masculinas adultas: quem sabe, talvez eu tenha chegado na zona de caça deles, tomara que eu não tenha aprontado alguma. Por alguns minutos ficou incerto sobre o que fazer, temendo que o encontro com os homens pudesse se transformar numa espécie de confronto entre machos alfa; mas, não podendo certamente passar o resto da vida parado no meio da floresta, criou coragem e saiu a descoberto.

Viu-se numa larga clareira artificial, grosso modo retangular, delimitada em dois lados por uma espécie de cerca parecida com a das ocas da aldeia e na borda da qual algumas mulheres e muitas crianças olhavam concentradas numa única direção. Antônio seguiu o olhar delas e se viu catapultado para dentro de uma bolha de terror puro. Viu um homem soltar gritos alarmados e, no fundo da clareira, uma dúzia de homens fugir em todas as direções. A Antônio pareceu sentir uma injeção de adrenalina diretamente no cérebro, que, no espaço de três segundos, elaborou todas as causas possíveis — e algumas das impossíveis — que pudessem ter provocado a debandada geral. Uma invasão de onças, o assalto de uma tribo inimiga, uma mega briga (pois é, por que não uma briga? São indígenas, mas deve haver imbecis brigões também entre os indígenas, não?), o exército que acreditava

que ele tinha sido sequestrado e vinha libertá-lo, pronto, talvez seja o exército, santodeus estão exterminando eles por minha culpa, olha aquele índio como acerta bem a bola, se a gente tivesse tido um que cruzasse assim.

Hã?, perguntou a si mesmo.

Enquanto as pulsações desaceleravam de repente e a paralisia corporal começava a abandoná-lo, Antônio notou várias coisas: que eram só os adultos do sexo masculino que fugiam, enquanto as crianças os olhavam com atenção e as mulheres chilreavam entre si com agitação mas nada aterrorizadas. Que o homem que gritava tinha acertado uma espécie de bola de um jeito que lembrava muito de perto um cruzamento longo. Que a bola era perseguida por uns dois homens, um dos quais pareceu tê-la conquistado. Que este último gritou por sua vez e todos os outros correram de novo pela clareira. Que o novo gritador acertou a bola (menos bem que o primeiro, pareceu a Antônio) e de novo houve uma luta para conquistá-la.

Que emergência que nada. Eles estão brincando. Jesusdeus, eles estão jogando bola.

2.8 Língua

Perambulando pela aldeia, Antônio tinha espiado timidamente o interior de uma das grandes ocas: numa rede de cipós trançados um senhor idoso tirava uma soneca, em outra dormiam enroscados dois bebezinhos de poucos meses, algumas outras estavam penduradas e vazias, muitas estavam enroladas no chão. Tinha percebido que a oca era realmente grande; avaliou que ali pudessem dormir confortavelmente talvez umas oitenta pessoas, portanto certamente não estavam divididas por famílias. Perguntou-se se havia algum critério para ir dormir numa oca em vez de noutra ou se, quando a noite chegava, a pessoa simplesmente escolhia uma, pendurava a sua rede numa viga qualquer e adormecia ali. Se é assim não é coisa para mim; até eu entender alguma coisa eu durmo sempre no mesmo lugar, decidiu Antônio. E além do mais eu nem tenho uma rede, vou ter de dormir de novo no chão; não sei se é o caso de tentar pedir uma emprestada, nem sei se eu conseguiria explicar isso só por gestos.

Mas o problema se resolveu sozinho quando, algumas horas depois, ao cair da noite, duas mulheres se aproximaram dele e lhe puseram na mão a trouxa de uma rede, pegando-o depois pelos braços e tentando empurrá-lo na direção de uma oca. Não entendendo por que não podia ficar ali fora mais um momento — era uma bela noite e milhões de insetos cricrilavam sob a lua —, ofereceu resistência, tentando explicar que obrigado pela rede, muito gentis, mas eu pensava em me recolher daqui a pouco; só que as duas não pareciam dispostas a largar o osso e o empurravam com insistência cada vez maior. Constrangidíssimo, e o fato de estar de cueca não ajudava, tentou esboçar um protesto, mas as duas responderam com um grito agudo, “Maaaaiaaaa!”, acompanhado de um gesto da mão, os dedos que do punho fechado se abriam rapidamente como que formando o número cinco:

— Maaaaiaaaa!

Antônio, fosse o que fosse que aquele som e aquele gesto significassem, rendeu-se logo, tanto porque a sua relutância estava atraindo a atenção de cada vez mais gente da aldeia, que se somava ao coro dos “Maaaaiaaaa!” com os dedos da mão que se abriam de repente, quanto porque a atitude deles estava passando do levemente divertido ao sério até chegar ao preocupado: “Maaaaiaaaa!”.

Dentro da oca percebeu que o dormitório estava organizado em círculos concêntricos: na parte externa dormiam os mais velhos e no centro as crianças, cada uma com a sua redinha, de onde logo despontavam braços e pernas formando um emaranhado inextricável de corpinhos adormecidos encaixados uns nos outros. Entre esses dois anéis dormiam os adultos, aparentemente sem nenhuma regra e na mais completa promiscuidade. Não vou pregar o olho nem por um instante, foi o último pensamento de Antônio antes de desabar num sono de pedra.

— Mãe, aquele homem estranho é mau?

— Não, não é mau, só é estranho. E além disso está sem armas e é todo mole e branco; como é que ele pode ser perigoso? Os velhos dizem que já tinha chegado um outro desses homens amarelos, muito tempo atrás: meu avô me falou dele e eu acho que a pajé o viu, quando era menina. Não era mau, mas depois adoeceu logo, em pouco tempo estava morto.

— Ele deu umas coisas de presente para a gente.

— Que coisas?

— Canoinhas pequenininhas, ele fez com uma folha branca. Olha.

— Bonitinha. Está vendo que ele foi gentil, não é mau.

— A gente pode ficar com ele aqui com a gente?

— Quem decide são os velhos, mas acho que sim, acho que a gente vai ficar com ele. Mas não se apegue demais: eu já te disse, eles são delicados, morrem logo. Depois você fica mal.

Depois de alguns dias a situação tinha de algum modo se acomodado, ainda que de um jeito um pouco paradoxal. Os velhos e em geral os adultos estavam sempre ocupados com uma coisa ou outra e, embora não pretendessem de modo algum ignorá-lo, pelo contrário o observavam com divertido interesse, o fato de a incomunicabilidade ser completa e de Antônio, do ponto de vista deles, não ser capaz de fazer absolutamente nada frustrava com frequência a iniciativa.

Achava que tinha facilidade para línguas, mas tudo o que conseguia entender eram as risadas, sempre supondo que estivessem rindo.

Tinha notado desde as primeiras manhãs, na hora de acordar: quando os homens e as mulheres em volta dele se levantavam um depois do outro, ele ficava deitado um bom tempo de olhos fechados, abrindo os ouvidos para o mundo que o cercava. E embora a população da aldeia fosse numerosa, o que os seus ouvidos ouviam não era o som de uma multidão, quase não parecia humano. Falavam uns com os outros emitindo assobios, guinchos, fazendo estalar a língua e sabe-se lá o que mais, e o resultado era assustadoramente naturalista. De dentro da oca, tudo o que o cérebro conseguia reconstruir eram cantos de pássaros, rãs, talvez macacos, uma pequena cachoeira, uma rajada de ruídos mais secos que podiam lembrar o pica-pau, folhas que se levantavam com o vento e dezenas de outros sons que, por mais que aos seus ouvidos parecesse inacreditável, constituíam a língua daquela gente.

No começo tinha achado que eram os sons da floresta, e, sozinho na oca, uma profunda sensação de solidão o tinha apertado: foram todos embora, me deixaram aqui. Depois criou coragem e saiu por sua vez, descobrindo que não estava nem um pouco sozinho: as mulheres já entretidas em trançar cipós, moer e entalhar, as crianças que voltavam do riacho completamente molhadas guinchando feito bem-te-vis, alguns homens parados a confabular com estalos profundos e coaxos antes de deixar a aldeia rumo a sabe-se lá onde.

Antônio, sem muito o que fazer e sem poder se comunicar, viu-se na maior parte do tempo vagando pela aldeia, mantido atentamente sob controle pelos seus habitantes, que logo tinham assumido uma atitude muito paternalista em relação a ele. Já enfiar-se no sub-bosque e se afastar poucos metros da aldeia era para ele virtualmente impossível, e nos primeiros dias tiveram de cuidar dele de todas as maneiras: alimentá-lo, dar-lhe de beber e muitas vezes defendê-lo de insetos e cobras venenosas, até que os velhos concordaram sobre o que fazer. Antônio era como uma criança e com as crianças devia ficar.

E a primeira coisa que começou a lhe ser familiar foram justamente as risadas das crianças, das quais se via sempre cercado: eram numerosas e barulhentas como pardais, e tinham o riso fácil. Quando ele se aproximava do grupo de crianças que estava entretido em correr atrás de uma daquelas bolas feitas de ramagens, elas paravam curiosas, até que uma delas se adiantava, o tocava com a ponta de um dedo e depois se virava e dizia alguma coisa a todos com a sua vozinha esganiçada, provocando risadas irrefreáveis. Daquele momento em diante Antônio era cercado pelo barulho dos seus incompreensíveis piados.

Passou a seguir as crianças por toda parte: foi graças a um menino que descobriu o braço secundário e tranquilo do rio onde todos iam pegar a água de beber, e graças ao mesmo menino, um baixinho

de corrida velocíssima e olhos espertos, aprendeu logo o uso de certo tipo de folhas para beber água um pouco mais limpa; graças a duas mocinhas aprendeu a reconhecer pelo menos uma dezena de frutas e bagas comestíveis, e elas lhe mostraram — com inequívocas caretas de susto e nojo — quais não se podia absolutamente tocar. Junto com as crianças ia arrancar das plantas as folhas com que se construíam as bolas, e graças a uns dois rapazes maiores que o pegaram de mira com um preciso lançamento de pedras enquanto ele os seguia, descobriu onde e como era considerado correto fazer as próprias necessidades.

A noite na floresta caía de repente. O sol descia rumo a um horizonte que nunca se via, e onde um minuto antes um arquipélago de manchas luminosas clareava o sub-bosque, um minuto depois, assim que o ângulo do sol mudava alguns graus, estava quase totalmente escuro. Antônio tinha se deixado surpreender por essas sombras repentinas na volta do rio, aonde tinha ido se refrescar e onde tinha se demorado olhando duas gigantescas borboletas que se perseguiam à flor da água. Aquilo que não muito antes lhe tinha parecido uma trilha larga e de facílimo acesso tinha se transformado em poucos segundos na entrada de um antro escuro. Os olhos têm de se acostumar, não vai demorar muito, disse a si mesmo parando um instante, apenas o tempo de ouvir um grito estridente e ver aparecer do nada uma moça musculosa que com um longo bastão golpeou com violência o tronco no qual ele estava distraidamente a ponto de apoiar a mão. O ruído que o bastão fez não foi porém o de madeira contra madeira, mas mais parecido com o de um ovo que se quebra e espirra por todos os lados. Com a vista aguçada pela adrenalina que de repente lhe tinha entrado na circulação, Antônio viu debaixo do bastão a silhueta de uma aranha multicolorida pouco maior que a sua mão, esborrachada na casca. Exatamente no ponto em que ele estava a ponto de se apoiar. Outras três ou quatro aranhas, uma das quais realmente enorme, estavam descendo rapidamente pelo tronco. Antônio, paralisado, virou-se para a moça, que o olhou com olhos de fogo pegando-lhe a mão e puxando-o dali.

Num piscar de olhos estavam de novo na clareira da aldeia, onde muita luz ainda passava pela abertura no denso teto de árvores. A bruxa os estava esperando com evidente apreensão e o rosto dela se serenou quando os viu despontar da trilha.

Antônio teria gostado de perguntar alguma coisa, mas não tinha como formular nenhuma pergunta. A moça Olhos De Fogo soltou-lhe a mão devagar — tinha apertado tão forte que formigava — e continuou a olhá-lo demoradamente com uma expressão indescritível.

— Maaaaiaaaa! — disse-lhe por fim com o costumeiro gesto da mão que se abre de repente. — Maaaaiaaaa!

— Maaaaiaaaa! — tentou repetir ele imitando o gesto dela. — Maaaaiaaaa! São aquelas aranhas, eu entendi, eu entendi: de noite a gente se recolhe nas ocas para se proteger delas, agora eu entendi… Maaaaiaaaa! — repetiu mais uma vez de modo mais fraco, as pernas tremendo.

Olhos De Fogo continuou a olhá-lo ainda por um breve momento, depois se virou para a bruxa, que lhe disse alguma coisa, pareceu satisfeita e sumiu de vista.

2.9 Tentativas

Os primeiros dias Antônio tinha passado como simples observador: tinha posto como objetivo principal não ser comido por uma onça, não ser esmagado por uma sucuri, não morrer envenenado e mil outros “nãos”, à espera da expedição de socorro que alguém (os pais dele? A escola? O Senhor Inácio?) certamente tinha organizado. Enquanto esperava que viessem buscá-lo, tinha perambulado curioso pela aldeia, aproveitando essa ocasião única que lhe tinha calhado para conhecer de perto os usos e os costumes daquela gente tão diferente dele.

Mas tinha se posto também um dilema ético: considerando que logo iria embora, queria impactar as vidas deles o mínimo possível. Por exemplo, tinha se perguntado o que aconteceria no momento em que chegasse o socorro. Pelo modo como o tinham acolhido, Antônio não tinha sido capaz de entender se era o primeiro homem branco que eles tinham visto ou não, mas com certeza não tinham visto muitos e não recentemente: nada no estilo de vida deles fazia pensar que tivessem entrado em contato com a tecnologia do mundo moderno.

À medida que os dias passavam, porém, tinha começado a pensar que talvez, no fim das contas, vir socorrê-lo não fosse tão simples. Talvez fossem necessárias semanas ou até meses antes que o encontrassem: tinha então começado a pensar no que podia ensinar aos seus anfitriões, como sinal de gratidão por ter sido acolhido (talvez não com entusiasmo especial, lhe parecia que podia dizer, mas pelo menos não com hostilidade).

Só que, justamente, não era nem um pouco fácil. Uma das primeiras coisas que lhe veio à cabeça foi a importância de lavar as mãos. Mas vá explicar a alguém que não fala nem uma palavra da sua língua e que por certos aspectos vive na pré-história por que é útil fazer isso. Vá explicar a existência dos germes. O abastecimento de água não parecia ser um problema, mas de todo modo Antônio pensou que aos olhos deles lavar as mãos podia parecer um desperdício irracional e resolveu deixar para lá.

Muitíssimas outras coisas, quase todos os objetos que povoavam a vida dele em Macapá, estavam fora de questão: não tanto porque eles não entenderiam o uso, mas porque ele não saberia construí-las. Eu não sei fazer nada, pensou várias e várias vezes Antônio naquele período, às vezes rindo disso, mais frequentemente com uma ponta de amargura.

Poderia propor alguma inovação no método de preparo da comida, mas quem sabe, talvez eles não tivessem as enzimas certas. Que nome os indígenas te deram? “Aquele Que Dá Diarreia na Aldeia Inteira”. E além disso, no fundo, o que é que eu sei de como se prepara uma iguana? Poderia construir uma pequena barragem no rio ali perto, mas e se depois ela virasse um bebedouro para as onças? Pescando entre as suas lembranças da adolescência talvez pudesse introduzir alguma noção sobre nós, mas as ocas pareciam já ser sólidas por conta própria e de todo modo nem tinha dado tempo de formular o pensamento e já lhe tinha vindo à cabeça o seu novo potencial nome índio: “Aquele Que Fez Tudo Desabar”.

Um relógio de sol. Um relógio de sol não deveria fazer estrago. Mas o que é que esta gente faz com um relógio de sol? Talvez pudessem usá-lo para marcar o tempo naquelas partidas deles do jogo com a bola? Pronto, isso. Eu poderia trazer alguma inovação no esporte deles. Não vejo contraindicações.

Foi assim que um dia, enquanto pensava que tipo de inovação introduzir, rolou entre os pés dele a bola de folhas e cipós e barro (esperava que fosse barro) chutada por um menino, e ele entendeu o que gostaria de dar de presente àqueles indígenas tão hospitaleiros.

Alguma noção de como se construíam as bolas na antiguidade ele tinha, graças a uma aula sobre o tema que tinha preparado para os seus alunos alguns meses antes. Do dizer ao fazer, porém, havia no meio uma capivara, uma anta ou algum outro animal de dimensões adequadas cujas vísceras ele teria de usar. Havia depois a questão de capturá-lo, matá-lo, estripá-lo, limpá-lo. Se quisesse ser sonhador, eram todas operações que lhe pareciam factíveis. Mas a última, essencial operação, essa não: nem com todo o otimismo deste mundo ele podia imaginar ter a coragem de soprar dentro das vísceras de uma anta.

Antônio se sacudiu das suas fantasias inconcludentes e notou que Bochechas, o menino que tinha chutado a bola, estava a poucos passos dele e esperava que ela lhe fosse devolvida para poder continuar a brincar. Antônio a estendeu para ele com um sorriso triste e percebeu que estava com lágrimas nos olhos.

Virando de leve a cabeça, viu uma menina que lhe estendia uma fruta. Será a fruta da consolação? Se não é, deveria ser, pensou Antônio enquanto saboreava o gosto da primeira mordida, sentindo-se já melhor mas, ao mesmo tempo, não conseguindo enxotar de todo aquela sensação de impotência e inutilidade.

Na segunda mordida, enquanto segurava o bocado mais tempo do que o normal para estudar o sabor, reparou nas sementes e teve uma ideia. Pegou um punhado delas na mão, limpou-as cuidadosamente da polpa e mostrou a mão aberta à menina. Olha com atenção, menina. Olha e lembra. Quando o olhar da menina passou de “eu vi” para “e agora?” (ou assim lhe pareceu), Antônio fez um pequeno buraco no chão e ali enterrou as sementes. De novo, procurou com o olhar o dela, esperou a olhada “ok”. Depois apontou o sol, lá em cima, que se filtrava entre as ramagens da abóbada de árvores, e fez uma série de gestos que ele esperava que pudessem ser interpretados como “vão passar muitos dias”. Deu uma última olhada no montinho sob o qual jaziam as sementes e fez o gesto de “vai crescer uma planta” (que um cinéfilo apaixonado por terror poderia facilmente interpretar como “a mão de um zumbi vai despontar do chão mexendo os dedos”).

Veio-lhe à cabeça um filme italiano que tinha visto tempos antes, em que dois sujeitos que voltavam no tempo não conseguiam explicar nada nem mesmo a Leonardo da Vinci. Quem sabe, menina querida, quem sabe eu expliquei melhor do que eles e você é mais esperta que Leonardo, e se você se lembrar, se conseguiu entender o que eu te mostrei, talvez você se torne a primeira agricultora do seu povo.

A menina lhe sorriu, e o mesmo, lhe pareceu, fez a bruxa, que o estava observando a alguns metros de distância, conversando com um homem.

— Está vendo? Ele é gentil.

— Talvez sim, mas também é bobo. Está ensinando a Araci a plantar. Como se a gente não fosse capaz.

— Mas talvez ele não saiba, talvez os Estranhos como ele tenham aprendido isso faz pouco tempo. Talvez ele só esteja tentando entender como ser útil.

2.10 Formiga-Onça

Yamandé estava avaliando a situação. Aliás, não: Yamandé estava ostensivamente avaliando a situação. Aliás, nem isso: Yamandé estava ostensivamente mostrando que estudava a situação, mas na verdade não havia nada a avaliar, a situação era sempre a mesma em que acabavam se encontrando toda vez que jogavam Formiga-Onça sem os meninos maiores: ele e Piata eram os mais rápidos em subir os degraus do reino animal, e quando chegavam a Macaco e os outros ainda estavam em Borboleta, Tartaruga ou, no máximo, Tatu, ficava claro que pela enésima vez a vitória seria um assunto entre dois, ele e Piata.

Para dizer a verdade, ultimamente tinha havido duas mudanças: uma era que também Moacir tinha começado a se impor, sobretudo graças à sua coragem e aos seus mergulhos estranhos. Ainda não estava no nível deles, mas Yamandé estava estudando maneiras de aproveitá-lo do ponto de vista estratégico, para confundir e complicar a vida de Piata. A segunda mudança era que jogavam com um espectador: o Estranho, que entre as suas muitas estranhezas tinha justamente a de vir muitas vezes olhar enquanto eles jogavam. Alguns dos outros meninos ficavam intimidados, não estavam acostumados a jogar sob os olhos de um adulto, mas o Estranho parecia um adulto só fisicamente (fora aquela cor absurda dele). De resto era em tudo e por tudo uma criança pequena, menor até que Cauê, que se obstinava em jogar com eles mas continuava Formiga porque ainda não tinha força suficiente nas pernas para chegar a acertar a árvore da transformação. O Estranho parecia uma criança pequena porque não sabia falar e não sabia fazer nada de útil para a vida da aldeia. Era um mistério como tinha conseguido sobreviver tempo bastante para ficar tão alto; talvez fosse alguma coisa que tinha a ver com a cor dele.

Outra coisa que ele tinha em comum com as crianças era a curiosidade: parecia que a sua única ocupação era olhar. Toda vez que você o encontrava ele estava olhando alguma coisa: alguém que tecia, algum outro que preparava a comida; de vez em quando te seguia enquanto você ia pescar ou pegar água no rio. Mas mais do que tudo passava o tempo olhando eles jogarem. Yamandé se perguntava se, além de não saber fazer nada, o Estranho não sabia também jogar nada.

Quem sabe se ele entende as regras do nosso jogo. Talvez sim, são muito simples. Todo mundo começa em Formiga. Depois é preciso chutar a bola tentando acertar a árvore da transformação. Quem acerta se transforma no animal superior: se você era Lagarta vira Borboleta, depois Tartaruga, Tatu, Anta, Capivara, Macaco, Jacaré e por fim Onça. Depois é preciso correr para pegar a própria bola e voltar para a casa. Nesse momento o guardião pode te acertar com a bola dele, e se acertar você volta a ser o animal inferior e vira o novo guardião. Quem vira Onça primeiro ganhou.

Yamandé percebeu que estava mentalmente explicando o jogo ao Estranho, sacudiu-se e voltou a se concentrar na partida em curso, não antes de ter pensado pena que ele não entenda a Língua; quem sabe, se eu explicasse a ele como se joga ele podia jogar também, assim se divertiria um pouco!

Piata, que naquele turno era o guardião, olhava Yamandé e ria consigo mesmo. Olha só ele, como finge que está pensando, como se eu não soubesse o que ele vai fazer.

Moacir já tinha acertado a árvore e portanto tinha se transformado em Macaco, alcançando assim os dois. Mas agora era a vez de Yamandé chutar, último daquele turno. Salvo imprevistos inacreditáveis, Yamandé acertaria a árvore e viraria Jacaré. A única coisa que tinha de decidir era de que lado fazer a bola cair, aquela que depois teria de ir buscar. O mais sensato era fazê-la parar perto das bolas dos outros. Piata tinha o chute mais forte de todo o grupo, e isso provocava sempre uma debandada geral: naquela confusão não era simples mirar num jogador em particular, ainda mais se fosse rápido como Yamandé. Mas ali por perto havia também a bola de Cauê, e Piata sabia muito bem que

Yamandé não queria arriscar que o seu chute, errando, acabasse acertando justamente o pequenininho.

Pense o quanto você quiser, meu caro amigo, porque nós dois sabemos muito bem onde você vai chutar.

Yamandé sabia muito bem que, se fizesse a bola cair perto da de Cauê, Piata miraria em outra pessoa para não arriscar acertar o pequeno. Mas era uma tática que lhe parecia injusta e, como sempre, não quis aproveitá-la. Fez a mira e chutou a sua bola com um chute seco e preciso, mandando-a bater no lado direito da árvore da transformação e, em consequência, aterrissar bem longe das bolas das outras crianças. Enquanto corria para buscá-la, preparando-se para evitar o chute de Piata, com o canto do olho lançou um olhar para o Estranho e lhe pareceu vê-lo sorrir.

2.11 Tempo

A vida inteira tinha morado sobre o equador e no entanto nunca tinha se dado conta disso de verdade: os dias são sempre igualmente longos, o escuro chega sempre na mesma hora, não há jeito nenhum de perceber o passar das estações.

Na cidade era diferente, havia relógios e prazos, calendários e agendas, ritmos de trabalho, campeonatos, feriados e datas que partiam o tempo em segmentos bem definidos. Mas ali na floresta os dias escorriam indiferenciados um depois do outro, semana depois de semana, mês depois de mês. Claro, havia diferenças entre um dia e outro, pequenos acontecimentos cotidianos — aquela noite de chuva torrencial, o nascimento do filho da moça da terceira oca, o homem picado pela cobra e trazido de volta pelos outros caçadores à aldeia já sem vida, aquela onça capturada depois de uma caçada longuíssima —, mas na memória você podia dispô-los numa sequência qualquer, não tinham nenhuma colocação precisa no tempo.

E isso tornava impossível, Antônio percebeu com resignado desalento, dar-se conta de verdade do passar dos dias, dos quais de fato ele parou de guardar a conta entalhando marcas numa viga da oca depois de nem seis meses. Mais ou menos no período em que achou que ia enlouquecer.

Tinha tido a essa altura, depois de bastante tempo em que tinha afastado o pensamento, de admitir o fato de que ninguém viria procurá-lo. A essa altura certamente o tinham dado por morto; e se durante dias, durante semanas, tinha esquadrinhado o céu esperando o ronco de um helicóptero, aguçando o ouvido para escutar uma voz, um alto-falante, uma sirene, qualquer coisa que uma equipe de socorro pudesse usar para se fazer ouvir, tinha tido enfim de se render ao fato de que ninguém viria. Talvez em todo aquele vaivém de barcos e de jipes tivessem perdido o rastro dele e não soubessem nem por onde começar a procurá-lo; talvez nem tivessem tentado, porque achar um homem perdido na Floresta Amazônica é como procurar uma agulha no rei de todos os palheiros; talvez tivessem pensado que ele só podia ter morrido em poucos dias de fome e sede, ou morto por uma cobra, por uma onça (por uma aranha).

Não que não tivesse pensado em pôr-se a caminho para procurar o jipe: dali, se, se tivesse pegado a direção certa (mas como saber qual?), e se, se conseguisse não se perder de novo, não andar em círculos, não encontrar uma onça ou uma cobra, em uns dois dias de caminhada podia talvez esperar chegar à 210, onde talvez pudesse achar socorro.

Mas já chegar até o jipe era uma empreitada, tinha percebido, quase impossível. Olhando em volta na clareira onde ficava a aldeia, tinha percebido desde o começo que não fazia a menor ideia da direção a tomar: o trecho de caminho que tinha feito seguindo a bruxa ele não lembrava nem um pouco, e mesmo que se recordasse mais ou menos do ponto em que tinham desembocado na clareira, nada podia lhe dar a certeza de que a velha tivesse seguido em linha reta, aliás era praticamente certo que não. E aquele era só o último trecho: refazer durante dois dias para trás a floresta conseguindo — sem ter a menor indicação — reencontrar o jipe, ele sabia bem que era substancialmente impensável.

De resto ali não se estava mal, os indígenas eram afetuosos e gentis, o tinham acolhido com benevolência e fazia tempo que os homens lhe permitiam ir caçar com eles (embora ainda não o deixassem tocar em lanças ou flechas), as mulheres se faziam ajudar a recolher a lenha e as bagas, as crianças o adoravam: aos barquinhos tinham se seguido os aviõezinhos, cujo conceito era obviamente impossível de explicar mas que eles tinham aprendido perfeitamente a fazer voar; depois o papel do caderno tinha acabado (e também as coisas que ele sabia fabricar com papel, de resto).

Havia até duas ou três moças, um pouco baixinhas mas nada, nada mal: belos peitos, e bundas sempre à mostra, era um prazer olhar para elas.

Mas o que o enlouquecia era não poder falar com ninguém, não poder trocar um pensamento, uma ideia, uma opinião, pelo menos uma piada, jesussanto. Aquela língua de pássaros deles, toda trinados e guinchos e coaxos, era completamente impenetrável para ele mesmo depois de todos aqueles meses. Tinha mais ou menos aprendido alguns nomes, embora raramente tivesse ocasião de usá-los: com que frequência você pronuncia o nome de uma pessoa se depois não tem nada a dizer a ela? Tinha — lhe parecia ter — entendido que aquele chilreio meio arranhado significava "carne", mas para dizer a verdade poderia perfeitamente significar "jantar" ou "papinha" ou "a Fernanda cozinha um tatu de arromba". E aquele guincho com uma nota descendente no meio era "água", mas pelo que lhe constava valia para a da chuva, a do rio, a de beber nos cocos e talvez também para lágrimas e urina, vai saber.

Por outro lado, tampouco o aprendizado da língua dele por parte deles funcionava grande coisa: tinham aprendido o nome dele, que pronunciavam mais ou menos "'N't'níííííííí-ho"; as crianças conseguiam dizer de maneira quase inteligível "barquinho", mas a coisa parava por aí. Não parecia que tivessem nenhum interesse em aprendê-la, nem tinham de resto nenhuma necessidade, podendo conversar entre si quanto e como quisessem.

Antônio achava que ia morrer de falta de palavras, como é que se faz, como é que se faz, não poder falar com ninguém, é pior que ser mudo, pior que ser surdo, pior que estar perdido sozinho na floresta (meu deus, isso talvez não), eu vivia de palavras e não posso nem dizer oi tudo bem, eu não aguento, eu enlouqueço, eu me jogo no rio e me deixo comer pelos botos cor-de-rosa.

A vida na aldeia não tinha nada de errado, uma vez acostumado a ir ao banheiro entre uma sumaúma e uma palmeira, a estar nu e beber água de rio, a ser picado a cada minuto por milhões de insetos e a mastigar bem a carne de macaco; mas Antônio a achava bastante tediosa. A caça teria sido até divertida, talvez, mas mesmo deixando de lado o fato de que o horror das aranhas nunca o deixava totalmente tranquilo quando perambulava pela floresta, aquelas expedições no rastro de animais que ele conhecia pouco demais, as emboscadas, o sangue lhe davam mais ansiedade do que outra coisa. Ou talvez fosse o fato de não lhe permitirem manejar armas que o fazia se sentir um estorvo e em mais perigo do que talvez estivesse de verdade. Pescar o entediava de morte, e não se pode dizer que recolher lenha, trançar cestos, procurar bagas, frutas e cascas junto com as comadres ou apontar as flechas fossem atividades assim tão empolgantes.

E os dias eram longos, sem nada para ler, sem música para ouvir, sem ninguém com quem dizer duas palavras. Foi assim que Antônio se via cada vez mais frequentemente olhando as crianças jogarem, observando aquelas brincadeiras estranhas delas com a bola, algumas muito simples, outras cheias de regras bem complexas. De tanto olhar, parecia-lhe ter entendido todas ou quase todas. A única coisa que ainda lhe resultava incompreensível era o que determinava o fim das partidas. Sistemas para medir o tempo curto eles não tinham; o número de pontos não parecia importar; não havia nem um evento único, como ter acertado uma determinada árvore, ao qual se pudesse atribuir o significado de "fim de jogo". E no entanto toda vez, de uma hora para outra, a partida estava evidentemente terminada e as crianças, contentes, dando tapinhas amigáveis nas costas umas das outras, corriam para lanchar mamão.

Tinha notado porém que aqueles meninos, mesmo os mais pequenininhos, eram dotados de extraordinária velocidade e destreza, e uns dois deles — DuasMeias e um menino robusto de cara séria — tinham um chute realmente preciso e potente.

Por isso, numa bela tarde Antônio, farto de ficar só olhando aquelas incompreensíveis reviravoltas e indeciso entre ir se jogar no rio ou não, pôs-se em vez disso a amarrar com afinco três galhos retos, fincando depois aquele C invertido tosco no chão, na borda da clareira.

Depois se aproximou das crianças e por gestos lhes pediu que lhe emprestassem a bola. Pousou-a no chão e com um chute nem forte demais nem curto demais mandou-a para dentro do gol. Virou-se para os meninos, que o olhavam com atenção, e disse:

— Goal.

Não houve nenhuma reação. Foi buscar a bola, recolocou-a em posição diante dos pés, chutou para o gol. E de novo olhou as crianças repetindo:

— Goal.

— Gó-ííííí-al?

— Não. Goal.

Todos pareciam muito perplexos. O Sério deu de ombros, pegou de volta a bola e todos recomeçaram, em algazarra, a sua partida abstrusa.

Antônio sentou-se num tronco, decepcionadíssimo, reconsiderando a ideia do rio ou talvez a de se imolar a uma onça. Mas eis que bem no meio da brincadeira DuasMeias se destacou dos outros e — como que por uma ideia repentina — em vez de chutar contra as árvores mirou no gol e o acertou com uma canhoneira perfeita. Depois se virou para Antônio e em tom interrogativo baixinho lhe propôs:

— Go’u-alll?

Antônio sentiu o coração dar um pulo, saltou de pé, gritou:

— Goal! GOAL! Isso, muito bem, muito bem, goal, goal, GOOOOOAAAAL!

E bateu palmas e agitou os braços e as crianças todas contentes o imitaram e agitaram os braços e pularam e berraram:

— GOL! GOL! GOL!

Antônio estava feliz: talvez ainda haja esperança, talvez alguma palavra em português eles consigam aprender, talvez pelo menos dê para fazer uma pelada.

2.12 Presságios

— Ele é branco!

Ayindé, a pajé, olhava Kirimá com o seu costumeiro ar meio sério e meio zombeteiro.

— E você sabe o que é branco? O morto! Só o morto é branco!

Kirimá era mais baixo e ligeiramente mais atarracado que a média dos moradores da aldeia e tinha uma característica pele escura que o tornava único dentro de toda a tribo. Também a voz dele era única: mais sonora, e capaz de alcançar um volume que os outros só podiam sonhar.

— Pois é, você lembra os primeiros dias? Você lembra? Todo mundo tocando nele, até as crianças, todo mundo tocando com um dedo para ver se ele estava mesmo vivo ou se era um espírito da floresta!

Com um tapa seco Kirimá esmagou um marimbondo que tinha pousado no ombro dele, um gesto tão frequente que já o caracterizava. Ao contrário de todos os outros moradores da aldeia, ele não era completamente imune ao veneno de marimbondo de uma espécie em particular, cujos membros, desde sempre, pareciam sabê-lo e sentir prazer em atormentá-lo. Se para os outros uma picada daquele tipo de marimbondo não era senão uma coceira sem consequências na região atingida, para Kirimá virava motivo de um longo incômodo que podia durar até vários dias. Nenhuma das ervas que em casos como aquele traziam alívio funcionava com ele. Tinha se acostumado desde pequeno a viver assim, matando o máximo de marimbondos possível e suportando a dor dos ferrões como ninguém mais. Não se lembrava nem de um único dia em que não tivesse matado pelo menos um marimbondo, e em algumas estações não passava dia sem que fosse picado pelo menos duas ou três vezes.

Mas não tinha se resignado. Ao longo do tempo tinha experimentado dezenas de soluções diferentes para manter os marimbondos longe ou para aliviar a dor das picadas, e muitas das invenções de Kirimá tinham passado a fazer parte da bagagem de conhecimentos da tribo, tanto que ele tinha se tornado um dos adultos mais estimados pelos seus notáveis conhecimentos dos segredos da floresta.

Tinha também pendurado a sua rede ao lado da de muitas mulheres, e de algumas tinha tido alguns dos filhos mais saudáveis e mais bonitos de toda a aldeia.

— E agora? Você gosta que ele fique andando por aí com os pequenos? Um homem que não conhece a floresta é perigoso para si e para os outros, e a gente deixa ele andar por aí com os pequenos?

— Ele está aprendendo, agora não é mais perigoso.

Ayindé tinha simpatizado com Antônio, não só porque tinha sido ela a conduzi-lo à aldeia, mas porque sempre tinha achado que ele fosse realmente uma espécie de espírito, um espírito bom, porém, com o qual era preciso passar um tempo, e esse tempo passado depois voltaria para eles sob a forma de alguma grande vantagem que agora ela ainda não podia prever mas que tinha certeza de que existiria. E como falava sempre de modo muito calmo, fazia pesar assim ainda mais a sua autoridade.

— Está aprendendo? Mas ele não distingue uma anta de um tamanduá! Quanto tempo faz? Três dias? Quatro? A gente ainda encontrou ele fazendo xixi no rio sem se proteger!

— Kirimá, Kirimá, você tem de ser paciente; quantas pessoas você conhece que foram atacadas pelo candiru? Você sabe bem que não tem tantos e que não são perigosos para nós. Os velhos contam desses peixinhos minúsculos capazes de subir pelo xixi até entrar no seu corpo, mas eu te digo a verdade: eu nunca vi um tão pequeno; os que a gente encontra dentro dos peixes mortos são grandes como os meus dedos, e esses não são perigosos.

— Mas é preciso se proteger! Os nossos velhos ensinaram isso para a gente como os velhos dos velhos tinham ensinado para eles!

— Sim, é preciso se proteger, é verdade. Mas os velhos dos nossos velhos não estavam neste rio. Talvez fossem os velhos dos velhos dos velhos, agora eu já me confundo. No outro rio talvez houvesse mais candiru e fosse mais perigoso. Os nossos velhos também nos ensinaram a extrair o suco de *xagua*, mas quantas vezes isso serviu?

Kirimá sabia bem disso; outro talento que sempre tinha tido era o de se lembrar das histórias. Lembrava-se das histórias dos primeiros velhos que tinha conhecido, aqueles que tinham morrido quando ele era jovem, e lembrava-se também das histórias dos velhos atuais. A memória dele era tão formidável que fazia tempo que todos na aldeia lhe pediam que contasse as histórias dos velhos; era a maneira mais frequente de passar as noites, e Kirimá se atirava sempre com todo o espírito nessas narrativas, sentia as vozes dos seus antepassados que encontravam espaço dentro dele, sentia os espíritos que paravam para escutá-lo.

O outro momento em que lhe parecia que os espíritos da floresta paravam era quando via o seu filho Yamandé jogar com a bola. Kirimá nunca tinha estado entre os melhores com a bola, lembrava-se da cerimônia de iniciação como um dos momentos mais tristes de toda a sua existência. Mas Yamandé era diferente, sempre tinha sido um menino curioso, e assim que cresceu o bastante para começar a jogar com a bola os seus dons ficaram logo claros. Por Yamandé o bom Kirimá teria feito qualquer coisa, mas a cada dia que passava parecia que era cada vez menos necessário: crescia bem, era forte, amado e respeitado pelos amigos, tinha pés rápidos e precisos e o sorriso sempre pronto.

Os jovens estavam voltando da clareira de jogo conversando e rindo alto. A pouca distância atrás deles, Antônio ainda com o seu andar incerto depois de todo aquele tempo, ainda produzindo o barulho dos trovões a cada passo e ainda com enormes dificuldades para comunicar até as coisas mais simples. Que espírito bom que nada: aos olhos de Kirimá, Antônio parecia apenas um enorme problema não resolvido, e o fato de ele passar todo aquele tempo com as crianças não o deixava tranquilo; tinha o pressentimento de que alguma coisa ia dar errado.

Páh! Esmagou outro marimbondo e foi embora de mau humor.

2.13 Sinais

O nascer e o pôr do sol, os ciclos da lua que se entrevia fina como um sorriso entre os galhos ou brilhava redonda como uma bola de mandioca iluminando até as samambaias mais baixas: não havia mais nada para marcar o tempo em momentos.

Antônio tinha tido de abandonar a tentação, a necessidade que nos primeiros tempos era quase compulsiva, de tentar subdividir os dias em horas e minutos, de agrupá-los em maçozinhos sem sentido de nome semanas ou meses.

Não era fácil, nem depois de um certo tempo, fabricar para si uma rotina, e ele estava começando a achar que era totalmente inútil fazê-lo.

O comer não era um compromisso fixo: ninguém, num momento preciso e recorrente, punha uma mesa com uma toalha de folhas de palmeira, com meios cocos como copos e utensílios de osso como talheres. Ninguém ia ao rio a uma hora precisa encher as jarras de água, ninguém ao meio-dia tocava um sino feito com uma pedra escavada para chamar todos para o almoço: de fato não havia nenhum momento que se pudesse chamar de “almoço”, e “jantar” era simplesmente o momento, antes do pôr do sol, em que se reuniam mais ou menos todos para comer, mas também para contar histórias, beber meio coco de mistura inebriante, cantar canções de lendas distantes, ouvir as recomendações dos espíritos pela boca do xamã, fofocar sobre os vizinhos de rede.

Os ritmos eram ditados unicamente pela necessidade, pela disponibilidade de recursos, pelas decisões que, antes ainda das pessoas, era a própria floresta que tomava. A caça podia parar por vários dias se a anterior tivesse sido abundante, podia ser desorganizada ou perfeitamente orquestrada, podia ser um assunto privado ou da aldeia inteira. Assim acontecia também com a coleta: às vezes um grupinho de poucas pessoas sumia por horas e voltava com os cestos cheios de provisões. Às vezes as expedições eram muito mais numerosas e barulhentas e pareciam quase longos piqueniques.

Nem mesmo o jogo da bola, pelo qual os moradores da aldeia tinham uma verdadeira obsessão, seguia uma rotina precisa. Podia acontecer que, na volta de uma caçada, os caçadores atirassem num canto zarabatanas, arcos e flechas com as suas pontas envenenadas e tudo, e se lançassem numa partida improvisada do seu jogo estranho. Aliás, desde logo tinha parecido evidente a Antônio como às vezes as caçadas eram curtas demais, como se os caçadores não quisessem se empenhar de verdade porque já estavam com a cabeça na próxima partida. Também quando começou a segui-los nas caçadas, embora não entendesse bem a língua, lhe pareceu evidente como algumas vezes aquele empenho parecia quase pro forma, como se quisessem dizer: “Vamos fazer uma meia horinha andando pela floresta; tem algum bicho? Não, né? Rápido! Vamos voltar para a aldeia para jogar.”

O engraçado é que todos pareciam sempre atarefados e ao mesmo tempo parecia que havia infinitos, dilatados momentos de pura preguiça.

Agora, por exemplo, o aguaceiro que tinha chegado no meio do dia tinha ido embora deixando uma umidade densa que o sol, de volta havia pouco, tinha aquecido num mormaço extenuante. A floresta ainda gotejava de milhões de pétalas e folhas, e Antônio, meio deitado com as costas apoiadas num tronco, estava a ponto de cochilar, embalado pelos cantos dos pássaros que sacudiam a chuva das asas e pela algazarra das crianças que lanchavam em volta dele com a fruta recém-colhida, úmida e quente.

Conseguia captar algumas palavras cujo significado reconhecia: “come”, “bom”, “doce”, “quero”, “chuva-passada”. E “opií”, pronto, opií devia ser o nome daquelas frutas vermelhas e suculentas

com que as crianças estavam lambuzando a cara. Eu tenho de me lembrar disso, pensou. Opií. E, sonolento e distraído, traçou com o dedo as letras na terra macia ao lado da sua mão: O P I Í

Uns dois segundos depois percebeu que tinha se feito silêncio: as crianças tinham emudecido de repente. Levantou os olhos e as viu, todas as carinhas em círculo, fixando aqueles sinais no chão. Depois se erguerem para olhar para ele, uma pergunta em todos os olhos.

Sentou-se de repente: Jesusmeu, a escrita. Que ensinar a eles abstrusidades tecnológicas de pseudo Leonardo da Vinci que nada, que ensinar a eles a plantar sementes na terra que nada, coisa que eu descobri que eles já sabem fazer muito bem e sabe-se lá desde quando. A escrita, nossasenhora, esta gente não a conhece, não tem nem o conceito dela.

Exaltado por aquela intuição vertiginosa e pelas infinitas possibilidades que ela escancarava, foi com uma mão quase trêmula que pegou entre os dedos uma fruta e disse:

— Opií.

As crianças olhavam para ele.

Pousou-a no chão, perto da inscrição, apontou para ela, disse de novo:

— Opií.

Em todos aqueles olhos escuros que o observavam não leu senão curiosidade.

Então diante de si traçou na terra A N T Ô N I O, disse com voz bem clara:

— Antônio.

Depois apontou para si mesmo e de novo pronunciou:

— Antônio.

As crianças sabiam o nome dele, e por isso, mesmo sem entender nem um pouco aquela brincadeira, deram risadinhas e alguém repetiu:

— Antônio?

— Sim, Antônio.

E de novo apontando as letras, uma a uma:

— A N T Ô N I O.

Depois se levantou, foi até Bochechas e traçou no chão C A U Ê, apontando primeiro o menino, depois os sinais, depois de novo o menino. E assim fez com P I R A Í e com M O A C I R e com todos os outros, até fechar o círculo com a menininha sentada à sua esquerda: A M I A J É.

Ela o olhava com atenção e ele repetiu:

— A - A - Antônio — e depois — A - A - Amiajé — sublinhando com o dedo as inscrições, sublinhando os dois A iguais. — A-ntônio, A-miajé. A, A, A.

A menina repetiu:

— A.

Ele sorriu para ela. Ela sorriu para ele. Todos sorriam. Que brincadeira estranha.

No dia seguinte foi justamente ela que, depois de terem jogado bola a manhã inteira e se recolherem cansados à sombra de um grande ébano, se aproximou dele e com o dedinho na poeira traçou, incerta, um torto



— A?

— Ótimo, quase! Olha, assim: A

— A. Amiajé.

— Isso, isso! A, Amiajé. A, Antônio — e, olhando em volta e vendo que estavam todos à espera, reescreveu diante de cada um o seu nome: — U, U, Ubiratan — P, P, P, Piata.

As crianças riam e repetiam os sons dos seus nomes rabiscando no chão sinais mais ou menos ao acaso, mas cada vez mais precisos, cada vez mais parecidos com uns A, uns U, uns P, uns M.

2.14 Ipê

A brincadeira dos sinais tinha sido uma novidade muito bem recebida. Cada um dos meninos já sabia traçar muito bem a própria inicial, e não era raro ver uma criança desenhar com cuidado, com barro e urucum, um A ou um É na bochecha de um amiguinho, cantarolando o som: AAAA A-A A… AA A A-A-A-A!

Antônio prometia a si mesmo começar com os números, um dia ou outro, mas por enquanto não havia pressa: tinham um mundo inteiro de palavras com que se divertir.

Passar das iniciais às palavras completas foi menos fácil; os menorzinhos logo se entediaram e voltaram a brincar com lagartixas e pedrinhas, mas os maiorzinhos levaram a brincadeira muito a sério: como em todas as coisas, todas as crianças querem ir ao fundo de cada nova descoberta até tê-la desmontado e remontado do começo, até sentirem que a dominam.

Antônio, por mais que se esforçasse, não conseguiu lembrar quanto tempo tinha levado, vários anos antes, para aprender a escrever e ler o próprio nome. Tinha uma lembrança confusa de uma sala que a ele parecia enorme, de um cheiro de poeira e giz e de crianças suadas, dos dedos grudentos de cocada que lhe lambuzavam a folha. E no entanto lembrava que no aniversário da mãe já era perfeitamente capaz de fazê-lo, para soletrá-lo num cartão de felicitações com desenhos de borboletas enormes e flores impossíveis: não tinha levado tanto tempo, afinal.

E de fato não levou muito naquela sala verdíssima, entre saltos de sapos e zumbido de insetos, com lousas de terra enlameada para apagar com os pés, até que cada um soubesse traçar, ainda que com alguma incerteza, o próprio nome e, quando estava especialmente inspirado, também o dos seus companheiros.

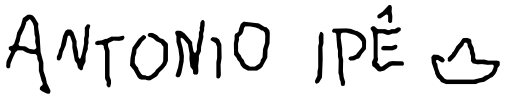
Foi assim que Antônio tentou um passo a mais. Ouviu os meninos falarem em ir ao rio: a palavra rio, “ipê”, ele já conhecia havia algum tempo, e então chamou a atenção deles e desenhou no chão I P Ê pronunciando bem a palavra e repetindo-a várias e várias vezes. Mas as crianças não pareceram entender; alguém riu, alguém deu de ombros, todos saíram correndo para tomar banho no rio. Pois é, difícil demais: uma coisa é entender que aquele sinal é você e aquele outro é o seu amigo, outra é entender que pode haver um sinal para cada coisa, que se pode desenhar no chão qualquer palavra, qualquer coisa, que se pode fazer aparecer “rio” na poeira quando ele ainda está escondido atrás das árvores; difícil demais, é verdade, pena.

Antônio se levantou e com um suspiro se dirigiu ao rio; sim, era mesmo hora de um banho.

Algumas manhãs depois, Antônio estava modelando umas duas bolas novas, um processo lento e bastante entediante que tinha aprendido com as próprias crianças, e as crianças não apareciam em lugar nenhum. Era normal: nem toda manhã as crianças se deixavam encontrar; de vez em quando partiam em grupo para longuíssimas caçadas a lagartixas ou rãs, algumas vezes passavam o dia inteiro trepadas nas árvores em busca de frutas e ninhos de pássaros, de vez em quando iam à clareira olhar os grandes jogarem. Meio farto de folhas e barro, decidiu ir procurá-las.

Não estavam jogando bola por ali e nem estavam na sombra acolhedora do *shabono*; não estavam na clareira, onde reinava apenas o incessante som das mil vozes da floresta, tão parecidas com as da língua deles. Talvez tivessem se embrenhado num daqueles infinitos lugares em que Antônio ainda não ousava se enfiar: caminhos que a ele pareciam muros intransponíveis de folhagem e sub-bosque, trilhas invisíveis aos seus olhos, árvores que pareciam impossíveis de escalar.

Meio decepcionado voltou para o descampado, resignado a passar a manhã sozinho, quando de repente viu alguma coisa no chão, perto de uma das muitas trilhas que adentravam o mato. Aproximou-se sem ousar acreditar no que via, olhando, com o coração batendo forte, os sinais gravados na terra batida:



Podia ser verdade? Enquanto com o coração aos pulos se precipitava pela trilha do rio, pensava: não, não pode ser verdade, não pode ser mesmo o que parece.

A primeira que viu, entre as folhagens perto da água, foi Amiajé, que o olhava com os olhos reluzentes de excitação, fremindo sobre as perninhas finas. Adiantou-se escondendo evidentemente alguma coisa atrás das costas, seguida logo pelas outras crianças, que tinham uma atitude entre o tímido e o gozador, todas elas com alguma coisa escondida na mão. Um dos meninos maiores criou coragem e, rindo emocionado, pegou Antônio pela mão conduzindo-o até uma curva rio acima, onde a água era muito calma, quase parada. Antônio tentou espiar atrás das costas das crianças, mas não conseguiu entrever senão folhas.

Chegando ao rio, todas as crianças se perfilaram ao longo da margem, e o que Antônio viu o deixou sem fôlego. Cada uma delas estava escondendo atrás das costas um ou dois barquinhos feitos com as largas folhas de alguma planta desconhecida. Antônio, rio, barquinhos: era mesmo uma mensagem, era uma mensagem escrita para mim. Com os olhos cheios de orgulho as crianças pousaram os seus barquinhos à flor da água e criaram uma lenta procissão verde. Os barquinhos foram levados pela correnteza preguiçosa e seguiram rio abaixo, alguns boiando leves, outros virando ou se encaixando uns nos outros.

Mas Antônio não conseguiu ver aqueles pequenos naufrágios: estava com os olhos cheios de lágrimas.

2.15 Mulheres

— Vocês acham que ele algum dia vai pendurar a rede ao lado da de alguma?

— Ele nunca… mesmo?

— Não, em todo esse tempo nunca fez isso, nem uma vez.

— Talvez não tenha interesse, talvez seja um daqueles que só gostam de jogar bola.

— Talvez ele não seja capaz. Tem muitíssimas coisas de que ele não é capaz. Vocês já ouviram contar de quando ele tentou caçar a anta? Pronto, talvez para fazer aquela coisa ele seja tão bom quanto para caçar antas.

— Ahahahah!

— Eheheheeh!

— Mas talvez não tenha passado tanto tempo.

— Ah, passou sim. Ele chegou quando a gente estava na lua de quando os tamanduás parem, e aquela lua já voltou e passou.

— Você se lembra muito bem. Você prestou atenção; será que você tem interesse? Será que você é que queria pendurar a rede com ele?

— Hihihihihi!

— Ahahaha, não, o que é que você está dizendo! Todos os espíritos cairiam na risada! Embora já tenha passado tanto tempo desde que eu pendurei a rede com alguém que quase quase…

— Eheheheheh! E você acha que ele ia te querer, uma macaca ressequida como você?

— Melhor uma macaca do que aquele velho tucano depenado que você é.

— Ahaha! Velho tucano eu? Mas se você é a avó de todas as sucuris!

Antônio tinha se tornado rapidamente o queridinho não só de Ayindé, a pajé que ele tinha tomado por uma bruxa, mas também de todas as idosas da aldeia: a sua falta de jeito e o seu ser diferente tinham trazido uma agradável lufada de novidade, e mesmo tendo passado meses desde a sua chegada ele continuava a enfileirar micos, alimentando risadinhas e fofocas. Ainda penava muitíssimo com a língua, e mesmo tendo aprendido algumas palavras não era o bastante para fazer um discurso nem rudimentar; mas percebia assim mesmo que era objeto de grande diversão para elas. No fim das contas a coisa não o perturbava tanto: certamente melhor provocar risadas do que rancor ou outros sentimentos negativos, e de todo modo as senhoras o tratavam bem e o ajudavam quando ele metia na cabeça alguma tarefa improvável.

Não, dali não vinham problemas. As que Antônio temia eram as mulheres jovens. Naqueles meses de permanência Antônio tinha observado usos e costumes da aldeia com mais cuidado do que teria feito um antropólogo: na pior das hipóteses um erro de um antropólogo se traduziria numa pesquisa

errada, ao passo que Antônio temia que um erro seu na abordagem de algum tema delicado pudesse lhe causar sérias encrencas. E que tema mais delicado do que as relações com o outro sexo?

Não que ele não gostasse de arranjar uma moça, mas simplesmente não sabia como se comportar. Já em Macapá, no ambiente em que tinha nascido e vivido, nunca tinha sido um dom-joão; aliás, sempre tinha sido bastante desajeitado nas aproximações, como demonstrava a história com Isabel, que depois de todo aquele tempo ainda lhe ardia um pouco. Ali ele simplesmente não sabia por onde começar. A única coisa que tinha entendido era que não parecia haver nenhuma cerimônia de casamento ou coisa parecida. A criação de novos casais acontecia de uma maneira que o fascinava pela sua simplicidade: a certa altura um homem pendurava a sua rede ao lado da de uma mulher (ou vice-versa: já tinha visto vários casos em que era a mulher que tomava a iniciativa) e a partir daquele momento aquilo era um casal. Só isso.

Mas como esses casais tinham origem era ainda totalmente obscuro para ele. Plantar uma rede aqui ou ali como se nada fosse lhe parecia grosseiro demais; tinha certeza de que havia alguma forma de corte que precedia aquele momento, mas não conseguia identificar a dinâmica. Bastava um jogo de olhares e depois já ia direto para a rede? Ou era preciso se mostrar simpático por um tempo? E como, o que é que se oferece a uma moça aqui, um coco, uma cobra morta, uma lagartixa para lanchar? E como saber se por acaso algum homem mais bem-visto do que você (ou seja, todos os outros homens da aldeia) já estava interessado naquela rede em particular?

E além disso, de todo modo, eram jovens demais, demais. Antônio pensava nas alunas da escola em que dava aula: não, nem se cogitava. Antônio entendia que ali, na aldeia, aquele era um tabu só dele, mas não importava: tabu era e tabu continuava. Isso o levava a tentar evitar as moças em idade "de casar", às vezes com consequências constrangedoras, como na noite em que tinha visto uma jovem vir decidida na direção dele com uma rede nos braços. Antônio tinha se levantado de repente da sua, tropeçando e quase indo de cara no chão; depois, tomado pelo pânico e sem saber o que mais fazer, tinha quebrado o gancho de madeira que lhe servia de suporte: "Aqui não se penduram redes". A moça tinha continuado a avançar do mesmo jeito, sorrindo na direção dele, e depois passou direto pelo posto dele, sem sequer olhá-lo, para ir pendurar a sua rede ao lado da de um jovem alto com elegantes desenhos ocre no rosto, deixando o pobre Antônio de queixo caído e provocando grande hilaridade em umas duas idosas que tinham assistido à cena.

Havia uma moça, para dizer a verdade, que certamente tinha alguns anos a mais que as outras e no entanto não tinha filhos e nem ele nunca a tinha visto pendurar a rede com alguém. Tendia a ficar meio afastada, tinha alguma coisa que a diferenciava das outras: os traços tinham algo de diferente, os desenhos que fazia na pele tinham um estilo só deles, assim como tinha um jeito particular de arranjar as flores que usava como enfeite, e também os cestos que trançava tinham nós que… bom, Antônio, você a observou muito bem, pelo jeito, para alguém que decidiu não ter nada a ver com mulheres; muito bem para alguém que não quer ter encrenca; um pouco bem demais, visto que você poderia descrevê-la centímetro por centímetro. Sim, vamos admitir, eu gostaria de conhecê-la melhor. Talvez eu pudesse tentar dar de presente para ela um pouco daquelas bagas amarelas que todo mundo parece apreciar tanto, quem sabe embrulhadas numa bela folha lustrosa; talvez eu pudesse acrescentar até uma flor, ou quem sabe uma rãzinha azul. Maldita língua, se eu ao menos soubesse pronunciar duas palavras; eu gostaria até só de saber qual é a história dela.

2.16 Janaína

Há histórias que não se contam, ou que só se contam para si mesmo, quando se está sozinho, quando se pode pensar em como um lugar pode parecer distante, em que tempo longuíssimo podem ser duas vezes dez luas.

Que o lugar de onde vinha a moça afastada, aquela que se pintava de modo diferente, fosse tão longe a ponto de ser inalcançável era mais do que tudo uma esperança dela. O nome dela era Janaína e fazia quase dois anos que ela tinha deixado a sua aldeia.

— Mais cedo ou mais tarde eu mato ele — tinha dito Janaína a Guiomar.

— Shhhh! Mas o que é que você está dizendo, você é louca?

— Eu não aguento mais, não sei mais o que fazer.

— Não é você que tem de saber. Quem sabe são os espíritos. E os espíritos decidiram que você é a mulher de Yarimi, não há mais nada a saber.

— Na verdade foi Yarimi que disse que os espíritos disseram isso; para mim os espíritos não disseram nada.

— Shhhhh! Mas então você é louca de verdade! Mas o que é que você está dizendo? Você sabe que é Yarimi que fala com os deuses; por que é que eles iam falar com você?

— Para me explicar por que eu tenho de ficar com aquele animal e fazer sempre o que ele diz.

— Os espíritos hão de saber, e com certeza não é para você que eles têm de dizer, e sim para o chefe da aldeia. E além disso eu acho que os espíritos estão bravos com você porque já passaram muitas luas desde que ele te pegou e você ainda não teve filhos.

— E ainda bem que não vieram. É fácil para você falar assim. Os deuses te destinaram àquele bom homem do Tooru, não àquele bugio. Se ele tentar me tocar mais uma vez eu mato ele de verdade.

Mas daquela vez Guiomar não tinha dito “Shhhh”. Daquela vez tinha se limitado a fixar aterrorizada um ponto atrás das costas dela.

Janaína tinha se virado e tinha visto Yarimi, que tinha despontado detrás de uma palmeira com o silêncio do vento parado e a olhava com olhos maus.

O plano era simples. Ela o atordoaria com a bebida da mudança e, quando ele desabasse adormecido, agiria. No fundo do coração lamentava um pouco não ter a coragem de matá-lo de verdade, mas o espírito maligno era ele, não ela. E uma aldeia que se deixa guiar por um maligno é uma aldeia má: fugir era uma decisão fácil, sem arrependimentos, e ela não entendia como é que não tinha lhe ocorrido antes. Iria até o rio, pegaria uma canoa e remaria enquanto tivesse forças, até a mais distante das aldeias. Muitas luas antes tinha estado em duas dessas aldeias para cerimônias de paz e de troca de presentes, e lhe tinha parecido que eram povoadas por pessoas gentis. A dela era a pior aldeia de toda a floresta, tinha decidido Janaína; e se os espíritos tinham sido tão maus a ponto de mandá-la para lá e emparelhá-la com aquele bugio, bom… Janaína não ousava completar o pensamento, mas no fundo do coração estava claro que aqueles espíritos não mereciam respeito, e com certeza não era mais tempo de suportar aquela desgraça.

Yarimi adorava a bebida da mudança. Naquela noite Janaína, mantendo os olhos baixos, tinha servido a ele sem parar, oferecendo até a sua própria parte como sinal de desculpa pelas palavras feias que tinha dito à tarde.

O momento crítico era depois da quarta cuia: em geral Yarimi a essa altura ficava exaltado e bastava um nada para fazê-lo ficar violento. Mas naquela noite tinha ficado mais calmo que o normal. Tinha bebido também uma quinta cuia e no meio da sexta tinha caído adormecido e bêbado.

O destino está do meu lado, tinha pensado Janaína, olhando a lua quase cheia cuja luz se filtrava entre as folhagens o bastante para lhe permitir entender por onde estava caminhando, sem fazer barulho e sem acordar ninguém. Tentava não pensar em como seria acolhida na nova aldeia, concentrando-se em cada passo, satisfeita com o próprio silêncio. Sorria ao pensar que essa habilidade e a de remar, as duas habilidades que lhe seriam essenciais para a fuga, tinham sido ensinadas a ela pelo bugio. Pelo menos para alguma coisa ele tinha servido. Estava tão concentrada em escutar o próprio silêncio que a princípio não tinha entendido o que fora aquele som fortíssimo que ouvira assim que pôs um pé fora do limite da aldeia. Que espécie de bicho podia ser?

Yarimi tinha muitos defeitos, alguns dos quais às vezes ele mesmo estava disposto a admitir. Mas não era um estúpido. Os espíritos nunca teriam posto um estúpido à frente da aldeia. Tinha se perguntado longamente por que os espíritos lhe teriam impingido aquela mulher desrespeitosa e desobediente que nem conseguia lhe dar um filho, mas agora estava tudo claro: era uma prova para temperar o seu espírito. Naquele dia teria a ocasião de se livrar dela, e já no dia seguinte poderia tomar outra mulher; só tinha de decidir qual.

Naquela noite ele não tinha bebido nem um gole da sua amada bebida. Toda vez que a mulher lhe trazia uma cuia ele apenas encostava os lábios, dando um pequeno gole que, assim que ela se afastava, cuspia de volta na cuia, para depois esvaziá-la no chão. Depois da sexta cuia tinha decidido que a encenação estava completa e tinha fingido adormecer, tendo o cuidado de manter a faca bem ao alcance da mão.

Quando tinha ouvido Janaína se levantar, tinha apertado a mão no cabo e tinha esperado a agressão. Para sua grande surpresa a mulher não tinha tentado matá-lo, mas tinha se encaminhado para fora da oca. Yarimi então a tinha seguido para entender que intenções ela tinha, e quando viu que ela estava saindo da aldeia entendeu: aquela mulher amaldiçoada pelos espíritos tinha decidido abandonálos. Uma afronta pior do que qualquer outra: ninguém abandonava a aldeia de que Yarimi era chefe. Tinha inspirado fundo e depois lançado o grito de alarme a plenos pulmões.

Se tivesse tido tempo de pensar, Janaína teria se perguntado onde tinha errado, como é que o seu plano tinha fracassado tão cedo e tão miseravelmente. Talvez tivesse se interrogado sobre o papel que os espíritos lhe tinham reservado, ou talvez até tivesse pensado que tinha errado tudo, que deveria ter aceitado a mensagem dos espíritos e viver a vida que lhe tinha sido posta pela frente.

Mas Janaína não tinha tido tempo de pensar. Só de agir e de correr. Despertados pelo grito de Yarimi, que depois de uns dois segundos ela tinha reconhecido aterrorizada, já alguns dos guerreiros mais capazes da aldeia tinham acordado e começavam a correr de um lado para outro tentando entender o que estava acontecendo e o que fazer. Na confusão ela tinha visto que alguns deles se encaminhavam justamente para o rio, cortando a via de fuga que ela tinha traçado. Tinha mudado rapidamente de rumo, afastando-se do rio e embrenhando-se no denso da floresta. Alguém a tinha visto correr e, chamando ajuda, tinha se lançado em sua perseguição. Conscientemente ela não sabia para onde estava correndo, corria e pronto, mas o instinto a estava guiando para o ponto que representaria talvez a sua salvação ou talvez o fim. Com certeza o ponto decisivo da sua aventura.

Tinha continuado a correr desabaladamente e, quando emergiu do denso das árvores ainda com um pouco de vantagem sobre os perseguidores, tudo ficou claro, também literalmente.

A lua iluminava as rochas, a água reluzente do rio e o impressionante, altíssimo e estreito salto da cachoeira. Era mais alta que a árvore mais alta de toda a floresta: a água despencava passando entre duas estreitas lajes de rocha para ir se lançar num pequeno lago muito mais abaixo. As lendas da aldeia narravam de algum antigo que tinha sido valoroso a ponto de se atirar, e muitos jovens atrevidos falavam com frequência em ir tentar, mas nenhum vivente jamais tinha tido a coragem.

Janaína não tinha se atirado logo. Tinha parado na beira da cachoeira fixando o ponto de onde sairiam os perseguidores, esperando que entre eles estivesse Yarimi para lhe mostrar quem dos dois era o mais corajoso. E assim aconteceu. A luz da lua não era forte o bastante para lhe permitir ver os olhos dele, mas não tinha sido preciso. Dava para intuir perfeitamente a mudança de expressão: da convicção de tê-la capturado à dúvida, à incredulidade quando ela se virou e pulou lá embaixo.

Fazia já dias que ela vagava pela floresta seguindo o curso do rio, sem encontrar ninguém. Não tinha problemas para conseguir comida e água, e o quase milagroso êxito da fuga lhe tinha dado uma força de espírito enorme. Não estava em dificuldade. Mas aquela longa solidão começava a inquietá-la um pouco: não esperava que não houvesse aldeias por um trecho tão longo depois da cachoeira. Melhor assim, viu-se pensando, quanto mais longe eu for, melhor.

Era o entardecer do quinto dia, era quase hora de procurar um lugar para passar a noite, e naquele momento, por cima dos sons dos papagaios, ela ouviu vozes de crianças além das árvores.

2.17 Palavras

— O que o Estranho faz com as crianças, aqueles sinais, é magia?

— Não, Kirimá, não é magia — disse Itátakûara bocejando, enquanto se balançava preguiçosamente na rede. Não parecia muito interessado. — O Estranho se chama Antônio, você sabe, e não é capaz de fazer magia nenhuma, eu te garanto. Na aldeia inteira não há ninguém com quem os espíritos possam ter menos vontade de se envolver do que com ele. É só uma brincadeira, não fique pensando nisso.

— Mas que brincadeira boba é essa? Os sinais a gente pinta no corpo, não desenha na poeira com um graveto. É uma brincadeira boba, nunca se viu, não gosto.

— Deve ser uma brincadeira que as crianças Estranhas deles fazem. Não se preocupe com uma brincadeira. Não é perigosa, é?

— Não… não, não parece que eles possam se machucar. Mas eu não gosto.

— Você não gosta de um monte de coisas, Kirimá — o xamã deu uma risadinha, acomodando-se melhor dentro da rede. — Deixa eles em paz, são só crianças, estão só brincando.

Aquela brincadeira tinha se revelado utilíssima para Antônio, que, sem tê-lo de modo algum previsto, se viu, tendo de escrevê-las, aprendendo um monte de palavras novas, fazendo progressos na Língua muito mais depressa do que antes.

Mas as crianças tinham descoberto bem cedo, à medida que ganhavam familiaridade com os sinais — e apesar de a língua delas ser pouquíssimo adequada a ser escrita —, que aquela brincadeira lhes fornecia um extraordinário meio de comunicação secreto, do qual os adultos e os velhos não sabiam nada, um formidável instrumento para escapar ao controle deles.

Você podia traçar IPÊ fora do *shabono* e as crianças que tivessem acordado mais tarde que as outras saberiam que os companheiros tinham ido brincar lá no rio. Se você via OPIÍ perto da trilha, sabia que os amigos tinham ido fazer estoque de frutas; se encontrava PUTÚ gravado no barro macio da margem, podia correr para a clareira para jogar bola com os outros.

Era cômodo ver ao lado do fogo AYINDÉ DOCE, porque você entendia que a pajé tinha preparado a sua deliciosa papa de mandioca e mel e com um pouco de destreza podia conseguir surrupiar pelo menos um punhado; e era útil ler ao lado da entrada da oca YBOTYRA RAIVA, porque você sabia que a velha Ybotyra estava num dos seus dias de mau humor e era melhor que as crianças ficassem bem longe se não quisessem levar pedrada.

Um pouco menos útil — mas que Antônio, aliás orgulhosíssimo dos progressos dos meninos, sabia ser inevitável — era o uso daquela nova arma nas controvérsias entre eles: a um ofensivo CAUÊ ANTA traçado bem no meio do descampado tinha se seguido um sanguinário MOACIR COCÔ escrito ainda maior, logo antes de Antônio obrigar os dois, ambos ofendidíssimos, a fazer as pazes.

Foi assim que ele não se espantou tanto quando numa tarde os ouviu rindo às gargalhadas e, aproximando-se do grupo que ria desengonçadamente até as lágrimas, viu que bem embaixo da rede de Itátakûara estava traçado com grande cuidado ITÁ GRANDE BARRIGA. Deveria ter dado uma bronca, é claro, mas olhando o abdome — objetivamente imponente — do xamã que, enquanto ele estava beatamente mergulhado no sono, balançava lentamente transbordando da rede feito uma

enorme manga madura demais, não conseguiu fazer outra coisa senão abafar uma risada, enquanto em volta dele os meninos se rolavam no chão hilariados.

Riu porém muito menos — aliás, ficou vermelho de constrangimento, e agradeceu aos céus por ter ensinado aquela brincadeira perigosíssima apenas às crianças — quando alguns dias mais tarde, saindo de manhã cedo da sombra do *shabono*, viu de relance um bando de meninos saindo em disparada, fugindo em todas as direções para se esconder rindo entre as ramagens, e se viu diante dos pés, bem na soleira, decorada com três pedras redondas, a inscrição ANTÔNIO AMA JANAÍNA.

2.18 Longe

— Eu te digo que é aquela, tenho certeza absoluta — insistiu Yamandé. — Eu já não te contei um monte de vezes? Leeenã me disse: olha bem para ela. Olha bem, porque esta lagarta não é como todas as outras. Esta é a coisa mais gostosa que você vai comer na vida. Fez um buraco na mandioca, pôs ela dentro, e tinha razão. Nunca mais comi nada tão gostoso e nunca mais esqueci que aspecto ela tinha; você não sabe faz quanto tempo que eu espero encontrar ela de novo. Eu te digo que é aquela.

— Eu sei que você já me contou várias e várias vezes — retrucou Piata —, e eu te repito que o problema não é esse. O problema é que ele nunca vai comer.

— Mas se é gostosíssima, eu te digo. Por que é que ele não ia comer?

— Porque ele tem nojo de lagarta.

— Ele tem nojo de lagarta?

Dessa vez não foi só Yamandé que se espantou, mas também quase todas as outras crianças:

— E como é que você sabe?

— Porque eu observei e notei que ele nunca come.

— Mas você deve ter se enganado; tudo bem que ele é Estranho, mas nem ele pode ser tão estranho assim, todo mundo gosta de lagarta. Eu digo para levar para ele e você vai ver que ele vai ficar contente. Fala a verdade: você não quer levar porque quer comer você mesmo.

Piata refletiu sobre o que fazer e depois decidiu que a situação era grave o bastante para merecer a revelação do seu grande segredo.

— Não. Eu te digo que ele não gosta de lagarta. E você sabe por que isso não me parece estranho? Porque eu também não gosto.

— Você não gosta de lagarta?

— Não. E não só não gosto: eu tenho nojo mesmo.

— Você tem nojo de lagarta.

— Tenho.

— E por que é que você come?

— Porque eu tenho de comer.

A revelação foi tanto mais chocante considerando que Piata era o maior de todos eles, aquele que comia mais e de tudo, ou assim eles sempre tinham acreditado.

Entre as crianças baixou um longo silêncio.

Foi Moacir que o interrompeu:

— Eu também não gosto. Só que eu nunca como.

— E como é que você faz? — perguntou-lhe Piata, com os olhos iluminados pela esperança.

— Eu finjo que como, depois, quando ninguém está olhando, escondo entre os ossos descarnados ou onde der.

— Esperto!

— Mas então, na sua opinião, tem mesmo o perigo de ele não gostar? — perguntou um decepcionado Yamandé.

— Tem.

— Que pena. Eu queria mesmo dar um presente para ele em troca da bola estranha que ele preparou para a gente.

— Eu também. Você vai ver que a gente acha outra coisa. E não fique triste: você está de novo a ponto de provar aquele sabor de que você diz que gosta tanto.

Pois é, a lagarta especial. Olharam em volta, mas ela parecia ter sumido. Depois notaram que Cauê tinha se afastado do grupo, e o viram do outro lado da clareira, enquanto se aproximava de Antônio estendendo-lhe alguma coisa. Daquela distância não podiam ver o quê, mas estavam todos certos de que era uma mandioca recheada. Puseram-se a correr gritando o nome do amigo.

Antônio observava Cauê estender-lhe uma raiz com dentro uma enorme e revoltante lagarta. Estava quase certo de que era um gesto de boa vontade do menino, quem sabe um agradecimento pela bola de borracha que ele tinha construído no dia anterior. Mas comer a lagarta? Até então tinha sempre conseguido evitá-las, pescando carne, peixe e vegetais das bandejas e deixando as lagartas de lado, coisa que com certeza devia agradar aos indígenas, já que pareciam ser gulosos por elas. Mas agora não tinha escapatória. Talvez pudesse levantá-la, dá-la ao menino e comer a mandioca? Enquanto pensava nisso, Cauê deu uma bela mordida naquele sanduíche recheado incomum, mastigou, disse “Ang-uááá”, que Antônio já tinha aprendido que queria dizer “gostosíssimo” (como confirmava a cara do menino), e com um sorrisão pôs o resto da iguaria nas mãos de Antônio.

Antônio havia tempo tinha perdido a noção do tempo. Tinha uma vaga ideia de quanto tempo tinha passado desde a sua chegada à aldeia, mas se alguém lhe tivesse dito que naquele momento eram 9 horas, hora do Rio de Janeiro, de onze de setembro de 2001, Antônio, observando a lagarta esborrachada na mandioca, certamente lhe teria respondido (num português cada vez mais incerto por falta de uso):

— E o que é que eu tenho com isso? Eu tenho problemas bem mais urgentes para resolver.

Cinco mil quilômetros mais ao norte, num lugar tão distante sob todos os pontos de vista que poderia perfeitamente estar do outro lado do universo, Isabel fixava atônita a televisão. Fazia muito tempo que não pensava em Antônio. No ano anterior tinha voltado a Macapá para resolver algumas questões e tinha ficado sabendo que ele constava ainda como desaparecido na floresta e que a essa altura não havia mais esperança de encontrá-lo.

Agora, de uma hora para outra, voltou-lhe à cabeça o quanto o tinha impressionado a tragédia daquele avião cujo piloto tinha decidido se suicidar espatifando-se no mar com todos os passageiros, e ela pensou: ainda bem que você morreu, querido Antônio. Assim não teve de ver este horror.

No enésimo replay do segundo avião que se espatifava contra o WTC, Isabel se sacudiu, pegou uma mochilinha, pôs dentro o celular, duas garrafas. Os meios de comunicação do mundo inteiro devem ter enlouquecido. Vamos ver se precisam de uma intérprete. Com uma risada histérica concluiu o pensamento: “Se?” Ha ha. E saiu correndo de casa.

2.19 Copa

Senhoras e senhores, boa noite. Ao vivo de Tóquio transmitimos para vocês Holanda-Argentina, pelas quartas de final do campeonato mundial de futebol de 2002. Os times já estão entrando em campo, a Holanda com a tradicional camisa de bolinhas ocre e a Argentina com o seu belo uniforme de listras marrons. O público é o das grandes ocasiões: pelo menos 30 crianças, muitíssimos papagaios e um número impreciso de insetos e animais perigosos. Mas silêncio, é o momento dos hinos nacionais.

Antônio interrompeu a narração que estava fazendo consigo mesmo, ordenou "A'iybó" e as crianças se puseram em fila, que era exatamente o que ele esperava que fizessem. Um movimento de orgulho o atravessou, mitigado pela forte dúvida de que o tivessem feito não pela impecabilidade da sua pronúncia, mas porque já tinham entendido o que fazer.

Eram as terceiras quartas de final. Nas primeiras, o Japão tinha surpreendentemente batido a Itália, para o desgosto de Antônio, que não queria pilotar os jogos mas secretamente torcia por resultados mais realistas. Nas segundas, a Alemanha tinha resolvido a Dinamarca por 8 a 5. Para completar o chaveamento viria depois Brasil-Croácia. Antônio disse "Holanda!", apontou as bolinhas ocre e começou a cantar o hino, acompanhado com grande entusiasmo pelos jogadores holandeses:

— Poropó, poropó, poropopppopopppopopó. Poropó, poropó, poropopppopopppopopó.

Fazia já algum tempo que as crianças pareciam ter absorvido bem as principais regras do jogo de futebol, e Antônio já tinha organizado também alguns torneios da aldeia, embora fossem torneios que se desenrolavam mais na cabeça dele do que na realidade, já que Antônio logo tinha desistido de explicar os conceitos de grupos, classificações e pontuações, e o que tinha aprendido da língua deles certamente não servia para a tarefa.

Talvez não houvesse palavras adequadas à tarefa em toda a língua deles, que eles chamavam de "Aca-aaaaa!", simplesmente "Língua". De todo modo as crianças jogavam, ele reconstruía as classificações por conta própria e todos ficavam contentes assim. Alguma coisa podia ser feita para melhorar mais, sempre se pode melhorar mais, mas a Antônio não vinha à cabeça o quê.

Até que uma noite, uma daquelas relativamente poucas noites em que ele repensava no mundo que tinha deixado para trás, lhe veio a ideia do que fazer. O pensamento tinha voado para a Copa da Coreia e do Japão. Antônio tinha calculado, levando em conta as gestações que tinha visto chegarem a termo, que provavelmente estava na floresta havia dois anos e meio ou três: portanto a Copa de 2002 devia ter acontecido havia pouco ou talvez estivesse até em curso naquele momento. Antônio pensou que introduzir elementos rituais como as cores dos times e os hinos nacionais podia ser ao mesmo tempo divertido e compreensível para as crianças.

Na manhã seguinte, assim que acordou, aplainou com cuidado um pedaço de terra bem abrigado onde traçou com um bastão pontudo a tabela dos jogos da primeira fanta-Copa amazônica. Para não complicar demais as coisas tinha decidido pular a fase de grupos e passar direto às quartas de final. Tinha escolhido todas as grandes seleções, menos a França, cuja vitória contra o Brasil na Copa de 98 era uma afronta ainda fresca e dolorosa demais para poder ser perdoada. Na fantasia de Antônio, portanto, a França do maldito Zidane tinha sido retumbantemente eliminada pelo país-sede.

Além disso, para tornar compreensível a associação entre a tabela e os jogos, tinha decidido não usar as bandeiras nacionais, e sim as cores dos times. Cores que depois pintaria diretamente nos corpos ainda verdes dos seus jogadores.

Aqui surgiu o primeiro problema: depois de ter criado os dois primeiros times, tinha decidido pintar os jogadores do “Japão” com um belo círculo vermelho no peito, coisa com a qual Yamandé e companhia pareceram ficar entusiasmados. O círculo vermelho era tão bonito que também os jogadores “italianos” queriam que pintassem um neles, e foi preciso não pouca paciência para convencê-los a ser pintados com onduladas listras pretas.

O segundo problema apareceu no momento dos hinos nacionais: Antônio tinha se dado conta de que da seleção japonesa não sabia praticamente nada, a começar justamente pelo hino, e tinha decidido que no lugar dele usaria a Marselhesa. Mas primeiro tinha emendado com o *Fratelli d’Italia*, que era o único hino, com exceção do brasileiro, cuja música ele lembrava bem e algumas palavras também. E o “Poropó, poropó” inicial tinha provocado tanto entusiasmo entre as crianças que não houve jeito de convencê-las a aceitar músicas diferentes daquela. A Marselhesa foi imediatamente acolhida por gritos de protesto: as crianças do “Japão” se sentiram injustamente discriminadas e deram a entender que queriam elas também o “Poropó, poropó” inicial. E foi assim que Antônio transformou o *Fratelli d’Italia* de hino nacional em canção de abertura das partidas. A vinheta da Copa, na prática.

Ao introduzir os seus jovens amigos no futebol, Antônio estava resolutíssimo a evitar que fossem sequer roçados pelo conceito de erro de arbitragem, e tinha prometido a si mesmo ser o mais imparcial possível. Depois da derrota da Itália contra o Japão — mas onde é que já se viu —, deu-se conta porém de que, se queria se divertir mais ele também, tinha de intervir na fase de composição dos times.

Outro ponto firme da sua ação, de fato, era o de evitar como a peste a formação de times fixos: não queria correr o mínimo risco de criar turmas e facções numa aldeia de quinhentas pessoas. Posto que a composição dos times tinha de variar de partida em partida, portanto, mais valia pilotá-la um pouco, não para criar favoritismos mas para aumentar o realismo (aos olhos dele) do jogo de interpretação.

Os jogadores à sua disposição eram uns trinta meninos e seis meninas, entre os seis anos e a idade da iniciação. Nas quartas de final seguintes tinha composto os times de modo que a Alemanha ficasse um pouco mais forte e “musculosa”, enquanto tinha destinado à Dinamarca as crianças mais ágeis. Holanda-Argentina, em compensação, tinha de ser um jogo mais equilibrado, e por isso Yamandé e Moacir tinham ido parar no primeiro time e Piata e Ubiratan no segundo, e também os jogadores mais fracos ou menores tinham sido divididos mais ou menos por igual.

Yamandé e Piata, além de serem os dois jogadores mais fortes, eram também bastante unidos e tinham feito uma leve careta de desagrado ao pensar em jogar separados. Não temam, vocês vão ver que para a próxima partida, com a camisa verde-amarela, vocês voltam a ficar juntos, pensou Antônio dando um sorrisinho.

2.20 Cinza

Antônio estava a uns dez metros de altura; ao longo de toda a casca da árvore em que tinha subido com agilidade, tinha praticado incisões verticais com as robustas unhas de um grande tamanduá, oportunamente trabalhadas para deixá-las afiadas. Das incisões uma preciosa resina cor de amarelo claro tinha começado a jorrar e, oportunamente canalizada pela forma das próprias incisões, a confluir para uma grande cuia ao pé da árvore. Duas enormes lagartas amarelas com grandes pintas vermelhas e brancas, que a Antônio pareceram de dimensões modestas, caminhavam preguiçosas num galho a pouca distância. Uh, estas são gostosas, pensou Antônio, vou dar de presente para alguém.

Olha para você, Antônio, você é um de nós, a gente da aldeia não tinha uma palavra para se referir a si mesma, você está descendo de uma árvore cujo nome em português você não conhece, com duas enormes lagartas gelatinosas na mão que você pretende comer junto com os seus amigos. Os pensamentos lhe fluíam na língua local, deixando espaço ao português apenas para aquelas palavras que não existiam ou que de algum modo eram intraduzíveis.

O tumulto começou justamente quando ele tinha iniciado a descida, operação complicada pelo fato de ele estar segurando as lagartas com a mão direita. Um grito desumano tinha partido dos fundos de uma das ocas maiores e já numerosas pessoas estavam acorrendo, abandonando os seus afazeres.

Antônio entendeu na hora que alguém tinha morrido, sentia isso dentro de si; um grito daqueles não podia significar outra coisa.

Eles não tinham uma boa relação com a morte, consideravam-na uma intrusa. Nas histórias deles havia um tempo em que a morte não existia e o povo da aldeia podia viver eternamente. Naquele período tinham encontrado uma tribo adversária poderosa que tinham conseguido derrotar, e a morte era o castigo por terem ousado tanto. Esse era o relato fundamental que era repetido sempre: a morte é o castigo por ter combatido contra outros seres como nós; não se deve mais combater, e um dia talvez a morte nos abandone e vá embora.

Mas não naquele dia. Chegando ao chão, Antônio já tinha certeza de que o morto era alguém importante e amado. Em geral a reação à morte era tanto mais brutal e raivosa quanto mais importante fosse o defunto dentro da comunidade, e o comportamento de quem tinha acorrido não deixava espaço para dúvidas: pareciam enlouquecidos e cegos de fúria.

Os gritos logo alcançariam todos, inclusive quem caçava e jogava longe dali, e no espaço de uma hora no máximo a aldeia inteira se reuniria na fase de violenta reação à morte. Ninguém tentava canalizar ou parar essa raiva; ao contrário, muitas vezes os mais velhos eram também os mais raivosos, e o comportamento deles fomentava os mais jovens e até as crianças. Continuariam assim a gritar e a escoicear o ar, a se agitar e a se sacudir, a bater no peito e nas pernas com violentas palmadas até cair exaustos no chão, o que para alguns dos mais fortes significava várias horas de padecimento.

A floresta reagiu ao estrondo primeiro amplificando-o: pássaros e macacos de todas as espécies acrescentaram o seu grito ao dos homens e das mulheres, criando um retumbo realmente impressionante. Depois, com o prolongar-se descontrolado da dor, os animais abandonaram o campo e deixaram um anel de silêncio em torno das explosões de raiva, criando mais um efeito extraordinário, uma espécie de eco distante e grave gerado pelas próprias árvores.

Não!

A primeira coisa que Antônio viu foram os pés. Por algum motivo Antônio, sem sequer se dar plenamente conta, era capaz de distinguir quase todos vendo apenas os pés, pés de planta sólida mas incrivelmente flexível, calejados mas excepcionalmente sensíveis.

Não!

Não tinha dúvida, mas quis se convencer de que não era verdade, de que não podia ser, de que era perfeitamente possível se enganar.

— Não! — o grito em português se perdeu entre os gritos de quem estava em volta dele. — Não! Não! Não!

Estendida no chão, de olhos fechados, jazia Ayindé, a expressão curiosamente relaxada, os cabelos espalhados em volta da cabeça formando uma espécie de auréola.

A bruxa.

Quantas coisas Ayindé lhe tinha ensinado, a pajé, a bruxa? Tudo. Antônio sentiu subir dentro de si a mesma raiva que os outros já estavam exprimindo. Nunca lhe tinha acontecido antes; em geral se limitava a assistir de lado a essa primeira expressão de dor, mas dessa vez era diferente. Começou a gritar e a se agitar como os outros e em pouco tempo perdeu a noção do tempo e do espaço.

Quando reabriu os olhos estava deitado na terra úmida; o ar quente da tarde envolvia a aldeia, enquanto muitos dos mais resistentes, homens e mulheres, ainda vibravam naquilo que tinha se transformado numa espécie de dança fúnebre. Os velhos já estavam compondo o corpo e construindo a pira funerária: no meio de quatro grandes pedras foi empilhada uma grande quantidade de lenha, sobre a qual foi apoiada uma laje da mesma pedra em que deitar o corpo. Todos os bens da defunta seriam queimados na pira, e as coisas que não pegassem fogo seriam recolhidas e atiradas no rio. Uma vez queimada a carne, os ossos seriam recolhidos e queimados à parte até serem reduzidos a cinza.

Antônio observou com um estranho distanciamento todo o procedimento: o fogo que partia da resina e inundava a lenha, que subia alto e envolvia a pajé confundindo-se com o avermelhar do pôr do sol, o corpo que lentamente enegrecia e desaparecia deste mundo, os ossos.

As cinzas foram recolhidas por quatro jovens, dois homens e duas mulheres, e levadas ao alto do teto de árvores que cobria em parte a aldeia, pelo menos a vinte metros do solo, e depois lentamente deixadas cair feito neve sobre as ocas, sobre as pessoas, sobre tudo. Sob aquela nevada terrível, os primeiros caçadores que tinham partido para a caça especial já estavam voltando. Todos iriam banquetear e beber até as forças os abandonarem. A duração do banquete dependia do quanto o defunto era proeminente, e naquele caso não duraria menos de três dias e três noites.

Os primeiros cantos já se erguiam; as mulheres e os mais jovens iam até os velhos entoando canções antiquíssimas, das quais Antônio não captava senão alguma palavra, com o propósito explícito de aliviar o espírito deles. Os adultos que não estavam ocupados em alguma tarefa ouviam passivamente essas melodias e raramente se permitiam um meio sorriso, os olhos cheios de lágrimas. Logo a carne estaria cozida e a bebida alcoólica, a água da floresta, começaria a correr.

Os parentes mais próximos da mulher misturaram um punhado das cinzas à sua porção de água da floresta, e Antônio foi convidado a beber um gole; nunca tinha acontecido antes.

O que Antônio sentiu foi uma sensação de completude: a alma da bruxa tinha entrado dentro dele. Comeu e bebeu sem medo por três dias e três noites, e quando acordou na alvorada do quarto dia entendeu que alguma coisa dentro dele tinha mudado para sempre.

2.21 Felicidade

Caro caderno… Antônio passava com frequência um tempo consigo mesmo falando sozinho; não, havia uma palavra mais certa, jornal? Caro jornal… não, também não. Diário! Caro diário! Então: caro diário, eu me encontro aqui deitado numa rede cercado de meninos que correm e riem e pela primeira vez eu tenho de te confessar que estou feliz. Não posso acreditar que estou tão bem. Jogo futebol todos os dias, ou o jogo da bola deles que no começo eu esnobava e que agora, no entanto, me parece lindíssimo; virei uma espécie de educador oficial das crianças da aldeia e, bom, estou feliz. A maior preocupação destes dias é que eu não consigo achar um jeito de explicar a eles o conceito de frio. Cheguei a contar do gelo dizendo que de vez em quando a água vira pedra, entre risadas, mas o frio ainda não consegui entender como contar.

— Bo-la?

Yamandé, que durante tanto tempo Antônio tinha chamado dentro de si de DuasMeias, perguntou com o seu sorriso de sempre usando a palavra portuguesa.

— Eu queria descansar um instante — respondeu Antônio usando a língua da aldeia.

— Bo-la! — insistiu Yamandé mostrando a bola.

Puxa, estes meninos não cansam nunca… como todos os meninos do mundo, de resto, mas estes me parecem espertos e ativos como poucos que eu já vi.

— Está bem, está bem, bola, bola — disse em português, como de vez em quando fazia. Era uma espécie de gesto de afeto: às vezes lhe vinha espontâneo e às vezes sentia mesmo a necessidade de se lançar em longos monólogos na sua velha língua, mesmo sabendo muito bem que não podiam entendê-lo. — Mas nada de tiros, hein? Foi a manhã inteira que eu fiz vocês fazerem tiros e corridas longas, eu não queria nunca que vocês se machucassem. Eu sei, vocês são jovens e quando a pessoa é jovem sempre acha que é invulnerável; mas vocês têm de entender cedo quando é hora de forçar e quando é hora de descansar.

Yamandé o olhou com ar divertido, como sempre quando ouvia aquele idioma desconhecido:

— Rápido, os grandes estão caçando, os pequenos esperam no campo! — disse na Língua.

— No campo, é? Então partida, então a gente descansa amanhã…

Antônio não estava verdadeiramente preocupado; aqueles meninos, com ele ou sem ele, teriam jogado o dia inteiro de qualquer jeito, e provavelmente faziam assim havia gerações. No máximo se sentia responsável pelo fato de estar tentando orientar o preparo físico e técnico deles, e não queria quebrar nenhum equilíbrio nem muito menos nenhuma fibra muscular.

Chegando ao campo, porém, os primeiros adultos já estavam voltando da caçada. A regra era que na presença de adultos os mais jovens não tinham acesso à clareira, podiam ficar apenas de lado. Antônio tinha ensinado a eles a torcer um pouco, porque tradicionalmente os jogos de bola eram acompanhados em silêncio, quem sabe conversando mas com certeza não gritando. A chegada dos grandes tinha deixado nos meninos um véu de decepção: teriam de voltar para a aldeia e deixar caminho livre aos que tinham direito. Daquela vez, porém, foi diferente: um dos caçadores se aproximou de Antônio e, falando devagar, lhe disse:

— Os outros ainda estão caçando; a gente joga com os pequenos?

Nunca tinha acontecido. Podia acontecer que um dos meninos mais habilidosos participasse de uma partida, quem sabe para substituir alguém que tinha se machucado ou que estava ocupado em outro lugar, mas grandes contra pequenos nunca se tinha visto, a não ser esporadicamente, quem sabe dois contra dois ou três contra três.

— Joguem devagar, por favor — respondeu-lhe Antônio, temendo que algum contato físico um pouco violento demais pudesse machucar algum dos "seus" meninos.

— Não devagar, forte, fortíssimo, assim eles viram homens antes — respondeu o adulto com um tom que não parecia nem um pouco irônico. — Mas no seu jogo, no futebol, não no jogo da bola.

Sim, pensou Antônio, eu sei, o jogo da bola é sagrado.

Os meninos entenderam na hora e se tornaram a imagem da felicidade: gritavam, corriam pelo campo, se abraçavam, eram a alegria personificada, e tudo isso antes ainda do pontapé inicial.

— A gente faz como você diz, Antônio, a gente faz as flechas envenenadas e o arco esticado demais, está bem?

Antônio assentiu com um grande sorriso estampado no rosto; bastava a ele que jogassem e que se divertissem. Nem tinha certeza de que todos eles tivessem claros os nomes dos esquemas que ele tinha introduzido havia pouquíssimo tempo e mais como brincadeira do que como coisa séria. E além disso já não eram crianças, mas ainda eram todos uns meninos, de todo modo pequenos demais; eram conceitos difíceis demais.

Os pequenos começaram tímidos e desajeitados; era preciso entendê-los, tinham pela frente os grandes caçadores da aldeia, os homens mais fortes e mais respeitados. Erravam os passes, perdiam a bola, os esquemas de Antônio geravam apenas uma grande confusão. A cada gol que levavam ficavam cada vez mais murchos, uns dois deles muito perto das lágrimas.

Depois, de repente, alguma coisa se acendeu na cabeça dos meninos e o arco esticado demais começou a funcionar. Os laterais ajudavam os centrais na fase defensiva e os adultos se viam constantemente com dois ou três pequenininhos entre os pés, e segurar a bola ficava cada vez mais difícil. E olha que hoje eu fiz eles correrem e eles deviam estar cansados, pensou Antônio. Continuaram a errar os passes e a perder a bola, mas a defesa agora segurava, e no quatro ou cinco a zero os grandes caçadores não conseguiam mais marcar nem sequer chegar perto demais do gol.

Antônio viu Yamandé que continuava a confabular com uns dois companheiros: ele está lembrando a eles as flechas envenenadas, deu-se conta. Estava também esperando a ocasião certa. Um caçador perdeu a bola no meio de campo, assediado por três pequenos adversários endiabrados; a bola chegou aos pés de Yamandé, que por duas vezes se lançou num arranque e numa mudança de direção que deixou o seu adversário a vários metros de distância. Chegando à vista do gol, fingiu o chute e em vez disso serviu um passe precisíssimo para um dos seus três companheiros que, com timing perfeito, tinham se infiltrado entre os defensores adversários: as flechas envenenadas.

Antônio contemplou a longa parábola do passe sentindo uma sensação totalmente nova: foi um momento de beleza, de silêncio, de crescimento. Os olhos dos adversários estavam perdidos na surpresa, os olhos dos seus meninos eram como os da onça. Não é verdade que tudo depende: quando tudo é tão preciso, quando há toda essa vontade e essa alegria, não depende mais. A meia-bicicleta de Jaci, um dos meninos maiores, saiu do pé dele a uma velocidade incrível, filha do timing perfeito. O

goleiro ficou imóvel e talvez nem tenha dado tempo de ver a bola entrar no gol. Yamandé já estava comemorando como Antônio tinha lhe ensinado, os braços para o alto, correndo na direção de um companheiro para abraçá-lo. Dentro de si, de algum modo, ele já sabia com grande antecedência que a bola ia entrar; dentro de si já sabia que não dependia mais.

Este é o melhor time de futebol que eu já tive, pensou Antônio feliz como nunca.

2.22 Histórias

— Antônio, você é capaz de construir tudo?

A voz fina de Janaína interrompeu um longo monólogo sobre futebol feito de lembranças imprecisas e esquemas traçados com um bastão no chão. Antônio se virou espantado e a olhou com ar interrogativo, enquanto os meninos que o cercavam se levantavam e saíam correndo.

— Você conta sempre da sua aldeia e das coisas que existem na sua aldeia; você sabe construir essas coisas? Por exemplo, você é capaz de construir o grande pássaro luminoso?

— O avião? — perguntou Antônio em português. — Não, não sou capaz, nem sou capaz de construir as ocas de vocês — concluiu passando para a língua local.

— Mas você viu todas aquelas coisas, não viu? Por que é que você não sabe construir? — insistiu Janaína, que tinha a particularidade de gesticular muito mais do que os seus companheiros enquanto falava, porque também para ela a língua da aldeia não era a língua materna. Isso dava um tom enfático a tudo o que ela dizia e sublinhava a sua presença física e o seu corpo, sobre o qual Antônio não conseguia evitar pousar os olhos.

— Porque são coisas difíceis — Antônio às vezes se espantava com quantas coisas conseguia dizer usando o seu vocabulário ainda relativamente limitado. — São precisos muitos homens e muito pensamento.

Um pouco mais adiante duas mulheres mais velhas estavam entretidas em acender um fogo; uma delas interveio rindo:

— O Antônio não é capaz nem de acender o fogo!

— Sou capaz sim! — respondeu ele. — Eu levo muito tempo, mas sou capaz!

Uma risada coletiva fez surgir em Antônio a dúvida de ter dito alguma coisa de modo errado.

— Conta alguma coisa bonita da sua aldeia — pediu de novo Janaína sentando-se ao lado de Antônio, muito perto, os joelhos quase se roçando.

— Uma coisa bonita?

Quase todas as histórias dele giravam em torno do futebol, dos campeonatos do mundo, dos grandes jogadores, de alguma experiência sua. Não fazia de propósito: sentia-se limitado pela língua, e o futebol era um assunto bastante simples de traduzir e que interessava a todos. Onde depois não chegava com as palavras podia chegar demonstrando, por gestos, desenhando. O futebol tinha sido a sua porta para aprender a língua. Agora, porém, queria contar a Janaína uma coisa que ele considerava bonita no seu mundo, uma coisa de que sentia falta.

— Na minha aldeia, mas não só, no mundo inteiro, existem uns fios… — Como contar aquilo numa língua desenvolvida dentro da Floresta Amazônica, adequada e desenvolvida para um povo de caçadores? — E nesses fios passa o pensamento dos outros; a gente chama isso de “Internet”; se você se liga a um desses fios pode ver o que os outros pensam.

— Ver? — perguntou uma das mulheres que antes estava tirando sarro de Antônio, fascinada.

— Sim, ver, porque dentro desses fios passam os pensamentos que depois vão parar numa coisa que a gente chama de “tela”; e se a gente olha para a tela, vê os pensamentos. Ah, é como quando a gente desenha no chão: a terra é a tela e mostra a vocês o que eu estou pensando, certo?

— Eu nunca tinha pensado nisso… — interveio Janaína.

— Sim, quando você desenha está fazendo sair uma coisa que você tem dentro — como é difícil dizer isso nesta língua — e através dos fios que existem no mundo você pode estar até muito longe e o seu pensamento chega do mesmo jeito na tela.

— Mas longe quanto? Como até o rio? Como até as bacabeiras?

Antônio sabia que o conceito de distância era bastante vago para os moradores da aldeia; já mais de uma vez tinha tido enormes dificuldades para lhes falar do mundo inteiro.

— Longe, longe quanto você quiser; pensa na coisa mais longe que você conhece.

— A lua.

— Pronto, longe como a lua.

— Dá para ouvir os pensamentos da lua?

— Não, os pensamentos da lua não; eu não sei se a lua tem pensamentos. Mas uma vez uns homens foram até a lua e a gente podia ouvir as palavras deles através de fios invisíveis especiais.

— Fios invisíveis?

— Sim.

— Que vão da terra até a lua?

— Sim.

Antônio se deu conta de como aquelas palavras deviam soar inacreditáveis, levando em conta que havia gente que usava aqueles fios e no entanto não acreditava que o homem tivesse ido à lua. Esperava uma manifestação de ceticismo e em vez disso observou com espanto Janaína olhar em volta com ar sonhador e lhe perguntar:

— Tem também aqui, fios invisíveis?

Antônio levou alguns segundos para se recuperar da surpresa, antes de responder:

— Tem.

— Mas a gente não consegue ver porque não é capaz de construir a tela, certo?

— Certo.

— Que pena — concluiu Janaína. — Eu gostaria de ver. E não tem esperança de você aprender a construir, né?

— Não, eu sinto muito.

2.23 Revelações

A notícia de que Antônio conhecia as histórias mais estranhas já ouvidas na aldeia se espalhou, e uma curiosidade que eles nem sabiam que tinham se apoderou dos seus moradores.

Parecia impossível saciá-los, ajudada também pela Língua, que obrigava Antônio a longuíssimas paráfrases para tentar descrever o que era muito difícil, se não impossível, descrever. O resultado ficava sempre entre o engraçado e o mágico; a cada história o público aumentava, e logo Antônio se viu, durante as suas narrativas, cercado pela aldeia inteira à escuta.

No fundo não é muito diferente de quando eu estava na rádio; aliás, acaba que aqui eu tenho mais ouvintes. Por falar nisso…

— Não existem só os fios que a gente vê, existem também os fios invisíveis…

— Como aquele que vai até a lua! — interveio Janaína com os seus gestos amplos e uma nota de orgulho na voz.

— É por isso que a lua fica no céu! Ela está presa num fio! — reforçou outra voz.

Antônio retomou:

— Através desses fios invisíveis passam as vozes das pessoas…

— Mas não passavam os pensamentos? — perguntou uma mulher idosa.

— Não, irmã — interveio de novo Janaína —, os pensamentos passam nos fios de verdade, aqueles que você pode ver! Nos fios invisíveis passa só a voz!

E também as imagens, minha querida, mas isso talvez eu explique numa outra vez…

— Todo dia eu falava dentro de uma armadilha para a voz que pegava as minhas palavras e as distribuía pelos fios invisíveis. A gente chama isso de “rádio”, e serve para falar com as pessoas como eu estou fazendo com vocês. Só que quem escutava não precisava estar na minha frente, podia estar até na oca dele, podia estar até ao ar livre, até longe.

— Longe quanto? Como até as bacabeiras? — perguntou-lhe uma moça exatamente no momento em que Antônio estava se arrependendo de ter tocado de novo no assunto “distância”.

— Até a lua! Até a lua! — respondeu Janaína pondo mais ênfase do que nunca.

— A minha voz, porém, não chegava até a lua; digamos que chegava mais ou menos até as bacabeiras, talvez um pouco mais além — concluiu Antônio, enquanto a decepção se apoderava de Janaína, que no fundo do coração esperava que Antônio fosse capaz de falar com a lua. — É o jeito que a gente tem de contar histórias. Cada um continua fazendo o que está fazendo e enquanto isso escuta a minha voz.

— Mas escutar todos juntos é bonito! — interveio um adulto, um dos caçadores.

— Os jovens aprendem melhor! — disse um velho.

— Se você escuta a voz não escuta os barulhos; como é que você caça? — argumentou o primeiro caçador, encerrando a questão.

Antônio olhou em volta, sentia sobre si o olhar de todos, em particular o de Janaína, que, recuperada do choque da notícia de que Antônio não falava com a lua, estava elaborando alguma das suas ideias esquisitas.

— Que estranha a sua aldeia — disse ela por fim com um grande sorriso. — Tem os fios onde passa o pensamento e os fios invisíveis que levam a voz. Vocês não podiam pôr o pensamento diretamente nos fios invisíveis?

— Mas sabe que é uma boa ideia? Aliás, tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde vai ser exatamente assim, os pensamentos vão viajar nos fios invisíveis.

— Antônio — era uma robusta e maternal avó de muitas crianças que falava. — Mas você não sente falta da sua aldeia, da sua tribo?

Antônio não esperava uma pergunta tão direta, uma pergunta que em todo aquele tempo ele nunca tinha sequer se feito de modo tão simples e que o emocionou mais do que esperava.

— Não, não muito, estou bem aqui, agora a minha tribo são vocês. Pronto, dos meus pais e das minhas irmãs, claro, eu sinto um pouco de falta… e talvez de uma moça que eu conhecia… — disse Antônio dando-se conta de repente de como já estava distante a sua vida anterior.

— Ela pendurava a rede dela ao lado da sua?

— Não, não, ahn… — respondeu Antônio com um sorriso constrangido, olhando Janaína. — Ela não queria…

— Foi por isso que você foi embora?

— Eu me perdi, essa é a verdade. Na minha aldeia não iam deixar mais os meninos com quem eu estava jogar bola, e aí eu decidi deixá-la por um tempo, mas me perdi.

Essa afirmação provocou um sobressalto em todos os membros da aldeia, que começaram a discutir entre si animadamente. Dois membros anciãos se levantaram muito carrancudos e se puseram no centro do círculo:

— Jogar bola! Como é que se pode proibir de jogar bola?

— Será que o campo pegou fogo? Mas mesmo nesse caso basta esperar alguns dias!

O alvoroço entre os ouvintes não parava, e Antônio aproveitou para se recuperar da onda de emoções que o tinha atropelado.

— No fundo vocês também me impediram durante muito tempo de jogar o jogo da bola de vocês; na minha aldeia não era muito diferente. Um homem velho não permitia mais que os meus meninos jogassem.

— Se ele tivesse impedido você de jogar — disse o primeiro dos dois anciãos —, o homem velho teria sido sábio: você não é bom com a bola! Mas ele impediu os seus meninos de jogar, e isso não é sábio.

— Estou realmente contente de ter encontrado vocês — concluiu Antônio balançando a cabeça.

2.24 Saudade

Muito tempo antes, Antônio tinha lido um artigo sobre as palavras únicas nas várias línguas do mundo, aquelas que são difíceis de traduzir porque é difícil dar conta do seu significado. A única palavra portuguesa que aparecia entre as dez primeiras era ‘saudade’, e Antônio lembrava de ter achado graça, porque de fato era um sentimento que sempre lhe tinha parecido pouco compreensível a ele também.

O significado era claríssimo para ele, obviamente, mas custava-lhe fazê-lo seu e entender como é que se podia sentir saudade de qualquer coisa, como pareciam fazer muitos dos seus conhecidos. Tinha suposto que isso se devia pelo menos em parte ao fato de nunca ter deixado Macapá; mas também as suas irmãs faziam sempre as mesmas coisas e viviam até na mesma casa de família em que tinham nascido, e no entanto falavam sem parar da saudade, de um amigo que não viam havia tempo, da professora da escola, de um prato que comiam quando meninas, de um brinquedo…

E agora que vivia na floresta havia sabe-se lá quanto, tinha tido a confirmação definitiva de que a saudade não depende do lugar em que você vive. De algumas coisas ele sentia pena: sentia pena de pensar que os pais e as irmãs o acreditassem morto, mas estranhamente não tinha saudade deles (embora disso se envergonhasse um pouco). Nos primeiros tempos sentia pena de não dar mais aula, de não explicar futebol, de não falar na rádio; mas passado o terrível período da incomunicabilidade, agora que podia conversar com os seus novos amigos não tinha o mínimo lamento pelos velhos tempos. Havia só duas coisas de que sentia saudade.

Uma era o futuro. Antônio a essa altura estava muito bem no seu mundo novo e certamente não se entediava, havia sempre coisas para fazer ou histórias para contar; mas no estilo de vida do povo com quem vivia faltava quase completamente o progresso. Dali a dez anos eles fariam as mesmas coisas mais ou menos do mesmo jeito como as estavam fazendo agora.

Isso era em grande parte tranquilizador, mas de vez em quando Antônio não podia se furtar a pensar com uma pitada de melancolia no ritmo vertiginoso do progresso do mundo que tinha abandonado. Quem sabe que inovações tinha havido no campo da informática, por exemplo. Quase com certeza agora as páginas de internet carregavam ao dobro ou até ao triplo da velocidade; e com aquele troço, Napper ou como é que se chamava, quem sabe agora dava para ouvir álbuns inteiros ou talvez até ver os filmes! Mas com certeza tinha havido também novas guerras, e considerando que o homem sempre achava o jeito de usar a tecnologia também para fazer mal, talvez alguém já tivesse conseguido encontrar e explorar o lado escuro das novas tecnologias? Esse pensamento assomava toda vez e o ajudava a manter em surdina o lamento pelo mundo fora da floresta.

A forma de saudade mais pura, porém, ele sentia pelo avô. Ricardo Paulo Almeida Carvalho tinha nascido em Macapá em 1918. O estado de semi-isolamento da cidade, que para tantos conterrâneos tinha sido uma ótima desculpa para ficar plantados ali no chão, tinha em compensação estimulado em Ricardo a vontade de viajar, de conhecer o Brasil e o mundo. Vinda a guerra, em 1943 tinha se alistado imediatamente no exército. Como morrer em batalha seria um empecilho ao seu plano de conhecer o mundo, tinha escolhido uma especialização que o mantivesse razoavelmente longe da linha de frente. E foi assim que se viu na Itália como corneteiro da banda da Força Expedicionária Brasileira, combatendo no apenino emiliano e tocando o hino do Brasil e o da Itália em Montese e depois, aos poucos, em todas as outras cidades libertadas.

Antônio lembrava pouquíssimo das histórias dele daquela época, porque na maioria das vezes não diziam respeito a batalhas, que ele teria escutado de bom grado, e sim ao encanto das moças de Bolonha e de Módena, e ouvi-las contadas na frente da avó o constrangia não pouco. Agora escutaria

de bom grado também aquelas histórias, mas já não havia o avô para contá-las, e esse talvez fosse o principal motivo da sua saudade. Seja como for, Ricardo tinha depois voltado ao Brasil no fim da guerra, aquartelado no Rio de Janeiro, onde conheceu uma mulher cujo encanto superava por várias medidas o das emilianas (por quantas medidas superava dependia de a avó estar presente durante a história ou não) e onde, sobretudo, subiu nas fileiras da banda militar tendo em vista a primeira Copa do Mundo de futebol do pós-guerra, que aconteceria justamente no Brasil em 1950.

A história daquela Copa e do seu trágico epílogo é conhecida de todos os brasileiros. Antônio lembrava perfeitamente, como se a tivesse ouvido um minuto antes, a vez em que a ouviu narrada pelo avô: era 1978, e o Brasil tinha acabado de ser espoliado da final pela Argentina depois da partida-escândalo com o Peru. Ricardo tinha chamado o decepcionadíssimo Antônio de onze anos, na sua primeira Copa vivida como telespectador consciente, e o tinha acomodado nos joelhos. Tinha chamado para o seu lado também o filho Italo, pai de Antônio, e começado a contar.

— Vocês acham que isto é uma decepção? Agora eu vou contar para vocês a história de uma decepção de verdade. Aliás, a história que deveria aparecer no dicionário no verbete "decepção". Eu nunca te contei antes, Italo querido, porque é uma história dolorosa demais e eu decidi que a contaria uma única vez na vida: hoje me parece o momento certo.

Ricardo era um grande narrador e Antônio gostava muito de escutar as suas histórias de esporte; mas gostava mais ainda de viver ano após ano novas histórias junto com ele e de ouvi-lo contá-las, de maneira tão apaixonada e empolgante que ele quase duvidava de ter visto a mesma partida. Infelizmente as histórias recentes acabavam todas mal: o roubo de 78, a derrota surpresa contra a Itália em 82, a derrota nos pênaltis contra a França em 86, de novo a maldita Argentina em 90. Depois, finalmente, em 94 tinha chegado uma nova vitória. Ricardo adorava as partidas com a Itália, porque lhe lembravam os tempos da guerra, da sua juventude e das simpáticas emilianas. E também porque em geral acabavam bem. Quando Baggio mandou o pênalti final por cima do travessão, Ricardo tinha sorrido com o sorriso de quem viu no cinema o final que desejava e tinha dito à família reunida em volta da televisão:

— Agora que finalmente eu vi um final feliz junto com o Antônio, posso morrer feliz.

Não tinha sido um modo de dizer: Ricardo se foi poucas semanas depois, com nos lábios o sorriso que não o abandonou mais.

Quatro anos depois o Brasil se espatifou na final, de novo contra a danada França. Antônio sentiu uma sensação de pura, doce, amaríssima saudade: por certos aspectos ficava contente de que o avô tivesse escapado dessa nova decepção, mas na verdade as histórias mais divertidas dele tinham sido as relativas às derrotas, e Antônio teria gostado de ouvir que insultos fantasiosos ele teria reservado ao maldito Zidane.

— O Antônio está de novo com os olhos de história — disse Yamandé a Piata. — Vamos pedir uma história para ele.

— Antônio, você está com os olhos perdidos no céu, mas é uma bela tarde. Você conta uma das suas histórias para a gente?

— Hã? Ah, sim. Está bem.

— Éééééé! — gritaram entusiasmadas as crianças menores.

— Uma com um mau, por favor! — pediu Moacir.

— Mas simpático… — suplicou Cauê, que com o passar do tempo não tinha perdido as suas bochechas redondas.

— Vocês querem uma história com um mau simpático? Está bem, então. Fiquem à vontade, que eu vou contar para vocês a história de Paolorossi.

2.25 Adultos

— Você, quando for Homem, o que é que quer fazer?

— Como assim?

— O que eu te perguntei. O que você quer fazer a partir de amanhã, quando a gente tiver virado Homem?

Estavam reunidos no lugar preferido deles de toda a floresta, uma enorme árvore de ébano a meio caminho entre a aldeia e o rio: sentados nos grandes galhos que serviam de assentos confortáveis, encolhidos sob as enormes folhas que os protegiam da chuva que naquele dia batia com insólita insistência naquela zona em que a vegetação era relativamente mais rala. Chuva que tinha feito os papagaios pousarem como flores variegadas nos galhos, de onde os observavam grasnando baixinho entre si. As pétalas das helicônias estavam lustrosas e vermelhas como nunca. Era um momento perfeito.

Piata respondeu como se Yamandé lhe tivesse perguntado o que o sol faria depois de se pôr. O sol nasceria e depois se poria de novo, a chuva pararia de bater e depois recomeçaria, e enquanto isso as plantas continuariam a crescer, os animais a comer as plantas ou a se comer entre si.

— Vou fazer o que se faz quando a gente vira homem: vou continuar a fazer parte da aldeia, com as responsabilidades dos homens. Por quê, você quer fazer o quê de diferente? Eu nem entendo por que você me pergunta isso.

— É fácil para você falar assim. Aceitar a vida como ela vem. Você é o maior e mais robusto de nós e nem é burro demais — Yamandé se interrompeu brevemente para desviar do chute que Piata tinha tentado lhe dar. — Você é até maior do que muitos nascidos antes de nós e todo mundo te respeita. É natural que, quando chegar a hora, você seja o Ancião da aldeia.

— Mas o que é que você está dizendo? Mas quem é que se importa. Mas você sabe quanta água vai descer do céu antes que isso possa acontecer? Eu não quero virar Ancião e sobretudo não quero pensar nisso agora. Você sabe que virar Ancião quer dizer que falta pouco para a sua morte. Por que é que eu deveria pensar nisso agora? Que pensamentos são esses, você tem tanto medo de amanhã?

— Eu não tenho medo de amanhã, você sabe. É o que vai acontecer depois de amanhã que não me deixa descansar quando durmo. A gente vai ser Homem. E depois? O que é que a gente faz quando é homem? Por que é que tem de ser diferente virar homem?

— Eu sei o que eu quero fazer depois que eu virar Homem — disse Moacir, sentado uns dois galhos mais abaixo, interrompendo a laboriosa incisão do seu nome que estava historiando no tronco. Esperou que todos se virassem para ele e depois acrescentou: — Eu quero ir ver o mundo.

Alguns arregalaram os olhos, alguns começaram a rir.

— Mas que mundo? — Yamandé entendeu na hora que Moacir estava falando sério, e entendeu também de onde tinha nascido aquela ideia. Até porque, embora não quisesse admitir, ele também tinha pensado nisso. — Você quer ir ver a aldeia do Antônio, ver Macapá? — continuou.

— Quero. E não só. Quero caminhar pelo mundo que existe fora da floresta, quero ir ao Maracanã, quero usar todos os instrumentos de que o Antônio falou para a gente, quero ver as pessoas que jogam todos aqueles jogos estranhos. Quero subir no grande pássaro luminoso.

À medida que ele falava, os outros tinham parado de rir; mas a ousadia dessa última afirmação os tinha emudecido por completo, os tinha deixado sem palavras e sem fôlego. Não se ouvia nada além do costumeiro tapete sonoro da floresta, que por cima das folhas do ébano parecia até amplificado.

— Mas você enlouqueceu? Você bebeu a bebida dos sonhos antes ainda de virar Homem?

Foi Piata que recomeçou a falar (e Yamandé pensou na hora: e eis o primeiro discurso dele de Ancião).

— Chegar a Macapá é impossível. E mesmo que fosse possível, por que é que alguém iria querer? O Antônio veio para cá de Macapá e ficou aqui. Quer dizer que aqui é melhor.

— Talvez. Mas ele viu as duas aldeias e depois escolheu. Eu quero ver também, antes de escolher.

— E a coitada da Araci? Você sabe que ela mal pode esperar para pendurar a rede dela ao lado da sua. Você quer abandonar ela assim?

Piata sabia que Moacir ficava constrangido de falar de moças, e era o truque a que recorria sempre quando queria calá-lo. Mas não naquela noite.

— Se ela quiser, vem comigo — retrucou seguro um Moacir que naquela noite estava decidido a espantá-los até o fim.

Mas tinha parado de chover, os papagaios tinham alçado voo de novo e Yamandé aproveitou para quebrar o constrangimento que tinha se criado no grupo:

— Chega de falar, a chuva acabou, vamos pedir os últimos conselhos ao Antônio para amanhã.

2.26 Iniciação

O rito de iniciação dos meninos era em grupo e consistia numa partida do Jogo da Bola entre o time dos adultos (para o qual eram selecionados os mais fortes, como uma verdadeira seleção da aldeia) e um time composto pelos dez meninos maiores entre os que ainda não tinham sido iniciados. Perto da entrada do *shabono* havia a palmeira da iniciação: à medida que um menino ficava alto o bastante, colhia um coco e entrava no grupo dos próximos iniciandos. Quando o décimo menino colhia o fruto, o time estava formado e começavam os preparativos para o rito, que tinha lugar três dias depois.

Piata e Yamandé eram os dois meninos maiores entre os que não tinham sido incluídos na fornada anterior, e na safra deles tinha havido uma leve queda nos nascimentos; portanto tinha passado bastante tempo desde a cerimônia anterior. Mas quando, dias antes, Ubiratan tinha sido o nono a colher o fruto, eles tiveram um arrepio: sabiam que já faltava pouco.

Todos achavam que o décimo coco seria colhido por Ubirajara, ou talvez por Tainí, mas numa manhã um radiante Cauê se apresentou a Itátakûara, o xamã das cerimônias, com um coco na mão.

— Obrigado, Cauê, mas eu não estou com fome agora — respondeu-lhe Itátakûara, entendendo mal o que estava acontecendo.

— Não — Cauê balançou a cabeça. — Não é para comer. É o coco da cerimônia.

— Cauê! — Itátakûara o tinha admoestado franzindo a testa pintada de vermelho. — Você sabe que com essas coisas não se brinca.

— Eu estou feliz, mas não estou brincando.

— E você sabe também que é proibido receber ajuda ou subir na árvore.

— Ninguém me ajudou, eu fiz tudo sozinho.

Cauê sabia que a sua pequena estatura, mais ainda do que a sua pouca idade, justificava a incredulidade de Itátakûara, e por isso se sentiu no dever de acrescentar:

— Eu fiz um montinho de pedras, subi em cima e pulei.

Era um fato sem precedentes. Nem nas histórias mais antigas transmitidas de geração em geração se narrava um acontecimento parecido, tanto que as regras nem tinham levado isso em consideração. Os meninos se limitavam a passar debaixo da palmeira, esticavam a mão, alguém dava um pulo, mas em geral sem convicção especial: não havia pressa de virar adulto. Cauê, porém, não queria se separar dos seus companheiros de brincadeira de longa data, e a necessidade tinha desenvolvido aquilo que já era, com toda a evidência, um intelecto brilhante.

Depois de uma breve consulta entre os anciãos, decretou-se que Cauê tinha conquistado corretamente o direito de acessar o rito, embora todos se penalizassem por ele sabendo o que aconteceria dali a três dias.

Os outros nove ficaram contentes de saber que o décimo era ele. Era pequenininho, sim, mas tinha um arranque mortífero e um senso de posicionamento inigualável. Também Antônio estava convencido de que era bom para o time dos meninos.

Time com o qual estava bastante preocupado: já tinham passado anos, mas a memória de quando o rito coubera a ele ainda era nítida, como uma cicatriz num braço.

Tinha sido um dos momentos mais intensos desde que estava na aldeia. Sendo adulto, não tinha precisado colher nenhum coco; os anciãos a certa altura tinham simplesmente estabelecido que ele não era mais inepto como uma criança e que podia ser admitido entre os homens. No começo a emoção predominante tinha sido a felicidade, porque era a consagração do seu ser aceito como membro da tribo com plenos direitos. Depois tinha entrado a preocupação. Na época ele já era capaz de se comunicar, ainda que de modo rudimentar; mas, embora acreditasse já ter entendido as regras assistindo aos jogos, tinha passado os três dias anteriores revendo-as.

Jogava-se dez contra dez na clareira principal, que para a ocasião era preparada e limpa. O jogador com a bola não podia se mover. O mais próximo dos adversários podia se pôr diante dele, mas o possuidor da bola tinha o direito de afastá-lo com um empurrão. Quando julgava ter a visão livre, o possuidor da bola a chutava na direção de um companheiro. O primeiro a tocar a bola com as mãos ou com os pés se tornava o novo possuidor, e assim por diante. O objetivo do jogo era chegar a acertar as duas árvores sagradas no fundo do campo. Toda vez que ambas eram acertadas, o time marcava um ponto.

À preocupação, por fim, tinha se seguido o sentimento final: a expectativa da humilhação. Para os iniciandos aquela era a primeira partida do Jogo, ao qual até então só tinham podido assistir. Isso, somado ao fato de que o time dos Homens era o melhor possível enquanto os iniciandos eram dez meninos quaisquer, implicava uma enorme disparidade nas forças em campo, o que se traduzia em derrotas devastadoras.

Aliás, propriamente nem se podia falar em derrotas: a diferença era tamanha que os pontos não eram contados. Levavam-se em conta apenas os pontos marcados pelo time dos iniciandos, e a cerimônia terminava quando estes tinham conseguido chegar a dez, coisa que em geral acontecia depois de horas e horas de jogo, durante as quais os Homens não poupavam golpe nenhum e marcavam pontos aos cachos. A mensagem era clara: agora vocês são Homens, mas é só o primeiríssimo passo, ainda têm muito caminho pela frente para virar como nós. O rito de que Antônio tinha participado tinha durado quase um dia inteiro, e não era preciso ser muito velho para lembrar ritos ainda mais longos, como aquele de que tinha participado Kirimá, que durou mais de dois dias.

Agora o sentimento predominante em Antônio era de novo a preocupação. Graças também às “Copas do Mundo” que ele organizava regularmente a cada duas luas, aquele talvez fosse o grupo de iniciandos mais forte que se tinha visto em muitos anos; com certeza tinham um robusto espírito de time. Mas nunca ter praticado o Jogo (Moacir algumas vezes lhe tinha pedido que os treinasse escondido, mas Antônio tinha se recusado categoricamente) era um grande empecilho, e além disso Antônio temia que tê-los acostumado ao futebol acabasse por confundi-los.

Foi portanto com grande surpresa que ele assistiu aos primeiros momentos do rito. Os meninos e os homens, pintados com as cores da iniciação e da maturidade, estavam concentrados e tensos; o som ritmado de pedras e bastões amplificava a batida dos seus corações enquanto as mulheres e os anciãos cantavam as notas altas e profundas do Canto de Virar Homem.

Itátakûara, adornado com o cocar cerimonial de penas, cantou alto a última estrofe e deu início à cerimônia com um chute longuíssimo, que foi imediatamente interceptado por Moacir, com uma espécie de defesa felina. A bola foi passada de imediato a Piata e dali partiu um longo lançamento na direção de Yamandé, que a acertou de primeira mandando-a quicar entre as duas árvores sagradas. Ponto para os iniciandos.

O tempo de se recuperarem da surpresa e de novo os iniciandos voltaram ao ataque e dele emergiram com um segundo ponto, marcado por Cauê, que despontou de uma confusão com a velocidade do relâmpago.

Os adultos estavam incrédulos. Os iniciandos, embora respeitando as regras, estavam subvertendo um estilo de jogo que na aldeia estava enraizado havia sabe-se lá quanto tempo, talvez há séculos. Quando a bola era deles, acertavam-na o máximo possível de primeira para não dar tempo aos adversários de se posicionarem para atrapalhá-los. Quando estava nas mãos dos adultos, punham-se diante deles, sim, mas a uma distância tal que não pudessem ser empurrados. Corriam de um lado para outro pelo campo feito obcecados, impedindo os adversários de fixar pontos de referência precisos. E alguns deles, em particular Yamandé e Cauê, tinham um chute tão preciso que conseguiam fazer ponto na primeira tentativa mesmo de longe, ao passo que em geral o procedimento para fazer ponto previa uma lenta aproximação do alvo e várias tentativas.

Os adultos tentavam parecer contentes com a grande atuação dos meninos, mas muitos deles na verdade estavam furiosos, e logo tentaram levar o jogo para o único plano em que ainda eram superiores: o do confronto físico.

Os meninos tentavam evitá-lo o máximo possível, mas quando acontecia os empurrões que recebiam eram tremendos. Cauê numa ocasião foi catapultado para trás quase dois metros e bateu a cabeça, felizmente sem grandes danos. E também Jaci, Itaúna e até Piata levaram pancadas nada pequenas.

O único que parecia dançar ileso por cima de toda aquela confusão era Yamandé. E foi a ele que coube a bola do décimo ponto. Piraí tinha lhe servido uma ótima bola e entre ele e as árvores havia apenas Jaguariúna, um dos adultos mais robustos e experientes, que se atirou sobre ele quase com violência mas em ligeiro atraso. Yamandé desviou do corpo musculoso dele com um pulo e se viu sozinho com a bola entre os pés diante das árvores dos pontos, mas de costas para elas.

Pouco tempo antes Antônio lhe tinha contado de um jogador brasileiro, um tal de Sócrates, que adorava acertar a bola de calcanhar para desnortear os adversários. Yamandé tinha se entusiasmado com aquela novidade e tinha logo se posto a treinar e retreinar. Agora Antônio rezava para que Yamandé não quisesse usar aquele golpe para encerrar a cerimônia: por favor não, tudo bem não ser humilhados, mas humilhar os adultos isso não, por favor. Yamandé ficou por um instante indeciso, depois deu uma volta sobre si mesmo, perdendo assim um pouco de tempo e dando a Jaguariúna a possibilidade de voltar até ele. Com um leve toque do pé passou a bola a Piraí, que nesse meio-tempo tinha vindo na direção deles acompanhando o lance e teve vida fácil para acertar as duas árvores e pôr fim ao jogo.

As festas podiam começar.

Pela primeira vez na história da aldeia o time dos adultos não tinha atropelado os iniciandos. Janaína disse a Antônio que era uma pena não marcarem os pontos dos Homens:

— Quem sabe quantos pontos eles fizeram. Imagina se tivessem feito menos que os meninos, seria fantástico.

— Quem sabe — respondeu Antônio. E enquanto observava as expressões dos adultos sem conseguir bem interpretá-las, pensou que nunca revelaria a ninguém, nem a ela, nem aos meninos, que o jogo tinha terminado 10 a 8 para eles.

2.27 Presságios

— A gente não pode continuar amanhã de manhã?

Yamandé olhou mais uma vez para o pai com ar suplicante. Antônio tinha começado a falar com o sol ainda alto no céu, mas já estava escurecendo e os fogos tinham sido acesos. Kirimá tinha obrigado o jovem a ajudá-lo a esfolar uns dois grandes jacarés que tinham sido pescados algumas horas antes, embora ambos soubessem muito bem que na verdade era uma desculpa para manter Yamandé longe de Antônio. Esfolar os jacarés era um trabalho longo e bastante cansativo, do qual os jovens, sobretudo no caso de exemplares daquele tamanho, se esquivavam de bom grado. Mas Yamandé agora era adulto e a Kirimá não tinha podido dizer não.

Antônio tinha começado a falar de futebol com um pequeno grupo de meninos, mas depois alguém lhe tinha perguntado da sua língua materna e a coisa tinha ficado longa.

Tinha partido dos antigos romanos, um grande império do outro lado de um grande mar, e de como eles tinham tentado conquistar todo o mundo conhecido. Cada coisa era para eles fonte de surpresa e de uma chuva de perguntas, o grande mar — como é que se explica o mar — o mundo, o império: o próprio conceito da imensidão do mundo e de todos os povos e gentes que o habitavam era para eles algo alienígena. Quanto mais perguntas chegavam, mais a narrativa se enriquecia, mesmo quando para explicar alguma coisa ele tinha de fazer longas circum-navegações verbais para chegar a descrever os objetos ou os acontecimentos não exprimíveis na língua deles. O tempo passava, e chegado o momento da partida dos portugueses para a conquista do novo mundo, a tribo inteira estava reunida em volta de Antônio à escuta. Eram belíssimos de ver: os olhos negros arregalados e as bocas entreabertas de espanto; grandes e pequenos juntos uns dos outros e silenciosos, tão envolvidos naquelas histórias fantásticas que quase se esqueciam de respirar.

A tribo inteira menos Kirimá e o pobre Yamandé, obrigado a cortar no comprido o ventre de um dos dois répteis, liberar-lhe as fedorentas e grossas vísceras, iniciar a longa e laboriosa operação de descolar da carne a pele, que em alguns pontos parecia grudada com resina, não saía nem à mordida, nem com a mais afiada das garras de tamanduá. E depois cortar a carne esbranquiçada e fibrosa em tiras, pendurá-la nos raminhos preparados de propósito para deixá-la secar, recomeçar com outra parte do corpo do jacaré, um jacaré grande, enorme, nunca visto um jacaré tão grande, aliás, sim: havia outro ainda maior ali ao lado, que não esperava outra coisa senão ser esfolado.

— O primeiro está quase pronto, a gente só tem de limpar a pedra grande; a gente continua amanhã de manhã, né?

Muitos sentimentos brigavam na cabeça de Kirimá. Havia a inveja daquela plateia tão vasta, claro, mas ele não era capaz de confessá-la a ninguém, nem a si mesmo. Havia a raiva das histórias de Antônio, que ele julgava inúteis, essa sim. As histórias úteis eram as sobre a caça, sobre a pesca, sobre os animais perigosos, também sobre o jogo da bola (embora disso ele não estivesse muito convencido), mas as histórias de Antônio absolutamente não. Grandes pássaros luminosos, canoas enormes que sulcavam uma coisa inconcebível chamada “oceano”, pensamentos que viajavam dentro de fios parecidos com cipós, e depois aquele jogo novo, o “futebol”, todos aqueles nomes, aqueles acontecimentos incompreensíveis. Coisas absolutamente inúteis para a aldeia e, Kirimá sentia dentro de si sem conseguir exprimi-lo bem, certamente também danosas.

Estavam um pouco afastados da aldeia, diante de uma grande pedra lisa que ficava na direção do rio, usada havia gerações como base de apoio para aquele tipo de operação de limpeza das presas. Depois do que a Yamandé tinha parecido um tempo longuíssimo, o primeiro jacaré tinha sido com-

pletamente esfolado e limpo e eles estavam tirando os restos da pedra para depois apoiar em cima o outro bicho e recomeçar do começo. Só que tinha ficado tarde e logo a escuridão não lhes permitiria ver mais nada. De vez em quando Kirimá tinha esticado o ouvido para tentar captar fragmentos da narrativa de Antônio, mas toda vez tinha acabado se arrependendo com uma careta de nojo.

— Está quase escuro, daqui a pouco a gente não vai enxergar nem as próprias mãos, a gente nunca vai conseguir limpar ele inteiro!

Kirimá sabia que Yamandé tinha razão. Tinha querido esfolar o primeiro com muito cuidado, talvez com cuidado demais; tinham levado um tempo infinito e de fato tinha ficado tarde.

— Escuta o seu pai, Yamandé — não era incomum que ele começasse assim as frases dirigidas ao filho —, você só abre a barriga dele e limpa; você sabe que é perigoso deixar ele fechado, pode estourar. Enquanto isso eu cavo um buraco, e aí quando você terminar a gente enterra ele e continua amanhã de manhã.

Yamandé assentiu e começou contra a vontade, mas com disposição, a abrir o ventre do grande réptil. As sombras da noite estavam envolvendo tudo muito depressa e no espaço de poucos minutos não seria mais possível continuar. Pondo a mão dentro da carcaça para extrair as vísceras, Yamandé sentiu alguma coisa fazer resistência, alguma coisa pesada que no outro animal não havia. Yamandé atraiu a atenção do pai, que no começo não entendeu bem a que o filho estava se referindo, seja pela pouca luz, seja pelo volume daquelas vísceras tão viscosas e retorcidas. Por fim conseguiu entender que se tratava do estômago do jacaré, pegou a garra afiada e o abriu. Junto com um fedor nauseabundo, do estômago saiu um macaquinho quase inteiro que evidentemente o jacaré tinha comido pouco tempo antes de ser por sua vez capturado pelos pescadores. Kirimá quase deu um pulo para trás, horrorizado, gritando:

— Não!

Yamandé olhou para ele sem entender.

— Os jacarés não comem esses macacos! Nunca! Não comem!

Virou-se para o resto da tribo e entendeu:

— É um sinal dos espíritos da floresta! Eles não estão contentes! O Antônio tem de parar com essas histórias! Olha!

Yamandé tinha grande respeito pelo pai e pelos conhecimentos dele da floresta — mesmo que de vez em quando o achasse chato — e não tinha motivo para duvidar de que o que ele estava dizendo fosse verdade. Aliás, já lhe tinha acontecido várias vezes de assistir a grupos de macacos que gritavam e atiravam pedras nos jacarés do alto das suas árvores.

— Deve ter caído de um galho — disse Yamandé. — O galho deve ter quebrado.

— Escuta o seu pai, Yamandé: esses macacos comem as mesmas coisas que a gente come, sobem nas mesmas árvores em que a gente sobe, mas são muito, muito melhores que a gente. Você entende a desgraça? Se um galho quebrou sob aquele peso pequeno, o que é que pode acontecer sob os nossos corpos?

— Você tem razão, eu entendo; mas não é culpa do Antônio, né?

— Não sei.

2.28 Nascimento

Poranga Pagé é o espírito bom da floresta. Quem o viu custa a descrevê-lo: é certamente branco, talvez redondo, perfeitamente silencioso, pesado (mas isso nunca foi um problema). É um espírito alegre mas fugidio, primordial mas tímido, que persegue os seus nobres objetivos sem um plano, ao acaso, e no entanto com uma sistematicidade que nenhum outro espírito da floresta possui.

Não teme a luz porque é quase invisível, mas prefere o escuro e a sombra, que na floresta não faltam. É habilíssimo em se esconder e se disfarçar, escapa aos espíritos rivais com leveza e tenacidade, parece desajeitado mas é velocíssimo, impegável.

Enfia-se pelos espaços infinitesimais deixados livres pelas folhas e se enrola sobre os cipós, salta, mergulha e nada como o mais veloz dos peixes. Percorre a floresta de ponta a ponta mudando continuamente de forma e de nome, e só quem não olha para ele e tem a mente limpa de pensamentos tristes consegue, raríssimas vezes, vê-lo.

Cada toque de Poranga Pagé deixa um rastro, um véu mais leve que a poeira e da mesma consistência do ar, na qual o espírito inteiramente existe. Sim. Poranga Pagé pode ser enorme mas pode também ser pequeno como um grão de areia, e até muito menor. Mas não importa se é um véu ou um grão ou um gigante: cada pegada sua e cada lembrança sua o contêm por completo.

Perambulava pela floresta, Poranga Pagé, seguindo um pequeno curso d'água secundário. Roçava com parcimônia os galhos baixos das árvores, os ovos dos peixes predadores ou das aranhas perigosas. E tudo o que ele tocava, como sempre foi e sempre será, desabrochava, mudava, ficava vivo.

A floresta inteira ressoava dentro dele: os predadores, as presas, as plantas inanimadas. Mas mais do que tudo ressoavam dentro dele as almas das mulheres e dos homens que habitam a floresta, todas as almas: as passadas, as presentes e as futuras. Porque aos seus filhos os habitantes da floresta tinham doado a carne, mas não a sua alma; essa, como sempre foi e sempre será, vinha de Poranga Pagé.

A pequena curva do rio escondia quase da vista as folhas de bananeira estendidas no chão e a pequena mulher agachada sobre elas, que respirava ofegante. Ela teria querido ser deixada sozinha, mas não tinha sido ouvida. Várias crianças giravam em volta dela fascinadas como só as crianças conseguem ser pelo sofrimento alheio. Muitas cabeças despontavam, curiosas, detrás da primeira fila de plantas, e dois ou três adultos iam e vinham atarefados, ou mais simplesmente impacientes.

Poranga Pagé ouvia a melodia de todas aquelas almas que um dia tinham estado dentro dele e fez o equivalente a um sorriso. Uma criança pequena, mal capaz de ficar de pé, o viu e o apontou com o dedo emitindo alguns sons desarticulados. Ninguém prestou atenção na confusão geral, e a própria criança pouco depois perdeu o interesse. Uma das almas lhe era desconhecida: era como um instrumento afinado cujo timbre, porém, ele não reconhecia; nunca lhe tinha pertencido. Tentou se aproximar para ouvi-la melhor, girou em volta dela dançando a dança dos espíritos da floresta e decidiu que gostava: era diferente, mas bonita.

Se para fazer desabrochar uma flor ou chocar um ovo bastava um véu, para aquela tarefa Poranga Pagé tinha de se empenhar mais: tinha de procurar dentro de si a alma certa, tirá-la de lá devagar, aproximar-se da mulher agachada e aproveitar a sua respiração profunda e ofegante para fazê-la respirar a alma.

Quando a alma percorreu velozmente os gânglios da mulher, se distribuiu pelo seu corpo à procura do seu objetivo e finalmente entrou no menino, Poranga Pagé entendeu com outro sorriso quem tinha se unido à mulher: era o estrangeiro.

Quando ouviu as primeiras batidas de vida verdadeira saírem daquele novo ser, Poranga Pagé sorriu pela última vez e se afastou, roçando ora uma raiz, ora uma casca, ora a cauda de um pássaro. A floresta permeada do seu espírito o estava chamando de volta e ele não podia esperar mais.

— A cabeça! A cabeça!

Antônio foi tomado pela emoção e todos os medos que o tinham apertado até aquele momento desapareceram.

— Talvez a gente devesse ferver água — tinha pedido. — Por quê? — tinham lhe respondido. — Talvez a gente devesse lavar bem aquela garra — tinha insistido. — Por quê? — tinham lhe respondido de novo. — Pelo menos limpar as folhas de bananeira — tinha choramingado. — Limpar de quê? — tinham lhe perguntado.

Agora a cabeça estava para fora e ele teria querido pegá-la nas mãos e puxar, mas não, puxar absolutamente não; teria querido que ela saísse sozinha, mas Janaína não estava mais empurrando, lhe parecia, ou talvez estivesse empurrando mas não se via. Quanto tempo podia ficar assim? Não é perigoso? Não é mortalmente perigoso? E depois aquela cor? É normal que os bebês sejam azuis? Roxos?

Janaína tinha parecido o tempo todo tão tranquila, sofrendo mas tranquila. Não tinha emitido um gemido a não ser algum sopro rouco, mas naquele momento parecia provada, estava com os punhos cerrados e um ar exausto, e também a respiração tinha ficado mais surda. Antônio estava paralisado pelas próprias dúvidas. Olhou em volta para procurar uma confirmação dos seus medos, mas as mulheres presentes estavam serenas, cantavam baixinho a Canção do Nascer e olhavam a cena com confiante distanciamento.

— Mas o que é que o Antônio está fazendo aqui? — tinha perguntado no começo uma das mulheres, espantada com a presença dele.

— O Antônio está com a gente faz muito tempo, mas lembra que no começo a gente chamava ele de o Estranho. Deve ser alguma coisa que vem dos costumes antigos dele — tinha lhe respondido uma segunda mulher, sorrindo.

A única coisa que Antônio conseguiu dizer, sentindo-se imediatamente muito bobo, foi um incerto “Respira…” em português.

Janaína levantou o rosto riscado de suor e o olhou bem nos olhos com um olhar de decisão que o atingiu fundo. Depois sorriu, ou fez uma careta, Antônio não tinha certeza, e recomeçou a empurrar com muito mais energia do que antes. Em pouco tempo, pouco em comparação com tudo o que a Antônio parecia ter passado, o menino saiu por completo, o primeiro vagido tinha sido emitido e Janaína já estava relaxando.

— É homem, Antônio, você viu?

— Vi, vi.

O recém-nascido mantinha os olhos e os punhos bem fechados e não chorava; a cor dele tinha finalmente voltado ao normal e muitos membros da aldeia estavam se reunindo em volta dos dois com sorrisos de contentamento.

— Tomara que Poranga Pagé tenha trazido uma alma bonita.

— Tomara, sim — respondeu Antônio sem entender.

2.29 Gritos

Os gritos e as risadas que ressoam de um lado ao outro da clareira. Os mil ruídos da selva parecem ter sumido, cobertos pelo barulho da juventude e da despreocupação. E na cabeça ele já sabe que os gritos mais radiantes e exaltados de todos serão os que sairão da sua garganta daqui a poucos minutos. Ainda não está tão alto a ponto de despontar sobre o dossel da floresta tropical, mas está perto. Só os mais fortes e corajosos chegam tão alto a ponto de poder correr o olhar sobre o infinito verde da floresta e entender que você chegou ao cume, que mais alto do que isso não dá para ir. Ele ainda nunca sentiu essa sensação, mas ouviu contarem tantas vezes. E hoje é ele o jovem homem mais forte e corajoso da aldeia. Hoje será ele a furar o teto verde que os cerca, e a partir de amanhã será ele a contar às crianças o que se sente ao subir no telhado do mundo. O som das risadas e dos gritos de incentivo cobre tudo: o som da sua respiração enquanto sobe decidido de galho em galho. O som dos animais que continuam a vida, indiferentes à empreitada épica que se cumpre perto deles. E o som de um galho que se dobra sob o impulso poderoso desse jovem homem e depois se quebra. Depois há um instante de silêncio e depois os sons são feios, viram ruídos. Ruídos que não deveriam existir: ruídos de galhos que se quebram, ruídos de medo, ruídos de um baque terrível. E depois os gritos de dor e desespero.

2.30 Adeus

Antônio chegou ao local quando em volta de Yamandé já se tinha formado uma roda desesperada e, como naquela maldita outra vez com a pajé, o reconheceu pelos pés.

Sentiu que ia desmaiar, mas depois viu um deles se mover e lhe pareceu ouvir também a voz do rapaz. Dá para reconhecer a voz de uma pessoa enquanto ela grita transtornada de dor, imersa num coro de outros gritos aterrorizados?, perguntou-se. Pelo jeito sim. Se ele está gritando não pode estar morto, aijesus, ainda bem, ainda bem que ele não morreu, eu não teria conseguido suportar.

Quando os outros se afastaram para deixá-lo passar, o alívio sumiu e ele sentiu de novo que ia desmaiar. Os cortes espalhados por todo o corpo não eram um grande problema; dava para notar que eram superficiais e quase aumentavam a beleza dele: aquele bíceps salpicado de sangue fazia pensar num valoroso guerreiro recém-saído vencedor de uma batalha.

Mas a perna esquerda estava mal. Muito mal. Nenhuma perna esquerda deveria estar daquele jeito. Não é possível, com certeza é um pesadelo, eu não devia ter provado aquele verme estranho ontem à noite; agora eu fecho os olhos um instante e quando abrir eu acordo e a perna esquerda de Yamandé está de novo como antes, com um joelho só; o que é que outro joelho está fazendo no meio da coxa, não é possível…

Quando Antônio recobrou os sentidos, viu acima de si os rostos de Piata e Moacir.

— Yamandé! Como é que ele está? Ele…?

— Está no *shabono*, dormindo. Itátakûara deu para ele a erva do desmaio — informou-o Piata.

— E a perna?

— A perna você também viu como está.

— Mas ele vai se recuperar? O que é que Itátakûara diz?

— Itátakûara diz para esperar e ter esperança. Ter muitíssima esperança.

— Não! — intrometeu-se com raiva Moacir. — Não há nada que se possa esperar. E menos ainda o que aguardar. A única coisa a aguardar é a morte dele.

— Moacir, se acalma.

— Não me acalmo coisa nenhuma, e não me abraça! Você sabe muito bem disso também. Todo mundo sabe. De um ferimento desses nunca ninguém se recuperou. Nunca.

As palavras dele não encontraram resposta, até que foi Piata quem tomou sobre si o peso do que precisava ser dito:

— Itátakûara disse para ter esperança e a gente tem esperança. Se Itátakûara disser para ir buscar alguma erva até no fim do rio, a gente vai. Mas se não houver mais nada a fazer, a gente não vai fazer mais nada. Vamos nos despedir de Yamandé, vamos chorar e vamos tocar a vida da aldeia.

Moacir o olhou com um olhar que poderia ser confundido com ódio, e talvez fosse. Depois virou os olhos para Antônio, e ali não houve mais dúvida: era ódio em estado puro. Talvez nenhum jovem homem, nunca, na história da aldeia, tivesse olhado para um ancião com um ódio tão aberto e descarado.

— E você? Não diz nada? Acabaram as suas palavras?

Quase confirmando a acusação de Moacir, Antônio continuou calado. Sem baixar os olhos, mas sem tampouco abrir a boca.

O jovem continuou:

— Quantas palavras você derramou, em todo esse tempo, contando para a gente de Macapá e do mundo fora da floresta. Hein? Quantas? E o grande pássaro luminoso, e o carro que anda sozinho, os fios invisíveis, a tela dos pensamentos. Eu lembro de todas elas, uma por uma, sabia? E agora? Justo agora que as suas palavras poderiam servir para alguma coisa, você fica calado? Não diz mais nada?

— Mas eu não… — Antônio pensou que Moacir esperasse despertar nele alguma noção médica esquecida e tentou encontrar a voz mais calma que podia ter. — Eu não sou um pajé, Moacir. Você sabe: em Macapá eu conhecia e sabia usar todas essas coisas de que eu te contei, mas eu não sei construí-las. Não há nada que eu possa fazer melhor que Itátakûara para ajudar Yamandé.

— Eu sei que você não é um pajé. Eu sei que você não sabe fazer nada.

Moacir tomou fôlego para afundar melhor o golpe:

— Você nunca soube fazer nada que não fosse o seu jogo bobo com a bola. E você tem tanta certeza de ser inútil que nem lhe passa pela cabeça que agora você é o único que pode de verdade fazer alguma coisa para ajudar Yamandé.

Antônio continuou a fitá-lo quase embasbacado, sem proferir palavra. E Moacir não acrescentou mais nada. Quando pareceu que nenhum dos dois voltaria a falar até o fim dos tempos, foi Cauê que se intrometeu e explicou o que Moacir queria dizer e que para ele tinha ficado clarríssimo já no primeiro minuto.

— O Moacir quer dizer que você tem de ajudar a gente a levar Yamandé para Macapá.

— Nem se cogita — tentou intervir Piata, mas Moacir não se deixou intimidar.

Era muito menos musculoso que o amigo, mas ligeiramente mais alto, e carregou a sua raiva naquela altura fitando Piata de cima para baixo como se fosse duas vezes maior:

— Você não se meta. Se você não quer vir com a gente, não importa. Você faz bem, a aldeia precisa de você, é justo que você fique.

Depois, como se Piata já não existisse, virou-se e voltou o olhar de novo para Antônio:

— E então?

Antônio já fazia tempo tinha decidido que concluiria a sua vida na aldeia. Estava tão em paz consigo mesmo que tinha aceitado de bom grado até a expectativa de vida reduzida que aquela escolha

muito provavelmente acarretava. Mas se estava tranquilo em sacrificar no altar da serenidade até vários anos da própria vida, não podia fazer o mesmo com a vida de Yamandé. E se passasse o resto da própria vida com a suspeita de não ter feito tudo o que era possível para salvar o seu adorado DuasMeias, que serenidade que nada.

Olhou em volta, olhou a sua rede, as paredes do *shabono*, a abóbada de árvores que lhe servia de teto. Olhou a sua casa. Depois deu um suspiro enorme, voltou a pousar o olhar em Moacir e Cauê e disse:

— Está bem. Vocês têm razão. Mas o problema é que, mesmo que eu queira ajudar ele, eu juro que não quero arranjar desculpas, eu de verdade não sei como fazer para voltar a Macapá.

— Nós sabemos — respondeu orgulhoso Cauê.

— A gente encontrou o Rio Grande — tinham dito Moacir e Cauê. — O Rio Grande, aquele que está nas histórias e nas canções: a gente encontrou.

E tinham dito com segurança, sem esboçar a mínima dúvida. Tinham explicado bem como ele era diferente dos rios ali em volta, os únicos que a aldeia conhecia, tentáculos traiçoeiros e tortuosos de um inextricável emaranhado de águas que mudavam de curso e de forma a cada chuva. Tinham usado a palavra grande maior que existia na Língua, tinham dito que o tinham visto com os próprios olhos, que ele era grande até aquele grupo de palmeiras lá no fundo.

Tinham dito que a água dele corria, corria reto, que a água do Rio Grande sabia para onde corria. Não como um dos rios deles de águas lentas, enredadas de cipós e de folhagens; não daqueles em que, se você não presta atenção e pescando se deixa levar longe demais, depois não acha mais o caminho de casa porque eles giram em volta, giram em círculo, e a correnteza não sabe para onde ir. Era o Rio Grande, aquele que conhece o caminho.

Tinham dito com fogo, quase com lágrimas nos olhos pela ânsia de serem acreditados. E Antônio tinha acreditado neles.

De repente se deu conta de que, sem ter realmente pensado nisso, sempre tinha dado por certo que, apesar de desvios e incertezas, tanto o longo trecho com Pepê quanto o seu, depois, a pé, tivessem seguido a direção inicial, aquela que — mais ou menos perpendicular ao rio — dele se afastava. Sempre tinha imaginado mentalmente um trajeto que, mesmo com todas as suas reviravoltas, tivesse grosso modo deixado o Jari, cada vez mais longe, para trás. Mas, meudeus, tinha sido um pensamento realmente estúpido. No fundo sempre tinha sabido que Pepê tinha se perdido, e ele com mais razão ainda, com o seu perambular sem referências: podia perfeitamente ser que aquele percurso casual tivesse, ao contrário, permanecido sempre mais ou menos paralelo ao rio; podia ser que de tanto girar e regirar tivesse até voltado para perto dele. Podia ser que o Jari realmente não estivesse longe, que estivesse a menos de um dia de marcha. Aliás, agora que a floresta lhe falava e que ele entendia a sua linguagem e muitos dos seus segredos, ele tinha certeza: o Rio Grande não podia estar distante demais.

E se era assim, talvez, com um pouco de sorte, talvez Yamandé pudesse realmente ser salvo. Se era assim, Antônio sabia o que tinha de fazer.

Percebeu que estava aterrorizado com a ideia de voltar ao seu mundo, ao mundo de antes: de algum modo, em todos aqueles anos, tinha se convencido de que isso nunca mais aconteceria; era como se tivesse sido desembarcado num outro planeta, de onde a lembrança da terra natal, das coisas, das

pessoas que tinha amado, às vezes se tingia de saudade, sim, mas da saudade de um exilado sem volta.

Era como se aquele mundo tivesse deixado de existir, vaporizado em material para contar histórias que até para ele já pareciam quase inventadas; e agora a ideia de revê-lo, de voltar a estar imerso nele, o fazia suar as mãos.

Mas aqueles meninos confiavam nele, não podia decepcioná-los, não podia traí-los. Não podia trair Yamandé, deixá-lo morrer ou, na melhor das piores hipóteses, ficar horrivelmente aleijado: o seu Yamandé, vivaz como um macaco, ele que corria mais rápido que todos. Não têm uma vida nem longa nem bonita os aleijados na floresta; não podia fazer isso com Yamandé. Se havia ao menos uma possibilidade, então havia uma única escolha. Tinha de tentar.

2.31 Despedidas

Uma balsa, o único jeito é construir uma balsa. Somos oito, eu mais os seis meninos que querem a todo custo vir, e Yamandé, que tem de ser transportado. Os troncos escavados que a gente usa para a pesca são impensáveis para viajar em oito no rio grande por dias — quantos, e quem é que consegue imaginar, talvez dois, talvez três? — e vai ser preciso levar também água, alguma coisa para comer… É preciso uma balsa e ela tem de ser grande o bastante.

Antônio, a cabeça ainda enevoada pelas fumaças, pelos sons e pelas bebidas da cerimônia que tinha durado quase a noite inteira, voltava do rio, onde tinha lavado o rosto e visto nascer a alvorada entre as folhas das samambaias arbóreas. Tinha visto a floresta acordar e escutado aquele momento de silêncio suspenso, uns poucos instantes apenas, entre o calar-se da multidão dos animais noturnos e a tomada de posse do ar, das árvores, do dia por parte dos diurnos, num crescendo cada vez mais forte de sons e vozes e batidas de asas.

Estou indo embora, pensou; daqui a poucos dias, se tudo correr bem, estarei em outro lugar, verei outra alvorada num lugar completamente — meudeus, quão completamente — diferente. Mas não estou indo embora de verdade — tinha certeza disso enquanto se dirigia à oca para se despedir de Janaína e do menino —, eu só vou tentar salvar Yamandé, depois volto.

— Depois você volta para casa, quando Yamandé estiver curado, depois você volta, Antônio?

— Mas claro que eu volto para casa; vou custar a ficar longe, vou sentir muita falta da sua rede ao lado da minha — disse Antônio, sem ter, porém, forças para olhá-la nos olhos: riscos demais, imprevistos demais para poder te jurar; eu sei disso e você também.

Sorriu para a mulher agachada que amamentava o menino, acariciou-lhe a bochecha redonda e os cabelos, e o carinho desceu pelo seio e pela cabecinha de Ybyráatã, que de olhos fechados mamava beato.

— E depois eu quero ver crescer este filhote de tamanduá, você sabe. Você sabe que é também por isso que eu vou, eu sei que você sabe. Se um dia ele se machucasse, eu ia querer que houvesse alguém que fizesse tudo o que conseguisse para salvar a vida dele, para salvar as pernas fortes dele e fazê-lo correr como antes.

— Eu sei. Eu quero que você parta e que salve Yamandé. Mas quero que você volte; eu não quero ficar sem marido, não quero que o seu filho cresça sem te conhecer.

— Eu volto, claro que eu volto: não se preocupe, rãzinha azul.

— E toma cuidado. Eu tenho muito medo do rio grande e de todos os espíritos da sua aldeia que ninguém conhece.

— O xamã falou com eles, escutou as vozes de todos os deuses, disse que todos deram a permissão deles. Eles vão nos acompanhar na viagem, você não precisa ter medo.

— Sim. Mas você toma cuidado. Quem sabe quantas onças tem, na sua aldeia.

Cauê, Itaúna, Moacir, Ubiratan, Jaci e Piraí se aproximaram em silêncio. Não queriam interromper, mas não havia tempo: Yamandé tinha começado a se queixar e eles tinham se alarmado. Precisavam ir.

Até logo, árvores de copas de uma altura impossível, cada uma diferente da outra e no entanto todas tão conhecidas, fáceis de recordar não menos que os membros da tua tribo; rio cujo rumor se escuta como a voz de um amigo; ocas semiescondidas nas clareiras como tímidos animais noturnos: até logo!

Quão triste pode ser o passo de quem, crescido entre vós, de vós se afasta! Toda esperança daqueles que por um motivo tão generoso partem voluntariamente parece esmaecer, e logo a confiança os abandona; espantam-se de terem podido decidir, e voltariam atrás se não pensassem que é o seu maior amigo aquele que corre perigo. Quanto mais avançam pela selva, mais os olhos se abaixam, já cansados daquela nova uniformidade; o ar parece já pesado e morto; embrenham-se por florestas desconhecidas; as árvores se somam às árvores, as trilhas desembocam nas trilhas; parece que lhes falta o fôlego, e diante de novas folhagens de que não conhecem o nome pensam na sua aldeia, na sua rede e nas risadas que hão de ressoar quando voltarem vencedores às suas árvores.

Até logo, oca que desde sempre os protegeste e de onde, deitados na rede, aprenderam a distinguir, do ruído dos passos comuns, o ruído de um passo esperado com misterioso temor. Até logo, ocas ainda desconhecidas, tantas vezes olhadas com olhos fugidios, de passagem, e não sem vergonha, nas quais o pensamento já imaginava poder encontrar uma companheira. Até logo, anciãos da aldeia, graças a quem tantas vezes tinham reencontrado a serenidade com as palavras dos espíritos e com o jogo da bola por meio do qual se tinham tornado adultos: até logo!

Capítulo 3

3.1 Partida

Partiram logo depois da alvorada, pintados com os sinais da coragem, da aventura e do ajudar um companheiro, adornados com as penas e os amuletos que Itátakûara tinha prescrito por sugestão dos espíritos da floresta, dos espíritos do rio e das deusas do Rio Grande.

Yamandé, embora parecesse adormecido, gemia baixo, ininterruptamente, já pronto na sua rede, com compressas de folhas e barro e ervas de remédio enroladas apertadas em volta daquele desastre de perna.

As mulheres tinham cantado o canto das grandes empreitadas e os meninos fremiam excitados, decididos e apavoradíssimos. Como astronautas que têm de partir para Marte, pensou Antônio: parte-se para uma viagem incerta e perigosa rumo a um lugar alienígena, onde nada de nada se parece com o que você viu a vida inteira.

— Vamos, embora. Cauê, Itaúna, vocês levam a rede primeiro.

O primeiro trecho, pela floresta, era o relativamente mais fácil, Antônio sabia bem. Moacir e Cauê tinham se mostrado seguros de saber reencontrar o rio grande e de fato avançavam sem incertezas demais; o esforço de avançar abrindo caminho na floresta não era nem um pouco diferente do de uma caçada qualquer. Yamandé não era uma carga pesada demais para carregar, e a exaltação da partida fazia os meninos gastarem as suas melhores e mais vibrantes energias.

— Não falta muito — diziam convencidos os dois exploradores. — Não falta muito, logo a gente vai ver o Rio Grande.

E chegaram lá, de fato, quando a noite já caía: viram as árvores se abrirem e entre elas o curso larguíssimo e amarelo do rio Jari, que corre mais largo que todos os rios da floresta, o rio que sabe para onde ir.

Acamparam ali na margem, e quando usaram as brasas para acender o fogo, tirando-as da concha de pedra e argila que a aldeia tinha preparado para eles, já se sentiram quase chegados: tinham encontrado o rio maior que jamais tinham visto, tudo era como os deuses tinham garantido.

Vocês ainda nem viram o rio, aquele sim é grande, pensou Antônio. É só o primeiríssimo passo, só o pontapé inicial, meninos: a cidade ainda está muito longe, Yamandé está mal e a gente tem de ser rápido, e eu não sei nada do curso do rio, nem sei se é o certo; vocês acham que eu posso levar vocês, mas eu não sei, não sei nada dessa estrada de água que liga dois mundos, eu nunca construí uma balsa e amanhã de manhã vou ter de fazer uma. Tomara que os deuses da água sejam mesmo propícios, tomara que eu não tenha levado vocês para se perderem, para morrerem desnorteados, para a gente se espatifar na cachoeira. A cachoeira. Eu não faço a menor ideia de onde ela fica, mas tomara; tomara, e agora vamos dormir, que amanhã é preciso partir e ser rápido.

A manhã os acordou com o som sussurrante do rio, com pássaros e macacos que já pareciam diferentes; e, trocada a compressa de Yamandé — está roxo na cara, está queimando de febre, a gente tem de ir depressa —, puseram-se, atentos às instruções, a construir a balsa.

Antônio não sabia muito de balsas: lembrava daquelas que construía em menino com pauzinhos e palitos de picolé para as corridas com os amiguinhos nos riachos lamacentos; lembrava vagamente de algum documentário sobre a Kon-Tiki — sabe-se lá quanto romanceado —; tinha na cabeça al-

guma foto, alguma figura. Mas os meninos esperavam diretrizes e ele as forneceu: são precisos troncos, galhos retos, são precisos cipós para amarrá-los assim.

Vinham-lhe um monte de dúvidas: vai ser preciso uma coisa, como é que se chama, uma prancha perpendicular, uma espécie de quilha, pronto, para fazer ela ir reto ou será que as balsas não têm isso? Na dúvida vamos pôr, que mal pode fazer; meninos, é preciso um pedaço de madeira feito assim. E depois como é que a gente governa isso, não é que a gente vai encalhar na primeira curva; e como é que a gente faz para voltar à margem se a correnteza do rio nos pegar? São precisos galhos, bastões longos e robustos, a gente tem de poder pelo menos um pouquinho guiar ela.

A balsa ficou lindíssima, diziam os meninos entusiasmados: só na construção das ocas maiores tinham visto tanta engenharia; e mesmo estando visivelmente assustados com o rio, tinham igualmente visível vontade de experimentar a corrida sobre a água a bordo daquele prodígio técnico. Antônio não estava tão convencido: meudeus que trabalheira fabricar uma das embarcações mais primitivas do mundo, quem sabe se vai aguentar; vamos, embora, é hora de partir.

3.2 A balsa

Ficar fascinado com a construção da balsa era uma coisa; subir nela e se atirar nos braços do rio era outra bem diferente. Foi complicado até só fazer todos subirem, depois de terem carregado o pouco de víveres e o pobre Yamandé quase inconsciente, sem que aquele precário conjunto de troncos se inclinasse demais e os virasse na água. E foi só depois de mil recomendações de ficarem sentados e o mais parados possível — os deuses nos protegem, mas não se a gente fizer besteira — que Antônio se sentiu bastante seguro da sua tripulação para fincar as varas contra a margem, cortar os cipós com que tinham amarrado a balsa durante o embarque e ousar ganhar o largo.

Por um bom trecho a emoção de deslizar veloz pelo rio grande emudeceu todos: os meninos, bem agarrados aos troncos, olhavam as margens correrem, trocando apenas um gesto de vez em quando para apontar alguma coisa interessante, o tronco de um ébano altíssimo, um enorme tucano que os sobrevoava, uma silhueta furtiva entre as folhagens, talvez um tamanduá, uma sombra debaixo d'água que sumiu depressa demais para se ter certeza de que era um jacaré.

Antônio olhava as margens, o tamanduá, o tucano, mas mais do que tudo pensava na cachoeira. Não tinha falado dela aos meninos (de resto, ele mesmo só tinha se lembrado da existência dela quando já estavam viajando), mas nem por isso conseguia não pensar nela.

Tinha tentado reunir todas as suas lembranças, aquelas poucas e vagas que restavam depois de todo aquele tempo, para tentar estabelecer mais ou menos onde ela devia estar. Mas o que tinha recuperado eram fragmentos desbotados, era a conversa fiada de Pernão enquanto ele cochilava, era Suplício latindo para cada papagaio, eram os milhões de insetos aos quais não estava acostumado, eram quilômetros e quilômetros de margens na aparência todas iguais: não era o bastante. Difícil demais reconstruir com precisão quanto tempo tinham viajado subindo o rio depois do desvio para evitar a cachoeira, quanto mais calcular a que velocidade ia o barco a motor e quão veloz era, em compensação, a correnteza que os levava agora. Sem sequer falar de todo o trajeto feito de jipe com Pepê, de cuja orientação e direção ele não tinha nenhuma ideia precisa: a balsa tinha sido posta na água — cabia admitir — num ponto qualquer do rio, sem que fosse possível identificar nenhuma relação com a Cachoeira e o seu estrondoso perigo.

Antônio se atormentava e as horas passavam. Amortecido o impacto da novidade da navegação, os meninos tinham relaxado — menos Itaúna, que ainda não parecia à vontade e não tinha soltado nem uma vez as mãos dos troncos — e tinham se posto a conversar e a brincar tranquilamente, sem deixar de despejar de vez em quando algumas gotas d'água entre os lábios de Yamandé.

Quando o sol começou a descer rumo a um pôr do sol opalescente, o grupo se consultou para escolher entre encostar para passar a noite na margem ou pernoitar a bordo, e por unanimidade foi decidido ficar no rio: quanto mais distância percorressem, melhor; vistas as condições de Yamandé, a prioridade era se apressar.

Além disso o rio tinha também a inegável vantagem de não ser preciso pensar em se defender dos animais noturnos: a menos que um jacaré enlouquecido pulasse na balsa feito uma rã, era muito mais seguro dormir ali do que no chão da floresta.

Mas a ideia de que pudessem cair nas imediações da cachoeira em plena noite não era das que deixassem Antônio tranquilo, e por isso, com um suspiro, ele teve de se decidir e falar aos meninos da Cachoeira.

Tentou explicar a eles como ela era grande — sem muito sucesso —, mas o fato de tê-la descrito como a morada de uma deusa do Rio Grande especialmente irritadiça e talvez faminta os impressionou o bastante para acolherem com presteza a sua proposta de dormirem por turnos, de modo que houvesse sempre alguém acordado e de orelha bem em pé:

— Um barulho como de trovão, mesmo distante, mesmo que mal se ouça, e quem estiver de guarda acorda todo mundo na hora. Por favor, meninos: as deusas não dormem.

Embora não tivesse previsto isso, Antônio dormiu bem, e quando acordou com o sol nos olhos encontrou a tripulação acordada e esperta, tomando café da manhã com a carne assada trazida da aldeia:

— Nenhum trovão, Antônio, só os pássaros e os macacos e o rio grande que mesmo de noite sussurra.

Por enquanto tudo correu bem; quem sabe, talvez a gente tenha tido a sorte de pegar um braço lateral como aquele que Pernão pegou, talvez a gente nem veja essa bendita cachoeira que não me sai da cabeça.

E por muitas horas a navegação pareceu lhe dar razão, correndo tão lisa que a única preocupação foi manter, tanto quanto possível, a cabeça de Yamandé à sombra. O rapaz parecia quase sempre adormecido e Antônio não tinha certeza de que fosse um bom sinal: quando tinha trocado a compressa da perna, tinha-a encontrado em condições nas quais preferia não voltar a pensar.

Foi justamente Itaúna que a ouviu primeiro: o mais intimidado pelo rio e por isso o mais alerta. Levantou a cabeça e murmurou:

— O trovão.

Depois repetiu gritando:

— O trovão, escutem, escutem!

E de repente todos ouviram, ainda distante mas bem distinguível, um ronco e um estrondo, uma vibração no ar.

— Para a margem, para a margem! Depressa, a gente tem de encostar, usem as varas, procurem o fundo!

Mas os bastões, por mais longos que fossem, pareciam não conseguir a mínima pega; o rio devia ser mais fundo do que eles pensavam, e quem sabe se era só a agitação deles ou se a correnteza estava mesmo mais rápida e forte.

O barulho da cachoeira agora se distinguia até sem prestar atenção e parecia se aproximar a cada instante. A gente está no meio do rio demais, longe demais da margem, as varas não tocam o fundo, a gente nunca vai conseguir encostar assim. Antônio entendeu que era preciso decidir depressa:

— Moacir! (o mais atlético, o mais destemido) Moacir, a gente tem de entrar na água e empurrar a balsa para a margem, a gente tem de fazer isso já, agora!

— Sim, Antônio, mas eu não sou muito bom em fazer que nem os peixes na água…

— Você só tem de mexer os pés e ficar bem grudado na balsa; não solta ela, por favor, e bate os pés o mais forte que você conseguir. Vem, vamos, não tem tempo, vamos.

Antônio entrou na água primeiro, tentando não pensar em quantos seres povoavam o rio: nadar não era um esporte praticado, na floresta, e por muitos bons motivos. Mas não havia escolha, a cachoeira significava morte certa para todos; e assim, agarrado aos troncos (não pense nos peixes, não pense nas cobras, nos jacarés), nadou com toda a força que tinha. Moacir já estava ao lado dele e logo depois Ubiratan, o taciturno Ubiratan de pernas robustas, que sem uma palavra desceu na água batendo os pezões com a energia de um pirarucu. O rio estava fresco e até agradável — se se excluísse a sensação contínua de que alguma coisa viva roçava as pernas, a pele —, mas a correnteza era forte de verdade; a gente não vai conseguir, não, não pense nisso, mexe as pernas, mexe as pernas. Estavam quase no limite, os dentes cerrados, os nós dos dedos brancos de esforço, quando finalmente a trajetória oblíqua que tinham conseguido imprimir à embarcação a levou perto o bastante da margem para que as varas pegassem:

— A gente toca, Antônio, a gente toca!

Com um último puxão espasmódico chegaram a se agarrar às plantas, a travar a balsa contra a margem: entre arco-íris de gotas e um ronco já ensurdecedor, o rio sumia no vazio apenas cem metros mais adiante.

Foi necessária uma longa pausa, deitados ofegantes na margem lamacenta, para decantar a emoção do risco, se alimentar e tirar de cima uma legião inteira de sanguessugas. Sobretudo foi necessário decidir como prosseguir: a vaga esperança de Antônio de pegar por acaso um braço lateral que contornasse a cachoeira tinha se desfeito visivelmente demais, e a essa altura, de um jeito ou de outro, a Cachoeira tinha de ser enfrentada.

A primeira hipótese foi a de simplesmente transportar a balsa nos ombros e recolocá-la na água abaixo do salto, mas bastou um rápido reconhecimento para verificar que a floresta naquele ponto, encharcada por séculos de respingos e vapores, era ainda mais exuberante do que o normal: conseguir abrir caminho naquele emaranhado úmido e íngreme transportando, além do ferido, aquele traste tão volumoso teria sido um milagre.

Por outro lado, Antônio tinha uma lembrança bastante precisa da distância entre Monte Dourado e a cachoeira: na época tinha acabado de partir e ainda estava atento ao que o cercava; lembrava bem que não tinham viajado mais que meio dia. Com boa aproximação podia-se portanto pensar que fossem vinte e cinco, talvez trinta quilômetros: não eram muitos para fazer a pé, podia bastar um dia de marcha forçada. Mas era preciso antes de tudo chegar lá, ao pé daquele maldito salto, e só para descer no meio daquele mato seriam precisas horas: isso significava ter de parar mais uma noite na floresta, mas sobretudo significava chegar à cidade um dia mais tarde. Ninguém ousava dizer abertamente, mas todos se davam conta de como as condições de Yamandé pioravam a olhos vistos: talvez um dia a mais fosse demais para ele.

— A gente pode descer a pé e deixar que o rio leve a balsa lá para baixo. Depois a gente pega ela passada a cachoeira.

— Ela vai se espatifar, Piraí.

— Talvez não.

— Eu te digo que ela vai virar mil pedaços, aquela cachoeira é alta, nunca poderia…

E naquele momento Antônio se lembrou — onde e quando tinha visto, num jornal, na TV? — daqueles caras que tinham se atirado das cataratas do Niágara dentro de um barril de madeira e inacreditavelmente tinham conseguido. Por mais imponente que fosse a Cachoeira, com certeza não era tão alta: talvez uma possibilidade de a balsa não ir em cacos pudesse existir. E se não queriam perder um dia, parecia ser a única possibilidade.

— Talvez você tenha razão, talvez ela não se espatife. A gente tem de tentar. Se depois ela acabar em pedacinhos, quer dizer que a gente segue a pé.

— Mas como é que a gente pega ela de volta, depois? Como é que a gente faz para pegar ela do meio do rio?

— Não sei, Moacir, não sei. As correntes provocadas pela cachoeira criam um movimento que leva os objetos mais volumosos para as bordas e… pelo menos eu acho, mais ou menos. De todo modo a gente pensa nisso quando estiver lá.

Decidiram que dois deles ficariam com a balsa, para confiá-la à correnteza somente depois que os outros tivessem chegado lá embaixo: não podiam deixá-la cair sem alguém que olhasse e ao menos tentasse ver onde ela ia parar.

Foi assim que partiram todos menos Moacir e Cauê, que tiveram de esperar quase três horas, procurando bagas e caçando lagartixas, antes de avistar o fio de fumaça e o clarão do fogo aceso pelos outros. Já tinham afastado o máximo possível da margem a balsa usando as varas, retendo-a amarrada apenas com dois longos cipós. Só quando avistaram o sinal e a libertaram cortando as amarras é que se deram conta de que perderiam o espetáculo de vê-la voar: viram-na correr sobre a água cada vez mais depressa e — de repente — sumir no nada.

3.3 Salto

Não sei que espírito eu tenho de agradecer, pensou Antônio quando viu que a balsa, depois daquele voo que tinha parecido longuíssimo, quase em câmera lenta, tinha ficado praticamente inteira. Ou talvez nem tenha pensado, porque Ubiratan começou a invocar tantos espíritos, divindades, nomes de árvores ou de pássaros ou de alguma coisa nunca ouvida antes, cada um pontualmente agradecido, que a Antônio veio a dúvida de ter pensado em voz alta e a certeza de que muitos daqueles nomes o rapaz estava inventando ali na hora.

A balsa tinha aguentado. A quilha tinha se espatifado num esporão de rocha e o leme tinha se perdido, mas a estrutura, ainda que um pouco torta, tinha suportado o impacto com a água e agora navegava sacolejando na direção deles, empurrada pela turbulência da zona de impacto da cachoeira que, como Antônio tinha suposto, a empurrava para a margem. Moacir e Cauê se reuniram ao grupo quando um novo leme já tinha sido improvisado, pouco mais que uma longa vara meio torta.

Decidiram de comum acordo que não havia tempo para reconstruir a quilha, seria preciso desmontar e remontar a balsa inteira para poder inserir uma nova, e por isso embarcaram imediatamente, deixando-se de novo transportar pelo rio, cada um no fundo do coração orgulhosíssimo pela prova superada graças à sua coragem e à sua destemida embarcação.

As horas de navegação seguintes foram tão fáceis que Antônio, cansadíssimo, adormeceu mais de uma vez, quase hipnotizado pelo marulho da água nos troncos e pelo ruído de fundo da floresta, sempre tão diferente e no entanto tão igual a si mesmo. A balsa, de todo modo, parecia animada de vida própria e os conduzia com decisão pelas longas curvas do rio, cujo leito já se alargava perceptivelmente.

Yamandé começou a gemer na sua rede, atraindo a atenção de todos. Talvez tivesse chegado o momento de lhe dar outra dose de erva do desmaio.

3.4 Olhares

Foi então que, depois da enésima curva do rio, Antônio viu ao longe o cintilar de um telhado de zinco, a silhueta de construções entre as árvores, e não muito depois pôde distinguir claramente o cais, bambo como ele o tinha deixado, e deserto. Não havia barcos atracados, apenas os costumeiros barquinhos desbotados fora d'água e um enferrujado motor de popa sem hélice, de cima do qual um urubu empoleirado os viu sonolento amarrar e desembarcar.

Os meninos tinham ficado silenciosíssimos; entraram na cidade com cautela, as mãos indo inutilmente procurar as lâminas que Antônio lhes tinha proibido de levar. Apinhados em volta da rede, deixaram que ele lhes servisse de vanguarda, olhando em volta com os olhos arregalados, curiosos mas alertas. Pelo que pareceu a Antônio, porém, não havia perigo nenhum: as ruas, com alguns carros a mais do que ele lembrava estacionados ao lado das casas, estavam, tirando cães e lagartixas, poeirentas e vazias. As pessoas deviam estar jantando; das janelas abertas vinha um tilintar de pratos, vozes e vinhetas de telejornal. As duas ou três crianças que os viram chegar — seis meninos nus carregando uma trouxa de rede e um homem mais alto, nu e barbudo, à frente deles — tinham arregalado os olhos, emudecidas, e tinham corrido para se refugiar em casa.

A pracinha tinha ficado quase idêntica a como ele a lembrava; tinha sido acrescentado um canteiro meio pelado em volta do pelourinho, e um prédio com ar de nunca inaugurado tinha sido renovado com persianas e textura acrílica e trazia a placa "Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque – Administração". A lojinha tinha posto do lado de fora um expositor com chinelos coloridos e vestidinhos de náilon pendurados; três postes de um design de alumínio ousado demais ofereciam aos cães novas e futuristas oportunidades de mijada; a pousada tinha sido pintada de cor de ciclâmen e equipada com um letreiro de néon, agora apagado, que com não muita originalidade dizia "Do Pelourinho – Pousada – Café – Cerveja Brahma".

Na sala em penumbra a dona lavava os copos, de costas para a entrada e para o único freguês, um velho que acariciava uma cervejinha olhando concentrado, numa enorme televisão pendurada na parede, uma acalorada discussão em volume máximo entre duas damas muito maquiadas que um corpulento apresentador de paletó azul-marinho tentava ao mesmo tempo apaziguar e atiçar.

Vendo-os entrar nus e pintados, em perfeito silêncio, o homenzinho arregalou os olhos e grasnou:

— Gesita…

— Sim, Armando, o que é que foi? O senhor já acabou a sua cervejinha?

— Gesita, ahn… tem… gente.

Gesita se virou e ficou um momento pasma, o copo numa mão e o pano na outra, mas se recuperou depressa:

— E vocês, quem são? O que é que vocês estão fazendo aqui? Para fora, vamos, vamos, este não é lugar para vocês.

Antônio se adiantou, ajeitando as duas penas de papagaio entre os cabelos desgrenhados:

— Dona Gesita, boa noite. Não se preocupe, a gente não faz nada de mal: a gente precisa de ajuda, tem um rapaz ferido, a gente precisa de ajuda.

— Mas o senhor, diga uma coisa, o senhor não é um deles. Eu não entendo: o que é que o senhor está fazendo com esses índios?

— Seria uma história muito longa, dona… meu nome é Antônio Carlos Rocha de Almeida. Veja, a senhora com certeza não se lembra de mim, mas eu já estive aqui, tempos atrás. Eu conheço o seu irmão, Pernão…

— Ah, Pernão! Deve fazer dois anos que eu não vejo ele. O Paulo pegou o barco e foi embora rio acima, queria fazer negócio, vender, comprar, deus sabe o quê. Dizia que Monte Dourado não oferecia perspectiva, dizia. Em dois anos deve ter me telefonado três vezes, aquela alma de capivara.

— Eu conhecia também o seu primo, o pobre Pepê, que infelizmente…

— Pepê? E quem seria? Nunca tive primos: o Paulo e eu temos sete primas, todas mulheres, e olha que o tio Armando ia gostar tanto de um filho homem; mas talvez tenha sido melhor assim, ia sair um mulherengo vagabundo que nem ele… Mas o senhor, eu ainda não entendi quem é e o que quer: um rapaz ferido, o senhor diz? Onde é que ele está? Deixa eu ver.

— A senhora tem razão, esse rapaz está bem mal, é preciso que um médico veja ele depressa.

— Talvez com um barco…

— Não tem mais barco a motor como se deve; o dele o Pernão levou e aquele outro estava tão acabado que o rio já apodreceu ele faz anos. Todo mundo usa carro agora: a gente vai ter de procurar alguém que transporte o rapaz.

— Mas a gente é gente demais, seriam precisos dois carros, talvez até três…

— Que bobagem; o rapaz vai para o hospital e os outros voltam para a floresta. O senhor não vai querer levar todo mundo para a cidade.

— Na verdade… eu acho que sim, Dona Gesita, vai ter de ser assim: eles não vão se separar, e nem eu quero deixar eles aqui, eu quero que venham comigo para a cidade. E além disso eu queria ir para Macapá, não para Almeirim. É uma longa história, eu já disse.

— A mim me parece uma loucura, mas bom, o senhor que sabe; a gente vê se acha os carros, embora não vá ser fácil achar quem dê carona para uma tribo inteira… Ah! Mas espera: amanhã cedo passa em Laranjal o ônibus que vai para Macapá; ali cabem todos vocês e vocês viajam tranquilos. Laranjal fica do outro lado do rio, mas isso não é problema, a gente atravessa sempre com os barquinhos. No fim das contas é o jeito mais rápido de fazer vocês chegarem à cidade; vocês levam menos tempo e viajam mais confortáveis do que fazendo tudo de carro.

— Ah, eu agradeço, essa é uma ótima ideia! Claro que a gente vai ter de parar aqui esta noite, mas não vamos incomodar a senhora: a gente se põe fora da cidade, debaixo das árvores…

— Mas não, mas não, que árvores que nada. Vocês não estão na floresta aqui. Vocês vão dormir aqui, na sala; eu trago redes para todo mundo. E esse rapaz a gente põe numa cama como se deve: ele já foi sacudido demais, precisa ficar quieto.

— Eu agradeço, a senhora é realmente muito gentil. Eu não estou com dinheiro, mas chegando à cidade eu posso ir ao banco e…

Gesita deu de ombros:

— Nisso a gente pensa depois. A mim não falta do que viver, e de sanguessuga na família já basta o meu irmão Pernão. Não fique preocupado. Aliás, vocês vão querer comer, certo?

— Na verdade, pois é, sim. Sabe, são meninos, estão sempre com apetite: a gente trouxe provisões, mas já acabaram… sim, muito obrigado; de fato a primeira coisa é pôr Yamandé para descansar e depois comer alguma coisa.

— Não — disse Gesita medindo-o de cima a baixo. — A primeira coisa é pôr alguma roupa em vocês.

Pela primeira vez depois de muitos anos Antônio teve consciência de estar sem roupa: o olhar divertido de Dona Gesita o fez se sentir, que estranho, bastante… como é que era aquela palavra, não lhe voltava à cabeça, não havia uma palavra correspondente na língua da tribo: pronto, nu, a palavra era nu.

Na sala o velhinho, esquecida a cerveja, fitava os meninos. Os meninos, juntinhos num compacto grupo moreno, de olhos arregalados fitavam hipnotizados a televisão.

3.5 Gesita

Dona Gesita devia ter um grande instinto materno que não tinha encontrado como se exprimir, porque, depois da breve desconfiança inicial, cuidou deles como uma galinha choca. Está longe de ser uma mulher feia, pensou Antônio, talvez um pouco tagarela mas parece muito afetuosa; quem sabe por que ela não conseguiu formar família. Provavelmente naquele fim de mundo não eram muitos os pretendentes disponíveis, ou talvez ela não tivesse julgado nenhum à sua altura de proprietária de pousada com direito a letreiro de néon.

O fato é que os tomou sob a sua asa protetora, como se fossem todos — Antônio incluído — crianças de quem cuidar. O que no fim das contas não estava longe da verdade: caçadores aguerridos e perfeitamente adaptados na floresta, naquele ambiente totalmente novo eram desamparados como bebês.

Antes de mais nada Gesita instalou Yamandé numa cama de verdade no andar de cima, não sem antes tê-lo abastecido de várias pastilhas tiradas de um armarinho de remédios grande como um dispensário. E embora colchão e travesseiros fossem uma experiência totalmente nova para o ferido, depois de uma sensação inicial de incômodo e espanto com aquela maciez, aquele branco liso e cheiroso, o sorriso de beatitude que se pintou no rosto dele apesar da febre deu a entender sem a mínima dúvida que ele a achava tudo menos desagradável.

Para conseguir a atenção do grupo foi necessário desligar a televisão — a cujo encanto nem mesmo a Grande Sucuri teria conseguido subtraí-los — com certo desagrado do senhor Armando, que foi afastado por Dona Gesita com gentileza mas sem muita cerimônia:

— Por hoje a gente está fechado, Armandinho. Estou com gente.

O velho foi embora balançando a cabeça, pouco convencido. Se a pessoa não pode nem tomar a sua cervejinha sem que chegue uma tribo inteira de índios pelados para se plantar na frente da TV, que mundo. Aonde é que a gente foi parar.

Desimpedido o campo, a mulher tomou nas mãos a organização: os meninos pareceram aceitar de bom grado os cuidados dela — sobretudo Moacir, que lhe dedicava contínuos sorrisos luminosos — e, com certo espanto de Antônio, se mostraram mais curiosos do que intimidados por aquela profusão de novidades.

Depois de ter deixado os jovens um bom tempo se molhando uns aos outros com a mangueira e de ter oferecido a Antônio o uso de um banheiro com banheira, Gesita pôs à disposição do grupo uma vasta cômoda transbordante de peças de roupa de todo tipo.

— O senhor não faz ideia de quanta coisa as pessoas esquecem nos quartos — tinha resmungado; mas, por mais que pudesse ser verdade, a Antônio pareceu que aquelas roupas eram realmente um pouco demais, sobretudo as masculinas, em relação à quantidade de clientes distraídos que uma pousada como aquela pudesse jamais ter tido. Talvez, afinal, um marido tivesse existido; mas pelo jeito Gesita não gostava de falar disso.

Os meninos, depois de um momento de temor desconfiado — de resto o melhor reflexo de si mesmos que já tinham visto era o de uma poça turva —, se apaixonaram pelo grande espelho de corpo inteiro que, com a sua faceira moldura rococó, reinava no quarto de Dona Gesita: passaram uma hora inteira se pavoneando com meias e camisetas, empurrando-se uns aos outros para conseguir se ver, rindo vaidosos e eufóricos.

Enquanto preparava o jantar — afastando de um lado para o outro Piraí, que estava sempre no caminho dela, fascinado pela cozinha, pelo fogão, pelas louças, pelos ingredientes em que enfiava os dedos para prová-los guloso —, Gesita pensava em organizar a partida:

— Depois do jantar eu vou pedir ao João e ao Vicente que levem vocês amanhã bem cedo de barco para o outro lado do rio. De resto vai ser preciso mesmo que eu diga alguma coisa sobre vocês, devem ter visto vocês chegando. E mesmo que não tivessem, o senhor Armando é mais fofoqueiro que a minha prima Gilberta.

A solução mais simples se revelou servir o jantar ao grupo no quintal interno: as cadeiras da sala eles tinham apreciado muito e as tinham experimentado uma depois da outra, todas, dando risadinhas satisfeitos; mas tinham achado as mesas, pelo jeito, uma invenção mais do que tudo incômoda. Foi assim que comeram no quintal entre os vasos de gerânio, coentro e orégano, sentados no chão como se deve, bem vestidos com as camisetas que tinham escolhido. Vai ser preciso que amanhã, na hora de partir, a gente consiga fazer eles vestirem também uns calções, puxa, em sapato nem adianta pensar, a gente vê mais adiante, quem sabe eles gostem de uns chinelos, mas os calções são absolutamente essenciais. E vai ser preciso a todo custo convencer Cauê a tirar do corpo aquela combinação lilás de renda de que ele parece gostar muitíssimo.

O ensopado que a dona pôs no meio deles num grande panelão, bem cheio de feijão e reforçado por fatias de banana-da-terra fritas, foi apreciado com entusiasmo: nunca tinham provado frango, mas acharam ótimo, um pouco menos saboroso que cobra, mas com certeza mais que jacaré.

Não houve jeito, em compensação, de fazê-los beber a água nos copos: o vidro, tão transparente, os perturbava; parecia água sólida, era incompreensível e decididamente inquietante. Só se decidiram a beber quando Gesita trouxe algumas tigelas de barro recuperadas na cozinha; mas acharam muito interessante e um pouco engraçado o fato de aquela água não ter sabor. Estavam no meio de um aceso debate sobre como era bem estranho que a água não tivesse gosto de barro, nem de folha, nem de terra, nem de taquara apodrecida, quando Antônio foi fulminado por uma lembrança que tinha recalcado por completo: a cerveja. Jesusmeu, existe cerveja!

Gesita ficou feliz de abrir uma garrafa para ele, e quando o primeiro gole gelado lhe desceu pela garganta Antônio pensou que aquilo, pronto, aquilo valia não três dias, mas até três meses subindo e descendo cachoeiras a bordo de uma balsa encharcada e torta. No segundo gole fechou os olhos, perdido na delícia. Mas os reabriu de repente com o terceiro, atingido por um pensamento súbito:

— Dona Gesita, mas em que ano a gente está?

3.6 Catorze anos

1. Meudeus, dez de março de 2014. Antônio refletia sobre aquela descoberta perturbadora imerso na banheira cujo uso Dona Gesita gentilmente lhe tinha oferecido. Banheira. Descarga. Ladrilhos. Sabonete com perfume de rosa: quantas podem ser as coisas de cuja existência em catorze anos a gente chega a se esquecer? Catorze anos eram muitos, muitos mais do que ele tinha pensado. Claro, tinha visto as crianças virarem jovens homens, tinha visto as meninas que agora eram mães; mas por algum motivo estranho — talvez por aquele correr sem estações dos dias — nunca tinha pensado com exatidão nos anos. Se lhe tivessem perguntado à queima-roupa, sem pensar, ele teria dito cinco ou seis, no máximo sete.

Olhou-se no espelho da pia, achou-se tão mudado que não tinha certeza de que se reconheceria se se encontrasse.

Magro e bronzeado, escuro agora quanto eles, e um grande novelo úmido de barba e cabelo. Pegou na mão um barbeador, cheirou o aroma da espuma de barbear, passou entre os dedos um floquinho dela. Depois decidiu que era melhor não se barbear por completo, um pouco porque com meio rosto bronzeado ficaria ridículo, um pouco porque já tinha se acostumado a se sentir barbudo; e assim começou a dar uma aparada na barba e no cabelo com a tesoura — sempre melhor que acertá-los de vez em quando ao acaso com uma lâmina de osso — e naquele momento, inesperada e violenta, a consciência de que logo reveria a sua família o atingiu como um soco.

Tinha escondido sem sequer perceber no fundo do estômago, do coração, da mente, a tristeza de nunca mais revê-los; e só agora que sabia que os reveria se dava conta de quão fundo a tinha sepultado.

E ali, perfumado de rosa diante da pia, com a tesoura na mão e uma cueca dois números maior, permitiu-se depois de todo aquele tempo a alegria de pensar neles.

Quem sabe a Janita, se tinha engordado mais ainda, e se tinha acabado virando freira como de vez em quando dizia; quem sabe a Amanda, quem sabe se tinha casado com aquele almofadinha do namorado dela — nunca engoli aquele rapaz, com aquele ar de vagabundo —, quem sabe, talvez já tivesse dois ou três filhos, ou quem sabe já estivesse divorciada; e a Gabriela, a Gabrielita que mal andava e agora era uma mocinha, como será que ficou, quem sabe se na escola ela vai bem. Uma pontada de medo o gelou por um instante: e o pai, e a mãe? E se tivessem morrido? Mas não, que ideia, eles mal eram de meia-idade quando você partiu; o pai era firme e a mãe estourava de saúde e de vigor: deve estar ainda batendo boca o tempo todo com o tio Ernesto e a tia Norminha, quem sabe se eles ainda têm aquele cachorro horrendo que parece uma anta pelada. Quem sabe os amigos, também; quem sabe se o Paco reabriu a rádio, se o Jaquinho arranjou uma mulher; quem sabe os seus alunos, aquele George tão sabichão e todos os outros adolescentes que agora eram homens. Quem sabe aquela moça, aquela da rádio, como é que ela se chamava, Isabella, Isadora, quem sabe que fim ela levou.

Não vão me reconhecer, pensou sorrindo para o espelho. Não vão me reconhecer, mas eu vou reconhecer eles, vou reconhecer todos.

3.7 Despertador

Tudo é relativo. Tudo depende, pensou Antônio na sala em penumbra, escutando de olhos semicerrados os meninos conversarem entre si, pouco antes de adormecer deitados nas redes fornecidas por Gesita.

Depois lhe veio à cabeça com espanto que a expressão “tudo depende” era um antigo cacoete seu, mas no tempo passado na floresta ele tinha parado de usá-la. E agora que pensava nisso, lhe parecia que não havia sequer uma palavra para exprimir aquele conceito, na Língua. Quem sabe, talvez seja indício de que tudo na floresta é mais simples e mais nítido, perguntou-se; e depois voltou a se concentrar nas palavras dos meninos, sorrindo da ingenuidade deles.

— Mas vocês imaginavam assim tão grandes essas ocas? — tinha sido Jaci que falou.

— Eu sim — respondeu alguém.

— Eu não. E eu nem tinha entendido que uma aldeia podia ser tão grande. Quer dizer, o Antônio repetia sempre, grande, grande, mas eu não pensava tão grande.

— Se eu entendi bem, esta aldeia nem é a maior que eles têm. Aquela de onde o Antônio vem é ainda maior.

— Impossível.

— Eu te digo que sim.

— A gente pergunta para o Antônio.

— Acho que ele está dormindo. Ele é velho, cansa antes da gente.

— Hahaha.

— Eu, em compensação, estou espantado porque tem pouquíssima gente — era Ubiratan que tinha falado. — Olhem em volta: esta oca é enorme, mas quando a gente chegou tinha só aquele homem que bebia a bebida amarela…

— Bebia mijo! — interrompeu-o Cauê, desencadeando grande hilaridade.

— …e a mulher Gesita. E mais nada. Estas aldeias devem ser lugares chatíssimos.

— Eu tinha entendido que tinha muito mais gente.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa ruim e todo mundo tenha morrido! — propôs Cauê, brincando, mas provocando alguns arrepios a mais nos amigos e também em si mesmo.

— Antônio! — chamou Jaci. — Você está dormindo?

— Não, mas eu deveria. E vocês também deveriam.

— Por que é que tem tão pouca gente na aldeia? Aconteceu alguma coisa ruim?

— Não, Jaci, não se preocupe. Esta aldeia é assim. E além disso, quando a gente chegou era quase noite, já estavam quase todos nas ocas deles. Amanhã a gente pega o barco com rodas e vai para a minha aldeia velha; você vai ver que lá vai ter muito mais gente. Agora durmam, que amanhã a gente tem de acordar cedo.

— O que é que quer dizer acordar cedo? A gente acorda quando acorda.

— Não, porque o ônibus, quer dizer, o barco com rodas, não espera a gente. A gente tem de acordar antes que ele vá embora.

— E como é que a gente faz?

Antônio mostrou a eles o despertador que Gesita lhe tinha dado pouco antes:

— Este objeto conta com precisão o tempo que passa e quando chega a hora faz um som e acorda a gente.

— Vocês têm um objeto para acordar vocês enquanto vocês dormem? — perguntou incrédulo Jaci.

— Temos.

— Vocês são loucos.

— Talvez você tenha razão.

3.8 Palavras novas

Na alvorada já estavam todos acordados, antes ainda de o despertador tocar, excitadíssimos com o ônibus em que iriam subir. Na noite anterior tinham espiado com reverência os poucos carros estacionados na cidade, tão lustrosos e coloridos e diferentes de qualquer coisa que já tivessem visto. Antônio tinha explicado a eles que o ônibus era como um daqueles, só que muito maior; eles subiriam dentro dele e ele os transportaria como um barco, mas pela estrada. Provavelmente não tinham entendido por completo, mas mal podiam esperar para experimentar aquele prodígio de movimento e metal.

Metal como as coisas que Dona Gesita usa para fazer comida, como a panela; só que a gente vai entrar dentro e ela se mexe e leva a gente para a aldeia do Antônio, você está com medo? Medo de uma panela que se mexe? Eu não tenho medo de nada; quando eu for velho como o Antônio vou ter um ônibus também, todo de metal e colorido feito um papagaio.

Provaram todos o café — que Antônio sorveu quase extático — achando que tinha gosto de madeira queimada e que era muito, muito melhor o açúcar comido sozinho em vez de desperdiçá-lo dissolvendo naquela zurrapa; depois, passada a inspeção de Gesita, que tinha conferido se todos estavam de calção e camiseta, encaminharam-se para o cais, Yamandé sofrendo mas já com um pouco menos de febre, deitado na rede num amplo pijama de listrinhas.

João e Vicente já estavam lá: quando na noite anterior Gesita tinha explicado a situação a eles, não tinham feito objeções, um rapaz ferido, puxa vida, mas claro, imagina. Em cidades tão isoladas as pessoas estão acostumadas a ser solidárias, é difícil que se negue ajuda a alguém.

Mas em cidades tão isoladas as pessoas também são muito curiosas, e assim naquela manhã em volta do cais tinha se reunido Monte Dourado inteira para vê-los partir: as crianças meio decepcionadas porque tinham ouvido falar de índios nus — aqueles que ficam lá, na floresta — e viam só meninos de camiseta; os adultos muito impressionados com Antônio, que ficou catorze anos fora do mundo, mas como é que ele conseguiu, mas eu teria morrido, mas claro que você teria morrido, ia te comer a primeira onça que passasse por lá, você teria morrido só de não poder ver a novela da tarde; o que é que você sabe da floresta, ah, e você por acaso? Você mora a três metros dela a vida inteira e nunca pôs os pés lá dentro; olha esses meninos, cresceram caçando onça e você aí mais gordo e mais indolente que uma capivara.

Os barquinhos se soltaram do atracadouro, a cidade se despedia deles agitando as mãos; Gesita — naquele fim de mundo parado os imprevistos eram raros como um dia sem chuva — já estava com saudade.

— Que mulher bonita, lindíssima.

— Hã? Mas quem? Lindíssima quem?

— Aquela mulher, a Gesita, aquela que deu comida para a gente na casa dela.

— Ela é muito velha para você, Moacir.

— É, é muito velha. Mas linda, com todo aquele cabelo amarelo, cabelo amarelo bonito — suspirou.

— É, bom, era tingido, Moacir, tingido.

— O que é tingido.

— Tingido é colorido, pintado, desenhado; não é a cor de verdade dele.

— Não importa, não fala assim; você está com inveja porque o seu cabelo não é bonito assim. Ela é uma mulher lindíssima, tem cheiro de flor, tem pinturas nos olhos, tem um vestido lindíssimo cheio de cores, tem o cabelo amarelo como o sol. Eu acho que ela é como a deusa do rio, a Grande Sucuri Amarela; ela é lindíssima, você não entende nada.

Moacir suspirou de novo, os olhos remotos olhando a margem se afastar.

Cauê apertou no punho a combinação lilás que tinham permitido que ele levasse consigo desde que não a vestisse; pensava no ônibus e estava com muito medo, mas morreria antes de admitir.

3.9 Lágrimas

O motorista se chamava Fernando, e quando arrancou cantando pneu no cascalho de Laranjal estava um pouco desconfiado: aqueles eram índios, ele reconhecia a um quilômetro de distância, nem sabiam a língua a não ser aquele barbudo que sabe-se lá de onde apareceu, e além disso aquele rapaz ferido… Ele não queria ter problemas; já dirigir aquele armariozão por aquelas estradas mais barro que asfalto já era um sacrifício que, pelo que pagavam, talvez a mulher dele tivesse razão, talvez fosse melhor ir para a fábrica enlatar peixe em Belém. Mas depois mudou de ideia: no fim das contas não criavam problemas, eram silenciosos e tranquilos — olhavam pelas janelas, fascinados por ver a estrada que corria, corria.

Quando entraram na cidade, Antônio quase não percebeu o que o cercava; estava atordoado mas sobretudo estava preocupado — como fazer para levar todo mundo até o hospital, com um ônibus, um táxi, com que dinheiro —, quando o motorista, desembarcada no ponto a última dona de casa que estava com pressa, disse:

— Mas aonde é que os senhores vão? Esse rapaz ferido os senhores têm de levar para o Senhora dos Anjos, não é?

— É, mas eu não sei, deve ter um ônibus, talvez…

— Na minha opinião não é tão prático, os senhores teriam de trocar na Rua Paraná e quem sabe esperar, com esse aí que nem fica de pé… Ah, eu de todo modo já terminei a volta; já que a gente está aqui eu levo os senhores, vamos.

— Mas o senhor tem certeza? A gente tem dinheiro para a passagem só até a cidade (de algum jeito eu tenho de devolver para a Gesita, sem falta), fica fora do seu trajeto ir até o hospital.

— Ah, mas o hospital praticamente é caminho para ir até a garagem… São bons esses meninos, educados, e aquele ali coitado; eu tenho um filho de vinte anos também, coisa feia essa perna. Eu levo os senhores até lá, depois os senhores veem.

Houve certo alvoroço no pronto-socorro quando entraram seis índios carregando uma rede, intimidados por todo aquele branco e verde, por aquele cheiro desconhecido e suspeito, guiados por um sujeito barbudo que pedia a plenos pulmões um doutor, um como é que se diz aquele que conserta as pernas, os ossos, tem um rapaz ferido, é preciso um, um… um ortopedista. Depressa.

— Então o senhor me diz que ficou catorze anos na floresta; é uma coisa muito… bizarra, uma coisa realmente peculiar, sabia?

— Sim, doutor, eu sei. É uma história meio longa, mas o que me interessa é que o rapaz, a perna, fique bem.

— Sim, sim, bem. Ele está bem, mas o senhor fez bem em trazer ele para cá: era realmente uma fratura feia e ele estava muito mal, teria morrido se não tivesse sido atendido a tempo. A perna vai se ajeitar, ele nem vai perceber que se machucou; mas vai ser uma coisa longa, vai ser preciso um bom período de reabilitação. Mas o senhor, me conte do senhor: como é que foi que, enfim, aqueles catorze anos…

— Escute, sim, eu vou contar; mas agora seja gentil: eu poderia dar um telefonema?

Ao telefone quem atendeu foi Janita — não tinha virado freira, afinal — e foi uma sorte, porque o modo como ela ficou transtornada fazia pensar que, se tivesse atendido a mãe, eles estariam enfrentando um infarto: engasgou, ofegou, gaguejou, perguntou por segurança — nunca se sabe, tem um monte de gente estranha por aí — o nome da bisavó paterna, e depois se desmanchou em lágrimas soluçando:

— Antoninho, ah, Antoninho! A gente vai já, a gente vai agora, meia hora e a gente está aí.

Tinham acabado de transferir Yamandé para o quarto, operado e sedado, e Antônio tentava entender o que fazer com aqueles meninos de pé havia um bom tempo no pronto-socorro, embora ainda parecessem tranquilos, colados às vidraças olhando com inesgotável curiosidade lá embaixo na rua os carros, as vans, os letreiros, as lojas, as bicicletas e as motos, os semáforos e os mendigos, as mulheres de salto, o asfalto, o lixo e os bueiros, as calças e as saias e os óculos, os cachorros na coleira, as persianas, os cigarros, os guarda-chuvas.

Foi então que chegaram, todos juntos: a mãe abrindo caminho para abraçá-lo primeiro, apertando-o a ponto de lhe tirar o fôlego, chorando feito uma fonte e brandindo o pacote com os quarenta beijinhos que, atropelada pela agitação, tinha preparado antes de sair; e depois Janita e Amanda, acariciando-o as duas ao mesmo tempo e chorando elas também; e o marido de Amanda, que ainda bem não era o almofadinha e que nunca o tinha visto antes mas o apertou viril, incitando os dois meninhos que segurava pela mão: “Vamos, vamos, deem um beijo no tio!”; e Gabrielita de minissaia, que não se lembrava nem um pouco dele e ficava meio de lado mas, contagiada, chorava também. E a tia Norminha, que o inundava de lágrimas espremendo-lhe as bochechas entre as mãos, e o tio Ernesto, que não parava de lhe dar tapas nas costas e fungava; e Antônio, que não sabia se ria ou se chorava um pouquinho ele também.

— Como você ficou bonito, Antoninho da mamãe, meu menino, com essa barba de garimpeiro… Quem sabe quando o seu pai vai te ver; ele não gosta de confusão, você sabe como ele é bicho do mato, mas te espera em casa: eu não via ele emocionado assim desde que te viu nascer… Meu menino lindo! Você parece mais alto, mas está magrinho; deixa eu ver, quem sabe o que você comia, que bichos feios e mato… E quanto eu chorei achando que você tinha morrido, mandei rezar sei lá quantas missas; está vendo que Nossa Senhora dos Meninos me ouviu? Você tem de me contar tudo, tudo… Mas estes, são estes os seus amigos? Mas que meninos lindos!

E enlouquecida de gratidão e alegria abraçava os meninos, um pouco desconcertados por aquela mole macia molhada de choro e cheirando a íris; acariciava os cabelos deles, enchia as mãos deles de beijinhos recém-saídos do forno, depois voltava a arrancar Antônio dos braços das irmãs para abraçá-lo de novo, abraçava as filhas, abraçava Norminha e Ernesto como se não os visse havia anos, abraçou chorando e rindo um enfermeiro de bigode que passava por acaso.

O tio Ernesto abriu duas garrafas de espumante italiano depois de ter mandado uma enfermeira procurar copos “Vamos, seja gentil, depressa que a gente tem de brindar!”, os meninos se empanturravam de doces, as mulheres encharcavam um lenço atrás do outro, as crianças entoaram para o tio uma cançãozinha aprendida na creche, a tia Norminha batia palmas: o pronto-socorro do Senhora dos Anjos não via tanto tumulto e lágrimas e alegria desde que treze anos antes a senhora Anita Madeira de Andrade tinha dado à luz ali mesmo, sem tempo de chegar à sala de parto, os seus quatro gêmeos, dois louros e dois morenos.

3.10 Casa

As horas seguintes foram um tal turbilhão de sensações e rostos, fervilhante de vozes de que ele não se lembrava e grudento de cocada, que Antônio nunca conseguiu reconstruí-las com precisão.

Tinham ido buscar ele e os meninos antes que saíssem do hospital para vaciná-los praticamente contra tudo:

— É o protocolo padrão; os nativos de tribos que nunca entraram em contato com a gente correm risco extremo, uma gripe pode matar vocês, sem falar em sarampo e catapora.

— Mas eu tive catapora quando criança, e gripe eu peguei pelo menos mil vezes…

— Vamos, vamos, não faça tanto drama, a gente faz tudo no senhor também, por segurança.

A coisa incomodou bem mais a ele do que aos meninos, que estavam mais do que tudo curiosos com os jalecos, as macas, as seringas, e que ficaram entusiasmados com a ideia de que aquela pequena picada — Menos que um marimbondo, menos que uma formiga daquelas grandes! — os protegeria para sempre contra todas as doenças do mundo.

— Não é bem assim, meninos; vocês estão protegidos de algumas doenças, mas…

— Você disse que essa coisa era um remédio que ia proteger a gente das doenças. Você disse que servia para a gente nunca mais ficar doente.

— Está bem, Cauê, está bem. Eu não disse exatamente isso, mas está bem assim mesmo. Agora vamos ver se a gente consegue ir embora daqui.

Tiveram antes de passar para se despedir de Yamandé, que, recém-acordado da anestesia e ainda zonzo, parecia não entender bem onde estava e por quê, e certamente não entendia nem um pouco quem era toda aquela gente, em particular a rechonchuda senhora idosa que lhe afofava os travesseiros e aqueles dois menininhos que lhe deram um beijinho na bochecha: “Deem tchau para o amigo do tio, que está doente!”

Mas pela primeira vez em dias ele estava com o rosto relaxado e não contraído pelo sofrimento, e na dura caminha branca parecia à vontade; e por isso, uma vez tranquilizado de que voltariam muito em breve, bastou recuperar Cauê, que tinha ido explorar os corredores do terceiro andar, para estarem prontos a deixar o hospital.

Foram precisas três viagens no carro de Ernesto para transportar todos até a casa de Marcela, a mãe de Antônio, onde um bando festivo de parentes e vizinhos os esperava para abraçar o ressuscitado, ver a tribo da floresta que o acompanhava e aproveitar a ocasião para comer, beber, pôr uma música, dançar, fofocar, discutir política, futebol, os preços que estão cada vez mais altos e aquela série de TV que tinha acabado de terminar, que pena.

— Pena que você não voltou num sábado, Antoninho; assim podia ter vindo ainda mais gente te festejar!

Sábado, olha só. Lembrar que sábado e domingo eram dias diferentes dos outros, que cada dia tinha um nome e uma peculiaridade — na quinta tem a feira na Rua Mendes, na terça tem o programa de

perguntas, na segunda saem as revistas semanais na banca, ou será na quarta? — divertiu muito Antônio; era uma coisa que ele tinha esquecido por completo e que agora lhe pareceu bastante ridícula.

No meio daquela multidão de desconhecidos os meninos se saíram muito bem: sorriam para todos, gorjeavam cerimoniosos na sua língua desconhecida e se deixavam empanturrar de doces, batatinhas e empanadas fervendo, bebendo uma cuia de Coca-Cola atrás da outra: a bebida os tinha feito se apaixonar no primeiro instante, enquanto quanto ao vidro dos copos mantinham todas as suas reservas.

Ubiratan não tinha mais saído da varanda, de onde, sentado no balanço rangente que a senhora Marcela todo ano renovava com almofadas novas — no momento hortênsias acrílicas rosa-bebê —, contemplava sem se cansar o panorama da cidade, os telhados, as ruas, o emaranhado inextricável de fios elétricos e antenas, uma obra ali perto eriçada de guindastes altíssimos.

Gabrielita, sentada num canto do sofá, mostrava a Itaúna, que não entendia uma palavra mas assentia admirado ao desdobrar-se de cada nova função, um troço cor de fúcsia que parecia uma televisão em miniatura — *ela fala de telefone, de internet, de jogos e música e filmes, mas o que é que ela está dizendo, ela está tirando sarro dele, não podem existir telefones assim ainda, deve ser um brinquedo, uma daquelas coisas de criança que anunciam nos gibis, daqui a pouco ela vai dizer para ele que dá para ver através das roupas* — enquanto Piraí ria na cozinha com um grupo de matronas que tinham metido na cabeça, vendo-o interessado em molhos e panelas, ensinar a ele a fazer moqueca de caranguejo.

Janita ficou em casa o estritamente necessário para preparar uma bolsa para Yamandé e voltar ao hospital para levá-la:

— Coitado do rapaz, ele não tem nem pijama consigo, um par de chinelos, um roupão… Eu levo também um pacote de biscoitos e umas balas; no hospital com certeza não cozinham como a gente aqui em casa, ele vai gostar de adoçar a boca. Quem sabe eu levo até umas duas revistas; um rapagão daqueles o dia inteiro na cama, quem sabe como ele se entedia.

Antônio ia dizer a ela que ler jornais em português não era o passatempo certo para Yamandé, mas depois pensou que, em compensação, as figuras das revistas ele iria adorar; no fim das contas era uma ótima ideia. Tão boa que ele nem ficou discutindo com a irmã a respeito da conveniência dos chinelos e do roupão.

Tinha sido estabelecido que os meninos dormiriam na varanda — ao abrigo da chuva incessante mas não fechados num quarto, eles preferiam assim — e, com eficiência, Janita, Amanda e Marcela tinham pensado, sem dizer uma à outra, que seria melhor pedir emprestadas aos amigos algumas redes, obtendo o resultado de ter pelo menos trinta empilhadas nas poltronas da sala.

Antônio começava a estar cansadíssimo; as emoções, a confusão e, não menos importantes, as duas ou três cervejas a que já não estava acostumado o mantinham suspenso num sorridente entorpecimento, salvo sobressaltar-se toda vez que uma porta batia, uma moto roncava na rua, uma ambulância passava: ruídos que antes ele nem percebia e que agora lhe custavam alguns instantes só para identificar.

Mas reconheceu na hora o som que veio da televisão que alguém tinha ligado: a narração de uma partida, evidentemente, era impossível de esquecer. Quando entrou na sala, escapando do abraço viscoso de uma prima distante chegada atrasada de cujo nome não se lembrava, Moacir tinha acabado de correr para chamar todos e os meninos estavam excitadíssimos:

— Antônio, olha, olha aquele objeto com as pessoas dentro, olha! Eles jogam como a gente com a bola, eles jogam futebol!

3.11 TV

— É uma tela, né? — perguntou Cauê lembrando a palavra portuguesa que Antônio tinha pronunciado tantas vezes nas suas histórias. — As pessoas que estão jogando não estão de verdade aí dentro, estão num lugar longe, muito longe. Ah, sim, estão na lua!

Antônio sorriu e assentiu, deixando que os seus olhos pousassem naqueles meninos que por certos aspectos lhe parecia estar vendo pela primeira vez.

Eles não tinham nenhuma noção da função dos objetos de mobília; para eles uma poltrona era só um amontoado volumoso e não estava associada de modo algum ao conceito de "sentar-se". Moacir, vendo o sofá, deitou-se em cima dele, pensando que um objeto vagamente parecido com uma cama de hospital pudesse também ter vagamente a mesma função. Também Piraí teve a mesma ideia, só que com a mesa, levantando murmúrios de protesto e risadinhas por parte da parentada. Os outros estavam empoleirados nos móveis cada um a seu jeito: um num baú, outro no encosto da poltrona. Só Jaci ficava de pé num canto, fascinado pelos pingentes de vidro do lustre, que mais de uma vez Antônio lhe tinha dito para não tentar colher, porque temia que ele pudesse achar que fossem frutas.

As imagens da partida corriam depressa demais para conseguir capturar a atenção dos meninos, continuamente distraídos pelas novidades demais que os cercavam; o próprio Antônio tinha perdido completamente o hábito de focar a sua atenção num objeto daquele tipo. Além disso estava fascinado pela tecnologia: aquela televisão era enorme em relação às que ele lembrava, a tela era planíssima e finíssima e a qualidade das imagens era de tirar o fôlego.

Piraí, enxotado da mesa, foi o primeiro a começar a imitar os movimentos dos jogadores que via na tela, logo seguido por todos os outros. Um drible, um passe, um arranque parado. Cada um deles escolhia um jogador enquadrado e copiava os movimentos dele. Antônio estava extasiado. Vistos de fora, parecia que estavam dançando uma dança sem ritmo; Antônio, em compensação, entendia que estavam demonstrando uma visão de jogo que ele não esperava. Não imitavam quem estava com a bola, e sim os outros jogadores, os que participavam do lance defensivo ou ofensivo: era o jeito que tinham de perceber e comentar as estratégias de jogo.

A certa altura o número 10 do time de amarelo, Antônio tinha levado uns bons quinze minutos para entender que se tratava justamente de uma partida da Seleção do Brasil, pegou a bola pouco fora da área adversária e se enfiou sem medo no vespeiro da defesa adversária, movendo-se com uma agilidade e uma potência assustadoras, apesar do seu tamanho minúsculo. Em pouco tempo tinha superado três ou quatro adversários, mas tinha se deslocado demais para a direita para poder desferir um chute potente. Enquanto caía rodopiando sobre si mesmo para evitar mais um zagueiro adversário, do seu pé esquerdo saiu uma trajetória mágica, uma bola lenta de parábola arqueadíssima que superou o goleiro adversário enfiando-se no ângulo à direita dele.

— GOL! — gritaram os meninos em coro. — GOL!

Pela primeira vez na vida viam aplicados os gestos que Antônio lhes tinha ensinado: os braços para o alto, os abraços, os punhos cerrados em sinal de vitória. A direção de TV se demorou num primeiro plano no rosto daquele pequeno gênio de camisa amarela que tinha acabado de fazer aquele milagre de técnica. Os meninos pararam de se abraçar, se calaram e se viraram de repente para Antônio. O primeiro a falar foi Cauê:

— Aquele que fez gol… — não sabia bem como dizer (nem era preciso, porque todos já tinham percebido). — Você viu, Antônio? Você viu como ele parece com o Yamandé?

Antônio estava incrédulo: Yamandé e o genial número 10 do Brasil, em cuja camisa se destacava o nome “Foguete” escrito em verde, de fato se pareciam como irmãos.

3.12 Zerão

— Aonde a gente vai, Antônio?

Despertador ou não, Antônio ao nascer do sol já estava de pé, como aliás todos os meninos. Tinha refletido longamente sobre como organizar os dias; sobretudo lhe importava que Yamandé não ficasse muito sozinho. Só que as regras do hospital eram muito rígidas, antes do meio-dia não os deixavam entrar, e os horários de visita eram de todo modo limitados: o tempo livre era bastante.

Tinha passado horas inteiras explicando aos meninos o uso e o significado dos objetos da casa, mas aquele mundo, tinha percebido, era bizarramente diferente demais do deles, e seria preciso bem mais do que algumas manhãs para acostumá-los.

Moacir era um dos mais curiosos: tinha passado uns bons dez minutos abrindo e fechando a geladeira, tocando fascinado todas as coisas frias que ela continha e tentando com sucesso entender como funcionava o acender e o apagar da luz lá dentro. Antônio tinha decidido que os deixaria fazer, pelo menos enquanto não se metessem em alguma situação potencialmente perigosa. Enquanto os outros o ouviam falar de fechaduras, tapetes, interruptores, livros e todas as outras coisas que lhes caíam sob os olhos, Moacir tinha passado a examinar a torneira. Abria e fechava a água quente e a fria, tocava nela, regulava o jato no mínimo, provava; umas duas vezes quase se queimou.

Naquela manhã, fresca e inesperadamente inundada de sol depois da chuva noturna, Antônio se deu conta de que não podia mais segurar em casa seis robustos e vivazes rapazes falando de lustres e descargas, e fez da necessidade virtude.

Havia um lugar que ele queria absolutamente visitar e que como uma espécie de carcoma tinha aberto caminho na sua mente até se pôr no centro de cada pensamento: queria ir ao Zerão, queria ver que fim tinha levado depois de todos aqueles anos; no fundo de si sabia que não podia ter sido abandonado.

Não seria fácil, sabia muito bem, nem mesmo para ele próprio. Estranhezas demais, diferenças demais. Para percorrer os poucos quilômetros que os separavam do estádio podiam ser precisas horas (ou podem ser precisos dias, ou a gente pode se perder e nunca mais achar o caminho; tem mil perigos aqui).

— Vocês me ensinaram todos os segredos da floresta. Esta é a minha floresta e está cheia de segredos que vocês não conhecem. Vocês têm de ficar muito atentos, porque na minha floresta há coisas muito mais perigosas que a onça e o jacaré.

Os sorrisos de escárnio dos meninos se apagaram com o primeiro ônibus que passou numa poça a poucos centímetros deles, respingando neles sem interromper a sua corrida, e logo viraram expressões de pânico: motos, carros, até as bicicletas e as carroças viravam ameaças mortais.

— Ele não para! — era o comentário mais frequente. — O homem em cima daquele grande animal de metal olha a gente nos olhos mas não para!

— Talvez o grande animal de metal não possa parar.

— Pode — precisou Antônio —, pode parar, mas o condutor não faz ele parar.

— Por quê? E por que ele não ataca, então?

— Esses animais em geral não atacam; você tem de pensar que a mente desses animais é a mente do condutor. Quando eles atacam é porque o condutor errou.

As respostas de Antônio não os satisfaziam, e ele levou um bom tempo para convencê-los a seguilo; no fim cortou a conversa:

— Se vocês fizerem como eu faço, não vai acontecer nada com vocês.

A avalanche de sensações contrastantes que tantas vezes ele tinha sentido depois da volta deixou Antônio novamente abalado. Parecia-lhe ter ido parar num daqueles seriados de ficção científica em que havia terráqueos de camisas todas coloridas, não lembrava o título, que exploravam os planetas mais estranhos: os modelos dos carros e das motos lhe eram em grande parte desconhecidos, as lojas, as pessoas, até o cheiro no ar já não era o mesmo, o fedor dos gases de escapamento lhe parecia sufocante. Parecia-lhe ter atravessado um muro invisível e ido parar em outro universo, parecido com aquele em que tinha crescido e no entanto profundamente diferente.

Apesar dessa sensação de estranhamento, porém, havia também hábitos antigos e evidentemente nunca esquecidos que ressurgiram espontaneamente, deixando-o profundamente espantado. Desembocar na Rodovia Juscelino Kubitschek e olhar para a esquerda para ver se está lá o Alfonso fumando encostado na varanda desde sempre pintada de amarelo da sua peixaria (a peixaria ainda existe! Com o letreiro e tudo! Quem sabe até o Alfonso está lá!); entrar pela Rua da Bacia mesmo que o caminho seja mais longo, só porque tem as árvores ao longo do canal (as árvores ainda estão lá! E como parecem pequenas e mirradas!); reconhecer as casas baixas de um andar e os perenes barracos em equilíbrio na beira das ruas lamacentas, as longuíssimas fileiras de prédios esbranquiçados e cinzentos pontilhadas aqui e ali por explosões de cor com as palmeiras servindo de pontos de exclamação; lembrar-se de uma torneira de água atrás da esquina de uma casa, mas também se surpreender com algum prédio novo ou com um cruzamento modificado.

Finalmente eis o Zerão, irreconhecível. O estacionamento da frente reduzido a um enorme descampado de terra batida, o seu amado alambrado azul completamente repintado, aliás, refeito num branco berrante intercalado por pilares verdes. E as arquibancadas, percebeu, totalmente novas, reconstruídas: de dois andares e com um teto inclinado, mais largas que as anteriores, pintadas de fresco, belíssimas. Fizeram as obras de reforma, então, pensou Antônio.

Não conseguiu transmitir aos meninos o seu entusiasmo; já teve dificuldade em explicar a eles que aquele era o campo de que tantas vezes tinha falado. Não sabia o que eles esperavam, mas com certeza não aquele alambrado, aquelas ruas e aquilo que estavam vendo.

Apesar das obras, a parte norte do estádio ainda estava cercada por uma tela interrompida por um portãozinho bambo semiaberto.

Enquanto fazia os meninos entrarem, viu que no campo havia um time treinando, e vendo alguma camisa preta e branca não teve dúvida nenhuma: era o Macapá Futebol Clube.

Pronto, algum desses meninos pode ter sido jogador meu; mas passou tempo demais, eu não consigo reconhecer eles e com certeza eles não vão me reconhecer.

Um auxiliar se aproximou correndo com ar sorridente enquanto Antônio não achava as palavras para se desculpar:

— Eu não pensava em encontrar alguém a esta hora da manhã…

— A gente é profissional — respondeu o rapaz com ar muito afável. — A gente tem de estar aqui por contrato, não é?

Profissional, pensou Antônio; o Macapá agora é um time de profissionais!

Os meninos tinham ficado literalmente de boca aberta. Cauê disse:

— É grande.

E Piraí quase ao mesmo tempo:

— Que estranhas aquelas árvores brancas que vocês usam… — e já se aproximava para tocá-las. — Não são árvores! É metal!

O auxiliar olhou para Antônio com uma expressão espantada e perguntou:

— Mas eles estão falando? É uma língua?

Antônio sorriu para ele e disse a Piraí:

— Claro que não são árvores; tenho certeza de que eu até já contei isso para vocês.

— Eu não lembrava — respondeu o menino.

Depois Antônio se dirigiu ao auxiliar:

— É, é uma língua. A gente não quer encher o saco de vocês, de todo modo; eu tinha vindo mostrar o campo para esses meninos, a gente achava que não tinha ninguém e ia bater umas bolas, mas olha, a gente já vai embora.

— Por quê, eles jogam futebol?

O auxiliar tinha notado que havia alguma coisa estranha naquele grupo de jovens. Não era o fato de serem índios, não era nada incomum que grupos de índios circulassem por Macapá; nem era como estavam vestidos, calção curto e pés descalços eram a norma. Mas havia alguma coisa, além da língua, que não fechava. Talvez fosse como ficavam juntos uns dos outros, ombro contra ombro; talvez fosse como gesticulavam sussurrando entre si. O auxiliar os observou mais e mais e se convenceu de que sim, havia alguma coisa diferente neles.

— Jogam; eles não falam português, mas jogam, e até bem.

— Se vocês quiserem — disse o auxiliar sem perder o seu ar amigável —, a gente estava mesmo indo organizar uma pelada; se vocês quiserem se juntar a gente só tem prazer. O senhor acha que eles são capazes de jogar com a gente?

— Olha, eu não sei. Vamos tentar e ver, combinado?

Entre todas as coisas que tinham fascinado os meninos naqueles poucos dias, nada tinha parecido aos olhos deles tão extraordinário quanto pareciam agora as bolas. Macias, lisas, perfeitamente esféricas: apalparam-nas, cheiraram-nas, lamberam-nas para sentir o gosto, equilibraram-nas no nariz ou nos pés, gerando mais de uma risada no grupo do Macapá.

— O que é que houve? — sussurrou divertido o auxiliar a Antônio. — Parece que eles nunca viram uma bola na vida.

— Posso te contar um segredo? — sussurrou Antônio por sua vez. — É, é a primeira vez que eles veem uma bola.

O auxiliar deu uma leve cotovelada em Antônio, convencido de que era uma piada, e Antônio não fez nada para convencê-lo do contrário. Foi em vez disso até os seus meninos e começou a explicar algumas coisas a eles. Os atletas do Macapá enquanto isso tinham feito os times, e um grupinho de cinco jogadores se aproximava timidamente de Antônio e daquele grupo de desconhecidos.

Assim que Antônio disse aos meninos que aqueles cinco jogadores jogariam com eles, desencadeou-se um protesto vibrante:

— A gente é a gente! — irrompeu Moacir.

— A gente não pode jogar com eles, eles não entendem a gente! — reforçou a dose Ubiratan, e assim por diante.

Antônio se viu obrigado a voltar ao auxiliar, que a essa altura estava falando com aquele que parecia ser o técnico:

— Me desculpa, de verdade, eu não queria causar tanto incômodo para vocês. Eu sou técnico… bom, eu era, e sei bem como essas situações são chatas. De todo modo os meus meninos queriam jogar sozinhos, se vocês não se importarem.

— Quantos vocês são? Seis? Sete com o senhor? Se vocês quiserem a gente joga sete contra sete.

— Pronto, sim, obrigado, muito obrigado; a gente faz dez minutos e depois vai embora, está bem? Assim eles veem como é jogar.

— Mas como, eles nunca jogaram? — perguntou o técnico.

— Jogaram, sim. Enfim, esqueçam a última coisa que eu disse, está bem?

— Outra coisa — disse ainda o técnico, um homem grisalho na casa dos quarenta —, eles não têm chuteira?

— Não, eles jogam descalços.

— Então a gente também! — disse com uma risada o auxiliar; e num piscar de olhos todos os jogadores já estavam perfilados em campo descalços, incluídos os divertidos jogadores do Macapá.

O pontapé inicial foi deixado aos visitantes, e Antônio se apressou em lembrar a todos como era exatamente a regra do primeiro passe:

— Para a frente, por favor.

Ubiratan mal tocou a bola na direção de Cauê, que arrancou direto rumo ao gol, de cabeça baixa, com uma expressão de convicção animal nos olhos que ninguém no Zerão jamais tinha visto. Chegando a uns trinta metros do gol adversário, soltou um chute de uma potência inaudita que terminou

alto, muito alto. A bola parecia não querer mais parar: sobrevoou o travessão, a pista de atletismo cujas obras nunca seriam concluídas, os alambrados e também as primeiras casas do bairro.

Os jogadores do Macapá caíram todos na risada, embora alguns não pudessem esconder ao menos de si mesmos o espanto por toda a potência desenvolvida naquele chute. Antônio se precipitou até Cauê tentando explicar a ele a diferença entre aquelas bolas e as bolas de folhas que usavam na floresta. Os olhos de Cauê faiscavam fogo enquanto ele respondia entre os dentes:

— Eu entendi, eu entendi.

O jogo recomeçou com uma bola diferente, e não foi a única vez: os índios tinham pés rapidíssimos e chegavam sempre primeiro na bola, mas o último chute era sempre uma paulada que terminava longe, muitas vezes fora do estádio.

— Mais baixa — limitava-se a dizer Antônio, contendo-se de dizer “mais devagar”, tentando amenizar com sorrisos e tapas nas costas.

Depois de poucos minutos as risadas dos jogadores do Macapá tinham se apagado. Mesmo que nenhum dos chutes tivesse preocupado o goleiro, a supremacia física e técnica daqueles meninos, apesar do seu porte miúdo, era evidente, e o embaraço que sentiam com aquelas bolas ia diminuindo de minuto a minuto.

Depois de oito minutos o técnico soltou o primeiro berro furioso contra um dos seus homens que pela enésima vez tinha perdido a bola no meio-campo. O Macapá na prática ainda não tinha conseguido passar a linha do meio do campo, a não ser com uns dois lançamentos longos que tinham se perdido em tiro de meta.

Os passes dos índios não seguiam trajetórias parabólicas; as bolas deles viajavam retas como projéteis, eram acertadas com uma violência nunca vista antes, e o jogo deles era completamente desprovido de firulas: agressividade pura na defesa e conclusões rápidas no ataque.

Aos nove minutos cobrava-se uma lateral na zona defensiva do Macapá. Cauê estava a pelo menos dez metros do jogador que estava recebendo a bola, mas a sua rapidez foi impressionante e aqueles dez metros foram percorridos num relâmpago. Interceptada a bola, começaram a passá-la depressa entre si até que Jaci viu com o canto do olho o arranque de Ubiratan e o achou com precisão milimétrica com um passe a meia-altura que cortou o campo velocíssimo. Ubiratan não pensou duas vezes e acertou a bola de primeira, dessa vez conseguindo controlar perfeitamente o toque. A bola se alojou impegável no ângulo direito, com o goleiro que, partindo atrasado, se surpreendeu xingando assim que se deu conta da inutilidade do seu voo.

— A flecha envenenada — sorriu consigo mesmo Antônio, nomeando o esquema que eles tinham executado. Estava acostumado àquela agressividade e àquelas velocidades, mas a comparação com aqueles jogadores formados era realmente impressionante. A diferença era tão abissal que os meninos do Macapá pareciam parados.

— GOL! — gritaram juntos os meninos. — GOL!

E se abraçaram e levantaram os braços para o céu imitando desajeitadamente a comemoração dos jogadores vista no dia anterior na TV.

O auxiliar decidiu apitar o fim dos dez minutos com os meninos ainda executando aquelas pantomimas. Antônio se aproximou com um sorriso de uma orelha à outra e comunicou a eles que a partida

tinha acabado e que eles tinham ganhado, dando início à comemoração, desta vez do jeito deles, com os cantos e as danças da vitória, enquanto os atletas do Macapá se dirigiam à socapa para o técnico, que já os estava xingando:

— Vergonha! Os campeões de 2013! Vergonha!

Antônio, a essa altura visivelmente constrangido embora enormemente contente, foi parar os festejos dos seus jogadores, não poupando elogios a nenhum. O auxiliar do técnico veio ao encontro dele, estupefato mas ainda jovial, e foi cumprimentá-lo.

— Nunca vi uma coisa dessas — disse. — Nunca vi.

— Obrigado. Como é que você se chama?

— Carlos, e o senhor?

— Antônio. Obrigado pelos elogios, Carlos, mas olha que a gente também teve muita sorte.

— Que sorte que nada, esses meninos são formidáveis! Antônio, o senhor disse? Eu conhecia um Antônio, mas era muitos anos atrás… De todo modo, o senhor me daria o seu número, que eu queria ficar em contato?

— Número? — perguntou Antônio sem entender de imediato que se tratava do telefone. — Eu não tenho número.

Carlos o olhou com uma expressão interrogativa e depois olhou os meninos:

— Vocês são estranhos mesmo, hein? Me diz a verdade, Antônio: eles são índios, né? Quer dizer, índios mesmo, vêm da floresta, né?

Antônio olhou em volta antes de responder: o gramado, as arquibancadas, o placar com um grande relógio que marcava uma hora. Yamandé!

— Somos, Carlos, a gente é índio; mas agora a gente tem de ir.

E depois na língua deles:

— Meninos, rápido, a gente tem de ir ver o Yamandé, rápido, rápido!

Somos?, pensou Carlos vendo-os se afastarem correndo.

3.13 Visão de jogo

Os berros do chefe do serviço se ouviam do fundo do corredor. A sala dele ficava escondida atrás de uma porta com uma plaquinha pouco legível, que Antônio sempre tinha visto fechada.

Tinham encontrado Yamandé sentado na cama comendo uma maçã, e tinha sido uma alegria ver finalmente o sorriso dele. Uma enfermeira enérgica tinha dito que o doutor o examinara havia pouco, estabelecendo que logo poderiam começar a fisioterapia; e assim Antônio, contente, tinha se precipitado para o corredor para tentar falar com o médico.

Nesse meio-tempo os meninos já tinham começado a contar ao amigo do campo de futebol, das bolas e dos gols, com aquele modo tão incomum de falar e de gesticular que divertia todos os outros pacientes e os visitantes deles: não entendiam nada, mas era assim mesmo um espetáculo.

Os berros do chefe do serviço não se acalmavam; Antônio já tinha feito duas tentativas de bater na porta sem obter resposta e tinha voltado impaciente para a frente da porta do quarto de Yamandé, esperando que o médico se acalmasse para poder falar com ele.

Os meninos estavam contando a partida com o Macapá com exuberante riqueza de detalhes. Naqueles dez minutos de jogo cada um deles tinha recolhido uma quantidade impressionante de informações e agora as estavam despejando em avalanche sobre Yamandé. Tinham notado como estavam vestidos os seus adversários e os treinadores, tinham notado as diferenças entre uma bola e outra, os lugares nas arquibancadas de onde faltavam as cadeiras, até onde estavam os montes abandonados de terra que deveriam servir para reformar a pista de atletismo. Mas mais do que tudo lembravam momento a momento a posição de todos os adversários.

— Enquanto eu passava a bola para o Jaci — estava dizendo Cauê —, o adversário de cabelo curtíssimo e camisa amarela estava a três passos da linha do meio, aquele alto e escuro estava na minha frente a dez passos, aquele que ria sempre estava correndo devagar na direção do Piraí mas tinha muito espaço entre eles…

— E o goleiro estava um pouco deslocado para a direita, você já podia ter chutado! — interveio Itaúna.

— É, eu já podia ter chutado, mas o espaço para fazer a bola passar era menos de meio passo, e com aquelas bolas tão leves eu podia errar; aí eu passei para o Jaci.

— Ser medroso não é bom — concluiu Moacir, calando Cauê, que baixou o olhar sem saber o que responder.

Mas Ubiratan já tinha recomeçado a contar outra fase de jogo, e também ele tinha registrado a posição e as direções de movimento de companheiros e adversários com uma precisão nos limites do inacreditável.

Antônio assentia, conhecendo bem essa qualidade dos meninos. Até aquele dia nunca tinha se perguntado o porquê daquele dom deles, tinha lhe parecido normalíssimo. Mas agora que estava imerso de novo na realidade de Macapá se dava conta de quanto era especial. Talvez porque são caçadores? Deve ter sido a floresta que os fez assim, concluiu.

A perna de Yamandé estava engaiolada numa rede de tirantes metálicos que lhe despontavam da carne e que impressionava muito, mas ele dizia não sentir muita dor, e tirando alguma careta o seu

bom humor parecia confirmar. Acompanhava as histórias fazendo todo tipo de pergunta e participando como podia da gesticulação dos amigos. Ele também está registrando tudo, entendeu Antônio; está reconstruindo a partida inteira na cabeça dele.

Quase confirmando o que Antônio estava pensando, Yamandé perguntou:

— Ubiratan! Por que você não passou para o Cauê?

Obrigando Ubiratan a uma longa e inacreditável explicação feita de ângulos e direções de corrida dos adversários, ao fim da qual todos concordaram que o chute, a solução escolhida por Ubiratan, tinha sido a melhor opção.

Antônio decidiu fazer outra tentativa com o chefe do serviço e se aproximou de novo da porta atrás da qual a bronca ainda não tinha terminado. A contragosto, viu-se ouvindo o que o médico estava dizendo; não era possível fazer de outro jeito, visto o volume da voz dele.

— A Copa! Que Copa que nada, porra! Aqui, se um paciente nosso pega uma infecção está praticamente morto, que Copa que nada! Olha! Olha quanto dinheiro eles gastaram naqueles estádios! Você quer saber quantos hospitais dava para fazer com aqueles dólares? Você não quer saber, mas eu te digo! Que Copa que nada!

Os olhos de Antônio se dilataram fixando um ponto distante, indefinido, que se encontrava em algum lugar além da porta de alumínio anodizado. 1998 França, depois 2002, 2006, 2010…

— Doismilecatorze! — viu-se gritando. — Doismilecatorze!

Percorreu o corredor correndo; tinha de contar a alguém, e ao alcance da mão só havia os meninos.

— Doismilecatorze!

Quando entrou no quarto todos se viraram para ele, e Antônio fez um esforço consigo mesmo para se recompor. Na cama ao lado da de Yamandé, um jovem com aquelas que deviam ser a mulher e as duas filhas o observaram o tempo todo enquanto, naquela língua transbordante de sons e gestos, ele explicava aos meninos que justamente naquele ano haveria a Copa do Mundo de futebol, e que ela aconteceria dali a poucos meses. O jovem, que estava com um braço engessado e um lado do rosto cheio de escoriações, reconheceu o “Poropó, poropó!” que Moacir entoou rindo e olhou para Antônio em busca de uma explicação.

— Doismilecatorze — disse-lhe Antônio ainda na onda do entusiasmo. — Tem a Copa do Mundo de futebol!

O jovem sorriu e disse com o tom mais bonachão que conseguiu:

— Vocês talvez fossem os únicos no mundo a não saber que neste meio do ano tem Copa no Brasil!

Antônio levou um tempo para absorver a notícia: não só daqui a pouco tem a Copa, como ela vai acontecer no Brasil. O coração dele começou a pulsar mais depressa e os pelos do pescoço se arrepiaram como na primeira vez que tinha visto uma onça.

Todos em volta perceberam que tinha acontecido alguma coisa com ele: o jovem de braço quebrado emitiu um som gutural e o mesmo fez Yamandé, mas talvez por uma pontada na perna. Cauê se aproximou e perguntou:

— Antônio?

— Meninos — tentou juntar as ideias —, a Copa do Mundo… — deu-se conta de que para eles não mudaria nada. — Vai ser no Brasil!

Para eles não mudava nada. Para eles “Brasil” era um conceito abstrato como tantos outros que tinham tido de aceitar sem questionar nos últimos tempos. Só Yamandé pensou um pouco e depois perguntou:

— A gente é do Brasil, certo?

— Sim, Yamandé, a gente é brasileiro.

— E isso quer dizer… — o rapaz pensou brevemente — que a gente vai poder jogar na Copa?

— Não, Yamandé, quem vai jogar são os melhores.

Antônio sorriu enquanto Cauê dizia:

— Ele quer dizer os que nem o Foguete.

— Isso — confirmou Antônio. — Os que nem o Foguete.

3.14 Notícias

Janita estava em lágrimas. O primeiro pensamento de Antônio foi: Yamandé. Aconteceu alguma coisa com Yamandé.

Depois reparou que Janita estava olhando para a televisão e se acalmou na hora. Provavelmente chorava por causa de uma novela ou coisa parecida.

— Por que você está chorando, Janitinha?

— Pela morte do Nelson Mandela.

Antônio se lembrou de um dia de muitíssimos anos antes, quando tinha encontrado Janita em lágrimas pelo desaparecimento de Tchaikovsky, sobre quem acabara de ler as trágicas circunstâncias da morte.

Pensou que era mais um dos tantos momentos históricos que tinha pulado naqueles catorze anos e que, assim que tivesse um pouco de tempo livre, queria começar a recuperar.

— Quando ele morreu? — perguntou.

— Faz três meses — respondeu Janita, fungando, para espanto de Antônio. — Agora está passando um documentário sobre o funeral.

Antônio se sentou na poltrona sem dizer nada. Pela primeira vez desde que tinha voltado, estava entendendo, estava entendendo de verdade que história extraordinária tinha vivido naqueles anos e o quanto, enquanto isso, o mundo tinha ido em frente sem ele, sem esperá-lo. Pensou nas novidades que com certeza tinham surgido na internet, deu-se conta de que ainda não tivera tempo de observar direito aqueles telefones de aspecto futurista que todo mundo parecia ter na mão e que pelo visto serviam para coisas muito mais importantes do que telefonar. E tinha plena consciência de não fazer a menor ideia de como tinha evoluído a política local ou a geopolítica mundial.

Enquanto fazia essas considerações, a TV mostrava o desfile dos vários chefes de Estado que tinham ido prestar a última homenagem a Madiba. “Eis a Presidente do Brasil, Silvina Mello…”, dizia a voz em off.

A presidente? — Janita, a gente tem uma presidente mulher?

— Temos.

Olha só. E o que mais, perguntou-se Antônio.

A televisão, como se lhe tivesse lido o pensamento, foi ligeira em responder: “…e causou alvoroço o caso deste homem, que se fingiu de intérprete de língua de sinais…”

— Hahahah, genial! — riu Antônio.

“Aqui o vemos enquanto finge traduzir para a língua de sinais as palavras do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.”

— Janita, entendi direito? Aquele ali é o presidente dos Estados Unidos? Um negro?

— É, Toninho, é ele mesmo.

Inacreditável. Mas quanto tempo eu fiquei fora, catorze anos ou cento e quarenta?

O pai de Antônio sempre tinha sido um tipo arredio e agora que a idade avançava tinha ficado ainda mais calado. Passava grande parte do dia na poltrona da sala ou na cadeira da varanda, acariciando o cachorro ou olhando-o brincar no quintal. Desde que ele tinha voltado, os dois tinham trocado poucas palavras e ainda não tinham tido a ocasião de conversar a sós.

Sempre tinham falado raramente de esporte: Ítalo tinha nascido um ano depois da tragédia do Maracanaço, enquanto Antônio tinha nascido um ano antes do triunfo do Azteca, e por mais bobo que parecesse essa coisa parecia ter marcado a relação dos dois.

Antônio tinha prometido a si mesmo usar a história e a política como assunto para quebrar o gelo, mas tinha se dado conta de que já sabia pouco demais para transformá-las em conversa fiada e, sentando-se na varanda ao lado do pai, decidiu apelar para o esporte.

— Então, pai. Já que descobri faz pouco que vai ter Copa do Mundo aqui no Brasil, me conta o que eu perdi nesses anos. Algum triunfo esportivo do Brasil? A enésima decepção?

— Depende, Toninho, depende. — Ítalo ficou alguns instantes pensando, depois sugeriu: — Vamos falar de ginástica artística?

— Haha, você quer começar bem do começo, pai?

— Não, eu quero falar de triunfos esportivos do Brasil.

— Ah, é?

— É, Toninho. Dois anos atrás teve as Olimpíadas em Londres e pela primeira vez a gente ganhou a medalha de ouro na ginástica, nas argolas.

— Inacreditável!

— Pois é. E ganhamos outra no judô e uma terceira no… vôlei!

— No vôlei?! Sério? Fantástico! Eu sempre disse que mais cedo ou mais tarde a gente é que ia ganhar.

— Vôlei feminino, porém.

— Ah. Que bom. E o vôlei masculino?

— Prata.

— Aaaah, que pena! Tudo bem, pelo menos derrotamos a maldição da semifinal. Quem sabe um dia…

— A maldição da semifinal a gente já derrotou faz um tempo.

— Como assim? Vamos, pai, não me faça arrancar as notícias com alicate.

— A gente pegou a prata em Pequim também, em 2008. Mas em Atenas, em 2004, a gente ganhou o ouro.

— O ouro?

— É. Mas principalmente…

— Principalmente?

— A gente ganhou os três últimos Mundiais seguidos. O vôlei é terreno nosso, agora, Toninho. E sabe quem é o técnico que nos levou a esses triunfos? Bernardinho, exatamente como você previa — sorriu o pai, contente como se lhe tivesse dado um presente.

Como cereja do bolo, passaram a falar de futebol. Ítalo contou do triunfo brasileiro de 2002, da vitória italiana de 2006, detendo-se com grande riqueza de detalhes na saída inglória do capitão francês. E depois contou da ascensão do tiki-taka e do triunfo dos espanhóis em 2010.

Depois, passados alguns minutos de silêncio, enquanto Antônio ainda estava reelaborando todas aquelas informações, Ítalo deu um suspiro fundo e disse ao filho:

— Eu nunca acreditei que você estivesse morto, sabia?

Estava chorando, mas a voz era firme como sempre.

— …

— E sabe por quê? Você lembra o que o seu avô disse pouco antes de morrer? “Vi um final feliz junto com o Antônio, posso morrer feliz.” Eu também quero ver um final feliz junto com um netinho meu, você não podia ter ido embora antes.

Antônio arregalou os olhos. Na confusão daqueles dias, com mil coisas em que pensar, mil para contar e mil outras para redescobrir, tinha escapado completamente da cabeça dele comunicar à família a notícia mais importante. Meudeus, que vergonha, como é que eu não pensei nisso?

3.15 Surpresas

Estavam todos à mesa, Antônio sentado com os pais e Janita, os meninos variadamente espalhados com os seus pratos de ensopado e as suas cuias de Coca-Cola. O vento morno e inchado de chuva fazia dançar as cortinas de náilon floridas, o rádio cricrilava ao fundo enquanto a mãe dele e Janita discutiam se no dia seguinte levariam a Yamandé cajuzinhos ou de novo cocadas, quando ele pigarreou e disse:

— Ahn, é o seguinte, eu queria contar para vocês que… até agora não teve momento, mas… enfim, eu tenho um filho.

— Mãe de deus! Antoninho! Você casou!

Marcela tinha deixado cair os talheres e quase derrubado o copo, levando as mãos às faces, vermelhas de emoção.

— Não… é, não exatamente, mas enfim…

— Meudeus, ai jesus, que alegria! Um netinho! Tenho que ligar já para a Amanda, dizer que ela virou tia, que as crianças têm um priminho!

Levantou-se agitada, fazendo o guardanapo voar e se precipitando para a entrada e o telefone, mas no meio do caminho deu meia-volta e voltou a se deixar cair na cadeira, abanando o rosto afogueado:

— Ainossa, acho que vou desmaiar, você estava morto e em vez disso está vivo e ainda por cima casou!!!

— Mãe, não é bem que…

— Mas vocês ouviram? Um filho do Antônio! Temos que comemorar! Janita, você virou tia de novo! Ítalo, vai buscar uma garrafa, ou até duas, tenho que ligar já para a Amanda e para a tia Norminha… E como ele se chama? E quantos anos tem?

— Não, anos não, ele é pequenininho, tem só quatro lu… quatro meses, mais ou menos. Se chama Ybyráatã.

— Mas que nome bonito, parece nome de beija-flor. E a sua mulher, como se chama? Quem sabe que moça linda!

Janita tinha se levantado para abraçá-lo, rindo, apertando-o forte:

— Que beleza, Antônio, como eu estou feliz! Agora só falto eu, vou ter que me apressar!

O pai se limitava a olhar para ele, ereto na sua cadeira ainda com a faca e o garfo na mão, um sorriso de orelha a orelha, e fungava, os olhos molhados, molhados. Os meninos não tinham entendido nada, a não ser que se estava comemorando alguma coisa, e por isso riam também eles, e aplaudiam, e abraçavam todo mundo, enquanto Ubiratan e Piraí batiam em uníssono com as mãos na mesa o ritmo velocíssimo da Canção da Festa.

A vizinha apareceu na soleira, ainda com o guardanapo na mão:

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Genovefa, viramos avós de novo! O meu Antônio nos deu um netinho! Vem, vem tomar alguma coisa, temos que comemorar, chama o Ronaldo e os meninos também, avisa também o senhor Meñares do quintal ao lado, quem sabe como ele vai ficar contente!

Antônio passava de um brinde a outro — tinham chegado também os vizinhos do outro quintal — e a todos precisava repetir que não, não tinha fotografias, nem um vídeo, não, nada: quem sabe na próxima vez, na próxima vez prometido, prometido.

— E você deixou ela lá sozinha, a sua mulher? Devia ter trazido para a gente conhecer, santo deus, que cabeça a sua. Ah, mas eu tenho que mandar um presente para ela, Janita, a gente tem que ir comprar: alguma coisa para o menino e para ela uns brincos, quem sabe uma casaquinha de tricô. Ítalo, amanhã mesmo você tem que abrir uma caderneta de poupança para o pequenininho, ah, chegou a Amandinha, muito bem, Janita, que ligou para ela! Crianças, vocês têm uma tia e um priminho, venham dar um beijo no tio! Antônio lindo da mãe dele, que virou pai! E como você disse que se chama a sua mulher?

— Não é exatamente… Janaína, ela se chama Janaína.

— Um nome bonito também, e me diz, como foi que vocês se conheceram, faz quanto tempo que estão casados? Jesusmeu, mal posso esperar para ver o menino, o beija-florzinho da vovó.

A tia Norminha, que tinha chegado com uma bandeja enorme de doces e um par de sapatinhos azuis de tricô — eu fiz quando estava esperando a Gabriela, guardei, você não se ofende, não é? Um presentinho da tia —, abraçou-o junto com Gabrielita, que perguntava se ela é que ia ser a madrinha, muito decepcionada porque não havia nem uma foto para pôr no Facebook.

Amanda assoava o nariz, toda contente:

— Muito bem, Antônio, e ainda por cima outro menino! Pai, você viu, está contente? Mas Antônio, você tem que ligar sem falta para a Teresa.

— Teresa? Teresa quem?

— Como assim, você não lembra, a sua ouvinte, aquela que vivia ligando: escuta, escuta, ela está no ar agora!

— No ar? Mas onde, mas como?

Amanda aumentou o volume:

— Claro que sim, foi ela que pôs a rádio de pé de novo, é uma história comprida que eu não sei bem, mas enfim, é tudo mérito dela. Ela faz um programa maravilhoso de receitas e notícias do mundo, a gente ouve sempre: escuta como ela é boa, nunca dá para entender nada, ela é o máximo, escuta! Aliás, liga para ela, liga já!

Com o telefone já enfiado na mão, Antônio riu: quase uma vertigem se encontrar daquele jeito do outro lado da linha.

— Alô?

— Teresa?

— Sim, boa noite, meu querido, de onde é que o senhor está lig… Mas essa voz, essa voz eu reconheceria entre mil, entre milmilhões… Antônio?!

— Sim, Teresa, sou eu, Antônio.

— Deusdocéu, Antônio, que emoção! Quem é vivo sempre aparece! Eu sabia que você não podia estar morto, Antônio, não podia, com uma voz dessas. Ainossa, queridos ouvintes, vocês não podem imaginar, olha, vou pôr uma canção bonita para me recuperar da emoção: minhas queridas e meus queridos, para vocês, de Barbra Gaynor, “I will survive”.

3.16 Gazeta

Marcela chegou esbaforida, enxugando as mãos no pano de prato, enquanto Antônio tentava entender como funcionava o celular que a irmã Amanda tinha emprestado a ele e que a muito custo tinha conseguido ligar:

— Antônio, Antônio, vem ao telefone! É um jornalista! Um jornalista para você!

— Que jornalista, mãe? O que ele quer?

— Sei lá, a Gazeta de não sei o quê, vai, se apressa, não deixa ele esperando!

Antônio não compartilhava nem um pouco da agitação da mãe e, para dizer a verdade, não estava com a menor vontade de falar com um jornalista, para quê, afinal? Tudo bem, vamos ouvir o que ele quer, senão a mãe me atormenta.

— Sim, alô?

— Caríssimo Antônio! Que prazer ouvi-lo!

— Desculpe, quem fala?

— Sou José Geremia Opispo de Mervelhos, mas o senhor pode sem dúvida me chamar de José! Sou jornalista da Gazeta Esportiva do Amapá, Vossa Senhoria com certeza conhece.

— Na verdade não. Mas de fato eu andei um pouco fora de circulação, ultimamente…

— HAHAHAHA! Um pouco fora de circulação! Catorze anos fora de circulação, hein, Antônio! Que figura!

— Escuta, eu tenho o que fazer, então se…

— Mas claro! Mas claro, Antônio, o senhor deve estar ocupadíssimo! Roubo só cinco minutinhos, uma entrevistinha rápida, mas quando o senhor vir publicada vai ficar de queixo caído! Em cinco minutos eu faço com o senhor a entrevista do ano, o senhor vai ver, Antônio, vai ver!

— Sei lá, não sei, não estou entendendo… uma entrevista para falar de quê? Aliás, antes de mais nada, quem foi que deu o meu nome ao senhor?

— Ah, caro Antônio, um jornalista nunca revela as fontes, todo mundo sabe disso! Neste caso foi o doutor Traverso, aquele do Senhora dos Anjos, que por coincidência é meu primo! Nem dá para considerar uma fonte o próprio primo, não é? E além do mais eu já contei ao senhor mesmo, hahahah!

— E o que diabos o doutor contou ao senhor?

— Ah, tudo, Antônio caríssimo, tudo! Que o senhor chegou depois de catorze anos perdido na floresta acompanhado por uma tribo de índios, um deles ferido, tudo ele me contou!

— Um belo enxerido, esse Traverso.

— Ah, ele me mantém sempre atualizado, é uma das minhas fontes mais interessantes, e além do mais, enfim, é meu primo, eu já disse ao senhor que ele é meu primo, não disse? Se o senhor soubesse quanta coisa acontece num pronto-socorro, é uma fonte de primeira, eu garanto!

— Bom, então, se ele já contou tudo ao senhor, eu diria que a gente pode até se despedir e…

— Que nada, Antônio, que nada! Ele me contou os fatos nus e crus, mas esses são só os ossos: a carne, Antônio, a carne do jornalismo são as impressões dos protagonistas, a voz deles! Então, primeira pergunta.

— Mas eu não tenho certeza de que quero ser entrevistado, sei lá, eu queria pensar um instante porque…

— Hahahahah! Não quer ser entrevistado! O senhor é engraçadíssimo mesmo, Antônio querido: quem no mundo não quereria ser entrevistado? Então, dizíamos, primeira pergunta: o que o senhor sentiu ao voltar para a civilização depois de catorze anos?

— Mas que pergunta é essa? Sei lá, não saberia dizer, não é uma coisa que se possa dizer assim em duas palavras…

— Fantástico. “Não sei. Não consigo exprimir em palavras o que sinto, é uma coisa que me traumatizou profundamente, talvez um dia eu consiga exprimir os sentimentos violentos que sinto.” Fantástico. Segunda pergunta.

— Mas eu não disse isso! Eu disse que era uma pergunta estúpida, como é que se pergunta o que sentiu alguém que…

— Segunda pergunta. O que o senhor sentiu ao rever os seus queridos, que o davam por morto?

— Escuta, eu não acho que seja o caso de continuar, o afeto pelos meus é uma questão privada, portanto…

— Esplêndido, esplêndido. “A emoção daquele momento me arrasou completamente. O afeto infinito que tenho pelos meus jorrou do meu coração como um rio transbordando, eu soluçava como uma criança.” Perfeito.

— Passar bem. Sinto muito, essa entrevista é sem sentido.

— Terminamos, Antônio, terminamos! Não foi difícil, o senhor viu? Para concluir, me diz, fiquei sabendo que esses seus meninos jogam futebol, é o senhor que treina eles, não é verdade? São bons, me dizem, belas perninhas!

— E isso quem foi que contou? Não me parece nem um pouco que tenha sido o doutor.

— Hahahaha, não, não, Antônio! Isso me contou o zelador do campo, mais uma fonte minha que eu não deveria revelar, mas agora, revelada uma, reveladas todas! Ele sempre me avisa quando tem alguma coisa interessante, uma briga entre os jogadores, uma contusão, uma fofoca… Em troca eu dou a ele um lugar na primeira fila no ensaio da escola de samba Piratas da Batucada — ele tem essa paixãozinha pelas passistas, o safado —, para mim não custa nada, é minha prima que dirige a escola, sabe, a mulher do doutor Traverso, o senhor lembra do doutor, meu primo, não é?

— Escuta, eu não sei do que o senhor está falando, passar bem.

— E o zelador me disse que os indiozinhos deram uma bela surrinha no Macapá, hahahahah! Que barra! São bons de bola, hein! Sendo assim, Antônio, o que o senhor sentiu quando…

Clique.

Antônio estava exausto e atordoado, meudeus, mas quem é esse imbecil, eu devia ter desligado antes, que idiota, sabe-se lá o que ele tem em mente escrever. Ainda bem que essa Gazeta do diabo, quem é que vai ler isso.

Os meninos tinham ficado impressionadíssimos, não tanto com a vitória quanto com a partida em si, com o fato de jogar com pessoas diferentes deles, de jogar pela primeira vez na vida com desconhecidos.

E estavam entusiasmados com o campo, com as traves, com as linhas no chão, com as arquibancadas: imploraram a ele para voltar lá, morriam de vontade de tentar de novo jogar debaixo daquelas arquibancadas, daquelas luzes, sobre aquela grama macia como o pelo de um macaquinho.

Antônio, por outro lado, não estava com menos vontade, e por isso numa manhã passou na casa do zelador e perguntou se podiam ir bater uma bolinha num momento em que não tivesse ninguém, não queriam atrapalhar, quem sabe nos horários mortos. Joaquim, o zelador, não fez problema: escancarou os braços e um largo sorriso desdentado e proclamou:

— Mas claro! Que atrapalhar que nada! Das três às cinco nunca tem ninguém, venham quando quiserem.

Eram quatro em ponto, e já fazia meia hora que os meninos e Antônio corriam desengonçados sem se importar com a chuva, encharcados, suados e felizes no campo, dominando a bola e correndo e se deitando muitas vezes naquela grama belíssima, Antônio grama tão bonita eu nunca tinha visto, quero pôr ela toda em volta do *shabono* quando eu voltar para casa, tudo grama verde macia assim.

Naquele momento Antônio viu com o canto do olho um movimento nas arquibancadas e se virou para ver descer aos saltinhos, agitando os braços em sinal de cumprimento, um sujeitinho de cabelo encaracolado e bermuda amarela:

— Antônio caríssimo! Sou o José, o senhor lembra, José Opispo da Gazeta!

— Lembrar eu lembro, mas o que o senhor está fazendo aqui?

— Ora, o zelador, Antônio caríssimo! Ele me avisou na hora — eu tinha dito a ele para me avisar: jornalismo investigativo, Antônio, jornalismo investigativo! — e mereceu o lugar para o ensaio especial, todas as passistas fantasiadas, coisa de arrepiar, Antônio. Mas dizíamos, muito bons mesmo esses meninos, que pernas!

— Não estou entendendo, a entrevista a gente já fez, o que o senhor quer de mim?

— As fotos, Antônio, as fotos! Somos a civilização da imagem, um artigo não vale nada se não tiver as fotos! Fiz uns cliques fantásticos, vai sair uma matéria espetaculosa, pronto, um primeiro plano também, assim.

— Mas o que o senhor está fazendo, mas quem deu permissão para me fotografar, vá embora!

— Pronto, os meninos também, isso, isso, assim, olha como são fotogênicos esses indiozinhos, muito bem, assim, você também, fantástico, fantástico.

— Meninos, mas o que vocês estão fazendo, não deem confiança a ele! E o senhor vá embora, fora, fora daqui!

— Feito, já fizemos, tudo certo, um artigo fantástico, caro Antônio, o senhor vai ver!

E num piscar de olhos tinha lhe dado as costas e já subia aos pulinhos as arquibancadas, a máquina fotográfica na mão, que agitava fazendo tchau tchau.

3.17 Lições

Devia ter pensado nisso e dado a eles antes, a aulinha que em vez disso foi obrigado a dar aos meninos no mercado, diante da banca de frutas e verduras de onde Jaci tinha pegado um melão oferecendo em troca ao vendedor indignado duas tampinhas de Coca-Cola. Eles nem estavam errados: tendo saído para comprar bermudas e camisetas, tinham visto Antônio dar em troca ao árabe bigodudo da barraca um par de cédulas, e depois ao vendedor de peixe um punhado de moedas para ter uma sacola de peixe variado para a sopa da mãe Marcela. Era lógico que tivessem entendido que em troca daquelas coisas era preciso oferecer alguma outra coisa e que umas tampinhas brilhantes lhes parecessem uma troca adequada.

— Não se pode dar em troca uma coisa qualquer, tem que dar em troca estes aqui, estão vendo? Se chamam dinheiro. Vocês dão em troca quando querem alguma coisa.

— Mas por que eles querem estes? Aqueles ali pequenos e redondos são bonitos, brilhantes, mas estes são feios, todos sujos com o desenho de uma mulher antipática em cima.

— Porque funciona assim, aqui, Jaci. Se você quer um melão tem que dar àquele homem um destes, não uma coisa qualquer, senão ele fica bravo.

— Está bem. Se ele gosta, está bem. E onde é que se pegam estes?

— Não se pegam, se merecem. Em português se diz que se ganham. Por exemplo, você tem muitas bananas, então vem aqui e quem quiser elas te dá em troca alguns destes. Isso se chama vender, e depois esse dinheiro que te deram vira seu e você pode usar para pegar outras coisas de outra pessoa, isso se chama comprar.

— Mas eu não entendi, se eu quero uma banana tenho que dar um daqueles àquele homem?

— Tem.

— Mas para ter um daqueles eu tenho que dar uma banana a outro homem?

— Tem, bom, mais ou menos.

— Mas então por que eu não fico com ela, a banana, em vez de dar ela para depois pegar outra?

Aijesus, quem diria que era tão difícil explicar o comércio, a economia. Antônio não lembrava nem um pouco como tinha sido quando aprendera aquilo em criança: embora soubesse que não era possível que tivesse sido assim, parecia-lhe que sempre tinha sabido. Tentou outra abordagem.

— Olha, vamos dizer que você tem que cavar um buraco muito grande, ou construir uma oca grande, e sozinho não dá conta. Aí você pede ajuda, certo? — os meninos assentiram em uníssono. — Bom, então às pessoas que te ajudaram você dá um pouco desse dinheiro para agradecer, em troca do trabalho delas, entenderam?

— E eles vão até aquele homem pegar as bananas?

— Vão, se quiserem as bananas, vão.

— E dão em troca estes que eu dei para eles?

— Isso, isso, muito bem!!! — vai que a gente conseguiu, eles entenderam.

— E por que eu não dou logo as bananas para eles, se é isso que eles querem em troca? E por que eles não pegam sozinhos as bananas?

Antônio pôs a cabeça entre as mãos. Deussanto.

Por mais que às vezes fosse frustrante, aliás, sabia muito bem que não podia se espantar com as dificuldades que os meninos às vezes encontravam, porque também para ele, apesar de ter nascido nele, entender de verdade aquele mundo era tudo menos fácil. Muitas coisas em que sempre se considerara craque agora também lhe escapavam, e era ele mesmo que precisava de um guia.

Para introduzi-lo às novas maravilhas tecnológicas do mundo moderno tinha sido obviamente designada a seiva nova da família. Gabrielita se sentou com ele ao lado do computador da casa, um belo computador com uma tela fina e muito maior do que as de que ele se lembrava.

— O que você quer ver, tio?

— Bom, vamos dar uma olhada na internet. Ainda tem internet, não tem? — disse Antônio, brincando, mas com uma pitada de receio na voz que não conseguiu dissimular de todo.

— Haha, tio. Claro que tem. — Gabrielita clicou num ícone que Antônio não reconheceu, mas depois apareceu um logo familiar que o decepcionou muito.

— Google?! Vocês ainda usam o Google?

— Claro que sim. Todo mundo usa o Google. Por que você pergunta?

— Sei lá, é que eu também usava catorze anos atrás, esperava que fosse ter alguma mudança nesse meio-tempo. Tudo bem. Escuta, o programa para baixar músicas de graça do mundo inteiro ainda existe?

— O BitTorrent? Existe, existe, a gente usa sempre.

— Não, eu falava de outro, mas não lembro mais como se chama. Napper, eu acho, ou coisa parecida.

— Nunca ouvi falar.

— Pois é. Mas esse Bitoren, funciona assim que você procura uma música e baixa?

— Hum, sim e não. As músicas é difícil achar, em geral a gente baixa discografias inteiras.

— Quer dizer que você quer ouvir uma faixa do… hum… do… Santana e para ouvir baixa a discografia inteira dele?

— Não, para ouvir uma faixa só eu geralmente uso o YouTube.

— Você usa o quê?

A sessão de estudo não estava indo muito bem. Fora o Google, parecia ter mudado tudo. No fundo era o que Antônio esperava e desejava, mas uma coisa era esperar, coisa bem diferente era se ver di-

ante daquilo. Antônio se sentia quase mais desorientado que os meninos: para eles, pelo menos, era tudo para aprender do zero; para ele havia a carga adicional de ter que desaprender tudo aquilo de que se lembrava.

Gabrielita tentou explicar a ele alguma coisa que pudesse agradar a um adulto, como o Facebook e o Twitter: Antônio assentia, mas dava para ver que não estava entendendo de verdade. Enquanto conversavam, saiu na conversa que ele nunca tinha ouvido falar da Wikipédia.

— Você não conhece nem a Wikipédia?

— Não. Eu deveria, é?

— Jesussantíssimo, tio, mas onde é que você viv… — Gabrielita se interrompeu rindo antes de completar a gafe, mas Antônio não fez peso disso e deslocou a conversa para um território mais simples.

— Deixa eu ver de novo aquele site de música, vai. E me faz ouvir alguma coisa popular hoje em dia.

Gabrielita fez ele ouvir Na Linha do Tempo e Livre.

— Você está me fazendo ouvir música de que você gosta, ou música que você acha que eu poderia gostar?

— Ahn… as duas coisas — respondeu diplomática Gabrielita.

— E quem são as estrelas mundiais de hoje? Seja honesta.

Antônio não ousava fazer perguntas mais precisas, sobretudo não queria perguntar que fim tinham levado os seus grupos preferidos, temia que se traduzisse numa longa lista de “nunca ouvi falar” intercalada por uma lista de mortos, e não estava com a menor vontade de ouvir isso.

— Hum… não sei, eu gosto muito da Katy Perry e da Lady Gaga.

— Vai, me faz ouvir alguma coisa.

Antônio não pôde, com toda honestidade, dizer que compartilhava dos gostos da sobrinha, mas em compensação aprendeu depressa o uso da coluna dos vídeos relacionados e mergulhou numa exploração dos vídeos mais vistos da rede. Alguns apreciou, alguns o fizeram rir muito, outros não entendeu. Depois a imagem espetacular de uma explosão o atraiu. Enquanto clicava, pareceu-lhe sentir Gabrielita enrijecer ao seu lado. Por algumas dezenas de segundos assistiu ao filme sem dizer nada.

— O que é isso? Aconteceu de verdade? — perguntou a ela, com a voz embargada.

— Aconteceu — sussurrou ela, fazendo uma careta com a boca.

Antônio refletiu sobre aquilo por alguns segundos e depois disse:

— Olha, os meninos não podem nunca saber nada disso. Entendeu, Gabrielita? Por motivo nenhum.

Mas Gabrielita olhava para ele com ar de pena. Antônio se virou, e a alguns metros atrás dele viu Itaúna, que olhava para a tela. Fitaram-se por alguns segundos, depois o menino, sem dizer uma palavra, virou-se e voltou para o quintal.

3.18 Redação

A salinha da redação da Rede Norte estava abarrotada de gente, de folhas de papel, de tablets e celulares, de embrulhos amassados de balas, de prazos que se aproximavam, de tédio e irritação.

— Vamos, pessoal. Vamos. Esse programa está mole que nem bunda de velha. Vamos. Precisamos de ideias novas, um pouco de vida, um pouco de cor. Alguma coisa animada, fresca. Alfonso, propostas?

— Dava para pensar em alguma coisa sobre a Copa, quem sabe um aspecto meio lateral…

— A Copa. Nossasenhora. Eu falo de alguma coisa fresca e ele me vem com a Copa. Você reparou, digo eu, você reparou que na grade já tem duas matérias sobre a Copa? Uma sobre os uniformes das seleções — nossasenhora — e uma sobre o que os nossos atletas vão comer — dupla nossasenhora — entre uma partida e outra. Mas ainda que a gente tivesse uma ideia genial — e olhando para as caras de vocês eu duvido —, não podemos falar SEMPRE E SÓ DA COPA: FUI CLARO?

— Foi, foi, claro.

— Claríssimo, chefe.

— Foi, muito claro.

— Ótimo. Você, Amélia, ideias?

— Bom, tem aquela história de chifre que…

— Hoje eu mando demitir todos vocês. Todos. Vocês são mais embalsamados e inúteis que uma múmia egípcia. Ou talvez seja eu que não falo português. EU não falo PORTUGUÊS? Eu pedi alguma coisa NOVA, pelamordedeus: as histórias de chifre já eram velhas no tempo de Homero. Todos, eu mando demitir todos.

— Ahn… teria… no clipping…

— Vamos, Esmeralda, vai, não seja tímida. Teria o quê?

Esmeralda pigarreou, e a voz passou do sussurradíssimo ao sussurrado:

— Ahn, é o seguinte, no clipping tem esse jornalzinho local que… é, teria a história desse cara que voltou depois de catorze anos na floresta, junto com um time de índios que jogam futebol. E ele estava dado como morto. E eles são bons, dizem que num amistoso ganharam do Macapá e… é isso.

— Hum. Gostei. Novo, diferente. O cara, o Robinson Crusoé da floresta, as zarabatanas e as bolas de futebol, os índios todos nus e pintados: simpático, colorido, gostei. Muito bem, Esmeraldinha, eu devia fazer de você chefe de redação e mandar o Alfonso ser secretário de redação no seu lugar. Ou melhor ainda, lavar as escadas. Agradeçam à Esmeralda se por hoje vocês não estão demitidos, todos vocês. E vamos entrevistar já o cara, aquele lá, o ressuscitado, como é mesmo que ele se chama?

— Antônio Carlos Rocha de Almeida, chefe — disse Esmeralda.

George, até aquele momento quase completamente distraído — estava historiando com decorações complicadíssimas um desenhinho que lembrava muito vagamente um capitel coríntio —, deixou cair de repente a caneta.

— Antônio Rocha de Almeida? — exclamou estupefato. — Meudeus, mas eu conheço ele!

— É mesmo? E como assim?

— Era o meu professor de educação física, chefe… Jesus, eu tinha certeza que ele estava morto!

Não disse que, quando soubera que ele estava desaparecido e já dado como perdido, tinha chorado um pouco por causa disso: é verdade que era um moleque de quinze anos, mas não tinha se dado conta de ter se afeiçoado tanto a um professor, por mais maluco que ele fosse.

— Posso entrevistar ele, chefe? Posso?

— Mas claro, pelo menos você se torna útil uma vez na vida. Se você conhece ele, melhor ainda: mais paixão, mais cor. Liga já para ele. E leva o Manuel com a filmadora, que a gente prepara uma matéria e um videozinho de resumo para pôr no site enquanto isso. Uma coisinha simpática, curta, uns minutos, mas fresca, borbulhante, viu. E olha lá: cor, muita cor.

3.19 Ruas

Cores demais, estava pensando Antônio, espremido no ônibus entre uma adolescente gorducha vestida de rosa e um homenzinho que falava sozinho dirigindo-se a uma tal de Ernesta que parecia tê-lo decepcionado.

As orquídeas, as helicônias, as bagas, as frutas, os pássaros eram pinceladas variegadas e ofuscantes, mas o fundo, a cor verdadeira e basilar da floresta era o verde, eram os milhões de nuances de verde que pareciam tingir o ar, a luz. Lá era como estar no fundo esmeraldino de um açude ou de uma piscina, ao passo que aqui a mixórdia de todos aqueles vermelhos e amarelos, dos azuis-turquesa dos muros descascados e dos fúcsias acrílicos das camisetas, os vermelhos e azuis dos carros, os alaranjados, os roxos, os azuis-elétricos dos letreiros o atordoavam; era tudo colorido demais e parecia amontoado ao acaso, cores que eram como ruídos.

Ainda precisava fazer um certo esforço para sair sozinho por aquela cidade que tinha sido a sua; ainda lhe parecia não conseguir se orientar, que tudo fosse complicado e confuso demais, uma cacofonia quase ilegível.

Três moças tagarelavam sentadas um pouco à frente, as risadas delas eram simpáticas, mas Antônio já tinha se dado conta de não ser mais capaz de estabelecer se uma moça era ou não bonita: custava-lhe decifrar as roupas delas, que lhe pareciam sempre ou atrevidas demais ou elegantes demais, e muitas vezes as duas coisas juntas. E além disso estavam sempre vestidas demais, demais. Como é que você entende se uma mulher é bonita quando ela está assim toda ajaezada de pano, eu me pergunto, vai saber.

Remexeu-se no assento; a calça, a camisa, os sapatos o deixavam desconfortável: sentia-se amarrado, apertado, constrangido, e lhe parecia estar sempre um pouco sujo e suado. Como suja e afogueada lhe parecia cada vez mais a cidade, de uma sujeira de que não se lembrava, feita de água imunda e de tintas velhas, de lixo desleixado, de aproximação, de dignidades cansadas que viravam sordidez, do cheiro onipresente de gás de escapamento e de comida, de gente.

De resto, não podia certamente ficar trancado o dia inteiro em casa, nu e tranquilo; nem os meninos faziam mais isso: saíam toda manhã, em grupo, para dar voltas cautelosas mas cada vez mais longas pelo bairro, observando cada coisa com o interesse concentrado do explorador num planeta alienígena. A vitrine da cabeleireira continha um mundo inteiro de perfumes e assombros, de mechas armadas e de cachos, de unhas esmaltadas. E logo depois vinha o lava-rápido, e como é que você não parava até uma hora inteira para curtir as escovas azuis que sobem, descem e giram, a água, a espuma, o brilho dos carros que saíam de lá reluzentes como joias, a risada rouca do homem de barriga grande que fazia funcionar aquele carrossel de esguichos. Depois o verdureiro, com montanhas de frutas e verduras nunca vistas que sabe-se lá quem tinha colhido de sabe-se lá que planta e que murchavam devagar ao sol, a música que saía do bar onde a sombra de cheiro estranho e um pouco rançoso cintilava de vidros e garrafas, depois uma mulher de saltos vermelhos, dois cachorros que se perseguiam, um policial de cara feia que sacudia um menino e uma ambulância que passava num relâmpago uivando. E os guarda-chuvas, uma novidade estupefaciente para quem viveu milênios de chuva: Cauê e Ubiratan tinham querido um para cada e não se separavam deles nem quando não chovia nada.

Moacir, em compensação, tinha esquecido no mesmo instante todos os guarda-chuvas do mundo quando viu passar disparado um rapaz montado numa bicicleta. Quase tinha chorado de entusiasmo quando apareceu que a velha bicicleta de Antônio ainda estava na entrada do prédio e lhe deram

permissão para aprender a usá-la, entregue a Janita para as primeiras experimentações nos pedais no quintal poeirento e ensolarado.

Pensar nele por aí de bicicleta pela cidade deixava Antônio tudo menos tranquilo, e ele cultivava a esperança de que Yamandé sarasse e voltassem todos para a paz da floresta antes que a paixão ciclística virasse um problema. Depois, claro, os meninos eram em média muito prudentes e por ora davam um jeito de atravessar a rua o mínimo possível: até para Antônio os carros pareciam demais e sempre rápidos demais; lidar com uma sucuri ou uma onça era uma coisa, mas se arriscar a descer da calçada para se lançar entre aqueles bólidos barulhentos e imprevisíveis era outra história completamente. Só faltava a bicicleta.

Olhou pela janela um pouco tenso, sempre tinha a dúvida de não conseguir reconhecer os pontos, de errar o caminho e se perder entre um supermercado, um beco e um fliperama, e enquanto ouvia o resmungo relativo aos muitos pecados de Ernesta tentava imaginar como seria George, depois de todo aquele tempo. Estava contente que ele tivesse ligado, que quisesse vê-lo, que tivesse se declarado tão feliz por sabê-lo vivinho da silva e de volta à cidade. Eu não devia ser tão ruim assim como professor, no fim das contas, se depois de tanto tempo um aluno meu ainda lembra de mim e com tanto carinho. Essa história de que ele quer uma entrevista, que quer filmar os meninos jogando, que tem uma proposta magnífica, sei lá, parece meio estranha, quem sabe o que ele tem em mente, vamos ver. Mas decidir se encontrar na rádio foi uma boa ideia, estou morrendo de curiosidade de ver o que a Teresa aprontou, quem diria que seria justo ela a pôr aquilo de pé de novo, ela, a rainha do telefonema confuso.

3.20 Rádio

Esperava rever o velho muro meio caindo aos pedaços, mas o bairro evidentemente tinha subido de nível e o sobrado que abrigava a rádio estava pintado de um belo turquesa que fazia ressaltar, nas janelas do primeiro andar, modernos adesivos de vitrine em quatro cores com um logo indistinguível e a inscrição Rádio Nova Amizade em amarelo e preto.

Na entrada, do outro lado da porta pintada de amarelo, tinha sido montada uma pequena recepção com poltroninhas de vime e almofadas de chintz. Uma mocinha de cabelo encaracolado sentada diante de um computador e da inscrição bastante pomposa de “secretária de redação” acolheu Antônio com entusiasmo:

— Ah, claro, a Teresa tinha me dito que o senhor vinha! Teresa! Teresa! — gritou na direção de uma porta de vidro. — Chegou aquele senhor!

Teresa chegou no mesmo instante, ainda com os fones no pescoço: brincos de plástico rosa-morango, batom cereja e um chanel cor de banana; parecia um cesto de frutas. Trabalhar em rádio devia ter lhe feito bem, como ela mesma confirmou envolvendo Antônio num abraço com cheiro de violeta:

— Antônio, como eu estou feliz! Rezei tanto por você, acendi um monte de velas para Nossa Senhora da Conceição e ainda dei uma galinha de oferenda para a minha vizinha que é do candomblé, que nunca se sabe, quanto mais santos envolvidos melhor, e olha que adiantou! Você se salvou! E que bom finalmente te conhecer, e ainda por cima aqui na rádio. Se você soubesse como essa coisa da rádio me mudou, como me deu uma sacudida, sabe, você tem que ter uma cultura também, ser atualizada. E tudo graças a você, à sua voz, mas olha só que rapaz bonito, eu sabia, com aquela voz. Eu te imaginava um pouco mais fortão, é verdade, mas você não é nada mau mesmo, se eu tivesse dez anos a menos, olha.

— Obrigado pelos elogios, mas…

— Ahah, não se preocupe, não quero dar em cima de você, sei que você até casou, imagina.

— E como diabos você sabe disso?

— Ora, foi a sua mãe que me contou, não foi? Ontem, quando eu liguei para confirmar o horário, a gente bateu um papo, que mulher simpática. Ela me disse que você casou com uma moça bonita, que você tem um menino lindo e que logo vai ser hora de encomendar o segundo, parabéns, a sua mãe estava tão contente!

— É, bom, não é exatamente… enfim, deixa para lá. Me conta de você, da rádio, como foi que você pôs isso de pé de novo?

— Ah, é uma história comprida, olha, aquele Senhor Inácio foi generoso, não se pode negar. E depois nem deu tempo de ele ver o sucesso que a gente fez; teve umas questões com a polícia, dizem, eu não sei bem: foi morar em Bogotá, onde ele tem uma filial da empresa dele que precisava da presença dele. Já o Gustavo, sabe como é, pau que nasce torto morre torto: está na cadeia, coitado, um bom rapaz mas criado torto, as más companhias, você sabe como são essas coisas. E foi assim que a gente pôs a rádio de pé de novo, entendeu?

Antônio não tinha entendido patavina, mas achou inútil tentar interromper Teresa, que enquanto isso o tinha acomodado nas almofadas de chintz e falava ininterruptamente abanando unhas cor de damasco:

— E a gente fez um belo sucesso, sabia? O meu programa dá uma audiência danada, receitas e política, funciona muito bem, se você soubesse. Claro que eu ainda trabalho na Madame Samuela — quem deixa o caminho velho pelo novo sabe o que perde e não sabe o que acha, todo mundo sabe —, mas não lavo mais cabeça, agora faço tintura e escova, só que o dia inteiro eu não faço outra coisa senão pensar no meu programa, tenho uma paixão, olha. E a audiência vai muito bem, a Luiza está até um pouco com inveja.

— A Luiza?

— Claro, a minha amiga Luiza, você lembra dela, não lembra? Ela faz a coluna de gossip, agora chama assim, não é mais fofoca, você sabe, não sabe? Pois é, ela sabe tudo dos cantores e dos vips e de como eles se vestem e namoram e se separam, faz um programinha bonito, tem jeito para isso mesmo. Claro que não tem a audiência do meu; o único que chega perto é o João.

— Mas o João quem, o zelador? — Antônio estava cada vez mais desconcertado.

— É, é, ele, ele! Continua zelador, obviamente, mas às nove faz o programa de astrologia e às dez o consultório sentimental. Se você soubesse como ele é bom, dá uns conselhos que fazem vir lágrima aos olhos, eu quase queria ter problemas de amor para ser aconselhada por ele. Você tem que fazer o seu horóscopo sem falta, olha, quem sabe essa coisa da Amazônia que influências astrais tem.

— Mas claro, mal posso esperar. De todo jeito, parabéns, vocês foram muito bons mesmo. Mas eu não entendi bem essa coisa das receitas e da política; você entende de política agora? Na época não me parecia que…

— Eu, de política? Que nada, imagina! É que cozinhar eu faço bem e sempre tive paixão — e os programas de cozinha estão sempre em alta, olha —, mas eu pensei que era preciso ampliar um pouco o posicionamento, não só avós e donas de casa, então botei a política dentro. Mas é fácil, sabe? Eu olho um par de sites de notícias, sites de internet, você sabe, mas claro que você sabe: foi você que me ensinou a internet, com o seu programa, deus, parece que passou tanto tempo! Pois é, eu leio os títulos e depois vou no gugol e ponho as palavras-chave, não é? Ponho as palavras-chave junto com a palavra “receitas”, por exemplo sei lá: “Iraque, receitas” ou “Ucrânia, Putin, receitas”. Ou se eu já tenho em mente a receita de um prato, ponho aquilo e depois as palavras-chave: “Moqueca de camarão, Obama, rastros químicos”. Sai sempre alguma coisa interessante, se você soubesse. Foi o Paco que me ensinou a usar o gugol, você lembra do Paco, o operador de som? Casou com uma alemã e foi morar na Europa, em Berlim ou Amsterdã ou outra cidade da Alemanha, agora não lembro. Talvez Sydney.

Antônio se esforçou para beber mais um gole do suco de fruta doce demais que Teresa tinha posto na mão dele:

— Bom, fico contente: ele sempre desejou a Europa.

— É, é, olha, eu também estou feliz, mesmo se no começo a gente não sabia como fazer para substituir ele; depois, por sorte, achamos o Savério, ele dá aula de piano na escola para cegos, é ótimo, depois eu apresento ele para você; foi ele que me deu a ideia para o logo novo, você gostou? Fui eu que desenhei.

— Hum. Muito bonitinho, gostei. Um… um papagaio. Com um… ancinho no bico?

— Ahah, mas que papagaio nada: é um cisne, um cisne de asas abertas sobre um globo, com o ramo de oliveira da paz entre os povos no bico. Me inspirei naquela canção bonita de que eu gosto tanto, sabe, “Imagine all the people”, aquela do Paul Lennon, você conhece?

— Como não, como não. E o logo é realmente gracioso.

— Não é? Eu sempre tive jeito para desenho. O Savério também disse. Ele não enxerga, claro, mas eu descrevi bem para ele e ele me disse que é bonitinho mesmo. Ah, mas olha, chegou o seu amigo! Deixo vocês à vontade, quem sabe quanta coisa vocês têm para conversar; será que vocês aceitam um cafezinho?

3.21 Individualidade

Antônio continuava a chamá-los de “os meninos”. Os meninos fizeram isso, os meninos precisam daquilo, como se fossem um único corpo indistinto. E nos primeiros tempos, de fato, quase o tinham sido: intimidados pela quantidade de novidades, para não se deixarem arrasar por elas tinham se apertado uns contra os outros, dando força uns aos outros. Isso também tinha tornado mais simples a tarefa de Antônio de ficar de olho neles e protegê-los dos muitos perigos da vida fora da floresta.

Mas à medida que as semanas passavam e eles iam se adaptando ao mundo novo, e jesussanto como faziam isso depressa, as várias individualidades voltavam a emergir, e mantê-los todos juntos a cada momento não era mais possível: os embaraços, as desconfianças, os receios estavam se dissolvendo dia após dia numa desenvoltura cada vez maior e numa vontade de experimentar aquele mundo novo. Antônio tinha tido de aceitar o fato consumado de não poder mais controlá-los, ou de todo modo de precisar da ajuda dos seus familiares para isso.

Moacir e Cauê tinham ido de novo ao aeroporto ver os aviões pousarem e decolarem de perto, um passatempo que tinham começado a cultivar havia alguns dias. Antônio não estava com vontade de ir pela quarta vez consecutiva, mas Gabrielita tinha se oferecido para ir com eles: os meninos de todo modo tinham dito que conheciam o caminho e, além disso, não era longe; então, depois de muitas recomendações, ele tinha se resignado a deixá-los ir. Era sempre um prazer para ele, de qualquer forma, ver que a paixão com que, quando estavam na floresta, eles ouviam as suas histórias sobre a modernidade tinha aguentado a prova do confronto com a realidade.

Jaci e Itaúna, acompanhados por Janita, tinham ido em compensação ao cinema ver aquele desenho animado ambientado num reino gelado. Quem sabe o que iam entender, levando em conta que, além da língua, havia também o detalhe de que as suas únicas experiências com o conceito de frio eram a geladeira da casa de Antônio e os picolés — vários, para dizer a verdade — que tinham comido.

Antônio lembrava de ter se assustado muito no dia em que Itaúna o tinha surpreendido olhando o vídeo do onze de setembro: não achava que Itaúna pudesse entender o que tinha acontecido, mas para ir pelo seguro tinha dado aos meninos uma aula sobre o conceito de “filme”, contando que as pessoas gostavam de representar e de gravar na tela histórias e acontecimentos estranhos de todos os tipos, às vezes até tristes, que absolutamente não eram verdade, não, não, nada de verdade mesmo, olhem, neste filme este ator morre mas no filme seguinte ele está de novo vivinho. Nem todos tinham se mostrado muito interessados, também por causa da barreira linguística, mas Jaci e Itaúna tinham se revelado apaixonados cinéfilos e tinham começado a devorar um desenho animado atrás do outro. Antônio não tinha nada contra, muito pelo contrário: afinal de contas são histórias bonitas, instrutivas, fáceis de entender e não sangrentas, e paciência se lhe parecia estar tratando-os como crianças de cinco anos.

Por outro lado sabia muito bem que crianças eles não eram nada, gostos cinematográficos à parte: eram rapazes de uns vinte anos ou coisa assim e, além do mais, na floresta, depois da iniciação, eram considerados homens para todos os efeitos. Ali as coisas eram um pouco diferentes; neste outro mundo a gente se considera menino até os quarenta anos, como demonstrava o fato de que ele próprio, naquela idade, era chamado assim pela mãe Marcela (quando não “criança”, meio deslocado, mas as mães são assim mesmo). E por falar em Marcela: quem sabe o que ela estava aprontando naquele momento com Piraí, que a tinha acompanhado ao mercado para aprender os segredos das compras.

Antônio se pegou pensando: os meus meninos estão crescendo. E lhe veio uma pitada de melancolia, o que o levou a rir de si mesmo e dos pensamentos estranhos que estava tendo. Naquele momento levantou os olhos e viu Ubiratan sair para a varanda com duas cervejas na mão e se sentar ao lado dele. Por um tempo ficaram em silêncio, tomando as cervejas em goles e olhando a rua para além do portão de grade. Foi Ubiratan quem interrompeu primeiro o silêncio.

— Sabe, quando a gente partiu da aldeia eu não tinha certeza de que Yamandé se salvaria. É estranho. Não sei como dizer, eu acreditava nas suas palavras mas mesmo assim me parecia estranho. Estranho demais. E em vez disso você conseguiu. Ainda não te agradeci.

— Você não tem que agradecer a mim. Não salvei ele sozinho. Salvamos ele todos juntos. E que façanha maluca foi. Você lembra quando a gente conseguiu evitar a cachoeira por um triz?

— Lembro. — Ubiratan riu por dois segundos, mas a melancolia evidente voltou logo a lhe fechar o rosto. — É bonito aqui e todos são muito gentis. Estão ajudando muito a gente. E não eram obrigados a fazer isso.

— Vocês também não eram obrigados a salvar e ajudar a mim, quando me encontraram. A aldeia inteira me acolheu como se eu fizesse parte dela desde sempre. Para a minha família parece o mínimo fazer o mesmo com vocês.

— A sua família, é. Sabe, Antônio, quando a gente estava na aldeia eu nunca tinha pensado nisso; você chegou quando nós éramos crianças, eu quase não lembro do tempo em que você não estava. Para mim você sempre foi um da tribo. Mas agora que eu vejo a sua família, eu me pergunto como você conseguiu aguentar ficar na aldeia todo aquele tempo, sabendo que a sua família estava aqui.

— Pois é. Não foi fácil. Principalmente nos primeiros tempos, quando eu nem sabia falar a língua de vocês. Mas foram justamente vocês, crianças, que me ajudaram, e eu nunca vou agradecer o bastante. E além disso, sabe: o destino do filho é ir embora. Eu tinha saudade, mas graças a vocês continuei a viver bem. Mais do que por mim, eu sentia pela minha mãe e pelo meu pai; são eles que ficam e sofrem mais.

Antônio percebeu ter tocado numa corda dolorosa. “A” corda dolorosa. Apressou-se a remediar:

— Mas não se preocupe, Ubiratan. A minha situação de então e a nossa de hoje são muito diferentes. Os que ficam sofrem mais quando não sabem. Não sabem o que aconteceu com o seu querido, não sabem se ele vai voltar. As nossas mulheres sabem o que aconteceu conosco, sabem por que a gente foi embora e sabem que a gente vai voltar. E o seu filho ainda é pequeno demais para entender o que está acontecendo; tenho certeza de que ele está lá fazendo companhia a Ybyráatã.

Como muitas vezes acontece, o remendo ficou pior que o buraco.

— Você disse todos os motivos pelos quais eu estou triste, sabia? Sinto muita falta de Kinératan, mas ele talvez já tenha esquecido de mim. E Amiajé só sabe por que eu fui embora, mas não sabe o que aconteceu comigo. Não sabe se a gente achou o caminho certo, não sabe se a gente ainda está vivo, não sabe nem que tinha uma cachoeira à qual sobreviver, mas tenho certeza de que ela imaginou perigos ainda piores. E não sabe se a gente conseguiu salvar Yamandé e não sabe quando a gente vai voltar nem se vai voltar. Ninguém sabe. Quando é que a gente vai voltar, Antônio?

— Yamandé está sarando bem, mas ainda precisa de um pouco de tempo, disseram os médicos, pelo menos uma lua; depois voltamos para casa: não falta muito agora. E vai ser ainda mais bonito, para

quem esperou por nós, ver a gente voltar todos são e salvos e com tanta coisa para contar — sorriu Antônio.

Voltaram a observar o vaivém da rua. A conversa tinha feito bem aos dois, e a segunda cerveja acompanhou um papo mais alegre, centrado nos muitos aspectos engraçados da estada deles ali, cujo subtexto era: sim, sinto falta da floresta, mas no fundo esta é uma aventura lindíssima de que vou me lembrar para sempre.

Os primeiros a voltar foram Marcela e Piraí. De cara fechada, não se dirigiam a palavra. Era uma expressão estranha para descrever duas pessoas que falam sem se entender duas línguas diferentes, e no entanto nas sessões de cozinha deles normalmente nenhum dos dois ficava calado um instante e parecia que eram mãe e filho, enquanto agora estavam praticamente se ignorando. A Antônio pareceu ouvir a mãe murmurar alguma coisa sobre lagartas e porcarias, mas olhando para a cara dos dois tanto Antônio quanto Ubiratan decidiram evitar pedir informações detalhadas sobre o motivo da evidente briga.

Pouco depois chegaram também Jaci e Itaúna, seguidos por uma Janita que não ficava um instante calada. Os dois, visivelmente abalados, apressaram-se a entrar em casa sem falar. Estes também estão perturbados, pensou Antônio, notando que eles não tinham nem de longe a cara de duas pessoas que tivessem acabado de ver um desenho animado. É verdade que os conceitos de gelo e neve lhes eram estranhos, mas não era possível que isso lhes tivesse feito aquele efeito.

— Janita! O que aconteceu? Vocês não foram ver Frozen?

— Fomos, e eles se divertiram um monte. Você tinha que ver como eles riam toda vez que aparecia na tela aquele boneco de neve engraçadíssimo. Foi muito divertido mesmo.

— …Para mim eles não parecem dois rapazes que passaram uma tarde divertida. O que aconteceu depois?

— Ah, aquilo, é. Pois é, eu queria levar eles para tomar um sorvete, mas assim que a gente saiu eles viram os cartazes daquele outro filme, aquele com aqueles guerreiros gregos peitudos, o 300, dos espartanos. Eles ficaram muito curiosos, me deram a entender que queriam ver.

— Janita, mas eu tinha dito…

— Eu pensei, tudo bem, é um filme de guerra, não vai ser difícil de acompanhar mesmo que eles não entendam a língua. Chega desses desenhos todos, eles não são crianças.

— Janita…

— Só que o filme era um pouco violento demais; eu ficava dizendo para eles “filme, filme”, mas eles ficaram um pouco perturbados e depois de meia hora quiseram ir embora. Desculpa, Antônio.

Que nada um pouco perturbados, pensou Antônio, eu nunca vi eles assim nem quando a gente enfrentou a cachoeira. Mas entendeu que Janita já estava chateada por conta própria e que não era o caso de remexer a faca na ferida:

— Que nada, tudo bem. Não tem importância, você vai ver que passa. Você foi gentil de acompanhar eles; agora eu vou ver se consigo acalmar eles um pouco.

Antônio se levantou, fez sinal a Ubiratan para segui-lo e naquele momento viu, para além do portão de grade, Moacir, Cauê e Gabrielita chegarem de uma direção completamente diferente daquela habitual, vinda do aeroporto.

Cauê tinha uma expressão feroz no rosto, também isso uma novidade. Moacir era visivelmente presa de sentimentos parecidos, mas era mais hábil em mantê-los sob a superfície. Gabrielita os seguia de cabeça baixa e de vez em quando levantava os olhos para alguns olhares rápidos ora a um ora ao outro. Um olhar em que a Antônio pareceu ver gratidão misturada com pena. Quando estavam mais perto, Antônio notou que a camiseta de Cauê estava rasgada e os dois rapazes estavam bastante enlameados. E talvez aquilo na bochecha de Cauê fosse um roxo? E os nós dos dedos de Moacir sempre tinham sido tão esfolados?

Antônio foi obrigado de novo a exercitar as suas nada excelsas capacidades dedutivas, porque pelo visto nem este grupinho estava com muita vontade de falar. Seria possível que Cauê e Moacir tivessem brigado entre eles? Cauê e Gabrielita entraram direto em casa sem nem cumprimentar. Moacir parou um instante, pôs uma mão no ombro de Antônio e lhe disse:

— Ela está bem, não se preocupe. E nós também. Aqueles outros estão um pouco menos bem. — E prosseguiu atrás dos seus amigos.

Antônio e Ubiratan ficaram desconcertados olhando um para o outro, e Antônio pensou: pois é, quando é que a gente vai embora daqui?

3.22 Proposta

— Vamos, meninos, vão buscar as bolas e mexam-se, que daqui a pouco chega um amigo meu para fazer as filmagens de vocês para a televisão.

— O que são filmagens?

— Que televisão, aquela que fica dentro da tela?

— Então, as filmagens são… bom, como fotografias, vocês lembram quando fizeram fotografias de vocês, não lembram? Pois é, as filmagens são coisas assim, mas são fotografias que se mexem e servem para pôr dentro da tela, isso, assim todo mundo vê elas.

— Aí depois todo mundo vê as nossas fotografias dentro da tela como quando a gente olha a televisão?

— Isso, exatamente assim.

— Eu vou gostar muito de me ver pequenininho dentro da tela.

— De todo jeito ninguém vai olhar para você dentro da tela, vão olhar para mim porque eu sou mais bonito.

— Mas eu sou melhor.

— Mas eu corro mais rápido.

— Meninos, vão jogar, vamos. Da tela a gente cuida depois.

Pois é, da tela a gente cuida depois. Mas na verdade da tela era preciso cuidar já: George tinha sido realmente afetuoso e simpático, e a entrevista tinha sido agradável e inteligente — nada a ver com a daquele encaracolado idiota —, só que pelo visto ao público a coisa tinha parecido muito interessante e George tinha ligado de novo propondo a ele um especial centrado nos meninos, com muitas imagens dos meninos jogando, que deviam justamente filmar naquele dia assim que George chegasse com o cinegrafista. E isso ia muito bem, naturalmente.

O que ele tinha dito depois, porém, era uma coisa em que precisava pensar bem. E pensar agora, meu caro, porque é mais que provável que George hoje queira uma resposta e eu ainda não sei, não consigo decidir. Antônio passou distraidamente a bola de um pé ao outro, refletindo, enquanto os meninos gritavam para cima e para baixo pelo campo disputando não menos de seis ou sete bolas.

Era a proposta que ele tinha lhe feito que o deixava incerto. Pelo visto a rede para a qual George trabalhava estava muito interessada neles: estavam com a audiência meio em baixa e precisavam de alguma coisa nova — de fresca, ele tinha dito —, então tinham se oferecido para organizar para eles uma série de partidas pela região, seis ou sete cidades, times de nível regional, todas as viagens e despesas pagas e um cachê pela contratação, em troca dos direitos de transmissão. E ainda por cima uniformes esportivos para todos os meninos — com a marca da rede, entende-se —, chuteiras incluídas. Pois é, já as chuteiras se anunciavam uma questão espinhosa: os meninos jogavam desde sempre descalços e Antônio tinha certeza de que não iam gostar nem um pouco de mudar de sistema. Mas claro que não era pensável fazê-los jogar descalços contra os outros calçados, uma questão que ele não tinha ideia de como resolver. E não era de modo algum a única a preocupá-lo: todos aqueles

ônibus, aquelas viagens, cidades diferentes, hotéis, um monte de desconhecidos, o fato de jogar não por jogar mas porque a essa altura se trataria de uma espécie de obrigação, eram tudo coisas de que ele não sabia como os meninos iam levar.

Por outro lado, dava-se conta de que para eles podia ser uma ocasião única de fazer experiências novas e com certeza interessantes, conhecer outros lugares e outras pessoas, se medir com jogadores que não conheciam e que jogavam de um jeito diferente do deles, quase certamente se divertir muito. E não podia negar que ele mesmo estava com uma vontade danada: sair um pouco por aí com as despesas pagas, ver outras cidades, jogar junto com o seu timezinho aproveitando algumas partidas como manda o figurino, isso o atraía bastante.

Além disso era preciso levar em conta o que tinham sabido pelos médicos: Yamandé precisaria de pelo menos mais um mês de reabilitação, e passar ainda todo aquele tempo em Macapá corria o risco de virar problemático. Os meninos estavam acostumados a uma vida ativa, e ficar parados mais um mês sem nada além para ocupar os dias a não ser vadiar e brincar de bola umas duas horas por dia no campo de treinamento — por ora bonachonamente concedido, mas quem sabe até quando — decerto não era o ideal.

Já tinha havido a questão de Cauê, que tinha dito que queria pendurar a sua rede ao lado da de Gabrielita. Que rede que nada, ela não tem nem quinze anos, deussanto.

— Nem pensar, ela é jovem demais.

— A minha irmã é tão jovem quanto ela e acabou de ter um filho.

— A sua irmã não tem nada a ver. Aqui as coisas são diferentes.

— Por quê?

— Porque sim. Porque eu estou te dizendo. Escuta, Cauê, eu entendo que você está com vontade de uma moça: você poderia — deixa a rede de lado por um momento —, você poderia fazer amizade com a filha dos vizinhos, a Fernanda é simpática e muito bonitinha.

— Mas ela é velha!

— Mas velha o quê, ela tem dezoito anos!

— Não sei o que é anos. Mas ela é velha. E também feia, é seca que nem perna de gafanhoto. Não quero ela.

— Bom, pior para você.

— E Gabrielita fica sempre olhando para mim; para mim ela quer muito pôr a rede dela perto da minha.

— E chega dessas redes! Você deixa a minha sobrinha em paz, assunto encerrado.

Mas Antônio sabia que encerrado não estava nada: eram jovens, era óbvio que as moças fossem um pensamento primordial para eles — sobretudo considerando que não tinham praticamente nada para fazer — e temia que fosse só questão de tempo antes que aparecesse alguma confusão.

Para não falar de Moacir e da sua bicicleta: já tinha chegado ao “sem as mãos” e em breve ia se cansar de rodar em círculos pelo quintal; no momento em que ele sair para a rua vai se meter em alguma encrenca, eu sei, não tenho dúvida. Depois Ubiratan, que aprendeu perfeitamente a manobrar o controle remoto e passa o dia inteiro pregado na frente da televisão se atordoando de propaganda e novelas, vai ficar abobalhado (e graçasadeus que ele ainda não descobriu os pornôs). E Piraí, que vive na cozinha e de tanto experimentar pratos e docinhos com a mãe e a tia Norma está engordando: mais um mês de molhos e biscoitos e ele vai ficar com um bundão de anta, que jogar bola que nada. Não, não, é preciso distraí-los, tirá-los daqui, mantê-los ocupados: isso, sobretudo mantê-los ocupados. E fazê-los correr.

Do fundo do campo viu chegar George, acompanhado pelo cinegrafista: Antônio, sorrindo, cumprimentou-o com a mão. Tinha decidido.

3.23 Finanças

Na verdade havia também outro aspecto que o tinha convencido, pensava Antônio enquanto tomava café na luz chuviscante da manhã, observando os meninos tomarem o café da manhã com bolo de milho, melancia e mamão e cumprimentarem Piraí porque os beijinhos dele estavam quase tão bons quanto os da mãe Marcela. O dinheiro, ao qual por quase quinze anos ele não tinha dirigido um único pensamento, era em compensação, olha só, uma coisa que era preciso levar em conta. Seis rapazes de bom apetite para alimentar, mais ele, não eram um desembolso pequeno, e de algum jeito precisavam também ser vestidos, gostassem eles ou não.

Quando o tinham dado por morto — e a sua conta no banco encerrada —, aquelas poucas economias que ele tinha tinham ido para a conta dos pais, os quais naturalmente depois as tinham posto de novo à disposição dele: é seu, Antoninho, imagina. Ele as tinha usado até então para contribuir com as despesas; já eram generosos demais os seus pais em assumir dentro de casa um bando de desconhecidos esquisitos chegados de brinde junto com o filho ressuscitado.

Mas as economias estavam afinando, a estada em Macapá se prolongava, a reabilitação e a fisioterapia de Yamandé implicariam despesas nada desprezíveis: a turnê com o respectivo cachê oferecida pela Rede Norte que George lhe tinha proposto — proposta generosa, aquela de levá-los em turnê, considerando que eles não eram ninguém — podia contribuir para resolver o problema.

Criava porém outro: mesmo calculando descontar as despesas médicas de Yamandé e o custo de um mínimo de enxoval que seria necessário providenciar aos meninos — e a si mesmo — para passar um mês em turnê, se se levasse em conta que nas próximas semanas eles teriam todas as despesas pagas, o resultado seria um pé-de-meia que, embora ainda não quantificado e com certeza irrisório aos olhos de muitos, preocupava Antônio.

O fato é que aquele dinheiro seria para todos os efeitos propriedade dos meninos: eram eles que jogavam, era deles o cachê.

Depois da confusão inicial não tinham levado muito tempo para dominar razoavelmente o funcionamento do dinheiro, graças também ao fato de que, para fazê-los entender, toda vez que saíam Antônio confiava algumas moedas por vez a cada um deles para comprar um sorvete ou as balas, cujos nomes em português tinham aprendido com surpreendente prontidão.

Antônio estava preocupado porque sabia que, mesmo não sendo enorme, aquela não era uma quantia para gastar em doces e tiras de alcaçuz. E no entanto não conseguia pensar no que fazer com ela.

Estava fora de dúvida que, uma vez de volta à floresta, aquele dinheiro não serviria para nada, mas era igualmente verdade que era propriedade deles e que em algum lugar ele teria de ser posto.

Foi Teresa quem lhe deu a ideia.

Ela tinha querido a todo custo que ele voltasse à rádio junto com os meninos e os tinha acolhido com caloroso entusiasmo, tinha sido carinhosíssima, tinha oferecido café, limonadas e balinhas de menta, os tinha apresentado a Luiza, a João e a Savério e tinha até querido que eles abrissem o programa, apesar de Antônio não estar convencido:

— Eles não falam português, Teresa.

— Ah, não importa. Mesmo quando eu falo se entende pouco, e olha que eu sei português. Quer dizer que quem vai entender eles são os amigos deles, as mães deles lá na floresta.

— Eu não acho nem um pouco que na floresta eles possam ouvir, não…

Mas ninguém já o escutava mais; os meninos já estavam arrancando o microfone uns dos outros, todos contentes de ouvir a sua voz de trinados e assobios ricochetear dos amplificadores.

— Que bonitinho! Parecem passarinhos cantando! Estou quase pondo isso de vinheta, o que você acha?

Quando alguns dias depois ele tinha voltado a visitá-la com uma begônia em vaso para agradecer a gentileza e a hospitalidade, tinha-a encontrado em companhia de uma mulher baixinha e redonda, negra e lustrosa como um açaí, que se apresentou com um larguíssimo sorriso branco:

— Bom dia, que prazer conhecê-lo. Eu sou Mariana.

— Ela trabalha com as baleias — precisou Teresa.

— Trabalho para o Greenpeace, na verdade. Não cuidamos só de baleias, como o senhor deve saber.

— Bom, como a Teresa deve ter dito à senhora, eu não estou mais muito por dentro, mas claro, o Greenpeace eu sei bem o que é.

Mariana sorriu:

— Eu fazia muita questão de conhecê-lo, sabe? Temos em curso vários projetos que dizem respeito aos indígenas e à questão do desmatamento da Amazônia. Pelo que eu entendi, os seus amigos vêm de um povo isolado, não é verdade? Então, por sorte, o problema do desmatamento ainda não os atingiu. É um verdadeiro drama, infelizmente.

— É, eu lembro que já se começava a falar disso antes de eu partir. Imagino que as coisas tenham ido piorando…

— Pois é. Alguma coisa se fez, mas é sempre pouco demais, uma gota no oceano. Ainda há muitíssimo a fazer.

— Claro, coitadinhos, Antônio, imagina só: cortam todas as plantas em volta deles, arrancam tudo e eles não sabem mais para onde ir. Deviam comprar ela toda, a floresta; eu queria ver depois quem é que vai arrancar as árvores no jardim da casa deles.

— A Teresa se apaixona muito pelas nossas causas, é uma grande apoiadora nossa, sobretudo quando tem baleias. Mas eu gostaria de revê-lo, Antônio, com mais calma. Quem sabe conversar com os seus amigos; é muito importante para nós a voz dos povos nativos envolvidos.

— Mas claro, Mariana, com muito prazer: os meninos não falam português, mas eu posso servir de intérprete, não tem problema. Agora estamos de partida para uma turnê de algumas semanas, mas com certeza a gente se organiza para se ver na nossa volta.

— Viu, Mariana, como ele é gentil e simpático? E além disso ele gosta muito de plantas, não quer que elas sejam desmatadas, não é verdade, Antônio? Ele tem mão boa para planta, igualzinho a mim. Olha que begônia bonita ele me trouxe, não é uma maravilha? Sabe o que, em honra das plan-

tas eu vou abrir o programa com a canção “Where are all the flowers gone” na versão cantada por… Baez, você está contente, Mariana?

— Joan. Joan Baez.

— Isso, Johnny Baez, eu não lembrava o nome, sabe-se lá por quê.

Foi só quando estava na rua, ainda atordoado pelo perfume de violeta de Teresa, que ele entendeu qual era o jeito certo de usar aquele dinheiro. Assim que a gente voltar da turnê eu falo com a Mariana, ela vai saber como fazer. A Teresa tem razão: vamos comprar a floresta, a floresta toda em volta da aldeia.

3.24 Contrato

Antônio atravessou a rua e sorriu consigo mesmo relembrando o encontro que acabara de ter com o diretor-geral da Rede Norte, que tinha ido visitar para definir os acordos da turnê, em particular o aspecto econômico.

O diretor o tinha entretido com discursos longuíssimos, explicando que a ideia era transmitir sete partidas, cada uma delas precedida por um miniespecial de quinze minutos sobre cada um deles. No final, do conjunto tirariam também um documentário, integrando-o com algum outro trecho filmado durante a turnê.

— Já entramos em contato com alguns times locais de Belém e de Altamira. Infelizmente é difícil ser levado a sério, porque ninguém conhece os senhores. Por ora estão nos propondo só times menores ou de garotos. Mas eu já falei com o técnico do Macapá, que quer uma revanche pela partidinha do mês passado. Vamos começar com aquele: se vocês se saírem bem, quem sabe arrancando um empate, vai ser mais fácil conseguir encontros interessantes nas partidas seguintes.

— Se eles jogarem como eu vi da outra vez, vai ser o Macapá que vai tentar arrancar um empate — tinha dito Antônio, surpreendendo-se com a própria desfaçatez.

O diretor não tinha dado importância e continuou:

— Vai ser uma história de futebol, mas não só. Também nos interessa o aspecto humano dos vários membros do time. Como foi o impacto da nossa sociedade avançada sobre vocês… sobre os senhores.

Avançada?, tinha pensado Antônio com uma careta, mas sem interrompê-lo.

— O que vocês fazem, como comem, onde dormem. Digamos que vai ser uma história da Amazônia, de futebol e de redes.

Sei lá, tinha pensado Antônio, em dúvida, guardando-se muito bem de exprimir as suas perplexidades. A rede quem geria era ele, afinal de contas.

— Os senhores vão ter de se acostumar a ter uma câmera em volta durante a maior parte do dia, mas vão ver que não vai incomodar; aliás, quem sabe os seus meninos até se divirtam com isso. E, como eu dizia, para os especiais vão ser necessárias entrevistas. Naturalmente está previsto um pequeno extra pelo seu papel adicional de intérprete.

Naturalmente. Antônio, limitando-se a olhar para ele, ficou esperando que o outro continuasse.

O diretor tinha apertado o interfone e chamado a secretária, pedindo que lhe trouxesse o contrato, que passou imediatamente a Antônio, indicando onde assinar.

— Peço desculpas — tinha dito finalmente Antônio, irritado com a atitude expedita do diretor —, eu não queria parecer interesseiro, mas a gente ainda não abordou a questão econômica. Agora o senhor mencionou um extra, mas eu não sei a quanto monta esse extra. E nem sei o extra de quê. O cachê base qual é? Imagino que esteja tudo aqui no contrato?

O diretor tinha feito uma cara de quem diz “bom, é óbvio”.

— O senhor se importa se eu ler rapidamente?

— Claro que não — tinha respondido o diretor, com uma gestualidade corporal que queria dizer: claro que sim.

Inacreditável como tudo é relativo, como tudo depende do lado por onde você pega, pensou Antônio enquanto descia os degraus saindo da sede da Rede Norte, satisfeito consigo mesmo, quase orgulhoso. Aliás, sem o quase: orgulhoso pelo modo como tinha enfrentado de peito aberto o diretor impondo-lhe as suas condições. Certamente o fato de não ter, no fim das contas, nada a perder tinha sido importante.

O contrato que tinham posto na frente dele previa um cachê para Antônio de 2.000 reais, mais ou menos o quádruplo do seu velho salário de professor. Claro que nesse meio-tempo tinham passado catorze anos, 2.000 reais valiam menos do que naquela época, mas, considerando que alimentação, hospedagem e transportes ficariam por conta da Rede Norte, queria dizer embolsar o dinheiro quase por inteiro. Nada mau. Quase tinha assinado, quando lhe veio uma dúvida e começou a reler tudo desde o começo. O diretor tinha bufado sem esconder uma certa irritação, mas Antônio não lhe deu atenção. Tinha relido a parte em questão, arregalado os olhos, depois tinha corrido rapidamente o contrato à procura de alguma coisa que não achou.

— Desculpe, mas aqui se fala só do meu cachê. Não vejo o dos meninos.

— O senhor não vê porque não está previsto. Naturalmente nós refletimos sobre isso, sabe, não pense mal. Só que, pelo que me consta, o estado civil dos seus meninos não é nada claro. Em nome de quem a gente devia emitir esse dinheiro? A gente não sabe nem como eles se chamam nem onde residem. A gente emite o pagamento em nome do Senhor Índio, Floresta Amazônica n° 2?

O diretor tinha dado uma pequena tossida que talvez fosse uma risadinha, mas Antônio não captou humor nenhum.

— Naturalmente eu me consultei com o nosso setor de contabilidade e com o nosso jurídico e ambos dizem que a coisa seria complicada demais, a Receita ia cair em cima da gente.

— E então, visto que a coisa é complicada, os senhores decidiram não pagar eles. Total, são índios, daqui a um mesinho voltam para a floresta, o que é que eles vão fazer com dinheiro?

— Exatamente — tinha assentido o diretor, dando-se conta com um fatal instante de atraso de que aquilo de Antônio era sarcasmo dirigido justamente a ele e que tudo devia ter feito menos concordar.

Antônio tinha posto o contrato não assinado sobre a mesa, tinha se levantado e estendido a mão ao diretor:

— Olha, eu quero ir ao encontro do seu jurídico, do seu setor de contabilidade e de todos os outros. Já que a coisa é um pouco complicada demais para os meios de vocês, vamos fazer o seguinte: não fica nada. Cada um pro seu lado e passar bem.

O diretor talvez tivesse alguns defeitos, mas anos de negociações comerciais lhe tinham ensinado a reconhecer um blefe quando via um, e o de Antônio não era. Tinha tentado relançar propondo um cachê de 4.000 reais, dois mil para Antônio e dois mil para os meninos, mas outra coisa que sabia fazer era reconhecer o momento em que não se devia esticar demais a corda. Antônio tinha ficado tranquilo, firme nas suas intenções de obter aquilo que simplesmente considerava justo. O diretor,

terceira virtude, sabia fazer as contas de cabeça na hora, dava-se conta de que mesmo com uma contratação de dois mil reais por cabeça mais as despesas a rede teria de todo modo uma boa margem de lucro, e tinha chamado uma assistente para uma alteração de última hora nas condições contratuais.

Dois mil reais ao senhor Antônio Carlos Rocha de Almeida, e outros doze mil também ao senhor Rocha de Almeida na qualidade de fiduciário do time…

— Pois é, a gente ainda não decidiu o nome do time. Nós aqui estávamos pensando em Amazônia Futebol Clube, o que o senhor acha?

— É um bom nome para um time de Manaus — tinha retrucado Antônio, que se sentia percorrido por uma segurança nunca experimentada antes. — Mas nós viemos da floresta e temos uma língua nossa. A gente se chama Asu Ka'a Futebol.

— Ah. Bom. Bonito. O que significa, se eu posso perguntar?

— Significa Grande Floresta. E de todo modo os reais adicionais são catorze mil.

— Como?

— Catorze mil. Yamandé também faz parte do time para todos os efeitos, mesmo não jogando. Vão entrevistar ele também, os senhores vão ver que não vão se arrepender. O extra pelo meu cachê de intérprete eu dou de presente, visto como os senhores foram gentis.

3.25 Manequim

Forte da segurança derivada do ótimo andamento das negociações com a Rede Norte, Antônio decidiu por impulso ir ao Órgão de Tutela da Floresta Amazônica para começar a pôr em prática a sua ideia de proteger a floresta em volta da aldeia.

Para acompanhá-lo foi Cauê na condição de porta-voz dos meninos, aos quais tinha sucintamente explicado que havia gente má que queria derrubar as árvores da floresta. Ou pelo menos a intenção dele teria sido dar uma explicação sucinta, mas obviamente tinham começado os "por quês". Por que eles querem derrubar as árvores? Porque querem usar a madeira. Bom, a floresta é grandíssima, eles podem derrubar algumas árvores, não acontece nada. Mas as árvores que eles derrubam são muitas, muitíssimas, demais; um dia poderiam ser todas. Por que todas? Porque eles são maus. Por que eles podem fazer isso, então? Porque acham que a floresta é deles. Essa informação encerrou a conversa, porque a absurda, inconcebível ideia de que alguém pudesse considerar "sua" a floresta tinha provocado tal hilaridade nos meninos que Antônio saiu da sala deixando-os ainda rindo às gargalhadas daquela bobagem.

Cruzada a soleira de falso mármore do prédio, Antônio e Cauê se viram diante de um senhor atarracado e careca, de boné de contínuo, que sentado a uma escrivaninha pequena demais se dedicava à eliminação sistemática das moscas por meio de uma revista enrolada. Ao pedido de Antônio a respeito de qual setor devia procurar para submeter a sua questão, o homem balançou a cabeça, sem interromper os golpes, e decretou:

— Os senhores não estão no lugar certo, eu acho.

— Mas este aqui não é o Órgão de Tutela da Floresta Amazônica?

— Claro que sim. — PLAFT!

— Bom, mas então deve haver um setor específico, não? Que cuide dos processos de tutela…

— Sei lá. Que eu saiba, não. Mas se os senhores fazem questão mesmo, podem tentar no Setor de Relações Públicas. Segundo andar. — PLAFT! PLAFT!

O Setor de Relações Públicas não parecia a Antônio o mais adequado, mas como do contínuo não parecia possível extrair mais nada ele encaminhou-se para o elevador, seguido por um Cauê bastante perplexo. O setor em questão revelou-se habitado por um jovem nervoso de gravata que supervisionava um pelotão de rapazes e moças sentados diante de computadores que até a Antônio pareceram antiquados. O jovem praticamente os empurrou para fora da sala dizendo que eles não tinham tempo e que que ideia, procurar ali. Que fossem, se realmente quisessem, ao primeiro andar, ao Setor de Mapas e Cadastro.

De lá foram encaminhados, por um careca e suave homenzinho que cheirava a lavanda e a poeira, ao terceiro andar, ao Setor de Prestação de Contas, e depois de novo ao segundo, ao Setor de Gestão de Particulares. Passaram então pelo térreo, onde um simpático funcionário do Serviço de Manutenção lhes ofereceu um cafezinho, e pelo quarto andar, onde um funcionário sanguíneo tentou convencê-los a adquirir, em vez da floresta, que é realmente umidíssima, um lote bem ventilado para os lados de Santa Mariana, zona com grandes perspectivas de desenvolvimento, um investimento seguro. O funcionário pôs na mão deles o cartão de visita da imobiliária do cunhado, reiterando que é sempre melhor se aconselhar com um especialista quando se trata de comprar terrenos.

Antônio estava cansado e exasperado, e começava a achar enervante ter de responder continuamente a Cauê, que olhava cada interlocutor com olhos torvos perguntando combativo se era aquele ali que queria derrubar a floresta, quando se viram, sem um porquê preciso, diante do Setor de Dotações, que pelo menos pelo nome deixava esperar que fosse o destino correto.

A porta estava aberta e lá dentro via-se sentado à escrivaninha um homem de camisa de mangas curtas que uma plaquinha identificava como doutor Thomas S. Mello Aluguer. Além dele e de um manequim com um uniforme de explorador largado sobre uma cadeira num canto, não havia ninguém. Antônio bateu e o homem fez sinal para que se acomodassem na sala de espera, isto é, nas cadeiras logo do lado de fora da porta, onde Antônio enganou a espera folheando com Cauê algumas decrépitas revistas de ornitologia e observando através da porta o homem que fitava imóvel algumas folhas sobre a sua escrivaninha, sem dar a impressão de lê-las nem de fazer outra coisa.

Depois de meia hora de espera o senhor Aluguer pareceu despertar da letargia e lhes fez sinal para entrar e se acomodar. No escritório havia uma única cadeira livre, na qual Cauê rapidamente se instalou, e Antônio teve então de decidir se ficava em pé ou tirava o manequim do seu lugar. Um novo gesto do senhor Aluguer o empurrou para a segunda opção.

Assim que se sentaram diante dele, Aluguer acenou para que se afastassem um pouco, mimando o gesto do calor. Além do fato de que a Antônio não parecia que no escritório fizesse um calor particular, a coisa mais preocupante do ponto de vista dele foi a evidência de estar lidando com um mudo. Como é que ele vai me explicar o que tem de ser feito? De todo modo já estavam ali e valia a pena tentar. Antônio pigarreou e começou a falar pronunciando bem as palavras.

— Então, nós estaríamos com a intenção de adquirir um lote de terra na Floresta Amazônica e…

O senhor Aluguer levantou-se de um salto e foi rápido pegar uma pasta no armário, da qual extraiu um par de folhetos e um mapa que desenrolou diante de Antônio e Cauê, indicando um ponto da floresta na fronteira com o Peru.

— Ótimo! — disse o senhor Aluguer com uma bela voz profunda, fazendo Antônio dar um pulo de surpresa. — Fico muito satisfeito de ouvir dessa intenção dos senhores. Iniciamos há pouco um programa desse tipo, o PPFACP, mas se os senhores estão aqui é sem dúvida porque o conhecem. Com 50 reais os senhores podem tutelar — não adquirir, ahahah, claro que não se fala de aquisição — 50 metros quadrados de floresta nas nascentes do Rio Uaupés, onde vivem várias tribos de povos isolados ou ex-isolados. O seu amigo vem de lá, imagino? Quanta floresta os senhores querem tutelar, cinquenta metros quadrados? Cem?

— Ahn, não, nós viemos de muito mais perto, a nossa aldeia é para os lados do Rio Jari, acho que dentro do Parque Nacional do Tumucumaque.

— Nossa? Os senhores, seu…?

— Antônio Rocha de Almeida, prazer. E este é Cauê.

— Prazer. Desculpe, senhor Almeida, eu não queria ofendê-lo, mas o senhor não parece um indígena.

— Não, sim, enfim, é complicado. Eu represento um povo indígena.

— Que povo precisamente? Como se chama?

Antônio foi pego de surpresa. Entre as muitas palavras de que um povo que vivia isolado na floresta não precisava, uma certamente era a palavra para se definir. Cauê, que fremia para entender o que estava acontecendo, aproveitou a pausa para pedir esclarecimentos a Antônio, que lhe traduziu o pedido.

— Ele quer saber como a gente se chama? Todos os moradores da aldeia um por um?

— Não, ele quer saber como se chama a tribo.

— Que pergunta estúpida é essa? Nós somos nós, somos a gente.

Antônio não tinha certeza de que ao funcionário pudesse servir o nome de um povo que se chamasse "gente", mas o atento doutor Aluguer já tinha captado o vocábulo e partido por conta própria:

— Manguari? Nunca ouvi falar. De todo modo há vários programas de proteção da floresta em curso, mas atualmente o único que preveja a tomada em tutela por parte de terceiros diz respeito à zona que eu disse aos senhores.

— Mas e se em vez disso a gente quisesse materialmente adquirir a floresta em volta da aldeia?

— Ahaha. Adquirir, nem se fala. A floresta é um bem público, é do Estado, é propriedade de todos. De fato, enquanto brasileiros, ela já é sua, meu caro senhor. Falando por outro lado de tutela, dizíamos daquela interessantíssima área na fronteira com o Peru que…

— Mas a gente não está interessado naquela área, está interessado numa completamente diferente! Se ainda não existe um programa de tutela, talvez se pudesse abrir um, não? O que seria preciso para abrir?

— Pois é. São coisas complicadas. Coisas complexas. Os senhores não fazem ideia. Mas se fazem questão, podem apresentar uma proposta ao Ministério, acompanhada de toda a documentação cartográfica, hidrogeológica e obviamente dos levantamentos florofaunísticos. O plano de negócios a anexar, naturalmente autenticado junto a um Oficial Público habilitado, deverá trazer oportunamente tabuladas todas as medições e os dados dos levantamentos, incluídas as fichas cadastrais de censo etnográfico de todas as populações eventualmente ali presentes e um plano, incluindo hipóteses de prestação de contas a um, três e cinco anos, que ateste, aconselhavelmente com a validação do Instituto de…

Antônio pousou ambas as mãos sobre a mesa, pigarreou interrompendo o funcionário, que enquanto falava ia extraindo de gavetas e pastas maços de formulários, inspirou e disse com voz forçadamente calma:

— Certo, esqueça o que eu disse, entendi. Vai saber o que me deu na cabeça.

Levantou-se e saiu do escritório fechando a porta com um pouco mais de força do que o necessário.

Cauê e o senhor Aluguer ficaram se fitando por alguns segundos, enquanto o funcionário começava a se sentir inquieto com o olhar de onça-parda que o jovem lhe cravava. Depois a porta se reabriu, Antônio entrou, pôs a cadeira de volta no canto, apoiou o manequim em cima dela e disse, gélido, ao rapaz:

— Vem, Cauê, vamos embora. Vamos voltar a jogar bola, que é o que a gente sabe fazer.

O rapaz o seguiu, não antes de ter sibilado algumas palavras ao doutor Aluguer, que os viu sair desconcertado, os braços atulhados de formulários.

— O que você disse para ele? O que significa *ambûá eçaí ité*? É uma palavra de que eu não me lembro.

— Significa centopeia-viscosa-com-olhos-de-rã-venenosa.

É, muito apropriado.

3.26 Amigos

Yamandé recuperaria completamente o uso da perna; o acidente não deixaria consequências nem sobre as suas capacidades esportivas. Claro que seria necessário ainda um pouco de tempo, pelo menos um mês, também porque a fisioterapeuta que o acompanhava tinha tomado o caso a peito e tinha posto como objetivo não só a recuperação completa do tônus muscular mas também o retorno à atividade atlética. Mas era uma ótima notícia; os médicos tinham se dito muito surpresos com a velocidade com que ele estava se recuperando e com as qualidades do físico do rapaz. E Yamandé não tinha reagido nem muito mal à notícia de que dali a poucos dias os seus amigos e Antônio partiriam para uma turnê durante a qual jogariam partidas de futebol de verdade com times de verdade, sete contra sete: no começo tinha fechado a cara, depois refletiu por alguns segundos para enfim sentenciar:

— Mas o sétimo quem é? Você joga, Antônio? Ahahah, isso mesmo, senão a gente fica forte demais! Que legal, porém! Se eu sarar depressa quem sabe algumas partidas eu também consiga jogar!

Desde o princípio, todo dia a turma se dividia para ir por turnos ao hospital em gruposinhos de duas ou três pessoas, e naquele dia tinha cabido a Antônio e a Jaci ouvir as palavras do chefe da equipe médica: o caminho de volta tinha sido uma sucessão de risadas e de entusiasmadas antecipações a respeito daquela viagem para jogar futebol que começaria dali a pouco.

Chegando a algumas centenas de metros de casa, Antônio ouviu claramente um “Jaci!” vindo do descampado de terra batida cercado de mato do outro lado da rua.

Um grupo de meninos estava jogando bola e o menor deles, descalço como todos, com uma regata amarelo-canário comprida demais que lhe servia também de bermuda e talvez de pijama, e a chuva riscando-lhe o rostinho enlameado onde saltava aos olhos a falta de três ou quatro dentes, estava agitando uma mão em sinal de cumprimento.

Antônio se virou para Jaci, que, com o que lhe pareceu uma expressão de constrangimento, encaminhou-se para o descampado e para o menino atravessando a rua sem prestar a menor atenção à eventual chegada de automóveis e fazendo Antônio ter meio infarto, que nem teve tempo de abrir a boca.

A repreensão morreu-lhe na garganta quando viu o menino e Jaci se cumprimentarem com os gestos da tribo, pequena cerimônia que se repetiu com outros três ou quatro rapazes um pouco maiores. Eles se conhecem?

Jaci se destacou do grupinho para alcançar Antônio do outro lado da rua, sempre sem absolutamente olhar em volta, aliás roçado por uma motoneta com dois homens que se produziram numa descarga de impropérios que nem Antônio conseguiu apreender corretamente.

— Eu fico um pouco jogando bola com o Marcos e os outros.

(Marcos? Os outros?) Não era uma pergunta, e Antônio sentiu uma sensação estranha: tinha se autoelegido protetor deles, mas aqueles rapazes tinham uma autonomia própria e todo o direito de viver como bem entendessem.

— Mas claro, Jaci… Só que, por favor, tome cuidado quando atravessar a rua.

— A rua? Ah, sim, claro, a rua, a rua.

Jaci a atravessou de novo com o mesmo descaso e depois de poucos instantes já estava cercado de meninos que contavam em voz alta as suas embaixadinhas: cabeça, cabeça, joelho, calcanhar, pé esquerdo (vários toques), pé direito, ombro, calcanhar de novo e assim por diante. Antônio olhou para ele começando a sorrir enquanto Jaci se sentava no chão sem interromper as embaixadinhas — provocando um aplauso espontâneo dos meninos — para depois se levantar de novo.

A coisa mais surpreendente para Antônio não era a técnica dele, mas o fato de que com os lábios ele estava inequivocamente contando, e a essa altura já tinha feito pelo menos quinhentas embaixadinhas. Na língua da tribo existiam apenas os números até vinte e depois algumas palavras para definir diferentes ordens de grandeza não bem definidas: “muitos” como os dias vividos pelos anciãos, “muitos” como os peixes no rio, “muitos” como todas as árvores da floresta. Jaci, em compensação, estava contando e, esse pensamento atingiu Antônio no fundo, o estava fazendo por força em português.

Lá pela milésima embaixadinha os meninos perderam o interesse e o próprio Jaci se cansou. Ele podia continuar até o infinito, pensou Antônio enquanto começava uma partidinha em que Jaci e o pequenininho jogariam contra todos os outros. Os dois se comunicavam: alguns gestos, muitos sorrisos, certamente o futebol como língua comum e… algumas palavras? Antônio percebeu que Jaci tinha ensinado os rudimentos de alguns esquemas deles àquele menino, que parecia apreciar particularmente a flecha dupla, uma espécie de tabelinha em velocidade que treinavam continuamente e que, quando dava certo, a um décimo da velocidade com que Jaci a executava normalmente com os seus companheiros, comemoravam juntos pulando e fazendo repetidamente o gesto de esticar e soltar a corda de um arco.

Na verdade é uma sorte, pensou Antônio, que estes rapazes aos vinte anos possam viver uma segunda infância, não muito diferentemente do que aconteceu comigo na floresta.

Tinha ficado embasbacado observando a cena na mesma posição por cerca de um quarto de hora, e a consciência disso estava lentamente despontando nele quando um dos meninos agitou de novo a mão em sinal de cumprimento.

— Moacir! Moacir! Veio defender os pênaltis, o Moacir!

Ah não, isso é demais.

Moacir chegou na contramão a velocidade louca na velha e rangente bicicleta de Antônio e se produziu numa desajeitada freada com contraesterço no terreno escorregadio do descampado, que o fez acabar de pernas para o ar entre as risadas dos meninos. Se ele se machucar também estamos perdidos. Felizmente levantou-se sem consequências e, aliás, com uma expressão de pura alegria pintada no rosto. Apesar de ser apenas pouco mais alto que os seus companheiros, no meio daqueles meninos o seu sorriso e os seus olhos matreiros sobressaíam sobre todos. Depois de nem um minuto estava no gol defendendo pênaltis.

O gol era um velho muro descascado no qual tinham sido gravadas malmente no reboco duas traves e um travessão. O muro inteiro estava cheio de pequenos buracos, o maior do tamanho de um punho, e de inscrições feitas com giz colorido, desbotadas pela poeira e pela chuva. Moacir se pôs diante do gol. Acolhia cada cobrador com um pequeno rugido e com o gesto das garras feito com as mãos, seguido muitas vezes por uma risada que aliviava o clima. Nenhum dos meninos era capaz de preocupar o agilíssimo goleiro, que aliás, para defender alguns pênaltis, esperava o chute agachado ou até sentado no chão.

Abalado com a chegada de Moacir, Antônio atravessou por sua vez a rua indo para o lado de Jaci, que estava acompanhando os pênaltis ligeiramente à parte.

— Olha o pequeno — disse-lhe Jaci com um sorriso.

Diante de Marcos, Moacir se preparou ficando em pé como se tivesse à frente um adversário de verdade. Dois passos de corrida e um chute de bico. Deve ter sido a bola leve, deve ter sido a efetiva habilidade do menino: a bola foi direcionada com grande precisão no ângulo à direita de Moacir, que se exibiu num salto plasticíssimo que lhe permitiu desviá-la para fora justamente com a ponta dos dedos. Se o chute tivesse sido só um pouco mais veloz ele não teria chegado.

— Ele é muito bom — respondeu-lhe Antônio. — Parece um pouco com você quando era pequeno…

Mas já todos o estavam chamando em português:

— Jaci, Jaci, vem bater um pênalti!

Uma frase que Jaci mostrou compreender perfeitamente, para o renovado espanto de Antônio.

Jaci não se fez de rogado. Pegou a bola, contou os onze passos que Antônio lhe tinha ensinado tanto tempo antes (será que ele está contando em português, perguntou-se Antônio) e assentou com cuidado a bola no chão como um profissional consumado (mas onde é que ele viu isso? Estou perdendo o controle mesmo). Moacir diante dele estava rugindo e arranhando o ar com mais convicção e os seus olhos tinham virado olhos de onça. Jaci não se conteve e disparou um chute potentíssimo que foi arrancar um grande pedaço de reboco de uns trinta centímetros de diâmetro justamente na altura do ângulo onde o pequenininho tinha tentado enfiar o pênalti. De um lado alegria e exultação, do outro o gesto de derrota de Moacir, que de todo modo tinha conseguido roçar também esta bola.

Logo um dos meninos maiores correu para debaixo daquele grande buraco, de longe o maior de todo o muro, e com um giz vermelho escreveu “JACI” numa caligrafia incerta.

Só então Antônio entendeu que as inscrições eram assinaturas, eram bolaços que os meninos tinham chutado e que tinham feito cair pedaços de muro (todos ou quase todos dentro do gol), eram buracos que lembravam as pequenas façanhas daqueles jovens. E agora também Jaci tinha deixado a sua marca.

Quando Antônio decidiu que era hora de ir para casa, Jaci ainda estava observando com orgulho o seu nome escrito embaixo do buraco maior.

3.27 Floresta

— Agora estão todos na aldeia de Antônio, não é?

Janaína tentava não ficar ansiosa — a preocupação entra no leite e faz mal para o menino, diziam sempre as anciãs —, mas não conseguia deixar de pensar continuamente em onde estaria, no que estaria fazendo o seu homem, que perigos estaria correndo.

— Claro que estão lá. Agora estão todos no grande *shabono* onde mora Antônio, em volta do fogo como nós, e comem tenra carne de jacaré que os guerreiros da aldeia capturaram no rio grandíssimo que tem lá. São jacarés muito, muito maiores que os nossos, mas não são perigosos, não têm nem um dente, comem só mamões e orquídeas.

A segurança que Kirimá ostentava estava bastante longe daquela que na verdade sentia; tinham partido havia duas luas e não sabiam nada deles, não faziam ideia se estavam sãos e salvos nem onde. Mas não queria que Janaína se preocupasse, que ninguém na aldeia se preocupasse. Sobretudo não queria de jeito nenhum se preocupar ele. Já tinha passado noites inteiras insones, diante dos olhos a visão da perna do seu filho tão devastada que tinha precisado fazer um esforço quase insustentável para se convencer de que um ferimento assim não devia por força levar à morte.

Tinha se visto obrigado a confiar num homem que sempre tinha achado que odiava, no homem que ainda agora considerava confusamente de algum modo responsável pelo desfavor dos espíritos que tinha provocado o acidente de Yamandé. Mas incrivelmente tinha percebido que confiava de verdade. Talvez porque não tivesse escolha, claro, mas talvez porque, no fim das contas, nas histórias dele, por mais que lhe custasse um imenso esforço admiti-lo consigo mesmo, sempre tinha acreditado.

Era um contador de histórias, Kirimá; certas coisas ele sabia. Sabia distinguir quando alguém contava uma história verdadeira e quando, em vez disso, uma inventada. Quando você conta uma história que está inventando, os seus olhos se perdem no alto, no céu, nas copas das árvores, para ver voar as imagens da sua narrativa, vê-las se formarem do nada no ar como flocos de fumaça. Mas quando você conta uma história verdadeira, as imagens você já tem todas dentro, não precisa procurá-las. Quando você conta uma história verdadeira você olha na cara os que estão te ouvindo, quer ver o que eles pensam, ter certeza de que entendem bem. Quando você inventa uma história não importa se quem te ouve vê uma um pouco diferente; é de todo modo uma história inventada, aliás é ainda mais bonita por isso. Mas se uma coisa existe de verdade você quer que os outros a entendam certa. E Antônio sempre olhava nos olhos a aldeia quando falava, e por isso Kirimá, a contragosto, sempre tinha sabido que ele não estava inventando.

Olhou as nuvens acima das copas: ele, ao contrário, tinha de inventar um pouco, agora, porque Antônio tinha contado muitas coisas mas de muitíssimas outras não tinha falado; se queria contar onde estavam os seus rapazes, aquilo que não sabia teria de criar com a fantasia. Tinha certeza de que a tribo inteira sabia disso muito bem, mas ninguém se importava: ficavam contentes do mesmo jeito, uma história bem inventada aplacava as ansiedades tanto quanto uma verdadeira.

— No grande fogo no meio deles cozinham também outros animais de fora da floresta, animais que correm com inúmeras pernas de rã, animais que voam para trás e é preciso acertar com uma flecha bem no meio dos três olhos deles, senão são imortais. Mas têm carne saborosíssima, com gosto de lagarta e de baga madura.

O grupo inteiro de ouvintes reunidos em volta da fogueira engoliu em seco com água na boca; o jantar deles de carne de tamanduá não podia nem se comparar a tanta delícia exótica.

— Terminando de comer, vão ouvir os cantos trazidos pelos fios invisíveis e vão dançar todos, a noite inteira, bebendo sucos doces como mel; Yamandé vai dançar no meio deles, a perna mais reta e forte do que antes. — A voz de Kirimá se quebrou por um instante.

Janaína veio em socorro dele:

— Antônio vai dançar também com eles, não vai?

— Ah, ele é aquele que bate o ritmo em cima do tambor com penas de beija-flor trançadas nos cabelos; tem mulheres belíssimas em volta deles, mulheres de fora da floresta com cabelos compridíssimos amarelos e verdes…

Kirimá, recuperado do momento de comoção, não tinha resistido ao desejo de zombar um pouquinho de Janaína, e prosseguiu sorrindo consigo mesmo ao ver que ela arregalava os olhos já flamejantes de ciúme:

— …mas Antônio não vai olhar as mulheres amarelas nem as redes delas de flores trançadas, porque vai olhar dentro das chamas e vai ver a sua Janaína e o seu Ybyráatã que o cumprimentam agitando as mãos.

Pronto, Janaína já sorria de novo, ninando o pequenino.

— Ele nunca falou da gente sobre essas mulheres belíssimas, Antônio — observou Piata, muito interessado.

— Ah, bom, ele deve ter esquecido. Preferia contar histórias de jogos de bola, você sabe.

— E quem sabe quantas histórias novas ele vai contar para a gente, eles vão contar para a gente, na volta.

— Muitíssimas histórias, sim. Relatos de jogos de bola; eles não fazem outra coisa senão jogar o dia inteiro, lá na grande aldeia. Mas vão contar também de quando voaram altíssimos sobre o dorso dos grandes pássaros luminosos, com todos os fios invisíveis que roçavam neles como dedos os cabelos e…

Os pássaros luminosos eram interessantes, mas Piata tinha se distraído, pensando que mal podia esperar para pedir a Moacir e a Yamandé mais detalhes sobre aquelas mulheres de cabelos multicoloridos e esvoaçantes.

3.28 Boca a boca

Isabel se sentia prisioneira numa torre de marfim. Depois de ter passado cinco anos da sua vida em Genebra (custo a achar a alma dessa cidade, repetia à mãe durante as raras conversas telefônicas), tinha olhado com entusiasmo para a sua volta a Nova York, mas uma vez tocado o chão no JFK e cantarolado, como sempre, a inevitável faixa do U2, logo se viu presa do desalento. Era mesmo aquela a sua vida? Ia mesmo ser intérprete para sempre?

Profissionalmente só devia estar feliz. Já trabalhar para as Nações Unidas, com o seu sistema duríssimo de seleção, era a demonstração das suas qualidades; ter passado logo no concurso para um segundo ciclo de cinco anos, e ainda por cima na sede de Nova York, devia deixá-la extremamente satisfeita. E, afinal de contas, o de intérprete era um trabalho maravilhoso, ponte indispensável entre culturas diferentes: de vez em quando, quando estava de bom humor, apresentava-se dizendo que era colega da Pedra de Roseta.

Mas agora sentia o peso de ter falado, durante anos, das mais variadas questões, das menores às mais relevantes, e nunca ter tocado ao vivo nenhuma delas. Estava em contato com todos os problemas do mundo e no entanto se sentia deles tão distante como se estivesse em outro planeta.

E depois a saudade, aquele sentimento tão unicamente brasileiro. Quando morava em Genebra tinha confundido a saudade — como é que eu pude cometer um erro desses! — com nostalgia do último lugar que tinha chamado de casa, o seu apartamento na 36ª Avenida. Mas agora que o seu olhar pousava na familiar silhueta do Roosevelt Bridge, a sua mente tinha clareado: pensar que a saudade possa ser sentida por um país diferente do Brasil é como acreditar que se possa ter mal de África pela Ásia: por mais fascinantes que possam ser Ulan Bator ou Katmandu, é simplesmente impossível.

Achava ter aprendido a mantê-la sob controle, a golpes de viagens e de uma vida ocupada e frenética, mas a distância de casa voltava sempre a se fazer sentir, como aquela amiga-inimiga de que não sabemos nos desgrudar, pensava. Os instrumentos fornecidos pelo progresso tecnológico não faziam senão soprar no fogo: desde que tinha reassumido o serviço no palácio de vidro, o seu tablet estava conectado cada vez mais frequentemente com as agências de notícias brasileiras, com a imprensa da região de Macapá.

A pequenez dos acontecimentos de casa lhe aquecia o coração e muitas vezes lhe arrancava um sorriso e algumas vezes — parecia-lhe ter ficado mais sentimental, ultimamente — uma lágrima: nunca tinha ouvido falar do senhor Jaco Sainz, mas ler que uma onda de pororoca fora de estação tinha dispersado o gado da fazenda dele a tinha entristecido. Coitado do Jaco. E coitadas das vacas dele. A escola de samba Maracatu da Favela, fresca vice-campeã de 2014, já começava os preparativos para o carnaval do ano seguinte. Quem sabe se a Silvinha ainda estava na comissão organizadora, que pessoa boa, tão solar. Uma nova secretária extraordinária para as políticas femininas acabava de ser nomeada pelo governador do estado do Amapá: uma mulher jovem de traços simpáticos, eis uma boa notícia.

Toda vez que Ana, uma intérprete sérvia que falava um português belíssimo e com quem tinha logo travado amizade, via Isabel manusear o seu tablet, aproximava-se curiosa.

Fora as notícias locais, a imprensa falava de mulheres e de Copa do Mundo, associando de todas as maneiras possíveis os dois temas. Em pouco mais de uma semana, na região de Macapá, tinham sido eleitas: “Miss Copa”, “a Musa da Copa”, “a Gata da Copa”, “a Madrinha da Copa” e uma de-

zena de outros títulos, todos acompanhados pelas fotografias de jovens mulheres mais ou menos despidas e mais ou menos bonitas.

Ana achava a coisa divertidíssima:

— Vocês brasileiros são inacreditáveis!

Isabel não era igualmente entusiasta; quanto mais o tempo passava, mais achava desafinado esse gênero de artigos.

— Somos, sim. Mas eu prefiro quando a nossa unicidade se manifesta de outras maneiras. Olha aqui — retrucou Isabel —: "um homem voltou a Macapá depois de catorze anos passados na Floresta Amazônica" — leu em voz alta. — E escuta: "Acolhido por uma tribo isolada, reapareceu junto com um grupo de índios para prestar socorro a um membro da tribo." Olha que foto!

As fotos eram fantásticas, retratavam o grupo de indígenas jogando futebol descalços, junto com aquele homem mais alto e barbudo.

Olhando-o melhor, Isabel teve a suspeita de conhecê-lo. Escondeu com um dedo a barba para olhar bem só os olhos: lembrava-lhe alguém, mas não conseguia enquadrá-lo. Foi lendo o artigo que lhe voltou clarissimamente à memória.

Antônio Carlos Rocha de Almeida.

— Antônio! — exclamou Isabel.

— Por quê, você conhece ele? — perguntou Ana.

— Conheço, conheço sim — respondeu Isabel, estupefata.

— Mas não é possível, é inacreditável! Você me manda o link por e-mail? — pediu Ana. — É uma história bonita demais para não compartilhar no Facebook.

No dia seguinte Ana comparecia a uma reunião da Terceira Comissão e, como de hábito, chegou com boa antecedência para organizar as suas coisas e, se possível, bater um papo. O seu post no Facebook já tinha recebido uma centena de curtidas e ela percorreu a lista para ver quem o tinha compartilhado. Ao lado dela, uma das figuras importantes, uma embaixadora membro do Conselho Permanente e do gabinete pessoal do Presidente, espiava ostensivamente as imagens que corriam na tela. Ana sabia que ela e Isabel se conheciam bem; Isabel tinha sido uma preciosa colaboradora da embaixadora antes de fazer o concurso para a ONU.

— É um amigo da Isabel — disse-lhe, indicando uma imagem na tela. — Este aqui, olha. Parece que eles se conheciam até bastante bem.

— Mas o que aconteceu? São indígenas?

— São; parece que ele desapareceu catorze anos atrás na Floresta Amazônica e que nos últimos meses reapareceu na cidade natal deles levando consigo alguns membros da tribo em que viveu. E a notícia engraçada é que eles são ótimos de futebol!

— De futebol?

— É, parece que jogam muito bem.

— Mas isso é um comercial da Copa do Mundo?

— Não, não, aconteceu de verdade: eu estou dizendo à senhora que este aqui, ele se chama Antônio, é um amigo da Isabel.

— A senhora me manda o link do artigo?

— Para o seu e-mail pessoal?

— Sim, por favor, é uma história lindíssima.

A embaixadora encontrou Isabel alguns dias depois, por ocasião de uma recepção na embaixada do Brasil, mas mal tiveram tempo de trocar um cumprimento e poucas palavras antes que a multidão as separasse.

Isabel, brincando com o copo de batida, estava pensando divertida que naquele salão fazia calor exatamente como em Macapá quando se ouviu interpelada.

— A senhora não está entediada?

Viu que se dirigia a ela um desconhecido de uns quarenta e cinco anos, o único sem gravata no salão em que se realizava a recepção, com ar muito seguro de si.

— Eu nessas coisas fico sempre entediado — acrescentou ele num português fluido mas um pouco tosco.

— Não, não estou entediada — respondeu Isabel num inglês sem sotaque —, só me sinto um pouco cansada, foi uma semana puxada. A gente se conhece?

— Com certeza nunca fomos apresentados, eu me lembraria. Robert, prazer.

— Maria Isabel Barbosa — respondeu Isabel, esperando alguns instantes antes de acrescentar o obrigatório: — O prazer é meu.

Robert não pôde deixar de notar a sobrancelha levantada de Isabel, e recalibrou a abordagem, passando também ele ao inglês.

— O sobrenome, é verdade. Hubert, Robert Hubert. A senhora trabalha para a embaixada? Vi de relance que estava conversando com a embaixadora.

— Não, eu sou intérprete e trabalho para as Nações Unidas; mas eu e a embaixadora nos conhecemos há muitos anos e nos vemos sempre com prazer. Espere um instante, Hubert?

— Sim, Robert Hubert — respondeu o homem sorrindo.

— “Aquele” Robert Hubert?

— Sim, sou “aquele” Robert Hubert, o dos estádios de centenas de milhões de dólares. E durante o último Workshop Internacional eu presidi o grupo de trabalho “Sustentabilidade”: se a senhora vê

alguma coisa de irônico em tudo isso, eu queria confirmar que de ironia há muita, ainda que talvez não onde a senhora pensa.

O diálogo foi interrompido pela embaixadora, que tinha se aproximado sorrindo, com na mão o costumeiro copo de água com gás.

— Está contando do seu amigo? Essa história está na boca de todo mundo, aqui.

— Que amigo? — perguntou Hubert, curioso.

— O senhor está pronto para um pouco de ironia onde não pensa que possa haver? — perguntou Isabel, e prosseguiu: — Um amigo meu que estava dado como desaparecido na floresta voltou depois de catorze anos, trazendo consigo os membros da tribo em que viveu todo esse tempo.

— E a ironia onde estaria? — disse Hubert de modo ligeiramente rude demais.

— A ironia está no fato de que os membros dessa tribo incrível sabem jogar futebol; não entendi se foi o Antônio, o meu conhecido, que ensinou, ou o quê, e agora eles estão empenhados numa turnê pelo norte do Brasil.

— Ah, entendi. A senhora sabe se por acaso eles vão a Manaus também? — perguntou de volta Hubert, que continuava a não ver ironia nenhuma nessa história, mas evitou insistir no ponto.

— Me parece que sim, mas não tenho certeza — respondeu Isabel. — De todo modo eu levo um instante para verificar.

Depois de dois minutos a atenção dos três estava focada no tablet de Isabel, no qual apareciam imagens e vídeos cada vez mais bizarros. Pelo visto, até aquele momento os índios tinham ganhado todas as partidas, algumas até com uma margem larguíssima (era tão inacreditável que dava para pensar num golpe publicitário) e sim, efetivamente em Manaus se jogaria a última partida da turnê.

— É a partida de inauguração do estádio! — exclamou Robert vendo a data. — Eu não sabia que eram indígenas os que iam jogar, mas bom, me parece mais que justo. Eu naturalmente, na qualidade de projetista, vou ter de participar da cerimônia; por que as senhoras não vêm também? Minhas convidadas, naturalmente. A senhora Barbosa poderia me dar uma mão com o meu português capenga, eu ficaria grato.

— Sinto muito, eu não posso estar lá — respondeu a embaixadora. — Semana que vem eu parto para Genebra e depois tenho uma série de encontros no Oriente Médio, não volto para a América antes do fim de junho.

— E a senhora? — perguntou Hubert dirigindo-se a Isabel.

Isabel sentiu de novo o aperto no coração que lhe estava provocando naquele período a saudade de casa e, ao mesmo tempo, outro sobressalto que podia também se dever ao olhar do homem, na verdade muito envolvente; e assim, quando respondeu, as palavras lhe saíram sozinhas:

— O seu português não me pareceu tão ruim, não acho que o senhor precise de uma intérprete. Mas de fato eu tenho bastantes férias atrasadas e sinto muita falta do Brasil. Estou tentada, vou pensar. Mas eu aviso: se eu for, para mim vai ser uma ocasião de fazer o senhor saber o que eu penso de todos aqueles milhões de dólares que foram gastos com os estádios de futebol.

— De acordo. Mas me prometa que antes de me dizer isso a senhora vai se deixar levar para dar uma volta pelo estádio.

3.29 Turnê

Antônio tinha aberto a janela antes de se sentar na cama com o notebook no colo. O barulho tamborilante da chuva lhe agradava, e lhe agradava o cheiro quente do rio para além do qual a umidade velava os contornos das casas amontoadas na margem. Parecia mesmo uma cidade bonita, Manaus, e um pouquinho lhe pesava ter tido só meio dia para dar uma volta, mas os prazos da turnê tinham sido fixados com antecedência pela Rede Norte e obviamente era preciso se adequar.

Estava contente também de ter um quarto só para si; os meninos a essa altura já se viravam mais que bem em coisas como dormir por conta própria, e ele, que tinha de admitir ter achado a turnê mais cansativa do que esperava — por mais que a vida na floresta o tivesse mantido em ótima forma física, jogar futebol com uns rapazes de vinte anos era um esforço nada desprezível, e além disso toda aquela viagem, aquelas estradas esburacadas e alagadas, aqueles campos empastados de lama —, aproveitava com prazer alguns momentos de paz. A essa altura já tinha entendido que só conseguia se sentir tranquilo quando sabia os meninos sob controle e em segurança; olha só quanto instinto paterno que eu tinha sem saber.

Mas o hotel em que estavam naquela noite era gracioso e tranquilo, desprovido das perigosas seduções de discotecas ambíguas e casas de jogos enfumaçadas entre as quais tivera de se equilibrar em algumas das etapas anteriores, buscando um difícil equilíbrio entre a legítima curiosidade e vontade de se divertir dos jovens e os riscos que podiam trazer situações e ambientes para os quais eles não estavam nem um pouco preparados. Uma tia velha, mais que um técnico, pensava: esse licor é forte demais, cuidado; aquelas máquinas são caça-níqueis, não se deixe encantar pelas luzinhas; não, aquelas moças não servem para você, elas estão ali, estão ali trabalhando, é isso, deixa elas em paz; e você põe uma camisa, não dá para ir comer de tronco nu aqui. Uma tia velha, um chaperon, uma madre superiora.

Agora, porém, estava tudo em ordem: provavelmente, apesar de terem sido divididos em três quartos, estavam todos amontoados num só disputando o controle remoto da televisão e o smartphone em que não se cansavam de olhar as fotos deles que Gabrielita, com admirável constância, tirava dos vídeos da Rede Norte para pôr na conta de Instagram que tinha aberto em nome deles, e para a qual Moacir contribuía subindo de vez em quando alguma foto tirada por ele mesmo.

Antônio ajeitou melhor os travesseiros atrás da cabeça. Bom, mais essa foi, pensou. E foi muito bem, ótimo, aliás. Ganhar todas as partidas a essa altura tinha virado a norma, e Antônio de vez em quando se perguntava se os times com que tinham jogado não eram mais fracos do que lhe tinham apresentado. Seja como for, amanhã última partida e depois voltamos para Macapá. Yamandé, se tudo correu como previsto, vai ter alta logo depois da nossa chegada: mais alguns dias para nos organizar e arrumar as trouxas e depois finalmente voltamos para casa, para a floresta.

Sorriu indo procurar a floresta no computador: aquele Google Maps que a sobrinha lhe tinha ensinado a usar ainda lhe parecia uma mágica; não se cansava de repercorrer o Jari, de seguir o curso da famosa estrada 210 que nunca tinha achado, de rever as etapas da turnê, Belém, Tucuruí, Altamira, Santarém, de alargar o mapa e olhar do alto o Brasil inteiro, a América do Sul toda. E depois voltar a fechar o enquadramento, cada vez mais, cada vez mais, sobre o verde denso da floresta, como se olhando bem pudesse conseguir ver Janaína indo ao rio com Ybyráatã pendurado no pescoço, Piata voltando da caça, Itátakûara cochilando na sua rede.

Riu consigo mesmo, pensando que todo aquele olhar o mundo do alto daria inveja até a Poranga Pagé.

Quem sabe se a gente vai achar um jeito de proteger pelo menos este nosso pedacinho de mundo; quem sabe, perguntou-se olhando aquele verde interminável, quantas outras tribos como a nossa existem. Lançou uma busca, clicou num link, depois em outro e em mais outro, cada vez mais inquieto e perplexo: havia dezenas e dezenas de páginas que falavam de uma "questão indígena" cuja dimensão ele nunca tinha suspeitado.

Durante a sua vida anterior à da floresta tinha ouvido menções a isso, naturalmente, mas não tinha gasto muitos pensamentos com o assunto, como acontece com muitíssimas coisas de que se ouve falar mas que não nos tocam nem um pouco. Não tinha se dado conta de jeito nenhum de que houvesse por trás problemáticas tão complexas e debatidas.

O fato de ter praticamente virado um índio o fazia ler aquelas páginas com um certo desalento: de um lado lia sobre a questão como brasileiro instruído da cidade, que fora durante grande parte da sua vida, tentando se desvencilhar entre as informações e as opiniões com distanciamento e frieza; de outro se sentia envolvido em primeira pessoa, ele, a sua família, os seus amigos, e custava-lhe não se deixar levar pela raiva e pela perturbação. Desligou o computador, deitou-se na cama para ouvir o desabar da chuva. Voltando a Macapá eu tenho de ver aquela mulher do Greenpeace, aquela Mariana: ela trabalhou muito nessa coisa e talvez possa me ajudar a entender um pouco melhor, sem me deixar levar demais pelas emoções.

E por falar em emoções, pensou enquanto escorregava para o sono, fiquei contente mas muito menos emocionado do que teria imaginado ao ouvir Isabel de novo depois de tanto tempo. Tinha gostado que ela o tivesse rastreado e ligado, e gostado ainda mais que estivesse justamente ali, em Manaus, e lhe tivesse proposto jantarem juntos depois da partida do dia seguinte. Mas se pensava em como tinha ficado mal com a recusa dela tantos anos antes e em como tinha sido estúpido e desajeitado naquela noite, tudo lhe parecia tão distante, parecia-lhe ver agir na memória um outro Antônio, completamente diferente. E deu-se conta de repente de que até aquele momento tinha pensado que no dia seguinte reveria a moça vestida de verde daquela noite; que burro, é óbvio que os anos passem para ela também: a essa altura ela tem quarenta e tantos, deve ser uma senhora casada e ajuizada. Adormeceu pensando que não lembrava nem um pouco qual era o sobrenome dela.

3.30 Manaus

Isabel nunca tinha dormido num avião na vida. Não sentia medo, aliás voar lhe agradava muito, e sempre tinha achado que era de algum modo excitante pairar tão alto sobre o mundo, livres de todos os vínculos do peso e da gravidade. Sentava-se tranquila no seu lugar e mesmo nos trechos mais longos ficava acordada contemplando a paisagem ou, de noite, os outros passageiros. Raramente via os filmes que ofereciam e mais raramente ainda lia. O avião, para Isabel, era um lugar de observação e introspecção.

Hubert, ao contrário, já tinha adormecido durante a decolagem e, tirando duas breves pausas para comer a comida "horrível" servida por comissárias "barulhentas", não tinha feito outra coisa senão se virar e revirar na sua poltrona reclinada roncando ruidosamente. Havia mais de uma hora estavam sobrevoando só floresta e Isabel estava ao mesmo tempo horrorizada e fascinada. O mar verde é mesmo um mar, olha, um oceano, aliás; estende-se a perder de vista em todas as direções, tão regular que qualquer irregularidade polariza completamente a atenção. Antônio foi um náufrago, deu-se conta; quem sabe o que ele deve ter sentido lá embaixo por catorze anos, perdido lá dentro. Isabel tinha passado a juventude às margens daquele mundo verde, o tinha roçado várias vezes, e agora ele lhe dava arrepios. O que está acontecendo comigo, perguntou-se, o que são todas essas fragilidades repentinas?

Hubert se virou de repente exalando o enésimo grunhido e apoiou a bochecha no braço generoso de Isabel, que sorriu e não se moveu um milímetro; reprimiu, aliás, a tentação de lhe ajeitar um pouco a franja desgrenhada antes de refocar a atenção nas copas das árvores.

O calor e a umidade sufocante de Manaus a acolheram como dois velhos conhecidos, junto com o cheiro pesado de rio e de fruta. Não era da mesma opinião Robert, que começou a bufar e a suar copiosamente assim que saiu do aeroporto e da proteção do ar-condicionado. Isabel se sentia em casa, sorriu para si mesma pensando como era doce que todo o calor da sua terra lhe fluísse pelos pés e lhe vibrasse no corpo. A euforia dela crescia de momento em momento e atingiu o auge no táxi que passava por ruas que lhe pareceram familiares mesmo nunca tendo estado em Manaus: as cores, os sons, os rostos, tudo contribuía para a sensação de se sentir em casa e para a sua felicidade.

E, tinha de admitir, contribuía de modo ligeiramente perverso também o desconforto de Robert, que lhe dava um senso de superioridade e de controle.

Mas na manhã seguinte Hubert estava transformado. Tinha parado de suar e um sorriso radiante lhe iluminava o rosto.

— Comigo é sempre assim, desde que eu vim trabalhar no Brasil. As primeiras horas são dificílimas, depois não sei como o meu corpo se adapta e eu me sinto ótimo.

— Mas você dormiu esta noite?

A Isabel parecia impossível que ele tivesse conseguido pegar no sono depois de ter dormido durante quase todas as dez horas de voo do dia anterior; ela mesma tinha ficado acordada até muito tarde.

— Dormi, dormi. Eu sou dorminhoco, não é raro que eu durma umas vinte horas seguidas. E agora estou me sentindo muito bem mesmo, me sinto quase brasileiro.

— De fato o seu sotaque também melhorou! — brincou Isabel.

A conversa continuou agradavelmente durante a manhã, quando tomaram café juntos e depois se transferiram com calma para a zona do estádio da cidade. Mas enquanto na cidade inteira se respirava um clima preguiçoso e sereno, na zona do estádio alguma coisa estava acontecendo. Os primeiros pequenos ajuntamentos de pessoas estavam se organizando com os seus cartazes de protesto ao longo das avenidas que levavam ao complexo, vigiados de perto por policiais demais da tropa de choque.

“Vergonha”, “Gol para a Copa do Mundo - Brasil eliminado”, “Respeito!”, “A Copa é pra quem?” eram apenas algumas das faixas que Isabel e Hubert, um pouco preocupado de ser reconhecido, observaram juntos.

— Agora me diz que eles estão errados — disse a certa altura Isabel.

— Estão errados se acreditam que estes dois cartazes, que vão ter visibilidade quando muito na imprensa local, possam realmente mudar alguma coisa.

— Eu falava do mérito, no sentido de que todas aquelas centenas de milhões gastos com os estádios podiam ser gastos de outro jeito. Tem crianças que morrem de miséria e de abandono, aqui, sabia?

— Bom, eles estão errados nisso também. O dinheiro era para os estádios, não havia outros projetos. E foi isso que eles tiveram: estádios, bonitos e modernos. Os brasileiros gostam de futebol? Gostam. Este é o único argumento em cima da mesa. Não estou dizendo que fico contente de ver a pobreza espalhada neste país e todas as contradições que você conhece melhor do que eu. Estou dizendo que desta vez um grande sistema de poder tocou o Brasil e nem eu nem talvez ninguém podia fazer nada. O que eu fiz, o que eu tinha em mente fazer desde que me mudei para o Brasil para acompanhar estes encargos, é dar ao Brasil o melhor: a máxima sustentabilidade possível com as tecnologias atuais, o reaproveitamento dos materiais, o menor impacto ambiental possível. Isso o Brasil vai ter: os estádios mais bonitos do mundo.

— Que ninguém vai usar.

— Eu sei, são coisas que podem acontecer, mas neste caso não havia nada no meu poder que eu pudesse fazer para impedir.

A cerimônia de inauguração propriamente dita transcorreu de maneira muito simples. O governador do Estado do Amazonas descerrou uma placa em lembrança daquele dia, a Rede Norte cobriu o evento com um especial, mas Hubert permaneceu em segundo plano, aparecendo de costas só em algumas das fotos oficiais. O protesto não surtiu o efeito desejado e no fim os pouco mais de mil manifestantes foram nitidamente superados em número pelos torcedores que acorreram, cerca de vinte mil.

Como a partida seria sete contra sete, o campo tinha sido montado girado 90° na metade sul do estádio, com os gols sobre o que depois viriam a ser as linhas laterais. A metade norte do campo ainda estava parcialmente interditada à espera da conclusão das obras.

Antes do pontapé inicial teve lugar uma segunda pequena cerimônia que estava previsto fosse coroada por um discurso do capitão do time dos índios.

Quando os jogadores entraram no gramado, Isabel se deu conta do negócio que a Rede Norte tinha nas mãos. Bem explorado, poderia ser um fenômeno midiático de nível mundial. Os indígenas chegaram de tronco nu, com os corpos e os rostos pintados de várias cores: eram todos jovíssimos, alti-

vos, com um caminhar tão fluido que parecia uma dança. Antônio — ei-lo! Como tinha mudado! — segurava um microfone e convidou um dos rapazes, evidentemente o capitão, a dizer alguma coisa.

Assim que o rapaz falou, Antônio se virou de repente para olhá-lo.

A língua dos indígenas não se parecia com nenhuma língua que ela jamais tivesse ouvido. Era um conjunto de sons muito agudos, intercalados por estalos de língua e longas vocalizações. Tudo isso acompanhado de amplos gestos muito cênicos. Quem sabe se séculos atrás, antes de perder o contato com a natureza, também os nossos antepassados eram assim teatrais ao falar, pensou Isabel. E quando Antônio começou a falar em português para traduzir o que o rapaz tinha dito, ela não pôde deixar de sorrir. Você também intérprete, Antônio; viu o destino?

— Explicaram para a gente o que é o dinheiro, o que significa vender e comprar. E nós entendemos, mesmo que nos pareça uma coisa estranha.

A Isabel pareceu que a voz de Antônio estava incerta; não entendia se por emoção ou por algum outro sentimento que não conseguia reconhecer.

— Depois disseram para a gente que a floresta não é nossa. Que homens podem vir cortar as árvores como se a floresta pertencesse a eles. Mas que não pertence a nós, a nós que vivemos nela desde quando a lua era pequena e jovem.

Isabel teve arrepios: o que foi que ele disse? Toda vez que o rapaz falava, Antônio fazia pausas cada vez mais longas, como se refletisse sobre as palavras que estava prestes a traduzir. O rapaz disse mais uma coisa; Antônio calou-se por alguns segundos e foi só depois de um decidido gesto de convite do rapaz que se decidiu a abrir a boca.

— Nós não podemos comprar a floresta. Mas ninguém pode comprar a floresta. Como é que vocês podem comprar ou vender o céu, o calor da terra? A ideia nos parece estranha. Se nós não possuímos o frescor do ar, o cintilar da água sob o sol, como é que alguém pode considerá-los seus?

Depois da frase seguinte do rapaz, Antônio afastou o microfone da boca dele e lhe disse alguma coisa a que o jovem replicou com decisão. Os dois continuaram a gesticular e a falar um com o outro por um certo tempo, até que Antônio concluiu com dois gestos muito mais bruscos e menos elegantes que os outros: o capitão pareceu hesitar mas no fim decidiu continuar fazendo uma careta de contrariedade.

Isabel se pegou brincando com a sua deformação profissional: mesmo não conhecendo nada daquela língua, viu-se tentando adivinhar o que Antônio e o rapaz estavam dizendo com base no tom, nos gestos deles e no que tinham dito antes. Se agora lhe pedissem para arriscar de pronto uma tradução, teria atribuído a Antônio as palavras “Agora chega, este não é o lugar nem o momento para esse tipo de discurso”, mas naturalmente na verdade poderia ser qualquer outra coisa: apesar de todos os anos passados na ONU, nunca tinha ouvido nada parecido com aquela língua.

Antônio voltou a traduzir, visivelmente tranquilizado:

— Mas hoje nós estamos aqui para jogar como os primeiros nesta nova casa do futebol, a maior casa do futebol de toda a floresta, e estamos muito felizes. Para a ocasião vestimos as cores das grandes festas e estamos muito emocionados porque muitíssimas pessoas vão olhar a gente jogar; a gente espera que para todas elas seja tão divertido quanto vai ser para nós.

— Para eles vai ser, com certeza — disse Hubert no ouvido de Isabel, um gesto um pouco íntimo demais para a relação que tinham tido até aquele momento, mas que não a desagradou nem um pouco.

— Como assim? — perguntou ela.

Robert lhe mostrou uma revista que estava folheando, comprada pouco antes, em cuja capa se destacavam os meninos do Asu Ka'a ("Dentro, o pôster do Moacir!"):

— Na partida que correu pior para eles, a primeira, aliás, ganharam de quatro a zero. Claro que eles vão se divertir, não estão jogando com gente do nível deles; olha aqui: quatro a zero, cinco a zero, oito a um, seis a um…

— Mas por que organizaram esta turnê contra times tão fracos?

— Fracos? Nem tanto. Pelo visto são todos os melhores times dos campeonatos do norte do Brasil, campeonato Amazonense, campeonato Paraense, campeonato Amapaense. Levando em conta que na Série A brasileira jogam só times do centro-sul, eu diria que é o melhor que podiam achar.

Enquanto isso já tinha saído o primeiro gol do time dos índios, num lance tão rápido que Isabel, distraída pelo diálogo com Robert, não tinha tido tempo de ver. A sensação de que aqueles rapazes dançavam o tempo todo se reforçou nela ao vê-los jogar; pareciam levíssimos e frágeis demais, e no entanto dos pés deles saíam chutes e passes de uma potência incomum, tinham um instinto ou talvez uma rapidez que os fazia chegar sempre primeiro na bola e, com aquelas cores pintadas no corpo, eram hipnóticos; ela não conseguia despregar os olhos do campo.

E comemoravam de um jeito realmente estranho, fazendo o gesto de um arqueiro que estica o arco, e olha só: já alguém no meio do público os estava imitando.

3.31 Acordos

— Me perdoe, mas eu ainda não me reacostumei de todo a comer como vocês.

Não era fácil entender o que havia de indígena em Antônio: não tinha os traços deles, os cabelos eram de um castanho-claro muito raro na floresta, a pele dele era menos escura que a dos indígenas e uma barba malfeita despontava atrevidamente no seu queixo. E no entanto tinha indiscutivelmente virado um índio, deviam ser os movimentos dele ou o tom da sua voz ou sabe-se lá o quê; Isabel não parava de se perguntar.

— Quero dizer… como nós, isto é, como nós antes de vocês virarem vocês…

Isabel sorriu. Ela e Antônio estavam num restaurante bastante refinado de Manaus, e se rever depois de tantos anos para passar uma noite juntos era ainda mais agradável depois da vitória estrondosa dos meninos de Antônio na partida daquela tarde.

Quando Isabel tinha comunicado a Robert (desde quando ela e Hubert tinham passado a se chamar pelo primeiro nome? Estranho, nem lembrava) os seus planos para a noite, ele tinha comentado:

— Me parece um lugar elegante demais, talvez ele fique desconfortável.

Era bonitinho que Robert se preocupasse com os sentimentos de Antônio, mas Isabel tinha notado, lisonjeada, a ponta de ciúme contida no comentário.

Ela estava na verdade curiosíssima, curiosa demais na opinião de Robert, para conhecer todos os desdobramentos da incrível aventura que Antônio estava vivendo.

— O que vocês comiam na floresta? — perguntou Isabel dando uma dentada numa ótima costela na brasa. — Imagino que de tudo, até insetos!

— Mas não todos os insetos — respondeu Antônio. — Só os bons.

Isabel riu gostosamente pensando que Antônio tinha feito uma piada:

— Ah, vai, sério agora.

— Olha que eu estou falando sério. A gente come de tudo, insetos, larvas, peixes, aves, répteis, anfíbios, mamíferos, uma quantidade de vegetais que eu nem consigo enumerar… E deve ser a saudade, sei lá, mas aqueles sabores me fazem falta e essas coisas que vocês comem me parece que têm sempre mais ou menos o mesmo gosto. E são todas um pouco salgadas demais.

Isabel olhou direto nos olhos de Antônio pela primeira vez, talvez pela primeira vez na vida.

— É inacreditável o quanto você mudou. Meudeus, é acreditabilíssimo, considerando o seu naufrágio naquele oceano verde, mas é de todo modo estupefaciente ver com os próprios olhos.

— Você também mudou bastante. Você… fala de um jeito curioso, isso.

Parece sempre que ela está escrevendo um artigo de jornal, pensou Antônio; eu não lembrava desses ímpetos retóricos dela. E não lembrava que ela tivesse uma compleição tão matronal; talvez seja efeito do tempo que passou, como aquelas ruguinhas nos cantos dos olhos.

Houve alguns instantes de silêncio, depois Antônio retomou:

— De todo jeito, as lagartas… — mas foi interrompido com um sorriso por Isabel:

— Chega de falar de porcarias, está bem?

— Olha que não são nada porcar…

— Me conta alguma coisa curiosa sobre esses seus meninos incríveis, isso sim. Eles tiveram dificuldade de se adaptar ao nosso mundo?

— Muito menos do que eu teria imaginado. Talvez o fato de eu ter falado disso com eles durante anos tenha ajudado. Claro, tem coisas que eles ainda não entendem, o lixo, por exemplo: na floresta os resíduos são um punhado de ossos descarnados e de caroços de fruta; eles não se explicam os papéis, as garrafas, as bitucas de cigarro, o lixo na rua. Mas outras coisas que deveriam desconcertá-los não os perturbam nem um pouco. Um episódio significativo é a história das chuteiras. Eu estava preocupadíssimo, tinha preparado todo um longo discurso para explicar que jogar descalço era lindo, claro, mas também muito perigoso se os adversários jogassem com chuteiras de travas. Olha que tem até uma lenda sobre a seleção da Índia, que não teria participado da Copa de 1950 porque não deixavam eles jogarem descalços… desculpa, eu divaguei. Eu dizia: passei dias pensando em qual poderia ser o melhor jeito de convencê-los e em vez disso, quando a gente chegou à seção de esportes do shopping, eles se lançaram a experimentá-las e a única coisa que me perguntaram foi: “Mas você tem certeza de que a Rede Norte compra elas para a gente? A gente não tem que pagar dinheiro?”

— Hahah, mas como assim, na sua opinião?

— Bom, eles queriam se parecer o máximo possível com os grandes jogadores que viram na TV; desde que estão aqui não perdem uma partida.

— Que gracinha. Mas escuta, por falar em “comprar” e em “dinheiro”: eles disseram isso mesmo? E o discurso do rapaz, sobre comprar a floresta de vocês?

— Aquilo foi um episódio que… me pegou de surpresa, é isso: eu estava concentrado na tradução e da língua da tribo não é fácil, é uma língua adaptadíssima à vida da floresta mas não é nada adaptada a esta vida, você me entende, não é?

— Entendo você muito bem, acontece sempre comigo também, mesmo que português, inglês, espanhol e francês sejam bem mais parecidos entre si.

— Quando eu percebi o que ele estava dizendo, eu pedi para ele parar.

As pupilas de Isabel, ligeiramente dilatadas pela caipirinha, o fitaram intensamente (um pouco intensamente demais, teria dito Robert).

— Sim, mas se eu entendi bem eles vêm, vocês vêm, de uma tribo isolada. Ganhar, comprar a floresta me parecem conceitos “ocidentais”, por assim dizer. Nestes catorze anos você deu cursos de finanças para eles?

Antônio tinha desenvolvido uma espécie de sistema de alarme: quando se falava de indígenas ou de floresta ou das diferenças entre a civilização ocidental e a indígena, o senso de superioridade que re-

gularmente transparecia nos seus interlocutores o fazia facilmente ficar uma fera. Tomou um momento para observar as linhas curvas do rosto de Isabel e o seu sorriso apenas esboçado.

O alarme não disparou.

— É uma coisa em que eu tinha pensado quando a Rede Norte nos propôs o contrato, uma coisa tão ingênua que eu quase tenho vergonha. No fim vão sobrar na nossa mão uns poucos milhares de reais, insuficientes até para pagar o primeiro funcionário a quem pedir informação.

O celular de Isabel tocou, fazendo Antônio dar um pulo; ele ainda não conseguia se acostumar com o fato de que as pessoas tivessem sempre e a todo momento o celular consigo.

Isabel, ligeiramente corada, atendeu ao telefone falando em inglês. Era uma língua que Antônio nunca tinha conhecido muito bem e que não praticava havia catorze anos, mas não era preciso conhecer a língua para notar que o tom da voz dela tinha ficado leve e espumante.

É um homem, adivinhou, e logo Isabel vai pendurar a rede ao lado da dele.

E de todo modo algumas palavras de inglês tinham ficado na cabeça dele: *buying therainforest* não quer dizer comprar a floresta? Será que ela estava contando do fato de que Antônio queria comprá-la? Não entendia bem. Estariam tirando sarro dele?

O alarme não disparou nem desta vez.

No fim do telefonema ele pediu esclarecimentos:

— Vocês também querem comprar um pedaço de floresta? Para fazer o quê?

Isabel se recompôs e voltou a ficar séria, embora a luz nos olhos não fosse embora:

— Antônio. Deve ser a atmosfera mágica de Manaus, ou talvez simplesmente a caipirinha, mas agora eu vou te fazer uma proposta arriscada.

Antônio não entendeu e, com medo de dizer uma bobagem, ficou em silêncio, limitando-se a um aceno para convidá-la a continuar.

— Eu acho que sei como te ajudar nessa história da compra de um pedaço da floresta. Tempos atrás eu trabalhei num projeto da ONU relativo à busca de modelos de *project financing* voltados à salvaguarda da Floresta Amazônica. Eu era a intérprete e não uma das especialistas, mas alguma coisa eu aprendi e acho que sei como pôr de pé uma fundação para esse fim.

Ignorou a expressão espantada de Antônio e prosseguiu:

— Não sei exatamente de quanto dinheiro vocês dispõem, mas pelo menos para iniciar o projeto basta pouco.

A Isabel pareceu ver os milhões de pensamentos que brigavam na cabeça de Antônio para conseguir chegar primeiro à boca:

— Mas você tem certeza? Eu tentei me informar mas me pareceu entender que com uns poucos milhares de reais não dá para fazer nada mesmo, a não ser se enganchar em projetos já em curso em

lugares completamente diferentes, que nos interessam relativamente. Para não falar do delírio burocrático.

— Os obstáculos burocráticos se superam; é justamente nisso que eu posso te ajudar. E obviamente quanto mais dinheiro houver, melhor, não estou dizendo o contrário; se você ganhasse um bilhão de reais na loteria seria tudo mais simples. Mas para começar, o dinheiro de vocês eu acho mesmo que vai bastar. Depois vai ser preciso achar um patrocinador ou alguma via de financiamento, e também aqui eu já tenho algumas ideias; quem sabe até a Rede Norte possa se interessar. Em todo caso eu tenho certeza absoluta de que a bela fábula do grupo de indígenas que aparece do nada e joga futebol melhor do que qualquer outro vai tocar o coração de muitas pessoas. O meu, por exemplo, foi tocado.

— Você está me dizendo que com a sua ajuda a gente poderia comprar a nossa floresta. É isso que você está me dizendo.

— É. Eu não vou te censurar se você não confiar, mas eu digo assim mesmo: confia. O dinheiro de vocês não vai acabar nem no meu bolso nem no bolso de mais ninguém. Vai ficar sempre diretamente sob o seu controle ou, se você precisar de ajuda na administração, sob o controle de alguém em quem você confie.

— Por que você faz isso? Quero dizer, a sua vida é em Nova York, não é o que você sempre desejou?

— Não sei, sabe; para chegar a levar essa vida eu estudei e me esforcei muito, também abri mão de muitas pessoas e coisas. Agora eu sinto o peso desse esforço. E sinto falta do Brasil. Sinto falta da poesia, da energia desta gente. E me parece estar numa posição em que posso fazer alguma coisa para melhorar as coisas que não vão bem. Assim, o seu aparecimento repentino me pareceu um sinal, como me pareceu um sinal a chegada do Robert na minha vida…

— Aquele do telefonema?

— É — disse Isabel sorrindo. — Deu para entender tão bem assim?

— Deu para entender que você pendurou a rede ao lado da dele.

— Ah ah, que bonita essa expressão!

— É.

— Não.

— Não o quê, desculpa?

— Eu não pendurei a minha rede ao lado da dele.

— Mas você queria.

— Vai saber.

A conversa prosseguiu distendida pelo resto da noite e Isabel se divertiu muitíssimo ouvindo contar tanto as aventuras de Antônio na floresta quanto as da chegada deles à cidade, rindo até as lágrimas quando Antônio lhe contou de Teresa e da rádio. Despediram-se com a promessa de se falarem o

quanto antes para definir todos os detalhes: Antônio tinha manifestado o desejo de voltar o mais depressa possível para a floresta, para a sua família. E o fato de que aquela família existisse e de que ele falasse dela com tanto carinho picou Isabel com uma pequeníssima ferroada de decepção, da qual ela tratou de se esquecer o quanto antes.

3.32 Retornos

— Põe mais um pouco de feijão, Janita. Desde que eles voltaram daquela viagem de futebol me parece que os meninos estão sempre com mais fome; deve ser que fizeram muito exercício.

Marcela enxugou o suor sobre o lábio; sempre tinha feito um calorão naquela cozinha.

— E quem sabe mais alguns pimentões, verdura faz bem.

Mexeu com cuidado o molho, enquanto tentava lembrar se tinha dito a Ítalo para passar na loja e pegar um par de engradados de cerveja.

— Janita, alguém estendeu a roupa? É preciso pôr outra máquina para lavar agora mesmo, o cesto de roupa suja está para estourar.

— Sim, a roupa quem estendeu foi o Ubiratan. Ele é sempre atento a essas coisas.

— Ótimo, bom rapaz. Piraí, essas cebolas têm que ser mais finas. Olha, assim. Isso, perfeito.

Está ficando bonzinho mesmo na cozinha este rapaz, pensou Marcela roçando-lhe o ombro com um carinho; ele podia até fazer disso um ofício, tenho certeza de que ia gostar. Antônio nunca tinha querido saber, Amanda era uma grande atrapalhada, Janita, em compensação, era muito precisa e confiável mas sem nenhuma fantasia. Sim, ele é realmente o mais talhado para a cozinha entre — Marcela interrompeu o pensamento pela metade, estupefata e um pouco perturbada — ia dizer a si mesma: entre os meus filhos.

Balançou a cabeça, sorrindo e afundando a concha no tacho; fazia calor mesmo na cozinha. E ainda faltava preparar a farofa, pelo menos um quilo para dar para todos. A máquina, era preciso mesmo lembrar de pôr para lavar, senão onde é que você ia achar depois sete bermudas limpas. Ajeitou uma mecha de cabelos suados com um suspiro: eh, você não é mais uma mocinha, Marcela, não é tão estranho que de noite você esteja cansada depois de ter cuidado de uma família de dez pessoas. Não, onze, onze, agora tem também Yamandé, saído do hospital, e graças a deus que ele está bem, um rapaz bonito assim, teria sido realmente uma pena.

Yamandé estava com um sorriso de um lado a outro do rosto desde que tinha recebido alta: finalmente, depois de todo aquele tempo passado a só poder ouvir as histórias de mil maravilhas e coisas estranhas e se você soubesse disso e se você visse aquilo, finalmente podia ver com os próprios olhos e experimentar tudo aquilo de que os outros já estavam até um pouco enjoados, e circulava saltitando sobre a perna recolocada em funcionamento com os olhos felizes de uma criança no parque de diversões. Tinham dito que agora que ele estava curado voltariam para a floresta, mas ele não estava com a menor vontade, não antes de ter visto e experimentado tudo aquilo que os amigos tinham feito.

Quase tinha brigado com Ubiratan e Itaúna, na noite anterior, porque eles não paravam mais de falar de como logo voltariam à aldeia, logo, logo, e mal podiam esperar para rever a mulher, o menino, a mãe, o irmão, o ancião e o último nascido e quem sabe até aquele chato do Itátakûara e por que não o tamanduá ou a aranha, que amigos chatos.

Tinha do lado dele Moacir e Cauê, que não parecia terem tanta pressa assim de voltar para a floresta. Jogar futebol como tinham feito naquele último período lhes agradava muito e se entretinham com a insinuação que Antônio lhes tinha feito — sem saber o quanto, depois, morderia a língua — a

respeito do fato de que, depois de tê-los visto jogar durante a turnê, um par de times o tinha contatado para saber se os meninos podiam se interessar por um contrato.

Depois, caso eles parecessem incertos, Yamandé já tinha entendido que bastava citar a bicicleta para fazer Moacir torcer o nariz ao pensamento do emaranhado da floresta, e falar de Gabrielita para ver reacender-se no rosto de Cauê a esperança daquela famosa rede.

E na verdade, por falar em redes, o próprio Yamandé tinha uma meia ideia de voltar a visitar Joana, a fisioterapeuta, que, tão alta e grande e com aquelas mãos largas e leves, talvez, talvez tivesse vontade de continuar a lhe ensinar português.

Antônio propôs a Isabel mais uma cerveja antes de voltar para casa para o jantar: sentiria um certo desconforto de deixar que fossem os pais sozinhos a jantar com os meninos, tentando desemaranhar os mau humores e as pequenas brigas deles sem nem entender a língua. Já faziam muito, muitíssimo por todos eles, e também Janita, que tinha se visto fazendo de irmã mais velha para um bando inteiro de rapagões que aprontavam uma e pensavam cem, de vez em quando, por paciente e afetuosa que fosse, começava a dar sinais de impaciência.

Isabel aceitou de bom grado; ela também tinha outros planos para o jantar e queria dar tempo de voltar ao hotel onde tinha decidido se hospedar com Robert para se trocar: Antônio visivelmente não reparava nem um pouco nas roupas dos seus interlocutores — talvez na cabeça dele veja todo mundo nu e livre com só a brisa na pele, pensou com um risinho sonhador —, mas Robert apreciava uma mulher bem-vestida, e ela apreciava que ele apreciasse.

A conversa prosseguiu distendida; a essa altura Antônio já tinha decidido que a proposta de Isabel de cuidar dos aspectos legais e práticos da tomada em tutela da sua pequena parte de floresta era não só o único caminho efetivamente percorrível mas também o melhor que ele poderia achar. Já a tinha posto em contato com Mariana e, como graças a deus as duas tinham se dado muito bem uma com a outra, as competências delas unidas seriam eficazes, ou assim esperava Antônio.

Claro que levar a cabo a questão inteira tomaria um pouquinho de tempo e seria necessário adiar a volta à aldeia, mas Antônio precisava necessariamente estar localizável pelo menos para assinar os papéis e aprovar a atuação de Isabel e Mariana: se ele desaparecesse de novo na floresta o projeto nem poderia começar.

Ter de esperar lhe pesava um pouco; já tinha feito a ideia de que, agora que Yamandé estava completamente recuperado, em pouquíssimo tempo poderiam programar a partida, e a urgência de rever Janaína e Ybyráatã, de rever o verde perfumado e sonoro da aldeia, de voltar vitoriosos à tribo tendo cumprido a sua missão tinha ficado forte; por certos aspectos ele realmente mal podia esperar para partir.

Mas para consolá-lo, e era um consolo tão válido que só de pensar nisso os olhos dele se iluminavam, havia o fato de que ficar mais um pouco em Macapá queria dizer poder ver a Copa do Mundo e, bom, não dá para dizer que fosse uma coisa qualquer. Só de pensar nisso, porém, lhe deu vontade de rir: a mãe, a irmã e o pai sentados com ele na sala junto com sete índios educadamente dispostos em círculo diante da televisão, janelas abertas e bandeiras prontas, de cueca, amendoim e cerveja para todos, torcendo.

3.33 Gritos

Os gritos e as risadas que ressoam de um lado a outro do ônibus. Os mil barulhos da rua parecem ter sumido, cobertos pelo barulho da juventude e da despreocupação. E na cabeça eles já sabem que os gritos mais radiantes e exaltados serão os que vão sair das suas gargantas daqui a um mês. Ainda não estão tão alto a ponto de sobressair sobre o mundo, mas estão perto. Só os mais fortes e corajosos chegam tão alto a ponto de poder espraiar o olhar pela infinita imensidão das arquibancadas e entender que você chegou ao topo, que mais alto que isso não dá para ir. Ainda nunca sentiram essa sensação, mas ouviram contarem dela tantas vezes. E hoje são eles os homens fortes e corajosos que terão de realizar a façanha. Logo serão eles a furar as redes brancas que os cercam e serão eles a contar às crianças o que se sente ao subir ao teto do mundo.

O som das risadas e dos gritos de autoencorajamento cobre tudo: o som da música que sai dos fones de quem só queria relaxar, o som de quem conversa com o vizinho, indiferente à tarefa que os espera. E o som de um algo metálico que se dobra sob o empurrão poderoso do veículo e depois se parte.

Depois há um instante de silêncio e depois os sons são feios, viram ruídos. Ruídos que não deveriam existir: ruídos de outras partes metálicas que se partem, ruídos de medo, ruídos de um estrondo terrível. E depois os gritos de dor e de desespero.

Capítulo 4

4.1 Dito isso

O ônibus tinha capotado sobre si mesmo e jazia de rodas para o ar na beira da pista, com uma lateral rasgada como se alguém a tivesse riscado usando uma motosserra em vez de uma chave.

Os primeiros motoristas que chegaram ao local e desceram do carro para ajudar notaram as cores do Brasil pintadas na lateral. Alguém depois notou que o ônibus parecia novo em folha e que o desenho era diferente do dos tantos ônibus que faziam publicidade da iminente Copa do Mundo, e mais alguém leu a inscrição “Preparem-se! O sexto está chegando”, que tinha sido escolhida como frase oficial da seleção, suscitando tantas polêmicas entre todos os que lembravam do desastre de 1950.

— Será que escreveram isso em todos os ônibus?

— Não sei, não sei; eu tinha dito que dava azar.

À medida que a dúvida crescia, as operações de primeiro socorro ficavam mais aceleradas.

Três homens robustos puseram-se com afinco a desencaixar a porta para abrir caminho lá dentro, e quando o primeiro conseguiu entrar e pousou o olhar naquele rosto que tinha visto tantas vezes na televisão e depois em outro e em mais outro, veio a confirmação, e os gritos desesperados dos socorristas superaram em intensidade os dos feridos que pediam ajuda.

Não morreu ninguém. Dito isso, era uma tragédia absoluta: a bordo do ônibus viajava a seleção brasileira inteira, que deveria estrear na Copa duas semanas depois, e quase todos os atletas pareciam ter cortado ou quebrado alguma coisa. Já desde as primeiras reportagens de televisão e dos primeiros artigos dos jornais on-line, já desde as primeiras discussões na rua, nos bares, nos locais de trabalho, todos pareciam pensar do mesmo jeito: esgotado no início da conversa o dever de se sentir aliviado pela ausência de desdobramentos ainda mais trágicos, passava-se a examinar as graves consequências que um golpe tão duro podia ter sobre a seleção brasileira. Tanto que a expressão virou rapidamente um bordão: “Não morreu ninguém. Dito isso…”

4.2 Like

Como todos os seus conterrâneos, também Yaia tinha sido arrasada pelo turbilhão de incredulidade e desespero depois da Notícia (tinha virado logo a Notícia, não havia necessidade nenhuma de especificar qual). Uma mensagenzinha de Dani no WhatsApp, cheia de carinhas chorando e pontos de exclamação, a tinha feito ligar a TV, e por duas horas ela olhou todos os telejornais, todas as reportagens da rodovia, do hospital, as reações do exterior, a mensagem de encorajamento da Presidente, tudo pontuado pelo incessante bipe que sinalizava o recebimento de novas mensagens dos seus amigos via WhatsApp, Facebook, Twitter e qualquer outro aplicativo que tivesse instalado no telefone. Falava-se disso até no chat do Ruzzle, e tinha voltado à vida até uma velha discussão no Orkut.

Depois, de repente, tinha desligado a TV, o computador e o celular, em busca de paz. Queria dormir, mas a paz não chegava, perturbada pelo alvoroço vindo da cozinha, onde os pais e o irmão estavam brigando por causa de alguma lei sobre segurança no trânsito que ela não tinha captado e que naquele momento não lhe interessava.

Com a cabeça apoiada no seu adorado travesseiro recheado de espelta, tinha vagado com o olhar na penumbra pelas imagens penduradas na parede que sinalizavam a evolução em curso no seu quartinho de menina de dezesseis anos. O único pôster da velha guarda que ainda resistia, mais por razões de afeto histórico do que outra coisa, era o de Justin Bieber que Fábio lhe dera de presente três anos antes. Os outros tinham sido substituídos por fotos e recortes que mostravam uma Yaia mais madura e consciente das problemáticas do mundo que a cercava. Um cartaz do Greenpeace, o ingresso emoldurado de um show dos Titãs, as fotos de Camila Vallejo e de Kennedy. O lado esportivo estava coberto por recortes de revistas com os três jogadores mais gatos da seleção que, com a bola na mão e pouca coisa vestida, punham em destaque os seus dotes extrafutebolísticos e, ao lado, uma foto de Moacir, aquele jovem índio que também não era nada mau (nada mesmo, nadinha mau) e que, pelo que ela tinha visto na TV, se saía muito bem em campo também.

O olhar dela voltou brevemente para JFK, que a convidava a se perguntar o que ela poderia fazer pela sua nação. E depois de novo para os três gatões da Seleção e para Moacir, Seleção e Moacir, com aquela sensação de uma ideia que se forma não na cabeça mas no peito e depois, finalmente, sobe e se manifesta em toda a sua clareza.

Religou o Mac, tamborilando na escrivaninha com a unha esmaltada de verde numa espera frenética, e assim que foi possível conectou-se ao Facebook. Uma breve busca lhe revelou vários grupos de condolências pelo acidente, entre os quais “Vamos orar pela Seleção e pelo Brasil inteiro” já tinha mais de vinte mil inscritos. E já tinham sido criadas inúmeras páginas em apoio à convocação deste ou daquele jogador, repletas de discussões em que pessoas razoáveis expunham o próprio ponto de vista com a habitual serenidade: “O Oreste é fortíssimo, era uma injustiça não terem convocado ele antes, foi o destino que preservou ele para esta ocasião.” “Se convocarem ele eu espero que o ônibus sofra um novo acidente.” “Dá para ver que você nunca viu uma partida de futebol na vida ;-)” “Dá para ver que você é cego :-D” e por aí vai.

Yaia ajeitou a franja cor de tangerina e constatou contente que ninguém ainda tinha tido a sua ideia. Clicou em Criar Página, escreveu “Vamos mandar o Asu Ka’a para a Copa”, escolheu como capa uma bela foto de um dos meninos numa espetacular bicicleta, apertou Enter e olhou satisfeita para a sua obra. Enquanto refletia sobre o passo seguinte, viu que na página já tinham aparecido os dois primeiros “Likes”: o de Fábio (e imagina só! Que ele tivesse levado bons vinte segundos era quase suspeito: será que a paixãozinha estava passando?) e o da prima Patricia.

Depois vieram os outros Likes dos amigos de sempre com quem ela mais interagia, incluído o da avó, que Yaia retribuiu com um coraçãozinho perguntando-se o que ela ainda fazia acordada àquela hora (mas talvez seja a vovó que se pergunte o mesmo de mim, LOL). Trinta e nove Likes no espaço de meia hora, à uma da madrugada: era decididamente o seu maior sucesso desde que estava no Facebook. Hesitou um pouco sobre o botão "indicar esta página a todos os seus amigos", ao qual em geral era contraríssima, mas desta vez era por uma boa causa. Clicou em Enviar e no espaço de um quarto de hora tinha chegado a sessenta e sete Likes. As duas primeiras aprovações vindas de desconhecidos amigos de amigos, uma tal de Fernanda Greenpeace e um tal de Victor Menezes, lhe deram muita satisfação, e com a satisfação chegou finalmente também a calma. Desligou de novo o computador e assim que pousou a cabeça no travesseiro sentiu que já estava para adormecer, mas ainda teve tempo para um último pensamento: já pensou que barato se amanhã de manhã eu acordo e tem cem Likes.

Ao acordar, os Likes eram quase mil e já tinham aparecido algumas discussões sobre quais dos seis índios seriam os mais indicados para ir reforçar a Seleção e em que posição. Yaia estava eletrizada e decidiu pular o café da manhã para cuidar melhor da página. Achou uma foto de cada um dos seis (Antônio ela descartou sem nem um pensamento. Se tivesse pensado, de todo modo, o pensamento teria sido "velho demais e além do mais nem é um índio de verdade") e criou seis posts dedicados, enriquecendo-os com as poucas informações que conseguiu achar naqueles vinte minutos. Depois saiu de casa e correu para a escola.

No Colégio Sagrado Coração de Maria, em Brasília, vigorava a estrita proibição de usar o celular na sala de aula. Yaia em dois anos nunca a tinha infringido, mas naquela manhã resistir à tentação foi muito mais duro do que de costume. No primeiro intervalo correu ao banheiro com as amigas de confiança e ligou o celular, mas foi recebida por um resultado decepcionante: mil e doze Likes. Dani soltou um grito incrédulo e o mesmo fez Leticia, que porém notou a expressão decepcionada de Yaia:

— Mil Likes? Mas que barato, é inacreditável! O que é essa cara aí?

— Não, é que a gente já estava em mil hoje de manhã quando eu saí de casa; eu esperava que a coisa pegasse mais rápido. Talvez tenha acabado o impulso. Tudo bem, que pena.

— Mas você é louca? Mas você conhece alguém com mil Likes numa página que não seja Amo o Justin Bieber ou LeoDiCaprio Casa Comigo? Você devia se achar daqui até a semana que vem, isso sim! — tentou ainda apoiá-la Leticia, imediatamente fulminada pelo olhar das outras duas: como ousava Leticia esquecer a afronta sofrida por obra da arqui-inimiga delas, Maria Eduarda, que detinha o recorde escolar com mais de três mil Likes numa página puxa-saquíssima de descrição da escola.

— Ah, é. Eu sempre esqueço. Tudo bem, mas a página da Eduarda todo mundo sabe que tinha os Likes comprados pelo pai.

— Seja como for — cortou Dani, mais pragmática —, você não pode se dar por vencida. Você já pôs o link no Twitter? WhatsApp? Não, né? Vamos, bora fazer essa página girar, que eu quero ver uma careta diferente na cara da Eduarda.

De: fernanda.silva @ greenpeace.br — Horário: 10h39 Para: [amigas greenpeace + Amigos da Terra] Assunto: Boa ideia

Ei, meninas,

ontem à noite eu vagava semidesesperada no Facebook quando esbarrei nesta página: “Vamos mandar o Asu Ka’a para a Copa”. É uma boa ideia, não é? O que vocês acham, vamos tentar divulgar e ver aonde a gente chega?

Beijos F

Por volta do meio-dia, acordado havia não mais de vinte minutos, Victor Menezes estava tomando café da manhã diante do computador, em busca de um mote para uma matéria a enviar ao “Jornal de Taguatinga”, o site de notícias locais com o qual colaborava. Obviamente queria falar da Notícia, mas estava tentando lhe dar um ângulo diferente do dos milhares de outras matérias que não falavam de outra coisa, quando lhe veio à cabeça aquela página do Facebook que ele tinha marcado com um Like na noite anterior. Encontrou-a de novo, deu uma olhada no perfil da menina que a tinha criado, pensou: pode ser, e no espaço de dez minutos enviou a sua matéria.

À uma e cinco, assim que tocou o sinal, Dani ligou o celular e procurou logo a página criada por Yaia. À primeira vista fez uma careta de decepção, mas depois entendeu que tinha lido errado e que no número de inscritos havia um algarismo a mais em relação à manhã. Sem nem mostrar a tela para as amigas, correu até a sala ao lado, bem a tempo de cruzar com Maria Eduarda e jogar na cara dela a dura realidade:

— A página da Yaia tem onze mil inscritos e nem um pago pelo papai!

Às três e meia Jaci, do seu quartinho no centro de Manaus, esbarrou na página de Yaia, que tinha dezesseis mil inscritos. Jaci tinha treze anos. Até dois meses antes o seu nome, que os pais lhe tinham dito ser um antigo nome indígena, nunca tinha lhe agradado muito. Mas desde que tinha saído a notícia daqueles índios que jogavam bola muito bem e um deles até se chamava como ele, tinha ficado orgulhosíssimo e tinha inventado também uma série de abstrusas histórias de laços de sangue com antigos guerreiros da floresta. Tinha gravado todas as partidas deles transmitidas pela TV e agora preparou uma montagem com os lances mais espetaculares. Subiu-a na página de Yaia, com o comentário: “Com craques assim, a taça é nossa.”

Às sete da noite Yaia não conseguia despregar o olhar do computador. A página que tinha criado menos de vinte e quatro horas antes tinha mais de trinta mil inscritos, graças também ao belíssimo vídeo subido por Jaci00, um garoto esperto com quem ela tinha acabado de conversar no chat poucos minutos antes.

No dia seguinte Dani e Leticia foram buscá-la à tarde, depois passaram ali perto para pegar a prima Patricia e foram comemorar. Yaia se sentia eufórica, mas também um pouco ridícula, porque não conseguia reprimir a sensação de ser uma pessoa famosa incógnita. Ah, se vocês soubessem quem eu sou…

Enquanto as meninas dançavam, nas redações do mundo inteiro milhares de jornalistas esportivos estavam tentando repetir a façanha matinal de Victor Menezes: conseguir achar um ângulo inédito para falar da clamorosa notícia do acidente com o ônibus da seleção brasileira. Elmar Stod, um jovem redator da CNN namorado de uma estudante de antropologia da Emory University de Atlanta, Geórgia, relembrou algumas conversas tidas nas semanas anteriores com Jill a respeito daquela tribo amazônica recentemente vinda à tona. Procurou alguma informação on-line e esbarrou primeiro no vídeo de Jaci00 e depois na página de Yaia. Daqui sai uma boa matériazinha, pensou satisfeito.

Yaia voltou para casa às duas da madrugada e por superstição decidiu não checar o celular nem religar o computador e foi direto dormir. Vamos ver amanhã, foi o seu último pensamento.

Ao acordar, ainda enrolou bastante. Faltava um professor, então a entrada na escola estava adiada em duas horas: tomou um longo banho e depois um farto café da manhã com leite, pão de kamut e geleia de limão. Estava decidindo ir ligar o computador quando ouviu uma saraivada de batidas na porta. Abriu, só para ser atropelada por Patricia, que com a pressa nem tinha feito chapinha no cabelo:

— Mas você não me diz nada? Mas você se dá conta?

— Não te digo nada o quê? A página?

— Sim! Você ainda não checou, hoje de manhã?

— Não… — respondeu Yaia, já fremindo de empolgação.

Correram para o quarto e esperaram que o Mac ligasse, com Yaia rindo baixinho ao ver a agitação da prima. Abriu o Facebook e de repente parou de rir.

Dois milhões quatrocentos mil setecentos e dezoito Likes. A página tinha sido citada numa notícia da CNN.com, e dali retomada em cascata por todos os principais jornais do mundo, à medida que a linha da aurora se deslocava sobre a terra acordando os seus habitantes.

O instinto imediato de Yaia foi checar quantos Likes tinha a página da Presidente: 450.000. Ha! E pensar que até ontem eu disputava com a Maria Eduarda. Depois checou a do Presidente anterior: 765.000. A dela tinha até mais Likes que a página da própria Seleção.

Terminada a rodada de comparações, sentiu-se esvaziada, sem saber o que mais fazer. Podia passar o tempo se deixando hipnotizar pelo contador de Likes, que subia a cem por segundo, mas depois se virou para Patricia, que enquanto isso tinha começado a choramingar, e a abraçou:

— E agora?

Poucos minutos depois, a mãe entrou no quarto esbaforida, estendendo-lhe o telefone:

— É um redator da Rede Globo. Querem falar com você.

4.3 Convocação

Do celular apoiado na mesinha ao lado da cama partiu o hino nacional que o Professor, com um sarcasmo que quem o conhecesse pouco poderia confundir com servilismo, tinha atribuído a um único número em particular.

— Ójesusredentor. E o que é que esta quer de novo? O que é que eu poderei dizer para ela de diferente em relação a ontem à noite?

— Talvez ela só queira saber como o senhor está — propôs a enfermeira que tinha acabado de reajeitá-lo na cama.

— Bem-vinda ao planeta Terra, jovem extraterrestre — apostrofou-a o Professor. — Na galáxia de vocês existem políticos desinteressados?

Ergueu-se a custo, fazendo força com o braço não quebrado e tentando despertar o mínimo possível a dor nas costelas, abaixou o volume da TV, que o estava mostrando no ato de informar a nação daquilo que tinha dito na noite anterior e que repetiria agora, e atendeu:

— Presidente! Que prazer ouvi-la hoje também!

Depois de uma longa e inútil troca de amabilidades, o Professor a atualizou sobre o estado da situação, que aliás era o mesmo do dia anterior e do de antes ainda. Vista a excepcionalidade do evento, a FIFA, com o acordo unânime de todos os outros países participantes, tinha decidido conceder ao Brasil a máxima flexibilidade para a definição da lista dos convocados, que agora devia ser fixada até onze de junho, o dia anterior ao início da Copa.

Dos vinte e três jogadores envolvidos no acidente, três tinham saído quase ilesos, salvo alguma pancada ou corte de pouca monta. Outros cinco, incluído Foguete, tinham lesões mais sérias, que lhes impediriam a participação nas primeiras partidas, mas talvez — talvez — fossem recuperáveis para a fase final do torneio. Os outros quinze estavam inservíveis; entre pernas, braços, cabeças e costelas quebrados, tinham todos prognósticos que iam de dois a seis meses.

— É uma tragédia, mas dito isso ainda me parece um milagre que estejam todos vivos — disse quase sussurrando a Presidente.

O Professor assentiu com um arrepio e prosseguiu o relato:

— Eu já elaborei, de acordo com os meus colaboradores, a lista dos jogadores a convocar e estamos entrando em contato com eles neste momento. Obviamente estão todos consternados pela sorte que coube aos companheiros… — sim, claro, consternadíssimos, pensou o Professor, imagina — mas estão ao mesmo tempo honrados de terem sido chamados para manter erguida a nossa bandeira neste momento de grande dificuldade. São todos jogadores de tal nível que eu não tenho dúvida de que, com a ajuda de deus e da torcida brasileira, o troféu vai ser nosso do mesmo jeito.

O Professor pôs o cérebro em pausa, pronto a deixar sumir a inútil ladainha de votos e encorajamentos finais, o país conta com vocês e blá e blá e blá, e em vez disso foi surpreendido pela tossidinha da Presidente, que pigarreou e disse:

— Ahn. Pois é, a esse respeito…

— Mas são todos idiotas? São todos COMPLETAMENTE IDIOTAS? Você, aí, como é, como é que você se chama?! — o Professor apostrofou a enfermeira que, num canto, deslocava atônita o olhar do amassado na parede para os restos do celular espalhados por meio quarto.

— Natália, senhor.

— Natália, me diz uma coisa: depois do nosso acidente, enquanto eu estava desmaiado, por acaso a nação inteira bateu a cabeça na mesa e agora estamos cercados de duzentos milhões de imbecis?

— Não… não acho, senhor.

— Não, porque eu não consigo explicar de nenhum outro jeito, virgemsantíssimadedeus.

Fez o gesto de pegar o celular na mesinha e com desagrado lembrou-se de tê-lo acabado de arremessar contra a parede.

— Rosita, você me emprestaria um momento o seu telefone?

— Eu não trago comigo enquanto trabalho, senhor — mentiu Natália, com os olhos fixos nos restos do iPhone (quem sabe se o Chico consegue juntar de novo e fazer funcionar, pensou).

— Não tem importância, até porque eu não sei mais nem um número de cor, maldita tecnologia! Escuta, me faz um favor: vai até um dos jogadores que estão internados aqui e diz para ele que o Professor mandou telefonar para o Thiago e fazer ele vir aqui o quanto antes.

— Está bem, senhor.

— E manda ele dizer para me trazerem um telefone novo também! — gritou atrás dela o Professor, que depois voltou a falar sozinho, enquanto Natália saía apressada do quarto.

— Facebook. Twitter. A rede. Mas por… Mas que porra é essa? Ahhmmm, mas eu quebro tudo, quebro. Deus, deixa eu pôr as mãos naquele cretino que teve essa ideia!

4.4 Thiago

Thiago ajudou o Professor a vestir o terno elegante que tinha acabado de lhe entregar.

— Mas você se dá conta? Faltam pouquíssimos dias para o início do torneio, a gente tem que recomeçar praticamente do zero e esses dementes me obrigam a perder tempo atrás dessa… dessa… uma petição pelos índios na Copa! Você se dá conta, deussantíssimo? Ai, presta um pouco de atenção!

O Professor era um rio transbordando; Thiago se limitava a ajudá-lo a se vestir e a assentir, qualquer coisa que ele dissesse.

— Estes aqui fazem uma petição no Facebook e eu tenho que ficar ouvindo, como se fosse uma coisa séria. Mas o mundo enlouqueceu completamente, digo eu! Ai!

Thiago assentiu e deu o nó na gravata dele como pôde, considerando que o Professor não ficava parado um instante.

— E que petição! Um grupo de moleques que nem falam português e que nunca jogaram uma partida de verdade na vida. Mas por que não fazer diretamente uma petição para dar a FIFA de presente aos italianos ou aos alemães, digo eu. Ai. Olha, eu teria levado mais a sério uma petição que pedisse para convocar Ronaldo, Zico e Pelé. Mas talvez seja melhor eu ficar calado, melhor não dar mais ideias para eles.

A hipótese “calado” não teria desagradado a Thiago, que porém não alimentou muitas ilusões. E de fato.

— Tudo bem, Thiago, obrigado. Escuta, aos estúdios da TV eu vou de táxi, não precisa me acompanhar, preciso de você em outra frente: gruda no telefone, na internet, em qualquer coisa e me acha uma brecha na lei que me impeça de convocar eles; nunca se sabe, vai que esses incapazes estão falando sério.

O Professor assinou com o seu braço fraco os documentos de alta antecipada, cumprimentou calorosamente a equipe médica que tinha cuidado dele e pediu que lhe chamassem um táxi.

Thiago estava ao telefone e já estava falando com alguém. Bom rapaz, pensou o Professor, e finalmente se permitiu um sorriso.

4.5 Ao vivo

Mil quilômetros dali a mãe de Yaia escancarou a porta do quarto dela:

— Chegou o carro da Rede Globo. Você está pronta?

— Já vou. — Yaia se deu uma última conferida no espelho, um retoque derradeiro com o batom, depois se virou para Patricia, Dani e Leticia e recebeu a aprovação delas e três beijos de encorajamento. Deu ainda uma olhada no celular, parado na sua página do Facebook. Quatorze milhões de likes. Página oficial da Copa 2014 amplamente superada. Como coisa derradeira, deu uma olhada no pôster de Justin Bieber: está sentindo o bafo na nuca, meu caro? Piscou para ele e saiu.

O trânsito ao longo da W3 Norte estava ainda mais emaranhado que o de costume e Yaia chegou aos estúdios da Rede Globo atrasada em relação ao cronograma. Foi acomodada às pressas no camarim de maquiagem, onde uma maquiadora tão cordial quanto profissional a fez sentar numa poltroninha e, no tempo de lhe dizer: "Ai, minha filha, mas que maquiagem maravilhosa, dá para ver que é a sua primeira vez na TV e você fez questão, né? Você está perfeita assim, só um retoquezinho e depois do programa a gente bate um papo e você me explica exatamente o que usou", já a tinha desmaquiado, remaquiado e repenteado de maneira completamente diferente.

Assim que terminou, Yaia foi empurrada pela assistente de produção para dentro do estúdio, microfonada e acomodada numa das duas poltroninhas. Cumprimentou distraidamente a senhora de tailleur já sentada na outra poltrona e pôs-se a olhar em volta com a curiosidade de uma criança: as câmeras, os vários operadores que se aglomeravam ao redor delas, as três telas gigantes, uma ligada ao estúdio central e as outras duas a estúdios menores parecidos com aquele em que ela estava.

Pena que o público esteja só no estúdio central, pensou; mas talvez seja melhor assim, pelo menos eu não fico nervosa. O que aliás é estranho, porque ter medo de ficar nervosa por cem pessoas num estúdio, quando você sabe que tem milhões de pessoas te olhando pela TV? E foi só naquele momento que lhe veio à cabeça que os milhões de pessoas atentas diante da TV existiam de verdade e impressionavam muito mais do que os milhões de pessoas que tinham posto um like distraído na sua página do Facebook. Meudeus! Milhões de pessoas! Tomara que eu não pague um mico tremendo, tenho certeza de que a Maria Eduarda está lá só esperando por isso.

— Está nervosa, querida? — perguntou-lhe com gentileza a senhora. — Não fique. Você é jovem e vocês jovens são todos bonitos, saem sempre muito bem na televisão. E você me parece uma jovem inteligente, além de bonita. Vai dar tudo certo.

— Ãh? Ah, obrigada — respondeu Yaia com um sorriso. Para retribuir a gentileza, decidiu acompanhar aquela tentativa de puxar conversa e estava para perguntar à senhora se ela, ao contrário, já tinha estado outras vezes na televisão, quando finalmente a reconheceu. — Ójesus! Me desculpe, eu não tinha reconhecido a senhora de jeito nenhum. Ao vivo a senhora parece muito mais jovem — acrescentou, perguntando-se logo em seguida por que tinha dito uma frase daquelas.

— Então eu vou ter de mandar demitir alguém — retrucou, piscando para ela, a Presidente.

— Bonita, a sua página do Facebook — disse então Yaia, perguntando-se o tempo todo: mas o que é que eu estou dizendo? Meudeus, perdi o controle do cérebro.

— Dito por uma superespecialista como você, é um elogio enorme.

Antes que Yaia pudesse continuar com o seu delírio, o assistente de direção fez uma série de sinais, todos se moveram com consumada destreza, as luzes mudaram de intensidade e o programa começou.

— Senhoras e senhores, boa noite e bem-vindos a esta edição especial do "Bom Dia Copa do Mundo" — declamou o apresentador do estúdio central do Rio de Janeiro, já saboreando de antemão o recorde de audiência que o programa faria. — No estúdio conosco temos Gerson Louis Ribeira Cardoso, presidente da Confederação Brasileira de Futebol, e o professor Everaldo Conrado de Mello Dias, antropólogo da Universidade do Rio de Janeiro.

[Aplausos]

— Ao vivo de São Paulo temos o professor Alexandre Sergio Gonçalves, técnico da Seleção, a quem gostaríamos de dar já uma grande salva de palmas por estar conosco apesar da grave lesão de três dias atrás.

[Aplausos estrondosos]

— Ao vivo de Macapá temos o senhor Antônio Carlos Rocha de Almeida e os seus meninos do time do Asu Ka'a Futebol. Estamos tentando também estabelecer contato com o presidente da FIFA, Hans Mallor, que porém está viajando para o Rio de Janeiro justamente neste momento: vamos ver se conseguimos alcançá-lo. Ao vivo de Brasília temos enfim a jovem e empreendedora Yaia Anita Guermães Pereira e, para fechar com chave de ouro, nada menos que a Presidente do Brasil, Silvina Mello. Bem-vindos a todos e obrigado por estarem conosco.

[Aplausos]

— Antes de entrar no assunto, uma calorosa saudação aos azarados heróis da Seleção: esperamos vocês mais inteiros e mais fortes que antes!

Os aplausos foram estrondosos e comovidos. Depois de mais uma série de intermináveis preâmbulos, o apresentador finalmente foi ao ponto.

— Mas vamos partir logo do motivo pelo qual estamos aqui. Yaia, você quer falar da sua ideia e do sucesso que ela fez? Lembramos aos gentis espectadores que neste momento a página do Facebook "Vamos mandar o Asu Ka'a para a Copa" tem mais de 19 milhões de inscritos, em constante e rapidíssimo crescimento.

Uma vez que Yaia terminou, sem se atrapalhar nem uma vez, o seu relato (no qual houve espaço para uma breve ponta também de Maria Eduarda), a palavra foi passada ao Professor para um comentário.

— A tragédia que se abateu sobre nós é, justamente, uma tragédia. E como responsável pelo time e em nome de todos os jogadores eu gostaria antes de mais nada de agradecer a todo o Brasil pelo carinho e pelo apoio que vocês nos deram nestes dias — disse Gonçalves olhando direto para a câmera. — Precisamos da ajuda de todos, e iniciativas como esta são o exemplo do quanto todos vocês estão dispostos a se empenhar. Mas se o acidente é uma tragédia humana, eu quero tranquilizar os meus conterrâneos: não é uma tragédia esportiva.

[Burburinho]

— Claro, não vamos poder escalar muitos dos nossos homens de ponta e eu lamento por eles, por nós e pelo mundo inteiro, que não vai poder desfrutar das proezas deles. Mas nós não somos um país que em 2014 teve por acaso a sorte de ter alguns craques no time. Nós somos o Brasil. Nós somos, todos, os craques do futebol mundial. Até o nosso terceiro time seria favorito para a vitória final, e portanto imaginem quanta confiança eu tenho no fato de que os novos convocados vão nos permitir erguer a taça pela sexta vez.

— E por que eles não foram convocados antes, alguém poderia perguntar? — perguntou o apresentador, fazendo as vezes desse alguém.

— Porque, como muitos sabem, no máximo se podem convocar vinte e três jogadores. O Brasil no futebol é como a Áustria no esqui alpino ou a China no pingue-pongue: não tem lugar suficiente para todos, somos fortes demais — fechou com um sorrisinho o Professor.

[Mornos aplausos]

— Mas por que não dar uma chance também a algum desses meninos? — insistiu o apresentador, enquanto as câmeras enquadravam o grupinho de índios, com Antônio sentado atrás deles servindo de tradutor simultâneo. A maioria dos meninos tinha toda a cara de estar se entediando bastante, mas o primeiro plano de Yamandé e Moacir suscitou algo bem diferente de tédio em Yaia e em centenas de milhares de corações em todo o Brasil. O diretor demorou-se o máximo possível sobre eles, mas quando viu que Yamandé estava para bocejar mandou em sobreposição uma montagem de alguns lances dos encontros anteriores deles, que o apresentador sublinhou dirigindo-se a Gonçalves:

— Me parece que eles se saem muito bem, no fim das contas, não?

— Mas claro que eles se saem bem. São brasileiros também, não são? Deve ser alguma coisa no nosso ar.

[Risadas]

— Brincadeiras à parte, se continuarem a se aplicar, não é impossível imaginar um futuro promissor para eles.

O Professor tinha optado por deixar de lado o porrete e usar o máximo possível só a cenoura:

— Mas é, justamente, um futuro possível, e certamente não o presente. Não só estes meninos não têm nenhuma experiência internacional como, pelo que vemos por estas imagens, nunca jogaram futebol de onze na vida.

Essa frase, assim que foi traduzida por Antônio, provocou murmúrios de indignação no estúdio de Macapá.

— Nem podemos saber se eles conhecem todas as regras e… — Yamandé se levantou de um salto quando Antônio traduziu, mas ele foi ligeiro em puxá-lo de volta para o assento antes que o cinegrafista o enquadrasse.

Foi de todo modo o apresentador que interrompeu novamente o Professor:

— À tarde nós ouvimos também alguns outros pareceres: vamos ouvir o que pensam estes senhores, que talvez alguns de vocês reconheçam.

Entrou um vídeo em que alguns ex-craques do futebol entrevistados para a ocasião teciam elogios aos jovens jogadores indígenas. De uma velha glória brasileira tinha sido usado o trecho em que dizia que a bicicleta de Cauê lembrava a dele, enquanto um ex-campeão argentino se fez enquadrar clicando em Like na página de Yaia. O Professor fulminou com o olhar o apresentador.

Terminado o vídeo, o apresentador tentou dar a palavra a Antônio, mas Gonçalves se impôs para terminar o pensamento que tinha começado e, já que estava, dar um parecer sobre o vídeo.

— O futebol é inspiração e fantasia, sim, mas evoluiu muito desde que estes campeões jogavam, passaram muitíssimos anos. (Toma!) Hoje a fantasia não basta e sobretudo, mesmo que pareça estranho dizer, não se improvisa. São necessárias muitas outras coisas, entre as quais preparação e hábito de jogar juntos. Seria um problema até inserir no time alguns grandes campeões da Itália, da Alemanha, da Argentina. Imaginem inserir no time seis meninos que não sabem quase nada de futebol, não conhecem os outros jogadores e nem falam a língua deles.

[Murmúrios]

O apresentador anunciou que ia passar a linha para Macapá, mas que antes haveria um breve intervalo comercial. Isso deu tempo a Antônio e aos meninos de trocarem algumas ideias sobre o que devia ser dito.

Quando teve finalmente a ocasião de falar, Antônio transmitiu o que tinha sido combinado, tomando cuidado de deixar de lado os insultos que sobretudo Cauê e Moacir tinham destinado a Gonçalves:

— Antes de mais nada eu gostaria de dizer que concordo com o colega.

Ótimo!, pensou surpreso o Professor. Mas também: colega? Colega de onde? Mas quem ele pensa que é?

— O futebol não se improvisa — continuou Antônio repetindo as palavras do Professor —, os esquemas e a preparação são fundamentais. Mas não é nem um pouco verdade que estes meninos não conhecem o futebol. Estes meninos conhecem o futebol muito bem. Claro que nunca jogaram no Maracanã diante de duzentos mil espectadores, mas jogam desde quando eram crianças exatamente como qualquer outro jogador brasileiro, e conhecem todas as nossas histórias de futebol e odeiam o Paolo Rossi e o Zidane como qualquer brasileiro que se preze.

[Risadas]

— E claro que sabem jogar de onze. Nestes meses foram obrigados a jogar de sete, ainda por cima aguentando um velhinho como eu, porque o grupo que corajosamente deixou a aldeia para socorrer Yamandé…

[Pausa de efeito. Aplausos estrondosos. Primeiríssimo plano de Yamandé. Milhares de corações partidos em todo o Brasil]

— …tinha de ser reduzido. Mas no campo da aldeia eles sempre jogaram onze contra onze. E eu posso garantir a vocês que o rendimento deles de onze é igual, se não superior, ao que vocês puderam ver na TV nestes meses no jogo de sete. Alguns deles, individualmente, estão entre os jogadores mais fortes hoje em circulação…

[Burburinho do público]

— …e como time, bom, é difícil pensar num mais unido. Quanto às insinuações sobre a língua, em campo se fala sobretudo com os pés, e essa linguagem eles entendem muito bem.

O apresentador estava para acrescentar alguma coisa, mas Antônio levantou um pouco a voz e continuou:

— E a gente gostaria que ficasse clara uma coisa: nós não pedimos nada a ninguém. Até dois dias atrás a gente estava tranquilo e feliz vivendo a nossa vida. Se alguém quiser pedir a ajuda deles, estes meninos vão ter orgulho de oferecê-la, porque mesmo não tendo nascido no Rio de Janeiro ou em São Paulo eles são tão brasileiros quanto qualquer outro neste estúdio, e têm orgulho de sê-lo. Se se considerar que a ajuda deles não serve, não tem problema nenhum: a gente vai ver a Copa na minha sala em Macapá, vai torcer pelo Brasil e depois vai voltar para a nossa aldeia.

— Eu acho que a gente tem de manter a calma.

Foi o presidente da Confederação a tomar a palavra:

— Não há insinuações nem ingratidão, mas é preciso entender que é também uma questão de oportunidade. Os jogadores que o Professor Gonçalves convocou são todos profissionais que fizeram um caminho duríssimo desde a base, e…

Antônio o interrompeu:

— Mas o que vocês acham, acham que na Amazônia a vida corre fácil e sem problemas? Vocês frisam a palavra profissionais, mas não imaginam nem de longe o esforço e a dedicação necessários para jogar bola no coração da floresta. Não tem caminho desde a base que resista diante de vinte e dois rapazes que para jogar bola têm de cuidar do campo com as próprias mãos e preparar a bola eles mesmos!

— Mas sim, sim, eu certamente não pretendia ofender — concedeu o presidente da Confederação —, mas é também uma questão de regulamentos, que a gente certamente não pode deixar de considerar só porque nos parece bonito.

[Risadas de escárnio do público em casa]

— Estes meninos, eu não sei nem se possuem um documento propriamente dito, mas com certeza não estão registrados junto à nossa Confederação; eu duvido que a FIFA aceitasse a participação deles.

O apresentador voltou a tomar a palavra:

— Obrigado, Presidente. Interrompo o senhor um instante para saudar justamente o Presidente da FIFA, Mallor, que acabou de aterrissar e teve a cortesia de nos ligar diretamente do aeroporto.

[Tímidos aplausos]

— Presidente Mallor: antes de mais nada agradecemos à FIFA por ter concedido uma prorrogação no prazo das convocações.

— Foi realmente o mínimo que podíamos fazer.

O apresentador fez um rápido resumo das posições expressas até aquele momento, que Mallor comentou, num bom português com leves inflexões espanholas e inglesas:

— A ação da FIFA gira em torno da difusão universal e da preservação deste maravilhoso jogo. Por isso, de um lado somos sempre relutantes em modificar as regras, porque o futebol já é magnífico assim. De outro, acolhemos de braços abertos quem quer que queira entrar na nossa grande família. É política da FIFA interferir o mínimo possível nas decisões das Confederações individuais e certamente não queremos meter o bedelho na decisão sobre os jogadores a convocar. Mas eu quero tranquilizar todos os presentes e todos os espectadores sobre uma questão: as regras por cuja conservação nós lutamos denodadamente são as do jogo. As questões burocráticas são de apoio ao jogo e não devem ser um obstáculo a quem joga com fair play. Por isso eu quero tranquilizar o presidente da Confederação: fomos elásticos nas datas e o seremos, se necessário, também para outras questões regulamentares. Que o Brasil convoque os jogadores que julgar oportuno convocar. Contanto que sejam brasileiros — concluiu Mallor com uma piada.

O Professor acolheu com incredulidade essas palavras e procurou num dos monitores o olhar do presidente da Confederação, que tinha a expressão de uma criança a quem acabaram de desmontar a desculpa que tinha preparado para não fazer a lição. O programa se encaminhava para o fim e ainda não tinha falado a Presidente Silvina. Em virtude do seu papel institucional, a ela tinha sido deixada a última palavra.

— O Brasil é um grande País do qual eu tenho orgulho, cada dia que deus manda na terra, de ser a Presidente. A Amazônia é uma das nossas principais riquezas e ficamos contentes de ter a ocasião de demonstrar o quanto temos consciência disso. Não há dúvida alguma de que estes corajosos rapazes sejam nossos conterrâneos e sejam brasileiros tanto quanto eu e quanto esta empreendedora menina sentada ao meu lado. Também não há dúvida de que cada um deve fazer o seu trabalho e de que o trabalho de recompor o time depois desta incrível desgraça cabe ao presidente da Confederação, Cardoso, ao Professor Gonçalves e aos seus colaboradores. Mas também não há dúvida de que esta é uma situação de emergência, em que toda a Nação sentiu que devia dar o seu apoio. E é em nome da Nação que eu pedi a eles que levassem em consideração a ideia da jovem Yaia, ideia que a Nação apoiou tão calorosamente.

A Presidente sorriu e calou-se, dando a entender que a sua intervenção tinha terminado, ainda que ninguém mostrasse ter interpretado o sentido dela. Queria dizer que os índios deviam ser convocados? Que o Professor era livre nas suas escolhas?

Para romper o impasse, o apresentador deu início às ligações de casa.

— A propósito do pulso da nação: vamos tomá-lo mais um pouco. Enquanto isso, uma atualização sobre o site: estamos em vinte e seis milhões de likes, três milhões a mais chegados no decorrer deste programa. Mas vamos ouvir também a voz de alguém desses vinte e seis milhões. Alô?

— Alô?

Antônio arregalou os olhos por um instante e depois caiu na risada.

— Sim, boa noite. O seu nome?

— Boa noite a todos. Mãe santíssima, que emoção. Eu me chamo Teresa, e ligo de Macapá.

— Ah, uma conterrânea do senhor Almeida!

— Sim. E não só conterrânea, mas também grande fã dele e, eu ousaria dizer, amiga. Eu escutava ele sempre, sempre, no rádio já quinze anos atrás; vocês ouviram que voz bonita? Eu tenho que reiterar que na TV ele é ainda mais bonito do que ao vivo.

[Risadas no estúdio. Constrangimento de Antônio, que não traduziu a frase para os meninos]

— Fale, Teresa.

— Pois é. Eu queria dizer que eu não entendo bem todas essas discussões. Como é que se estabelece quem ganha a Copa do Mundo? Jogando, não é? Pois é, por que vocês não fazem uma boa partida, os meninos do Antônio contra o time escolhido por aquele outro senhor, e quem ganhar vai à Copa representar o Brasil? Quem não arrisca não petisca.

A ingenuidade genial de Teresa deixou todos pasmos. Os primeiros a se recuperar foram Mallor e a Presidente Silvina, que abriram a boca simultaneamente para dizer que era uma ideia belíssima. O Professor se disse imediatamente de acordo, esfregando as mãos só de pensar em liquidar aquele puta pé no saco sem passar por racista e oferecendo ainda um treino decente aos seus novos convocados.

No estudiozinho de Macapá houve um agitado conciliábulo, após o qual Antônio tomou a palavra e disse:

— Para nós está ótimo. Mas se a gente tem de estabelecer qual deve ser o time a mandar para a Copa, na nossa opinião é melhor se a gente jogar de onze.

— Mas vocês são só sete — objetou o apresentador.

— Não tem problema. A gente volta à aldeia buscar os outros.

4.6 Burocracia

Entre os milhões de espectadores empenhados em acompanhar o especial “Bom Dia Copa do Mundo” faltava Thiago, ocupado em pular de motoneta de um bar a outro na brisa da noite em busca do seu objetivo, um tal de César Azevedo, identificado pela sua rede de contatos como o homem certo para o problema deles. Sendo sexta à noite, não dava para encontrá-lo no seu posto de trabalho de alto dirigente do registro civil central de São Paulo, e ele também não atendia ao celular; portanto a Thiago tinha cabido esta operação de busca à moda antiga que no fim das contas o estava divertindo — também porque em mais de um bar o pedido de informação tinha vindo acompanhado de uma cervejinha — e quando finalmente o achou quase lamentou.

— O senhor César Azevedo?

— Sim? — respondeu-lhe César, sem desviar o olhar da televisão na qual estava vendo, junto com os outros fregueses do botequim, o especial sobre a Copa do Mundo.

Thiago se sentou à mesinha dele e se apresentou como assistente da Confederação Brasileira de Futebol. César lhe deu uma rapidíssima olhada de lado, antes de levar o olhar de volta à tela:

— Sim, eu sei quem o senhor é. Do que o senhor precisa?

E antes que Thiago pudesse começar a falar, acrescentou logo:

— É óbvio que o senhor precisa de alguma coisa que pelo visto não pode esperar, mas eu queria ver o programa, então seja rápido e vá direto ao ponto.

Thiago não estava entusiasmado com a ideia de falar daquilo assim, em público, mas a atenção do bar inteiro parecia capturada pela TV, e portanto, aproximando-se, disse a ele em voz baixa:

— Ahn, é o seguinte: nós tememos que ser obrigados a inserir aquele grupo de indígenas no time possa prejudicar o próprio time.

— Hum…

— E por isso a gente se perguntava se… é… se é legal convocar eles ou se por acaso existe alguma lei, algum regulamento que possa nos impedir de fazer isso.

César não disse nada por alguns segundos; o único sinal de que tinha escutado Thiago era, talvez, um leve balançar da cabeça.

— Vocês demoraram muito para me achar? — perguntou-lhe então.

— Um pouco, sim. Por quê?

— Vocês demoraram porque de sexta à tarde até segunda de manhã eu não gosto de falar de trabalho, não levo o celular comigo e não digo a ninguém aonde eu vou descansar. O senhor não sabe quanta gente precisa de favores, o tempo todo.

Thiago escolheu jogar a carta do sabe-com-quem-está-falando:

— Com todo o respeito, senhor Azevedo, nós não somos “gente”. Os responsáveis pela Seleção, a dez dias da Copa, não estão pedindo um favor para si. Estão pedindo uma ajuda para toda a Nação.

— Quer dizer que na prática é como se toda a gente que me pede favores o tempo todo tivesse aparecido aqui de uma vez só, com todos os parentes. Justo a minha noite de descanso ideal.

— …

— Escuta, rapaz: vocês ganham a Copa e se o seu chefe quiser um documento que ateste o status dele de imperador do Brasil eu preparo em um minuto. Mas isto aqui não é 1950. Cheque em branco a gente não assina mais. E olha só ali — disse César apontando o Professor enquadrado pela televisão —, aquilo te parece a cara do imperador do Brasil? Para mim parece a cara de um que não consegue nem dizer para a faxineira passar o pano com mais energia.

Thiago olhou para cima e pensou que o sujeito não estava de todo errado.

— Para mim parece a cara — continuou César — de um que está prestes a fazer exatamente aquilo que uma menina de dezesseis anos mandou ele fazer. Imagina se ele pode vir até mim me dizer o que eu tenho que fazer.

— Mas eu… mas nós não…

— E agora me desculpa, rapaz, mas eu queria terminar de ver o programa.

Thiago se levantou, derrotado, e saiu do bar, levando consigo a cervejinha. Sentou-se na motoneta e pôs-se a tomá-la em goles, olhando distraidamente na direção da televisão dentro do bar e refletindo sobre o que fazer. Terminada a cerveja, notou que parecia terminado também o programa. Tirou do bolso o celular com um suspiro, prevendo corretamente que dali a pouquíssimo ele tocaria.

— Professor!

— Thiago! Você achou o sujeito?

— Achei. É o seguinte…

— Para tudo! Não tem mais problema nenhum. Esses cretinos no fim não se revelaram prejudiciais, muito pelo contrário. Continuamos as convocações conforme o programado.

Não havia nada para parar, mas isso o Professor não precisava necessariamente saber, pensou Thiago. Melhor lhe deixar a impressão de ter levado a bom termo a primeira incumbência e de ter agora de resolver uma nova complicação. Subiu de novo na motoneta e partiu aliviado para dar uma volta pela maior cidade da América.

4.7 Fotorrepórter

Não tinham passado nem dois minutos do fim do programa e o celular de Moacir tocou.

Teoricamente era o celular do time, mas Moacir de fato tinha se apropriado dele. Tinha virado um entusiasmado fotógrafo e, para espanto de Antônio, era também bastante bom: os seus seguidores no Instagram cresciam dia após dia e, pelo visto, não eram só apaixonados por futebol ou por questões indígenas.

Quando se tratava de telefonar, estendia contrariado o aparelho a Antônio, que por sua vez o pegava igualmente contrariado, não estando ainda de todo acostumado a essa espécie de ubiquidade telefônica.

— Alô?

Do outro lado estava o diretor da Rede Norte.

— Antônio caríssimo. Acabei de ver o programa, os meus mais efusivos parabéns. E os meus mais efusivos parabéns também a mim mesmo pelo faro demonstrado, ah ah. Naturalmente vou ter de dar os parabéns também a George; talvez eu tenha até de lhe dar um aumento, maldição. Teria sido melhor se a gente não tivesse encontrado o senhor, ah ah!

Antônio não soube como comentar, e o outro continuou.

— Estou brincando, naturalmente; como o senhor bem sabe, nós da Rede Norte gostamos de tratar adequadamente os nossos colaboradores e os nossos parceiros.

Naturalmente, pensou Antônio.

— E a esse respeito, eu pensei que a nossa recente colaboração foi satisfatória para ambas as partes, o senhor não acha?

— Sim, sim, claro — teve de admitir Antônio.

— Pois é. Se eu entendi bem, o senhor acaba de receber uma ocasião formidável, mas tem o problema prático de concretizá-la. Os prazos para voltar à floresta buscar o resto do time e voar para São Paulo são muito apertados; o senhor já tem ideia de como fazer?

— Ahn, não, mas aconteceu tudo há poucos minutos; tenho certeza de que a gente inventa alguma coisa, suponho que a Confederação vá nos ajudar…

— Eu não contaria muito com isso, se fosse o senhor. Vendo pela TV, as caras dos representantes da Confederação não me pareciam muito amigáveis. Não, Antônio, eu proponho ao senhor colaborar com quem já mostrou ser digno da sua confiança: os seus queridos amigos da Rede Norte. Posso lhe fazer uma proposta?

— Pois não.

— A gente aluga um helicóptero. Com ele faz uma série de idas e vindas e leva o time inteiro da aldeia a Macapá. E depois paga também o voo de vocês para…

— Nem pensar — interrompeu-o Antônio.

— Não seja precipitado, eu queria primeiro lhe ilustrar a parte prática: eu garanto ao senhor que ao aspecto econômico eu chegaria, aprendi a lição.

— Não, não é isso. É que eu não quero que a localização exata da aldeia seja revelada, certamente não antes de ter discutido isso com os seus moradores.

— Entendo. — O diretor pensou rapidamente numa alternativa. — Então escute esta: de algum jeito o senhor vai querer chegar à aldeia, não vai? Então nós ajudamos vocês a organizar a volta, conforme as suas exigências, e depois cuidamos do deslocamento a São Paulo. Em troca vocês nos fornecem a exclusividade de acompanhá-los ao longo da viagem nos trechos em que nos concederem a permissão…

— Hum… posto assim, de fato…

O murmúrio de Antônio estava para se transformar num sim e o diretor aproveitou para disparar o seu último pedido.

— …e vão nos fornecer com exclusividade material de foto e vídeo da volta de vocês à aldeia.

— Desculpe, mas me parecia ter sido claríssimo sobre não querer revelar a posição da aldeia. Nós não vamos conduzir jornalista nenhum à aldeia, nem George.

— Não, não, eu não me referia a isso. O material de foto e vídeo quem vai produzir são vocês, assim vocês vão ter a garantia de que ele vai respeitar as suas exigências.

— Ah. — Antônio considerou com admiração a habilidade do diretor. Parecia ter pensado em tudo. Ou em quase tudo. — Hum, me parece uma proposta razoável, ainda que eu tenha de todo modo de falar disso com os moradores da aldeia. Infelizmente, porém, eu tenho de ser honesto: não sou grande coisa como fotógrafo e muito menos como cinegrafista.

— Ah, mas eu não quero que as filmagens sejam feitas pelo senhor. Eu estava pensando naquele Moacir. Faz um tempo que eu acompanho o Instagram dele; é bom mesmo.

4.8 Pernão

Quando Dona Gesita pousou o fone, estava com a mão toda suada. A Copa do Mundo, nada menos. Mas olha só aqueles quatro descabelados que chegaram nus que nem vermes com penas no nariz, olha só o que eles tinham conseguido montar. Esta é uma ocasião imperdível; se tudo der certo, no ano que vem eu repinto a fachada de rosa-antigo e faço a varanda com área externa. Enxugou a mão no vestido e reergueu o fone.

— Alô, Paulo? Sempre eu ligando para você, hein; nem morto você liga pelo menos para saber se eu ainda estou viva. Mas não, eu não ligo para saber como você está, erva daninha que nem você nunca morre. Não, é que eu estou com uma coisa interessante nas mãos: me diz uma coisa, você ainda tem aquela sua barcaça? Tem? Muito bem, me escuta: esta é uma coisa grande, eu te digo só que tem no meio a Rede Norte e a Seleção. Sim, a seleção de futebol, aquela mesma; se eu te digo futebol é porque é a do futebol. Fique bem claro que quem gerencia tudo sou eu, que você é tão confiável quanto uma onça, mas se você der ouvidos à sua irmãzinha e fizer as coisas direito, mês que vem você compra a lancha.

Gesita conhecia o irmão melhor que qualquer pessoa no mundo, o tinha segurado nos braços quando ele nasceu, e sabia bem que havia só três coisas no mundo que o fizessem se mexer, e depressa. A primeira era o dinheiro, a segunda as mulheres. A terceira, a arma mais poderosa de todas, aquela invencível a desembainhar em emergência, era a comovente lembrança da pobre mãe deles, que à hora da morte, acariciando-lhe a franjinha, tinha dito: “Me promete, Paulinho, que você vai obedecer sempre, sempre à sua irmã. Senão depois a sua mãe no céu chora.”

Mulheres, nas circunstâncias atuais, não estavam envolvidas; dinheiro sim, e em quantidade mais que suficiente para tornar supérfluo o recurso ao leito de morte da mãe.

Assim, quando o ônibus de Macapá depositou o pelotão do Asu Ka’a diante do atracadouro de Laranjal, encontraram Pernão atracado e pronto em posição de sentido. No barco tinha sido dada uma mão de tinta amarela e Suplício — outro cachorro, obviamente, mas por que se dar ao trabalho de procurar todas as vezes um nome novo — trazia orgulhoso uma coleira de paetês, anteriormente liga da última stripper com quem Pernão tinha tido amizade.

Quanto a Pernão, ostentava um quepe de capitão da Marinha inglesa: um toque um pouco redundante, mas quando a irmã lhe tinha falado dos valores ele se sentira logo disponibilíssimo a pôr em campo toda a redundância que se revelasse necessária. Tinha de fato pedido a Gesita um adiantamento condizente:

— Mas para que você precisa de tanto dinheiro? O barco você já tem, e o diesel custa um décimo disso.

— Eu tenho despesas a fazer. Despesas de representação. Eu tenho que comprar um chapéu.

Antônio tinha garantido a todas as pessoas envolvidas, do diretor da Rede Norte aos manda-chuvas da Confederação, que não havia problema: uma vez resolvido o problema do barco e de um guia que conhecesse à perfeição o rio, estava tudo absolutamente sob controle; será que os senhores não são capazes de achar o caminho da própria casa? Mas na verdade ele estava tudo menos convencido disso.

Pernão lhe tinha pregado uma peça feia catorze anos antes, mas quanto a conhecimento do rio Antônio tinha certeza de que ele era imbatível. A habilidade com que, nas proximidades do desvio para

evitar a cachoeira, tinha despistado um par de barcos que tinham tentado segui-los, presumivelmente de jornalistas, tinha reforçado ainda mais essa convicção. Mas onde desembarcar? Antônio lembrava perfeitamente que pouco depois de terem posto a balsa na água tinham ultrapassado uma bizarra confluência de três cursos d'água que ele estava bastante seguro de saber reconhecer. Mas dali a reencontrar o ponto preciso em que tinham brotado da floresta — em três meses a vegetação já devia ter apagado os rastros da passagem deles — e conseguir refazer de volta o caminho até a aldeia, bom, aquilo estava ainda no reino da absoluta incerteza.

A gente pensa nisso quando estiver lá, disse a si mesmo, perguntando-se não sem uma ponta de ansiedade se Janaína nesse meio-tempo o teria dado por perdido e teria pendurado a rede ao lado da de outro. Foi interrompido nos seus pensamentos por Pernão, que o avisava de que o aperitivo estava servido: se as coisas se fazem, se fazem direito, é isso. Este não é um barco de pobretões, um barco lindíssimo, a melhor escolha para quem quisesse visitar a Cachoeira do Santo Antônio e subir o curso do Rio Jari. Porque para subir o Jari é preciso não só um barco lindíssimo mas também um homem que saiba pilotá-lo, concluiu Pernão olhando direto para o telefone que Moacir segurava na mão. Está ligado, está? Você está filmando? Antônio, pergunta para ele se está filmando. E não é pelo dinheiro, imagina, aquilo está bom, como não, mas o que conta é dar o seu lindíssimo contributo ao Time, dar o seu contributo ao País. Até o Suplício percebe, olha como ele está sentado elegante, só falta ser ele a servir a caipirinha do aperitivo.

De vários pontos de vista teria sido mais lógico que à floresta, para buscar os jogadores que faltavam ao time, tivessem voltado umas duas pessoas, quem sabe Antônio e um ou dois dos meninos. Mas ninguém tinha querido perder a ocasião de rever os seus, de lhes dar notícias em primeira mão, de contar em primeira pessoa todas as coisas vistas, experimentadas, descobertas, de descrever as maravilhas do mundo para além da floresta (quem sabe passando um pouco mais em silêncio as coisas inquietantes, incompreensíveis, assustadoras). Ninguém a não ser Piraí, entenda-se. O qual tinha resmungado alguma coisa sobre querer ficar mais alguns dias para voltar à cozinha com Dona Marcela e aprender finalmente a fazer os beijinhos como se deve. Os prazos eram tão apertados e as coisas a fazer tantas que Antônio não tinha tido vontade de se pôr a discutir: limitou-se a lhe perguntar se ele tinha mesmo certeza de que queria ficar e, à sua resposta afirmativa, pediu aos seus familiares que lhe fizessem ainda este último favor de ficar de olho no rapaz e acompanhá-lo ao aeroporto quando fosse a hora de partir para São Paulo.

Os outros jovens estavam tão empolgados e impacientes que teriam carregado o barco nos ombros se isso servisse para chegar antes. Abriam e fechavam de novo as sacolas com os presentes para parentes e amigos, espalhavam, admiravam e guardavam de volta continuamente camisetas e bonés, colares e pingentes, sacolas de plástico e tigelas, guarda-chuvas dobráveis e garfos, espelhos, facas e latas de Coca-Cola.

Yamandé levava também uma bolsa com um kit especial preparado sob medida por Janita: desinfetantes de todo tipo, ataduras e curativos, colírios e pomadas antibacterianas (ela tinha ficado indecisa até o último momento sobre enfiar uma caixa de camisinhas, nunca se sabe, mas o constrangimento de ter de explicar o uso a Yamandé a tinha feito desistir).

Moacir tinha tido de renunciar com pesar a levar a bicicleta (primeiro desmata floresta suficiente para poder virar o guidão e depois a gente vê, a gente vê depois quando voltar da próxima vez), enquanto Cauê fervia de vontade de contar aos amigos sobre a coleção de moças que tinha encontrado durante a turnê e com as quais, com muito senso prático, não podendo puxar conversa tinha passado aos fatos, descobrindo que também moças velhotas, acima dos dezessete anos, podiam dar grandes satisfações.

Apesar das dúvidas sobre o percurso e da impaciência dos meninos, inquietos que nem marimbondos, Antônio estava aproveitando a viagem, o cheiro da floresta reencontrado, o voo dos papagaios, a cortesia impecável do capitão, que quase chegava a compensar a sua cozinha, que continuava péssima. Mas lhe restava um remorso, uma irracional sombra de sentimento de culpa que não o deixava tranquilo:

— Mas escuta, Pernão, aquele seu primo, o do jipe…

— Eu não tenho primos, só sete primas uma mais chata que a outra. Nada de primos, e olha que o coitado do meu tio bem que teria gostado. Os senhores aceitam mais um copinho?

— Não, mas eu digo o do jipe vermelho, aquele Pepê que coitado…

— Ah, o Pepê! Que nada meu primo, aquele. Eu conheci ele lá em Santarém, no Anaconda Vortex Night Club, um lugarzinho bom, você conhece?

— Não, não tenho o prazer. Mas eu queria dizer, é isso, se ele era um amigo seu, eu queria dizer que sinto muito mesmo que ele tenha morrido assim…

— Morto? Que morto que nada, eu encontrei ele mês passado: é representante de lingerie em Belém.

4.9 Piraí

Deitado na cama de Antônio, Piraí saboreava o doce gosto da liberdade. Era um gosto de cuja existência ele tinha começado a suspeitar só recentemente, mas agora que o experimentava se perguntava como tinha podido passar sem ele todos aqueles anos. Sempre tinha havido alguma coisa de que ele não gostava na vida da aldeia, mas só agora estava finalmente entendendo bem o que era. Algumas vezes, quando menino, ouvindo as histórias de Antônio, tinha suposto que estivesse ligado ao que ouvia contar. Mas, ao contrário de Moacir e Cauê, não eram as invenções incríveis que o impressionavam, e tampouco eram as histórias sobre o futebol que tanto fascinavam Yamandé, Piata e todos os outros. Era alguma coisa mais indefinida. E além disso Piraí lembrava de ter sentido desconforto também quando era pequeno, antes que Antônio chegasse; como podiam então ter sido as histórias dele a falar daquilo cuja falta ele sentia desde sempre?

Ao longo do tempo passado em Macapá e por aí com os outros tinha finalmente começado a clarear as ideias, a entender o que o atraía neste mundo novo e o que o oprimia no seu mundo natal: o espaço e a falta dele.

A vida na aldeia era tranquila e tinha os seus méritos, Piraí não negava. Mas, agora ele entendia, sempre tinha sido cheia demais. Era estranho, estranhíssimo, considerando que em Macapá havia muita, muita, muitíssima gente a mais que na aldeia, mas na aldeia se estava sempre junto, junto demais, apertado demais, enquanto em Macapá paradoxalmente havia mais espaço. E não havia aquela sensação, que ele sempre tinha achado vagamente enervante, de como todos sempre sabiam onde você estava, o que você estava fazendo, ao lado de quem você pendurava a rede, até onde e quando você fazia cocô. É estranho, pensava, era como se na cidade houvesse mais ar, como se respirar fosse mais fácil. E dava até para ficar sozinho, por um tempo, sem que ninguém achasse estranho.

Não que os momentos de solidão tivessem sido muitos, muito pelo contrário. Antônio era um grande homem, a façanha do salvamento de Yamandé seria transmitida por gerações, mas era também um pouco sufocante. Piraí nunca tinha conhecido a mãe e uma onça lhe tinha levado também o pai muito cedo, quase não lembrava dele, portanto sabia não ser o mais qualificado para fazer esta comparação, mas Antônio naquele período tinha parecido fazer as vezes de mãe e de pai para todos eles ao mesmo tempo. Aliás, talvez fosse justamente a comparação certa: Antônio não era o pai verdadeiro deles e por algum motivo isso o levava a aumentar as suas atenções, uma coisa que Piraí já tinha experimentado vivendo na própria pele a experiência de uma tribo inteira que faz as vezes de pai e mãe para você.

Por mais que Antônio se esforçasse, porém, ele não podia estar em toda parte e alguns lampejos de liberdade tinha tido de lhe conceder por força. E que sensação incrível tinha sido a primeira vez, ainda lhe faltava o ar se pensava nisso: durante um dos primeiros passeios por Macapá, quando tinham ido pela primeira vez à margem do rio. A imensidão do rio, a margem oposta distantíssima, quase invisível, do outro lado.

Tinha havido algum problema com Jaci e um vendedor de frutas, Antônio tinha precisado intervir e os outros tinham ido atrás dele, todos menos ele e Ubiratan, que tinham ficado ali, a poucos passos um do outro, admirando todo aquele espaço. Que estranho, havia tanto ar para respirar e ele sentia uma coisa estranha no peito, sentia quase faltar o fôlego. Mas era uma sensação bonita, tinha entendido ao repensar nisso.

Logo Antônio tinha chegado para interromper os seus pensamentos confusos, tinha reunido o grupo e os tinha levado para casa, para lhes dar uma aula sobre dinheiro. Interessante, como muitas das coisas que ele explicava, mas Piraí teria querido ficar olhando o rio mais um pouco.

E depois todos os parentes de Antônio eram sempre carinhosos e gentis, mas os tratavam como se fossem crianças pequenas. E, pelas palavras de Antônio, pareciam todos até preocupados demais em lhes dar um papel bem preciso: Yamandé é o da perna quebrada, Itaúna o que tem medo de tudo, Cauê o que não tem medo de nada. E eu sou o que cozinha.

Por isso ele tinha agarrado no ar a ocasião que lhe tinha aparecido. Os dias depois da aparição na televisão tinham sido dois dias confusíssimos, Antônio estava ainda mais atarefado que antes. Tinha bastado lhe dizer "Eu fico aqui" e resmungar alguma coisa sobre o desejo de aprender bem a fazer os beijinhos para que o outro quase não tivesse tido tempo de replicar: "Você tem certeza? Então a gente se vê no aeroporto de Macapá quando voltarmos." "Sim, está bem" e ele tinha ficado finalmente livre.

Meudeus, livre. Ainda tem aquele outro probleminha a resolver, pensou com um arrepio. Eu sou um caçador, em nome da Grande Sucuri. Eu matei um jacaré sozinho antes de todos os outros. E agora tenho medo de uma mulher idosa, de ferir os sentimentos dela. Mas como é que eu faço para explicar para ela o que eu quero, se não conheço a língua dela? Olhou pela janela. Ainda estava chovendo, mas dava para perceber que dali a pouco pararia. Levantou-se da cama e se dirigiu à cozinha.

Marcela estava ocupada mexendo numa panela. Ouvindo-o chegar, cumprimentou-o com o costumeiro entusiasmo:

— Piraí! Você descansou um pouco? Que bom. Estou começando a preparar o vatapá, vem que eu te explico uma coisa sobre o azeite de dendê.

Piraí lhe pousou delicadamente uma mão no ombro, esperou que ela se virasse por completo e que ele tivesse a sua atenção total. Dirigiu-se à bandeja dos beijinhos, que a essa altura já se tinha comprovado serem de longe a sua comida preferida. Comeu um e fez a cara de "gostosíssimo". Comeu mais um, de novo com a mesma cara, depois lhe fez sinal de esperar.

Marcela o fitava com atenção.

Nesse ponto Piraí fingiu comer mais um, depois outro e outro e mais outro. Depois de repetir o mesmo gesto um grande número de vezes, fez menção de comer mais um, mas travou, pondo uma mão na barriga e inclinando os cantos da boca para baixo. Depois olhou para Marcela para conferir se ela tinha entendido.

Marcela fez menção de falar, mas Piraí mudou de ideia e a deteve. Dirigiu-se à bandeja do bolo de maracujá, outra paixão sua, e fez o gesto de comer uma fatia, desta vez de novo com ar feliz. Depois apontou os pudins de leite, bons; o arroz-doce, nada mau mesmo; e os churros, uuuh, que vontade. Enfim voltou à bandeja dos beijinhos. Comeu um de verdade, de novo com ar feliz.

Olhou para Marcela para conferir se ela o estava acompanhando e fez um último gesto: com as mãos tentou indicar a cozinha inteira e a própria Marcela, e depois apontou os beijinhos. Então parou e olhou de novo para Marcela, com ar interrogativo.

Marcela lhe sorriu:

— Eu entendi o que você quer me dizer, sabia? Cozinhar você gosta, mas não é a sua única, a sua paixão exclusiva. Você tem razão. O meu Antônio também sempre foi assim: o rádio, a escola, o esporte. Os esportes. Muito bem, Piraí, eu fico contente.

Piraí obviamente entendia não mais que uma palavra ou duas, mas o tom da voz e a expressão de Marcela não deixavam dúvida: ela tinha entendido. Abraçou-a, depois soltou um suspiro de alívio e se preparou para sair: desde que tinham partido para a turnê ele estava com vontade de dar uma caminhada até a Fortaleza no rio. Mas Marcela ainda tinha uma coisa a lhe perguntar: apontou a bandeja dos churros e lhe lançou um olhar interrogativo.

Piraí teve um instante de dúvida, mas entendeu logo depois que ela estava lhe perguntando quais eram os seus outros interesses. Abriu a janela, pela qual já começava a se debruçar o sol, e respirou fundo.

4.10 Arrepios

Quem diria que a fábula do Pequeno Polegar, contada sabe-se lá quando, anos antes, voltaria a ser útil. E sobretudo que Itaúna — que certamente tinha boa memória, mas Antônio não tinha imaginado que a esse ponto — a lembraria no momento oportuno.

Achar o ponto onde tinham posto a balsa na água tinha sido, desmentindo as suas preocupações, bastante fácil, pois se descobriu que, além da reconhecível confluência dos três braços de rio que Antônio tinha em mente, cada um tinha uma lembrança sua, uma referência: "Perto de um ébano altíssimo", "Tinha uma volta estreita com um tronco velho na água", "Assim que a gente partiu tinha um grupo de jacarandás, deve ser ali logo atrás." Mas quem sabe se eles teriam conseguido, uma vez desembarcados, enveredar logo pelo caminho certo na floresta se Itaúna não tivesse feito, na ida, talhos profundos nas árvores:

— Eu pensei naquela história do Dedo Pequeno, pensei que assim a gente sabia voltar.

Tinha sido esperto de pensar nisso; os sinais nos troncos os guiaram por um bom trecho na direção certa, o que bastou para que Moacir e Cauê — que já tinham percorrido aquele trajeto tanto na ida quanto na volta, quando tinham achado o Rio Grande — reencontrassem com segurança os seus pontos de referência.

Enquanto caminhavam já a passo firme em direção à aldeia, Antônio refletia sobre quantas coisas tinham mudado naqueles três meses, como tudo era diferente de quando tinham passado sob aquelas mesmas árvores carregando Yamandé meio morto, rumo, entre mil riscos, ao desconhecido.

Estava feliz de ter feito aquilo; bastava olhar o rapaz saracoteando esperto no meio do grupinho para não ter o mínimo arrependimento de tê-lo salvado, mas dava-se conta agora de que nada seria como antes. Dali a poucos dias estariam de novo na cidade, outros rapazes que nunca tinham saído da floresta experimentariam a assim chamada civilização e também eles ficariam fascinados e perturbados por ela; depois tentariam todos juntos agarrar essa absurda possibilidade de participar da Copa do Mundo — ainda não conseguia acreditar que estivesse acontecendo uma coisa dessas — e depois, depois voltariam para casa, para a floresta. Ou não? Poderiam realmente voltar a viver a vida de antes?

E de todo modo não seria a vida de antes, nunca mais poderia sê-lo, tendo levado à aldeia roupas e facas, tendo visto automóveis e aviões e televisores. Deu-se conta de que, fossem como fossem as coisas, aquele modo de vida milenar tinha sido mudado, contaminado para sempre. Quem sabe se terá sido um bem, quem sabe. Melhor não pensar nisso, é uma responsabilidade grande demais; só de pensar nisso dá arrepios.

Mas um arrepio lhe vinha também ao relembrar o que Pernão lhe tinha contado: "Mas que morto que nada. Aquela gente tem o couro grosso, gente que vem da lama. Não é que nem a gente. Aqueles você não mata assim tão fácil. A sorte foi que ele tinha aquele jipe daquele vermelho lindíssimo. Um helicóptero daqueles do parque estava fazendo uma ronda. Viram o vermelho e desceram para dar uma olhada. Puxaram o jipe para cima com o guincho; aquele filho de tatu do Pepê estava esmagado que nem uma noz, mas vivo. Ficou com uma perna um pouquinho mais curtinha, e a cara amassada, mas bonito ele nunca tinha sido mesmo. Não é que nem a gente. E além disso esse ramo da lingerie é um setor em crescimento, ele diz que as senhoras são loucas por rendas, sempre no meio das calcinhas, uma bela profissão."

Antônio estava feliz de que aquele bandido não tivesse morrido; sempre lhe tinha restado um pouco o remorso de talvez não ter feito o bastante, de não ter conseguido achar ajuda: sabê-lo no meio das rendas em Belém, por mais capenga que estivesse, lhe tirava um peso do coração. Mas o arrepio, a perturbação, era pelo pensamento de que, se ele não tivesse se afastado, se tivesse ficado perto do jipe, teria voltado a Macapá depois de um dia em vez de depois de catorze anos. E tudo, tudo teria sido diferente. Quem sabe onde eu estaria agora, fazendo o quê, com quem. Com certeza, com certeza absoluta, eu não teria daqui a uma semana um jogo de desempate para participar da Copa do Mundo.

4.11 Surpresa!

A cena ele tinha imaginado cem vezes em cem versões diferentes, e à medida que se aproximavam de casa elas se atropelavam na cabeça dele, uma sobreposta à outra. A preferida retratava os sete caminhando lado a lado com ele no centro, em câmera lenta, como nos filmes de Hollywood. Mas na floresta é difícil caminhar lado a lado em dois, imagina em sete, e esse escrúpulo realista lhe estragava a fantasia. Depois havia outras cenas que previam olhares silenciosos e longuíssimos: ele e Janaína, Yamandé e Kirimá, Moacir e Piata. Ou então uma alegria barulhenta e descontrolada. Ele a tinha imaginado de cem jeitos diferentes e nenhum se revelou o certo: mais que com a fantasia, chegou perto com a lembrança.

A aldeia já não devia estar muito distante — me parece ter reconhecido uma árvore. Será possível? Quantas árvores deve haver na Amazônia, um bilhão? Cem bilhões? E eu tenho a impressão de ter acabado de reconhecer uma! — e Antônio se pegou repensando nos seus primeiros instantes na aldeia e na bolada que o tinha recebido. Quem sabe quem a chutou. Quem sabe tinha sido Yamandé, DuasMeias. Ou Cauê. Não, não podia ter sido Bochechas, naquela época ele era pequeno demais para ter um chute daqueles. Quando aprendeu a falar bem a Língua, tinha perguntado quem lhe tinha atirado a bola, mas ninguém lembrava mais. Talvez tivesse sido Piata, que já de menino tinha um belo petardo. Imagina se a gente entra na aldeia e a primeira coisa que me acontece é receber uma bolada na barriga.

Não houve bolada nenhuma no estômago, mas a volta do bando, como muitos dos episódios de Antônio na aldeia, foi marcada pela bola.

— Shhh! — foi Moacir, mandando-os calar, quem estabeleceu com que abordagem eles se reapresentariam. — Estou ouvindo vozes. Tem alguém na clareira, estão jogando bola.

Yamandé fez menção de disparar para a frente, mas Moacir o segurou pelo braço:

— Espera, vamos nos aproximar sem sermos ouvidos. Quero fazer o filme sem que eles percebam.

Moacir tinha assumido com grande seriedade e entusiasmo o papel de documentarista da expedição. A Rede Norte o tinha equipado com cinco celulares modernos e outras tantas baterias sobressalentes, carregadas. Não tendo de telefonar nem de se conectar à internet, com um mínimo de atenção deviam bastar para levar a cabo a sua reportagem videofotográfica. Já tinha descarregado um primeiro celular durante a viagem de barco, entrevistando todos os seus amigos e tirando inúmeras fotos de Suplício. A pedido de Antônio, tinha evitado documentar as últimas partes do trajeto de barco e as primeiras do percurso a pé (“Por que você não quer que se saiba onde fica a aldeia?” “É complicado demais de explicar. Eu te peço por favor, Moacir: neste pedaço não faz o filme, a Rede Norte já está de acordo”), e mesmo quando Antônio lhe tinha dado o okay para recomeçar não tinha fotografado muito, um pouco para não retardar a caminhada do grupo e um pouco porque tinha percebido logo que os animais eram difíceis de retratar e que as árvores, na trigésima foto, não eram tão empolgantes.

Mas agora finalmente ele tinha a possibilidade de fazer uma filmagem fenomenal. Um grupo de moradores da aldeia jogando bola, sem saber que estavam sendo filmados por um olho externo. Moacir pensou que talvez só naquele momento, pela primeira vez na vida, estivesse perto de compreender como Antônio tinha se sentido na sua chegada à aldeia. Depois enxotou aquele pensamento, deu os últimos passos no mais absoluto silêncio e se concentrou na cena diante dos seus olhos.

Piata estava para bater uma falta.

— A barreira está péssima — comentou Yamandé em voz baixa, enquanto mexia na mochila para tirar o presente que tinha comprado para os seus amigos da aldeia.

— Shhh! — mandou-os calar de novo Moacir. Que porém depois não conseguiu se conter e acrescentou: — A barreira me atrapalha mais do que outra coisa, bloqueia a visão da bola.

— De todo jeito está mal posta.

— É uma questão de… — interveio Antônio. — Antes de julgar é preciso considerar o erro de… depende do lado de que você olha.

— Como assim? Se está mal posta está mal posta — acrescentou Itaúna.

— Shhhhhh!

Piata gostava de temporizar antes de bater uma falta. Gostava de tomar todo o tempo para estudar por que lado fazer a bola passar, mesmo que com a barreira tão mal posta houvesse pouco a estudar: bastava meter uma pedrada no gol e era gol na certa. Acamim não era mau como goleiro, mas nada a ver com… tudo bem. Daquela vez, porém, temporizou mais que de costume: olhou em volta, havia alguma coisa estranha; antes lhe parecia ter ouvido barulhos e agora, ao contrário, de um lado da clareira havia um silêncio estranho, como se todos os animais daquele lado tivessem decidido se calar juntos. Depois deu de ombros e partiu na corrida, no seu íntimo já suspirando porque poucos segundos depois lhe caberia ir procurar a bola no meio do mato fechado.

A bola tinha sumido entre as árvores, como sempre. Todos tinham visto. Quando Piata batia uma falta, todos voltavam os olhos para a floresta atrás do gol, para acelerar as operações de busca. Por isso, a aparição no meio do campo daquele objeto estranho que parecia uma bola mas quicava muito mais foi recebida com uma carga adicional de surpresa e perplexidade. Lentamente todos os rapazes se aproximaram dela, enquanto ela terminava de quicar. Aproximaram-se também os maiores entre as crianças que assistiam à partida, enquanto os menores eram retidos pelas mães, intimidadas.

— O que é isso? — perguntou Jerujeru.

— Uma fruta? — propôs Icicaribá.

— Uma fruta assim eu nunca vi antes — disse Piata, que continuava a olhar em volta. — E não entendi de onde ela caiu. Alguém viu de onde ela caiu?

— Será que caiu do grande pássaro luminoso da tarde? — sugeriu Tainí, sem saber o quanto tinha chegado perto.

— Se a gente ainda está jogando quer dizer que ele ainda não passou, não é? — retrucou-lhe Icicaribá.

— Para mim parece que ela veio de lá! — soou a vozinha de uma das meninas do público.

Piata foi o primeiro a voltar o olhar na direção indicada pela menina e portanto o primeiro a sentir que quase desmaiava quando as folhas se mexeram, os galhos se separaram e da floresta brotou o fantasma de Yamandé.

4.12 Unhas

À medida que os outros membros do grupinho brotavam na clareira, alguns vestindo uma coisa estranha no corpo que impedia de ver-lhes o peito, o mudo espanto dos presentes foi substituído por gritos de alegria. Algumas crianças correram para o *shabono* gritando: “Yamandé! Yamandé voltou! Antônio, Moacir, voltaram todos!”, e no espaço de poucos minutos havia na clareira uma confusão tal que em comparação o carnaval era um passatempo para amantes do silêncio. Antônio viu o rosto de Janaína e o perfil de Ybyráatã, no colo dela, e sentiu uma cálida sensação de bem-estar, imediatamente substituída por uma sensação mais desagradável. Janaína estava avançando com passo tranquilo, olhando em volta com calma. Sorria, aliás ria, e ao lado dela, sorrindo, aliás rindo com ela, estava Kirimá. Será possível? Ciúme. Aquela sensação desagradável era sem dúvida ciúme. Será possível?, perguntou-se uma segunda vez Antônio, mas depois os olhos de Janaína cruzaram com os dele e o sorriso mais bonito da floresta dissipou todas as nuvens. Janaína o beijou e passou Ybyráatã para os braços dele. Claro que não é possível, o que foi que eu fui pensar.

Seriam, entendeu-se logo, dois dias de grandes festas e emoções intensas, regados a abundantes rações de bebida da mudança.

O ciúme, depois de um breve parêntese de felicidade, tinha dado lugar em Antônio a uma nova sensação desagradável: o sentimento de culpa. Explicar que estavam ali por apenas dois dias e teriam de repartir logo não foi nada fácil.

Tinha levado de presente a Janaína duas panelas reluzentes que a tinham deixado de boca aberta, dezenas de colares e pulseiras, os mais coloridos que tinha conseguido achar e com os quais ela imediatamente substituiu os de sementes e penas que trazia no corpo, e uma rede belíssima de lona resistente com listras vermelhas e azuis, de que ela gostou muitíssimo. Mas os presentes não bastaram nem um pouco para fazer sumir de todo um beiço melancólico que lhe escurecia o rosto.

— Mas a gente vai ficar fora no máximo só um mês e depois volta para sempre, eu te prometo.

— O que é mês? Você ficou fora três luas e já recomeçou a falar como o Antônio de muito tempo atrás.

— Me desculpa. Mês é como dizer lua.

— E então por que você não disse lua?

— Desculpa mesmo, hein. Estou cansado, emocionado e confuso, droga, tenha um pouco de compreensão!

Janaína olhou para ele para entender se estava fazendo de propósito. Só então Antônio se deu conta de ter falado em português. E tentou levar na brincadeira e pedir paciência.

— Brincadeira, minha rãzinha. Eu te amo, amo Ybyráatã e quero voltar o quanto antes para vocês. Antes eu só tenho que fazer essa coisa.

Acariciou-lhe uma bochecha e, pegando um dos colares de sementes que ela tinha abandonado na rede, retirou dele vinte e duas sementes marrons grandes e oito vermelhas e as reenfiou com cuidado num longo talo:

— Pronto, olha. Estas vermelhas são os dias das partidas e estas marrons são os dias entre uma e outra. Agora a gente pendura ele na porta do *shabono* e todo dia você tira uma semente. Assim você vai saber quando a gente joga e vai saber, a aldeia inteira vai saber, que depois de cada partida, se a gente não tiver voltado dentro de três dias, quer dizer que a gente ganhou e que vai jogar também a seguinte. E você vai saber quanto tempo falta antes de a gente voltar: olha, mesmo que a gente ganhasse sempre, não ficaria fora mais de uma lua. Depois eu volto para vocês e a gente vai dormir para sempre junto nesta rede nova bonita; você está mais contente agora?

Uma vez restabelecida a paz com Janaína, Antônio a pegou pela mão e a levou na direção do rio, em busca de um canto tranquilo. Quando se certificou de que estavam sozinhos, Antônio disse:

— Você lembra das minhas histórias sobre a tela e as coisas que dá para ver dentro dela?

— Claro que eu lembro.

— Pois é. No tempo em que eu fiquei aqui, inventaram telas que dá para transportar e nas quais dá para lembrar as imagens que essas mesmas telas viram no passado.

— Não sei se eu entendi.

— Olha, agora eu te mostro.

Antônio tirou da mochila um iPad. Pô-lo na mão da mulher, que o pegou com uma certa trepidação, depois abriu o aplicativo de ver os vídeos. E foi assim que, pasma e fascinada, Janaína conheceu Marcela, o papai Ítalo e todo o resto da variegada família de Antônio, que lhe mandavam muitas mas muitas lembranças e olha que lindo o nosso netinho, mas o que é que você está dizendo, são eles que vão ver a gente, a gente não está vendo eles agora, não importa, tenho certeza de que ele é lindíssimo, não é verdade, Norminha?

Também falar com Itátakûara e explicar que não só partiriam logo, logo, mas que precisavam levar consigo muitos mais jogadores não foi simplíssimo. De novo Antônio recorreu ao seu iPad, mostrando algumas imagens da turnê recém-concluída. O chefe da aldeia, apesar de aquele treco o deixar muito perplexo, foi bastante compreensivo:

— Antônio, você vive com a gente há muito tempo, você é parte de nós. Você sabe disso, não sabe?

— Sei, eu sei. Eu sou.

— E então você devia saber que eu sou apenas o ancião da aldeia, não sou dono do destino de mais ninguém além de mim. Eu fico feliz que você me conte do plano de vocês, mas vocês não têm de pedir permissão a ninguém. Se vocês sentem que devem realizar essa façanha, eu só posso desejar que os espíritos estejam com vocês.

A parte mais difícil da conversa foi manter sobriedade e humildade enquanto do lado de fora do *shabono* se desencadeava o fim do mundo.

Moacir tinha entendido perfeitamente os pedidos da Rede Norte. Por isso tinha até pedido aos seus companheiros de aventura que esperassem um pouco antes de entregar os presentes; queria primeiro fotografar e filmar os moradores da aldeia empenhados nas suas atividades de todo dia. Mas uma vez tirado da mochila um dos seus celulares, tiradas algumas fotos e mostrado o resultado na tela, a vida da aldeia mudou para sempre. Moacir tinha agora de enfrentar o assalto de dezenas de pessoas que disputavam para serem fotografadas nas poses mais improváveis. Visto que a essa altura o es-

trago estava feito, o melhor era acalmá-los um pouco: Moacir fez sinal aos amigos de que estavam liberados, podiam fazer o que quisessem.

Passada a primeira onda de espanto e maravilha por todos os presentes, “Lindíssimo, este é meu”, “E isto o que é?”, “Mas então tudo o que o Antônio contou para a gente nestes anos é verdade!”, foi a hora das histórias. Kirimá contou do tamanduá que tinha parido bem embaixo da árvore das flores vermelhas; Piata os atualizou sobre o rito de iniciação que tinha ocorrido uma lua antes e no qual muitos jovens, de novo, tinham feito ótima figura: “Ainda que não no nosso nível.”

Muito interesse suscitaram também as rápidas seletivas, conduzidas por Piata, Antônio, Yamandé e Ubirajara, para decidir quem seriam os outros dezesseis a compor o grupo que desafiaria o Brasil. As caras felizes dos protagonistas da primeira viagem eram uma grande publicidade para a nova aventura que estavam propondo: “O Piraí se divertiu tanto que ficou lá esperando a gente.” Pouquíssimos entre os escolhidos se mostraram hesitantes e no fim também eles aceitaram, contagiados pelo entusiasmo geral.

Mas quem dominou a cena foram naturalmente as aventuras do grupo dos rapazes: um coro de elogios à família de Antônio, a Macapá e ao Brasil em geral. E como em todo coro, infalível, também a voz de fora dele, a de Itaúna. A todos os que tinham a paciência de escutá-lo, Itaúna contava uma versão da vida em Macapá bem diferente do retrato idílico que os outros estavam pintando.

“O vazio. É estranhíssimo: existe ao mesmo tempo vazio e confusão. Tem muitíssima gente, muito mais que na aldeia, e em todo momento do dia e da noite tem um barulho fortíssimo, mas mesmo assim é como se fosse vazio, como se as pessoas ficassem distantes umas das outras. Tem muitíssimas cabanas gigantescas e dentro delas moram só poucas pessoas, às vezes duas ou três ou até uma só. Tem pouquíssimas árvores. E aquelas poucas árvores são todas pequenas, murchas como quando um homem tem febre. E tem também poucos animais. E nesse vazio tem a coisa mais estranha de todas: uma coisa que eles chamam de vento. É ar que se move, mas não como aqui. Se move forte, entorta as árvores, se você põe uma pena na cabeça ele leva embora com uma mão invisível, tem até uma voz própria. E depois as pessoas têm a paixão de fazer filmes, mas não como aqueles na tela do Antônio. Às vezes nos filmes eles fingem se matar e as pessoas vão numa espécie de *shabono* ver as pessoas que fingem se matar e ficam contentes. E jogam bola, sim, mas são muito mais fracos que a gente. O nosso time de crianças ganharia dos adultos deles. Mas sobretudo: as pessoas são diferentes. Muitos são pálidos. Você sabe que dizem que também o Antônio era branco quando chegou aqui. Mas estes são ainda mais claros, mais pálidos que um peixe morto. Outros, em compensação, são escuros como a madeira depois do fogo. São pretos como a noite, mesmo de dia. Você olha para eles e não consegue nem entender se eles têm rosto ou não. E todos olhavam para a gente como se os estranhos fôssemos nós.”

Foi portanto natural para Itaúna, na hora de partir, comunicar a sua decisão a Antônio:

— Eu não vou.

— Mas como não vai? E a partida com o Brasil? E a Copa do Mundo?

— A partida vocês ganham mesmo sem mim. A Copa, eu prefiro aquela que você ensinou a gente a jogar aqui, quando a gente era criança. Que os espíritos estejam com vocês. Levem as minhas lembranças ao Piraí.

Maldita pressa, pensou Antônio. Fiquei catorze anos na mais absoluta calma e agora tenho que fazer tudo correndo. Assim como em Macapá não tinha havido tempo para falar com Piraí e convencê-lo

a voltar à floresta, agora não havia tempo de falar com Itaúna e convencê-lo a ir com eles a São Paulo.

— Está bem, Itaúna. Como você preferir. Sinto muito mesmo. Agora eu não posso, mas a gente vai se rever logo e conversar muito.

— Sim.

Quando ao amanhecer repartiram, dois dias e meio depois de terem chegado, Itaúna estava na primeira fila para se despedir, a mão erguida para o alto e o olhar orgulhoso, com uma altivez tal que qualquer um que tivesse visto a esplêndida foto tirada por Moacir teria pensado que fosse ele o chefe da aldeia. Assim que o grupo dos vinte e três sumiu da vista deles, porém, aquela mesma mão foi parar dentro da boca de Itaúna, que passou as duas horas seguintes roendo as unhas como não fazia mais desde criança.

Foram duas horas de agitação crescente, que Itaúna passou repassando e repassando na própria mente tudo aquilo que o tinha perturbado nos três meses anteriores. Mas às imagens das cabanas gigantescas e vazias, das pessoas com os rostos estranhos, dos trezentos espartanos que se massacram continuavam a se sobrepor as imagens dos seus amigos, das partidas de bola, do crescente número de espectadores nas partidas deles. À lembrança do barulho dos automóveis se sobrepunha o rumorejar do público a cada gol.

Itaúna olhou o céu, muito mais luminoso do que quando os seus amigos tinham ido embora. Eles partiram faz muito tempo, pensou. Mas pensou também que um grupo de vinte e três pessoas avança na floresta muito mais lentamente que um homem sozinho. Sobretudo se esse homem é aquele que teve a grande sacada de marcar o percurso como o Dedo Pequeno. E depois eles vão perder um bocado de tempo construindo a… Pernão! Não tem balsa nenhuma para construir! Pegou a mochilinha que tinha trazido de Macapá, enfiou dentro dela precipitadamente um pouco de comida, correu até Iracema encontrando finalmente a coragem de beijá-la, depois foi até Itátakûara:

— Vou alcançar eles. Talvez precisem de mim.

— Sem dúvida — disse Itátakûara, enquanto o jovem, correndo, já se embrenhava no fechado da floresta.

4.13 Monte Dourado

Um esbaforido mas satisfeito Itaúna conseguiu alcançar o grupo pouco antes que este chegasse ao rio. Antônio ficou aliviado ao vê-lo, mas aquilo não era nada comparado ao alívio que sentiu ao ver que Pernão, nunca se sabe, tinha realmente esperado por eles.

Assim que pôs o pé no barcaço, primeiro contato com o mundo externo, o grupo se dividiu logo em dois. De um lado os novatos, os que pela primeira vez punham o pé fora da floresta; do outro lado os experientes. Agora que Antônio repensava nisso, os meninos tinham sido realmente corajosos, desde as primeiríssimas horas. Corajosos ao abandonar o seu mundo e impávidos ao abraçar um novo sem particulares temores reverenciais. Mas nunca tinham parecido tão seguros de si como estavam agora em comparação com os outros. Era engraçado ver como aquelas poucas viagens de barco pelo rio e pelo Jari bastavam para fazê-los se sentir os maiores especialistas do mundo em navegação fluvial. Para não falar do resto da estada deles em Macapá e da turnê, que os tinha transformado em novos Magalhães. O coro de vozes era incessante, o assunto principal uma variação sobre o clássico tema de "Ah, o Jari não é mais o de antigamente", coisa que divertia muitíssimo Antônio e também Pernão, a quem Antônio de vez em quando traduzia bocados de conversa.

— Ah, desta vez a gente tem o barco já pronto, mas da outra vez a gente teve que construir sozinho. Você lembra, Jaci? — disse Ubiratan.

— Claro, só um louco poderia esquecer. E que barco. Navegar naquilo era muito diferente. Mais perigoso, mas também mais divertido.

— E quando a rede com o Yamandé dentro quase escorregou na água e a gente pegou só por um triz? — propôs Cauê.

Disso Antônio não se lembrava, mas talvez tivesse acontecido enquanto ele dormia.

— E depois a gente passou a noite inteira em vigília para espantar os jacarés — acrescentou Moacir.

Disso eu tenho certeza de que não aconteceu, pensou Antônio, que porém não se meteu porque estava curioso de ouvir.

Quando chegaram ao relato da cachoeira foi quase impossível entender alguma coisa, porque todos — incluído um improvável Yamandé — queriam contar a sua própria versão da história, interrompendo-se mutuamente e cobrindo as vozes dos companheiros. Nesta nova versão do relato cada um deles tinha mergulhado na água para salvar a balsa ou tinha feito alguma coisa igualmente determinante para o sucesso da expedição. E o fato é que, pequenos detalhes à parte, tinha sido realmente assim. Todos tinham sido heroicos e determinantes, e Antônio teve de lutar contra o nó que estava se formando na sua garganta.

A cachoeira foi também, porém, a causa da primeira desilusão para o grupo dos novos. Pernão a tinha evitado cuidadosamente e, apesar de ter proposto fazer um desvio quando já a tinham ultrapassado para ir admirá-la, Antônio se opusera porque pretendia chegar a Monte Dourado o quanto antes: já assim os tempos de marcha eram forçadíssimos e ele queria tentar cansar os meninos o mínimo possível. A decisão foi aceita por todos, mas entre os novatos começou a circular a dúvida de que "os experientes" tivessem aproveitado para exagerar um pouco.

Foi Piata a dar voz a essas dúvidas assim que despontaram os primeiros telhados de Monte Dourado.

— Só isso? Pelas histórias de vocês parecia sei lá o quê e em vez disso é só um pouco maior que a nossa aldeia. Vocês têm certeza de que não sonharam tudo? — disse, em parte brincando e em parte sério.

Os outros novatos, compactos como um só homem atrás do seu porta-voz, assentiram convictos. Mas Yamandé e os outros se limitaram a rir baixinho:

— Você vai ver. Vocês vão ver.

A chegada a Monte Dourado não poderia ter sido mais diferente da vez anterior. Naquela ocasião tinham chegado em silêncio, quase às escondidas. Agora, à espera deles no cais havia um punhado de curiosos bastante numeroso — que aumentou rapidamente de número assim que se espalhou a notícia do desembarque iminente — e também um bom número de câmeras. Por sorte Antônio tinha pensado com antecedência nessa eventualidade e tinha decidido enfrentar a situação de peito aberto. Se o primeiro grupinho dos sete tivera de se adaptar bastante depressa à vida brasileira, estes teriam de fazê-lo ainda mais rápido: talvez a única solução fosse não lhes dar nem tempo de entender o que estava acontecendo. Por isso no barco tinha distribuído bermudas e camisetas para todos, de modo a evitar pelo menos o problema da nudez em massa, e tinha também começado a fazer os recém-chegados experimentarem as chuteiras.

Antes ainda de atracarem, do cais partiu o coro: “Jaci! Piraí! Cauê e Moacir! Espanha e Argentina não vão resistir!” Antônio de início não entendeu, depois sorriu e começou a acenar com a mão, enquanto muitos dos rapazes se apinhavam intimidados na direção da popa do barco, como que para evitar pelo maior tempo possível o contato com aquela multidão que gritava.

Assim que desembarcaram, Antônio procurou George entre as pessoas. Localizou-o quase de imediato, um pouco afastado, ocupado em dar orientações a um dos seus colegas. Cumprimentaram-se, mas com um aceno decidiram de comum acordo que para as primeiras entrevistas esperariam estar num lugar mais tranquilo. No meio da multidão a Antônio pareceu ver também o olhar alucinado daquele jornalista louco que o tinha entrevistado, ou melhor, que tinha inventado a entrevista assim que voltaram a Macapá, Pippo, Pispo, como é que ele se chamava. No fundo tudo o que estava acontecendo era de algum modo mérito dele também, pegou-se pensando Antônio, ainda que de todo modo sentir gratidão por um personagem daqueles estivesse além das suas capacidades.

Cercados pela comitiva de torcedores, dirigiram-se junto com George e a sua equipe à pousada, sobre cuja placa fora pendurada para a ocasião a faixa “Do Pelourinho – Pousada oficial da Seleção Índia do Brasil”. À espera deles na soleira, como dois guardiões, estavam de um lado o médico que cuidaria das vacinações e do outro o senhor Armando, a quem Gesita, em memória da vez anterior, tinha concedido a honra de ser o único hóspede da pousada alheio à expedição.

— Bem-vindos! — disse Armando erguendo a sua cerveja. — Esperem que eu vou chamar a Gesita.

Mas não houve necessidade nenhuma. Poucos segundos depois, chamada pelo barulho da multidão, a dona da pousada apareceu na soleira com um sorrisão que procurou e logo achou as câmeras da Rede Norte. Fez amplos sinais para que o bando todo se acomodasse e os cumprimentou um a um enquanto entravam, uns tímidos, outros atrevidos.

O último a entrar, quando também a equipe de televisão já estava lá dentro, foi Moacir, que tirou da mochilinha uma flor belíssima que tinha colhido na aldeia e, num português que traía ter sido ensaiado dezenas de vezes, lhe disse: “É para a senhora, Dona Gesita” recebido por um estrondo vindo do interior da pousada.

“É para a senhora, Dona Gesita” tinha rapidamente virado o bordão do grupo. Já quando estavam no barco, enquanto assistiam aos ensaios de Moacir, alguns tinham pedido várias vezes que descrevesse essa Gesita e o tinham ajudado a aprender a frase em português, repetindo-a juntos, com diferentes entonações. Outros se tinham limitado a observar com curiosidade o que estava acontecendo; outros ainda, sobretudo os membros da primeira expedição, tinham tido uma atitude mais brincalhona, e toda vez que se chegava à descrição de Gesita numerosos detalhes eram acrescentados, sobretudo sobre o aspecto do vestuário, que eles sabiam que não seria plenamente compreendido pelos novos exploradores. “Sim, bonita, pena aquelas grandes folhas de palmeira que saem das orelhas dela…”, ou então: “Bonita? Vocês têm certeza? Enquanto ela ficar escondida no tronco de onde saem só mãos e pés, eu não saberia dizer…” e assim por diante.

Mas quando estavam todos dentro, Eçaí se aproximou de Moacir e lhe disse, em voz baixa:

— Você tinha razão, ela é bonita. Muito estranha, mas bonita.

— É assim o resto do mundo também, você vai ver.

4.14 Calma

— Thiago!

— Sim, Professor.

— Olha bem para mim.

Thiago olhou para ele, sem entender o que havia para ver mas já pressentindo a chegada de alguma incumbência mais ou menos absurda.

— Eu te pareço diferente?

— Como assim?

— Sei lá, eu te pareço como antes? Como um mês atrás?

— Desculpe, Professor, mas eu não estou entendendo.

— Não, Thiago, sou eu que não entendo. Eu me olho no espelho e me parece que sou sempre o mesmo, fora este maldito braço quebrado. Mas por dentro eu não sou mais eu; tenho medo de que os alienígenas tenham me sequestrado e substituído por uma versão mais calma, mais serena, mais tranquila.

— Ah, entendi. Não, eu garanto que o senhor é sempre o mesmo.

— No sentido de que estou sempre puto?

— Mas não, eu não queria diz…

— Pelo contrário, Thiago. Pelo contrário. Eu não fico puto com nada mesmo. Mas eu deveria. Daqui a três dias começa a Copa e eu ainda não sei com que time eu vou jogar. Quer dizer, eu sei, mas ainda não me deram a autorização formal para convocar eles. E só o fato de eu ter de pedir a autorização de alguém para escolher quem levar para a Copa, olha, já seria o bastante para eu te pedir para ir comprar um bastão para eu quebrar tudo. Mas não acaba aí, não. Esses dementes exigem que eu, 48 horas antes da estreia, faça eles jogarem também uma partida contra um time de… de… de… gente que nunca viu um campo de futebol na vida. Mas você se dá conta?

Thiago se calava; sabia que o seu papel nesses casos era só o de estar ali para poupar o Professor da impressão de estar falando sozinho.

— Eu achava que fossem tudo bobagens para agradar a nação. E achava que pelo menos aquele outro, aquele tarzan do futebol, teria aquele mínimo de bom senso de voltar de onde veio e ficar por lá. E em vez disso nada. Alô, chegamos hoje à noite, a gente se vê no campo amanhã às duas, que nem criança. E eu, em vez de quebrar tudo, estou aqui tranquilo feito um lago.

Mais ou menos, pensou Thiago sem abrir a boca.

— Eu olho estes imbecis que tentam estragar tudo, e olho para eles com distanciamento, como se a perna em que este cachorro está mijando não fosse a minha.

Que cachorro, ia perguntar Thiago, que se conteve bem a tempo.

— Tudo bem, pelo menos eu consegui convencer eles a jogar um tempo só, assim quem quer que ganhe (quem quer que seja, imagina) não vai estar cansado demais quando jogar contra a Croácia. Mas se algum daqueles indígenas machucar um dos meus, eu juro que pego napalm e queimo ela inteira, aquela maldita floresta.

4.15 Grande pássaro luminoso

As instruções de Antônio não poderiam ter sido mais claras: “Parados e calados. Parados como quando se avista uma presa e calados como quando se avista uma presa. Simples, não?”

Não, nada simples. Aliás, muito difícil.

A emoção incrível do primeiro voo, ver Monte Dourado ficar cada vez menor sob os seus olhos, a vista da imensa floresta do alto, tinha recolocado todos no mesmo plano: não havia mais experientes e inexperientes, nenhum deles nunca tinha subido antes no grande pássaro luminoso e o próprio Antônio o tinha tomado apenas duas vezes muitíssimos anos antes. Mas o primeiro voo tinha sido curto e o barulho do pequeno avião, rangente quase tanto quanto o barco do Pernão, tinha sido tão forte e incômodo que abafou qualquer outra emoção. Tinham feito escala em Macapá, onde recolheram um emocionadíssimo Piraí, e outro breve voo passado quase todo o tempo com as mãos nos ouvidos os tinha levado a Belém.

No moderno aeroporto de Belém a distância entre veteranos e novatos tinha voltado a ser ampla e visível. O plano de Antônio para sobreviver às quatro horas de escala, uma eternidade, era o de confiar à guarda de cada veterano dois ou três dos recém-chegados, de modo a mantê-los sob controle.

A grande vidraça dava para a pista, sobre a qual se movia preguiçoso algum avião. Tão grandes, tão brilhantes, tão potentes, dava para ficar olhando por horas. Mas erguendo o olhar dava para assistir ao espetáculo novo e terrível do horizonte: uma linha escura delimitava o visível, a margem da floresta, e ao fundo à esquerda uma delgada coluna de fumaça cinzenta interrompia o olhar, dando profundidade à vista.

A primeira hora passou assim, familiarizando-se com a presença de um vidro tão grande e com o fato de que, como era repetido com frequência, nem por toda parte havia árvores, de que todo aquele espaço sem plantas era quase inconcebível. A gente consegue, repetia para si mesmo Antônio, continuando a olhar o relógio e sentindo mais de uma pontada de saudade da vida na floresta.

A segunda hora começou com um miado a que nenhum dos presentes deu atenção, a não ser naturalmente aquele grupo de habilíssimos caçadores que eram os rapazes recém-saídos da floresta. Moveram-se com circunspecção em volta das poltroninhas do terminal, incapazes de distinguir a proveniência do som por causa do amplo espaço, que gerava um eco que os confundia. No fim quem a localizou foi Jerujeru, já famoso pela audição fina e pelas mãos grandes: bem escondida no cesto de vime que a dona tinha deixado por um momento numa poltrona. Antônio, vendo os seus meninos se moverem daquele jeito, tinha entrado logo em alerta, mas uma rápida olhada em Cauê e Yamandé o tranquilizou: na opinião deles também não era nada sério. Depois ouviu de repente o miado, viu o cesto de vime e o grupo cada vez mais numeroso que se apinhava ali em volta, e entendeu.

— É um filhote de onça!

— Preta?

— Existem onças pretas, eu já ouvi falar.

— Mas é pequeno!

— Deve ter acabado de nascer.

— Mas parece grande, não sei explicar, parece um filhote adulto.

— E faz um som muito estranho também.

— Por que está fechado aí dentro?

— Agora eu liberto ele…

Antônio chegou tarde demais, assim como a desavisada dona, saída do banheiro talvez por causa do alvoroço e vendo-se no meio de uma dúzia de rapazes empenhados em perseguir rocambolescamente o seu gato, que nesse meio-tempo tinha achado por bem trepar numa das vigas de sustentação da estrutura e se esconder atrás de um painel metálico a não menos de cinco metros de altura.

— Eu vou! — a inconfundível voz de Yamandé ressoou no amplo salão.

— Não, Yamandé… — começou a dizer Antônio com voz preocupadíssima.

— Não se preocupa, não vai me acontecer nada.

— Yamandé, eu te digo com todo o amor que sinto por você. Se você tentar subir naquela viga eu te ma…

Antônio não terminou a frase. Yamandé já tinha alcançado o gato, que logo lhe demonstrou todo o seu desprezo a golpes de unhada nos antebraços.

Foi preciso uma boa meia hora de desculpas para fazer tudo voltar à normalidade. Antônio pensou em mil argumentos para repreender Yamandé por aquele gesto, mas decidiu guardar tudo para si. Por que da outra vez não me pareceu tão difícil?

Mas foi o banheiro o centro da hora seguinte, quando a Antônio começaram a chegar os primeiros relatos sobre as várias necessidades dos meninos. Apesar de os jovens da primeira leva servirem de supervisores, e apesar de Antônio repetir como um mantra “Parados e calados. Parados como quando se avista uma presa e calados como quando se avista uma presa”, o entusiasmo diante das torneiras que cuspiam água sozinhas — e já as da pousada os tinham deixado pasmos, nunca teriam imaginado que houvesse um jeito ainda mais estranho de ver a água jorrar — diante dos espelhos enormes, do formato dos vasos branquíssimos (mas se a gente usar eles vão ficar todos sujos, vão brigar com a gente!), dos bocais de ar quente para secar as mãos, parecia incontível, tanto que alguns se lembraram das suas necessidades apenas uma vez a bordo do avião.

O grito usado na aldeia para dar o alarme ressoou de repente no terminal: um grandíssimo avião reluzente estava aterrissando, fulgurante do reflexo do sol; os rapazes correram desordenadamente na direção da vidraça, alguém foi mesmo bater contra o vidro, alguém estava extasiado, alguém amedrontado, alguém perguntou onde estava o seu arco. Por sorte Moacir e Cauê tomaram nas mãos a situação e iniciaram uma miniconferência, demonstrando a Antônio que tinham compreendido muito bem vários aspectos aeronáuticos que ele próprio teria tido muita dificuldade de contar na Língua.

O momento era carregado de magia: dois indígenas estavam explicando numa língua densa de gestos, trinados e guinchos tudo aquilo que sabiam sobre aviões a uma plateia composta por um grupo de índios isolados que tinham acabado de deixar a sua aldeia pela primeira vez. Os outros viajantes, os guardas e os funcionários já havia horas tinham focado a atenção nesse grupo tão anômalo e ago-

ra estavam assistindo a uma cena que teria sido de grande teatro se não fosse pelo fato de que ninguém estava representando.

Antônio, à parte, tinha reencontrado a confiança; aliás, estava mesmo se divertindo, fortalecido sobretudo pelo fato de ser o único a entender todas as explicações e a poder contextualizá-las corretamente.

— Eles estão explicando como funcionam os aviões, não é? — perguntou George, que viajava com eles e que nesse meio-tempo tinha se aproximado.

— Estão fazendo o melhor que podem — respondeu sorrindo Antônio.

— Os gestos mais ou menos dá para entender, são os sons que são realmente estranhos.

— É? Você acha que dá para entender? Eu tive uma dificuldade danada de aprender eles; fazem parte da Língua, sabia? O mesmo som acompanhado de um gesto diferente pode querer dizer outra coisa completamente.

— Sim, acredito. Mas quando eles apontam o avião, quando abrem os braços para indicar o voo, aquilo dá para entender.

A dona do gato se aproximou por sua vez, curiosa, e encontrou a coragem de fazer a pergunta que lhe tinha ficado presa por dentro havia várias horas:

— Quem são vocês? O que são vocês?

Antônio pensou alguns segundos e depois respondeu:

— Um time de futebol, senhora.

— Ah, vocês são aquele time? Aquele de que a televisão falou?

— Acho que sim; ultimamente eu não tenho visto televisão, sabe, mas acho que sim, se falaram de um time eu acho que podemos ser nós.

— Mas eu entendi mal ou vocês vão jogar a Copa do Mundo?

— A gente vai tentar, senhora, vai tentar.

— E os rapazes são… — fez um gesto com a mão indicando mais ou menos o grupo todo — aqueles ali?

— São, são aqueles ali.

A senhora pareceu satisfeita com a resposta, ruminou apenas um instante e se afastou. Depois mudou de ideia e voltou até Antônio, pegou-lhe uma mão, disse-lhe: “Boa sorte. Eu gosto de vocês. Tenho certeza de que vocês vão ter sucesso. Boa sorte mesmo” e só então voltou à poltroninha ao lado do seu gato, contente.

Quando finalmente chegou o avião deles e se puseram na fila para o embarque na brisa tórrida, Antônio relaxou: a gente quase conseguiu, mais um último esforço.

— A gente vai de novo para perto do sol agora? — perguntou Jaguariúna a Moacir, que foi pego meio de surpresa pela pergunta e pensou um pouco.

— Sabe que eu acho que o sol é mágico? Antes, de dentro do avião eu olhei para ele e ele não estava maior nem mais quente. A gente se aproxima e ele fica igual; quer dizer que é mágico, não é?

Jaguariúna fez o gesto que significa “não sei”, enquanto Antônio passava a contá-los pela segunda vez.

— Tem alguma coisa errada, Antônio? — perguntou George.

— Está faltando um — disse Antônio perplexo. — Estou recontando porque não tenho certeza.

— Se quiser eu te ajudo.

— Quero, obrigado.

E assim, depois de todas aquelas horas de espera, tiveram de contar e recontar três vezes para chegar juntos à conclusão de que sim, efetivamente estava faltando um.

Acharam Icicaribá trancado num dos banheiros, sentado de costas contra uma das divisórias, os olhos riscados de lágrimas — evento raro entre os adultos da aldeia.

— A gente tem que ir, Icicaribá, a gente tem que ir jogar bola.

Icicaribá olhou para Antônio com um olhar vazio e levou um tempo para assimilar as suas palavras.

— Antônio… — Havia alguma coisa que ele queria dizer mas que não conseguia exprimir; fazia amplos gestos com as mãos como que a indicar alguma coisa. — Antônio… — Depois finalmente conseguiu pôr em foco o que queria saber: — Aonde a gente está indo tem árvores?

Antônio o ajudou a se levantar, passou o braço em volta dos ombros dele e o acompanhou lentamente na direção da porta.

— Não tem muitas, mas tem tantas outras coisas que podem proteger a gente. Você acha que consegue?

Icicaribá caminhava lentamente e de cabeça baixa, pensando intensamente.

— Elas protegem a gente? Elas conseguem proteger a gente?

— Conseguem, eu te dou a minha palavra.

— Então sim, eu acho que consigo.

4.16 História

Pode uma partida ser sem história e ao mesmo tempo entrar para a história? Os espectadores presentes no estádio do Morumbi, em São Paulo, teriam concordado que sim, é possível.

O prazo final para decidir as convocações, como todos sabiam, tinha sido fixado em 11 de junho, dia anterior ao início da Copa. Mas à espera de saber se e quando o grupo de Antônio voltaria da floresta, a máquina organizativa tinha ficado em stand-by (jargão técnico para dizer que ninguém tinha feito nada): não tinha sido fixada uma data para a partida que devia decidir quem iria à Copa, nem muito menos tinham sido postos à venda os ingressos.

A essa altura até uma guerra tinha dificuldade em continuar sendo a notícia principal por dez dias; imagine um variegado grupo de índios que tinham voltado à floresta dois dias depois de saltar para a ribalta nacional. A atenção de curto prazo do público tinha sido capturada pela contagem regressiva para a Copa, já na reta final, e pela intensificação dos protestos anticopa nas grandes cidades. Assim que o Asu Ka'a — apesar das previsões de muitos — reemergiu da floresta, procurou-se às pressas um estádio disponível, rádio e TV voltaram a martelar a notícia e nas bilheterias optou-se por um preço popular, mas o resultado foi que ao apito inicial o Morumbi estava semivazio e diante da TV havia um número de espectadores típico de amistoso.

Depois de dez minutos, porém, as linhas telefônicas brasileiras começaram a transportar e a repetir por milhões de vezes a mesma mensagem: você está vendo o jogo? Inacreditável, liga a televisão agora. E uma grande quantidade de moradores do bairro acorreu ao estádio, esperando chegar a tempo de assistir a pelo menos um minuto de um evento que estava entrando para a história do futebol.

Nos primeiros cinco minutos de jogo o time dos índios já tinha aplicado dois gols no Brasil, nos jogadores profissionais que dali a dois dias deveriam vestir a camisa verde-amarela na Copa. Claro, faltavam todas as estrelas, aqueles eram os reservas dos reservas, mas eram ainda assim jogadores de nível internacional: o fato de que um time de desconhecidos os estivesse liquidando com aquela facilidade era estupefaciente. Os índios tinham apostado muito no efeito surpresa: tinham se lançado ao ataque desde os primeiros segundos de jogo e marcado logo com um fenomenal chute de longe de Jaci. O tempo de dar a saída e de entender o que tinha acabado de acontecer e o Brasil tomou o segundo gol, marcado por Cauê e nascido de um lance coletivo armado segundo um esquema que nenhum dos brasileiros em campo tinha visto antes.

Depois o Asu Ka'a respirou um pouco e o Brasil tentou atacar, mas muitos daqueles entre os índios que até cinco minutos antes se comportavam como atacantes agora estavam defendendo como se tivessem nascido na própria área, e isso gerou confusão adicional nos já desconcertados brasileiros. Uma defesa fácil de Moacir seguida de um contra-ataque fulminante levaram com folga o resultado a três a zero para os índios aos quinze minutos.

Antes da partida os dois técnicos tinham concordado com a proposta do Professor Gonçalves de jogar o desempate em 45 minutos. Aquilo que tinha parecido uma sensata escolha tática do experiente Professor para não desgastar o seu time em vista da estreia mundial era agora o prego no caixão da possibilidade de participar da própria Copa. Trinta minutos não pareciam suficientes para virar o resultado e, a bem da verdade, a impressão era de que mesmo que tivessem jogado ainda três horas a única coisa que poderia resultar disso seria uma vitória ainda mais estrondosa dos índios. E assim foi: ao apito final o resultado tinha subido a quatro a zero para o Asu Ka'a, sem que o Brasil tivesse conseguido mais preocupar os adversários.

E enquanto todos os vinte e dois em campo e todos os reservas olhavam em volta atônitos, ainda que por dois motivos opostos, já nas arquibancadas começavam a se ouvir os primeiros, desorganizados cânticos em louvor aos meninos do Asu Ka'a.

À beira do campo o enviado especial do "Bom Dia Copa do Mundo" estava entrevistando o Professor Gonçalves; ao lado deles o Presidente da Confederação e Antônio esperavam a sua vez de falar.

— Não, eu não concordo — estava explicando Gonçalves. — Esta não é uma derrota do Brasil; se tanto, é a enésima demonstração de que o nosso único problema no futebol é o embaraço da escolha.

Antônio ouviu as palavras do Professor — a quem se devia reconhecer tê-la levado com grande filosofia — mas distraidamente, ocupado como estava em segurar as emoções que lhe rodopiavam no cérebro. E ocupado sobretudo em tentar preparar em poucos segundos um discurso que não soasse arrogante demais, mas tampouco humilde demais: no fundo, fazia poucos minutos que ele era — inacreditável, tenho que repetir porque não consigo acreditar — o técnico que levaria o Brasil à Copa do Mundo. Alguma coisa sobre os índios, alguma coisa sobre o Brasil, alguma coisa sobre o valor dos derrotados; não digo um discurso que fique para a história, mas tampouco alguma coisa constrangedora. Pensa, Antônio, pensa.

Nesse meio-tempo o microfone passou ao Presidente da Confederação.

— …e as justas palavras do Professor Gonçalves devem nos guiar nas próximas quatro semanas. Hoje não há um Brasil derrotado e um vitorioso; hoje um grupo de jogadores demonstrou ser mais merecedor que outro de representar o nosso grande País na Copa, e assim será.

Muito bem, belas palavras, pensou Antônio.

— Naturalmente a língua é um obstáculo, mas de acordo com o Professor Gonçalves nós pensávamos em propor ao senhor Almeida que se agregue ao time no papel de intérprete e, mais em geral, especialista em assuntos indígenas. Temos certeza de que desse modo conseguiremos valorizar ao máximo as competências de cada um dos protagonistas e permitiremos a estes fantásticos rapazes que nos representem da melhor forma.

Hã?

Todas as palavras que Antônio tinha preparado sumiram no mesmo instante; pareceu-lhe vê-las evaporar diante dos seus olhos. Entendeu que tinha falado só quando ouviu o enviado agradecer-lhe e passar a linha para o estúdio, mas não fazia a menor ideia do que tinha dito.

Capítulo 5

5.1 Regras

É como se te dissessem que você ganhou na loteria mas que depois, para retirar o prêmio, você tem de levar uma bordoada na cara. Aliás não, como se você pudesse morar na casa mais bonita do mundo mas a entrada fedesse e não houvesse jeito de fazer sumir o cheiro ruim. Não, também não.

A mente de Antônio, em estado de obnubilação havia quase uma hora, voltou à luz agarrando-se a uma teoria antiga sua: as comparações se sustentam só até certo ponto, passado o qual viram rapidamente uma babaquice. Mas afinal, para quê fazê-las? As comparações deveriam servir para explicar alguma coisa que é difícil de compreender. A situação dele era uma droga, mas não era difícil de compreender.

Bom, no vestiário não faltavam os olhares interrogativos. Os rapazes da segunda leva tinham dificuldade de entender o que estava acontecendo: para eles a Copa do Mundo ainda era aquela coisa de que Antônio tinha falado muitas vezes e que eles tinham transformado numa boa brincadeira quando eram crianças, e o Brasil era aquele lugar em que de vez em quando era preciso dizer "É para a senhora, Dona Gesita", o bordão gerado por Moacir.

Os da velha guarda, em compensação, estavam entendendo bem, e as reações deles oscilavam entre o espanto, a indignação e a raiva.

— Mas o que quer dizer exatamente que a partir de agora o nosso chefe é aquele ali e que a gente vai ter de fazer o que ele mandar?

— Quer dizer o que quer dizer, Moacir. Ou será que eu não conheço mais a nossa língua? — Antônio sabia que os meninos não tinham culpa nenhuma e que ser cáustico não servia para nada, mas custava-lhe se conter. — Imagino que daqui a pouco o Professor Gonçalves venha aqui com os seus assistentes — continuou Antônio — e explique para a gente o que é preciso fazer agora. Em que hotel ir, como treinar, o que comer, com que tática jogar as próximas partidas, tudo.

— O que comer? — disse Itaúna, com um espanto dirigido mais que outra coisa a suscitar a reação de Piraí, que porém olhou para ele com um ar em parte resignado e em parte "o que você quer de mim".

A atenção de Yamandé, ao contrário, estava toda voltada para o aspecto futebolístico:

— E com que tática você quer jogar? A gente vai lá e ganha, como sempre fez até agora.

— Esta é a Copa do Mundo, Yamandé, é muito diferente. Os adversários são muito, muito mais fortes.

— Mas se a gente ganhou do Brasil de 4 a 0 num tempo só!

Antônio não teve tempo de fazê-lo raciocinar sobre o fato de que aquele não era certamente um Brasil de lenda mas uma cópia pálida e apagada dele, porque já Brejauva e Eçaí tinham deslocado a conversa para outro lugar.

— Por que a gente tem que mudar de moradia? Onde a gente dormiu ontem era lindíssimo!

— Isso! A gente agora é o Brasil! O Brasil tem que dormir no lugar mais bonito.

Antônio sorriu ao pensamento de que o hotelzinho em que tinham se hospedado (o orçamento da Rede Norte não permitia luxos excessivos) parecesse, para eles que tinham como única medida de comparação a pousada de Gesita, o máximo do luxo. Não explicou nada, eles entenderiam sozinhos dentro de poucas horas, mas considerou com amargura como era preciso pouco, para alguns, para virar campeões mimados.

Depois, como previsto, ouviu-se bater, e no vestiário entraram o presidente da Confederação, o Professor Gonçalves e uma nuvem de outros desconhecidos, recebidos por dois ou três "É para a senhora, Dona Gesita", cúmplice talvez o equívoco de ter tomado essa fórmula por uma saudação genérica, ou talvez a confusão geral devida a todos aqueles diálogos repentinos em português. O fato é que, enquanto Gonçalves falava, na mente dele tinha se consolidado definitivamente a convicção de ter diante de si um grupo de idiotas.

Os rapazes escutaram em total silêncio as palavras do presidente e do Professor e a tradução de Antônio. Mas assim que a porta se fechou de novo e ficaram outra vez sozinhos, no vestiário desencadeou-se o pandemônio.

— Hoje à noite a gente tem que ir dormir cedo? Mas eu queria comemorar!

— Eu queria ir ver a aldeia. Quando a gente voava dentro do avião eu vi umas cabanas altíssimas, quero ver de perto.

— E essa loucura de que a gente não pode se pintar?

— Sério mesmo? Eu achei que fosse brincadeira.

— Olha a cara do Antônio, não me parece que ele esteja brincando.

— Mas eu ainda não entendi quem foi que disse que a gente tem que fazer o que aquele ali manda e não pode fazer como bem entende.

— É este mundo que é feito assim — cortou Cauê. — Eu entendi que eles chamam isso de regras. Para mim eles são todos bobos.

O celular do time tocou. Moacir o passou a Antônio, que o pegou ainda mais contrariado que de costume. Antes que conseguisse atender, a porta do vestiário se reabriu e reapareceu a cara de Gonçalves, com aquele maldito sorrisinho dele, junto com aquele outro jovem que estava sempre com ele e de quem não dava para entender se parecia mais resignado ou mais obsequioso.

— Almeida, aliás: Antônio. Posso chamá-lo de Antônio? Estamos no mesmo time agora. O senhor pode dizer aos meus jogadores que eles ainda não podem deixar o estádio? Eu queria levá-los ao hotel o quanto antes, mas infelizmente há toda uma série de trâmites burocráticos a resolver. Nós convocamos às pressas o diretor do registro civil central de São Paulo, ele vai estar aqui o quanto antes. Obrigado.

Antônio fitou a porta que tinha acabado de se fechar às costas de Gonçalves.

Os MEUS jogadores?

Depois o telefone tocou de novo. Antônio olhou para ele quase sem vê-lo, sopesou-o na mão e depois o arremessou contra a parede com toda a força que tinha.

Do outro lado da porta, o sorrisinho de Gonçalves se intensificou.

— Você ouviu esse barulho, Thiago? Parece que eu e o Almeida temos pelo menos uma coisa em comum.

5.2 Confiança

— Antes ele não atendia, agora diz que está desconectado — disse Isabel pousando o telefone.

— Ele deve ter muitos pepinos para resolver neste momento. Tenta de novo mais tarde — disse-lhe Robert, sentado no sofá vendo as reportagens na TV, apinhadas de comentaristas ainda incrédulos com o que tinha acabado de acontecer.

— Sim, eu tento de novo mais tarde. Mas que injustiça. Que injustiça tremenda tirar dele o papel de técnico. Coitado do Antônio, quando entrevistaram ele parecia em transe. Para mim não tinham dito nada e ele descobriu ali de repente.

— Em compensação você acabou de resolver o problema do financiamento da Fundação.

— O que você quer dizer?

— Bom, por mais absurdo que soe, o Asu Ka'a Futebol acaba de ganhar o direito de ir à Copa do Mundo. Não sei exatamente quanto dinheiro vai caber a eles, mas com certeza se fala de cifras grandes. Quase que eu lamento não fazer os meus chefes desembolsarem uns trocados; eu tinha mais que meia ideia de propor a eles um patrocínio…

Isabel abriu o navegador no seu telefone e fez uma busca rápida:

— Você tem razão. Assim de repente eu não achei o Brasil, mas aqui diz que aos times classificados cabem cerca de seis milhões de dólares. Nossa! É realmente uma bela quantidade de dinheiro. Não sei se vai para a Confederação ou diretamente para os jogadores, mas com certeza a eles vai caber uma bela fatia. — E logo depois acrescentou: — Ou pelo menos eu espero.

— Por que você diz isso?

— Bom, o Antônio me contou que no início, com a Rede Norte, tinha havido problemas com o pagamento dos meninos; o diretor tinha até tentado não pagar eles de jeito nenhum.

— Que babaca!

— Pois é. E depois com certeza vai haver problemas burocráticos, sabe, com o fato de que estes rapazes ainda formalmente não têm nem um documento, uma certidão de nascimento, uma conta em banco…

— Praticamente não têm nem um nome!

— Como assim? — nisso Isabel nunca tinha pensado.

— Quer dizer, têm, sim, mas sabe, a tradição de escolher o nome para pôr na camisa. É uma coisa que eu sempre admirei em vocês brasileiros: diz muito sobre a atitude com que vocês encaram o esporte, como se ainda fosse a brincadeira de quando se era criança.

Isabel ficou lisonjeada com o elogio. Ela gostava quando Robert, arquiteto alemão certinho, sublinhava alguma qualidade do seu Brasil; isso a fazia sentir presentes as raízes comuns daquela humanidade cujo sentido com demasiada frequência lhe escapava das mãos.

— Bom, mas sabe, eles são brasileiros só no sentido de que nasceram dentro das nossas fronteiras; eu duvido que conheçam essa nossa tradição específica.

— Considerando como eles jogam bola, eu me espantaria se não conhecessem. Tenho certeza de que o Almeida falou disso com eles. Mas aliás, você disse antes que eles não têm nem uma conta em banco. Então como é que o dinheiro da Rede Norte foi depositado para eles?

— Foi depositado tudo na conta do Antônio.

— Ah — fez Robert. Um "ah" de significado muito claro.

— Não, ahahaha, não pense mal! Foi transferido tudo até o último real para uma conta que a gente abriu para a Fundação.

— Hum, okay.

— Por que você faz essa cara? O que não te convence?

Robert pensou alguns segundos. Tinha entendido quase logo (quase) que entre Antônio e Isabel não havia nada com que ele devesse se preocupar. A paixão que Isabel punha nas conversas que diziam respeito a ele se devia à sua natureza tão sentimental que beirava a retórica (e não raro caía nela de cheio), além naturalmente do interesse que ultimamente tinha se reacendido nela pela terra natal. Para Isabel, Antônio era apenas o fole para soprar sobre esse interesse renovado. Robert entendia isso e por isso até aquele momento tinha guardado para si toda perplexidade a respeito dele. Mas agora se tratava de alguma coisa que dizia respeito à Fundação, mais do que a Antônio, e assim decidiu falar.

— Perdoa a pergunta, mas os rapazes sabem da existência da Fundação?

— Mas claro que sabem! — respondeu indignada Isabel, quase sem deixá-lo terminar a pergunta. Mas Robert não se deixou intimidar.

— Eu me expressei mal, desculpa. O que eu quero dizer é que uns jovens índios que viveram a vida inteira na Floresta Amazônica e saíram dela só três meses atrás… Pois é, me parece estranho que tenham toda essa consciência da situação deles. Não é que na floresta exista o Gazetinha da Amazônia que os informe do problema do desmatamento ou da condição dos índios no Brasil de hoje.

— E daí? — perguntou Isabel, com um tom ao mesmo tempo defensivo e agressivo.

— E daí que me chama a atenção que eles decidam investir o seu primeiro dinheiro na solução de um problema que provavelmente até três meses atrás não sabiam que tinham.

Antes que Isabel pudesse dizer alguma coisa, Robert prosseguiu:

— E aliás, agora que eu penso nisso, me chama ainda mais a atenção que eles tenham claro o conceito de dinheiro. Em particular que tenham bem claro o conceito de quantidade de dinheiro. Que, admitindo que saibam contar, compreendam concretamente, e eu sublinho concretamente, qual é a diferença entre três mil reais e trezentos mil.

A cara de Isabel não prometia nada de bom. Robert levantou as mãos e se sentiu no dever de esclarecer ainda mais o seu pensamento.

— Escuta, eu não quero insinuar nada. Eu te juro. Nem eu mesmo sei bem o que eu queria dizer. Tenho certeza de que essa iniciativa de vocês, essa tua iniciativa, é a melhor coisa para eles. Que seja… mas a gente acabou de ler, não foi? A gente leu que agora vai chegar um monte de dinheiro para eles. Depois, se eles avançarem na Copa — e acabaram de mostrar que têm capacidade para isso —, vai chegar ainda mais. E eu tenho certeza absoluta de que nas principais agências de publicidade do mundo neste momento estão esfregando as mãos. Se por acaso depois de amanhã eles ganharem da Croácia, você acha que não vão aparecer os empresários do mundo inteiro tentando pôlos sob contrato? E eu estou falando só da gente honesta. Você sabe quantos tubarões lá fora estão lixando os dentes ao pensamento de vinte e três rapazes que não têm nem o conceito de dinheiro e que de repente ficaram ricos?

Isabel se levantou, ajeitou os cabelos e se dirigiu à janela do escritório de Robert. Ele estava se preocupando sobretudo com ela, entendeu. Vieram-lhe à cabeça os versos de Hamlet: “Não empreste dinheiro nem tome emprestado, porque o que se empresta muitas vezes se perde junto com o amigo, e as dívidas fazem extraviar o senso da parcimônia.”

Mas o que Robert não tinha, ou tinha e ignorava, era o instinto dela. Ela sabia, sentia como uma voz que falasse ao seu coração de mulher e de brasileira, que aquela era a coisa certa a fazer. Sentia que proteger a aldeia, defender aquele pedacinho incontaminado de floresta, era o melhor modo de tutelar aqueles rapazes e o mundo deles, o ambiente deles, as famílias deles justamente dos tubarões de que Robert falava. Mas não podia falar disso com ele; o instinto não era um argumento para Robert.

— Confia em mim — limitou-se a dizer depois de um longo silêncio. — Eu sei o que estou fazendo.

Robert captou aquelas palavras como o sinal de que seria a hora de deslocar a conversa para outro tema. Mas antes ele não tinha conseguido exprimir cabalmente um conceito, e esclarecer o seu pensamento era uma exigência superior.

— Pois é, era precisamente isso que me deixava perplexo: proteger a floresta deles é a coisa certa a fazer. Mas proteger alguém de um perigo do qual ele não tem plena consciência é uma coisa que os pais fazem com os filhos. Estes são homens. Homens que vêm de uma situação particular, mas homens. Nós temos, vocês têm certeza de que eles não desejam esbanjar todos os seus haveres em mulheres e motores como os colegas deles das outras seleções? Por mais que fosse certamente uma pena, seria pleno direito deles fazê-lo se essa fosse a vontade deles. É isso que eu queria te convidar, convidar vocês a fazer: certificar-se da vontade deles. A deles, não a de vocês, por mais bem-intencionada que seja.

— Você tem razão. Tenho certeza de que o Antônio vai perguntar isso a eles ou já perguntou, e para ir pelo seguro eu também vou perguntar. Mas você tem razão também no fato de que eles são homens e não crianças. Tenho certeza absoluta de que eles já entenderam muito bem sozinhos que daqui para a frente vai ter pouco o que brincar.

5.3 Paolorossi

— Mas como Paolorossi? Mas esse idiota ainda está tirando com a minha cara?

O cumprimento das formalidades burocráticas, graças à ajuda do diretor do registro civil de São Paulo, César Azevedo, tinha corrido tranquilo. Surpreendentemente tranquilo. Pelo visto já havia um procedimento padrão para dotar de documento de identidade e cidadania brasileira os índios saídos da floresta. Antônio tinha notado consigo mesmo que nunca tinha se cansado tão pouco por um trâmite burocrático na vida, e nada lhe tiraria da cabeça a ideia de que tudo aquilo se devia exclusivamente ao novo status deles de jogadores da Seleção. Por um instante lhe pareceu até que Azevedo e o assistente de Gonçalves se conhecessem, mas, qualquer que fosse o motivo daquele procedimento sem percalços, a cavalo dado não se olham os dentes.

Depois, porém, chegou o momento da burocracia futebolística: atribuir os números de camisa e indicar o nome que cada um deles carregaria nas costas pelo mês seguinte. Aí Antônio descobriu que o trabalho de intérprete podia ser cansativíssimo. Sim, fazia mais de três meses que ele traduzia do português para a Língua e vice-versa, mas agora era muito diferente. Fora o fato de que ter acabado de assinar um contrato mudava toda a dinâmica, e de que as pessoas para quem traduzir antes eram sete e agora eram vinte e três, a coisa que mais o punha em dificuldade era traduzir atenuando ou censurando de todo os insultos que Gonçalves e os rapazes trocavam à revelia um do outro.

— Ele diz que quer saber se você está falando sério ou se está tirando com a cara dele.

— Claro que estou falando sério, eu não sou um palhaço como ele.

— Ele diz que está falando sério.

Depois de uma série de vaivéns tinha ficado claro que Yamandé seria inflexível. Graças a Antônio, ele conhecia muito bem a tradição brasileira de usar apelidos em vez dos nomes e, também graças a Antônio, conhecia igualmente a história de Paolo Rossi, que, tendo voltado depois de uma longa ausência poucos dias antes do início da Copa de 1982, tinha depois arrastado a Itália ao triunfo: Yamandé esperava que tomar o nome dele fosse de bom augúrio.

— Esse metido já se vê campeão do mundo, hein? Quer repetir a história do Paolo Rossi, hein? Então vamos repetir ela inteira: nas três primeiras partidas o Paolo Rossi jogou pessimamente, portanto, como nós somos espertos e já sabemos tudo com antecedência, depois de amanhã você, meu belo rapazinho, vai para o banco.

Assim que Antônio terminou de traduzir a decisão de Gonçalves, no vestiário desceu o gelo. Numerosos olhares de desafio lhe foram lançados, mas Gonçalves aguentou o olhar de todos, e quando perguntou se mais alguém tinha alguma bela ideia para o nome a pôr na camisa, por alguns segundos ninguém respondeu e muitos olhos se abaixaram para o chão do vestiário.

Depois Jaci se levantou e disse:

— Eu na camisa queria escrever Marcos. Tenho certeza de que ele vai gostar.

Antônio procurou no seu arquivo mental de grandes campeões do esporte quem seria esse Marcos, depois se lembrou dos meninos das baixadas com quem Jaci jogava bola e daquele garotinho que batia bem os pênaltis. Explicou a coisa a Gonçalves, que não teve nada a objetar, e isso trouxe de volta um pouco de serenidade ao vestiário.

— Mais alguém?

— Mais alguém?

Cauê notou uma harmonia restabelecida e levantou o braço para agitar de novo as águas:

— Eu queria escrever Yaia. É graças a ela que a gente está aqui. E além disso ela é muito bonita.

Antônio se dirigiu, desolado, a Gonçalves:

— Ele quer se chamar Yaia.

— E por quê?

— Não entendi.

— …Mas ele está brincando?

— Tomara.

— Meu deus. Nos ajuda aí.

— Cauê, mas você está falando sério?

Cauê respondeu, com um olhar eloquente:

— Mas você acha mesmo que eu quero pôr um nome de mulher na camisa?

5.4 Barreiras

Moacir
Marcos
Piata

Ubirajara
Itaúna
Tainí

Ubiratan
Jaguariúna
Icicaribá

Cauê
Piraí

— Eu não tinha entendido que a gente ia ter que jogar contra os anciãos.

— Não são anciãos, são todos muito mais jovens que o Antônio.

— São anciãos. Alguns até têm aqueles pelos no queixo, como o Antônio. E além disso o que é que isso tem a ver, eles são mais jovens que o Antônio mas o Antônio é muito ancião: se vocês pensarem bem, é como se ele tivesse vivido duas vidas e na primeira já fosse ancião.

— De todo jeito o Antônio disse para respeitar eles porque estes…

— Anciãos?

— …jogadores são todos muito fortes e jogam todos na Europa, que é um lugar muito velho e distante.

Antônio mantinha os olhos fechados no sol da tarde. As conversas que vinham dos rapazes sentados no banco a poucos metros dele, tagarelas que nem comadres, o distraíam agradavelmente de uma certa ansiedade: ele não se sentia muito tranquilo por causa das polêmicas que tinham continuado até cinco segundos antes de deixarem o vestiário.

— Quem sabe como é essa Europa, hein? E quem sabe como é esse lugar, a Croácia…

— Quanta gente que tem; será que vêm todos da mesma aldeia?

— Não.

— Vêm.

— Se diz cidade.

— Talvez aqueles brancos e vermelhos venham todos da mesma cidade. São pouquíssimos.

— Não são pouquíssimos, são muito mais que nós, quer dizer, mais que nós na aldeia.

— Talvez a Croácia seja uma aldeia muito grande.

— Se diz cidade.

— Silêncio, silêncio, começou uma música!

— Que música é?

— É o canto das festas da Croácia, eu não lembro como se diz em português…

— Alguma coisa nacional, tipo “som nacional”, “canto nacional”…

— Hino — sussurrou Yamandé. — Hino nacional.

— Ah, isso.

— Isso.

— Pronto.

— Agora é a vez do do Brasil; vocês lembram dele?

— O Antônio tinha cantado de vez em quando.

— Eu não lembro.

— Calados, que está começando.

— Calados!

De pé, Antônio cantava um pouco incerto o hino nacional. Incerto porque não lembrava bem todas as palavras, porque estava arrasado pela emoção do evento, de um estádio cheio de gente que cantava com ele o hino de abertura da Copa, e também porque se dava conta de que os seus meninos eram os únicos que não sabiam as palavras do hino, tirando Piraí e Cauê que de algum modo lembravam algumas, e essa cena na televisão não seria uma boa publicidade para eles.

— Todo mundo cantava, foi muito bonito.

— As minhas pernas estão tremendo de emoção, eu acho que é porque a gente não pintou o corpo.

— Eu também, sem o corpo pintado eu me sinto vazio, fraco.

— É.

— Eu também.

— O Moacir se pintou.

— Ele se pintou? Sério?

— Sério, não no rosto mas no corpo e nos braços. Com uma daquelas canetas do Antônio. Ele tem que usar a roupa que cobre ele todo, disse que ninguém vai perceber.

Deve ter aproveitado a confusão que houve no vestiário, pensou Antônio; eu não tinha percebido que ele tinha feito isso.

Os rapazes tinham sido escalados pelo Professor Gonçalves num clássico 4-4-2, mas, apesar do empenho de Antônio em traduzir o melhor possível as suas indicações, mais de um resmungo e de uma reclamação tinham brotado dos jogadores.

— Não se joga assim — tinham protestado. — Não é este o jogo da bola!

Antônio não tivera coragem de reportar fielmente esse tipo de argumento ao técnico da seleção mais laureada da história, e se limitara a dizer aos seus meninos que também com aquela disposição em campo eles deveriam dar o melhor de si.

— Vocês não se incomodam com esses sapatos com dentes?

— Travas — corrigiu Yamandé.

— Muito.

— Eu não muito, mas eu lamento ter caído quando eles pararam a gente antes de entrar no campo.

— Escorregava.

— Muito.

— Eu também quase caí.

— Alguém da Croácia começou a rir.

— Eu não vi!

— É porque a gente não se pintou.

— Você tem razão.

— É verdade.

Eram engraçados de ver, bem fechados nos seus moletons e com os capuzes puxados até os olhos: pela primeira vez estavam experimentando uma temperatura mais baixa que vinte e cinco graus e tinham tido de aceitar a explicação de Antônio de que não, eles não estavam doentes, aquilo se chamava “fresco” ou, se preferissem, “frio”. E pela primeira vez tinham entendido qual podia ser uma função sensata do vestuário.

Mas enquanto os rapazes no banco comentavam, os que estavam em campo pareciam mais concentrados em se adequar às instruções e contar até quatro do que em jogar contra os croatas, que começaram com um verdadeiro abafa. Jaci em particular, acostumado a circular muitíssimo, parecia gravemente desconfortável ao ter de fazer o lateral puro, ao ter de seguir sempre o mesmo homem, ao ter de se limitar a uma zona a seus olhos tão restrita do campo. E talvez a culpa também fosse de Antônio, que lhe tinha dito que ele devia se certificar de que os zagueiros fossem sempre quatro e formassem sempre uma linha: era mais o tempo que ele passava a chamar e contar e alinhar e recontar do que a jogar.

Aos cinco do primeiro tempo Gonçalves já estava de pé, roxo, berrando insultos que Antônio do banco — a ele não era permitido se levantar (e tecnicamente nem falar com os jogadores, salvo a exigência de traduzir) — tentava como podia reportar. Daquele momento em diante o bordão "IDIOTASIDIOTASIDIOTAS!" faria a cada poucos minutos de trilha sonora do primeiro tempo.

— Estes estão batendo nos nossos.

— E o árbitro não apita nunca.

— Olha, olha, mais um chute no Tainí.

— Esse foi forte.

— Quando o Tainí faz aquela cara quer dizer que está sentindo muita dor.

— E olha só como ele corre!

— Boa, Tainí!

— Vamos!

— Uma cotovelada!

— Ubiratan!

— Está sangrando!

— O árbitro está fazendo os gestos de sair.

— É — interveio Antônio —, é preciso fazer ele parar de sangrar, senão ele não pode jogar.

— Sério?

— E por quê?

— É, por quê?

— Antônio… — perguntou confuso Ubiratan enquanto lhe curavam o nariz. — Como é que a gente faz? Eles batem na gente e o árbitro não apita!

— Vocês não estão concentrados; também durante a turnê alguém entrou duro, mas vocês nunca tinham reclamado.

— Hoje é diferente.

— É, isso eu vejo.

Aos dez do primeiro tempo um lance croata se desenvolveu ao longo da lateral esquerda. Piata escorregou nas proximidades da linha de meio-campo (ainda não tinha se adaptado de todo ao ter de usar os sapatos) e deixou passar um passe na direção de Kovadric que, quase na linha de fundo, disparou um cruzamento tensíssimo. Jaci estava convergindo para o centro tentando cobrir dois atacantes que tinham se desgarrado prontamente. A bola, que tinha se enfiado numa selva de pernas e ti-

nha sido tocada e desviada por companheiros e adversários, brotou diante dos pés dele, e ele, que não tinha como parar a sua corrida, acertou-a e a fez terminar no fundo da própria rede.

— Não!

— Como é que ele fez isso!

— Ele não viu ela passar!

— Um a zero!

— Para eles!

— Não!

Um silêncio alienígena desceu sobre o estádio de São Paulo e sobre a nação inteira. Os poucos milhares de croatas presentes nas arquibancadas explodiram de uma alegria inesperada e incontível. Gonçalves colapsou no banco com um olhar torvo, Jaci gesticulou e gritou na própria língua sabe-se lá o quê. Antônio olhou para os seus jogadores desamparados, em campo e no banco: o que estava acontecendo não era justo, os seus meninos podiam jogar muito melhor que aquilo. A situação em que ele se encontrava não lhe dava quase nenhum espaço de manobra, mas ele tinha de fazer alguma coisa.

O jogo recomeçou com uma Croácia mais cautelosa, e isso permitiu ao Brasil respirar e a Gonçalves se acalmar.

— Uma manada de idiotas — sussurrou a Antônio com um rosnado contido. — A gente veio jogar a Copa do Mundo com uma manada de idiotas.

— O que o Professor está dizendo?

— Ele continua repetindo sempre a mesma palavra.

— O que significa?

Foi naquele momento que Antônio entendeu o que fazer. É uma ideia louca mas pode funcionar, pensou. Eu só tenho que esperar o momento certo.

— Viu que eles são anciãos? Eu te disse!

— Eles não estão mais jogando, ficam esperando a gente no meio-campo para bater na gente.

— Não correm mais como antes.

— Estão cansados.

— É, porque são anciãos.

De fato, a despeito do começo confuso, tinha-se chegado até os vinte e cinco minutos sem outros grandes sustos: Jaci parecia ter decidido ignorar as disposições que lhe tinham sido dadas e começar a jogar mais adiantado, e quanto mais o tempo passava mais ele tomava coragem, já conseguia chegar ao cruzamento com regularidade e ainda assim estar presente na cobertura.

O primeiro a seguir o exemplo dele foi Cauê que, cansado de ficar lá na frente isolado, começou a voltar para recuperar bolas. E dois jogadores de Antônio pela faixa esquerda eram mais que suficientes para armar uma “flecha envenenada”.

Aos vinte e nove, mais um arranque de Jaci induziu o técnico croata, preocupado com a sua evidente frescura física, a deslocar o centro de gravidade do time na direção dele. Isso deu a Cauê mais espaço do que ele precisava: um passe preciso, uma arrancada repentina e a flecha disparou reta e impegável na direção do canto inferior esquerdo do altíssimo mas lento goleiro croata.

A festa explodiu. O público brasileiro, que depois do gol sofrido parecia em choque, retomou de uma só vez o fôlego, e um grito libertador sacudiu os próprios alicerces do estádio. O banco saltou de pé e os rapazes começaram a comemorar do jeito deles, enquanto Antônio, concentradíssimo, não deixou escapar a ocasião. Chamou de lado Ubiratan e Piraí e no espaço de um minuto, fingindo traduzir as indicações de Gonçalves, passou-lhes todas as disposições que pôde. Quando o jogo recomeçou, os rapazes não seguiam mais o 4-4-2, ainda que Gonçalves não parecesse perceber.

— Assim está melhor.

— É.

— Dá para fazer a onça silenciosa.

— E outra flecha envenenada.

— E lá adiante tem espaço também para um arco esticado demais.

— Boa, Ubiratan! Ele também percebeu!

— Isso!

Aos quarenta, o volante croata Modolic pegou a bola no meio-campo e com uma arrancada de surpresa chegou até a intermediária, onde foi contrastado por Jaguariúna, acabando no chão.

— Ele se jogou.

— Não é falta.

— O árbitro apitou?

— Mas não era falta!

— São anciãos, caem mais facilmente.

— Mas ele não caiu, ele se jogou!

Os jogadores brasileiros se olhavam entre si incrédulos, sem saber bem o que fazer. Para complicar as coisas, Moacir estava gritando para não pôr a barreira e para deixar livre a visão da bola. Os próprios jogadores croatas não acreditavam nos seus olhos.

— O que é que o idiota do gol está dizendo? — perguntou Gonçalves já sabendo a resposta.

Antônio o ignorou ostensivamente, mas já do banco os seus meninos estavam gritando inutilmente:

— Barreira! Barreira! Moacir! Põe uma barreira! Olha que estes chutam quase tão forte quanto a gente!

A cobrança de falta sem ninguém na frente partiu veloz e precisa na direção do ângulo. Moacir, com todos os seus reflexos quase sobre-humanos, conseguiu se esticar e roçar a esfera o tanto que bastou para fazê-la terminar clamorosamente no travessão. Foi questão de um centímetro.

Gonçalves a essa altura parecia a sombra de si mesmo. Sentava no banco virado de lado, tagarelando sozinho e dirigindo apenas raros olhares ao gramado.

Durante o intervalo Antônio aperfeiçoou a sua ideia. Em vez de traduzir diligentemente as palavras de fogo de Gonçalves, inventou um arrependimento do Professor e deu aos rapazes indicações sobre como se dispor em campo de maneira muito mais parecida com aquela a que estavam acostumados, aproveitando também a substituição de Tainí, ainda dolorido pela pancada levada no início da partida, por Brejauva.

O segundo tempo começou com uma incursão de Piraí pela direita: driblados dois homens, ele se enfiou na área, onde Lovruka conseguiu lhe surrupiar a bola com um carrinho desesperado um centésimo de segundo antes do chute. Intervenção regularíssima, ainda que Piraí, arrastado pelo impulso, tenha desabado espetacularmente no chão. O árbitro, porém, não teve dúvidas: apitou pênalti a favor do Brasil.

Os meninos de Antônio tinham jogado o primeiro tempo inteiro com uma atitude muito humilde tanto em relação aos adversários quanto em relação às decisões arbitrais, que às vezes tinham sofrido sem entender o significado. Mas no segundo tempo alguma coisa tinha mudado. Precipitaram-se em massa para cima do árbitro protestando vigorosamente e, apesar da incomunicabilidade, logo ficou clara aos espectadores presentes e aos conectados em rede mundial a natureza dos protestos: sustentavam que não era pênalti, que o árbitro tinha se enganado porque Piraí tinha caído sozinho; gritavam:

— Não pênalti! Não, não!

Cauê gritou também:

— Injusto! Injusto!

O público em festa não entendia o que estava acontecendo, nem entendia Gonçalves, que tinha se projetado de pé ao apito do árbitro.

Árbitro que, pego completamente de surpresa por uma situação provavelmente nunca ocorrida antes num campo de futebol, reagiu por instinto advertindo Piata com cartão amarelo e expulsando Icicaribá, cujos protestos eram particularmente acesos, antes de se consultar com o bandeirinha e com o quarto árbitro: o pênalti devia ser batido de todo modo.

Foi Cauê que se encarregou da cobrança, enquanto um estádio e um planeta inteiro se interrogavam sobre as suas intenções. Gonçalves, de pé, a essa altura gritava apenas vogais sem nenhuma outra articulação, enquanto Cauê, com olhos flamejantes, não tomou nem impulso e apoiou lentamente a bola no goleiro, que a defendeu parando-a com um pé e mandando-a logo para a lateral.

O público prendeu longamente a respiração; Cauê não se moveu: os croatas, os brasileiros, ninguém ousava respirar, o próprio Gonçalves ficou petrificado. Até que de um setor das arquibancadas no anel mais alto um garoto começou a bater palmas, rompendo o encanto e provocando uma reação

em cadeia que provocou o aplauso mais longo de que se tenha memória no estádio de São Paulo. O próprio Gonçalves se surpreendeu batendo palmas, e um minuto depois as agências de notícias do mundo inteiro fariam desse evento o mais popular em absoluto de toda a história do futebol.

A vitória no fim conquistada por 3 a 1 pelos meninos de Antônio, a felicidade de Yamandé, que jogou os últimos dez minutos e acertou também duas traves com um só chute (Gonçalves juraria que ele tinha feito de propósito), e as comemorações seguintes passaram quase para segundo plano.

Símbolo da partida e talvez da Copa inteira já tinham se tornado os olhos flamejantes de Cauê.

5.5 Opispo

Opispo não era homem de guardar rancor. Guardar rancor faz perder tempo e ofusca a mente; ele era mais pela rapidez de pernas e de pensamento. Se tivesse olhado para trás, mas ele não era homem de olhar para trás, o fato de a descoberta midiática dos meninos de Almeida ser atribuída à Rede Norte e não à sua Gazeta poderia tê-lo incomodado. Mas Opispo era homem convicto de que o sucesso sorria a quem olhava para a frente. Só olhando para a frente um jornal com meios limitados como o dele podia chegar primeiro, sobretudo agora que os índios estavam ficando realmente famosos e estavam entrando em campo os figurões da imprensa. Olhando para a frente, ele tinha visto o que eles se tornariam, do ponto de vista midiático, se conseguissem se classificar para a Copa: e, como tantas outras vezes, tinha visto certo, repetia para si mesmo, satisfeito.

Mas às vezes, para olhar para a frente, é preciso olhar muito mais para trás: por isso tinha ido a Monte Dourado, em busca de informações sobre a origem do time do Asu Ka'a Futebol. As tribos de índios isolados em geral eram material interessante; estes, além do mais, estavam cercados daquela auréola de mistério que sempre faz bem a uma boa história: ser o primeiro a revelar o exato lugar de proveniência deles seria um golpe de mestre.

A ideia inicial tinha sido a de segui-los às escondidas até a aldeia — jornalismo investigativo, sempre tinha sido o seu forte —, mas logo tinha mudado de ideia: perigoso demais, pode ter onças, bichos venenosos, tribos de canibais e sabe-se lá o que mais. Assim tinha decidido exercer as suas capacidades investigativas num terreno mais confortável e ficara vagando entre Monte Dourado e Laranjal em busca de algum mote. Mas ali já havia concorrência demais; para achar uma história realmente original era preciso olhar ainda mais para a frente, mais para trás, mais fundo, mais à direita, mais ao lado. Era preciso oferecer cervejas, falar e fazer falar e escutar, sobretudo escutar: o mandamento de todo verdadeiro jornalista de assalto.

Talvez na verdade fosse isso que o distinguia dos outros, pensava: não a rapidez de pernas, que aliás não era desprezível, mas ao contrário a paciência. Os outros chegavam com a história pré-fabricada e procuravam apenas notícias que a sustentassem. Ele não; ele tinha a paciência de esperar que o contato certo, e sobretudo a ideia certa, se lhe apresentasse. E de tanto falar e refalar, agora ela tinha se apresentado. Talvez ele viesse a se tornar o homem mais odiado da nação: justamente agora que o Brasil parecia ter achado uma Seleção de sonho, quebrar o sonho de um País inteiro podia ser arriscado. Mas a uma boa ideia um verdadeiro jornalista não renuncia.

Por esse motivo ele se encontrava agora em Santarém, na esperança de falar com aquele que o ajudaria a olhar para trás no ponto certo. Nesse meio-tempo, por que não olhar para a frente e desfrutar das graças desta senhorita em aproximada fantasia de sucuri que se remexe tão habilmente bem aqui a poucos passos? Quando terminou de admirá-la, fez-lhe sinal para se aproximar e lhe perguntou:

— Querida, a senhorita é ótima! A senhorita já pensou em fazer cinema? Eu tenho muitas entradas, posso dar uma palavrinha. Mas já que a gente está aqui, tesouro, por acaso a senhorita conhece um tal de Pepê? É representante de lingerie, me dizem…

O que é o gênio? É intuição, tenacidade, uma pitada de sorte. É ter uma ideia vencedora e ter a capacidade de chegar aonde ninguém tinha chegado antes. A aldeia índia daquele Almeida, onde fica? Na floresta, de acordo, mas alguém se perguntou onde ela fica de verdade? Porque, digamos francamente, as fronteiras na floresta não são assim tão precisas. Num momento você está no Brasil e no momento seguinte, sem perceber, pronto, você está no Suriname. Não é como se houvesse guardas de fronteira no meio do mato fechado.

— Lingerie? Dessas coisas quem cuida é o meu padrasto, sabe, é ele que me compra as coisas que eu visto, ele tem bom gosto, não acha? Se o senhor quiser esperar até o fechamento da casa, ele vem me buscar; quem sabe o senhor pergunta a ele. Assim o senhor fala com ele também daquela coisa do cinema.

Tenacidade e sorte. E se a aldeia daquele Almeida ficasse no Suriname? Quem, senão um repórter dos de verdade, dos como hoje não se fazem mais, poderia descobrir uma verdade tão escaldante?

Nas duas horas passadas a suar e a beber cerveja ruim, Opispo tinha posto no papel uma grande quantidade de anotações, o rascunho do que seria a maior matéria da sua vida. Não precisava de confirmações, embora tivesse certeza de que as teria, ah, sim. Esse Pepê confirmaria tudo, ele tinha certeza; o faro do jornalista não engana.

— Pepê? Pepê? Aquele velho beberrão, claro que eu conheço. Mas mais que às rendas da lingerie aquele ali fica grudado na garrafa de manhã à noite, pode acreditar em mim.

O padrasto da moça era um tipo baixote e cheinho, cheio de tatuagens e cicatrizes, não um tipo que se encontra de bom grado depois do anoitecer.

— A aventura dele na floresta? Aquele louco conta cada mentira! Claro que ele me contou da aventura dele na floresta, qual o senhor quer ouvir? Aquela do jacaré morto com as mãos nuas? Aquela da tribo só de mulheres que sequestrou ele por uma semana? Aquela da estátua de dois metros de ouro maciço que ele nunca mais achou?

— Não, na verdade não, quem sabe outra vez — Opispo refletiu um instante. — Eu queria ouvir aquela do turista de Macapá que ele perdeu de vista na fronteira com o Suriname.

O homem soltou uma risada seca indistinguível do grasnado de um urubu:

— Essa me falta, mas eu tenho certeza de que com a dose certa de reais o senhor pode ter uma confissão assinada dele, se precisar.

— Ahahah, eu imaginava, meu caro, eu conheço o tipo!

Deu no homem uma cotovelada sociável; gostava de estabelecer uma atmosfera amigável.

— Mas onde é que eu posso encontrar ele?

— E quem sabe; talvez esteja vendendo calcinha lá em cima no rio ou esteja carregando algum trouxa por alguma estrada perdida do Pará. A cada dez viagens que ele inventa, uma ele faz de verdade. Mas o senhor fique tranquilo que cedo ou tarde ele volta para cá.

O homem — afinal de contas não tão amigável assim — subiu de novo no carro e ligou o motor, fechando a janela sobre os protestos da moça, que sustentava que precisava falar de cinema. Opispo os viu se afastarem entre duas alas de poeira numa noite muito preta.

Repassou mentalmente a sua matéria. Era como se já a visse escrita, uma matéria estrondosa, de virar uma carreira, sim. Mas infelizmente os leitores, por mais que estivessem dispostos a engolir de tudo, precisavam de um digestivo de acompanhamento: um vídeo, uma imagem, alguma coisa que aos olhos deles pudesse ser usada para dizer “É com certeza assim, eu vi a foto!”. Deus, que bando de idiotas. Você vai ao cinema e vê um dragão alado se transformar num T-Rex ao volante de uma nave espacial, depois sai e vê uma foto no jornal e a trata como as tábuas da lei, nem lhe vem a dú-

vida de que estejam tirando uma com a sua cara. Mas é o público, e o público tem de ser agradado, pessoal: uma bela foto de Pepê a bordo do seu jipe seria perfeita.

Claro, o problema era saber onde diabos esse Pepê estaria agora e quando voltaria. Mas afinal, pensando bem, se o furo saísse lá pelo fim do torneio teria uma ressonância ainda maior: “Os campeões brasileiros na verdade são todos do Suriname!” Coisa de fazer estourar uma guerra.

O importante era lançá-lo antes que o Brasil fosse eliminado, mas contra a Croácia eles tinham se saído muito bem: a passagem de fase não parecia em discussão. Opispo relembrou as moças que tinham se sucedido no palco ao longo da noite: todas promissoríssimas, não havia uma que não tivesse um futuro no cinema. Posso esperar, decidiu.

5.6 Beira-mar

Isto é o que eles chamam de mar, Jerujeru, o grande oceano.

Jerujeru era um grande e corajoso caçador, talvez o maior que a aldeia jamais tivesse conhecido, e sempre tinha achado que não conhecia o medo. Mas tinha se enganado.

Com os pés na água morna, as pequenas ondas acariciando-lhe os tornozelos, o que ele sentia era um medo profundo, que quase o paralisava. Toda aquela água, toda aquela água.

Duas moças passaram de mãos dadas pela praia; eram jovens, sorridentes, da cor da fruta madura. Olharam para ele com um olhar matreiro: ele vestia a camisa de descanso da seleção brasileira, mas quem é que não vestia alguma coisa da seleção brasileira naqueles dias? Se o tinham reconhecido, não deram a entender, mas era improvável: os que entre eles tinham saído havia pouco da floresta ainda não eram tão famosos. Jaci, Cauê, Yamandé tão parecido com o craque machucado já estavam nas capas de todos os jornais, mas ele, Jerujeru, ele não: dava para ver o seu olhar desamparado na foto oficial do time e pouco mais.

Antônio vai te ajudar a superar também este medo, você vai ver, mas agora os outros estão se afastando, você tem que ir, o dia de folga está para acabar, logo vocês vão voltar ao *shabono* onde treinam todos juntos.

O sol estava se pondo sobre a praia de Fortaleza; os rapazes de toda a cidade estavam convergindo, bola debaixo do braço, para começar a habitual noite de futebol. Poucos privilegiados jogariam nas quadras dentro das redes; a esmagadora maioria dos outros improvisaria os gols com duas mochilas ou, os mais organizados, com pequenas traves compradas no bazar. Jogariam a noite inteira, novas amizades se criariam, novos amores nasceriam.

O grupo dos companheiros de Jerujeru tinha parado diante de uma barraquinha de onde vinha um cheiro de assado. Um aglomerado de pessoas estava acompanhando numa pequena televisão a partida Camarões–Croácia, que o Professor com certeza estava gravando. Ele a proporia depois uma dúzia de vezes, como tinha sido, inutilmente, com México–Camarões.

Gravar é como a memória, Jerujeru, só que acontece na tela. É mais precisa que a memória — as sensações da floresta deixada faz só alguns dias já estão sumindo — mas mais incompleta; faltam os cheiros, o calor, o espírito.

Um grupo de rapazes e moças estava se organizando para jogar uma partidinha: não era como na aldeia, na praia as moças que jogavam (e bem!) futebol eram centenas, talvez milhares, e a tentação de se juntar a elas era forte demais, o bastante para afastá-lo dos companheiros e da beira-mar, pela qual ele sentia uma atração mágica.

— Você quer jogar? — perguntaram-lhe, mas Jerujeru não entendeu. Pegou uma bola e começou a fazer embaixadinhas com a cabeça e com os joelhos, e isso foi mais que suficiente.

Na noite anterior, contra o México, ele tinha entrado para jogar só no fim, por pouquíssimo tempo, quando Ubiratan tinha levado uma pancada muito forte e começado a mancar. Tinha olhado nos olhos daquele demônio do goleiro mexicano e tinha sentido medo dele, como tinha acontecido com todos os seus companheiros. Ele não achava que sofresse com o medo; nunca o tinha conhecido antes de sair da floresta.

Jogar na areia era estranho, era difícil correr, saltar, acertar bem a bola. Mas jogar de novo descalço era bom, sem aqueles terríveis sapatos que o tinham feito cair (de novo!) enquanto entrava no gramado. Os mexicanos não tinham rido; tinham nos olhos e na cor da pele alguma coisa de familiar, ele tinha gostado deles, tirando naturalmente aquele demônio do goleiro.

Terminar uma partida zero a zero tinha sido, porém, uma sensação repugnante; a nenhum deles isso tinha acontecido antes. Muitos dos seus companheiros queriam continuar a jogar, não acreditavam que aquilo pudesse acabar assim. O Professor tinha se comportado de novo como um doente, ainda que menos que durante a primeira partida. Jerujeru sabia que do Professor era preciso olhar os olhos e ignorar o que fazia o resto do corpo dele; o Professor era o chefe, devia ser sábio mesmo se fazia o próprio corpo se comportar como o de um doente.

A brisa do mar refrescava o dia caldíssimo; a partida na praia se jogava entre um time “com camisa” e um “sem camisa”. Por sorte Jerujeru veio a ficar com os sem camisa; tirá-la foi um verdadeiro alívio. Uma das moças que jogava com eles poderia perfeitamente vir da floresta: os traços dela traíam a sua origem indígena. Jerujeru tinha olhado para ela longamente e teria querido perguntar por que ela não ficava de peito nu como eles, mas não conhecia as palavras para dizê-lo.

Na noite anterior, quando Antônio o tinha chamado para entrar em campo, ele tinha sentido um longuíssimo arrepio pelas costas. Yamandé — ele tinha ouvido — já tinha repetido várias vezes: “Eu estou fraco, eu estou fraco”, quando o goleiro adversário rebateu numerosos chutes seus que contra qualquer outro teriam entrado na rede. “Não é o goleiro que é forte, sou eu que ainda estou fraco.”

O jogador que mais tinha sofrido a presença do demônio mexicano no gol, porém, era Moacir. O ágil Moacir, o veloz Moacir, parecia de repente ter voltado a ser criança. A velocidade e os reflexos extraordinários do demônio lhe tinham tirado as forças, e em mais de uma ocasião só um espírito benevolente tinha impedido o gol para o México.

Jogar com as moças era divertido. Elas raciocinavam de modo diferente, eram mais lentas mas mais astutas, às vezes não muito mais lentas. Arquitetavam passes difíceis de prever, defendiam com uma visão do campo nada comum; a Jerujeru elas lembravam um pouco Yamandé. Ele se distraía muitas vezes olhando para elas, como se distraía olhando os barcos, os pássaros de metal e muitas outras coisas. Quando tinha a bola nos pés, porém, voltava a ser o caçador da floresta, impiedoso e corajoso. O gol pequeno era difícil de acertar, mas ele conseguia de qualquer parte do campo. A moça de traços parecidos com os deles o abraçou quando Jerujeru conseguiu marcar com uma cavadinha angulosíssima que pegou de surpresa todo mundo, os jogadores e os espectadores que tinham crescido cada vez mais em número para assistir ao espetáculo daquele estrangeiro que nem falava português e que jogava futebol tão bem. Todos aplaudiam, estavam se divertindo um mundo.

Também na noite anterior ele tinha sido abraçado. Os jogadores mexicanos, no fim da partida, estavam felicíssimos, se abraçavam entre eles, alguém estava até em lágrimas. Quando os companheiros tinham ido até eles por causa daquele costume estranho da troca de camisas, três ou quatro adversários o tinham abraçado com abraços convictos, reais, como se abraça um irmão que voltou da caçada, uma moça ao lado de quem você acabou de pendurar a rede.

Eles são como nós, tinha pensado Jerujeru. Naturalmente são todos como nós, as pessoas dentro do estádio, as pessoas que moram nas cidades. Mas eles são mais como nós que os outros. Tinha retribuído os abraços esperando poder absorver um pouco da força daqueles homens, e lhe tinha parecido que era mesmo assim; tinha se sentido logo mais forte, mais convicto. O mais abraçado de todos, porém, era o goleiro-demônio. Tinha salvado o resultado várias vezes, tinha sido um verdadeiro herói, e também o público brasileiro o estava aplaudindo sem parar. Jerujeru tinha decidido ir abraçar ele também; queria absorver um pouco da força do demônio, queria virar imbatível como ele. Quan-

do o tinha alcançado e o tinha apertado entre os braços, tinha entendido porém que o demônio tinha ido embora; o goleiro tinha voltado a ser um homem fraco e trêmulo. Jerujeru tinha olhado em volta para tentar ver para onde o demônio tinha voado, mas tudo o que os seus olhos tinham visto tinha sido a luz ofuscante dos refletores. Queria perguntar a Yamandé, ele via sempre tudo, mas ele estava à parte falando com Antônio sabe-se lá do quê, talvez ainda estivesse repetindo "Eu estou fraco, eu estou fraco".

Ao gol do dez a zero o abraço veio de todos os seus companheiros e companheiras. Era bom jogar na praia; por que não faziam a Copa do Mundo na praia? O mundo é um lugar estranho.

— Antônio, diz para aquele idiota que se ele torcer o tornozelo jogando na areia eu vou lá acabar com ele enquanto ele ainda estiver no chão! — foi a frase que interrompeu a partida, enquanto Gonçalves, acompanhado por Antônio, pela comissão e pelos rapazes, se aproximava entre duas alas de multidão subitamente reverente e silenciosa.

Como que por encanto todos reconheceram Jerujeru; a própria moça de rosto indígena ficou de boca aberta olhando para ele, um braço no ar congelado em gesto de saudação.

Era Jerujeru, o desconhecido que tinha salvado o Brasil. Na noite anterior, a dois minutos do fim, da entrada da área o temível Peraldez tinha soltado um chute angulosíssimo. O Moacir de sempre teria chegado facilmente, mas na noite anterior Moacir estava enfeitiçado, todos tinham entendido, até os adversários. Jerujeru estava voltando para a defesa a toda velocidade e muitos jurariam que no momento do chute ele ainda estava fora da área, longe demais. Em vez disso as suas pernas tinham virado relâmpago e o seu pé, como a mais forte das raízes, tinha conseguido desviar bem em cima da linha do gol o chute com certeza destinado à rede. Daquele momento em diante nenhum dos dois times chegaria mais perto de marcar, e poucos minutos depois a partida terminaria zero a zero.

Jerujeru se juntou ao seu grupo e naquele momento se lembrou do estranho costume da troca de camisas. Tinham explicado a ele que a camisa devia ser trocada com um adversário, mas ele queria mesmo trocá-la com a moça daquele rosto bonito. E enquanto ela, perplexa, lhe dava em troca da sua uma regata amarela comprada poucos dias antes no mercado, Jerujeru entendeu o que tinha acontecido. Tinha sido o demônio. Enquanto fazia a sua entrada em campo, ele tinha fitado o goleiro adversário: o demônio tinha abandonado o homem do México e tinha saído do estádio passando através dele. Tinha-o arrastado até o salvamento do gol; não havia outra explicação.

Precisava falar disso com Yamandé, eles tinham de ficar mais atentos: naqueles dois últimos minutos o goleiro adversário tinha voltado a ser um homem normal e eles poderiam ter aproveitado e vencido, mas não tinham feito isso: não devia acontecer nunca mais.

5.7 Intérprete

— Yamandé, ou devemos talvez te chamar de Paolorossi, grande atuação, parabéns. Você quer contar para a gente o gol?

Ser o único homem no mundo capaz de falar com algumas das pessoas mais populares da terra o punha numa posição única, e Antônio estava começando a lhe tomar gosto.

Na noite anterior, enquanto jazia com a mente rodopiando, o que tornava difícil adormecer, tinha se dado conta com espanto de que o objeto das suas elucubrações não era a partida com Camarões do dia seguinte, decisiva para a passagem da primeira fase, e sim a gama de possibilidades abertas pelo seu papel de intérprete. Pena não ter tido mais tempo para pensar nisso; eu poderia ter criado vinte e três personagens completamente inventados, fazer eles dizerem tudo o que me passasse pelo cérebro, e ninguém poderia me dizer nada.

Que não se mata o mensageiro é coisa sabida; aquilo sobre o que ele nunca tinha refletido até aquele momento era que o mensageiro podia também dizer o que bem entendesse, e era difícil (ou, no caso dele, impossível) controlar se estava correto ou não.

Claro, se a fama dos rapazes crescesse ainda mais, e havia toda a possibilidade disso, cedo ou tarde algum antropólogo se interessaria por eles, estudaria a língua deles e o seu jogo seria descoberto. Mas àquela altura ele já teria voltado para a floresta. E de todo modo não é que ele quisesse aproveitar para fazer sabe-se lá o quê: tinha apenas dois objetivos, o mais fácil — e irresistível — dos quais era tirar algumas pedrinhas do sapato.

— Ele te dá os parabéns e pergunta se você conta o gol.

Yamandé olhou para Antônio com espanto:

— Eu vi um canto livre e chutei lá pensando que o goleiro não ia chegar. O que é que tem para contar?

— Ele diz que lamenta que vocês não tenham visto o gol; talvez vocês estivessem trabalhando? Mas ele sabe que existe o costume de gravar, diz para não se preocuparem, vocês vão conseguir ver hoje à noite.

O jornalista continuou sem acusar o golpe.

— No conjunto, o que você acha da Copa até hoje? É como você esperava? Tem alguma coisa que te chamou a atenção em particular?

Essa era uma pergunta sensata, e Antônio escolheu traduzir corretamente a resposta de Yamandé; total, desta vez a ironia ele tinha posto diretamente.

— Ele diz que está se divertindo muito. Uma coisa que lhe chama a atenção é que basta roçar um desses homenzarrões para fazê-lo cair no chão em agonia. Nem quando quebrou o fêmur ele sentiu tanta dor quanto estes parecem sentir. Mas ele está impressionado também com a capacidade de recuperação deles: em pouquíssimo tempo estão de pé de novo, enquanto ele levou três luas para sarar.

Enquanto falavam, o jornalista olhava em volta continuamente; talvez nem estivesse escutando as respostas, e assim Antônio fez uma pequena experiência. À pergunta seguinte, alguma coisa sobre as perspectivas para o resto do torneio em seguida àquele ótimo 4 a 1 aplicado em Camarões, depois de ter traduzido a pergunta para Yamandé ele fingiu se enganar e reportou a incompreensível resposta em Língua.

O jornalista não piscou:

— Muito obrigado. A linha para o estúdio!

O outro objetivo, muito mais complicado de alcançar, era aproveitar a situação para dirigir o time apesar das interferências de Gonçalves.

Traduzir "Chega dessa bobagem de não ter posições" por "Joguem livres como vocês sabem e como sempre fizeram" era simples. Mas Gonçalves não era um cretino e, mesmo se abertamente ainda não lhe tinha dito nada, tinha claramente intuído o que estava acontecendo. Mas, sempre pelo fato de não ser um cretino, já a ótima atuação vista no segundo tempo da partida com a Croácia o tinha convencido a fazer boa cara e engolir o sapo, e a entrevista coletiva seguinte de Gonçalves tinha sido toda um elogio ao futebol total praticado pelos rapazes, pontuada pelo relato falsamente modesto de como ele e a comissão se tinham limitado a ajudá-los a se adaptar ao futebol mundial (o que em parte era verdade, isso Antônio tinha de reconhecer).

Se interceptar e modificar em fase de tradução as disposições táticas era relativamente fácil, uma façanha bem mais complicada era porém intervir na escalação.

Antônio tinha considerado a possibilidade de criar tensão entre Gonçalves e os jogadores que na opinião dele era melhor deixar no banco, inventando respostas atravessadas, mas depois a tinha descartado como ideia torpe demais. Mais que outra coisa, na verdade, ele tinha de fazer o oposto: suavizar as palavras de Yamandé, e sobretudo de Cauê, que tinham tomado antipatia pelo Professor e continuavam a insultá-lo (Cauê, por outro lado, também estava começando a desenvolver, em paralelo, uma certa admiração pelo fato de Gonçalves continuar a escalá-lo apesar dos insultos).

Depois da partida empatada com o México, Gonçalves tinha tido a intenção de trocar algum jogador; em particular Yamandé não o tinha convencido nem um pouco. Antônio, porém, sabia que para o rapaz era só questão de tempo, ele precisava continuar a jogar para voltar a ser o quanto antes a potencial estrela da Copa. De tanto pensar e repensar, para mantê-lo em campo ele acabou inventando uma série de leves dores musculares para todos os outros possíveis atacantes: Quicé, Piraí e Sanhaçu, para grande espanto deles, foram submetidos a exames médicos e sessões extras de massagem e fisioterapia, e Yamandé entrou em campo contra Camarões. Campo que depois lhe deu razão.

Ao primeiro gol de Cauê tinha se seguido um fortuito empate de Camarões. Mas poucos minutos depois Cauê tinha recolocado o Brasil em vantagem com uma palmeira inclinada, um dos tantos esquemas estudados ao longo dos anos com Antônio, que surpreendiam tanto o público quanto os adversários.

O terceiro gol tinha vindo em seguida a uma falta de Jaci que se enfiou bem no cantinho. Enquanto todos comemoravam, Jaci tinha se dirigido com calma até o gol e com o dedo tinha feito o gesto de escrever no ar M A R C O S no ponto por onde a bola tinha entrado. Ele queria que fosse um tributo aos seus companheiros de jogo no bairro de Macapá, mas os jogadores de Camarões o tinham interpretado como um gesto de escárnio, e só o fato de terem notado que Gonçalves tinha levado aquilo igualmente a mal e parecia ainda mais furioso e aos berros do que eles evitou que se desencadeasse a briga.

O gol do quatro a um final foi marcado justamente por Yamandé, finalizando um arco esticado demais: o público do Mané Garrincha de Brasília parecia não esperar outra coisa, e setenta mil espectadores tinham comemorado disparando em uníssono uma flecha imaginária nos últimos clarões do crepúsculo. Uma cena em que Antônio, por anos, não conseguiu repensar sem se cobrir de uma camada de arrepio da grossura de um metro.

5.8 Suor

Sentada no sofá marrom da sala de Leticia, macio demais para ser realmente confortável, Yaia refletia sobre o fato de que, desde que tinha acontecido aquela história da página do Facebook, convidar alguém para a casa dela tinha virado uma empreitada: as amigas preferiam levá-la por aí ou convidá-la para a casa delas, para exibi-la como troféu a parentes e amigos. Não que Yaia se incomodasse, com certeza melhor assim do que ser alvo de peidos com a boca como a Eduarda. E além disso desse jeito ela conhecia tanta gente, algumas até interessantes, mesmo que obviamente ninguém tão interessante quanto… meudeus! Yaia moveu a mão ao lado do corpo para recuperar o celular, mas não o achou onde deveria estar e tropeçou logo na coxa de Fábio, sentado perto dela. Levantou-se de um salto para ir conferir na bolsa: mas eu tenho certeza de que tirei ele… e de fato na bolsa não estava. Com um olhar rápido escaneou a sala: quem podia ter pegado? As minhas amigas a essa altura já deviam ter entendido que eu sou capaz de matar se mexerem no meu celular.

— Yaia, tem alguma coisa errada? — perguntou-lhe solícito Fábio, levantando-se do sofá e ao fazê-lo deslocando ligeiramente a almofada. Olha ele aí! Ufa, tinha só escorregado entre as almofadas.

— Nada, nada, está tudo certo, obrigada.

Dirigiu-lhe um belo sorriso, sem se dar conta do quanto aquele sorriso o emocionava, inseriu o código de segurança no celular e, pondo-se de modo que ninguém pudesse espiar dentro, abriu o aplicativo das imagens.

— Olha, olha! — disse Dani. — Começou o programa.

O apresentador do “Bom Dia Copa do Mundo” cumprimentou o público em casa e no estúdio, apresentou os convidados e depois lançou a primeira reportagem, uma entrevista de George com Yaia e Cauê, gravada na noite anterior com a habitual tradução de Antônio.

A relação privilegiada entre George e Antônio tinha se revelado muito vantajosa para a Rede Norte: de emissora semidesconhecida do Brasil setentrional tinha virado um dos principais pontos de referência da televisão nacional. Em particular, um acordo firmado pelo seu diretor com a Rede Globo tinha feito com que George fosse convidado com frequência como comentarista no programa esportivo da noite e que lhe fossem encomendadas matérias sob medida, como aquela que estava indo ao ar naquele momento. O diretor, naturalmente, considerava que tanta popularidade adicional substituía perfeitamente um aumento de salário, e no fim das contas George concordava.

— Bonitinho esse George, hein? — disse Leticia, virando-se para Yaia e piscando para ela.

— Mas o que é que você está dizendo? Ele deve ter no mínimo trinta anos! — contestou Patricia.

— E daí, de vez em quando também se acha algum trintão bonitinho — continuou a amiga.

— Nada mau o Cauê também — comentou Dani.

— Para mim ele é um pouco pequeno — sentenciou Leticia. — Pena que tenham entrevistado ele e não aqueles gatos absurdos do Yamandé ou do Moacir.

— Mas ontem ele fez dois gols — meteu-se Matheus, um amigo de Fábio convidado para a ocasião. — O segundo então, usando a trave como tabela, foi um gol de fábula. E em geral, até agora ele foi o principal protagonista da classificação para as oitavas de final. Era justo entrevistar ele.

Matheus tinha ficado calado até aquele momento e desde o início da noite estava procurando um jeito de dizer alguma coisa e de fazer notar a própria presença. O olhar das meninas lhe deu a entender que teria feito melhor em continuar calado.

— Eu esperava que, depois de te convidarem para ver o jogo na tribuna de honra, depois te convidassem também para uma recepção noturna pós-jogo e que a gente pudesse se infiltrar também, todas vestidas elegantes! — suspirou Leticia.

— Que nada! — Yaia emergiu por um instante do seu celular. — Eles não são atores numa noite de gala, são jogadores concentrados. A gente vai ver; tenho certeza de que eles vão lembrar de mim no fim da Copa.

— Eu reitero que esse Cauê tem cara de quem sabe como te fazer se divertir na cama — insistiu Dani.

— Shhh! Boba! Abaixa a voz. O meu pai está aí do lado! — repreendeu-a Leticia.

Você não sabe como você tem razão, querida Dani, pensou Yaia, remirando mais uma vez a selfie que tinha tirado na noite anterior, algumas horas depois da partida e da entrevista. Via-se apenas o seu rosto suado, uma clavícula e o rosto de Cauê, igualmente suado, prensado contra o dela. E pelo rubor nas bochechas dela e pelo brilho nos seus olhos dava para entender que eles não estavam suados porque tinham acabado de sair para correr juntos.

5.9 Cigarros

Teresa terminou de dispor sucos de fruta e biscoitinhos numa mesinha coberta por uma toalha de plástico amarela, que posicionou diante das três poltroninhas arrumadas em frente à televisão. Nunca tinha visto uma partida de futebol na vida, antes daquilo, mas aquela Copa em que jogavam os meninos de Antônio — e ele mesmo estava no campo, no banco, como lhe caía bem o uniforme — era obviamente imperdível.

Desde a primeira partida tinha ficado entendido que ela e Savério acompanhariam os jogos juntos, ali na Rádio Nova Amizade, mas logo depois se agregou também João, que achava mais satisfação em comentá-los com alguém que como ele conhecesse pessoalmente os protagonistas. Para as oitavas de final deveria estar presente também Luiza, mas ela estava com uma crise de dor de dente, e assim João a tinha substituído no programa "O carrossel do gossip", que acabaria dali a poucos minutos, bem a tempo do apito inicial.

Teresa ligou o ventilador, foi pegar na gaveta da escrivaninha a bandeira do Brasil — a maior que tinham conseguido achar; tinham feito uma vaquinha de que participou também Rebeca, a secretária — e a estendeu com cuidado para fora do peitoril da janela aberta. Jogou um beijinho no ar escaldante do meio-dia na direção que presumia ser a de Belo Horizonte:

— Vai, Antônio, vamos, meninos!

Estava tudo pronto.

A visão da primeira partida tinha sido um pouco confusa porque Teresa tinha deixado o som alto para ouvir a narração, mas Savério ficava lhe pedindo detalhes de que o locutor não falava: "Como é a gente, que expressão eles têm, parecem contentes? O árbitro é um homem bonito? É gordo ou magro? Que cara o Antônio fez agora? De que cor são os sapatos deles?" Ela, para lhe responder, perdia pedaços do lance e depois não se achava mais.

Por isso, já da vez seguinte, tinham encontrado o sistema, muito mais cômodo, de baixar o volume até um murmúrio — o tanto que bastava para escutar um esclarecimento caso houvesse necessidade — e deixar que Teresa explicasse direitinho a partida a Savério, como ele gostava.

— Olha, olha, estão entrando em campo! Estão vestidos de amarelo, como sempre: cai muito bem neles, eu acho, e além disso é uma cor que alegra, todo mundo sabe. O Antônio encurtou a barba, está ficando bem mesmo. Mas ele me parece um pouquinho magro, deve ser estressante para ele: toda essa tensão, toda essa gente, quem sabe se ele come o bastante. Deus, que feio o árbitro, se você visse. Só nariz, e baixote e achatado como se tivessem espremido ele. Tomara que não seja mau demais, ele tem uns olhinhos de que eu não gosto. O Chile, em compensação, tem uma camisa vermelha bonita. Eles têm caras simpáticas e até alegres; tomara que no fim da partida estejam um pouco mais tristes. Mas esperem, eu aumento o volume para a gente ouvir os hinos, que são tão bonitos…

Calaram-se todos: João de queixo erguido, altivo como se estivesse em campo; Savério balançando a cabeça no tempo, concentradíssimo; e Teresa mexendo os lábios acompanhando as palavras. O hino sempre a comovia, todos os hinos, e ver depois aqueles belos rapazes, tão jovens, tão sérios e empertigados, que tesouros, quem sabe como estão emocionados. Enxugou depressa uma lágrima no canto do olho. Chega de sentimentalismos agora, vamos, está começando.

— Eles correm muitíssimo, Savério, são muito bons mesmo. E têm um jeito de se mexer tão bonito, se você soubesse; enquadraram as moças no meio do público, elas comiam os nossos meninos com os olhos… ah! Cuidado, Piata! Aquele baixinho com o número sete está grudado nele que nem um carrapato; para mim, quando não enquadram, ele dá chutes ou beliscões, cara de mau ele tem. Pronto, agora sai o Jaci, olha como ele corre, parece que ele tem seis pernas, joga a bola para o Cauê que, ó! Ele deve ter chutado mas nem deu para ver de tão rápido que foi, parece que a bola quicou! Pega o Ubiratan que joga logo para o Tainí que já está lá na frente, como é que chama, depois das linhas.

— Ai meu deus, impedimento! — preocupou-se Savério.

— Hã?

— Não, não — interveio João —, não é impedimento por um triz!

— Isso que vocês disseram eu não entendi bem, depois vocês me explicam, mas atenção agora, porque o Piraí já chegou ali à direita, o Yamandé passa a bola para ele e ele de cabeça, ó! Ó! Gol! Gol, Savério, GOL!

Nem teria sido preciso dizer: das janelas abertas tinha entrado um ronco e depois um grito, que ricocheteava agora como um eco entre uma casa e outra e sacudia as palmeiras do lado da rua: “Gol! Gol! Gooooooool!”

Voltaram a se sentar, enquanto Teresa aproveitava para fazer circular suco de abacaxi com coco e Savério e João acendiam um cigarro. Vamos que a gente vai bem.

Tinham acabado de apagá-lo quando Teresa avisou, aflita:

— Ai meu deus, eu não entendi bem o que aconteceu, mas agora está com a bola um do Chile, um espigado desengonçado e mal-educado que dá vontade de dar uns tapas, pronto, ele joga para aquele outro com o número 10 e o cabelo curtíssimo; ai céus, o treinador dos nossos grita alguma coisa, o Antônio também grita alguma coisa, mas para mim se eles gritam juntos os meninos não entendem, viu, eles ficaram tipo confusos, o número 10 chuta fortíssimo, o Moacir se joga que nem uma onça mas não, não, não, não consegue por um triz… não! Gol para eles. O Moacir está desesperado, coitado do menino, ficou desconcertado com toda aquela gritaria, mas eu não sei, não sei, mas como é que se…

A hora e meia seguinte foi uma agonia de equilíbrio; acabaram os sucos de fruta e os biscoitinhos, João fumou um maço inteiro e Savério, que normalmente era mais que comedido, perguntou a Teresa se ela não teria por aí uma garrafa de rum, um gole de cachaça, alguma coisa forte para suportar aquela extenuante falta de conclusões. Teresa, mortificada por não ter se aparelhado como devia, pôs a bolsinha na mão de João e o despachou para comprar rum, pinga e uma embalagem grande de sorvete de mamão.

— Está praticamente acabado, Savério; o treinador não faz outra coisa senão gesticular e gritar e o Antônio está sentado com o queixo entre as mãos; eles vão ter que bater os pênaltis, sabe, eu tenho tanto medo dos pênaltis.

— Eles também vão ter medo — observou Savério. — Pelo que eu entendi, eles não estão nem um pouco acostumados.

— Não, mesmo — confirmou João. — Eu também acho que é uma coisa quase de todo nova para eles… Mas o que é que aquele está fazendo agora, ójesus…!

— Nossasenhora, Savério, aquele número 9 saiu que nem um foguete, está perto demais, não pararam ele, pronto, ele chuta, ai meu deus não, é gol, acabou! Não! Não! É coisa, é a barra, bateu na barra, não entrou, Savério, não entrou! O anjo da guarda olhou para baixo, não entrou!!!

— Travessão, travessão! — João gritava incrédulo. — Inacreditável, é travessão, inacreditável!

— Pronto, apitou, acabou o tempo; nossasenhora, por pouco a gente não perdeu no último minuto; jesusmeu, me deu tipo uma pancada no coração, estou toda suada, ainda bem que você não viu, Savério, olha, eu te juro!

Teresa, para se preparar para os pênaltis, foi remexer nas suas gavetas e pôs em cima da televisão uma estampa de Nossa Senhora do Rosário e uma estatueta de Ogum, deus do fogo e da batalha:

— Melhor pedir ajuda para todo mundo, melhor que o Moacir tenha todo o apoio que se pode; coitados dos meninos, que responsabilidade, eu morria, olha.

Agitadíssima, acendeu um cigarro: o último ela tinha fumado com as colegas de escola décadas antes; segurava-o entre dois dedos e, sem tragar, soprava febris pequenas baforadas de fumaça. Deus, que ansiedade.

5.10 Conselhos

— Almeida! Antônio! Você acha que eu sou cego? Acha que eu sou um idiota?

— Hã? — Antônio estava na salinha de TV do hotel, ocupado em rever pela enésima vez as imagens principais de Colômbia–Uruguai.

— Quer dizer, por acaso você me vê andando por aí com uma bengala? Com um cachorro? Com óculos escuros?

— Desculpe, Gonçalves, mas eu não…

Gonçalves o bloqueou com um gesto da mão e o sopesou com o olhar:

— Para aí. Negar, negar sempre, até a evidência. Muito bem. Eu te respeito. E por isso eu te poupo o malabarismo. Eu sei o jogo que você está jogando.

Antônio tentou assumir a expressão mais neutra possível e se limitou a olhar para ele. O outro prosseguiu.

— Eu repito: eu tenho muitos defeitos de caráter, mas de futebol eu entendo alguma coisa. Não estou puto com o que você fez; provavelmente no seu lugar eu teria feito o mesmo. Me deixa um pouco puto que você ache que eu não teria percebido, isso sim. Mas enquanto os resultados estavam do seu lado eu decidi que era melhor não me intrometer; no fim das contas esses meninos você conhece muito melhor do que eu.

Antônio continuou calado.

— Mas hoje a gente ficou a este tantinho da eliminação, então me escuta bem: essa liberdade de jogo que você concede a eles, tudo bem. É inacreditável que funcione, mas eu me rendo à evidência. Funciona. Mas algum ponto fixo você tem que dar a eles, alguma coisa em que se agarrar quando as coisas dão errado. Senão da liberdade você passa à anarquia e depois ao desgoverno, e isso não vai nada bem.

Antônio não conseguia decidir se Gonçalves era sincero ou se estava lhe armando uma cilada. Mas, já que ele tinha acabado de manifestar estima por quem nega sempre, Antônio decidiu que o caminho mais seguro era continuar a bancar o desentendido:

— Gonçalves, eu garanto ao senhor que não entend…

Gonçalves o liquidou com um gesto da mão e se sentou ao lado dele.

— Me passa o controle — ordenou.

Carregou o vídeo da partida deles daquela tarde, vencida no fim nos pênaltis, e voltou até o ponto que lhe interessava. Deu play, mostrando um momento em que a defesa brasileira se safou só por um afortunado erro dos adversários. Depois adiantou um pouco, até um momento que mostrava um ataque brasileiro estranhamente desprovido de ideias. Depois interrompeu e fez recomeçar a partida da Colômbia, que seria a próxima adversária deles.

— Você viu? Os ossos que a gente encontra daqui em diante são cada vez mais duros. Cada partida é exponencialmente mais difícil que a anterior. As táticas de vocês serviam nos primeiros jogos e podem continuar a funcionar, mas você tem que dar aos meninos um ponto de referência para a defesa e um para o ataque.

Gonçalves se virou para Antônio para conferir se ele o estava acompanhando e continuou.

— Para a defesa é sem dúvida o Piata. Eu fiquei de olho nele, me chamou a atenção porque ele tem uma atitude quase paterna em relação à defesa. Quando sobe parece quase que faz isso contrariado. Ele tem um belo chute, mas belo chute os outros também têm; eu deixaria ele atrás para dar segurança. Para o ataque eu estou mais indeciso: aquele imbecil do Paolorossi, me dói dizer mas ele é bom de verdade. Mas talvez seja melhor deixar ele livre; me dá a impressão de ser bom em qualquer lugar, até no gol. Melhor o digno comparsa dele: me enche o saco do mesmo jeito, aquele maldito garoto de cara redonda que acha que eu não percebo quando ele pula a cerca do hotel de noite. Mas no ataque ele tem uma incisividade inacreditável, isso eu tenho que reconhecer.

— O senhor quer dizer Cauê?

— Sim. Não estou dizendo para travar ele num ponto fixo do ataque, obviamente. Mas é bom que quem lança longo lá da defesa saiba que no ataque vai encontrar ele. Não alguém qualquer: ele. Muda toda a dinâmica do ataque, e eu te garanto que muda para melhor.

Gonçalves se levantou e, para sublinhar que a conversa estava encerrada, desligou a televisão.

Antônio manteve a sua cara de paisagem até o último momento:

— Vou transmitir as indicações do senhor aos meninos, Professor.

5.11 Valério

Valério acordou num banho de suor na sua cama de hospital gritando: “A Colômbia! A Colômbia!”

Na cara clínica particular de São Paulo, a “Fisioterapia e Harmonia”, onde estava em tratamento junto com os companheiros de time, Valério Almunhos, pivô quebrado da defesa brasileira, já fazia uma semana que andava por aí com as muletas, tendo renunciado à cadeira de rodas que o fazia se sentir inválido e lhe dava ansiedade demais. Mas evidentemente a ansiedade não era tão fácil de enxotar.

— Valério?

— Sim…

— Ah, você está acordado. Eu achei que você estivesse sonhando.

— Eu tive mais um daqueles pesadelos. Desta vez tinha também aquele cara que joga de centroavante…

— Quem? O Paolorossi?

— É, ele, ele. Eu tinha que acompanhar ele até algum lugar junto com outras pessoas de que eu não lembro, mas a gente acabava sempre na Colômbia.

— Pois é, hoje tem jogo, deve ser por isso.

— Era um sonho frenético, sabe daqueles em que você se sente sempre atrasado? Eu tinha que acompanhar o Paolorossi e depois ir ao estádio para jogar e estava me atrasando. Me parecia que eu conhecia as ruas e tudo, mas toda vez eu errava uma virada e me via na Colômbia.

— Um verdadeiro pesadelo, hein? — disse Orbiz rindo baixinho.

— Pois é — respondeu Valério com um esboço de risada. — Um pesadelo muito realista.

Nos dias que precediam uma partida do Brasil, o seu sentimento de culpa era amplificado e se transformava em sonhos muito agitados ou em verdadeiros pesadelos, nos quais mais ou menos regularmente todos esperavam dele alguma coisa que ele não era capaz de fazer. Naquele caso tinha sonhado que estava incumbido de levar em segurança um grupo de refugiados, mas toda vez que atravessavam a fronteira, por mar, por ar ou por terra, se viam invariavelmente na Colômbia. Não sabia qual era o seu destino, mas certamente não era a Colômbia.

Procurou as muletas; a essa altura não conseguiria mais dormir, ele sabia, melhor dar dois passos. Meudeus, dois passos… Valério não se conformava com o quanto se cansava para caminhar de muletas. Eu sou um atleta de nível mundial, continuava a repetir para si mesmo, é possível que eu tenha que parar a cada cinco minutos para tomar fôlego? E por que não me dão alta eu não sei; dizem que precisam manter este tornozelo sob observação, mas para mim eu não pareço mais grave que outros que já estão em casa.

Devil, ao contrário, não tinha escolha: de todos os feridos do terrível acidente que tinha zerado as convocações da seleção brasileira, ele era um dos que teriam mais possibilidade de ser titular. E era um dos mais graves: traumatismo craniano com fratura da mandíbula e temporária total inabilidade

para a fala. Enquanto não fossem de todo resolvidas as sequelas do traumatismo craniano — entre as quais uma contínua, martelante dor de cabeça — e enquanto não fosse capaz de se alimentar normalmente, seria obrigado a permanecer no hospital.

— O Daredevil, o super-herói mascarado, também no começo tinha uma baita dor de cabeça — tinha lhe dito Fabbri, ávido conhecedor de quadrinhos americanos, conseguindo fazê-lo sorrir pelo menos com os olhos, se não com a boca estropiada.

Meia hora antes do início já estavam todos diante da TV discutindo animadamente. A primeira partida tinham começado a acompanhar cada um por conta própria, um pouco porque as condições de todos eram em geral mais graves e um pouco porque não se sentiam capazes de compartilhar uma experiência que todos teriam apostado que seria desastrosa. Mas no fim tinham se reencontrado em vinte, contando também parentes e amigos, no quarto de Valério e Orbiz, a se alegrar e se abraçar pela vitória da seleção. Daquele momento em diante tinham tacitamente decidido acompanhar as partidas numa sala comum. Chegavam de mansinho, criticavam furiosamente tudo e todos: o Professor, a Confederação, os jogadores, os políticos; mas depois a torcida tomava conta e eles acompanhavam a partida sofrendo mais que todo o resto da população.

Antes de Brasil–Colômbia, o objeto do litígio tinha sido a ideia de Foguete de realizar o gesto teatral de dar de presente a própria camisa ao atacante índio, Paolorossi. Os dois se pareciam muitíssimo, um pouco mais baixo o Paolorossi (era preciso adivinhar, visto que Foguete estava em cadeira de rodas por causa de um trauma na coluna vertebral) e decididamente menos à vontade diante das câmeras: mantinha o olhar baixo, se movia de modo completamente particular, esboçava mesuras ou gestos que pareciam interrompidos no nascedouro. Foguete, por sua vez, se comportava como se dali a poucos minutos quem tivesse de entrar em campo fosse ele: tatuagens bem à mostra, boné americano de banda, infalíveis fones no pescoço, gestos de saudação com as mãos, os olhos de quem já sabe que conquistou o sucesso.

— Eu sempre disse que o Foguete é um babaca! — disse Rominho com a sua típica voz esganiçada.

— Ele não é babaca, é que ele gosta de ficar no centro das atenções — respondeu Fabbri.

— No centro de tudo, você quer dizer — acrescentou Rominho.

— Que nada. Daqui a dois minutos já vão ter esquecido dele; aqui tem umas quartas de final para ganhar — lembrou Carlos Dugal.

— Eles se parecem mesmo, aqueles dois, hein? — observou Valério.

— Pois é, parecem irmãos — disse Fabbri.

— Então o outro também é babaca — interveio de novo Rominho. — Aliás, o quanto pode ser babaca alguém que se chama Paolorossi? E olha só para ele, faz todo o desajeitado e outra noite, depois do gol, parecia endemoninhado.

— Bom, ele fez um belo gol — apontou Orbiz.

— Não sei se ele é babaca; forte é forte — admitiu Fabbri. — Não sei se é mais forte que o Foguete, mas é forte.

— Porque agora o Foguete é forte — resmungou Rominho.

— E além disso aquele gesto do arco esticado eu não desgosto, tenho que dizer a vocês — replicou Valério fingindo não ter ouvido o último comentário de Rominho.

Assistir às partidas junto com um Devil quase completamente mudo era uma verdadeira diversão, se se conseguisse esquecer por um momento o drama que ele estava vivendo. Toda vez que a bola alcançava mesmo que vagamente a zona de ataque do Brasil ele se levantava mugindo inarticulados "MWGAAAAH! GHBAAAAAH!" e gesticulando terrivelmente para compensar a falta de palavras, tanto que em cinco minutos em volta dele se criava o vazio, depois que todos, namorada inclusa, se deslocavam alguns metros para trás para evitar eventuais tapas involuntários.

Aos gritos de Devil alguém sempre se preocupava em replicar como se tivesse entendido, e por isso uma partida como Brasil–Colômbia, riquíssima de chances por parte do Brasil, se desenrolou sonoramente em:

— GHBAAAAAH!! AAAAAH!

— Você tem razão, foi um belo lance.

— MWGAAAAH! BGEEEEH!

— É claro.

— Também acho.

— MBWWWWH?

— Não.

— Imagina, nem pensar.

— MWGAAAAH! GHBAAAAAH!

E assim por diante.

Aos trinta e cinco do primeiro tempo Yamandé bateu um escanteio da direita da defesa colombiana. As bolas paradas eram recebidas por Devil com uma espécie de rito propiciatório: ficava de pé com os braços abertos gorgolejando sabe-se lá o quê. À saída da bola, começava com um particularmente estentóreo "AAAAABWH! AAAAAANGH!"

Mas naquele momento Yamandé conseguiu imprimir à bola uma trajetória com efeito inacreditável que cortou fora a defesa inteira. Desta vez ninguém teve tempo de comentar. A bola foi parar precisa no pé de Piata, que a pôs no gol sem esforço. Na sala comum da "Fisioterapia e Harmonia" de São Paulo explodiu um estrondo sem precedentes. Devil desabou em lágrimas na cadeira, enquanto companheiros e familiares, mesmo com os respectivos limites físicos, comemoravam pulando e se abraçando sem parar.

Os meninos de Gonçalves, como se realmente ouvissem os ininteligíveis mas sentidos incitamentos de Devil, pareciam imparáveis: só o azar e um par de defesas realmente espetaculares do goleiro colombiano impediram o segundo gol nos primeiros quarenta e cinco minutos.

O intervalo trouxe consigo uma nova discussão.

— Vocês viram o Gonçalves? Parecia embasbacado — disse Marcelinho, a quem a contusão no rosto, que lhe mantinha quase fechados os olhos inchados, permitia ver apenas sombras vagas ou pouco mais.

— Ele não está embasbacado, ele fica assim quando o time engrena — respondeu Valério.

— Mas não parece um time do Gonçalves, parece quase a Holanda do futebol total — notou Carlos Dugal.

— É verdade, quem sabe o que está acontecendo — disse Fabbri. — É como se em campo quem mandasse fossem os meninos, mas é possível? Como é que eles têm toda aquela experiência?

— Para mim hoje, ao contrário, eles parecem mais organizados que nas outras partidas — contra-argumentou Corujão, que via sempre tudo através dos óculos do taticismo.

— O Gonçalves é um idiota — disse Rominho consigo mesmo, ignorado mais uma vez pelos presentes.

Lá pelo meio do segundo tempo o árbitro apitou uma falta a favor do Brasil a pelo menos trinta metros do gol. Depois de uma breve discussão com os companheiros, Jaci apoiou a bola no chão e esperou que o árbitro traçasse com o spray as marcas da distância da barreira. O spray tinha sido recebido sem particular surpresa pelos rapazes indígenas; era apenas uma das milhares de esquisitices a que eram expostos diariamente: o mais surpreso e divertido com essa inovação tinha sido Antônio.

Devil já estava de pé com os seus longos braços abertos, balbuciando a habitual ladainha incompreensível. Jaci e Yamandé estavam pouco distantes um do outro, fitando a bola concentradíssimos.

— Bate aquele babaca do Paolorossi — disse Rominho.

— Não — respondeu Marcelinho —, bate quem pôs a bola no chão, o Jaci. Lembrem da falta contra Camarões.

Em vez disso foi Yamandé quem tomou a corrida e chutou. A bola foi atingida com uma força inacreditável; sob os refletores viajou branca e chapada, sem nem um esboço de efeito, na direção das arquibancadas atrás do goleiro colombiano. Depois de uns dez metros a trajetória inexplicavelmente se quebrou e a bola começou a cair na direção do gol. O goleiro, já em nítido atraso, partiu para a sua esquerda. Devil já tinha começado o seu “AAAAABWH! AAAAAAEEENGH!!” quando a bola ainda não tinha entrado no gol. Yamandé, depois do chute, tinha se virado de costas e caminhava voltando, os braços para o céu, na direção do seu próprio gol sem nem olhar o desfecho da falta. Antônio, vendo o comportamento de Yamandé, e conhecendo muito bem aquele chute, começou a comemorar ainda antes do gol efetivo. O próprio Gonçalves levantou instintivamente os braços para o céu com antecedência. Quando a rede balançou, os rapazes na clínica “Fisioterapia e Harmonia” já estavam gritando de alegria até ficar sem voz.

— AQUELE GAROTO É UM GÊNIO! — continuava a repetir Rominho. — EU SEMPRE DISSE: O PAOLOROSSI É UM GÊNIO!

Devil tinha se sentado de novo, soluçando e apertando a sua camisa, e assim ficaria até o fim, sofrendo a cada lance. A Colômbia tinha se lançado de cabeça ao ataque e a dez minutos do fim tinha conseguido também diminuir a distância de pênalti: o jovíssimo Julio tinha marcado o gol do um a dois batendo Moacir com uma perfeita execução da marca. Mas o que o mundo inteiro viu foi um

enorme gafanhoto que tinha pousado na manga direita de Julio sem que ele percebesse e dois jogadores do Brasil, Ubirajara e Itaúna, que o pegaram no ar e o comeram ali na frente de todo mundo.

Os gritos de nojo que saíram da sala comum da clínica não se aplacaram até um minuto do término, quando um novo e mais estranho grito, “MBGHAAAEEVVHHIVA!”, saiu da boca de Devil. Viraram-se todos para olhá-lo com ar interrogativo, enquanto ele já estava pronunciando, rouco mas compreensível: “EVVV…HI… VIVAH! Val…érioh! Possssoh fal…har!”

Ainda não conseguia estar de todo solto, mas a paralisia temporária parecia desvanecida.

— Claro, que azar — concluiu Rominho. — A pessoa recupera a fala e o primeiro a quem se dirige é o Valério.

5.12 Conferências

Opispo olhou o e-mail de confirmação quase incrédulo por ter conseguido: “Terça-feira, 8 de julho, às 16h; Estádio Mineirão, Avenida Antônio Abrahão Caram, 1001, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais.” Depois da passagem para as oitavas de final ele tinha decidido que já tinha esperado o Pepê tempo demais e, virando-se um pouco, tinha achado o jeito de se agregar à caravana midiática que cercava a seleção brasileira. Os fundos à sua disposição não eram muitos (também porque uma parte deles tinha sido utilizada de modo desenvolto), mas dar uma entrevista coletiva num lugar que fervilhava de jornalistas vindos do mundo inteiro era uma ocasião que ele não podia perder.

— José, você é um cretino.

Do outro lado da linha telefônica Geovani Barreto, seu diretor, tentou trazê-lo à razão:

— Uma hora antes do apito inicial da semifinal talvez mais importante da história do Brasil, na sua coletiva não vai estar ninguém.

— Geovani, meu amigo, tenha confiança em mim, você sabe que do Opispo dá para confiar cegamente, não sabe? Eu te peço que faça como a gente combinou. A coletiva vai começar às quatro e dez, talvez, se houver retardatários, às quatro e um quarto. Você, às quatro e vinte, publica no site aqueles trechos que eu te mandei.

— José, você é um cretino. Não vai haver retardatários porque não vai haver ninguém.

— Faz como eu te disse, publica o trecho às quatro e vinte, combinado?

Geovani já tinha encerrado a comunicação. Se havia uma coisa de que sentia falta com esses telefones modernos era o gesto de baixar violentamente o fone no aparelho. Sentia quase falta física disso.

Opispo começou a saborear de antemão a maior vitória profissional da sua carreira, até aquele momento árida das satisfações que ele tinha certeza de merecer. Tinha tido uma ideia fulminante, a tinha perseguido com tenacidade, tinha escrito uma reportagem digna das melhores penas do país, um grande furo, alguma coisa que faria explodir a nação inteira, e agora finalmente o momento do seu triunfo estava para chegar.

Claro, ele também tinha sido muito bom em relegar a um canto do cérebro o fato de que o furo era falso; a vozinha que de vez em quando ouvia e que lhe dizia “Falso! Falso!” tinha ficado a cada dia mais fraca até ser sepultada sob as outras dezenas de vozes muito mais interessantes que povoavam a sua mente.

O que restava era irrefutável (quase irrefutável): a zona da floresta de onde vinha a tribo indígena que tinha chegado à semifinal do campeonato do mundo não ficava no Brasil, e sim na Guiana. Quase irrefutável: Opispo sabia muito bem que não era verdade — de fato não fazia a mais remota ideia de qual fosse o ponto preciso de onde vinha a tribo —, mas contava com o fato de que a Floresta Amazônica é grande, gigantesca, e ninguém nunca põe na cabeça fazer cálculos precisos sobre a exata localização das tribos, nenhum brasileiro pelo menos. É impossível determinar certas coisas com precisão, repetia com frequência para si mesmo, é simplesmente impossível.

Normalmente não se convocam entrevistas coletivas a uma hora do início de uma partida, muito menos de uma partida tão importante, mas ele tinha insistido tanto com a responsável pela Assesso-

ria de Imprensa da Seleção — moça bonita, aliás; tinha anotado com cuidado o número de telefone dela — que ela, exausta, tinha fixado o horário às quatro.

— Às quatro não vai vir ninguém, senhor Opispo — tinha lhe dito.

— Não se preocupe, não se preocupe, senhorita… Roxana, a senhorita disse, não é? Que nome bonito, querida, quase tão bonito quanto a senhorita. Não se preocupe, a senhorita vai ver o quanto se vai falar desta coletiva, ohohohoh, sim, o quanto se vai falar.

Participar da grande balbúrdia midiática significava também se aventurar em longuíssimos deslocamentos; esperar horas e horas que alguém da Delegação aparecesse para dizer alguma coisa, problema tornado mais enervante pelo fato de que nenhum dos jogadores falava português, por isso eram todos virtualmente não entrevistáveis a não ser por intermédio daquele Antônio; engolir entrevistas coletivas sobre os assuntos mais díspares dadas por pessoas em busca desesperada de uma migalha de visibilidade. Dessas coletivas ele sempre tinha se mantido meticulosamente longe, mas naquele dia não lhe importava: no dia seguinte, às quatro, seria o seu momento; naquele dia ele podia até se sentar na última fila e ver desfilar diante dele aqueles patéticos personagens.

A primeira coletiva da tarde de 7 de julho estava efetivamente bastante cheia, notou com azedume (ou era inveja?) Opispo: uma tal de Isabel Barbosa — tudo menos uma mulher feia, ela também — anunciava a criação de uma Fundação para a tutela de uma parte da Floresta Amazônica. A particularidade curiosa que tinha levado tantos jornalistas a participar era que o financiamento da Fundação vinha diretamente dos prêmios dos jogadores. Opispo teve de admitir que era uma notícia que poderia fazer muito estardalhaço — os indígenas comprando um belo pedaço de floresta, nada menos — se ele não tivesse certeza de que o seu anúncio do dia seguinte ofuscaria tudo.

Naquela manhã Isabel tinha passado longos momentos olhando pela janela do seu quarto de hotel, num dos altos prédios do centro de Belo Horizonte. O ar estava pesado e úmido e, tendo saído do banho sem secar os cabelos, depois de mais de meia hora ela ainda os sentia molhados. O jorro do interminável banho que Robert estava tomando era a sua trilha sonora enquanto ela olhava os automóveis se engarrafarem no trânsito da cidade. Tinham trabalhado até tarde para limar os últimos detalhes da apresentação, tinham conversado sobre futebol, tinham dormido juntos, e agora ela não conseguia despregar os olhos daquela cidade.

— Essa Fundação está te subindo à cabeça mesmo, hein? — tinha perguntado ele saindo do banheiro numa nuvem de vapor.

— É o Brasil que me sobe à cabeça, é a minha gente, estas cidades, estas crianças, aquela imensa floresta que a gente continua a ignorar, o time inacreditável que nos levou à semifinal da copa do mundo…

— E eu?

— Você o quê?

— Eu não te subo um pouco à cabeça?

Isabel tinha se virado sorrindo:

— Não, você não! — tinha respondido, mostrando a língua e dando início a uma série de escaramuças que os tinham feito acabar de novo na cama.

Foi só no café da manhã que tinham recomeçado a conversar.

— Espero que essa coletiva chegue logo, porque eu sinto que não posso mais te ajudar — tinha dito seriíssimo Robert.

— O que você está dizendo? Por que você não pode mais me ajudar?

— Porque à medida que a partida se aproxima a gente vai ficando cada vez mais inimigos, eu alemão você brasileira, somos inimigos perfeitos. Eu posso tentar mais um pouco, mas já sinto que a minha resistência está para ceder.

— E o que aconteceria se a sua resistência cedesse?

— Nada de particular, você vira minha inimiga e eu começo a te odiar.

Isabel tinha esquadrinhado Robert por um momento. O sotaque alemão dele não lhe permitia captar imediatamente um eventual tom de brincadeira: ele continuava seriíssimo, mas ela, depois de alguma incerteza, tinha estabelecido que ele estava brincando.

— Eu não sabia que você se interessava tanto por futebol; até outro dia você quase não falava disso.

— Claro que eu me interesso por futebol, eu sou alemão.

— Claro que eu me interesso por futebol… — tinha ecoado ela tentando arremedar o modo de falar dele.

— Está vendo? A gente já está mais inimigo que antes! — tinha respondido ele rindo.

— Deixa eu ligar para o Antônio; para ele participar da coletiva não vai ser fácil.

— Antônio, hein?

— Eu sei que você tem um ciúme terrível dele, e você tem todas as razões: o Antônio é brasileiro e portanto muito mais bonito que vocês alemães, que são os nossos inimigos; ele viveu na floresta em simbiose com a natureza mais selvagem e essa natureza selvagem brilha nos olhos dele, tanto que, de feiote que ele era quando eu o conhecia em Macapá, ficou até bonito.

— Bonito, hein?

— Aliás, mais: lindíssimo. E é protagonista do acontecimento mais inacreditável da história do futebol; eu continuo?

— Está vendo que a gente está cada vez mais inimigo?

A Sala de Imprensa do estádio de Belo Horizonte estava abarrotada de jornalistas. A escassez de informações que saíam da concentração da Seleção os deixava ávidos por notícias, e uma coletiva de que participava Antônio — ainda que a respeito de um assunto lateral como a tutela da floresta — podia ser uma ocasião para conseguir um pouco de informação: de qualquer tipo, bastava que houvesse material para escrever alguma coisa.

Opispo, sentado no fundo da sala, estava tentando analisar a primeira imagem que tinha aparecido na tela grande. Estava dividida em duas partes: à esquerda a fotografia que retratava um grupo de

índios jogando futebol num vasto descampado de forma vagamente retangular desprovido de vegetação, completamente cercado de árvores. O murmúrio na sala de imprensa lhe deu a entender que um dos rapazes retratados, ocupado em bater uma falta, era Piata. À direita um mapa do norte do Brasil onde se via Macapá, a última parte do curso do Rio Amazonas, um grosso ponto azul que evidentemente localizava em linhas gerais a zona de floresta em que tinha sido tirada a foto da esquerda e, no alto, muito no alto, a linha vermelha tracejada que representava a fronteira com a Guiana Francesa e o Suriname.

Ele levou um tempo para entender o que tudo aquilo significava. Primeiro vieram as fotografias de Isabel, de Antônio e de um terceiro sujeito, o diretor da Rede Norte. Depois um pequeno problema técnico com os microfones prontamente resolvido por um rapaz muito solícito. Enfim uma breve intervenção de Antônio que garantia aos jornalistas presentes que os últimos cinco minutos seriam dedicados às perguntas sobre o time. Foi só enquanto Isabel pigarreava para começar a falar que Opispo, como num relâmpago, compreendeu.

Depois daquela coletiva ninguém acreditaria numa palavra da sua reportagem. Quem melhor que Antônio poderia ser uma voz autorizada para localizar a aldeia em que tinha vivido? Aliás, disse a si mesmo, com as tecnologias atuais é facílimo calcular certas coisas com precisão. Facílimo.

— Geovani?

— José! Oi, o que houve?

— Geovani, oi, sabe aquela coisa do trecho da minha reportagem?

— Claro que sei, a gente se falou meia hora atrás, o que houve?

— Pois é, Geovani. Sabe, aconteceram alguns fatos, coisa grande, muito grande, não vou te contar por telefone… Sim, enfim, eu sofri pressões de gente muito no alto…

— Pressões? Que pressões?

— Bom, Geovani, você me conhece, sabe que de certas coisas delicadas eu prefiro falar pessoalmente. De todo modo, sim, é isso, seria preferível esperar e não publicar já aquela matéria.

— Mas como! Era uma coisa explosiva, o furo do milênio!

— Sim, sim, é uma coisa explosiva, sim, mas enfim, sabe, aqui tem gente muito em evidência…

— José, você quer me dizer o que aconteceu?

— Geovani, não publica, ok?

Quando Opispo encerrou a comunicação já estava no fim das escadas de saída do estádio. Foi ao hotel reservar um voo de volta e naquele artigo não pensou mais. Esqueceu-se até de desmarcar a coletiva do dia seguinte, à qual de todo modo se apresentou apenas uma pessoa.

Às 16h20, depois de vinte minutos passados refletindo sobre a ironia da sorte que num único mês o tinha levado de procurar um jeito de impedir a convocação dos índios a ser o anjo da guarda deles (“tudo depende”, ele ouvia com frequência Antônio repetir, e tinha razão), Thiago estabeleceu que a coletiva tinha claramente caído, visto que nem o palestrante tinha aparecido, e que dava para arquivá-la como alarme falso. Enquanto se encaminhava a passo rápido para os vestiários, tirou o celular:

— Roxana? É o Thiago. Obrigado por ter me avisado daquele tipo estranho. Eu só queria te dizer que depois na coletiva não apareceu ninguém. Não, nem ele. Sei lá, vai saber. Melhor assim. Claro. Obrigado mais uma vez.

5.13 Espera

Os conselhos de Gonçalves tinham sido muito úteis, Antônio não custava a admitir: o time tinha disputado contra a Colômbia a sua melhor partida, apesar de o adversário ser o mais duro encontrado até aquele ponto. Longe de estar contente, porém, Antônio contemplava as nuvens escuras que se adensavam no horizonte.

No agitado fim da partida Piata tinha tomado o seu segundo cartão amarelo do torneio, e por isso estaria suspenso para a partida seguinte. E também Cauê estava em dúvida, por causa da pancada feia levada nas costas nos últimos minutos de jogo, que o tinha obrigado a sair de maca. Ter de renunciar àqueles que eles tinham acabado de identificar como pivôs da defesa e do ataque seria um problema em qualquer caso, e a partida que os esperava no dia seguinte não era certamente um jogo qualquer: a Alemanha até aquele momento tinha sido o time mais convincente de toda a Copa.

Mas a nuvem mais escura de todas, em comparação à qual as outras eram leves e fofas nuvenzinhas brancas, era o fato de que se tratava da semifinal. O tipo de partida que Antônio mais temia, a sua partida maldita. Amparado no bom rendimento do time, Antônio tentava manter sob a superfície a ansiedade que subia e não a transmitir aos outros, mas não era fácil. Não era nada fácil.

Sentados na salinha da TV à espera do jantar, um grupinho de rapazes se entregava a um dos seus passatempos preferidos: mudar de canal com a velocidade do relâmpago, em busca de reportagens que falassem deles ou mais em geral da Copa.

— Volta. Me pareceu ver uma coisa.

Tainí voltou ao canal anterior, que estava transmitindo imagens de arquivo em preto e branco.

— Que estranho, este canal talvez esteja quebrado, não tem as cores.

— A bola também é estranha, não é a mesma que a gente usa. Passa adiante, vai.

— Espera. Me pareceu que eles disseram Moacir.

— Que nada, que Moacir. Deve ser uma daquelas palavras que eles têm que parecem as nossas mas depois querem dizer outra coisa completamente.

Fizeram todos silêncio. Por alguns segundos os ouvidos deles registraram apenas o já familiar mas ainda incompreensível som do português; depois, porém, ouviu-se distintamente a palavra “Moacir”. Alguns instantes depois apareceu na tela a imagem de um belo homem de bigode. Quem entre os rapazes ainda tinha conservado memória das aulas de escrita de Antônio leu na tela:

— M O A C — está escrito Moacir! Mas aquele não é o Moacir!

Jerujeru correu para chamar Antônio e Moacir, e devagarinho, atraídos pela confusão, chegaram também quase todos os outros. Antônio deu uma olhada na televisão e entendeu na hora. Era uma reportagem sobre o Maracanaço, a partida final da Copa de 1950 que o Brasil inteiro já tinha dado por ganha para depois se ver diante da maior derrota da história esportiva brasileira.

— Mas é possível — disse Antônio consigo mesmo mas em voz alta — que no dia antes da semifinal esses imbecis ponham no ar uma história dessas?

— Que história é? — perguntou Moacir.

— Ah, nada — Antônio hesitou. — Na verdade é uma história estupenda, na sua tragicidade. Talvez a maior história de futebol de todos os tempos, excluída a de vocês.

— E por que você nunca contou para a gente? — pressionou-o Yamandé.

— Eu nunca contei para vocês porque os protagonistas foram muitos, e muitas foram as culpas, mas o Brasil depois escolheu descarregar todo o peso nos ombros de um homem só, o goleiro. E vocês sabem como ele se chamava? Ele também se chamava Moacir. Era ele o homem que vocês viram antes. Uma vez, anos atrás, na floresta, eu estava para contar isso para vocês e depois pensei no nosso Moacir e decidi que não.

Antônio se calou. Os rapazes o fitavam, presos às suas palavras. Por um momento ele voltou com a memória aos anos passados, quando fazia pouco que tinha começado a falar a Língua de maneira decente, à sensação de libertação que tinha sentido, ao quanto tinha sido importante para ele conseguir contar as primeiras histórias. Quase sem perceber, retomou a palavra:

— Para mim esta história quem contou foi o meu avô. Naquele dia o vovô estava no Maracanã como membro da banda encarregada de tocar o hino…

Meia hora depois Antônio, quase contra a sua vontade, tinha terminado de contar a sua história. Sacudiu-se e pensou: mas o que é que eu estou dizendo? Por que diabos eu contei essa história para eles? Nos rostos dos rapazes tinham aparecido uma série de sinais preocupantes e Antônio achou melhor tentar pôr um remendo.

— Mas não façam essas caras, vamos. Vocês são muito mais fortes que o Brasil daquela época e que a Alemanha de hoje. Vocês vão ganhar sem problemas.

Meudeus, será que eu enlouqueci? Muda de assunto, Antônio, muda de assunto.

— Vocês não têm nada com que se preocupar. A maldição da semifinal é uma coisa que diz respeito só a mim.

Nada, talvez seja melhor eu me calar, pensou ainda Antônio, levantando-se e deixando atrás de si os seus meninos estarrecidos.

Os dias depois das quartas de final com a Colômbia tinham passado lentíssimos. Antônio já estava esgotando todos os truques para se distrair, para não deixar a ansiedade subir e não fazê-la subir nos seus. O telefonema aos pais não lhe tinha sido de ajuda: confusão demais, recomendações agitadas e votos balbuciados. O telefonema a Teresa o tinha reerguido um pouco: como ela conseguia fazê-lo rir, mesmo que involuntariamente, ninguém conseguia. E a sequência de esconjuros e a lista dos amuletos que ela tinha escalado em favor deles o tinham feito sorrir ainda mais.

Também o telefonema com Isabel lhe tinha dado prazer, as notícias no front da Fundação eram muito boas, mas uma coisa que ela lhe tinha dito lhe tinha posto uma incômoda pulga atrás da orelha. Podia, Antônio, com toda a sinceridade, dizer que tinha sido correto com os seus meninos? Sim, no fim das contas sim. Tinha se comportado como um pai zeloso com filhos pequenos: tinha cuidado de interesses que eles não sabiam que tinham, e os tinha protegido de muitas ciladas sem lhes dar conhecimento da existência delas.

Mas ele não era de verdade o pai deles, e muito menos aqueles atletas de nível mundial eram crianças pequenas. São homens fortes e corajosos. Merecem saber e decidir por conta própria, pensou Antônio, não sem uma pitada de fatalismo induzido pela crescente ansiedade de semifinal.

Depois do jantar pediu permissão a Gonçalves (Antônio tinha ficado muito atento a salvar as aparências) para levá-los a dar uma caminhada por causa de um rito índio que ele tinha inventado alguns dias antes e que usava como desculpa quando queria ficar sozinho com eles.

— Vocês lembram que eu contei para vocês que o futebol não é feito só de seleções nacionais? Existem também os times das aldeias e os das tribos. Nestes podem jogar jogadores do mundo inteiro, mesmo se tiverem nascido numa aldeia diferente, mesmo do outro lado do mundo.

Um murmúrio de confirmação acolheu as palavras de Antônio.

— Os times mais fortes e mais ricos dão muito dinheiro aos jogadores mais fortes do mundo para convencê-los a fazer parte do time deles.

Antônio se calou por alguns segundos porque não sabia bem como virar a conversa, depois decidiu ser direto.

— Nos últimos dias eu fiquei sabendo que alguns dos times mais fortes do mundo queriam que vocês jogassem com eles.

Houve um breve instante de silêncio, depois Piraí perguntou:

— E quem de nós?

— Todos.

— Todos? — espantou-se Apererá. — Mas eu não joguei nem uma vez, como é que eles sabem que eu sou um bom jogador?

— Tem mais procura por quem jogou, é verdade. Mas eles acham que, se vocês estão no mesmo time que Yamandé, Cauê, Jaci, então vocês têm que ser bons também.

— E é verdade! — acrescentou rindo Brejauva.

— Pena que depois da Copa a gente tenha que voltar logo para a aldeia — disse pensativo Tainí. — Eu gostaria de visitar mais alguns lugares. E além disso jogar todos juntos num grande time seria bom, não seria?

— Vocês não jogariam todos juntos — explicou Antônio. — Cada um desses times já tem jogadores muito fortes e procura só um, dois, no máximo três jogadores para completar o time, conforme as exigências deles. Por exemplo, tem um time muito forte na Espanha que está procurando um goleiro porque o anterior parou de jogar, e eles estão muito interessados no Moacir.

— Mas a Espanha é aquele time fraquíssimo que já foi eliminado; não pode existir time forte na Espanha! — retrucou indignado Moacir.

— E no entanto parece estranho mas é assim, alguns dos times mais f…

— E eu? Quem me quer no time? — interrompeu-o Jaci.

— Em você estão interessados dois times da Inglaterra…

— Mas a gente viu jogar também aqueles que se chamam Inglaterra e eles também são fracos! Antônio, você está tirando com a nossa cara?

— Deixa eu terminar. Dois da Inglaterra, um da Itália…

— Está tirando com a nossa cara — deduziu Jaci entre as risadas de escárnio dos outros.

— Um da Alemanha e dois do Brasil.

— Ah. Bom — concluiu Jaci, subitamente altivo.

Passaram alguns segundos de silêncio e depois se ouviu Piraí pigarrear.

— Eu não quero voltar para a aldeia. Como é que eu faço para dizer a um time que quer me dar dinheiro para jogar que eu estou de acordo?

Piata foi o mais ligeiro a responder:

— Mas o que é que você está dizendo? O que quer dizer que você não quer voltar para a aldeia? Na aldeia se precisa de todos nós. A gente vai voltar para a aldeia, depois de tê-la deixado orgulhosa com a nossa façanha.

— Volta você para a aldeia. Você fica bem lá e faz bem em voltar; eu fico melhor aqui e fico aqui.

Enquanto Piata, entre o espantado e o furioso, procurava as palavras certas, foi Itaúna quem se meteu de surpresa:

— Eu também gostaria de ficar aqui por um tempo. Quem sabe sem ir longe demais, mas jogar em Macapá ou naquela cidade bonita onde a gente foi jogar, em Manaus, seria bom.

— Você? Mas se é o tempo todo que você diz que aqui é uma droga, se você nem queria vir fazer a Copa.

— Eu mudei de ideia. Mudar de ideia é esperto.

No espaço de dez minutos muitos outros exprimiram em voz cada vez mais alta a própria preferência, os ânimos se esquentaram cada vez mais, Piata e Itaúna quase foram às vias de fato e o time se dividiu nitidamente em dois.

Foram Moacir e Yamandé, entre os poucos que tinham ficado à parte, a trazer de volta, se não a serenidade, pelo menos o silêncio ao grupo. Antônio, em plena crise, tinha ido embora sem dizer nada, limitando-se a pensar, quase aliviado: pelo menos pior que isso não pode ficar.

5.14 Delírios

Ybyráatã, não! Não sobe naquela árvore, não! Não! Aquela é a árvore maldita, não! Os jacarés não comem os macacos, os jacarés não comem as crianças, não!

É amanhã, é amanhã, a gente tem que partir, correr, não importa o quanto seja perigoso, é amanhã. Digam ao senhor Inácio que me espere, que desta vez eu também vou à igreja, Inácio, Inácio, me espera, Inácio, eu tenho que atravessar a floresta para vir à missa também, mas eu consigo, vou partir cedo de manhã, vou construir uma balsa, mas Ybyráatã me promete que naquela árvore não, você não vai subir, lembra, os jacarés não comem os macacos.

Eu tenho que ensinar vocês a contar, por que eu nunca ensinei vocês a contar? Eu tenho que ensinar vocês a contar pelo menos até cem, talvez até mil. Se eu tivesse ensinado vocês a contar até mil, sabem que diferença? Sabem quantas coisas a mais a gente poderia ter feito? Mil dias, mil anos, mil quilômetros. Por que eu nunca ensinei vocês a contar?

Vamos fazer assim, amanhã a gente foge todo mundo, volta para a nossa floresta, volta para o Ybyráatã, não faz mal a semifinal, não faz mal. A gente espera o sol nascer e depois pega uma canoa, um jipe, alguma coisa e volta todo mundo junto para os nossos *shabono*, para a nossa vida, não faz mal a semifinal.

Julio, Julio!

O espírito de Velasco tem que descer sobre nós, é o único jeito. Julio, Julio, vem à igreja, se faz abençoar você também, mas não come a ostra! Não come nada, a ostra, o caranguejo, nada, não come porque estão envenenados, envenenaram eles de propósito. Julio, me ajuda você, Julio. Amanhã o meu sangue tem que sair das minhas veias e no lugar dele tem que entrar gelo, gelo e veneno. Julio, me ajuda você, o sangue tem que sair todo.

Professor, eu deixo o time com o senhor, estou indo embora para junto da minha mulher, do meu filho, eu deixo o time com o senhor. Não façam o arco esticado demais, não façam o jogo dos cipós trançados, eles estudaram a gente, eles conhecem a gente, ficaram todo esse tempo escondidos atrás das árvores e a gente não percebeu. Foi por isso que a onça parou de vir, para que outra coisa? Eles mandavam ela embora para nos observar e nos estudar. Agora eles conhecem a gente bem demais, a gente tem que fugir, abandonar a aldeia, se mudar para outro lugar.

Mas é tarde demais, a semifinal é amanhã.

Coragem, meninos, me deem coragem, eu não consigo. Estou com dor num tornozelo, estou com dor num pé, não posso correr, não posso jogar com vocês, me deem coragem. Sem mim vocês não vão conseguir, a faixa direita vai ficar completamente desguarnecida, me deem coragem, que com este pé eu não consigo. Quem vai jogar pela direita? Quem vai jogar? A culpa vai ser sempre minha, não vai?

Vocês sentem o espírito do Maracanaço pairando sobre nós? A gente não pode fazer nada, não pode fugir, o espírito é poderoso e não há nada que o detenha. Meninos, fujam, é o único jeito de vocês se salvarem, fujam, eu detenho ele, eu me ponho na frente das câmeras enquanto vocês voltam para a floresta, se dispersam, fogem.

Me ajudem.

Vocês não deviam ter mantido tão perto a grande serpente preta, vocês não podem se deixar enganar pela aparente tranquilidade dela; no momento em que ela tiver fome não vai hesitar em atacar algum de vocês, vocês têm que enxotar ela, trancar ela. Não olhem nos olhos dela, aquele amarelo das íris dela já é venenoso, como são venenosas as fauces vermelhas dela. Eu amo todos vocês, vocês não se dão conta, vocês têm que enxotar ela, não fiquem tão perto, pronto que ela se mexe, pronto que ela ataca, PRONTO QUE ELA ME ATACA!

TUM! TUM! TUM! “Almeida! Senhor Almeida!”

De início Antônio achou que fosse o seu coração a bater tão forte.

TUM! TUM! TUM! “Almeida, o senhor está aí? O time está deixando o hotel para ir ao centro de treinamento…” TUM! TUM! TUM!

Só que havia aquelas palavras.

TUM! TUM! TUM! “Senhor Almeida, eu sei que o senhor ainda está no quarto, me responda, por favor.”

Não era o seu coração, que aliás batia desenfreado. Era alguém à porta.

— Sim… — respondeu Antônio com um fio de voz. Onde é que ele estava? Que dia era?

— Ah, Almeida, graças a deus! Graças a deus! O senhor está se sentindo bem? Posso ajudar o senhor de algum modo?

— Sim, estou bem, estou bem — a voz custava a sair. Ele estava num hotel. Mas onde? Quando?

— Ah, que alívio, Almeida; o time já está no ônibus, estão partindo para o centro de treinamento, falta só o senhor: sabe, com o fato de que tem a semifinal e tudo, talvez o senhor devesse alcançá-los o quanto antes…

— A semifinal? A SEMIFINAL!

5.15 Apito

Desvencilhou-se do abraço de plumas e lantejoulas:

— Vai, seja boazinha, Almeiridia, que o seu Pepê quer ver o jogo. Não, assim não, estou com o seu cabelo na frente dos olhos, vai, se descola de mim, minha borboletinha, que este é um jogo importante; se você for uma boa menina, depois o Pepê te mostra aquelas calcinhas de renda roxa que ele te prometeu, mas agora me deixa ver, que aquele ali eu conheço, eu salvei a vida daquele ali.

A moça arregalou os olhões pintados, impressionada.

— Pois é, se não fosse por mim ele estaria morto e enterrado, isso sim. Salvei a vida dele na floresta, naquela vez em que eu tinha escapado por um triz da grande onça branca, eu te contei, não contei? Depois eu achei este aqui que tinha se perdido, estava morrendo de fome e de sede e estava sendo atacado por uma horda de tamanduás ferozes; se não fosse por mim… Mas eu te conto depois, docinho, quem sabe no seu quarto, aí a gente refaz aquela brincadeira da outra vez; agora fica quietinha e calada que está para começar.

— Fiquem calados, que está para começar!

Teresa tinha posto os brincos azuis em forma de concha, que sempre lhe tinham dado sorte, e tinha disposto em cima da televisão uma fileira inteira de estampas e estatuetas de santos e orixás. Tinha até acendido um "Defumador chama fortuna" comprado para a ocasião que, apesar de espalhar um vago cheiro de pé, lhe tinha sido recomendado como o melhor talismã do mercado. Tinha posto para gelar um engradado inteiro de cerveja, e duas garrafas novas de rum e de pinga estavam prontas na mesinha ao lado de uma cartela de cigarros e de uma bandeja de biscoitinhos. Luiza, elegantíssima em raiom de listras amarelas e verdes, estava sentada entre João e Savério, que tinham pronto, escondido numa gaveta, um sortimento inteiro de fogos de artifício comprados do chinês da esquina.

— Eu não vejo, mas o barulho que eles fazem eu gosto muito; pega também um pouco daqueles que apitam, viu — tinha dito Savério. — Mas a gente não diz nada para a Teresa, que ela tem todas as superstições dela e vai que ela ache que dá azar; a gente faz uma surpresa.

A bandeirona já estava estendida para fora da janela; Teresa já tinha roído inteira a unha fúcsia do dedo mindinho ainda antes do apito inicial.

— Mas quando é que eles apitam esse início? Meudeus, estou toda suada de emoção… talvez a gente não devesse ter vindo, Ítalo, talvez a gente devesse ter ficado em casa e visto também este jogo na TV… eu não sei se consigo olhar para eles ao vivo, eu me emociono demais…

— Ora, Marcela, como é que a gente podia não vir; já é muito que eu tenha aguentado até agora: de ver as partidas na TV eu passava mal… e além disso você vai ver como o Antônio vai ficar contente quando souber que a gente veio; dê no que der, ele vai ter os pais ao lado dele!

— Ah, mas para mim ele sabe que a gente está aqui.

— E como é que você quer que ele saiba? Você não contou para ele, contou? Tem que ser uma surpresa!

— Não, não, imagina se eu contei! Mas para mim ele sente, sente o coração de mãe pertinho, pertinho… olha ele — como é que funciona este binóculo, eu nunca consigo — pronto, pronto, olha ele,

nossasenhora, que olheiras ele tem, coitado do menino, ele deve ter ficado acordado a noite inteira… Mas quando é que eles começam, eu uma hora e meia assim não aguento!

— Acorda, vai!

— Hmmm, mh… mas como, você quer recomeçar? A gente não é mais adolescente, o que é esse fogo, Isabel pantera?

— Ahaha, mas não, Robert, tira esse braço, vai, está para começar o jogo, a gente tem que ver! E além disso pantera… eu sempre me vi mais como uma gatinha, romântica, meiga, alegre e um pouco doidinha…

— Então quer dizer que o panterão sou eu, crande panterão alemón que come numa mordida só a pequena polpuda prasileira e todos os amiguinhos dela…

— Ahahah, não, para, para! Eu quero ver!

— Não tem nada para ver, focês não podem fazer nada contra a crande Alemanha, focês fazem cócega assim, assim e assim… ahaha, total quem ganha somos nós!

— A gente ganha, não é, pai? Essa Alemanha é forte, eu tenho que dizer que dá um pouco de medo.

— Mas claro, Manuelito, ganha o Brasil, ganha o Antônio.

Carlos levantou os olhos para o céu:

— Pai…! Ainda com essa história de que para você o verdadeiro técnico deste time é o Antônio?

— Não é uma história. Eu repito que eu conheço ele bem; muitos dos esquemas que eles usam são iguais aos que a gente tinha inventado quando treinava o Macapá e pelos quais todo mundo ria da gente.

Carlos e Manuelito trocaram uma olhada e depois começaram a rir baixinho.

— Pai, vai! O trilho partido, hahaha, mas claro que riam de vocês, como é que se faz para ficar sério!

Manuelito começou a rir tanto que a Coca-Cola lhe subiu pelo nariz e ele teve de cuspir um pouco na calça.

Eduardo ajeitou melhor a netinha Evita, que tinha adormecido no colo dele, e liquidou com um gesto da mão a condescendência com que os filhos escutavam as suas histórias. Quem sabe se o Antônio tem filhos, não me parecia muito o tipo. Quem sabe se ele achou alguém que escute de bom grado as histórias dele. E quem sabe se ele conseguiu vencer o pânico das semifinais; ele está enquadrado meio de longe demais, mas eu conheço ele, conheço aquela cara: ele ainda acredita na maldição. Vai, Antônio, a família Bezeiros inteira está com você.

— E então? Começou esse jogo? Já teve os hinos? — meteu-se a mulher dele, Rosa, plantando-se diante da televisão e fazendo-a se pôr atrás dos seus quadris fartos.

— Mãe! — Rosa! — gritaram juntos os três Bezeiros machos. — Shhhh! Sai da frente e deixa a gente ouvir!

— SHHHHH! Vocês querem parar com essa bagunça? Já é muito que eu deixe vocês verem o jogo aqui no salão… Raimundo, tira os pés da mesinha, com essas botonas. E você, Ivano, se você beber essa garrafa toda antes do início, depois você não distingue nem a televisão…

— Senhor Inácio, tem o senhor Almundes no telefone, por causa da partida que…

— Mas se a partida está para começar! O que diabos ele quer?

— Não, não a partida de futebol, é por causa daquela partida de coca que tem que chegar e…

— Que nada, que nada! Diz para ele que eu estou ocupado, que ligue de novo! Essa gente, que só pensa em trabalho! Não têm patriotismo, não têm poesia! Escuta o hino, me comove ainda mais desde que eu estou longe do meu Brasil… e além disso aquele rapaz, o técnico, quem descobriu ele fui eu.

— Sério, Senhor Inácio?

— Mas claro. Eu que criei ele, é uma criatura minha, fui eu que pus a bola na mão dele quando ele ainda era um garoto. Eu vi logo que ele tinha futuro; eu não me engano nessas coisas, o Inácio com a ajuda de Nossa Senhora não se engana nunca, não é mesmo, rapazes?

— O meu chefe tinha razão, o Senhor Inácio tinha razão: ele não se engana sobre as pessoas — pavoneava-se Gustavo na absoluta indiferença dos presentes, os quarenta e dois presos que tinham permissão de assistir às partidas na sala de TV, acinzentada de linóleo e luzes de neon. — Não se engana nunca. Olha para mim. Resolvido este tropeço eu volto ao lugar que mereço, questão de três anos, não mais que isso. E olha para ele, o Antônio. O chefe sempre disse que aquele rapaz era dotado, era como um filho para ele. Eu e ele, como filhos. A gente é praticamente irmão de leite, eu e o Antônio. Praticamente eu sou irmão de leite da Seleção de futebol, veja você.

Ao lado dele Romualdo, homicida múltiplo que na cadeia estava se formando em botânica, bocejou ruidosamente:

— Fecha o bico, que está começando.

— Meninos, venham, está para começar!

Marcos, Sebastião, Rui e uns dez outros garotos estavam apinhados diante da vitrine da loja de eletrodomésticos da Rua Madeira, onde pelo menos cinco televisores ligados mostravam em todos os formatos o campo do Mineirão.

— Olha, aquele é o Moacir! — Bom, claro que é ele, está vestido de goleiro! — É ele, é ele, é também o mais alto! E aquele é o Jaci! — Ai, e não empurra! — Eu tenho que ficar na frente! Eu sou o menor, tenho que ficar na frente! E além disso o Jaci pôs o meu nome na camisa, não o de vocês. — Sei, imagina, o seu nome! Quem sabe quem é esse Marcos, quem sabe é o pai dele. — Mas o pai dele é índio! Deve se chamar Ykaiturjurxãnutky ou um daqueles nomes que eles têm; eu estou te dizendo que ele pôs Marcos na camisa por minha causa! Ele é meu amigo! — Que nada, sapinho piolhento, quem você pensa que é!

— Mas olha só esses chucrutes, que ar de convencidos; quem eles pensam que são.

— Bom, Rominho, fortes eles são, e como. Que você não vá com a cara deles não é novidade.

— Novidade seria alguém cair nas suas graças, Valério.

— Que se dane a simpatia, o problema é que o Cauê está no banco, olhem!

— Puta merda. Era só o que faltava!

— Era mesmo. E aquele Tainí no lugar do Piata, também, sei lá. Deus, como eu queria estar lá.

Fabbri estava com as pernas engessadas que eram todo um frêmito. Valério tamborilava nos joelhos, Devil fazia sem perceber os exercícios de respiração que costumava fazer antes de entrar em campo, Carlos não conseguia manter os pés parados. No quarto branco da clínica respirava-se um cheiro de adrenalina tão intenso que a enfermeira quase tinha tido uma tontura.

— Não sei vocês, gente, mas eu é como se eu estivesse lá, sinto até o cheiro da grama…

— Aquilo é o desodorante do Devil. Mas eu também me sinto como se estivesse para jogar, vibro todo.

— Vamos nos concentrar, quem sabe chega até eles a nossa energia também, enfaixada e engessada mas energia é. Vai, Brasil, vai.

Suplício estava concentradíssimo. Era a primeiríssima vez que lhe concediam entrar na sala da pousada e ele tentava ser extremamente bem-educado. Pernão mantinha uma mão na cabeça dele, por via das dúvidas, e se abanava com o quepe de capitão.

— Está calor, Gesita. Eu devia ter comprado uma televisão para o barco. Daquelas chatas, lindíssima, eu compro uma amanhã. Pelo menos vejo no fresco.

— Pois é, quem sabe no ano que vem a gente põe ar-condicionado, vamos ver. Mas eu estou suada de emoção, é isso. Pensar que eu fui a primeira a conhecer eles, e agora o mundo inteiro olha para eles. Fui eu que vesti eles, fui eu que vesti.

Enxugou os olhos:

— Vamos tomar uma cervejinha, vai, senão eu me comovo. Armandinho, o senhor quer uma também?

Armando fez que sim com a cabeça, sem despregar os olhos da tela. Ele também estava afogueado, mas não tinha nenhuma intenção de tirar a gravata que tinha posto para a ocasião, preta e com uma manchinha de gordura que remontava ao seu casamento cinco décadas antes.

O árbitro foi ao meio-campo. Emudeceu Pepê, com uma lantejoula púrpura encravada na barba áspera do queixo. Roeu a unha do anular Teresa, benzeu-se Luiza, cruzou os dedos Savério. Prendeu a respiração Ítalo, enquanto Marcela mordia o lábio abanando-se furiosamente com o falso leque japonês. Puxou o lençol até o queixo Isabel, fitando a tela por cima do ombro de Robert, que cantava o *Deutschland über alles*, e ficou imóvel Eduardo, com um fiozinho de saliva da recém-nascida escorrendo-lhe pelo pescoço. Enxugou o suor Inácio, acendendo de novo o charuto que já estava aceso; arrotou Gustavo, calaram-se as crianças enquanto Marcos enfiava o indicador no nariz. Fez-se silêncio no quarto branco apinhado, Pernão cuspiu no chão, Suplício rosnou. E o árbitro apitou o início.

5.16 Tambores

Era um crepúsculo luminoso e límpido, uma lua grandíssima tinha acabado de despontar acima dos galhos mais altos das árvores quando Kirimá começou a contar. Ele podia se enganar sobre muitas coisas, mas sabia quando a tribo precisava ouvir contarem uma história. Os rapazes, quase todos os seus jovens machos, tão longe, tão inalcançáveis, correndo sabe-se lá que perigos em lugares que ninguém na aldeia conseguia nem imaginar: não havia adulto que não estivesse ansioso pelo filho ou pelo neto, não havia moça que não pensasse num namorado ou num irmão, não havia um entre os poucos rapazes que tinham ficado que não se perguntasse a todo momento onde estariam e o que estariam fazendo os amigos com quem tinha crescido. O não saber nada, ainda mais que a falta deles, pesava nas mentes de todos. Sim, a aldeia precisava ouvir contarem uma história.

Kirimá olhou o céu e as árvores, esforçou-se para imaginar aquele lugar distante e se perguntou se a lua que se via de lá seria a mesma. Depois começou o seu relato.

— Longe, longe, onde o rio fica largo e ainda mais largo, tem uma grande aldeia no meio das palmeiras, e naquela aldeia tem uma grande clareira, mas grande de verdade; vocês lembram das clareiras nas histórias de Antônio?

Um murmúrio de assentimento percorreu a tribo; claro que eles lembravam das histórias de Antônio.

— Pois é, esta é ainda maior, grande como dez das nossas clareiras. Os nossos rapazes estão na beira daquela clareira, agora mesmo: estão pintados das cores do desafio e escutam os tambores que tocam fortíssimo para incitá-los a correr e a vencer. Chegaram tribos de todas as aldeias para vê-los jogar, de todas as aldeias do mundo, e tem vinte vezes vinte vezes vinte pessoas todas esperando que o jogo comece. Acenderam uma multidão de fogueiras, tudo em volta, e a clareira está iluminada como se fosse dia. Todos cantam e dançam, e batem pedras e paus: é uma grande noite, é o jogo mais importante de todos o que vai começar daqui a pouco, e os adversários têm pinturas vermelhas como o sangue, são muitos e muito maus.

As crianças menores se apertaram contra os pais; todos aqueles adversários pintados de vermelho e tão maus as impressionavam um pouco. Elas não acreditavam nem um pouco na descrição de Kirimá, imagina se existe uma clareira tão grande, iluminada como se fosse dia ainda por cima, imagina se tem tanta gente assim, quantas foi que ele disse, vinte vezes vinte vezes… não pode haver tanta gente no mundo. Mas é uma história bonita, pensaram e, como todos, se sentaram mais confortáveis para escutar melhor.

Kirimá descreveu cada um dos rapazes, os desenhos que cada um tinha no rosto e no corpo, enumerou os adornos e falou dos rostos concentrados deles, de grandes guerreiros. Tamborilando com dois pauzinhos num tronco oco para se dar o ritmo, descreveu o adorno de penas de Antônio, segundo em imponência apenas ao do grande xamã que daria início à disputa. Fez com que ouvissem os coaxos das rãs no rio e os gritos dos macacos nas árvores que cercavam a clareira, explicando que parecia que cantavam no ritmo dos tambores; traçou apontando o dedo para o céu as rotas de dez vezes dez grandes pássaros luminosos, aqueles de que Antônio tinha falado tantas vezes, disse que os pássaros luminosos naquela grande aldeia são numerosos como papagaios, e vão e voltam da lua, onde têm os seus ninhos resplandecentes.

Olhou em volta de si: os rostos sobre os quais se moviam as sombras do fogo estavam todos voltados para ele; olhou as crianças de boca aberta e as que chupavam um dedo, viu os olhos cintilantes do reflexo das chamas de todos os adultos, que prendiam a respiração fitando-o: nunca, nunca tinha

tido tanta atenção. Vai ser a história mais bonita de todas, decidiu, vou contar a história mais bonita que eu já contei.

— Todos cantam o canto do desafio, vinte vezes vinte vezes vinte vozes se erguem e fazem a terra vibrar, sacodem as folhas nas árvores enquanto as fagulhas de todas as fogueiras voam no céu como enxames de vaga-lumes loucos. Então o xamã dos homens amarelos lança o grito do início e joga no meio da clareira a bola. É Yamandé quem a acerta primeiro; o chute dele é fortíssimo e faz um arco perfeito como um arco-íris: os adversários entendem o quanto os nossos rapazes são potentes e ficam apavorados.

As crianças se cutucaram com os cotovelos, todas contentes.

— Mas os homens vermelhos são fortes e muito cruéis, não permitem que os nossos rapazes corram, cercam eles de todos os lados. São velozes e malvados, e traiçoeiros como aranhas; assim que ficam perto deles, atingem os rapazes com cotoveladas e chutes.

Um burburinho de indignação se ergueu dos ouvintes; uma menininha, murmurando “Maaaaiaaaa!”, escondeu o rosto entre os joelhos da mãe.

— Um homem grande e grosso, com uma pena de corvo enfiada atrás de uma orelha, atinge numa perna Jaci, que cai no chão.

A tribo rumorejou pela afronta, mas Kirimá já tinha retomado a palavra:

— Jaci é muito corajoso e se levanta logo, mas os adversários se aproveitam ao ver os nossos confusos, deslizam como serpentes venenosas e um deles, depois de ter empurrado Itaúna por trás até quase fazê-lo cair, chuta a bola e a manda acertar a árvore sagrada, alto demais para o salto desesperado de Moacir.

— Não… Nãão…

Uma voz só, o desalento de todos.

— Os nossos se olham, gostariam de reagir, mas é lançada sobre eles por um feiticeiro invisível uma potentíssima magia; as pernas deles ficam moles, parece que eles não veem mais onde põem os pés, estão incertos, abobalhados pelo encantamento. E eis que outro homem vermelho começa a correr, ultrapassa Ubirajara e Piraí, que estão com os olhos como que perdidos no vazio, chuta a bola, que com asas de magia ultrapassa Moacir e acerta de novo a árvore sagrada.

— NÃO!!!

— Jaci manca, não sabe o que fazer, os outros parece que não sabem mais para onde ir, parece que os olhos deles não veem mais a bola, Yamandé e Moacir tentam se sacudir mas não conseguem, estão todos presos do sortilégio.

O ritmo dos pauzinhos de Kirimá tinha aumentado, os olhos estavam todos arregalados, Itátakûara se remexia agitadíssimo, sentado no tronco: que estúpido que eu fui, nem um encantamento eu ensinei a eles antes que partissem, como é que se faz, como é que se faz para mandar gente numa aventura tão perigosa sem que conheçam nem uma magia, como é que se faz.

— E dois homens com colares de dentes de onça-parda cercam Ubiratan, atingem ele forte no joelho, eis que ele cai, não consegue se levantar. Levam ele para fora da clareira, ele não vai poder

mais jogar esta noite. Entra no lugar dele Jerujeru, mas o sortilégio está sobre ele também; ele tropeça em pernas que não parecem suas, deixa passar um homem vermelho pequeno muito feio e mau que num momento já está diante das árvores sagradas, olha Moacir fixo nos olhos e o manda se jogar para o lado errado enquanto ele chuta e FAZ MAIS UM PONTO!

— NÃÃÃO! NÃÃÃÃÃO!!!

O grito da tribo ribombou tão forte que os tucanos nas árvores, acordados do sono, voaram embora com um grande bater de asas. As mulheres morderam os lábios, muitas crianças choravam. A mãe de Ubiratan se apertou contra a mulher ao lado dela, assustada com a contusão mas quase aliviada de que o filho não fosse mais obrigado a jogar, a se medir contra aquelas feras desleais.

— Os nossos rapazes estão como que estupefatos, não sabem reagir, e o tempo passa: quando a estrela do olho da sucuri tiver alcançado a lua a partida vai ter acabado, não falta muito. E os homens vermelhos marcam outros pontos; para contar todos é preciso uma mão inteira e dois dedos da outra. Eles já sentem a vitória na pele, riem de nós e da nossa impotência, têm olhos redondos e violentos.

Os homens, nervosíssimos, acariciavam as facas que traziam ao lado; Itátakûara mordia os nós dos dedos, ninguém ousava soltar um suspiro. Kirimá, todo suado de tensão, acelerou ainda mais o ritmo dos pauzinhos; agora era o bater de um coração enlouquecido.

— Parece tudo acabado, os adversários gritam se lançando sobre a bola, sabem que vão poder fazer muitos pontos ainda. Quando eis que de repente…

Quando eis que de repente Yamandé se põe sobre a bola e grita:

— YANIAHÍÍ TELÉÉÉH HOICÍIIII!!!

É um grito possante, consegue furar até o burburinho dos 80 mil espectadores do Mineirão, que emudecem para ouvi-lo melhor. E de novo Yamandé, olhando os companheiros, para ter certeza de ter sido entendido:

— Yaniahíí teléééh hoicíiiii!

No vestiário, pouco antes, tinha havido silêncio. Os rapazes se calavam. O Professor não estava com vontade de falar, não aguentava mais toda aquela pantomima e nem lhe importava mais salvar as aparências. Tinha se surpreendido pensando que mal podia esperar que aquilo acabasse, desse no que desse. Mas Antônio parecia — estava — paralisado pelo pânico. Continuava a murmurar: a semifinal, de todas as coisas que eu podia ter transmitido a eles, eu transmiti o meu medo das semifinais. E então o Professor falou, nem que fosse só para calá-lo.

— A situação é dura. Mas a gente está perdendo de três a zero, não de sete ou de dez. Três gols são recuperáveis. Eu sei que o Antônio contou para vocês muitas histórias de futebol; não sei se contou as das viradas de zero a três. Poucas, mas houve. Houve até uma semifinal de Copa do Mundo em que justamente a Alemanha perdeu de quatro a três. Fazer quatro gols espalhados aqui e ali ou fazer todos seguidos não faz tanta diferença assim. Agora vocês estão com medo. Mas quando vocês fizerem o primeiro gol e depois o segundo… e prestem bem atenção, não “se”: quando. Quando vocês fizerem o primeiro e o segundo gol, vocês ainda vão estar perdendo, mas o medo vai ter passado para os olhos deles, não vai mais estar nos de vocês. Como fazer? Isso vocês têm que saber. Quanto mais a gente avançou na Copa, mais vocês passaram a jogar como os outros. Também por culpa minha. Mas vocês não são os outros. Vocês são vocês. Parem de macaquear os outros e joguem como

vocês sabem. E voltem a ser um time, pelo amor de deus! Até outro dia vocês eram o time mais unido que eu já tinha visto; hoje parece que vocês não conseguem nem se olhar nos olhos. Se recomponham, deussantíssimo. E parem de encher o saco do banco! Vocês entenderam?

Por um instante tinha havido silêncio absoluto. Muitos olhares tinham se deslocado de um rosto a outro. Depois Gonçalves tinha dobrado ainda mais para baixo os cantos da boca, tinha se virado para Antônio balançando a cabeça e tinha dito, um pouco para ele mas sobretudo para si mesmo:

— Mas não. Claro que eles não entenderam. Que situação de merda.

Enquanto Gonçalves se sentava, Thiago o tinha animado:

— Belo discurso, Professor.

— Vai se foder! — tinha lhe respondido o outro.

Antônio tinha lhe dado uma olhada, tinha assentido e depois tinha falado por sua vez.

— O que você disse para eles? — tinha lhe perguntado o Professor.

— Traduzi o que o senhor disse para eles.

— Não, sério.

— Sério. Era um belo discurso.

O Professor tinha olhado para Antônio com ar interrogativo, tinha balançado a cabeça e tinha olhado para Cauê:

— Garoto! Você se sente em condições de entrar?

Depois tinha saído do vestiário e se dirigido ao banco, seguido por Antônio.

Enquanto Cauê se preparava, os jogadores tinham ficado no vestiário confabulando por alguns segundos e depois tinham voltado a entrar em campo.

— YANIAHÍÍ TELÉÉÉH HOICÍIIII!!!

— O que ele disse? — pergunta o Professor, curioso.

— A gente faz a jogada da anta.

— E o que é isso?

— Nunca ouvi antes — responde Antônio sorrindo.

O segundo tempo começou faz pouquíssimo e a Alemanha acabou de cometer uma falta no ataque. Antes que Yamandé bata, nove jogadores do Brasil se deslocam para a frente em uníssono e se dispõem ao longo da linha do meio-campo. Um esquema novo!, murmuram os espectadores excitados. Finalmente! Eu sabia que eles não podiam entregar os pontos assim! Dizem isso até os mais céticos, aqueles que até um minuto antes estavam pensando em ir embora, aqueles que começavam a ter saudade do Brasil tradicional. Os alemães esperavam alguma coisa, mas isto os desnorteia. Dei-

xar a defesa tão desguarnecida é uma loucura, talvez seja alguma tática, mas parece mais que outra coisa a jogada do desespero. Na dúvida, os jogadores vermelhos e pretos não sabem bem o que fazer, limitam-se a marcar de perto cada adversário à espera dos desdobramentos da situação.

— O senhor sabe como se caça uma anta? — pergunta Antônio ao Professor.

— Você está tirando com a minha cara?

Yamandé chuta. É um chute longo e tenso na direção de Jaci. Enquanto Jaci salta como que para cabecear, erra a bola voluntariamente e ela chega ao pé de Cauê, bem em cima da linha do meio-campo.

— Tem um cipó dentro do qual, em vez de haver água, há uma substância viscosa e fedorenta; o cheiro lembra o do coco, mas mais rançoso.

Cauê acerta a bola no ar antecipando por um instante Alherman, de quem recebe uma pancada dura. Fica no chão, mas a bola está direcionada corretamente para Ubiratan, o qual de primeira a vira para Jerujeru, que já está arrancando na direção do gol.

— É preciso pegar essa substância e passar bem no traseiro e na frente, na pelve; não se pode descuidar de nenhum buraco ou fresta.

Mas o passe sai um tiquinho curto demais, Kuntz intuiu tudo e o intercepta. A bola está com a Alemanha e o Brasil está descoberto que mais descoberto não dá.

— Porque o problema com a anta é que ela não é difícil de caçar, mas é cheia de carrapatos, que se chamam justamente carrapatos-da-anta.

A ocasião para o contra-ataque é gordíssima, e quem é que não a aproveitaria? A bola voa de um pé a outro dos jogadores de camisa vermelha, que avançam rápidos na direção do gol do Brasil. São quatro contra Yamandé: o Brasil inteiro corre velocíssimo para trás em auxílio dele, a vantagem dos alemães é pouca mas pode bastar.

— E esses carrapatos, que são terríveis, se adaptaram a subir pelas patas ou pelas pernas e a se insinuar na pelve, e isso porque a anta se coça contra as cascas das árvores mas obviamente não se coça bem naquele ponto ali.

Yamandé segura bem a posição, temporiza o tanto que basta para tornar temível a recuperação de Itaúna e pôr pressão nos adversários: Bauer escolhe queimar etapas e solta uma bomba de canhota poucos passos fora da área. É um instante e depois Moacir mergulha. A direção é a certa e a agilidade é aquela que todos aprenderam a admirar nestas semanas. Talvez ele chegue.

É uma questão de perspectiva, pensa Antônio fotografando aquele instante. Tudo depende. Depois, a certa altura, a bola acaba fora, ou na trave, ou na rede, ou nos dedos do goleiro, e não depende mais.

Moacir arpoa a bola com a mão direita. Cai. O tempo de se levantar e, sem nem olhar, relança a bola pondo-a direto nos pés de Yamandé.

— É este o ponto da anta: você olha para ela, parece um animal indefeso, vencido de saída. Você pensaria que derrotá-la é brincadeira de criança, mas se você não prestar atenção até nos mínimos detalhes vai ser ela a derrotar você.

Yamandé lança longo. Naquele ponto está só Cauê, que até um segundo antes ainda estava no chão, mas agora se levanta com a agilidade de uma onça e engata a bola com um domínio perfeito. Era uma finta? Ressuscitou motivado pela ocasião de ouro? Não se sabe, e naquele momento não importa a ninguém. Cauê corre fulminante na direção do gol alemão, está completamente sozinho, diante dele só o goleiro. O Mineirão ferve de renovada esperança como se houvesse quinhentos mil espectadores; já estão gritando tanto que dá vontade de perguntar o que vai acontecer se ele marcar.

Descobre-se alguns segundos depois: Krugenstein sai desesperado, mas Cauê com uma finta o senta e manda para o fundo do gol vazio.

Antônio está feliz, a partida está reaberta, a maldição da semifinal está quebrada, mas sobretudo o seu destino de técnico chegou ao cumprimento: a jogada da anta funcionou e ele virou inútil, como sempre tinha pregado.

Kirimá enxuga a testa. O ponto está marcado e outros virão: a aldeia inteira agora ri, chora e canta. Uma história bonita acaba bem, ele sabe.

Sabe disso também Antônio, enquanto ri ao apito final no estrondo do estádio que exulta.

Como este livro foi traduzido

La mossa del tapiro saiu em 2014, em italiano, em edição independente. Não imaginávamos que pudesse virar um fenômeno editorial, mas sempre acreditamos na beleza do texto e sempre esperamos poder contar esta fábula ao maior número possível de pessoas. Não ganhamos nada com ele; aliás, saímos no prejuízo. Mas é um livro que amamos, e ele nos deu uma satisfação que nenhum número vai conseguir medir.

As traduções foram feitas com inteligências artificiais, sempre confrontadas com o original italiano: um primeiro rascunho com o Claude (Anthropic), uma revisão crítica com o Kimi (Moonshot AI) e uma revisão final de novo com o Claude. Nenhum tradutor nativo as revisou. Se você encontrar um erro, escreva para nós, embora não vejamos por que você faria isso.

Sabemos que as IAs dividem opiniões, e não fingimos não saber disso. Somos contra usá-las para produzir conteúdo em série, sem cuidado, e quase contra usá-las e ponto. Somos sobretudo contra o movimento que as impulsiona, Anthropic incluída: um corporativismo que tem muito de fascismo, com um impacto no planeta que pode ser fatal para todos nós.

Mas usamos a ferramenta, e é justo dizer isso.

Somos incoerentes? Antônio provavelmente acharia que sim. Gonçalves diria para a gente não encanar tanto. Ubiratan diria para a gente gastar ainda mais água, quem sabe assim aquela maldita cachoeira ficaria mais fácil de atravessar. Pernão ia reclamar que a versão digital é de graça. Teresa…

Contatti

Se volete saperne di più su alcuni fatti e costumi citati qua e là nel racconto, visitate http://lamossa-deltapiro.wordpress.com/

Ci trovate anche su:

Facebook : www.facebook.com/lamossadeltapiro

Twitter : twitter.com/MossaDelTapiro

Per scrivere agli autori: lamossadeltapiro@gmail.com

Degli stessi autori

Ingegneri, però simpatici, Leonardo Poggi, Sonda Editore

Da bambino ero sovietico, Leonardo Poggi

Doppler, Miki Fossati, Blonk Editore

Finalmente è troppo tardi, Miki Fossati, Zona42